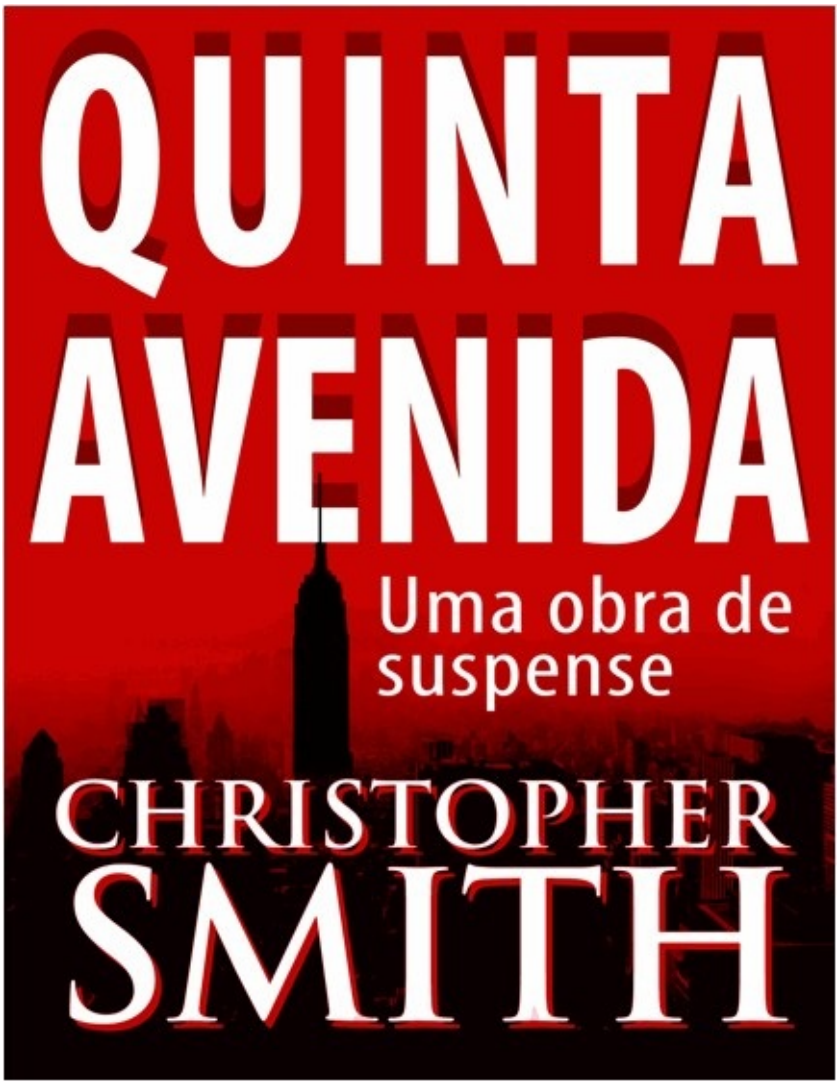
QUINTA AVENIDA

Uma obra de suspense



CHRISTOPHER SMITH


QUINTA AVENIDA
Uma obra de suspense
CHRISTOPHER SMITH

ÍNDICE

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
EPÍLOGO

Livros de Christopher Smith
no Kindle

Quinta Avenida (Livro Um da Série Quinta Avenida)
Running of the Bulls (Livro Dois da Série Quinta Avenida, em tradução)
From Manhattan with Love (Novela Três da Série Quinta Avenida, em tradução)
A Rush to Violence (Livro Quatro da Série Quinta Avenida)
From Manhattan with Love and Revenge (Livro Cinco da Série Quinta Avenida)
Coleção da Série Quinta Avenida
Coleção da Série The Bullied

QUINTA AVENIDA

QUINTA AVENIDA

Uma obra de suspense

Christopher Smith

Para meu pai, Ross Smith, por sempre incentivar e nunca desistir.

Para minha mãe, Ann Smith, por seu apoio entusiasmado.

E para Constance Hunting, que editou este livro durante muitos anos, mas não viveu para ver sua publicação. Este é o nosso livro. Agradeço a você e sinto saudades.

Direitos Autorais e Aviso Legal:

Esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis, e todos os direitos são reservados, incluindo os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviço, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de um desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do e-book © 2010

Para todas as permissões, entre em contato com o autor em **ChristopherSmithBooks@gmail.com**

Isenção de Responsabilidade:

Este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência.

Copyright © 2010 Christopher Smith. Todos os direitos reservados no mundo todo.

http://www.christophersmithbooks.com

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Por sua ajuda com este livro, o autor é particularmente grato a Erich Kaiser; a Roslyn Targ; a Ted Adams; a Deborah Rogers, Paul Ersing e Faith Benedetti; àqueles homens e mulheres que apresentaram o autor à Quinta Avenida enquanto ele pesquisava este livro; aos amigos, velhos e novos, que ajudaram a moldar este livro ou que ofereceram apoio enquanto ele era escrito.

LIVRO 1
SEMANA 1

CAPÍTULO 1

Julho
Cidade de Nova Iorque

As bombas, colocadas bem acima da Quinta Avenida, no telhado do prédio da Redman International, explodiriam em cinco minutos.

Agora, com as paredes espelhadas de vidro, refletindo o tráfego intenso do fim da manhã na Quinta Avenida, o prédio em si parecia vivo com a movimentação.

Em um andaime no meio do prédio, homens e mulheres estavam pendurando a enorme fita de veludo vermelho que logo cobriria dezesseis dos setenta e nove andares do Redman International. Bem acima, no teto, uma equipe de iluminação colocava dez holofotes em posição. E, na parte de dentro, cinquenta decoradores habilidosos transformavam o saguão em um salão festivo.

Celina Redman, responsável pela organização do evento, estava parada em frente ao prédio com os braços cruzados. Muitas pessoas passavam por ela na calçada, algumas olhando para cima, para a fita vermelha, outras parando para olhar com surpresa para ela. Ela tentou ignorá-las, tentou concentrar-se em seu trabalho e misturar-se com a multidão, mas era difícil. Naquela manhã, seu rosto e esse prédio apareceram na primeira página de todos os principais jornais de Nova Iorque.

Ela admirou o prédio à sua frente.

Localizado na esquina das ruas Cinquenta e Quarenta e Nove, o prédio Redman International era o produto de trinta e um anos da vida de seu pai. Fundado quando George Redman tinha vinte e seis anos, o Redman International estava entre os principais conglomerados do mundo. Ele incluía uma empresa aérea comercial, complexos de escritórios e condomínios, fábricas têxteis e de aço e, em breve, a WestTex Incorporated, uma das maiores empresas transportadoras do país. Com esse prédio na Quinta Avenida, tudo o que havia

no caminho de George Redman era o futuro. E, pelas aparências, ele era tão brilhante quanto os diamantes que Celina escolhera para usar naquela noite.

— Os holofotes estão prontos, Srta. Redman.

Celina virou-se e encarou Hal Roberts, membro da equipe de iluminação. Mais tarde, naquela noite, os holofotes iluminariam a fita vermelha. — Vamos testá-los.

O homem pegou o celular preso no cinto. Enquanto ele dava o sinal verde para os homens no telhado, Celina olhou para a lista na prancheta e ficou imaginando como conseguiria terminar tudo a tempo para a festa.

Mas ela conseguiria. Durante toda sua vida, fora treinada pelo pai para trabalhar sob pressão. Hoje era só mais um desafio.

Hal acenou para ela com a cabeça. — A qualquer momento agora — disse ele.

Celina colocou a prancheta sob o braço e olhou para o telhado. Ela estava pensando que, a essa distância, nunca veria se tinham funcionado quando três dos dez holofotes explodiram em chamas.

Por um momento, ela não pôde se mover.

Milhares de fragmentos de vidro voaram em sua direção, brilhando ao sol.

Ela podia ver uma grande nuvem de fumaça preta subindo acima do prédio.

E fogo, rugindo, torcendo-se em direção ao céu.

E um dos holofotes virou no ar, voando em direção a ela e ao chão.

Uma mão puxou-a para a segurança no momento em que o holofote passou por ela e bateu contra a calçada, onde rachou o cimento e explodiu em uma chuva de fagulhas vermelhas. Por um momento, tudo ficou em silêncio e, logo em seguida, o vidro despedaçou-se em uma cascata ensurdecedora de som.

Ela estava pressionada contra o prédio, congelada de medo ao observar o tráfego na Quinta Avenida desviar-se para a direita, afastando-se do holofote caído, e parar com um guinchar. Não havia nada além do som do metal contra o metal, das buzinas dos carros e dos gritos aterrorizados dos pedestres, alguns dos quais tinham sofrido cortes por causa do vidro que caíra.

Hal estava na rua, olhando para o telhado, gritando alguma coisa no celular. O rosto estava vermelho. Os tendões sobressaíam-se no pescoço. Havia tanto barulho que Celina não conseguia ouvir o que ele dizia. Ela deu um passo hesitante à frente, em direção ao holofote despedaçado, e soube exatamente o que ele estava dizendo: os homens no telhado estavam feridos.

Ela correu para o saguão, passou pela cachoeira e entrou no elevador privativo de seu pai.

O prédio era alto demais. O elevador era muito lento. Não importava a velocidade com que ela subisse, não era rápido o suficiente.

Finalmente, as portas se abriram e ela saiu para o telhado.

As pessoas estavam correndo, gritando e empurrando. Algumas estavam imóveis de medo e descrença. Aqueles que estavam próximos dos holofotes quando eles explodiram estavam em silêncio por causa do choque ou gritando de dor por causa das queimaduras que assolavam seus corpos.

Ela moveu-se à frente e quase foi atropelada por alguém que corria procurando ajuda. Observou o homem passar, os lábios abrindo-se quando se deu conta de que o cabelo dele havia sido queimado.

Ela forçou-se a manter o foco, pois havia herdado a força do pai e foi para ela que apelou agora.

Através da fumaça que passava como mantos negros, ela podia ver os danos. Na beira do telhado, dois dos nove holofotes remanescentes estavam envoltos em chamas, os fios retorcidos no chão. Mark Rand, o homem responsável pela iluminação, estava parado perto dos holofotes gritando ordens e tentando recuperar o controle. Celina foi até ele. Apesar de não saber o que poderia fazer ou como poderia ajudar, ela não se perdoaria se não fizesse nada.

Rand apontou para um dos holofotes em chamas quando ela se aproximou. — Há um homem preso sob aquele holofote. Quando eles explodiram, ele caiu para trás e bateu a cabeça no concreto. Eu o chamei, mas ele não responde nem se move. Ele está inconsciente.

— Por que ninguém o está ajudando?

Mark apontou para a massa emaranhada de fios contorcidos. — Ninguém chega perto deles — disse ele. — É perigoso demais.

— Então desligue a energia.

— Não podemos — disse ele e apontou em direção ao gerador no lado oposto do telhado. Apesar de ainda estar funcionando, ele estava envolto em chamas. — Ele pode explodir a qualquer momento.

A mente de Celina disparou. Através da fumaça, ela conseguia ver o jovem deitado de bruços, os braços estirados, os fios rastejando a centímetros de seu corpo. Ela olhou em torno do telhado, procurando algo que pudesse ajudá-lo. Qualquer coisa.

E então ela o viu.

Ela conduziu Mark até o guindaste atrás deles.

— Esse é o guindaste que levantou os holofotes até aqui?

— Isso mesmo.

— Então use-o para livrar-se deles.

Mark olhou para os holofotes. Eles eram revestidos com uma camada grossa de borracha para proteger contra batidas. Ela não conduziria eletricidade.

Ele entrou no guindaste.

Celina recuou e observou enquanto ele movia o enorme gancho de aço. O gancho balançou rapidamente através do ar cheio de fumaça, refletiu um breve raio de sol e pairou sobre um dos holofotes em chamas no que pareciam ter sido segundos. Foram necessárias várias tentativas antes que ele prendesse a ponta do revestimento do holofote. Mas, quando ele finalmente levantou o holofote no ar, um dos fios sibilando sob ele encostou no antebraço do homem caído, causando convulsões.

As mãos de Celina voaram para a boca. Ela observou a cabeça do homem arquear-se para trás em uma posição impossível. Reagindo instintivamente, ela correu à frente e ajoelhou-se ao lado dele, justamente no momento em que Mark Rand balançou o holofote sobre ela.

Com um safanão, ele puxou os controles para trás com força, levantando o holofote para longe de Celina com movimento brusco, fazendo com que ele saltasse e balançasse no gancho. Por um momento terrível, ele teve certeza de que o holofote se soltaria do gancho e cairia sobre ela. O holofote oscilou no ar, a poucos metros acima dela, cuspindo fumaça preta enquanto balançava no cabo de metal. Os fios arrebentaram embaixo dele e quase tocaram nas costas dela. Mas Mark conseguiu controlá-lo e movê-lo para longe dela até que os fios se soltaram e ele apagou.

Um membro da equipe de iluminação foi até Celina. Juntos, eles puxaram o jovem para a segurança. Celina ajoelhou-se sobre ele. O corpo do homem estava coberto de suor, a pele com cor de giz. Ela segurou-o pelos ombros e o sacudiu gentilmente. Ela notou o nome dele costurado no bolso da camisa jeans de trabalho e gritou-o uma, duas vezes, mas não houve resposta.

Ela pensou rapidamente. Fora treinada em ressuscitação cardiopulmonar, mas isso fora na escola, e agora lutava para tentar lembrar-se de como fazê-lo. Ela inclinou a cabeça dele para trás para liberar as vias respiratórias e rasgou a camisa, expondo o peito. Observou para ver se o peito se movia, mas não havia movimento algum. Encostou o ouvido no rosto dele para ver se ele respirava, mas não sentiu nada. Colocou a mão no pescoço dele para ver se havia alguma pulsação, mas não encontrou nada. Pressionou o ouvido contra o peito dele. Nada.

Por um momento, ela achou que seu coração havia parado.

Ele estava morto.

Imediatamente, ela cobriu a boca dele com a sua, tampou o nariz e forçou duas respirações rápidas nos pulmões. Ela verificou novamente o pulso, não o encontrou, e comprimiu o peito dele várias vezes, torcendo para se lembrar exatamente quantas vezes devia fazê-lo. Ela parou depois da décima segunda e repetiu o procedimento. E depois novamente.

Mas o homem não respondeu.

Lutando para manter-se calma, Celina olhou para cima procurando ajuda quando o Corpo de Bombeiros da Cidade de Nova Iorque entrou no telhado, mangueiras e machados nas mãos. Ela virou-se para a direita e viu Mark saindo do guindaste. O último holofote fora removido e ele vinha em direção a ela. — Ficou maluca? — gritou ele. — Você podia ter morrido... — As palavras morreram na boca dele quando viu o homem deitado ao lado dela.

— Consiga ajuda — disse ela. — *Rápido!*

Ela inclinou-se novamente sobre o homem, pressionando o seu peito, novamente forçando ar para dentro dos pulmões dele.

Mas não houve resposta.

Com o pânico aumentando, o cabelo loiro na altura dos ombros sobre o rosto, ela repetiu o procedimento, sabendo que o tempo daquele homem estava acabando.

Mas seus esforços pareciam em vão. Por mais que tentasse revivê-lo, o homem continuava lá, imóvel.

E então ela agiu de forma desesperada.

Levantando os punhos sobre a cabeça, ela bateu contra o peito do homem, fazendo com que ele arqueasse o corpo levemente para cima. Ele expeliu um jato de ar. — Respire! — gritou ela.

Para a surpresa dela, ele respirou. Os olhos pestanejaram. A cor voltou às bochechas e ele tossiu e vomitou. Celina sentiu uma onda de alegria e virou-o de lado para que não sufocasse. Lágrimas escorriam pelo rosto dele enquanto ele respirava com dificuldade e arquejava. Celina segurou-o de lado. — Está tudo bem — disse ela. — Só respire. Você está em segurança agora. Está tudo bem.

Quando a paramédica chegou até eles, ela ajoelhou-se ao lado de Celina, limpou o vômito do rosto do homem e cobriu o nariz e a boca dele com uma máscara de oxigênio. Outra mulher apareceu e cobriu-o com um cobertor. Celina levantou-se e observou ao lado de Mark enquanto uma onda de alívio invadia o homem. Ele respirou fundo o ar limpo.

Para ele, o pesadelo terminara.

— Onde você aprendeu aquilo? — Mark perguntou.

O rosto de Celina estava pálido. — Minha companheira de quarto na faculdade tinha uma irmã que estudava enfermagem. Ela costumava nos ensinar coisas que nunca achei que usaria. Uma delas foi a ressuscitação cardiopulmonar.

— Não é tão inútil — disse ele.

Juntos, eles olharam para os holofotes que Mark removera. Apesar de não estarem mais queimando, o ar em torno deles estava denso com a fumaça.

— Por que eles explodiram? — perguntou ela.

Antes que Mark pudesse responder, um bombeiro aproximou-se e respondeu à pergunta dela. — Vou mostrar a vocês.

Ela trocou um olhar com Mark e caminhou até uma das luzes que queimara. Lá, eles observaram o homem puxar dois fios enegrecidos partidos do soquete agora vazio. — Estão vendo esses fios?

Eles assentiram.

— Eles não deveriam estar aqui. — Ele ajoelhou-se e pediu a Celina e Mark que fizessem o mesmo. Na parte de trás do holofote, ele apontou para um pequeno buraco onde o metal estava contorcido e rasgado. — Esse buraco também não deveria estar aí.

Celina preparou-se para o que viria a seguir e o tumulto que isso causaria.

— Só entre nós? — disse ele.

— Sim.

— Não está confirmado, mas é óbvio. Os holofotes foram adulterados e tinham explosivos plásticos. Quando a energia foi ligada, a eletricidade passou por esses dois fios e disparou as bombas.

— Quem plantaria três bombas aqui? — perguntou ela.

— É isso que você e a polícia terão que descobrir.

CAPÍTULO 2

George Redman saiu da limusine e caminhou para a frente do prédio Redman International quando os repórteres o cercaram.

Ele abriu caminho pela multidão e tentou ignorar as câmeras e microfones que estavam sendo empurrados contra seu rosto. Seu mundo estava nas duas portas de vidro à frente. Ele não diria nada até que falasse com Celina, mas isso não detinha a imprensa nem a cacofonia de vozes.

— Pode nos dar uma declaração?

— Você acha que isso tem a ver com seus planos de assumir a WestTex? Com a queda recente das ações da Redman International?

— Quem foi responsável por isso, Sr. Redman?

George olhou para o repórter que fizera aquela pergunta e continuou caminhando, pensando que aquela fora a melhor pergunta até o momento. *Quem foi responsável por isso?*

Celina o esperava além das portas e, quando George a abraçou, ele pensou que a sensação de segurá-la nunca fora tão boa.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou bem. — Conhecendo o pai tão bem como ela o conhecia, Celina disse: — De verdade. Estou bem.

— O que aconteceu?

Celina explicou tudo. Quando contou a ele sobre o homem preso atrás do holofote, ela ergueu as mãos em um pedido de desculpas. — Eu tentei esconder da imprensa o que aconteceu com ele, mas foi impossível. Os repórteres ouviram a história antes que eu pudesse fazer alguma coisa.

— Não se preocupe com isso — disse George. — Não foi sua culpa. No mínimo, deviam estar lhe dando os parabéns por ter salvado a vida daquele homem. Alguém mais se feriu?

Ela contou a ele sobre os homens que haviam sofrido queimaduras.

— Então, enfrentaremos processos.

— Não necessariamente — disse Celina. — Pedi a Kate e Jim, de RP, que conversassem com as famílias daqueles que foram feridos. Se tudo der certo, cada uma das esposas estará dirigindo um Lexus antes do fim da semana, os filhos estarão com a universidade paga, o dinheiro estará nas contas bancárias

deles, e teremos documentos assinados indicando que cada uma das famílias desistiu de todos os direitos de nos processar.

Alguma coisa captou seu olhar e ela se virou. George seguiu o olhar dela. Do outro lado do saguão, três homens com roupas amarelas entraram em um dos elevadores com dois cachorros grandes. — Esquadrão antibombas — disse Celina. — Eles chegaram logo depois da polícia e dos bombeiros.

— Por quanto tempo ficarão aqui?

Ela olhou para o relógio. — Há uma equipe inteira aqui — disse ela. — Eles já cobriram os primeiros dezoito andares. Com a ajuda daqueles cachorros, não me surpreenderia se saíssem daqui a algumas horas, dando-nos tempo para fazer uma declaração final à imprensa e preparações de última hora para a festa.

— Se alguém aparecer — disse George.

— Eles virão — disse ela. — Nem que seja porque pagaram dez mil por casal, eles virão. Além disso, quando foi que alguma das festas de Mamãe fracassou?

George ergueu a sobrancelha. Ela tinha razão.

Eles foram até o bar.

— Então, quem fez isso? — Celina perguntou.

— Não faço ideia. Estive revirando o cérebro desde que recebi seu telefonema.

— Eu telefonei para a empresa que forneceu os holofotes e me disseram que cada uma das luzes foi inspecionada antes da entrega. Se isso for verdade, e não estou dizendo que é, então isso só pode significar que alguém aqui plantou as bombas.

— A polícia interrogou a equipe de iluminação?

— Eles estão sendo interrogados agora, mas o que não consigo entender é por que uma bomba mais poderosa não foi usada. As três que explodiram eram explosivos de baixo impacto. Elas foram projetadas para causar danos pequenos.

— Estive pensando a mesma coisa.

— Então, o que foi isso?

George deu de ombros. — Quem sabe? Talvez alguém deteste o design de nosso prédio.

De alguma forma, o pai dela sempre dava um jeito de manter o senso de humor, mesmo em situações tão difíceis como essa. — E o que diz o RRK?

— Se eles estavam nervosos sobre nos apoiarem antes, agora devem estar aterrorizados.

Roberts, Richards e Kravis, mais conhecido como RRK, era o grupo de investimentos que George contratava para ajudar a financiar a aquisição da WestTex Incorporated. Apesar de ter a administração, sem os cofres com 3,75

bilhões de dólares do RRK, suas habilidades e os bancos que o grupo tinha na mão, ele não conseguiria fechar o negócio por conta própria.

— Não ouvi uma palavra — disse ele. — Mas tenho certeza de que ouvirei essa noite. Essa provavelmente é a desculpa que Frank Richards estava esperando. Ele nunca foi a favor dessa aquisição. Se ele achar que alguém plantou aquelas bombas para fazer uma manifestação sobre a queda em nossas ações, ou para protestar contra nosso interesse na WestTex, ele não pensará duas vezes antes de cair fora, não importa o trato que tenhamos com ele.

Celina sabia que isso era verdade. Apesar de outros bancos de grupos de investimentos estarem dispostos a assumir o risco que o pai dela estava oferecendo, poucos eram tão experientes quanto o RRK quando se tratava de participações acionárias alavancadas.

— Viu sua irmã hoje? — perguntou ele. — Sua mãe a estava procurando para ajudá-la a preparar-se para a festa.

— E Mamãe achou que ela apareceria? — Celina inclinou a cabeça. — Leana provavelmente nem sabe o que aconteceu aqui hoje.

— Preciso ligar para sua mãe — disse ele. — Ela me fez prometer que telefonaria assim que soubesse de alguma coisa. Se vir Leana, avise que sua mãe precisa dela.

Apesar de saber que só veria Leana mais tarde naquela noite, Celina concordou e seguiu o pai até a porta.

A imprensa estava aguardando, câmeras e microfones erguidos. — Você pode usar uma das entradas laterais — disse ela.

— E perder a simpatia deles no momento em que mais preciso dela? Esqueça.

E ele se foi, atravessou a porta, foi cercado por repórteres e finalmente respondeu a todas as perguntas que podia. Celina o observou por um momento, ouviu a gritaria alucinada da multidão, mas afastou-se e retomou seu trabalho. Havia ainda muito a fazer antes da festa.

* * *

O sol estava começando a se por atrás do horizonte recortado de Manhattan quando Leana Redman deixou a Washington Square.

Ela estivera no parque desde a manhã, lendo a última edição da *Vogue*, conversando com as pessoas que conhecia, observando as que não conhecia.

Agora, ao passar pela grande fonte vazia e se aproximar do arco branco, ela

observou as crianças brincando com os pais, hesitou quando viu um pai girar a filha pequena no ar, e continuou caminhando, sem notar o homem que tirava fotos suas.

O anoitecer começara a cair, mas o ar estava agradável e ela estava feliz por estar vestindo apenas uma bermuda e uma camiseta. Aos vinte e cinco anos, Leana Redman tinha cabelos pretos, longos e fartos, que, para seu desalento, ela herdada do pai. Apesar de não ser considerada tão bela quanto a irmã mais velha, havia algo nela que sempre fazia com que as pessoas olhassem duas vezes.

Ela saiu do parque e subiu a Quinta Avenida. As pessoas apinhavam as calçadas. Um grupo de cinco adolescentes passou por ela rapidamente em skates, gritando ao passarem pela multidão em um borrão colorido, vermelho e branco, com manchas verdes brilhantes.

Leana ergueu o rosto contra a brisa morna e tentou concentrar-se no problema à frente, a festa de hoje à noite. Ela planejara não ir até que sua mãe, sentindo que isso ia acontecer, exigisse sua presença. — Seu pai precisará de seu apoio.

A ironia quase fez com que Leana risse. *Ele nunca precisou antes*.

Há quatro horas, ela deveria ter encontrado Elizabeth na propriedade em Connecticut para ajudá-la com as preparações de última hora para a festa. Por que a mãe queria sua ajuda era algo que não entendia, especialmente porque ambas sabiam que Celina cuidaria de tudo. *Como ela sempre faz*.

Ela parou em uma banca de jornais movimentada. Um homem moveu-se a seu lado. Leana olhou para ele de relance. Alto e com cabelos escuros, o rosto magro e angular. Ele usava uma jaqueta preta de couro, quente demais para a estação, que deixava exposto o peito largo e a câmera digital sofisticada pendurada em volta do pescoço.

Leana achou que já o tinha visto antes.

Era a vez dela. Ignorando os muitos jornais e revistas que estampavam na capa fotografias do pai dela, de Celina e do novo prédio, ela pediu a última edição da *Interview*, pagou e colocou a revista dentro da bolsa Prada enorme e colorida que levava pendurada no ombro.

Ela olhou novamente para o homem usando couro preto e viu que ele a encarava. Ela começou a subir a Quinta Avenida, ciente de que ele não comprara nada e agora a seguia. Só quando viu o reflexo dele em uma vitrine foi que se deu conta de que ele estava tirando fotografias dela.

Leana virou-se e estava prestes a perguntar a ele para qual jornal trabalhava quando viu, por entre as dobras da jaqueta de couro preto, a coronha de um revólver.

Surpresa, ela olhou para o rosto do homem quando ele abaixou a câmera.

Quando ele sorriu, ela o reconheceu. Mais cedo naquela manhã, no parque, ele estivera sentado no banco perto do dela. Naquela hora, ela achou que ele a estivesse observando. Agora, sabia que estivera.

— Hoje à noite — o homem disse — depois de revelar essas fotografias, vou prendê-las na parede ao lado da cama junto com outras fotos que tenho de você. — O sorriso alargou-se, revelando dentes brancos uniformes. — E logo... na verdade, antes que você saiba, Leana... planejo levá-la para casa comigo e mostrá-las pessoalmente a você.

Ela afastou-se dele com tanta pressa que a revista caiu no chão. As páginas se abriram. À frente dela, um táxi deixava um passageiro.

Leana correu para ele. O homem a seguiu.

— Espere! — gritou ela, mas o táxi avançou. Um rápido olhar por sobre o ombro confirmou que o homem ainda estava lá. A coronha do revólver refletiu um raio de sol. Leana estava prestes a gritar por ajuda quando outro táxi encostou no meio-fio. Frenética, ela correu em direção a ele, o coração batendo forte, e pulou para dentro no momento em que um casal de idosos saiu.

Ela bateu a porta e a trancou justamente quando o homem tentou abri-la. O rosto dele estava a centímetros do vidro e ele parecia furioso, como se estivessem roubando um prêmio dele. Ele bateu a mão contra o vidro e Leana se encolheu.

O táxi não estava se movendo. Leana olhou para o motorista, que esperava uma brecha no trânsito — Ele tem uma arma! — gritou ela. — Tire-me daqui!

O motorista olhou para o homem, viu a fúria no rosto dele e pisou no acelerador, quase causando um acidente ao cortar o tráfego e correr em direção à Washington Square.

Leana olhou pelo vidro traseiro. O homem estava na calçada, a câmera pendurada em torno do pescoço, os braços nos lados do corpo.

— Eu não sabia que você estava encrencada — disse o motorista. — Você está bem? Quer que eu a leve à polícia?

Ela ponderou, mas pensou melhor. — Quando virarmos a esquina, ele já terá ido embora. — Ela recostou-se contra o banco de vinil rasgado do táxi. — Basta deixar-me no novo prédio Redman International na Cinquenta com a Quarenta e Nove. Meu carro está lá.

— Eu não contaria com isso.

— O que isso quer dizer?

— Você deve estar brincando.

— Não sei do que está falando.

— Ninguém mais presta atenção nas notícias? — ele disse lentamente. — Essa manhã, três bombas explodiram no topo do prédio.

O rosto de Leana ficou pálido. Seu pai e sua irmã estavam lá hoje, preparando a festa. — Alguém se feriu?

— Algumas pessoas. Um cara teria morrido se não fosse por Celina Redman. Ela salvou a vida dele.

O maxilar de Leana contraiu-se. — Como?

— Pensando rapidamente, disse o cara no rádio. Ela é uma heroína.

— Ela é uma filha da puta, isso sim.

O motorista parou no sinal vermelho e olhou para ela pelo retrovisor, sem saber se tinha ouvido direito. — Você conhece os Redman ou coisa parecida?

Leana imaginou novamente por que ficara preocupada com a segurança da família. Depois de todas as vezes que seus pais a ignoraram, depois de todas as vezes que preferiram Celina a ela, como podia sentir qualquer coisa que não fosse desprezo?

— Não — disse ela. — Eu não os conheço.

CAPÍTULO 3

Bem acima da Quinta Avenida, Louis Ryan estava sentado em seu escritório de canto, com as costas para uma parede de janelas e para o novo prédio Redman International que se destacava a pouca distância.

Ele estava sentado em frente à mesa, olhando para as letras foscas gravadas no vidro que a cobria: Manhattan Enterprises. A empresa que ele fundara há trinta e um anos agora era um dos principais conglomerados do mundo.

Só a Redman International a superava.

Mais cedo naquele dia, a guerra particular de Louis contra George Redman começara: assediando Leana Redman, explodindo os holofotes como planejado. E agora, a inauguração de gala do prédio Redman International estava prestes a começar.

Louis olhou pela Quinta Avenida, em direção à atividade em torno da entrada com tapete vermelho do Redman International. A julgar pela multidão de repórteres e a fila de limusines que serpenteava pela avenida, era de se pensar que todos os homens e mulheres influentes do mundo vieram para mostrar seu apoio a George Redman. O fato de que Louis tinha negócios com muitos desses homens e mulheres fizeram com ele desviasse o olhar.

Em vez disso, ele focalizou na fotografia preto e branco da esposa sobre a mesa.

Na moldura pesada de prata, a fotografia havia desbotado durante os anos desde a morte de Anne, mas a beleza dela ainda brilhava.

Louis estudou o rosto dela e pensou nos poucos anos que haviam compartilhado. Ela fora seu primeiro amor, sua paladina e sua melhor amiga. Ela dera a ele as melhores memórias. Ela também lhe dera um filho e, apesar de ele e Michael terem suas diferenças, sempre que ele o via, somente pelas feições de Michael, ele se lembrava de sua amada Anne.

A esposa que George Redman roubara dele.

Louis pensou em tudo o que Redman estava conseguindo. O momento era agora. Pelo menos, George Redman era vulnerável. Quando Anne falecera, Louis prometera que ele e Michael fariam Redman pagar pelo que fizera a ela. Ele prometera destruir George Redman, sua família e o império dos Redman. Ele faria com que todos eles sentissem a dor que ele mesmo sentira durante anos.

Ele olhou para baixo, para a primeira página do *Wall Street Journal*. A manchete principal dizia:

AS AÇÕES DA REDMAN CAEM VINTE E TRÊS PONTOS

PROPOSTA DE AQUISIÇÃO DA WESTTEX DEIXA OS ACIONISTAS NERVOSOS

Ah, que pena, pensou Louis.

Ele abriu a gaveta da mesa e pegou a última edição da revista *People*. Na capa, estava o filho dele, Michael Archer, o artista de cinema e escritor bestseller. Mesmo enquanto envelhecia, estava claro que Michael herdara a aparência da mãe, do cabelo escuro aos olhos azuis.

Ao estudar o rosto do filho, Louis ficou imaginando qual seria a reação de Michael quando soubesse que George Redman assassinara sua mãe. Ele só tinha três anos quando isso aconteceu. Para poupar o filho da dor e da raiva que ele tinha que suportar, Louis criou Michael pensando que a morte da mãe fora um acidente. Mas apesar da tragédia que deveria tê-los deixado mais próximos um do outro, ela os afastara, pois Louis precisava devotar seu tempo na Manhattan Enterprises em um esforço de assegurar o futuro dos dois.

Eles nunca foram próximos. De fato, até a semana anterior, Louis não vira nem tivera notícias de Michael em dezesseis anos.

E tudo por causa de George Redman, pensou ele.

Ele largou a revista e virou-se para observar as limusines movendo-se lentamente na avenida. Ele ficou imaginando em qual delas estaria seu filho. Na semana anterior, quando Michael entrara sem ser anunciado em seu escritório, Louis ficara surpreso com a mudança nele. Michael parecia mais velho pessoalmente do que nos filmes. Os olhos haviam endurecido com o passar dos anos, apagando o antigo ar de inocência. Talvez a luta em Hollywood lhe tivera feito bem. Talvez ele finalmente tivera amadurecido.

Mas, claro, ele não amadurecera.

Quando Michael explicara a encrenca em que estava, que sua vida estava em perigo, Louis ouvira, com o mesmo sentimento de vergonha e raiva que sentira quando Michael saíra de casa para ir para Hollywood aos dezoito anos. Mesmo agora, Louis podia ouvir Michael pedindo sua ajuda. Mesmo agora, ele podia ver a expressão de surpresa no rosto de Michael quando descobrira que só conseguiria a ajuda de que precisava se fosse à inauguração do Redman

International e encontrasse Leana Redman.

* * *

Na limusine Lincoln preta do pai, Michael Archer olhou pela janela escura para a silhueta brilhante de Nova Iorque e pensou que preferia estar em qualquer lugar, menos aqui.

Ele não estava feliz de ter voltado. Ele odiara o que vira. Ele deixara esse lugar uma vez e não olhara para trás até poucas semanas atrás, quando não tivera opção.

Ele vira o pai em toda parte, do escritório de Louis no prédio alto e complexos de condomínio na Quinta Avenida aos hotéis elegantes pelos quais passara mais cedo na Park e na Madison. Mesmo que ninguém soubesse que ele era filho de Louis, a ideia de que o ego do pai espalhara-se como uma doença pela cidade o envergonhava.

Era irônico, pensou ele, que agora estava sendo atirado de volta em uma vida da qual fugira. Mais irônico ainda era que o pai era a única pessoa que podia ajudá-lo.

No banco ao lado dele, estava o envelope pardo que Louis lhe dera. Michael o pegou, ligou a luz no teto do carro e removeu várias fotografias de Leana Redman.

A maioria das fotografias eram dela lendo na Washington Square, mas algumas tinham sido tiradas enquanto ela estava na fila em uma banca de jornais. Outras eram dela correndo para pegar um táxi.

Michael estudou o rosto dela e ficou imaginando em que o pai dele o estava metendo. Por que era tão importante que ele encontrasse Leana Redman? E por que Louis recusara-se a dar o dinheiro de que precisava se não a encontrasse?

A limusine passou por uma série de sinais verdes e desceu a Quinta Avenida. À frente, Michael podia ver as luzes claras dos holofotes passeando pelo prédio Redman International, iluminando a fita vermelha com raios brilhantes.

Ele guardou as fotografias. Por enquanto, ele faria a vontade do pai.

Depois da recente ameaça contra sua vida, ele não tinha muita escolha.

CAPÍTULO 4

A empolgação crescia no saguão.

De sua posição ao lado da cachoeira bruxuleante, Vincent Spocatti observou o burburinho de atividade ao redor.

Sob a direção de Elizabeth Redman, criadas uniformizadas verificavam os lugares nas mesas, poliam os enfeites brilhantes do saguão, davam toques de última hora nos enormes arranjos de flores que adornavam cada uma das duzentas mesas de oito lugares. Bartenders em trajes sociais pretos guardavam copos, garrafas, gelo. Atrás dele, membros da banda de 34 integrantes ajeitavam-se nos bancos e preparavam-se para a noite à frente.

Considerando as bombas que tinham explodido mais cedo, Spocatti estava impressionado em ver como tudo estava saindo bem. E não fosse por Elizabeth Redman e sua filha Celina, ele sabia que as coisas não seriam tão tranquilas.

Ele observou Elizabeth atravessar o saguão até o bar. Como a filha, Celina, Elizabeth Redman era alta e esguia. O cabelo loiro até os ombros emolduravam um rosto oval que sugeria inteligência e um senso de humor. Os diamantes no pescoço, nos pulsos e nas orelhas eram chamativos, mas não agressivos. Ela conhecia a multidão que convidara. Ela sabia como manipulá-la. Era claro.

Ela passou por ele e Spocatti virou-se para ver a própria imagem no enorme pilar espelhado à direita. No lugar onde a arma pressionava-se contra o bolso do casaco social preto, na altura do peito, havia um leve volume, mas Spocatti não prestou muita atenção nele. Ele era um membro da segurança e fora contratado esta noite para proteger George Redman, a família dele e os convidados contra um possível intruso.

A ironia quase o fez rir.

Ele olhou ao redor. Apesar da segurança parecer rigorosa, ela era tristemente ineficiente. Depois das bombas de hoje, George Redman contratara vinte e cinco homens para montar guarda durante a festa de gala. No que dizia respeito a Spocatti, todos eles eram amadores, e ele não se importava.

Agora, ele não teria problemas para se esgueirar para dentro de um dos elevadores e obter as informações de que Louis Ryan precisava sobre a aquisição da WestTex Incorporated.

* * *

Elizabeth Redman moveu-se novamente, dessa vez na direção dele. Apesar de não parecer afetá-la, Spocatti sentiu, pela maneira confiante com que mantinha o controle, que ela estava bem ciente do poder que tinha na cidade.

Ela aproximou-se com um sorriso e uma mão estendida.

— Eu sou Elizabeth Redman — disse ela. O aperto de mão era firme.

— Antonio Benedetti.

— Eu sempre amei a Itália — disse ela.

Bem, muito original. — Em que posso ajudá-la, Sra. Redman?

— Nada demais — disse ela. — Só garanta que nenhuma bomba exploda aqui essa noite e serei grata. Pode cuidar disso?

— É claro.

Elizabeth ergueu a cabeça. Os olhos ficaram duros quando ela o estudou. — Talvez — disse ela e acenou em direção aos outros membros da segurança. — Quanto àqueles outros, não tenho tanta certeza.

— Nem eu.

— Você não acha que eles sejam capazes de nos proteger?

— Sendo bem honesto, não.

— Todos eles são experientes — disse ela.

— É mesmo? Quem os ensinou? Venho observando os erros deles nas últimas horas. Eles não são profissionais.

— E você é?

— Eu sou.

O som profundo de um baixo vibrou atrás deles. Elizabeth olhou para Spocatti e disse: — Sr. Benedetti, essa manhã, três bombas explodiram no topo desse prédio. Vários homens se feriram, minha filha quase morreu. Hoje à noite, acho que todos sabemos que qualquer coisa pode acontecer, e talvez aconteça. Com esses amadores na equipe de segurança, parece que você terá que dar o seu melhor. Espero que tudo corra bem.

Deleitado, Spocatti observou-a enquanto ela se afastava.

George e Celina Redman chegaram dez minutos antes dos convidados.

Eles saíram do elevador da família juntos e moveram-se em direções separadas. Spocatti observou Celina, muito atraente em seu vestido vermelho enfeitado com pedras. Seu passo era longo e determinado. Ela movia-se com a confiança da mãe.

Elizabeth estava parada na entrada coberta, conversando com os quatro

membros da segurança daquele posto. Celina colocou a mão nas costas da mãe ao aproximar-se de um dos guardas, tirou o cigarro da mão do homem, apagou-o em um cinzeiro próximo e virou o guarda para que olhasse pela janela. Ela apontou para a rua.

A mulher era boa. Não só tinha salvado uma vida essa manhã, mas também estava mantendo a segurança concentrada para que nada acontecesse a ninguém nessa noite.

Quando chegasse a hora de matá-la, seria um desperdício.

George Redman estava em um mundo próprio. Ele movia-se pelo saguão, olhando com orgulho para as mesas, as flores, os arranjos. Louis Ryan contara a Spocatti que o sonho de George Redman era ser dono desse prédio na Quinta Avenida. Ele sabia como o homem trabalhara duro para conseguir isso, como estava feliz por finalmente ser o dono.

Spocatti olhou para o relógio. *Pena que não será seu por muito tempo*.

Atrás dele, a banda começou a tocar "My Blue Heaven". Spocatti olhou para o outro lado do saguão e, do outro lado da janela, viu os primeiros convidados saindo de suas limusines.

A festa estava começando. George, Elizabeth e Celina estavam na entrada, esperando para cumprimentar, abraçar e receber os parabéns. Só depois que Spocatti esgueirara-se por trás da cachoeira e entrara em um dos elevadores, ele se deu conta de que a filha mais nova não estava lá.

A renegada, pensou ele rapidamente, estava ausente.

* * *

As portas do elevador sussurraram ao fecharem-se atrás dele.

Spocatti botou a mão no bolso do casaco e removeu o cartão codificado que Ryan lhe dera mais cedo. Ele o inseriu na ranhura iluminada do painel de controle brilhante, digitou no teclado a combinação de oito dígitos que guardara na memória e esperou.

Por um momento, nada aconteceu. Em seguida, uma voz computadorizada disse: — Liberação concedida, Sr. Collins. Selecione um andar. — Então fora alguém chamado Collins que se vendera para Ryan, Spocatti pensou. Ele pressionou o botão iluminado marcado 76.

O elevador começou a subir.

Spocatti removeu o cartão da ranhura e pegou a arma. Quando o elevador desacelerou e parou, ele deu um passo para o lado. As portas se abriram.

Observando, julgando, ele olhou para fora, não viu ninguém e relaxou.

Agora, a parte divertida.

O corredor longo e bem decorado tinha pinturas dos velhos mestres nas paredes de marfim, uma porta ornada de mogno na extremidade e um piso de madeira que brilhava como se tivesse sido recém-encerado. Em uma mesa lateral delicada, uma lâmpada da Tifanny lançava raios âmbar de luz.

Spocatti entrou novamente no elevador. Para qualquer outra pessoa, esse cenário teria parecido nada mais que um corredor ricamente decorado. Para ele, era um trajeto de obstáculos.

Ele colocou a arma no coldre, removeu um par de óculos infravermelhos do bolso do casaco e os colocou no rosto. Instantaneamente, tudo ficou com um brilho vermelho lúgubre. Ele não vira câmeras de vídeo no corredor, mas isso não significava que elas não estavam lá. As pinturas podiam ser disfarces. Ele precisaria arriscar.

Ele olhou novamente para o corredor. Diretamente em frente ao elevador havia um fino feixe de luz que, sem os óculos, seria invisível. Movendo-se com cuidado, ele abaixou-se por sob a luz, sabendo que, se acidentalmente a cruzasse, um sensor detectaria a diferença na temperatura e ele não ouviria o alarme silencioso que alertaria a polícia.

Ele avançou, a teia de feixes tornando-se mais difícil de evitar à medida que se aproximava da porta que guardava o enorme conjunto de computadores da Redman International. Em um ponto, ele teve que rastejar de bruços. Um momento depois, teve que pular duas vezes e rolar. *Eu posso já ter disparado o alarme e nem saber*, pensou ele. A adrenalina que sentiu por não saber o eletrizou.

Ele chegou na porta. Spocatti sabia que ela era reforçada com pelo menos oito centímetros de aço. Ryan dissera que haveria um pequeno teclado na base da porta que, ao inserir um código de seis dígitos, não só abriria a porta, mas também desligaria todos os equipamentos de vigilância.

Ele ajoelhou-se, encontrou o teclado - e viu que estava protegido por uma série de feixes que se cruzavam. Ele xingou baixinho e olhou novamente para o relógio. Dez minutos tinham se passado. *Quero estar fora daqui em trinta*.

Ele estudou os feixes. Saindo em vários ângulos, do chão ao teto, eles formavam um padrão de malha tão estreito que, quase certamente, seus dedos cruzariam um dos feixes se ele tentasse alcançar o teclado através das pequenas aberturas em formato de diamante. Ele precisava de algo longo e fino que passasse pelas aberturas para digitar o código. Um lápis, talvez. Ou uma caneta. Mas ele não tinha nenhum dos dois. Com a mente disparando, ele olhou em torno da sala, mas não havia nada que pudesse usar, o que o deixou enfurecido.

Ele chegara tão perto.

E então ele se deu conta. A resposta para o problema estava em sua cabeça.

Ele removeu os óculos do rosto e observou as hastes que se estendiam das lentes verdes. Elas eram longas, finas e curvadas na ponta. Uma delas se encaixaria perfeitamente nas minúsculas aberturas. Ele desencaixou uma das hastes. Em seguida, segurando os óculos sobre os olhos com uma das mãos, ele alegremente começou a trabalhar com a outra.

Em poucos segundos, estava terminado. Ele inseriu o código que Ryan lhe dera, os feixes infravermelhos desligaram e a porta que levava à sala de computadores abriu-se sozinha.

Spocatti pegou a arma e levantou-se. Ele avaliou rapidamente a sala e não viu nada lá dentro, exceto uma infinidade de computadores.

Ele foi até eles e soube que estava encrencado no momento em que ligou um computador. Quando a tela piscou e ligou, ele notou, na frente do computador, uma ranhura iluminada que diferia ligeiramente da ranhura no painel de controle do elevador. E as seguintes palavras apareceram na tela: INSIRA O CARTÃO DE ACESSO.

O único cartão que Ryan lhe dera fora o cartão codificado que usara para acessar o elevador. Ele o retirou do bolso do casaco, passou-o pela ranhura e esperou. A tela apagou. Um momento depois, uma nova mensagem piscou na tela: ACESSO NEGADO.

Então era isso, Ryan tinha estragado tudo, não dera a ele o cartão certo. Spocatti sentiu uma ponta de fúria, mas a abafou. Ele podia invadir a máquina, mas não havia tempo. Ele desligou o computador e olhou em torno. Não havia armários, somente mesas com gavetas trancadas, e ele presumiu que Redman não guardaria nada vital nelas. Spocatti sabia que tudo de que precisava estava nesses computadores... ou em segurança no escritório de Redman.

Ele olhou para o relógio. Ainda tinha vinte minutos antes da hora em que queria estar de volta ao saguão. Ryan dissera que o escritório de Redman ficava no terceiro andar do triplex.

Se ele se apressasse...

CAPÍTULO 5

Bem acima no prédio da Redman International, no triplex dos pais, Leana Redman estava parada em frente à janela, no fim de um longo corredor. Lá embaixo, ela viu a fila infindável de trânsito na Quinta Avenida.

Ela estava trinta minutos atrasada para a festa. Seus pais estariam irritados e a imprensa estaria indagando onde ela estava - mas isso era exatamente o que Leana queria. Ela não queria ser parte desse evento, de forma alguma. Mas, ainda assim, sabia que tinha que ir. Se não fosse, seus pais a deserdariam.

Antes de ir, ela decidiu tomar um drinque.

Na biblioteca, ela inclinou-se em frente à pequena geladeira e pegou uma garrafa de champanhe. Serviu um copo e pensou novamente no homem que a seguira mais cedo. A ameaça dele ainda lhe dava arrepios. Ela ponderou se não fora um erro não ir à polícia. Agora, sabia que provavelmente fora.

Ela foi até a mesa do pai, ligou o abajur de cúpula verde e sentou-se. Sobre ela, havia várias fotografias emolduradas da família. Leana escolheu uma dela com Celina. Nela, elas eram crianças - Leana com sete anos, Celina com onze - e ela ficou surpresa ao ver como pareciam felizes. Na clareira atrás da casa em Connecticut, as garotas estavam de mãos dadas, encostadas contra um tronco de árvore e usando enormes chapéus de palha que deixavam os rostos na sombra. Atrás delas, Elizabeth estava rindo, o cabelo loiro brilhando ao sol.

Ela pensou sobre o momento em que seus sentimentos por Celina tinham mudado. A resposta veio imediatamente. *Quando Papai começou a levá-la para a Redman International*.

Era tarde. Não importava o quanto não quisesse ir, ela tinha que se juntar à festa. Colocando a fotografia virada para baixo sobre a mesa, ela desligou a luz e encaminhou-se para o bar. Ao abaixar-se para colocar a garrafa de volta na geladeira, ela captou seu reflexo na janela ao lado. Havia mais alguma coisa no reflexo. A porta da biblioteca estava se abrindo.

Ela sobressaltou-se e virou-se. A porta agora estava quase totalmente aberta. Um raio de luz entrou no aposento. Ela estava prestes a perguntar quem estava lá quando um homem olhou para dentro. Ele não a viu - Leana estava no lado oposto da biblioteca, parcialmente escondida nas sombras.

Ele ficou parado na porta, observando, julgando, com intensa concentração.

Alguma coisa em sua mão esquerda. Uma arma.

Ela ficou completamente imóvel, mal respirando. Apesar de não ter certeza absoluta, ele parecia-se com o homem que a seguira mais cedo...

O pânico a invadiu. Ela recuou mais fundo nas sombras e ficou imaginando como ele chegara até aqui sem um cartão de acesso ao elevador. Ela o observou entrar no aposento. Ele não caminhou, mas esgueirou-se como um gato, o olhar constantemente movendo-se enquanto se aproximava da mesa do pai dela.

Ela não podia deixar que ele a visse.

Na extremidade do bar, havia uma prateleira que se estendia a cerca de meio metro da parede. Em um dos lados, havia uma pequena abertura atrás da qual ela poderia se esconder. Quando o homem não estava olhando em sua direção, Leana esgueirou-se em direção a ela. O homem a ouviu, girou o corpo e mirou. Leana congelou. Seus olhos se encontraram.

— Quem diabos é você? — gritou ela.

O homem afastou-se da mesa e abaixou a arma. Depois de um momento de silêncio, ele disse: — Aí está você.

Leana ficou surpresa. O homem estava guardando a arma, parecendo não notar o medo dela. — Eu perguntei quem é você!

— Antonio Benedetti — disse ele. — Membro da segurança. — Ele deu um passo à frente e ela viu que ele não era o homem que a seguira mais cedo, mas somente parecido. Seu coração batia forte. — O que está fazendo aqui?

— Procurando você — disse ele. — Você está atrasada para a festa. Seus pais me pediram que a encontrasse.

— E você precisava de uma arma para isso?

— Srta. Redman — disse ele — depois do que aconteceu aqui essa manhã, todos os membros da segurança estão carregando armas.

Ela o estudou. Ele era alto e com cabelos escuros, as feições bem definidas e atraentes. Havia uma frieza nele que a atraiu. Ela respirou fundo quando ele caminhou até a porta e a segurou aberta para que passasse. — Sua mãe está furiosa — disse ele. — Se você não estiver no saguão logo, ela provavelmente fará com que eu seja despedido. Você vem?

Leana hesitou e encaminhou-se para a porta aberta. Ela passou pelo homem e disse: — Minha irmã salvou uma vida hoje. O mínimo que posso fazer é salvar um emprego. Vamos.

* * *

O elevador desceu como uma pedra.

Ao aproximarem-se do saguão, Leana olhou para o mostrador aceso do elevador e observou os andares passarem rapidamente. Ela ouviu o burburinho da multidão aumentando, sentiu sob os pés o ritmo da banda e ficou nervosa. Ela nunca se sentia bem nessas situações e conheceria poucas pessoas aqui. Esse era o mundo de seus pais e de sua irmã, não dela. Então, por que tinham pedido que viesse?

Ela olhou para o homem parado a seu lado e viu que ele a estava encarando. Novamente ela pensou em como ele era bonito. Ela olhou para a mão esquerda dele e não viu nenhuma aliança. Promissor, mas a vida a ensinara que a falta de um anel não queria dizer nada. — Quais são as chances desse lugar explodir hoje à noite? — perguntou ela.

A pergunta não o intimidou. — Menores do que zero.

— Ora, vamos — disse Leana. — Não acha que meu pai tem mais alguma coisa planejada para capturar a atenção do mundo? Como um atirador de elite, talvez? Ou um incêndio?

Ele inclinou a cabeça em direção a ela. — Você acha que seu pai plantou os explosivos naqueles holofotes?

— Não me surpreenderia.

— Mas pessoas ficaram feridas, sua irmã quase morreu.

— *Quelle domage*.

— Não estou entendendo você. Por que acha que seu pai faria uma coisa ridícula daquelas? Não faz sentido.

— Publicidade gratuita, Sr. Benedetti, faz muito sentido.

Ele encostou-se na parede e a observou. — Você não acredita no que está dizendo, não é?

Os olhos de Leana faiscaram. — Isso não importa — disse ela. — É sempre interessante ver no que as outras pessoas acreditarão.

O elevador parou. As portas se abriram e ele foi invadido por uma explosão de ar frio, música e barulho. Leana ficou parada por um momento, desapercebida, e olhou em torno da sala apinhada de pessoas. Apesar de não vir nenhum amigo seu, parecia que, para qualquer lugar que olhasse, ela se lembrava da irmã. Da cachoeira à direita aos candelabros de cristal Lalique que brilhavam sobre sua cabeça, a influência de Celina era clara.

Uma vez, quando o Redman International estava próximo de ser concluído, Leana perguntara ao pai se poderia ajudar a decorar o saguão. George a dispensara e dissera que era um trabalho para profissionais. Ele nunca saberia a dor que Leana sentira quando foi decidido que Celina decoraria o saguão. George só sentira a raiva de Leana posteriormente, considerando-a como um

ataque de mau humor.

Eles saíram do elevador. — Bem — disse Benedetti — foi bom conversar com você.

— Com você também — disse Leana. — Fique de olho nos atiradores de elite. Nunca se sabe quando um deles aparecerá.

Leana o observou mover-se entre a multidão, onde, dessa vez, viu alguns rostos familiares em um mar interminável de cabeças. Ela olhou para seus pais e sua irmã e viu que ainda estavam cumprimentando convidados - George ria, Elizabeth conversava, Celina abraçava.

Leana queria sumir.

Ela começou a caminhar em direção a eles, o olhar passando de George para Elizabeth e para Celina. *Algum dia, eles me respeitarão tanto quanto a respeitam*. Mas, ao mesmo tempo em que o pensamento surgiu, ela ficou imaginando como conseguiria isso. Ela assumiu sua posição perto de Celina na fila de recepção e sentiu o desapontamento, a frustração e a raiva de seus pais, apesar de não dizerem uma palavra.

Leana achou que ficaria contente pela forma como sua presença - ou a falta dela - os havia afetado, mas não estava. Em vez disso, uma parte dela sentiu-se culpada por chegar atrasada.

Do lado de fora, os paparazzi enlouqueceram quando Michael Archer saiu da limusine e entrou no saguão. Os flashes explodiram. A multidão de observadores gritou. Leana reconheceu-o imediatamente. — Eu não sabia que Mamãe o tinha convidado — ela disse a Celina. — Eu li um dos livros dele há alguns meses.

Celina parecia confusa. — Mamãe não o convidou. Eu conferi a lista de convidados duas vezes com ela. O nome de Michael Archer não estava nela. — Ela olhou para a irmã. — E onde você estava?

— Terminando de me arrumar.

Leana olhou para Elizabeth, que estava observando Michael Archer apertar a mão de George. Ela sabia que a mãe não tinha tolerância com penetras, especialmente em suas próprias festas. Ela imaginou como a mãe lidaria com ele.

— Lamento — disse Elizabeth polidamente quando Michael aproximou-se. — Mas tenho que pedir que se retire. — A voz dela era firme. Ela ignorou a mão dele. — Essa é uma festa particular.

No silêncio que caiu, George e Celina viraram-se para ouvir. Leana observou Michael. — Eu peço desculpas pela intrusão — disse ele. — Mas entendo que esteja levantando fundos nessa noite para crianças com HIV e eu queria fazer algo para ajudar. — Ele colocou a mão no bolso do casado e retirou

um pedaço de papel, que entregou a Elizabeth. — Espero que isso ajude.

Elizabeth olhou para o cheque e novamente para Michael, friamente. — Cem mil dólares é muita generosidade — disse ela.

— Eu trabalho no setor de entretenimento — disse ele. — O HIV é comum nele. É o mínimo que posso fazer. É uma causa em que acredito.

Apesar de Leana duvidar que ele soubesse, Michael Archer acabara de entregar à mãe dela cinco milhões de dólares. Talvez seis. Quando a notícia de que ele dera a ela um cheque de cem mil dólares se espalhasse, os outros convidados abririam seus talões de cheque, desesperados para não ficarem atrás. Elizabeth sabia disso, mas não o demonstrou.

— Peço desculpas — disse ela. — É muito gentil de sua parte. Teremos muito prazer se ficar. O que me diz?

O alívio que cruzou o rosto de Michael Archer foi indiscutível. Leana ergueu o queixo no mesmo momento em que ele virou-se e olhou para ela. Seus olhos se encontraram e Michael Archer sorriu. — Sra. Redman — disse ele — o prazer será meu.

CAPÍTULO 6

O velho Buick tossiu, ofegou e sacudiu por vários momentos antes de parar e morrer no coração de Manhattan.

Jack Douglas ficou sentado, entorpecido, enquanto o vapor subia do motor e os faróis diminuíam de intensidade até apagarem-se. Ele sabia o que havia de errado com o carro sem verificar o motor. Há semanas, ele tencionara instalar um radiador e um alternador novos, mas estivera tão ocupado com o trabalho, que acabara adiando. Naturalmente, os dois deram defeito na noite da festa de George Redman.

Ele teria que pegar um táxi.

Ele abriu o porta-luvas, retirou o convite de dentro de um bolo de papéis amassados e lápis quebrados e procurou a carteira. Ela não estava lá. Ele procurou no banco do passageiro, no piso do carro, nos bolsos do casaco e das calças e, então, lembrou-se de tê-la deixado no apartamento, bem à vista na mesa da cozinha, para que não esquecesse de levá-la.

Ele só podia rir. Agora teria que caminhar.

Ele deixou o carro no lugar onde ele morrera, na esquina da Quinta Avenida com a Rua Setenta e Cinco, e começou a caminhar para o prédio Redman International, que fica a quase dois quilômetros ao sul. Ele sabia que o carro seria rebocado, mas não se importava. Nessa noite, Jack Douglas tinha coisas mais importantes na mente.

Essa noite poderia mudar o resto de sua vida.

Ele tinha acabado de passar pela Rua Sessenta e Um quando um raio brilhou e os trovões atravessaram os céus. Jack olhou para cima, sentiu a brisa no rosto e apressou o passo. *Tomara que não chova*, pensou ele.

Mas choveu.

Quando a chuva caiu, levada pelo vento, o pânico o acometeu e ele começou a correr, as gotas batendo em sua cabeça abaixada. Cada motorista que passava jogava água nele. Jack correu sete quarteirões antes que o prédio Redman International aparecesse e, quando isso aconteceu, ele reduziu o passo. Se o próprio George Redman não lhe tivesse enviado um convite para a festa de hoje à noite, ele teria desistido e ido para casa. Mas isso não aconteceria.

Na semana anterior, quando vendera, de forma sem precedentes, quinhentos

milhões de dólares em títulos a um cliente na França, ele se tornara a espécie mais reverenciada no mundo financeiro: O Pica Grossa. Na manhã seguinte, quando o *Journal* o chamou de o mais recente mago financeiro de Wall Street, todas as firmas de investimento em Manhattan tentaram atraí-lo para longe da Morgan Stanley, inutilmente.

Jack recusou as ofertas, determinado a permanecer fiel à firma que lhe dera a primeira chance. E então veio o convite de George Redman, pedindo que viesse à grande inauguração do novo prédio Redman International. "Parabéns pelo artigo no *Journal*", escrevera George no convite. "E espero que venha à festa. Eu gostaria de discutir algumas coisas com você."

Era só o que precisava. A Redman International era o maior conglomerado mundial. Se lhe oferecessem um emprego lá, a carreira de Jack estaria estabelecida. *Que lealdade, que nada*, pensou ele.

Apesar de não querer, ele entrou no prédio e entregou ao porteiro o convite molhado. A banda não estava tocando. Não havia nada além do sussurrar da seda, o burburinho baixo daqueles que não o tinham visto e as risadas disfarçadas daqueles que tinham. O porteiro olhou para ele, depois para o convite, e pareceu hesitar com indecisão. Mas sorriu e disse: — Tenha uma noite agradável, Sr. Douglas.

— Certo — disse Jack.

Ele entrou no saguão. Um garçom parou a seu lado. — Champanhe, senhor?

A frase "Champanhe, senhor" estava na extremidade de uma vara de três metros e significava: "Você, suas roupas molhadas e sua cara suja não são bem-vindos a essa festa."

Apesar de preferir cerveja, Jack aceitou um copo e brindou àqueles que eram rudes o suficiente para encará-lo. — Noite adorável — disse ele, e sorriu quando viraram-se. Havia uma mão no braço dele. Jack virou-se e viu Celina Redman. — Parece que você precisa de uma pessoa amiga — disse ela.

Nessa manhã, ela estava na primeira página do *Times*. Apesar de Jack sempre a ter considerado atraente, ficou encantado em descobrir que Celina Redman era ainda mais bonita pessoalmente. — E um banho — disse ele após um momento. — A chuva me pegou. — Ele estendeu a mão, que Celina apertou. — Sou Jack Douglas — disse ele. — Prazer em conhecê-la.

Celina devolveu o sorriso. — Celina Redman — disse ela. — E foi um belo perfil que o *Journal* fez sobre você na semana passada. Fiquei impressionada. Meu pai o convidou pessoalmente, não foi?

Jack assentiu. — Receio que sim. Minha grande chance e olhe para mim. Pareço um esfregão.

— Não se preocupe com isso — disse ela. — Vir à festa mostra que você tem coragem.

— Eu só não queria que ela estivesse ensopando o casaco e as calças. — Ele olhou em torno. — Acho que eu deveria me limpar antes de encontrar seu pai.

Celina olhou para a lama e a sujeira no rosto e nas mãos dele. — Veja só — disse ela. — Meus pais têm um triplex no andar superior. Se quiser, pode se limpar lá e pegar uma roupa emprestada do meu pai. Você tem mais ou menos o tamanho dele. — Ela acenou em direção aos elevadores ao lado deles. — Por que não vem comigo e verei o que consigo encontrar?

Quando eles chegaram ao apartamento, Jack seguiu Celina pelos aposentos. Parecia que alguém tinha desmanchado um museu para decorá-los. E, mesmo assim, o efeito geral era surpreendentemente aconchegante. Como ela.

Eles entraram no quarto dos pais dela. — Há um banheiro ali — disse Celina.

Jack entrou no banheiro e removeu o casaco encharcado e a camisa molhada. — Não vou demorar — disse ele. — Você vai esperar?

Celina saiu do quarto de vestir do pai com uma roupa social preta sobre um dos braços e uma camisa branca impecável no outro. — Não achou que eu deixaria de ver como você é seco, achou? — Ela entrou no banheiro e lhe entregou as roupas. Por um momento, eles avaliaram um ao outro. — É claro, vou esperar.

* * *

No saguão, Diana Crane, advogada-geral corporativa da Redman International, aceitou um copo de champanhe de um dos garçons, deu um gole e virou-se novamente para Eric Parker, diretor-financeiro da Redman International. Ele ainda estava falando sobre a aquisição da WestTex Incorporated.

Será que ele nunca calaria a boca? Será que não podia aproveitar a festa? *Quer prestar atenção em mim, por favor?*

Desde o dia em que se conheceram, ela se sentira atraída por ele. Eric Parker era alto e com cabelos escuros, a aparência classicamente grega, a compleição musculosa. Ele tinha um senso de humor saudável, era capaz de manter uma conversa inteligente e tinha aquela mente financeira incrível.

Nos últimos dois anos, Eric Parker também tivera Celina Redman. E, antes

do rompimento recente, houvera rumores de casamento.

As luzes piscaram e a pista de dança caiu na escuridão. Um murmúrio percorreu a multidão e a banda parou de tocar. Diana assistiu, com Eric, quando um feixe de luz percorreu a escuridão e bateu na cachoeira brilhante, enviando ondas de luz azul nos rostos ansiosos da multidão.

Ela cutucou Eric. — O que é isso?

Eric acenou em direção à cachoeira. — O número do dinheiro. Observe.

Saindo da parte de trás da cachoeira, Elizabeth Redman pareceu caminhar através dela. Era uma ilusão inteligente e a multidão gritou. Ela ficou parada lá, elegante em seda preta. Os diamantes no pescoço, nos pulsos e nas orelhas refletiram a luz. George atravessou a cachoeira e apareceu ao lado dela, sorrindo à medida que a energia no salão crescia. O holofote os seguiu até o centro da pista de dança.

Flashes piscaram. A sociedade aplaudiu.

— Ela é linda — disse Diana.

— Ela é — Eric concordou. — Mas não tão linda quanto a filha. — Ele entregou a ela o copo vazio. Diana o encheu, dessa vez sem gelo. Quando a banda começou a tocar "One Moment in Time", houve outra onda de aplausos da multidão no momento em que George e Elizabeth começaram a dançar. Logo, outros casais juntaram-se a eles e a pista transformou-se em um conjunto de vestidos brilhantes e ternos pretos girando.

Diana pegou a mão de Eric. — Vamos dançar.

Juntos, eles moveram-se na pista de dança, os passos leves e graciosos. Diana olhou para o rosto de Eric, viu que ele estava sorrindo para ela e sorriu de volta. Ele a segurou mais perto e Diana ficou imaginando se ele sabia que ela estava apaixonada por ele, há anos. Ele aproximou a boca do ouvido dela. Diana ficou tensa e, por um momento, achou que ele a beijaria. As palavras dele foram como uma invasão. — Quando isso chegar aos ouvidos dela, acha que ela ficará com ciúmes?

Diana olhou para cima, ciente do álcool no hálito dele. — O que disse?

— Quando isso chegar aos ouvidos de Celina — disse ele. — Você e eu dançando. Acha que ela ficará com ciúmes?

Ela estava incrédula. — Por que não pergunta a ela? — respondeu.

A música parou.

* * *

Enquanto Jack tomava banho, Celina tirou os sapatos, sentou-se na cama dos pais e deixou o olhar passear pelo quarto. Ele tinha o toque da mãe dela, o que significa o suficiente sem ser exagerado. Somente uma coisa chamou sua atenção: as fotografias da família em molduras de prata na mesinha Chippendale.

Ela levantou-se da cama e escolheu uma das fotografias. Era dela com Eric, e eles estavam de mãos dadas do lado de fora do antigo prédio da Redman International na Madison. Celina lembrava-se claramente daquele dia. Horas depois que o pai dela tirara a fotografia, ela e Eric tinham feito amor pela primeira vez. Na época, Celina estava convencida de que estava se entregando ao homem com quem passaria o resto da vida. *Agora, não sei o que quero.*

Ela colocou a fotografia de volta na mesa e ficou imaginando se Eric estivesse aqui, pois pedira a ele que viesse. Apesar de não estarem mais saindo juntos, parecia inútil que houvesse qualquer animosidade entre eles. Celina, de fato, ainda amava Eric. Se ele não a tivesse pressionado tanto para se casarem, ainda estariam juntos.

Ela perguntou-se por que ele estava com tanta pressa. Aos vinte e nove anos, ela era jovem demais para se casar, muito menos para ter os filhos que Eric queria. Mas ela os teria e, se Eric aprendesse a ser paciente, Celina os teria com ele. Até que esse dia chegasse, ela planejava viver a vida, e o faria solteira, gostasse Eric Parker ou não.

No outro lado do quarto, a porta do banheiro abriu-se e Jack Douglas, recém-banhado e vestindo o casaco social de George, entrou no quarto. Celina admirou sua bela aparência. Com o cabelo castanho mais emaranhado do que penteado, Jack Douglas tinha uma aparência atlética atraente. Ela imaginou que ele tivesse trinta e poucos anos.

Ele passou as mãos na parte da frente do casaco. — O que acha? — perguntou ele.

— Muito sofisticado — disse Celina. — Você fica bem limpo. Agora vamos descer e encontrar meu pai. Tenho certeza de que ele quer falar com você.

CAPÍTULO 7

Leana Redman moveu-se por entre a multidão, divertindo-se ao ver como a multidão abria-se para ela.

Dentre aqueles que ela reconheceu, a maioria estava drogada com seja lá qual a substância que estava circulando ou fizera tantas plásticas que tinha um sorriso estranho e permanente estampado no rosto.

Ela acenou para um homem que fazia negócios de um milhão de dólares durante o dia e que, dizia-se, frequentava clubes de sexo à noite. Passou por uma condessa que dava centenas de milhares de dólares para um fundo de delinquência juvenil, mas era conhecida por roubar repetidamente na Bloomingdale's e na Saks. À sua direita, estava um xeique que amava suas muitas mulheres e, pelo menos na cama, alguns dos irmãos delas. E, à sua esquerda, ela ouviu uma mulher dizendo: — Brenda? Ela vai se casar? Que absurdo. Deixe-me contar uma coisa sobre Brenda. Ela é tão sapatão, faz os próprios absorventes.

Leana olhou para a mulher que dissera aquilo e teve vontade de contar aos amigos dela que podia muito bem estar falando de si própria. Parecia a ela que havia mais corrupção, abuso de drogas e valores sociais distorcidos na sociedade da Quinta Avenida do que em qualquer outra classe social de Nova Iorque.

No outro lado do saguão, ela podia ver Harold Baines, Vice-presidente de Assuntos Internacionais da Redman International, conversando com sua esposa, Helen, em uma mesa de canto pouco iluminada. Leana sorriu. Finalmente, alguém que ela não só conhecia, mas adorava.

Harold trabalhava na Redman International desde que ela podia se lembrar e eles sempre foram próximos. Quando ela era criança e fizera uma de suas raras visitas à antiga sede da empresa na Madison, Harold fizera questão de passar algum tempo com ela quando todos os outros deram atenção a Celina, a filha promissora. Leana sempre o amaria por isso.

Ela começou a caminhar na direção deles. A multidão moveu-se e ela viu Harold empurrar a cadeira para trás, levantar-se e beijar a testa de Helen. A luz sobre a mesa acentuou as linhas profundas no rosto dele e os círculos escuros sob os olhos. Ele parecia ter bem mais de sessenta anos, mas tinha apenas cinquenta e cinco.

Leana acenou para ele, mas Harold não notou e entrou em um banheiro próximo. Ele parecia mais magro e mais velho do que na última vez que ela o vira, e Leana notou que ele estava caminhando como se o próprio ato de caminhar exigisse uma coordenação dos músculos que ele não tinha forças para controlar. Quando a porta fechou-se atrás dele, ela ficou imaginando se havia algo de errado. Ele estava doente? Ela estava prestes a caminhar até Helen e perguntar quando Michael Archer apareceu no meio da multidão. Ele aproximou-se dela com a mão esticada. — Quer dançar? — perguntou ele.

A banda estava tocando "I'll Be Seeing You". Enquanto eles dançavam com os outros casais na pista, Leana olhou para Michael e decidiu fazer uma pergunta que, com certeza, o pegaria com a guarda abaixada. — Então, diga-me — falou ela. — Por que você gastou cem mil dólares para vir até aqui?

A pergunta pegou Michael de surpresa. — Achei que já tinha explicado — disse ele cuidadosamente. — Eu queria ajudar sua mãe a levantar dinheiro essa noite para o HIV.

— Mentira.

— Como?

— Você vai ter que arrumar uma desculpa melhor — disse Leana. — Essa é uma explicação na qual minha mãe acreditaria, não eu.

Michael sentiu um sobressalto, mas o abafou. Ela não podia saber por que ele realmente estava aqui. Era impossível. Ainda assim, ele ficou mais cauteloso. Ela parecia estar olhando diretamente através dele. — Passo boa parte do meu tempo com a comunidade criativa — disse ele. — Alguns dos meus amigos têm a doença, que não recebe mais atenção da imprensa. O que sua mãe está fazendo é incrível. Ela colocará o HIV de volta na primeira página, que é o lugar dele.

Leana estudou o rosto dele. — Muito bem — disse ela. — Vou acreditar. Mas você está aqui por algum outro motivo. Ninguém dá cem mil dólares para caridade sem ter alguma outra motivação além de bondade. A bondade acabou nos anos quarenta. — Ela olhou em volta. — Há alguém aqui que você queria conhecer? Um produtor, talvez? Um editor?

Ele apertou o braço em torno da cintura dela. — Já tenho isso resolvido — disse ele.

— Então por que está aqui, de verdade?

— Por que tenho que ter um motivo particular para estar aqui? Não posso ser só um cara legal?

— Ninguém mais é legal, Sr. Archer. Olhe à sua volta. Vê aquele homem ali, com o charuto? Ao seu lado, está a mulher dele que, infelizmente, sabe que o charuto aceso não vai só na boca. Agora, qual é o motivo?

Ele viu o humor nos olhos dela e relaxou. *Isso é um jogo para ela*, pensou

ele. *Ela sabe que estou mentindo e está só se divertindo com isso. Relaxe.* — Está bem — disse ele. — Eu conto a você, mas com uma condição.

— Diga.

— Você terá que me contar algo do que não se orgulha. *Quid pro quo.* Combinado?

— Combinado. Agora, qual é?

— Eu não gosto de dar dinheiro para o governo — disse ele, a ideia ainda fresca. — Quando descobri que sua mãe estava levantando fundos para as crianças com HIV, vi uma oportunidade de cancelar cem mil da minha declaração. Melhor ajudar as crianças do que entregar o dinheiro para adultos que comportam-se como crianças, não acha?

Leana assentiu. — Nisso eu acredito. — Ela acidentalmente encostou na mulher que dançava atrás dela. Ambas viraram-se e sorriram pedindo desculpas.

— Sua vez — disse Michael.

— Não acho que você aguente.

— Tente.

Os olhos dela o desafiaram. — Sou uma viciada. Não uso mais, mas ainda sou uma viciada. É o rótulo que lhe dão quando você sai da reabilitação. Para sempre uma viciada. E, minha nossa, como eu adorava usar cocaína. Ainda gosto, na verdade, mas não posso usar, porque as coisas tendem a... desmoronar.

Subitamente, o jogo de *quid pro quo* perdera a graça. — Lamento — disse ele. — Isso não é da minha conta.

— Ah, todos sabem — disse Leana. — É só mais uma das formas pelas quais minha família tem vergonha de mim. — Ela tocou no rosto dele com a parte de trás da mão. — Não fique tão chateado, amigão. Aconteceu enquanto eu estava na escola na Suíça. Não chego perto daquele negócio há anos.

Enquanto dançavam, Michael ponderou novamente sobre o motivo que o pai dele tinha para tê-lo enviado lá essa noite. Por que era tão importante que ele conhecesse Leana Redman?

Uma mão desceu sobre seu ombro. Michael virou-se e viu Harold Baines. — Posso? — perguntou Harold.

Michael lhe entregou Leana relutantemente.

— Foi um prazer conhecê-la — disse ele.

Leana sorriu. — Foi um prazer. Talvez você queira cumprimentar-me inadequadamente mais tarde? No centro da pista de dança? Em trinta minutos?

— O que quer dizer com inadequadamente? — perguntou ele.

— Quero dizer que não estou usando roupa íntima. Quero dizer um cumprimento longo e lento para os tabloides.

Michael levantou as mãos e recuou. — Ok — disse ele. — Trinta minutos.

Mas pense sobre a repercussão enquanto isso. — Ele ficou surpreso ao descobrir que gostava dela.

Enquanto Leana o observava misturando-se à multidão, encontrou-se desejando que não tivessem sido interrompidos.

— Você sempre provoca as pessoas que conhece? — perguntou Harold.

— Só os bonitos.

— Você não está usando roupa íntima?

— É claro que estou. Aquilo foi só para provocá-lo.

— Você é incrível — disse ele. — Mas ainda digo que ele parece um jovem simpático o suficiente. Eu deveria reconhecê-lo?

— É Michael Archer.

— O escritor?

— E astro do cinema. Eu prefiro os livros dele.

— E, pelo olhar em seu rosto, a aparência dele também. — Ele esticou a mão. — Vamos dançar.

A banda estava tocando um ritmo animado e, enquanto moviam-se com os outros casais, Leana pensou que Harold parecia diferente do homem com quem se preocupara mais cedo. As linhas no rosto dele não estavam tão profundas e ele movia-se com um senso de controle maior. O cabelo castanho brilhava como se ele os tivesse molhado.

— Você parece melhor — disse ela.

— Melhor?

— Quando o vi mais cedo, você não parecia muito bem.

— Que gentil de sua parte — disse ele. — E quando foi isso?

— Há uns vinte minutos? Você entrou no banheiro antes que eu conseguisse chamar sua atenção.

Harold segurou-a pela mão e girou com ela pela pista de dança. O vestido branco de Leana esvoaçou e ela riu.

— Acho que você precisa de óculos — disse Harold. — Nunca me senti melhor.

— Fico feliz — disse Leana. — Fiquei preocupada com você. — Ela olhou em volta. — Onde está Tia Helen?

Ele a fitou. — Você precisa mesmo perguntar? Ela está com sua mãe, fofocando. Algumas vezes, não consigo separar aquelas duas. — Ele apertou a mão dela. — Vamos tomar um drinque. Há dias que não a vejo nem falo com você. E quero um de seus martínis.

— Martínis!

Eles deixaram a pista de dança e foram para o bar, que estava lidando com a multidão com facilidade. Ela acenou para um jovem bartender que estava em tão

boa forma que deveria fazer parte da segurança. Ela dormira com ele há uma semana e ele a encarou com um sorriso. — Você sabe o que queremos, grandão.

— O especial de Leana Redman?

Ela apertou o braço de Harold. — As coisas estão indo bem, Harold. Meu pai tem seu próprio prédio, eu tenho meu próprio drinque. Isso é progresso.

Enquanto aguardavam os drinques, ela notou Eric Parker saindo da pista de dança com Diana Crane. O olhar de Leana os seguiu até o lado oposto do bar, onde Eric pediu um drinque e Diana aceitou um copo de champanhe da bandeja do garçom. Ela terminou seu copo e estava tomando o segundo quando Eric voltou.

— Aqui está, Srta. Redman.

— Não era Srta. Redman na semana passada. — Ela piscou para o bartender e ele corou. — Mas a educação importa. Você ainda tem meu telefone, certo?

Ele assentiu.

— Então use-o — disse ela. — Assim, logo. — Ela aceitou os drinques que ele ofereceu e olhou novamente para Eric e Diana. Eles estavam parados em silêncio, ambos cuidando de seus drinques. Leana notou que Diana parecia brava e ficou imaginando o motivo.

Ela entregou o martíni para Harold. — Isso o levará até a lua.

— Eu sei que vai.

— Ótimo, então vamos à lua juntos.

Eles brindaram e beberam.

— Podemos conversar em particular? — perguntou Harold. Ele virou o martíni e apontou para o copo cheio de Leana. — Você é uma amadora — disse ele. — É o melhor que pode fazer? Beba. Algo me diz que você não vai gostar do que tenho a dizer.

Eles seguiram uma onda de celebridades instantâneas e cheias de dinheiro até passarem do bufê iluminado por luz de velas. Cisnes de gelo cheios de caviar iraniano tinham um brilho laranja na luz bruxuleante e Leana conseguia distinguir o cheiro de pato assado, presunto Westphalian e musse de salmão. Ela hesitou, mas Harold segurou-a pelo braço e a conduziu à frente. — Não vai demorar — disse ele. — Você pode comer mais tarde.

— Quero comer agora.

Quando estavam sentados sozinhos na mesa de Harold, ele virou-se para ela e disse: — Onde você estava mais cedo? Você não estava na fila da recepção quando Helen e eu passamos.

Então, era esse o assunto. — Eu cheguei atrasada.

— Por causa do que aconteceu com Celina e o homem a quem ela ajudou

mais cedo?

Como ele a conhecia bem. — Bem, aí está a prova — disse ela. — Ainda não é tarde demais para você tentar carreira jogando folhas de chá.

Harold suspirou. Desde que Leana era criança, ele tentara infundir confiança nela. Ele tentara fazê-la ver que ela não era diferente de Celina. Será que ele nunca conseguiria alcançá-la? — Sua irmã não é melhor do que você, Leana.

— Você acha que não? Então me diga por que Celina está no conselho desse maldito conglomerado e eu não.

— Sua irmã trabalhou duro para chegar onde está.

— Se eu tivesse tido as oportunidades que ela teve, também teria trabalhado duro. — Ela ergueu a cabeça. — Então, diga-me, por que eu fui mandada para a Suíça quando poderia ter frequentado a escola aqui, como Celina, e trabalhado para a Redman International, como Celina?

— Você sabe que não tenho a resposta para isso, Leana.

— Eu sei que não, mas vamos mesmo ter essa conversa de novo, a história é a mesma. Estou cansada de ser a filha que não fez nada. Estou cansada de ver as pessoas pensando que não posso fazer nada. Só uma vez gostaria de ser aquela que recebe atenção. Só uma vez gostaria que meus pais me notassem.

— Então pare de reclamar e faça alguma coisa — disse ele. — Você honestamente acredita que Celina está na posição que tem hoje ficando parada e reclamando como uma criança mimada? — Ele não esperou a resposta. A única forma de chegar até Leana agora era deixá-la brava. — É claro que não. Sim, George deu uma chance a ela, mas aquela garota trabalhou duro e não estaria no conselho hoje se não merecesse. Eu conheço George. Ele não teria permitido.

— Você acha que não sei disso?

— Não — disse Harold. — Eu realmente acho que não sabe. Eu acho que você só vê o que quer e não é necessariamente a verdade.

Leana não conseguiu evitar o tom ríspido. — Por que está me dizendo isso?

— Por que eu deveria ter dito isso há anos, em vez de confortá-la com palavras que não significavam nada. A única forma de se transformar em alguma coisa nesse mundo é fazendo você mesma com que as coisas aconteçam. Só porque é a filha de George Redman, isso não significa que tenha que ser tratada de forma diferente de todo o resto. Na verdade, provavelmente significa que terá que trabalhar muito mais duro.

— Fazendo o quê? Eu não tenho nenhuma habilidade. — Ela levantou uma mão. — Olhe isso. Eu sei o que é preciso para fazer o melhor martíni e sei como dormir com estranhos. Isso vai me dar um emprego?

— Talvez nas ruas. O que você tem é uma educação superior e interesses. O

mundo será seu se estiver disposta a trabalhar duro o suficiente. O seu problema é que é preguiçosa. Você sempre foi preguiçosa, Leana. — Ele olhou para o relógio. Harold odiou a si mesmo por ser tão duro com ela, mas talvez, dessa vez, ele a tivesse atingido.

— Ouça — disse ele. — Tenho que encontrar Helen. Mas quero que venha me ver em breve, antes da minha viagem com Eric para o Irã. Juntos, veremos se encontramos alguma coisa que possa fazer. Você não precisa necessariamente da ajuda de seu pai para deixar uma marca. Helen e eu conhecemos quase todo mundo nessa cidade. Talvez eu possa apresentá-la a alguém que lhe dará uma chance.

— Você faria isso por mim? — perguntou Leana.

— Leana, eu a daria para Anna Wintour.

Ela levou as mãos ao peito. — Mesmo?

— Ou Putin.

— Qual é a diferença? Os dois adoram peles.

Ela o abraçou.

— Acredite ou não, eu amo você, Leana — disse Harold.

CAPÍTULO 8

Do bar, Diana Crane observou o casal sair do elevador e caminhar pela multidão. Ela viu Celina rir, viu o homem ao lado dela sorrir e viu os dois de braços dados ao juntarem-se a George e Elizabeth na cachoeira.

O homem era alto e atlético, o cabelo castanho curto, o rosto forte e bonito. Algumas pessoas o reconheceram no caminho, mas ele não pareceu notar. Ela o reconheceu do artigo do *Journal*, Jack Douglas. A atenção dele estava em Celina e, por isso, Diana não poderia ter ficado mais grata e contente.

Ela virou-se para Eric e soube, pelo olhar surpreso no rosto dele, que ele também os estava observando.

— Gostaria de sair daqui? — disse ela. — Já marcamos presença, apertamos as mãos de todas as pessoas certas. George não sentirá nossa falta. — Ela tomou um gole de champanhe. — E, pelo jeito, nem Celina.

Eric não disse nada.

— Há um carro lá fora me esperando — disse Diana.

— Não vou a lugar algum com você, Diana.

— É só para tomar um café, Eric.

— Duvido — disse Eric. — A não ser que estivesse planejando servir o café na cama.

Os olhos de Diana pareciam holofotes sobre o rosto dele. — O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que estou cansado de ver você me perseguindo — disse ele. — Se você acha que vou querer pular na cama com você só porque vi Celina com outro homem, está enganada. Não estou interessado em você. Nunca estive. Nunca estarei. Agora, por que não faz um favor a si mesma e dá o fora daqui? Eu vou ficar.

Diana colocou o copo meio cheio de champanhe no bar. — Eles formam um belo casal — disse ela. — Espero que as coisas deem certo entre eles. — E foi embora, misturando-se pela multidão, ignorando Leana que estivera parada ao lado deles, escutando.

— O que foi aquilo? — perguntou Leana.

Eric balançou a cabeça. — Você não entenderia. — Ele levantou o copo e estudou Leana por sobre a borda. Ela estava linda. — O que está achando da

festa? — perguntou ele.

Ela achou que não tinha ouvido direito. — O que estou achando da festa? — repetiu ela. — Eric, o que pensa que estou achando da festa? — Ela encostou no bar ao lado dele. De onde estava, ela tinha uma visão clara de Celina, que estava parada de costas para a cachoeira, ouvindo Elizabeth, o vestido vermelho destacando-se entre as estrelas da festa.

— Sinto muito — disse Eric.

— Esqueça. — Ela acenou em direção a Jack Douglas. — Quem é ele?

— Não faço a menor ideia.

— Eu acabei de vê-los saindo juntos do elevador da família.

— Como todo mundo viu. Acha que estão saindo juntos?

— Não faço ideia.

— Agora provavelmente não é a melhor hora para descobrir, é?

— Se com isso você quer dizer ir até lá e perguntar a Celina na frente do Papai e da Mamãe, então, não, não acho que seja a melhor hora para descobrir. Mas eu perguntaria a ela. Você tem todo o direito de saber.

— Por que vocês nunca se deram bem?

Antes que ela pudesse responder, as luzes do saguão diminuíram, a multidão ficou em silêncio e a voz do pai dela soou. Leana procurou-o entre o mar de cabeças e viu-o parado no centro da pista de dança, com Celina a seu lado.

— Hoje é uma noite especial para mim — disse George para a multidão. — Ser dono de um prédio da Quinta Avenida era um sonho desde que eu era criança. Mas sonhos são difíceis de realizar, e esse não teria acontecido sem o apoio da minha esposa e a ajuda da minha filha Celina.

Ele olhou para Celina. — Se não fosse por você, não estaríamos aqui agora. — Ele encostou o copo de champanhe no dela em um brinde. — A muitos mais anos trabalhando juntos.

A multidão irrompeu em aplausos. Quando Celina deu um beijo em George, Leana virou o rosto e pediu ao bartender uma garrafa de champanhe. Quando o homem a entregou, ela pegou Eric pela mão e conduziu-o pela multidão.

— Onde vamos? — perguntou ele.

A resposta de Leana foi tão clara quando a dor na voz. — Tirá-la de nossas mentes.

* * *

Eles caminharam pelo corredor em silêncio, Leana ligeiramente à frente, Eric olhando de relance para os aposentos nos dois lados. Eles estavam na cobertura de George e Elizabeth e, ao passarem por uma das salas de estar, um raio iluminou por um instante a gata da família, Isabel, que estava sentada em alerta em um sofá cor de damasco.

Eles entraram no aposento no fim do corredor. Leana parou na porta. Ela olhou para dentro da biblioteca, para a mesa do pai dela, que estava iluminada por um abajur verde. — Eu achei que tinha desligado aquela luz mais cedo — disse ela.

Eric passou por ela e entrou na biblioteca. Ele caiu sentado em uma poltrona e fechou os olhos. Será que um dia a biblioteca pararia de girar?

Leana permaneceu na porta. — Eu sei que desliguei aquela luz.

— Obviamente não desligou, Leana. Ela ainda está acesa.

— Não importa se a luz está acesa. Eu estive aqui mais cedo. Antes de sair com aquele homem da segurança, eu sei que desliguei a luz.

— Então, o que está dizendo?

— O que acha que estou dizendo? Alguém esteve aqui.

— E daí? Poderia ter sido Celina e seu novo homem.

Ela não pensara nisso. — Talvez.

— Você pode abrir aquela garrafa de champanhe? Estou com sede.

Ela cruzou o aposento até onde ele estava e ligou a luz ao lado dele. Eric encolheu-se. — Eu acho melhor você não beber mais — disse Leana. — Você parece horrível.

— Eu me sinto bem demais.

— Espere até amanhã.

Leana foi até a janela atrás dela. No brilho profundo da cidade, arranha-céus finos e negros recortavam-se contra o céu. Eric afundou ainda mais na poltrona.

— Sabe de uma coisa, Leana? — disse ele. — Você é realmente linda.

— Sabe de uma coisa, Eric? Você está realmente bêbado.

— Sabe qual é a minha lembrança favorita de você?

Ela olhou para o reflexo dele no vidro. — Não.

— Você tinha quinze anos, eu a conhecia talvez há uns cinco meses, e me disse que você e sua melhor amiga da época... qual era o nome dela... Asia Alguma coisa?... estavam planejando ir à missa de Natal na Catedral de St. Patrick nuas. Usando longos casacos, claro.

Ela ficou de costas para a janela. — O nome dela é Asia Ward — disse ela, sorrindo. — E ainda somos amigas. Mas dá um tempo. *Essa* é sua lembrança favorita de mim? Se for, sou pior ainda do que pensei.

— É uma delas — disse Eric. — Ainda lembro de você e Asia sentadas entre George e Elizabeth, com o rosto vermelho, tentando não rir, olhando para mim quando ninguém estava vendo. Lembro-me de pensar que Celina nunca faria isso, e foi então que soube que você e eu seríamos amigos.

Leana estourou a rolha da garrafa de champanhe e levou o gargalo à boca. Enquanto bebia, ela se deu conta de que Eric a olhava intensamente. — Eu tenho uma lembrança favorita de você — disse ela.

— E qual é?

— Lembra-se de todas as cartas que me escreveu enquanto eu estava na escola na Suíça?

Ele assentiu.

— Eu era viciada em cocaína na época e você sabia. Eu nunca perguntei como descobriu.

Eric hesitou, a mente enevoada pelo álcool. Então ele se lembrou e explicou. — Naquela semana que Celina e eu fomos visitá-la? Eu precisava de uma caneta e encontrei, na gaveta de sua escrivaninha, sob uma pilha de papel, um frasco de cocaína pela metade.

Leana fechou os olhos. — E você nunca contou a ninguém — disse ela. — Para Celina. Para Mamãe e nem para Papai. Você decidiu deixar que eu cuidasse do problema sozinha, o que não consegui. Mas você acreditou que eu pudesse. Todas aquelas cartas que escreveu, me encorajando, me dizendo que estava lá se eu precisasse de alguém com quem conversar, eu agradeci a você alguma vez? E por guardar meu problema com você?

— Deve ter agradecido, sim.

Leana sorriu. — Você está sendo gentil. Eu estava tão mal, tenho certeza de que não agradeci. Mas vou agradecer agora. É o que nós, viciados, devemos fazer. Obrigada, Eric. Obrigada por acreditar em mim quando ninguém mais acreditava. — Seu tom era sincero.

Ela dobrou os braços e virou-se novamente para a janela. No reflexo do vidro, ela viu Eric levantar-se, cambaleante a princípio, mas com maior controle ao retirar o casaco e jogá-lo sobre o encosto da poltrona.

Logo ele estava parado atrás de Leana, passando os dedos pelo cabelo dela, encostando os lábios em seu ombro nu. Apesar de saber que o que estava acontecendo era errado, que nunca passaria disso, Leana não resistiu. De fato, ela ficou feliz com o toque de Eric. Nesse momento, mais do que qualquer outra coisa, ela precisava ser amada e abraçada.

* * *

Do outro lado do aposento, agachado e imóvel atrás da mesa de George Redman, Vincent Spocatti ouvia. A enorme poltrona de couro estava pressionada com força contra o peito. A cabeça estava torta para baixo e desconfortavelmente para o lado. A arma estava na mão e pronta para atirar se fosse preciso.

Ele estava vasculhando os arquivos na mesa de Redman quando Leana Redman e o amigo dela o tomaram de surpresa ao entrarem na biblioteca. O que o deixava mais enfurecido do que quase ser pego era o fato de que não encontrara nada lá que pudesse interessar a Louis Ryan. Nenhum dos arquivos na mesa de Redman tinha relação com a aquisição da WestTex Incorporated.

Mas havia outras formas de obter as informações de que Ryan precisava. E, se Ryan estivesse disposto a pagar o preço de Vincent, ele poderia consegui-las.

Ele esforçou-se para escutar onde eles estavam e pôde detectar o som de beijos. Ele não sabia por quanto tempo mais poderia ficar nessa posição. Os músculos do pescoço e das costas estavam começando a doer.

E então ele ouviu passos no carpete.

Ele olhou por uma fresta no painel da mesa e viu uma onda de tecido branco, um par de pernas bronzeadas, movendo-se em sua direção. A mão enrijeceu em torno da arma. A luz acima dele clicou e apagou. Spocatti ficou tenso, pronto para atirar. Leana disse: — Lembre-se disso, Eric. Eu desliguei a luz. Não sou louca.

— Sim, você é — disse Eric. — Agora, vamos. Em algum lugar aqui em cima, há um quarto. Deixe-me mostrar a você como eu posso ser louco.

Spocatti esperou até ter certeza de que eles tinham deixado a biblioteca antes de empurrar a cadeira, levantar-se e colocar a arma no coldre. Ele passou as mãos enluvadas no casaco social preto e pensou que essa era a segunda vez que seu disfarce quase fora descoberto por Leana Redman. Ele estirou o pescoço, tentando acabar com uma câimbra.

Dar o troco, ele pensou ao sair da sala e ir para o corredor, *é uma merda*.

* * *

No saguão, Spocatti saiu do elevador, procurou Celina Redman, viu-a perto do bufê conversando com um homem e aproximou-se deles.

— Celina Redman? — perguntou ele.

Ambos viraram-se para olhar para ele. — Sim? — disse ela.

Ele mostrou a ela o cartão de segurança. — Posso falar com você em particular?

* * *

A porta do elevador abriu-se e Celina entrou na cobertura dos pais. *Por que Leana me chamou aqui? O que não poderia ser discutido no saguão?* Ela prometera uma dança a Jack e queria voltar para ele.

Ela podia ouvir o som de vozes no fim do corredor.

Celina foi em direção a ele, finalmente parando em frente à porta de um dos quartos. Apesar de ter escutado apenas fragmentos do que estava sendo dito, ela reconheceu a voz de Leana e soube imediatamente que não deveria estar parada lá, que havia algo errado. Ainda assim, ela escutou. Agora a voz estava mais clara. — Não fique envergonhado. Acontece às vezes. Você bebeu demais, só isso.

Celina aproximou-se mais da porta. — Olhe — disse Leana. — Por que não se deita? Você pode dormir aqui hoje. Mamãe e Papai não vão se importar e prometo que eles não saberão que eu estava aqui com você. Nem Celina. Será nosso segredo.

Naquele momento, Celina entrou no quarto. Leana estava sentada na beira da cama, usando um quimono fino de seda, e virou-se de costas para Eric para encará-la. Apesar de Celina ter notado que a irmã estava nua sob o tecido colorido do quimono, ela não viu o lampejo genuíno de surpresa nos olhos de Leana.

Ela fechou a porta. — Recebi seu recado, Leana. Seu amigo da segurança o entregou.

Surpreso, Eric sentou-se na cama. Ele olhou de Celina para Leana, deu-se conta de que estava nu e puxou um lençol para cobrir-se. — Que recado?

O rosto de Celina estava impassível, mas, por dentro, ela estava furiosa. Ela olhou para Eric. — Não quero ouvir nem uma palavra de você — disse ela. — Nem uma palavra.

— Não é o que você está pensando — disse Eric.

— É exatamente o que estou pensando — disse Celina. — E não quero ver você novamente. O que tínhamos acabou. — Ela olhou para Leana, que agora estava de pé segurando o quimono com as mãos tensas. — Só quero saber uma coisa antes de sair. O que eu fiz para você para merecer isso? Por que você disse àquele homem para encontrá-la aqui?

Leana balançou a cabeça. Ela sentia-se confusa, constrangida e envergonhada. Nunca quis que isso acontecesse. E ainda assim acontecera. Mas como?

— Responda — disse Celina. — Eu tenho o direito de saber.

— Eu não sei do que está falando — disse Leana. — Eu não dei recado nenhum a ninguém.

O silêncio esticou-se entre elas como um fio perigosamente prestes a se romper. Celina virou-se para sair. — Eu não esperava que dissesse a verdade — disse ela. — Você sempre foi uma mentirosa, Leana. E uma covarde.

Com a mão tremendo, ela abriu a porta e estava prestes a sair quando parou e encarou a irmã pela última vez. — Você pode fingir que não sabe do que estou falando, mas eu sei que você planejou isso. Eu sei que você disse àquele homem que era para eu encontrá-la aqui. Eu sei que esperou anos por esse momento. Para me ferir.

Antes que Leana pudesse dizer mais alguma coisa, Celina saiu.

No silêncio que ficou, Eric olhou para Leana do outro lado do quarto. Ela estava se vestindo. Atrás dela, Manhattan era uma parede brilhante de vidro e concreto.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— Atrás dela, é claro.

— Você não acha que já fez o suficiente? — Ele levantou-se da cama.

— Eu não fiz nada, Eric. Esse é o ponto.

Ele olhou para ela incrédulo. — Você acha que fazer com que Celina nos pegasse juntos na cama é nada? Você está louca?

— Se o que ela disse é verdade, eu chamo isso de armação. — Ela deslizou para dentro do vestido. Havia um pequeno rasgão nas costas, perto do zíper. Mais cedo, Eric estava com tanta pressa que rasgou o vestido.

— Você sabe que arruinou qualquer chance que eu pudesse ter com ela, não sabe?

Ela lançou a ele um olhar feroz de aviso. — Isso não foi coisa minha, Eric. Eu já disse isso. Agora, chega. — Ela calçou os sapatos, passou por ele, caminhou até o espelho e arrumou os cabelos. Ela precisava falar com Celina, tinha que descobrir quem dera a ela aquele recado, tinha que limpar seu nome.

Um pensamento cruzou sua mente enquanto ela penteava o cabelo. Leana sempre quisera ferir a irmã – mas nunca assim.

— Sinto muito — disse Eric. — Eu sei que você não teve nada a ver com isso. É só que...

— Desculpas aceitas — interrompeu Leana. Ele estava bêbado. Ela não queria ouvi-lo falar. Ela só queria sair desse quarto e encontrar Celina.

Rapidamente.

— Quem disse a ela? Quem sabia que estávamos aqui?

Ela olhou para o reflexo dele no espelho. — Não sei quem contou a ela. Mas pretendo descobrir. — Ela virou-se em frente ao espelho, grata pelo cabelo cobrir o rasgão na parte de trás do vestido.

— Vou com você — disse Eric e Leana notou, ao virar-se, que ele havia colocado as calças. O resto das roupas dele ainda estavam sobre a cadeira.

— Você precisa ficar aqui — disse ela. — Celina não aguentaria ver nós dois agora.

Ela encaminhou-se para a porta. Ao passar por Eric, ele levou a mão para trás e bateu no rosto dela com força com o cinto que estivera ocultando nas costas.

O golpe tomou Leana de surpresa e ela caiu no chão, o sangue escorrendo do nariz e da boca, manchando o carpete bege. Antes que ela pudesse se defender, antes mesmo que soubesse o que estava acontecendo, Eric sentou-se em cima dela, balançou o cinto e golpeou-a várias vezes nas coxas, nos ombros, no rosto e nos seios.

O vestido dela rasgou-se com o esforço da luta. Seus gritos de dor e de socorro ecoaram no quarto.

— Sua vadia! — gritou ele. — Você sabia o que ela significava para mim. Você arruinou tudo o que Celina e eu pudéssemos ter juntos! — Ele puxou o cinto para trás e golpeou-a novamente no rosto, deixando a bochecha quente e inchada. Uma cortina de estrelas vermelhas brilhou diante dos olhos de Leana enquanto ela lutava contra a inconsciência. Em algum lugar, nos cantos escuros de sua mente, ela se deu conta de que os golpes poderiam matá-la.

E então Eric a socou. Com força. Na boca.

Leana forçou-se a pensar, apesar do entorpecimento. Se ela tentasse resistir, ele a machucaria ainda mais. Ela tentou mover os braços, mas eles estavam presos sob os joelhos dele. E então a mente dela congelou. Ele estava forçando-a a abrir as pernas. Ela sentiu a mão dele levantar o vestido e rasgar a calcinha. Os dedos dele feriam e procuravam.

Leana lutou e estava prestes a gritar quando Eric botou a mão aberta sobre a boca dela. A mão dele estava molhada e ela sentiu um cheiro misturado de uísque e sangue. O sangue dela.

Eric encostou a boca contra o ouvido dela. — Lembre-se — disse ele, empurrando os quadris por entre as pernas dela. — Você queria isso.

E então, Leana inesperadamente relaxou contra ele. Eric olhou para ela com tanta surpresa que involuntariamente relaxou também.

E foi então que ela aproveitou a chance.

Ela mordeu a mão dele com força e o empurrou quando ele se encolheu. Com o coração batendo forte, o senso de direção abalado, Leana levantou-se com dificuldade. A porta estava do outro lado do quarto, a um milhão de quilômetros. Ela correu para a porta.

Tentou correr para a porta.

Eric agarrou sua canela e ela perdeu o equilíbrio. O quarto girou. Ela sabia que era o fim no instante em que sua testa bateu contra o carpete.

Mas Eric não fez nada. Ele estava de pé, subitamente ciente do que fizera. Como ele pudera perder o controle daquele jeito? O que o possuíra?

Ele olhou para Leana. Ela estava deitada de bruços, imóvel, a cabeça enterrada na curva do braço. Havia manchas de sangue dela no carpete. Uma onda de náusea o acometeu e ele ficou imaginando o quanto ela estava ferida. Ela não estava se movendo...

Ele olhou para o relógio. Há quanto tempo Celina saíra? Quatro minutos? Cinco? Se ela contara a George o que vira, ele estaria subindo agora.

O torpor da bebida dissipou-se, ele passou por cima de Leana, trancou a porta do quarto e vestiu-se apressadamente.

Leana esperou. Ela ouviu o som de Eric vestindo-se e olhou para o outro lado do quarto. Ele estava em frente ao espelho, colocando as pontas da camisa para dentro da calça, rapidamente verificando a aparência. Ele estava totalmente vestido agora, exceto pelo cinto que ainda estava segurando.

Ele a encarou. Houve um momento em que seus olhos encontraram-se, quando um universo de ódio passou entre eles, e Eric disse calmamente: — Estas são as suas opções. Você pode limpar-se e fingir que nada aconteceu, ou pode correr para o seu pai e contar tudo a ele. — Ele moveu-se em direção a ela, o cinto balançando como um pêndulo ao seu lado. — E isso seria um erro.

Ele aproximou-se e Leana encolheu-se, os olhos fixos no cinto. Uma parte dele estava manchada de sangue. — Saia — gaguejou ela. — Vou chamar a polícia.

— Você pode fazer o que quiser — disse Eric. — Mas eu juro a você: se chamar a polícia ou falar com o seu pai, vou contratar alguém para ir atrás de você tão rapidamente que nem saberá o que aconteceu. Está ouvindo? Espero que sim. Porque eu vou fazer isso. Eu tenho o dinheiro e tenho os contatos. Se alguma coisa acontecer comigo, você morre. Simples assim.

* * *

A porta do elevador abriu-se e Celina saiu correndo. Ela atravessou a multidão, evitou os olhares interrogativos e não parou até chegar às portas de vidro do outro lado do saguão.

Cortinas de chuva caíam na avenida, chicoteando os vidros e os repórteres na calçada. Ela virou-se para pedir um guarda-chuva a um dos porteiros e viu-se frente a frente com o homem da segurança que lhe dera o recado de Leana.

Ele acenou com a cabeça.

Celina moveu-se na direção dele.

— Aquele recado que você me deu, tem certeza de que veio da minha irmã?

— Ela mesma me disse que era sua irmã.

Ela tinha que estar certa de que Leana realmente fizera aquilo. — Descreva-a.

— Ela tem cabelos escuros longos e é bonita. Eu só falei com ela por alguns segundos.

— O que ela estava vestindo?

— Um vestido branco, eu acho. Que deixava um dos ombros à mostra.

Celina afastou-se do homem. Seu coração afundou. Ela estava prestes a sair quando viu o pai atravessando a multidão, a expressão grave. — Precisamos conversar — disse ele.

Ela queria sair dali, mas não queria que ele desconfiasse de nada. Ela o seguiu até uma área atrás da cachoeira.

— Acabei de falar com a RRK no telefone. Eles estão preocupados com o que aconteceu hoje. Acho que vão desistir do negócio. Eles estão esperando para ver o que a polícia descobre.

— E?

— Se houver a menor indicação de que as bombas foram plantadas naqueles holofotes em protesto ao nosso negócio com a WestTex, eles retirarão o financiamento. Richards disse que será um pesadelo das relações públicas se comprarmos essa empresa tendo em vista o que está acontecendo no Oriente Médio.

— Talvez no começo — disse Celina. — Mas quando o público souber o que fizemos, ficaremos bem.

— Eles estão entrando em pânico — disse George. — Eles sabem que, enquanto não tivermos a WestTex, o acordo com o Irã é somente verbal. Eles acham que há uma forte possibilidade de que a Marinha não entre no Golfo na data que nos disseram. Eles vão recuar. Posso sentir.

— Então, encontraremos outra pessoa.

— Vou almoçar com a RRK amanhã. Se as negociações não derem certo, o que acha de Ted Frostman do Chase?

— Eu gosto de Ted — disse ela. — Ele é um cara legal. Acha que ele pagará?

— Talvez. E Deus sabe o tanto que ele nos deve. Vou marcar uma reunião com ele.

— Acabamos? — perguntou ela. — Quero ir para casa.

George olhou para ela surpreso. — Para casa? Você está bem?

Se ela contasse a ele o que acontecera, arruinaria a noite dele.

— Hoje foi um dia intenso — disse ela. — E estou sentindo cada minuto dele. — Ela olhou para a multidão. — A festa acabará em breve. Já falei com todos com quem precisava falar. Se não se importar, eu gostaria de ir embora.

Estava chovendo quando ela saiu do Redman International. Os membros da imprensa que não tinham sido convidados a entrar começaram a fotografá-la. Ela acenou com a cabeça para o porteiro baixinho e de cabelos brancos parado sob a entrada coberta e, juntos, eles apressaram-se até a limusine estacionada no meio-fio.

A imprensa a seguiu, registrando sua saída para o mundo. Os flashes estouraram. Ela entrou no banco de trás do carro, disse ao motorista para tirá-la de lá e estava em casa quinze minutos depois, empacotando os pertences de Eric.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte à festa, George Redman já havia tomado banho, feito a barba e vestido a roupa de corrida preta em uma hora em que a maioria das pessoas ainda estava dormindo. Antes de encontrar-se com a RRK para o almoço, ele planejara correr cinco quilômetros no Central Park.

Ele saiu da sala de vestir e caminhou até onde a esposa estava deitada imóvel na cama. Eles tinham feito amor na noite anterior e, agora, os lençóis estavam impossivelmente torcidos em volta das pernas pálidas dela. — Vejo você no café da manhã — disse ele, inclinando-se para beijá-la no rosto. — Você já terá levantado?

Elizabeth murmurou algo no sonho, levantou a cabeça do travesseiro e beijou o queixo dele desajeitadamente. — Você está cheirando bem — disse ela e virou-se para o lado. — Não se esqueça de alongar.

Ele encaminhou-se para o elevador no fim do longo corredor. O apartamento estava quieto. Além de Isabel, a gata da família, que estava se limpando em cima de uma mesa de ouropel, ele era o único acordado. O que não era surpresa, considerando que era pouco mais de cinco horas.

Ele entrou no elevador e pressionou um botão. Enquanto os andares passavam rapidamente, George ficou imaginando como seria a reunião com a RRK. Se decidissem não apoiá-lo, ele teria que virar-se rapidamente para Ted Frostman do Chase. Ele chegara longe demais para perder o negócio com a WestTex.

O elevador desacelerou e parou. As portas se abriram e George saiu, feliz de ver que o saguão estava praticamente em ordem novamente. A equipe de limpeza chegara pouco depois do fim da festa e trabalhara a noite inteira.

George saiu do prédio, conferiu a hora no relógio, espreguiçou-se e encaminhou-se para o centro. Logo, ele estava correndo pelos caminhos praticamente vazios do Central Park, pensando em como chegara longe desde a graduação em Harvard.

Quando ele se formara em 1977 e mudara-se para Manhattan, parecia que tudo o que tentava fracassava. Apesar de George vir de família rica, os bancos estavam relutantes em confiar em um novato e ignoraram suas solicitações de empréstimo. Em vez disso, eles decidiram financiar o desenvolvedor

estabelecido no lugar do novato. George sabia que poderia voltar e trabalhar para o pai dele, mas isso significaria desistir de seus sonhos. E ele insistiu, determinado a achar o sucesso.

Ele não veio. Parecia que, quanto mais George tentava, mais fracassava. Só no outono de 1977 as coisas começaram a melhorar.

Louis Ryan, um velho amigo da faculdade, telefonou e contou a ele sobre Pine Gardens, um complexo de apartamentos com mil unidades que recentemente passara por uma execução de hipoteca. George estaria interessado em uma sociedade?

O primeiro erro de George foi dizer que sim. O segundo foi fechar o negócio com um aperto de mãos. O que começara como o início de seu sonho terminou com anos de batalha contra Louis Ryan nos tribunais, somente para perder. Miseravelmente.

Ele terminou a corrida em pouco menos de vinte e quatro minutos. Cansado, ele encostou-se no tronco de um olmo e esticou as pernas antes de deixar o parque. A cidade estava voltando à vida. Carros passavam na Quinta Avenida, viúvas ricas e divorciadas elegantes passeavam com os cães bem aparados em coleiras retráteis e o sol, agora visível, brilhava sobre o conjunto de prédios em torno do Central Park, transformando suas fachadas em ouro.

Ele comprou o *Times* em uma máquina de jornais, colocou-o sobre o braço sem olhar para as manchetes e começou a caminhar pela avenida em direção ao seu prédio, que projetava-se acima dos prédios vizinhos.

Só olhar para ele enchia George de orgulho. O que o novo prédio Redman International tinha de extravagante em design, seu antecessor na Avenida Madison tivera de convencional. Em vez de quatro lados retos, o novo prédio inclinava-se gentilmente para cima, estreitando-se da base até o telhado. Ele superava qualquer coisa na Quinta Avenida, especialmente o prédio da Manhattan Enterprises de Louis Ryan, dois quarteirões ao sul.

Antes de entrar no Redman International, George parou e olhou para o prédio de Ryan. Apesar do decorrer dos anos, a raiva ainda o dominava quando ele o via. Até hoje, ele lembrava-se de Ryan dizendo ao tribunal que nunca houvera uma sociedade entre ele e George. Até hoje, George lembrava-se de Ryan levantando-se e chamando-o de mentiroso por alegar que a sociedade existia.

* * *

Enquanto ele esperava que Michael chegasse para a reunião marcada às 8h00, Louis Ryan estava parado no escritório de canto bem acima da Quinta Avenida, com as mãos para trás, observando uma parede de janelas e fazendo um inventário de seu império.

De onde ele estava, podia ver os inúmeros hotéis, condomínios e complexos comerciais que eram seus há anos ou que estavam em construção. Havia um novo hotel que ele estava construindo na esquina da Quinta Avenida com a Cinquenta e Três. Seria o maior da cidade, a inauguração seria em breve e estava quase treze milhões de dólares abaixo do orçamento.

Ele aprendera a controlar os custos há anos. Quando trabalhavam juntos, George Redman o ensinara bem.

Na Central Park South, o terreno estava sendo preparado para o novo complexo de condomínios de Louis. A demolição de dois prédios anteriores à guerra fora concluída quatro semanas antes, o marco um.

Ele ainda rira do Museu de Arte Metropolitano, que perguntara se ele doaria os quatro frisos Art Deco em semirrelevo que decoravam o exterior de cada prédio. No começo, Louis concordara, não vendo motivo para não doá-los. No mínimo, seria uma boa publicidade gratuita na imprensa para o novo prédio. Mas, quando descobriu que levaria semanas para retirá-los adequadamente, sem falar nas centenas de milhares de dólares de seu próprio bolso, Louis mandara arrancar os frisos, sem querer pagar pelo que ele considerada arte sem valor.

Ele afastou-se da janela e caminhou até a mesa. O escritório era grande e cheio de coisas que ele nunca tivera quando criança.

Nascido no Bronx, Louis viera de uma família pobre da classe trabalhadora. Ele olhou para a fotografia do casamento dos pais no outro lado da sala. Nela, a mãe estava sentada em uma cadeira de veludo vermelho, as mãos no colo, um leve sorriso nos lábios. Ela estava usando o vestido de casamento cor de marfim simples que a mãe e a avó dela tinham usado. Ela tinha dezessete anos na foto e Louis a achava linda.

Parado atrás dela, estava Nick Ryan em um dos poucos ternos que tivera na vida. Era azul-escuro e alguns números maior do que o tamanho franzino dele, mas o sorriso no rosto e a forma desafiadora com que levantava a cabeça faziam com que as pessoas não notassem o terno, mas o próprio homem.

Ele desejava que os pais tivessem testemunhado seu sucesso. No outono de 1968, Nick Ryan fora morto no Vietnã. Quando Louis soubera do destino do pai, rapidamente descobrira o seu próprio. Com treze anos, ele fora atirado à posição de arrimo e as coisas nunca mais foram as mesmas. Enquanto a mãe lavara roupas para fora e tornara-se costureira para ganhar mais um pouco, Louis trabalhara quarenta horas por semana lavando louças no Cappuccilli, o

restaurante italiano no fim do quarteirão e tirara somente notas máximas na escola. Ele e a mãe planejaram o orçamento juntos e conseguiram economizar um pouco para um futuro que hesitavam em enfrentar.

Como equipe, eles eram invencíveis. Quando ele tinha dezoito anos, alguns dias depois de receber uma oferta de bolsa de estudos de Harvard, a mãe ficara doente. Ela estava sempre cansada. Havia inchaços no pescoço e na virilha, as juntas doíam. — Perdi muito peso, Louis. Há sangue nas minhas fezes.

Ele a levara para o hospital. O médico era grosseiro, franco e frio. Depois de examinar Katherine Ryan, ele chamara o filho de lado. — Há buracos nos ossos de sua mãe — dissera ele. — Ela tem câncer e não há mais como tratá-lo. Ela precisa ser hospitalizada, mesmo que seja somente para mantê-la confortável. E sairá caro. Você tem seguro?

Louis olhara o homem nos olhos duramente. — Não temos — disse ele. — Mas temos dinheiro, então cuide dela do mesmo jeito.

E seu inferno pessoal começara. Os tempos eram difíceis e o hospital estava superlotado. A mãe fora colocada em um quarto com três outras mulheres, cada uma lutando para manter a vida que as estava deixando. Louis não esquecia dos dias que se seguiram, trabalhando em três empregos para que pudesse pagar as contas; ficando sem dormir para que pudesse passar algum tempo com a mulher que não mais se parecia com a sua mãe; segurando a mão dela, porque ele sabia que ela estava assustada e sentia falta do marido.

Ele lembrava-se da fileira interminável de especialistas injetando veneno após veneno em um corpo que fabricava seus próprios venenos. Ele observara a mãe lentamente esvair-se. A pele gradualmente ficara grande demais para o corpo. A experiência deixara Louis mais duro. Fizera com que visse as coisas de forma diferente.

No final da primeira semana de internação, Katherine, tão enfraquecida pelas toxinas em seu sistema, esticara a mão e segurara o joelho de Louis. Com a voz incomumente forte e a determinação ainda queimando nos olhos, ela dissera, de forma calma e clara: — Eu sei o que está pensando — dissera ela. — Mas você não vai largar a escola. Não quero nem ouvir falar nisso.

— Mamãe...

— Ouça-me, Louis. Minha vida terá sido à toa se você não tiver sucesso. Deus deu a você aquela bolsa de estudos e Deus me deu esse câncer. Ele me levará, mas Ele não levará aquela bolsa. Você vai para a escola no outono. Você vai ser um sucesso.

— Mas as contas...

— Cuidarão de si mesmas. — O rosto dela suavizara. As drogas tinham enevoado os olhos, que agora eram cinzas como as quatro paredes que os

cercavam. Ela apertara o joelho dele — Você não vê? — dissera ela. — Não vê no que vai se tornar?

Ela morrera três semanas antes de ele começar em Harvard. Na noite anterior à sua morte, ela disse a ele em um sussurro: — Quero ser cremada. Se vou morrer, esse câncer morrerá comigo. Não vou deixar que se alimente do meu corpo por mais tempo. Quero queimá-lo. Terei a última palavra.

Ele concedera o pedido dela e espalhara as cinzas no parque aonde ela e o pai costumavam levá-lo no interior de Nova Iorque. Nesse momento, ele fizera uma promessa. Não importava o quanto custasse, ele conquistaria o mundo dos negócios. Ele se tornaria o melhor dentre os melhores do mundo.

Seu foco não se desviara até o segundo ano em Harvard, quando conhecera Anne.

Ele caminhava para casa uma tarde, quando ouviu o que parecia ser uma mulher gritando e vários cachorros latindo. Curioso, Louis parou para ouvir. Por um momento, ele pensou que estava ouvindo coisas, pois não escutava nada além do barulho do trânsito e o som das árvores sem folhas balançando ao vento de março.

Mas então, subitamente, um grupo de sete cachorros correu pela esquina onde ele estava, quase o derrubando ao apressarem-se em direção a Cambridge, no centro. Louis virou-se e observou-os correndo, as guias de couro caras balançando atrás deles.

E então ele a viu.

— Pelo amor de Deus! — a jovem gritou ao chegar correndo na esquina. — Ajude-me a pegá-los!

Louis correu atrás dela. Ela estava sem fôlego, o rosto vermelho, o cabelo preto longo balançando. Louis estava prestes a perguntar como eles tinham se soltado quando ela parou e as mãos voaram para o rosto. Houve um guinchar de pneus. Inabalado, o cachorro que quase fora atropelado juntou-se a seus amigos e continuou correndo, mas um pouco mais lentamente, enquanto o grupo desviava do trânsito e continuava em direção ao centro da cidade.

— Rápido! — disse ela.

Eles correram novamente, agora mais rápido. A mente de Louis disparou. — Eles estão unidos por uma guia? — perguntou ele.

— Sim!

Ele estava correndo ao lado dela. *Ela é bonita*, pensou ele. — Vou atravessar a rua e ficar à frente deles. Você os atrai para mim.

Os olhos dela se arregalaram. — Como?

— Eu não sei. Fique na frente deles, espante-os na minha direção. Quando eles estiverem próximos o suficiente, pegarei a guia e eles serão seus novamente.

— Ele olhou para o outro lado da rua e apontou para um grupo de árvores. — Ficarei bem ali.

— Não será tão fácil.

— Será — disse ele. — Vá.

Ele começou a atravessar a rua. — Nem sei o seu nome — disse ele. — Eu sou Louis Ryan.

— Anne Roberts — disse ela, começando a correr novamente. — E prometo que, se pegarmos esses cachorros, você não se arrependerá.

Durante o jantar naquela noite, Anne contara a Louis que ela passeava com os cachorros para ganhar um dinheiro extra para a faculdade. Agora, ao lembrar-se daquele dia e dos que se seguiram, quase parecia que a morte dela não tinha acontecido, que George Redman não tinha estragado suas vidas. Mas então, como sempre, Louis lembrou-se daquela noite fria de fevereiro, alguns dias depois que George Redman perdera a apelação final no tribunal, e a primeira memória despedaçou-se.

Ele inclinou-se para a frente na cadeira e pegou a fotografia de Anne da mesa. Quando a mãe morrera, ele fora impotente e não pudera ajudá-la. Ele aceitara a morte dela como aceitara seu próprio destino. Mas a morte da esposa, provocada por um homem, podia ser vingada. Dessa vez, ele não precisava aceitar o inaceitável.

Por anos, Louis fantasiara sobre matar a esposa de George Redman. Por anos, ele imaginara como seria doce tirar do homem o que ele achava que era o maior amor da vida dele. Mas, com o decorrer do tempo e ao aprender mais sobre o assassino da mulher dele, Louis deu-se conta de que, apesar de Redman amar a esposa profundamente, ele também amava a Redman International e a filha, Celina, com a mesma intensidade.

Elas eram a realização da vida dele. Elas não o tinham deixado na mão. Foi então, à medida que a filha e o conglomerado de Redman amadureciam, que Louis despertou. Para fazer com que Redman sentisse a mesma dor que ele sentira por anos, Louis tiraria tudo do homem, sem parar até que a sede de vingança fosse saciada.

Ele ouviu uma batida na porta do escritório. Ainda era cedo, sete e meia. Michael não deveria chegar antes de meia hora. — Sim? — disse ele.

A porta abriu-se e a secretária, Judy, entrou na sala. Quando viu que ele estivera olhando para a fotografia da esposa, ela hesitou, lembrando-se de uma vez, há anos, quando entrara sem avisar e vira lágrimas nos olhos dele enquanto segurava o porta-retrato. Ela virou-se para sair. — Desculpe — disse ela. — Eu só ia adiantar um pouco do trabalho. Jim disse que você estava aqui.

Ela segurava a edição do dia do *New York Times* em uma mão e uma xícara

de café fumegante na outra. — Vim trazer isso para você.

Louis soltou a fotografia de Anne e forçou um sorriso. — Lembre-me de lhe dar um aumento — disse ele. — É exatamente do que preciso agora. Entre.

— Você vai achar o jornal interessante — disse Judy ao cruzar a sala até a mesa. Ela era uma mulher atraente, de quarenta e poucos anos, com cabelos loiros curtos e um nariz que, por pouco, não era grande demais. Ela trabalhava para Louis há quase vinte anos e ficara rica por causa da capacidade de guardar segredos. — Especialmente a primeira página e a seção de negócios.

Louis olhou para ela, intrigado. — O que quer dizer?

Judy colocou o café ao lado dele. — Isso — disse ela ao entregar o jornal a ele. Na primeira página, havia uma fotografia do novo prédio da Redman International, completa com um destaque de um dos holofotes destruídos. A manchete dizia:

DIA EXPLOSIVO PARA GEORGE REDMAN

Antes que Louis pudesse reagir, Judy disse: — E aqui — ao abrir o jornal na seção de negócios. Lá, a manchete dizia:

AÇÕES DA REDMAN CONTINUAM A CAIR;
PLANOS DE AQUISIÇÃO DA WESTTEX CONFIRMADOS

Louis passou os olhos pelo artigo sob a manchete antes de voltar à primeira página para ler sobre os três holofotes nos quais ele mandara Vincent Spocatti colocar os explosivos. Ao terminar, ele olhou para Judy. — E eu achei que hoje seria um péssimo dia — disse ele.

CAPÍTULO 10

Michael Archer acordou com o som de tiros e os gritos das pessoas na rua.

Assustado, ele saiu da cama e ficou frente a frente com seu melhor amigo de quase quatorze anos, Rufus, o golden retriever sentado a seu lado. Ele tinha um prato de plástico mastigado na boca.

Michael caiu deitado de novo no colchão e fechou os olhos. A manhã já estava quente e úmida. Ele virou de lado e olhou para o que se tornara seu único lar: um apartamento de um quarto na Avenida B, com aluguel acima do valor de mercado, que fedia e estava cheio de caixas enviadas do mundo inteiro.

Rufus encostou o focinho no braço dele e Michael levantou. Ao olhar com curiosidade pela janela, ele viu uma pequena multidão na calçada. As pessoas estavam em volta de uma mulher, que estava com o rosto virado para baixo, o sangue espalhando-se ao redor da cabeça. As pessoas estavam falando ao celular, algumas tirando fotografias. *Bem-vindo a Nova Iorque*, pensou ele.

Michael tirou o prato da boca de Rufus e encheu-o com ração seca. Uma barata correu pelo balcão. Não passou desapercebida a ironia de viver agora nesse lixo.

Aos trinta e quatro anos, ele estava entre os homens mais poderosos de Hollywood. Seus filmes tinham faturado milhões, seus livros eram grandes sucessos e ele adaptara quatro deles para as telas, tendo atuado e produzido todos eles. Para o público, ele não só era um excelente ator e escritor, mas também um homem de negócios respeitado. Com os livros e os filmes, ele levara os fãs para outro mundo e dera a eles a fuga que desejavam. Ele era o rei, a estrela. Ele era invencível.

Mas eles estavam enganados.

O público só sabia o que Michael Archer permitia que soubessem. Por causa disso, não tinham como saber que esse apartamento representava a vida dele, e que a vida dele estava em perigo.

Os avisos começaram como pequenos lembretes. Depois de uma compra vultosa, seu agente e os contadores ligaram e sugeriram que reduzisse os gastos. — Você não é o governo, Michael — disseram eles. — Lembre-se, até mesmo você tem limites financeiros.

Michael assentira e escutara, mas logo esquecera-se das palavras deles e,

em vez disso, lembrara-se de seu início em Hollywood, uma época em que o dinheiro era tão escasso que ele tinha sorte quando fazia uma refeição por dia. Naquele tempo, ele não era dono de uma mansão na Itália, uma casa em Boston, uma propriedade em Beverly Hills. Naquele tempo, Michael não conhecia nada além da luta do dia a dia e do cubículo em que morava no lado oeste de L.A.

Para fugir daqueles dias, Michael cercara-se de luxos, frequentemente gastando mais dinheiro em uma semana do que muitas pessoas ganhavam em um ano. Ele nunca imaginara que suas contas bancárias secariam. Até que secaram.

Ele estava de férias em um resort de luxo no Cairo quando seu agente telefonara para dizer que o banco estava prestes a executar a hipoteca das três casas. A Ferrari, o Lamborghini e os dois iates também seriam tomados.

Ele ficou incrédulo.

— Se não tiver no mínimo dois milhões para cobrir as dívidas até sexta-feira, eles vão tirar tudo de você.

— Sexta? — disse Michael. — É daqui a três dias.

— Nós o avisamos, Michael. Não foi nenhuma surpresa.

— Quais são minhas opções?

— Nesse ponto? Você tem duas.

— Quais são elas?

— Você pode falar com o seu pai.

— Foda-se isso.

— Ou você pode jogar.

— Não tenho dinheiro, lembra-se?

— Você pode pedir emprestado — disse o homem. — Um amigo meu administra o Aura em Vegas. Como um favor, posso telefonar para ele e avisar que você passará um fim de semana lá e que um empréstimo não será um risco muito grande.

— E se eu perder e não puder pagar o empréstimo?

— Aí você estará encrencado. É só uma sugestão, Michael, e eu pensaria muito bem antes de aceitá-la. Você deveria falar com o seu pai. Recomendo isso, não jogar.

Mas Michael decidiu jogar.

Como prometido, conseguir o empréstimo não fora um problema. Mas pagá-lo tornou-se um problema. Michael ficara em uma das mesas de vinte-e-um do cassino por horas até perder tudo. Agora, ele devia a Stephano Santiago, dono do cassino e *capo di capi* mais poderoso do crime organizado da Europa, mais de novecentos mil dólares. Era dinheiro de sangue e Michael sabia que, se não pagasse logo a Santiago, o homem o mataria.

Passou-se um dia antes que ele recebesse um telefonema ameaçador de um

dos homens de Santiago. Mais um dia se passou e ele estava em um avião em direção a Manhattan, onde se encontraria com o pai pela primeira vez em quase dezesseis anos.

Ver o pai depois de todos aqueles anos fora um choque. Louis estava mais velho, mais grisalho, mais pesado do que no dia em que Michael saíra de casa, mas ainda era uma fortaleza. Sentado em sua mesa, imaculado em um terno preto de seda, Louis olhou para o filho do outro lado da sala, os olhos tão escuros e condenadores quanto Michael se lembrava. Não demorou muito para Michael sentir-se desconfortável. Louis conseguia fazê-lo sentir-se inferior com um simples olhar.

Relutantemente, ele contou ao pai sobre o problema. E, apesar de Louis ter dito que tomaria conta de tudo, havia aquele tom na voz dele, aquele tom calmo que ele usava sempre que queria algo.

Agora, Michael sabia que tinha a ver com as fotografias de Leana Redman que ele recebera e com seu comparecimento na noite anterior à festa de George Redman. Havia um motivo para que o pai exigisse que ele a conhecesse e isso o preocupava. Seu pai tinha um motivo por trás de tudo.

Ele olhou para o relógio e decidiu que tinha tempo de desempacotar mais algumas coisas antes de encontrar-se com o pai. Ele sentou-se ao lado de Rufus, que cutucou-o no braço com o focinho, e puxou uma caixa marcada como PESSOAL. O primeiro item que tirou da caixa foi, ironicamente, seu primeiro bestseller.

Michael passou a mão sobre a capa empoeirada e esmaecida e lembrou-se de quando começou a escrever o livro. Ele tinha dezoito anos e estava fugindo do pai em um ônibus para Hollywood. Eles tinham brigado na noite anterior e Michael decidira que, não importava o quanto se esforçasse, ele e Louis nunca se dariam bem. E partiu.

Mesmo agora, depois de todos esses anos, Michael lembrava-se de como a briga terminara. Louis dissera a Michael que não o amava e nunca o amara. Ele dissera que gostaria que Michael tivesse morrido, não a mãe dele.

Michael jogou o livro para o lado e colocou a mão mais fundo dentro da caixa. Quando ele pegou o próximo objeto, ouviu um leve tilintar de vidro e o coração afundou. Ele sabia o que era antes de retirar as muitas camada de jornal rasgado e segurá-lo nas mãos. Era uma fotografia emoldurada da mãe, Anne, que ele guardara como um tesouro desde os três anos de idade. O vidro quebrado estava contra o rosto dela.

Michael estava olhando para a fotografia quando ouviu uma batida na porta. Ele largou o porta-retrato e olhou para o relógio. Intrigado, olhou para Rufus, que estava encarando a porta, a cabeça inclinada de tal forma que dava a

entender que ele também sabia que não estavam esperando ninguém. Houve outra batida, mais forte, mais urgente, e o som de passos afastando-se depressa.

Michael moveu-se rapidamente pelo labirinto de caixas e destrancou a porta. Ele a abriu totalmente, saiu para o corredor e quase tropeçou na cesta belamente embrulhada aos seus pés.

Uma rede de sombras ocultava o corredor. Por um momento, ele não ouviu nada além dos vizinhos que gritavam novamente com o filho. Ele sentiu uma presença, sabia que estava sendo observado. Michael voltou para a segurança do apartamento, trancou a porta e esperou.

O tempo pareceu parar. Os vizinhos continuavam gritando. E então, do fim do corredor, veio o som de metal batendo contra metal quando a porta do elevador abriu-se e alguém entrou nele.

A porta fechou-se e o elevador hesitou brevemente antes de começar a descida lenta e barulhenta.

Michael abriu a porta e apressou-se pelo corredor para ver quem estava dentro do elevador. Mas, ao chegar nele e agarrar as barras de metal, só havia sombras sobre uma gaiola de ferro.

Por um momento, ele parou e escutou as sirenes da polícia ao longe. Só agora eles estavam chegando para ver a mulher que levara um tiro mais cedo. Ele ficou imaginando se sua morte espelharia a dela. Um estranho o pegaria de surpresa, puxaria uma arma e o silenciaria com uma bala bem colocada?

Ou eles tinham alguma outra coisa planejada para ele?

Ele voltou ao apartamento, levando a cesta para dentro. Ela estava tão bem embrulhada em folhas de celofane vermelho que ele não conseguia ver o conteúdo. Rufus aproximou-se e Michael fez um carinho nele, mostrando que estava tudo bem. Mesmo sabendo que não estava.

Preparando-se, Michael removeu o embrulho vermelho e jogou-o para o lado.

O fedor foi súbito e esmagador. Michael cobriu o nariz e a boca com a parte de trás da mão e deu um passo para trás, uma nuvem de moscas de fruta voando à sua frente como véus de cinzas. A cesta estava cheia de ameixas podres, pêssegos macios cobertos de mofo, maçãs roídas até o miolo, bananas pretas e cheias de vermes.

Michael sabia quem a enviara antes mesmo de pegar o envelope preso à alça de vime. Dentro dele, estava um bilhete, preciso e cuidadosamente digitado: "Três semanas, Sr. Archer. É o tempo que essas frutas têm, e é o tempo que você tem para aparecer com nosso dinheiro. O valor, então, será um milhão de dólares. Tenha o dinheiro até lá. Se não o tiver, nossa generosidade acabará e sua mãe receberá uma companhia inesperada."

Abalado, Michael amassou o bilhete e jogou-o longe. Ele nunca mencionara a morte da mãe para ninguém, mas, assim mesmo, essas pessoas sabiam. *Mas como? E como eles sabem onde moro? Acabei de me mudar*.

Ele olhou para o relógio e, com um sobressalto, viu que era sete e meia. O pai exigira sua presença às oito em ponto. Michael correu para fora do apartamento e se deu conta de que, se chegasse atrasado, isso poderia lhe custar a vida.

CAPÍTULO 11

Uma nuvem passou em frente ao sol e uma sombra espalhou-se sobre Manhattan, deixando o rosto de Louis Ryan acinzentado em sua presença.

— Quero conversar com você sobre a morte de sua mãe.

Michael endireitou-se na cadeira. Eles estavam sentados no escritório do pai dele, Louis atrás da mesa, Michael em frente a ela. Ele esperava que Louis fosse discutir Leana Redman e a festa ao qual ele fora enviado na noite passada, não a mãe dele.

— Por quê?

— Há coisas que você não sabe.

— Que coisas?

— Muitas coisas. — Louis virou-se na cadeira. — Mas, antes de começar, quero que saiba que eu entendo que deveria ter contado isso há anos, quando você era jovem o suficiente para compreender. Se soubesse pelo que passei nos últimos trinta e um anos, talvez tivéssemos sido mais próximos, como um pai e seu filho devem ser.

Ele fez um esforço para sorrir, mas fracassou. Os olhos entregavam a dor que ele ainda sentia. — Eu teria gostado disso.

Michael ergueu uma sobrancelha. Isso era novidade.

— Lembra-se do que aconteceu quando sua mãe faleceu?

— Ela sofreu um acidente de carro.

Louis caminhou até a janela na parede do outro lado do escritório, onde observou os trabalhadores retirarem a fita vermelha do centro do prédio Redman International. — Não foi um acidente. Sua mãe foi assassinada e o que George Redman fez com ela foi brutal.

Michael não podia ter escutado direito. O rugir súbito em seus ouvidos abafaram as palavras do pai e ele tinha dificuldade em ouvir tudo o que Louis dizia.

— George e eu éramos amigos em Harvard...

— Meu parceiro em um projeto chamado Pine Gardens...

— Sim, eu admito que menti no tribunal. Eu até admito que usei George. Mas eu cresci pobre. Com o pai dele, George tinha acesso a milhões. O único motivo pelo qual o convidei a ser meu parceiro foi porque achei que

precisaríamos que o pai dele fosse fiador de um empréstimo. Quando descobri que poderia comprar Pine Gardens sozinho, eu comprei e ele me processou...

Michael fechou os olhos. *Isso não está acontecendo.*

— Durante anos, George tentou receber a parte dele de Pine Gardens. Durante anos, ele tentou provar que tínhamos uma sociedade. Eu não deixei que ficasse com nada. — Ele pausou. — Essa decisão custou a vida de sua mãe.

Michael olhou para o pai com concentração intensa.

— Sua mãe foi assassinada dois dias depois que Redman perdeu a apelação final no tribunal. Era tarde e estava nevando. Ela estava voltando para casa de uma visita a uma amiga quando George estourou um dos pneus com um rifle. Sua mãe perdeu o controle do carro, derrapou na neve e caiu da ponte que levava à nossa casa. Foi uma queda de mais de vinte metros. Ela não teve a menor chance.

Michael olhou para o pai em busca de algum sinal da mentira que ele tinha certeza de que estava ouvindo, mas não viu nenhum. Era óbvio que ele estava falando a verdade. Para Michael, parecia que alguém lhe dera um tiro.

— Eu nunca consegui provar — disse Louis. — Mas eu sei que foi ele. George Redman matou minha esposa. Sua mãe. No momento em que fiquei sabendo que o pneu havia sido estourado por um tiro, soube que Redman havia puxado o gatilho.

— Como podia saber?

— Além de ter o motivo perfeito, querer se vingar de mim, George Redman é um excelente atirador. Uma vez, quando estávamos na faculdade, ele me levou para atirar no iate do pai dele. Mesmo com o balanço das ondas, George raramente errava. Mas ele é esperto. Ele livrou-se do rifle e assegurou-se de ter um álibi. Quando a polícia o interrogou, ele disse a eles que estava com a filha do Juiz William Cranston, Elizabeth Cranston, hoje Elizabeth Redman, na noite do tiro.

— Não sei como ele fez, mas conseguiu que Elizabeth mentisse por ele. Porque, quando a polícia a interrogou, ela confirmou e George foi descartado como suspeito. Uma semana mais tarde, a polícia concluiu que havia caçadores na mata em um dos lados da ponte. Eles disseram que um tiro perdido estourou o pneu. Apesar da pressão que eu e uma equipe de advogados fizemos, o caso não foi reaberto e George Redman ficou livre.

Todos aqueles anos sem entender o pai chegaram ao fim. Agora, Michael sabia por que Louis nunca discutira a morte de Anne, por que ele ficava irritado sempre que o assunto vinha à tona, por que ele, Michael, não tivera permissão de ir ao funeral da mãe. Agora ele entendia as alterações de humor do pai e aquelas noites em que, quando criança, ouvira o pai chorando no quarto. Agora fazia

sentido.

— Eu queria que tivesse me contado desde o início — disse Michael.

— Eu não queria magoar você — disse Louis. — Você era apenas uma criança quando Anne morreu. Você mal a conhecia. Como eu poderia contar o que ele fez com sua mãe? Se fosse eu, você teria contado ao filho de três anos que a mãe dele fora assassinada? Você o teria levado ao funeral, sabendo como teria sido triste para ele vê-la daquele jeito? Duvido. E, além disso, você não teria entendido.

— Poderia ter me contado quando fiquei mais velho.

— Concordo — disse Louis. — E eu queria. Mas todas as vezes em que tentei contar a você, todas as vezes em que achei que o momento era certo, não conseguia achar as palavras. Eu não podia dizer que sua mãe fora assassinada. Ainda é difícil dizer isso. Então deixei que vivesse com o conforto de não saber a verdade. Eu sei que não verá as coisas assim, mas, de certa forma, eu o poupei da raiva com a qual vivi todos esses anos.

— Por que está me contando agora?

Louis foi até a mesa e pegou um maço de cigarros perto da fotografia de Anne. Ele tirou um, acendeu e soprou a fumaça azul. — Porque o momento é certo.

Ele entregou a Michael o jornal que a secretária trouxera mais cedo e Michael leu sobre a recente queda brusca das ações da Redman International.

— Há trinta e um anos, eu não consegui prender aquele desgraçado pelo que ele fez à sua mãe — disse Louis. — Agora, com as ações dele tendo caído tanto, finalmente tenho o dinheiro e o poder necessários para enterrar George e cada um dos membros da família dele. Todos eles pagarão pelo que George Redman fez com sua mãe. Mas preciso de sua ajuda.

Antes que pudesse reagir, Michael olhou para a fotografia da primeira página que mostrava o holofote caído em frente ao prédio Redman International. Por um momento, ele só ficou olhando, a mente fazendo conexões que ele não sabia que existiam. Ele olhou para Louis. — Você colocou explosivos naqueles holofotes.

— Digamos que eu fiz com que acontecesse.

— Mas você quase matou um homem.

— Mas o homem errado, Michael. George Redman ainda está vivo.

Michael jogou o jornal sobre a mesa. — Você vai matá-lo, não vai?

— É o plano. Mas há muitas coisas a fazer antes desse dia e, quando ele chegar, não serei eu que puxarei o gatilho. Será você. Você o fará por sua mãe. Isso, claro, se ainda quiser que eu pague a Santiago.

Lá estava o motivo pelo qual o pai concordara em ajudá-lo. Michael

balançou a cabeça. Desapontamento, raiva e dor o devoravam. O homem não podia ajudá-lo só uma vez? Ele não podia fazer a coisa certa só uma vez?

Ele empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Posso ser muitas coisas, mas não sou um assassino.

O maxilar de Louis apertou-se. — É melhor pensar duas vezes sobre isso, Michael. O seu próprio assassinato está perto de ser cometido. — Ele olhou para o calendário sobre a mesa. — Quanto tempo Santiago lhe deu para conseguir o dinheiro? Duas semanas? Um mês? O seu tempo está acabando.

— Vou achar outro jeito de conseguir o dinheiro.

Louis apagou o cigarro em um cinzeiro. — A quem acha que está enganando? Se tivesse como conseguir o dinheiro em outro lugar, você o teria feito. Você provou que sou sua última esperança ao vir até aqui.

Ele abriu a gaveta da mesa e pegou seu talão de cheques pessoal. — Se quiser minha ajuda, estou aqui, mas só se estiver disposto a me ajudar a corrigir o passado.

Michael estava prestes a falar, mas decidiu que não adiantaria e encaminhou-se para a porta. Antes de sair do escritório, ele parou e olhou para o pai. Os olhos de Louis estavam frios e amargos como o silêncio que pairava entre eles. — Se George Redman fez o que você disse, então ele tem que pagar pelo que fez com Mamãe. Mas há outras formas. Há a lei. Não é possível...

Louis levantou a mão. — Não diga nada disso a mim, Michael. Diga à sua mãe. É para ela que você precisa explicar, não para mim.

Somente seu pai poderia tornar as coisas mais difíceis do que já eram. — Não sou um assassino.

— Mas sua mãe foi assassinada. Então, por que não pode ser? Todos podemos ser. Por que a justiça tem que ser negada a ela?

Michael saiu da sala.

Quando a porta se fechou, Louis pegou o telefone e digitou alguns números. Michael entenderia seu ponto de vista mais cedo do que esperava. — É Louis, Vincent. — Ele olhou para a fotografia da esposa. Ele jurara há muito tempo que ele e Michael vingariam juntos a morte dela. Michael só precisava de um pequeno estímulo. — Tenho outro trabalho para você, mas precisa agir rapidamente.

* * *

Michael soube que alguma coisa estava errada no momento em que subiu o

sexto lance de escadas e encontrou a porta do apartamento entreaberta.

Primeiro, Rufus surgiu em sua mente. O cachorro estaria latindo se alguém estivesse lá dentro. O intruso já fora embora? Michael não sabia com certeza.

Ele avançou pelo corredor, lentamente, os sentidos aguçados. Viu uma garrafa de vinho vazia jogada perto do elevador, pegou-a e pesou-a com as mãos. A garrafa era pesada e sólida. Poderia fraturar maxilares, quebrar ossos, cortar carne.

Ele passou pelo apartamento à direita e ouviu o som de uma criança chorando, o barulho da televisão que estava alta demais. Uma risada atravessou as paredes finas e acinzentadas. Edith Bunker gritou com Archie.

Michael parou ao lado da porta de seu apartamento, escutando, mas não ouviu nada. A surpresa era sua única chance. Puxando o pé para trás, com a mão apertada em torno da garrafa, ele deu um chute forte na porta e correu para dentro quando ela se abriu.

O apartamento estava mergulhado nas sombras. Michael avançou para dentro da sala. O coração batia forte. Ele passou pelo mar de caixas de papelão, pronto para lutar. Chamou o nome de Rufus uma vez, duas vezes, mas não ouviu resposta. Virou-se para a janela aberta, passou pela cesta de frutas podres e caminhou até a cama. Lá, ele encontrou o corpo mutilado do cachorro deitado em um amontoado ensanguentado.

Por um momento, Michael não conseguiu se mover, não conseguiu falar e nem reagir. O coração parecia ter congelado. Com os lábios abertos, a garganta apertada, a garrafa caiu da mão e bateu no chão de madeira, onde despedaçou-se em uma dúzia de cacos brilhantes.

A náusea o percorreu como uma espada. Com as pernas fracas e a mente girando, ele ajoelhou-se ao lado do cachorro, tocou em suas costas e passou a mão incerto sobre o pelo ensanguentado de Rufus.

O odor metálico do sangue estava por toda parte. Atrás de Michael, havia uma caixa cheia de toalhas, lençóis, panos e roupas. Ele moveu-se como um robô, pegou uma toalha grossa azul-clara e colocou-a sobre Rufus. Em um horror amortecido, ele viu a toalha transformar-se em um carmim escuro. Só quando ele virou-se para pegar outra toalha, foi que viu o envelope preso na porta da geladeira meio enferrujada.

Michael olhou para o envelope. Seu nome estava escrito nele em letras grossas. Ele parecia gritar o nome dele pelo apartamento.

Novamente, ele percebeu as risadas ecoando pelo corredor. Era como se alguém, em algum lugar, estivesse rindo dele.

Ele cobriu Rufus com outra toalha, levantou-se e abriu o envelope. Dentro dele, encontrou um pedaço de papel branco, onde estavam impressas as palavras:

"Você não estava, então deixamos um exemplo do que acontece quando somos ignorados. Consiga o dinheiro logo, Sr. Ryan, ou o próximo será você."

O choque de ver seu nome verdadeiro impresso o deixou aterrorizado. Quanto sabiam sobre ele? Até onde estavam dispostos a ir?

Michael rasgou o bilhete e telefonou para o pai. Ele precisava do dinheiro, não importava o que tivesse que fazer. Ele olhou para a fotografia da mãe jogada no chão a alguns centímetros do corpo de Rufus. Alguém a tinha cortado com uma faca.

— Sim?

— É Michael. Mudei de ideia. Preciso de sua ajuda. Basta me dizer o que tenho que fazer.

Será que ele conseguiria cometer um assassinato?

— O que o fez mudar de ideia?

Michael conseguiu falar por pura força de vontade. — Santiago invadiu meu apartamento e matou meu cachorro.

— Sinto muito, Michael.

— Aposto como sente. Só me diga o que quer que eu faça. — Ele olhou para as toalhas ensopadas de sangue que cobriam seu cachorro. — Farei qualquer coisa.

Incluindo assassinato?

— Por que não vem ao meu escritório amanhã de manhã? Poderemos discutir tudo em detalhes.

Michael disse que estaria lá e desligou o telefone.

Ao ajoelhar-se ao lado de Rufus, ele passou uma mão trêmula nas costas do cachorro. — Sinto muito — disse ele baixinho. — É minha culpa e eu sinto muito. Não sei o que farei sem você. Não sei.

Eles disseram que ele teria três semanas para conseguir o dinheiro. Então, por que isso? De que adiantava matar um cachorro inofensivo? Michael cobriu Rufus com outra toalha e olhou para os restos rasgados da fotografia da mãe. A fúria cresceu dentro dele, tão profunda que só a vingança poderia aplacá-la. Ele podia muito bem ajudar o pai.

Sim, ele cometeria assassinato.

CAPÍTULO 12

O sol atravessou as persianas parcialmente abertas e cortou faixas douradas no rosto adormecido de Eric Parker, nos lençóis cor de creme da cama com quatro colunas e em uma parte do cinto de couro ensanguentado que, junto com o restante das roupas, estava jogado em um amontoado no pé da cama.

Era o fim da manhã de sábado.

Ele acordou com uma dor de cabeça logo antes do meio-dia. Depois de vasculhar a mesa de cabeceira atrás de uma aspirina, ele sentou-se na cama, engoliu três comprimidos de Tylenol a seco e foi para o banheiro, onde tomou água da torneira e aliviou-se.

Ele parou em frente ao vaso e olhou-se no espelho sobre ele. Ele parecia pior do que se sentia. Os olhos estavam inchados e vermelhos, as pupilas ainda dilatadas, o cabelo era uma massa selvagem de ondas escuras, o rosto, normalmente macio e bronzeado, estava cheio de finas linhas cor-de-rosa e ele precisava fazer a barba.

Eric puxou a descarga e deu as costas para o espelho. Independentemente do quanto bebera, a noite anterior ainda estava fresca. Quando ele deixara Leana, pegara o elevador até o saguão, pedira ao porteiro que chamasse um táxi e esperara do lado de fora na chuva, onde não teria chance de encontrar com Celina ou George.

Quando um táxi parou ao seu lado, ele instruiu o motorista a levá-lo para o Redman Place, o complexo de condomínios onde muitos dos executivos sênior da Redman International moravam, incluindo ele mesmo, Celina e Diana. Como não queria cruzar com nenhuma das duas, Eric foi direto para o seu apartamento, tirou as roupas úmidas e encolheu-se na cama, onde rapidamente esqueceu-se da surra que dera em Leana Redman e adormeceu.

Agora, parado sob o chuveiro quente, Eric se deu conta da enormidade do que fizera a Leana. Bater nela com aquele cinto fora um erro grave. Se ele não a tivesse ameaçado, Eric tinha certeza de que ela teria ido à polícia, ou ao pai dela, e agora ele estaria na cadeia, e não no banheiro.

Ele ficou imaginando por quanto tempo ela manteria silêncio. Ela acreditara nele quando ele dissera que contrataria alguém para matá-la? Quando a raiva dela fosse maior – e ele sabia que seria, provavelmente até já fosse – ela

arriscaria achar que ele blefara e falaria com a polícia? Ou com George?

Eric saiu do chuveiro e foi atingido pela compreensão de que, ao bater em Leana, ele dera a ela o poder de chantageá-lo. Leana sabia como ele lutara para chegar ao topo. Ela sabia o quanto sua reputação e seu emprego na Redman International significavam para ele.

Se ela quisesse, poderia destruir tudo pelo qual ele trabalhara.

* * *

Mais tarde, depois de vestir calças de corrida azuis e um blusão de futebol velho e desbotado, Eric sabia que tinha que telefonar para Celina e explicar o que ela vira na noite passada. Se ele deixasse muito tempo passar, o dano seria maior.

Ele foi para a sala de estar, pegou o telefone e discou o número de Celina. Se ela contasse ao pai o que vira, ele sabia que George o demitiria, e todos aqueles anos de trabalho duro teriam sido em vão. Enquanto o telefone chamava, seus pensamentos voltaram para Leana. Se perdesse o emprego por causa dela, ele a faria ver que a noite anterior fora apenas um aperitivo.

Não houve resposta. Eric largou o telefone, calçou um par de mocassins gastos e encaminhou-se para o apartamento de Celina, dois andares acima do dele. Lá, também não houve resposta. Ou ela tinha saído, ou não queria atender a porta.

Ele voltou ao seu apartamento e telefonou para o porteiro.

— Eu mesmo a vi chegando, Sr. Parker, por volta de onze horas ontem à noite. Não, ela não saiu do prédio. Sim, tenho certeza. Tenha um bom dia, senhor.

Eric largou o telefone. Então, ela estava no apartamento. Ele considerou usar sua própria chave, mas pensou melhor. Ela não iria querer nada com ele agora. Se ele entrasse no apartamento dela sem avisar, ela mesma o jogaria para fora ou chamaria a segurança. Eric sabia disso tão bem quanto conhecia a si próprio.

Acabara. Bem no fundo, ele sabia que o que tivera com Celina acabara. E tudo por causa de Leana.

Ele abriu as portas da sacada, que cheirava de leve a rosas e ar da cidade, e saiu. Abaixo dele, a Quinta Avenida fervilhava e o Central Park suspirava. O sol dourava o topo de limusines brilhantes e enormes olmos.

Quando criança, ter um apartamento na cidade de Nova Iorque fora um

sonho. E, apesar de saber que um dia esse sonho se tornaria realidade, ele nunca imaginara que moraria na Quinta Avenida. Talvez no lado oeste de Manhattan, talvez até mesmo em algum estúdio obscuro no lado leste, mas não na Quinta Avenida. E nunca, nunca com vista para o Central Park.

Ele pagara vinte e cinco milhões por essa vista. Ele entregara ao melhor decorador de interiores de Manhattan mais dez milhões para que pudesse dizer aos convidados: "É Art Deco". Na época, ele estivera convencido de que a despesa valera a pena. Quando você é um executivo sênior de um dos maiores conglomerados do mundo, e está dormindo com a filha de George Redman, acredita que seu emprego é seguro e que o dinheiro durará para sempre.

Agora que estava enfrentando a possibilidade de ser demitido, Eric não tinha mais tanta certeza disso.

* * *

Os motivos pelos quais ela o odiava – ou deveria odiá-lo, se pelo menos conseguisse chegar àquele nível – estavam listados nas folhas de papel branco e grudados na geladeira, na mesa, no banheiro e nas paredes do escritório. Ela sabia que o que estava fazendo era imaturo, mas era eficiente.

Ela colocou os bilhetes em todos os lugares onde poderia vê-los facilmente. Ela passara a maior parte da noite escrevendo-os e, agora, quando Diana Crane grudou a lista final na tela do computador, ficou imaginando novamente por que ainda amava o filho da puta.

Ela sabia que não precisava ser assim. Ela sabia que outros homens a achavam atraente (o próprio Eric não dissera isso na noite passada?) e foi esse conhecimento que mantivera Diana inteira. Ela não precisava de Eric Parker. Ela só o queria.

Ela olhou para o telefone sobre a mesa, considerou telefonar para ele e rejeitou a ideia. *Deixe para lá,* pensou ela. *Você é melhor do que isso.*

Mas, mesmo assim, ela pegou o telefone e discou o número dele.

Eric atendeu no terceiro toque. — Alô?

Ele estava em casa. Ela sentiu um ímpeto e estava prestes a falar, quando algo a fez mudar de ideia e desligar. Era ridículo, infantil e ela sabia disso. Desapontada consigo mesma, foi até a cozinha. Ela não estava com fome, mas queria manter-se ocupada e comer era a opção mais lógica.

Ela já havia devorado meia lata de sorvete de chocolate quando a campainha tocou. Diana ouviu, esperando que a pessoa fosse embora. Ela não

estava com humor para companhia. Ela tinha planos firmes de terminar o sorvete e avançar em uma caixa de chocolates.

Mas a campainha continuou a tocar.

Ela foi até a porta, sabendo que estava horrível em jeans azul e uma camiseta branca, mas não se importava. Seja lá quem fosse, teria que aceitá-la do jeito que era.

Ela abriu a porta e viu Eric Parker segurando dois copos de champanhe em uma mão e uma garrafa de Cristal na outra. Ele tinha no rosto o mesmo sorriso torto que ganhara o coração dela anos atrás e Diana o odiou por isso.

— Vim pedir desculpas — disse ele. — Eu fui um idiota na noite passada e sinto muito. — Ele esperou uma resposta, mas Diana ficou firme. — Tudo bem — disse ele, o sorriso murchando um pouco. — Que tal café aqui e almoço no meu apartamento? Podemos conversar, eu posso contar a você o que está acontecendo entre eu e Celina, o que está acontecendo entre eu e você, e depois...

Algo captou seu olhar e ele virou-se para o espelho à direita de Diana. Grudado nele, estava uma das listas dela. Eric leu as primeiras entradas e parou na quarta. — Você realmente acha que eu ando como se estivesse com prisão de ventre?

— Você é tão cheio de merda, como não?

No silêncio que se seguiu, eles se olharam. E então começaram a rir. Diana deu um passo para o lado e acenou para que ele entrasse. — Parece que estou deixando um vampiro entrar — disse ela.

— É tão ruim assim?

— Pior, mas tenho uma estaca em meu quarto, então estou segura. Sente-se. Você está com uma aparência horrível. Vou pegar um remédio.

CAPÍTULO 13

No domingo, Celina pegou o telefone e ligou para a propriedade da família em Connecticut.

Enquanto esperava que atendessem, ela caminhou pela sala de estar, passou pelas caixas de papelão empilhadas no centro e saiu para o terraço.

Era cedo e os sinos das igrejas tocavam em toda Manhattan. Ela olhou para o céu azul, sentiu a brisa surpreendentemente fresca no rosto e observou o sol começar sua subida lenta sobre a cidade. Apesar de já estar claro há horas, o sol recém começara a aparecer no centro da cidade.

O telefone continuava a tocar. — Vamos — disse ela em voz alta. — Alguém atenda o telefone antes que eu perca a paciência.

A linha finalmente fez um clique. — Residência dos Redman.

— Carlos? É Celina. Meu pai já acordou?

— Sim, Srta. Redman.

— Posso falar com ele, por favor?

Desde que era criança, os pais dela passavam os domingos no campo. Algumas de suas lembranças favoritas eram a prática de tiro a disco com eles em tardes preguiçosas de verão.

Levou um momento para George responder. — Onde esteve? — perguntou ele. — Estou tentando falar com você desde ontem à tarde.

Ela ficou surpresa com a urgência na voz dele. — Eu estive aqui — disse ela. — Mas não estava atendendo o telefone. Há alguma coisa errada?

— Errada? Sim, pode-se dizer que há alguma coisa errada. Pode-se dizer que há alguma coisa muito errada. As coisas desmoronaram desde que falei com você pela última vez. Em quanto tempo pode chegar aqui?

* * *

Quando ela chegou à propriedade em Connecticut, encontrou George sentado sozinho na sala de jantar ensolarada, tomando café preto, olhando para a longa fileira de janelas à frente dele.

Celina removeu os óculos escuros e sentou-se na cadeira à frente dele. — Qual é o problema?

— Nosso negócio com a RRK? Não existe mais. Almocei com eles ontem e eles desistiram. Teremos que encontrar outra pessoa para financiar o negócio.

Ela não ficou surpresa. O negócio sempre fora meio incerto. — Eles deram um motivo para a desistência?

— Eles deram uma lista completa de motivos — disse George. — Todos fracos.

— Você não acha que eles tentariam a aquisição por conta própria, acha?

— Isso seria idiota. A RRK sabe que temos a administração. Eles sabem que qualquer lance hostil seria suicídio.

— Pode ser — disse Celina. — Mas eles também sabem que temos informações privilegiadas de seu contato na Marinha. Eles sabem que só queremos a WestTex por causa dessas informações e de nosso negócio com o Irã. É uma coisa tentadora. Eles podem muito bem fazer uma oferta. E não se esqueça, eles conseguiram uma garantia de comprometimento do Citibank para ajudar com o financiamento.

George ficou quieto por um momento, pensativo.

— Poderia acontecer — disse ela. — Não estou dizendo que vá, mas poderia e temos que estar preparados se acontecer.

— Eu sei que poderia — disse George. — Foi por isso que telefonei para Ted Frostman no Chase. Ele estará aqui ao meio-dia. Achei que nós três poderíamos conversar durante um jogo de tiro a discos e pensar em alguma coisa. O que acha?

Depois dos últimos dois dias, a última coisa que Celina queria era jogar tiro a discos com Ted Frostman. Ela não disse nada.

George inclinou-se na cadeira. — Bote para fora — disse ele. — Você saiu da festa cedo. Sua mãe e eu não somos bobos. O que está acontecendo?

Ela não respondeu.

— Há um motivo para você não ter atendido o telefone e para estar tão quieta agora. E esse motivo provavelmente tem a ver com Eric. Vocês dois tiveram outra briga?

Celina moveu-se para falar, mas não queria falar nesse assunto. Eric era como um filho para George. Ela sabia que o pai esperava que eles se casassem e tivessem filhos. Ela sabia que ele esperava que, um dia, cuidassem da corporação juntos.

— É mais do que isso — disse ela.

George esticou as mãos. Celina hesitou, mas depois decidiu que teria que contar a ele em algum momento. Portanto, contou tudo a ele, as palavras saindo

rapidamente. George só falou depois que ela terminou.

— Isso é tudo?

— Não é suficiente?

Ele olhou por cima dos óculos. — Não foi o que eu quis dizer, Celina. — A voz dele estava calma, mas o rosto estava vermelho.

— Eu sei — disse ela. — Sim, acho que é tudo. — Ela virou-se para a janela ao lado e esperou que ele dissesse algo reconfortante. Quando ele não disse, quando não havia nada além de um silêncio pesado entre eles, ela olhou para o pai e ficou surpresa pela raiva que viu nos olhos dele. George estava furioso e Celina imediatamente arrependeu-se de ter contado tudo a ele.

— Eu não devia ter contado nada disso — disse ela.

— Fico feliz que tenha contado.

— Não — disse ela. — Foi um erro.

— Onde está Eric agora?

— Papai...

— Responda-me. Ele está em casa. No apartamento dele?

— Eu não sei. Você acha mesmo que me importa onde ele está agora?

— Depois de devotar anos de sua vida a ele, sim, acho que se importa. — Ele a estudou por um momento. — Você provavelmente ainda está apaixonada por ele.

— Você não pode estar falando sério.

— É claro que estou.

— Sua opinião sobre mim é tão baixa assim?

— Minha opinião sobre você não tem nada a ver com isso.

— Tem tudo a ver com isso. Eu peguei Eric na cama com a minha irmã. Quando você diz que acha que ainda estou apaixonada por ele, faz com que eu pareça uma idiota. Não sou idiota, Papai. — Mas, mesmo ao dizer isso, ela sabia que o pai estava certo. Ela ainda estava apaixonada por Eric.

— Olhe — George disse depois de um momento. — Vou lidar com Leana e Eric. Está bem? Eu mesmo vou cuidar deles. Mas, agora, quero que esqueça que isso aconteceu.

— Esquecer que isso aconteceu?

— Frostman estará aqui ao meio-dia. Preciso que esteja bem. Se ele não se sentir confortável conosco, não se sentirá confortável com esse negócio e não conseguirá vendê-lo para o conselho.

Então, o que importava era a WestTex.

Ela empurrou a cadeira para trás. — Você é inacreditável — disse ela. Ela pegou os óculos escuros e contornou a mesa. — Falo com você mais tarde.

George olhou para ela. — Qual é o seu problema?

— Você está falando sério? — perguntou ela. — Se você não sabe, então com certeza não vale a pena discutir. — Ela saiu da sala e começou a descer o longo corredor. Celina estava ciente de que ele a estava seguindo.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

Ela queria por alguma distância entre eles e apressou o passo. — Eu não sei — disse ela. — Até a seção de autoajuda da livraria?

— Quer parar por um minuto? Por favor?

Celina continuou a caminhar até chegar à entrada e parou.

— Sinto muito — disse ele. — Não sei o que eu tinha na cabeça.

Um milhão de pensamentos passou pela mente dela. — Sabe de uma coisa, Papai? Eu telefonei para você hoje de manhã porque era a única pessoa com quem podia contar. Achei que você poderia ajudar. Nunca pensei que sairia daqui sentindo-me pior do que quando cheguei. Achei que nosso relacionamento era muito mais importante do que qualquer negócio que possamos ter com a WestTex.

Ela desceu a escada de tijolos e entrou no carro. George ficou parado na porta aberta, olhando enquanto o Mercedes cupê dela descia o caminho serpenteante até os portões de ferro preto na base da colina.

Não fora sua intenção magoá-la, mas ele o fizera e estava furioso consigo mesmo. Ele ouviu o som do carro dela parando, imaginou os portões se abrindo, acolhendo-a como ele não acolhera e, em seguida, ouviu o rugir do motor quando o carro saiu em disparada.

Ele ficou imaginando aonde ela estava indo. Se ela não voltasse para a reunião, ele não poderia culpá-la. Ele entrou novamente na casa e foi até o escritório.

* * *

Na mesa do outro lado do aposento havia três telefones. George escolheu um deles e discou o número do apartamento de Eric em Redman Place. O telefone tocou várias vezes antes que uma mulher atendesse, uma voz que George não esperava e que não reconheceu.

Ela parecia sem fôlego.

— Sim? — disse ela.

— Lamento — disse George. — Acho que disquei o número errado.

— George?

Ele hesitou. A voz parecia vagamente familiar agora. E então ele a

reconheceu. — Diana?

— Sim — disse ela. — E você não discou o número errado. Estou aqui com Eric. — Ela estava falando estranhamente rápido. — Ele precisava de uma opinião jurídica sobre a apresentação na qual está trabalhando para a WestTex. Eu ofereci ajuda.

— Acho bom — disse George. — É o seu trabalho. Pode passar o telefone para Eric, por favor?

— É claro.

Ele ouviu o som abafado de uma mão sendo colocada sobre o telefone. Houve uma breve troca de palavras e Eric pegou o telefone.

— George — disse ele. — Que surpresa.

— É? — disse George. — Então deixe-me lhe dar outra surpresa. Eu sei o que aconteceu na noite da festa. Celina me contou tudo.

Silêncio.

— Eu o quero fora da Redman International amanhã de manhã. Você está despedido. Se não estiver fora até o meio-dia, vou prestar queixa por invasão de propriedade. E darei mais um passo depois disso.

* * *

George subiu os degraus de dois em dois.

O quarto de Leana ficava no segundo andar, próximo ao antigo quarto de Celina. Ao descer o corredor, ele viu que a porta do quarto dela estava fechada.

Ou pelo menos ele achou que estava.

Quando ele bateu na porta, ela abriu-se. George esperou um momento, chamou o nome de Leana duas vezes e, quando não obteve resposta, entrou no quarto.

Grandes caixas de papelão cheias de roupas da filha estavam no centro do quarto. Cômodas vazias estavam com as gavetas abertas. Os armários e as paredes estavam vazios.

Ele caminhou pelo quarto, olhando dentro de cada caixa ao passar. Ela havia empacotado tudo rapidamente. As roupas estavam jogadas dentro das caixas. Era óbvio que ela planejava partir assim que possível.

E por que não? Leana sabia que não havia segredos entre Celina e ele. Sabia que, cedo ou tarde, ele a confrontaria sobre o que ela fizera. É claro, ela queria se livrar. Desde que era pequena, fugira das responsabilidades. Agora, enquanto George permanecia parado no meio do quarto, ele sentiu seu vazio

como sentira, durante anos, a raiva que a filha mais sentira. Se ela queria cuidar de si mesma, teria que fazê-lo por conta própria. Não com o dinheiro dele.

Ele desceu a escada e encontrou Carlos, o mordomo, arrumando um arranjo de flores na entrada. Ele trabalhava para os Redman há quase vinte anos.

— Sabe onde está Leana, Carlos? Ela não está no quarto. — Ele tinha a sensação de que ela poderia estar sentada perto do lago, atrás dos estábulos. É para onde Leana ia quando queria ficar sozinha.

Carlos pareceu surpreso. — Ela foi embora ontem à noite, Sr. Redman, antes que o senhor e a Sra. Redman voltassem de Manhattan. Achei que sabia.

— Não — disse George. — Eu não sabia. Sabe que ela está se mudando?

Ele assentiu. — Ela foi embora ontem à noite. Eu ofereci ajuda para levar as malas para o carro, mas ela insistiu em fazê-lo sozinha. Antes de ir embora, ela disse que mandaria buscar o resto das coisas amanhã. Pediu que eu não tocasse em nada até lá.

Apesar de Carlos não contar a George, Leana também o abraçara e o beijara ao dizer adeus. Dissera a ele o quanto fora importante para ela no decorrer dos anos. Dissera que ela se sentia mais próxima dele do que do próprio pai.

— Ela disse para onde estava indo?

— Eu perguntei, Sr. Redman, mas ela não disse.

— Tem certeza? — disse George. — Ela mencionou Manhattan? — Se tivesse, seria um lugar para começar a procurar.

— Não, Sr. Redman. Sinto muito.

George suspirou. — Avise-me se ela vier para casa. E se eu não estiver aqui quando ela vier, *se* vier, tente descobrir onde está morando. Leana sempre confiou em você e é importante que eu saiba.

— É claro... E, Sr. Redman?

— Sim?

— Não é da minha conta, mas estou preocupado com a Srta. Redman. Ela não parecia ela mesma quando saiu daqui ontem à noite.

Isso era novidade. Durante todos os anos em que George conhecera Carlos, ele não conseguia lembrar-se de uma vez em que ele se envolvera em um problema familiar.

— Como assim?

Carlos ficou em silêncio por um momento, a lembrança de ver Leana quando ela voltara da festa ainda fresca em sua mente. Ele estivera em seu quarto lendo quando ouvira a porta da frente bater. Curioso, ele colocara o casaco preto de alpaca e fora para a entrada. Lá, ele encontrara Leana, as roupas amassadas e úmidas da chuva. Os cabelos molhados e escorridos. O rosto dela...

— Carlos?

O homem tomou a decisão e disse: — Era o rosto dela, Sr. Redman. Estava machucado e inchado. Havia marcas no pescoço. Os olhos estavam tão inchados que estavam praticamente fechados. E a boca estava sangrando. Eu olhei o carro, achando que ela tivera um acidente, mas ele estava inteiro. Eu acho que bateram nela.

CAPÍTULO 14

Leana acordou com um sobressalto. Alguém estava batendo na porta do quarto. Ela levantou a cabeça do travesseiro e estremeceu, o movimento súbito causando uma rajada de dor pelo pescoço, ombros e costas.

Ela sentou-se na cama.

Tentou sentar-se na cama. O movimento exigiu um esforço inesperado e Leana logo descobriu que o corpo inteiro doía. *Eric*, pensou ela.

Ela deitou-se novamente e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Os números digitais vermelhos não estavam à vista. Nem a mesa de cabeceira. Ela sentiu-se confusa. E então lembrou-se.

Ela não estava no quarto dela. Estava em uma suíte no Hotel Plaza.

Na noite anterior, antes de sair de casa, ela telefonara para o Plaza e reservara uma das suítes permanentes que a Redman International mantinha para convidados. Ela ficaria aqui até encontrar um apartamento.

As batidas na porta se intensificaram. Leana lutou para sentar-se e escutou. O som vinha da sala ao lado. Ela ouviu uma voz de homem ao longe. — Abra a porta, Leana. Agora.

Ela sentiu um calafrio. Era o pai dela. Mas como? Ela não dissera a ninguém que estava aqui. Como ele descobrira? E então ela soube. Fora trazida aqui na noite anterior pelo gerente do hotel, um amigo de seu pai. Apesar de ele não ter comentado sobre a aparência dela, o olhar dele refletia a preocupação. Leana fez com que ele prometesse que não contaria ao pai que estava aqui. Ela não queria lidar com George e Elizabeth até o momento certo e esperara que o homem mantivesse o silêncio por mais tempo.

As batidas cessaram e Leana ouviu o que parecia ser barulho de chaves. Ela levantou-se, olhou para o reflexo no espelho de corpo inteiro à sua frente e virou-se de costas.

Ela cruzou o quarto, movendo-se através da dor que percorria suas pernas e quadris. Ela não deixaria que o pai visse o que Eric fizera.

Ela estava de costas quando George entrou no quarto. Houve um silêncio e Leana pôde sentir a hesitação de George, senti-lo franzindo o rosto ao olhar em torno do quarto.

Na noite anterior, ela desfizera somente uma das malas. As outras duas, e

mais algumas roupas, estavam amontoadas no meio do quarto.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — O que é isso?

Leana estava parada em frente a uma das janelas do quarto e, no reflexo do vidro, viu George parado atrás dela, as mãos nos quadris. Eles eram tão parecidos quanto duas pessoas o podiam ser. Eles tinham os mesmos olhos azuis, o mesmo cabelo preto, o mesmo temperamento teimoso. Ela ficou imaginando, como o fazia com frequência, como duas pessoas tão parecidas nunca conseguiram ser próximas.

— Responda — disse George. — O que é isso?

— O que parece? — perguntou ela. — Eu saí de casa.

— Importa-se de me dizer por quê?

— Tenho certeza de que falou com Celina. Diga-me você.

— Muito bem — disse George. — Sua irmã disse que você dormiu com Eric. Disse que você planejou tudo para que ela pegasse vocês dois na cama juntos. É verdade?

O tom da voz dele dissera que era verdade e Leana ficou indignada. Ele não podia pelo menos ter dado a ela o benefício da dúvida?

— Eu perguntei se é verdade.

— Honestamente, não.

— Qual parte?

— As duas.

— Acho melhor você se explicar.

Será que era tão difícil para ele acreditar nela? — Não há nada a explicar — disse ela. — Eric e eu não fizemos nada. Eu não armei para Celina.

— Mentira — disse George. — Celina viu vocês dois na cama juntos. Ela falou com seu amigo da segurança. Ele a identificou como a pessoa que deu a ele aquele recado. Agora, admita.

Ela virou-se de frente para ele. — Não vou admitir nada — disse ela. — E não importa quem aquele homem descreveu. Não fui eu.

E então ela viu o olhar de surpresa no rosto de George. E deu-se conta do que fizera. Em sua raiva, ela revelara o que Eric fizera.

Por um momento, George só conseguiu encará-la. Os machucados eram negros e cruzavam-se no rosto inchado de Leana. O lábio superior estava cortado. O bronzeado dela desaparecera.

— Jesus Cristo — disse ele.

Leana virou-se de costas para ele, subitamente furiosa consigo mesma. Como pudera ser tão burra? Como explicaria isso a ele?

— Ele fez isso com você, não foi? — disse George.

Leana passou por ele e caminhou para a porta aberta. Apesar de querer, ela

não podia contar nada ao pai. A ameaça de Eric ainda estava fresca em sua mente. — Não sei do que está falando — disse ela.

— Sim, você sabe — disse George. Ele a agarrou pelo braço e virou-a para que ficasse de frente para ele. — Diga-me a verdade. Eric fez isso, não foi?

— Você está me machucando — disse ela. Ela tentou soltar o braço, mas não conseguiu. — E daí? Vai me bater também?

Ele afrouxou a mão que a segurava. — Só diga-me a verdade. Não minta para mim.

— Então, agora sou uma mentirosa? Solte meu braço.

Mas George não soltou. — Por que está protegendo aquele filho da puta? Diga-me o que aconteceu. O que ele fez com você?

Leana puxou o braço e afastou-se dele. — Ele não fez nada comigo. Está bem? Nada. Agora, deixe-me em paz.

— Não até que me conte o que aconteceu.

Ela olhou para ele incrédula. — E por que se importa? Você nunca se importou comigo. Você nem me ama. Nunca amou.

— Ah, então é isso de novo.

— Isso mesmo — disse ela. — É isso de novo. Que inconveniente para você ter que ouvir a verdade.

— A sua verdade.

— Que seja — disse ela. — Sempre foi Celina e você sabe disso. Mas é o seguinte, Papai, acaba aqui. Saia da minha vida. Não quero saber de você.

George ficou rubro de raiva. — Você tem muita coragem para falar comigo desse jeito.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre o jeito como fui criada.

— Certo — disse ele. — Todos deviam ter uma vida tão difícil quanto a sua, Leana. Uma boa casa, as melhores roupas e os melhores colégios. Tudo o que você sempre teve foi o que o dinheiro podia comprar de melhor.

— Você e seu maldito dinheiro — disse ela. — É só o que importa para você? Quem liga para o seu dinheiro? Eu sempre quis você, não a maldita casa, as roupas nem os colégios. Eu nunca quis nada disso. Tudo o que eu sempre quis foi a sua atenção. Talvez um sinal de que se importava comigo. Mas você nunca estava disposto a dar esse sinal. Sempre esteve preocupado demais com os negócios. E com o dinheiro. E com Celina. Não podemos nos esquecer dela, afinal, ela faz tanto por você.

George estudou a filha por um momento. Ele sentia-se furioso e magoado, culpado e triste, e sabia que era porque Leana dizia a verdade. Ele não fora um bom pai para ela. Somente um bom provedor. Mais nada.

Ele foi até a sala adjacente. Nada poderia ser resolvido aqui e agora. O ar

estava sujo. — Vou embora — disse ele.

Leana seguiu-o até a porta. — Bom.

— Não fique tão feliz — disse George. — Você também vai embora. — Ele abriu a porta e Leana viu dois funcionários uniformizados do hotel esperando no corredor. Era claro, pelo constrangimento em seus rostos jovens, que tinham ouvido a maior parte da discussão.

— As malas estão no quarto — George disse para os rapazes. Ele deu um passo para o lado para que eles as pegassem e olhou para Leana. Ela estava com as costas voltadas para a janela, os braços cruzados, a cabeça erguida um pouco demais. Ela não deu atenção aos rapazes ao passarem em frente a ela. Sua atenção estava em George.

— Você tem duas opções — disse George. — Você pode deixar que coloquem as malas em seu carro e seguir-me até em casa, onde é o seu lugar. Ou você pode me entregar as chaves do seu carro, a chave desse quarto e deixar que coloquem as malas no saguão, porque você não vai ficar aqui. Se quiser ficar por sua conta, então terá que fazê-lo por sua conta, sem a minha ajuda. A decisão é sua.

Sem hesitação, Leana virou-se para a mesa ao lado e pegou a bolsa. Ela tirou as chaves do carro e do quarto do hotel e jogou-as para o pai. O rosto dela estava impassível ao observá-lo pegar as chaves.

George botou as chaves no bolso. — Você está cometendo um erro — disse ele.

— É uma questão de opinião.

— Não — disse George. — É uma questão de fatos. — Ele acenou com a cabeça em direção à bolsa dela. — Entregue-me os cartões de crédito. Todos eles.

Ela fez o que ele pedia, sentindo-se curiosamente libertada ao tirar os cartões da carteira e entregá-los a ele. Ela também tirou o dinheiro e jogou-o aos pés dele. Ele achava que ela não conseguiria cuidar de si própria? Pois bem. Ela mostraria a ele e a todo mundo que conseguiria.

George pediu aos rapazes que juntassem o dinheiro e ficassem com ele. — Eu sei que você tem dinheiro no banco — disse ele a Leana. — Não há nada que eu possa fazer a respeito. Mas também sei que não é muito e acabará em breve. Talvez então, quando realmente não tiver nada, você se dê conta de como era bom quando tinha e volte para casa.

— Como era bom quando tinha — disse ela. — Meu Deus, você é ridículo. Eu nunca vou voltar para casa.

A determinação nas palavras dela e o tom frio da voz o atingiram como um soco. Ela sabia o que estava dizendo? Como ela conseguiria sem ele? Ela nunca

trabalhara um dia na vida. — Você diz isso porque está brava.

— Será que seu ego consegue ficar maior? Escute atentamente. Digo isso porque estou cheia de você, estou cheia de ficar em segundo lugar e porque é verdade.

— Veremos — disse George. Ele virou-se para os rapazes quando eles entraram novamente no quarto. — Garantam que ela saia daqui — ele disse para os rapazes. E foi embora, pela porta, sem olhar para trás.

— Preciso de alguns minutos — Leana disse a eles. — Podem trazer as malas de volta e esperar no corredor enquanto troco de roupa? Não vou demorar.

Quando ela ficou sozinha, afundou-se em uma cadeira próxima e fechou os olhos. Ela sentia-se fraca e exausta. O pai dela fora embora. Depois de todos esses anos, ela finalmente dissera a ele como se sentia. Ela finalmente o enfrentara. Ela deveria sentir-se feliz, então por que sentia vontade de chorar?

Mas não choraria. Ela tomara uma decisão e manteria a palavra. Estava na hora de o resto do mundo saber que George Redman tinha outra filha. Estava na hora de o pai e a mãe virem do que ela era capaz. Leana estava determinada a tornar-se um sucesso, e faria isso sem a ajuda do pai, sem o dinheiro do pai.

Diferentemente de Celina.

No banheiro, ela passou uma escova pelos cabelos, vestiu um par de jeans desbotados e uma camisa de seda branca grande demais, aplicou maquiagem suficiente para ocultar os machucados nas bochechas e na base do nariz. Aqueles em torno dos olhos, ela escondeu com os óculos escuros. Não havia nada que pudesse fazer a respeito do corte no lábio. Era pequeno, mas aparecia.

Quando juntou-se aos rapazes no corredor, ela agradeceu a eles por esperarem. Eles pegaram as malas e ela os seguiu até o elevador. Quando chegaram ao saguão, Leana pediu a eles que colocassem as malas em um táxi enquanto ela usava o telefone. Ela precisava telefonar para Harold Baines. Na inauguração do Redman International, ele mencionara algo sobre ajudá-la a encontrar um emprego. Agora, ela se deu conta de que os contatos dele seriam valiosos.

Quando Harold atendeu, ela contou a ele o que acontecera e perguntou se poderia usar um dos quartos de hóspedes. — Mas só até eu encontrar um lugar — disse ela. — Sim, estou bem. Conto tudo quando chegar aí. — Ela fez uma pausa. — E, tio Harold? Por favor, não conte ao Papai que vou ficar em sua casa. Uma vez na vida, quero que ele fique preocupado comigo. Se é que isso é possível.

O dia estava quente e ensolarado quando ela deixou o Plaza. Uma brisa balançou os seus cabelos e provocou uma sensação agradável contra a pele dela. Quando Leana desceu a escada e entrou no táxi que a aguardava, ela pediu

desculpas aos rapazes por não ter dinheiro para a gorjeta, agradeceu a ajuda e partiu para a casa de Harold, sem notar Vincent Spocatti, que a seguia em outro táxi.

CAPÍTULO 15

— Ela está hospedada na casa de Harold Baines. Eu mesmo a segui até lá.

Louis Ryan virou a cadeira e observou Spocatti atravessar o tapete Aubusson que levava à mesa dele. Para um homem que vivia de matar pessoas, Louis Ryan achou que Spocatti vestia-se excepcionalmente bem. O homem movia-se com facilidade, quase graciosamente, apesar do corpo musculoso.

Aos quarenta e um anos, Vincent Spocatti não era um antigo agente da inteligência nem fora membro do FBI. No entanto, pelo que Louis sabia, ele estudara a oposição e usara suas táticas. Ele era especialista em computadores e um assassino internacional que fizera uma fortuna pessoal com seus talentos. O cabelo era preto e curto, os ossos do rosto pronunciados, com uma covinha profunda no queixo. Há anos, como um dos melhores boxeadores da Marinha, ganhara muitas lutas com os pés rápidos e leves. Nos sete anos em que fora um agente particular, ele nunca fora pego.

Ser impiedoso ajudava. E fora por isso que Ryan o contratara.

— E você tem alguém vigiando agora? — perguntou Louis.

— Dois homens — disse Spocatti. — Baines mora em uma casa na esquina da Oitenta e Um com a Quinta Avenida. Um homem está parado do lado de fora do Met, observando a entrada principal. O outro está em uma van na Rua Oitenta e Um, vigiando a entrada lateral e escutando com um microfone direcional. O dispositivo tem uma função de ultrafrequência que capta conversas telefônicas, inclusive de celulares. Tudo isso ligado a um gravador digital. Ela não dirá uma palavra nem fará qualquer movimento sem que saibamos.

Satisfeito, Louis assentiu. — Você tem certeza de que ela vai ficar na casa dele? Ela poderia estar só fazendo uma visita.

— Ela vai ficar lá — disse Spocatti. — Eu estava parado perto dela quando ela telefonou para Baines no saguão. Ela perguntou se podia ficar no quarto de hóspedes até encontrar um lugar. Tenho a impressão de que eles são próximos.

— Próximos quanto?

— Próximos como pai e filha. Ela o chamou de Tio Harold no telefone e eles passaram bastante tempo juntos na festa.

Louis considerou a informação por um momento. Ele conhecera Harold Baines há anos, em um jantar do prefeito. Apesar do fato de Baines falar oito

idiomas e ser vice-presidente de assuntos internacionais de um dos maiores conglomerados do mundo, o homem participara pouco das conversas. Ele falara somente com as pessoas ao seu lado, seus melhores amigos, George e Elizabeth Redman.

Ele pensou sobre as outras vezes em que vira Harold Baines, em banquetes e festas. Todas as vezes, o homem mantivera-se reservado na companhia da esposa.

— Você viu Baines na inauguração da Redman International — disse Louis. — Qual sua opinião sobre ele?

Vincent deu de ombros. — Eu só o observei enquanto ele estava com Leana, mas parecia estar se divertindo. Ele dançou com ela uma vez. Eles riram e tomaram um drinque juntos.

— Então, ele estava sociável?

— Sim, muito. Por quê?

— Todas as vezes em que o vi, ele nunca foi sociável. Na verdade, ele sempre foi completamente reservado.

— Esse não é o Harold Baines que vi — disse Spocatti. — Mas talvez ele soubesse que devia usar seu chapéu de festa.

— Talvez.

— Quer que eu faça um levantamento sobre ele?

— Se ele é tão próximo de Leana quanto você diz, não vai fazer mal algum — disse Louis. — Coloque seu melhor homem nisso e diga a ele para investigar.

— Mais alguma coisa?

— Depende. Ela e Baines estão conversando agora?

— Posso telefonar e descobrir.

Louis acenou com a cabeça em direção ao telefone sobre a mesa.

— Então telefone.

Spocatti pegou um telefone celular de dentro do bolso da jaqueta e discou. Louis caminhou até a janela. O sol, que ainda não estava acima dos arranha-céus, lançava uma sombra sobre a cidade. Ele olhou para o relógio. Logo, Michael chegaria para a reunião com ele. Ele ficou imaginando como o filho reagiria quando soubesse o que deveria fazer a seguir.

Vincent desligou o telefone. — Eles estão conversando — disse ele. — E você vai gostar de saber sobre o que estão falando.

— E o que é?

— Parece que aconteceu mais coisas na noite da festa do que pensei originalmente.

— Continue.

— Eric Parker deu uma surra em Leana Redman com um cinto. O rosto

dela está um desastre.

Louis fez uma pausa. — Ele bateu nela com um cinto?

— Como a irmã dela, ele acha que Leana me deu aquele recado. Ele a acusou de armar para ele, destruindo seu relacionamento com Celina. — Spocatti deu de ombros. — Ele estava bêbado, perdeu o controle e descontou no rosto dela.

Louis balançou a cabeça. — Redman viu a própria filha daquele jeito e ainda assim a jogou para fora do Plaza? — Ele riu. — Que desgraçado. Ele nem ao menos perguntou o que aconteceu com ela?

— Ele fez mais do que perguntar — disse Spocatti. — Redman perguntou a ela se Eric Parker era responsável, mas Leana não contou nada. Parece que Parker ameaçou de mandar matá-la se alguma coisa acontecesse a ele. O cara é esperto. Se ele não a tivesse ameaçado, estaria na cadeia uma hora dessas.

— Como Baines reagiu a tudo isso?

— Ele está furioso. Eu lhe disse, Leana é como uma filha para ele. Ele quer que Parker pague pelo que fez.

— O que acha que ele fará?

— Nada — disse Vincent. — Baines prometeu manter silêncio. Ele a considera o suficiente para manter a palavra.

— É melhor que mantenha — disse Louis. — Porque, se ele se envolver mais do que já está, vai cair junto com o resto deles.

Houve uma batida na porta do escritório. Michael. Louis gritou para que ele entrasse. A porta abriu-se e Michael entrou. Ele hesitou e olhou para Spocatti no outro lado da sala, e depois para o pai. Pela expressão no rosto de Michael, ele obviamente pensara que estariam sozinhos. Louis ficou imaginando como Michael reagiria se soubesse que Spocatti matara o cachorro dele. *Provavelmente não seria agradável*.

Ele fez as apresentações. — Michael, Vincent Spocatti. Ele trabalhará conosco.

Spocatti deu alguns passos à frente e apertou a mão de Michael. — É um prazer — disse ele. — Li a maioria de seus livros. — E, então, o sorriso virou uma careta. — Lamento o que aconteceu com seu cachorro. Seu pai me contou. Terrível.

Louis viu o olhar de Michael e acenou em direção à cadeira na frente da mesa. Mais tarde, ele diria a Spocatti para manter a boca fechada. — Por que não se senta, Michael? — disse ele. — Não vai demorar.

— Foi ruim? — perguntou Spocatti. — Quero dizer, o cachorro.

Michael virou-se para ir embora. Louis olhou friamente para Spocatti e chamou Michael.

— Por favor — disse ele. — Vincent só está preocupado. Ele também tem um cachorro. Prometo que não vai demorar. Eu sei que você tem outras coisas a fazer. Quer café?

Michael teria adorado um pouco de café, mas não da mão daquele homem. Ele balançou a cabeça e sentou-se relutantemente na cadeira de couro.

Louis virou-se para Spocatti. — E você? Quer café?

— Adoraria.

— Achei que sim. — Ele pressionou um botão e falou no interfone. — Judy, pode trazer dois cafés pretos?

— Creme e açúcar no meu — disse Spocatti.

— Hoje não.

Louis sentou-se atrás da mesa e ficou observando quando Judy entrou com o café. Ela estava usando um vestido branco que acentuava seu corpo esguio e a pulseira de diamantes que ele lhe dera essa manhã. Quando ela serviu o café, Louis sentiu o aroma leve do perfume dela. Não era igual, mas era parecido o suficiente para fazê-lo lembrar-se do perfume que Anne costumava usar.

Quando ela saiu, Louis olhou para Michael. A semelhança com a mãe era impressionante. Dos cabelos escuros aos olhos azuis e à linha quadrada do maxilar, era igual.

— Eu telefonei para Santiago hoje cedo — ele disse para Michael. — Chegamos a um acordo.

Michael endireitou o corpo. — Que tipo de acordo? O que ele disse?

Louis mediu as palavras com cuidado. — Entre outras coisas, ele disse que não teve nada a ver com o seu cachorro.

— E você acreditou nisso?

— Não — disse Louis. — Tenho certeza de que Santiago é o responsável. Também tenho certeza de que você estaria deitado no chão do apartamento se não estivesse aqui falando comigo. Podemos agradecer.

Michael descartou a preocupação do pai. — Qual foi o acordo?

— Em troca da minha palavra de que ele receberá o dinheiro, ele vai deixá-lo viver. Pelo menos por enquanto.

— O que isso significa?

— Significa que não dei a ele minha palavra de que ele receberá o dinheiro. Pelo menos, ainda não. Agora, você não tem muito mais tempo de vida. Um pouco menos de três semanas, para ser exato. Mas eu nem contaria com isso tudo, Michael. Depois do que aconteceu com o seu cachorro, acho que podemos presumir que não dá para confiar em Santiago.

— Você pode? Se eu fizer o que me pedir, você dará a ele o dinheiro?

— É claro.

— Por que será que duvido disso?

— Provavelmente pelo mesmo motivo que me faz duvidar de que você fará sua parte no negócio. Ficamos afastados por tempo demais, Michael. Não conhecemos um ao outro.

— Essa é uma maneira fantástica de nos conhecermos.

Uma sombra de raiva cruzou o rosto de Louis. — Eu nunca lhe pedi que partisse, Michael. Até a publicação de seu primeiro livro, eu não sabia onde você estava morando, como estava ou se estava vivo. Você me largou por dezesseis anos, mudou seu nome e, depois de todo esse tempo, aparece pedindo minha ajuda. Não pense que vai consegui-la sem me ajudar. Não é assim que funciona.

É claro, não é assim. — Diga o que quer de mim.

— Você já sabe o que espero que faça com George Redman.

Michael não disse nada.

— Mas, antes que isso aconteça, há mais uma coisa que quero que faça.

— E o que é?

O olhar de Louis encontrou-se com o do filho.

— Quero que se case com Leana Redman.

CAPÍTULO 16

— Se não for ficar aqui permanentemente, então, pelo amor de Deus, Leana, pelo menos me deixe lhe dar algum dinheiro. Você nunca encontrará um apartamento decente nessa cidade com o pouco que conseguiu economizar nesses anos. Quer morar em um buraco?

— Se precisar, sim.

Harold Baines fez uma careta e afastou-se da janela perto da qual estava parado. O sol da tarde lançava um brilho agradável em seu cabelo grisalho, na camisa xadrez, nas calças cáqui. Ele suspirou. — Esse orgulho e essa determinação que você encontrou recentemente estão me cansando. Quer um drinque?

— É cedo demais para mim.

— Para mim, não. Vou recriar um de seus martínis. Tem certeza de que não quer um?

Leana disse que tinha certeza e observou o melhor amigo de seu pai caminhar até o bar no lado oposto da biblioteca. Ele parecia mais magro. Na inauguração do prédio Redman International, ele parecera exausto em um momento, vibrante no próximo. Ela ficou imaginando novamente se ele estava doente ou se a tensão da aquisição da WestTex estava cobrando seu preço. Ela quase tocou no assunto, mas pensou melhor e deixou o olhar passear pela biblioteca. De longe, esse era o seu aposento favorito da casa.

As janelas enormes, do chão ao teto, mostravam a Quinta Avenida e o Met, agora com os degraus congestionados de pessoas. O prédio parecia dourado sob o sol. Virando-se, ela notou as fotografias em molduras prateadas que repousavam sobre a mesa ao seu lado. Além das fotografias da família dele, duas eram dela: uma quando pequena, a outra tirada no verão anterior em um café em Paris. Naquela viagem, só foram ela e Harold, um longo fim de semana em sua cidade favorita.

Perto da foto, estava a escultura Degas que ela comprara para ele em um leilão em Londres. Era uma bailarina, os pés na quinta posição, as mãos nas costas, a fita cor de rosa nos cabelos. Uma semana antes do leilão, Harold comentara que adoraria ter aquela escultura em particular porque o lembrava dela quando estudara balé. Agora, quando Harold sentou-se à frente dela, Leana

se deu conta novamente de quanto ele significava para ela e como se sentia mais em casa com ele do que com qualquer outra pessoa.

— Quero que procure um médico — disse Harold.

— Eu poderia lhe pedir o mesmo.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você não parece bem. Eu lhe disse isso na noite da festa.

— E eu lembro-me de responder que estava bem.

— Então explique a perda de peso.

— Eu estava engordando — disse ele. — E não me diga que não notou. Estou cortando tudo, exceto martínis e azeitonas. E há o negócio da WestTex, que colocou todo mundo contra a parede. Quem tem tempo para comer?

Ela decidiu que podia acreditar naquilo e desistiu. — Só fico preocupada — disse ela.

— E fico contente, mas agora é minha vez de me preocupar com você. Você é a minha preocupação no momento. Quero que procure um médico.

— Ele não quebrou nada. São só escoriações. Elas sumirão daqui a uma semana.

Ele balançou a cabeça em frustração. — Você é um robô? — perguntou ele. — Alguém cortou os fios dentro de seu cérebro? Não acredito na forma como está lidando com isso. O homem lhe deu uma surra com um cinto e você está sentada aí, calmamente, dizendo que as escoriações sumirão em uma semana. É inacreditável. Você não está furiosa?

A pergunta era ridícula.

— Ele tentou estuprá-la — Harold insistiu. — Provavelmente a teria matado se tivesse dado uma chance a ele.

— Ele também ameaçou contratar alguém para me matar. Preciso lembrá-lo disso?

Harold fez um gesto com a mão. — Eric Parker não tem culhão para fazer isso.

— E se tiver? Você não estava lá, Harold. Eu vi o rosto dele. Ele estava falando sério.

— Bobagem — disse ele. — Aquele idiota é um zé buceta.

— Ok — disse ela. — Você falou em culhões e buceta em menos de dez segundos. Que tal escolher partes do corpo mais agradáveis?

Ele sabia que ela estava tentando deixar o clima mais leve, mas Harold não aceitaria. Ele levantou-se e preparou outro drinque, apesar de não ter terminado o primeiro.

Leana olhou pela janela. Por que ele não podia entender? Ela estava fazendo o máximo para lidar com a situação. Ela estava tentando fazer o que

achava certo. Harold deveria estar orgulhoso dela, não furioso. — Eric pagará pelo que fez comigo — disse ela. — Celina garantirá que isso ocorra. E, se ela não o fizer, eu farei um dia. Você fez uma promessa e espero que a cumpra. Ninguém, especialmente meu pai, pode saber o que aconteceu comigo.

Harold sentou-se novamente. — Seu pai não é tolo, Leana. Ele a viu. Ele já sabe. Mas se ele me perguntar se eu sei de alguma coisa, você tem a minha palavra. Vou bancar o bobo. — Ele mudou de assunto. — Fale-me sobre sua situação financeira.

— Já cuidei de tudo — disse Leana. — Amanhã de manhã, vou até o joalheiro de Mamãe na Park vender as joias que guardei em um cofre. Será o suficiente. — Ela pensou em sua melhor joia, o colar de diamantes e rubis Mogok, e sorriu. — Na verdade, será mais do que o suficiente. Um só colar deverá render mais de cem mil.

Harold não sabia. — Tem mais alguma coisa que possa vender? — Se ela tivesse, ele ficaria mais calmo. Pensar na garota morando em um lugar inseguro o deixava preocupado.

— Há algumas joias na casa que são minhas, mas elas estão no cofre de Papai.

— Você sabe a combinação?

— Sei.

— Então sugiro que pegue um táxi essa tarde e pegue o que puder. Afinal de contas, as joias são suas e você não terá que se preocupar com um confronto com o seu pai. Ele ligou mais cedo. Vai encontrar-se com Ted Frostman essa tarde e espera conseguir um acordo com ele durante um jogo de tiro a discos. Ele nem verá você.

— Mas Mamãe talvez me veja.

Harold não pensara nisso. Quando estava aborrecida, Elizabeth podia ser mais irracional do que George. — É verdade — disse ele. — Talvez você deva esperar. Mas não demais. Seria bem típico de George colocar as joias em outro cofre que você não saiba a combinação. E isso, Leana, você não pode deixar acontecer.

Mais tarde, depois do almoço, ele a acompanhou até a porta. — Não fique sentada no parque por muito tempo — avisou ele. — O sol está muito forte. Você se queimará.

— Eu fico bronzeada, Tio Harold.

— Não nesse calor. Agora, nem mais uma palavra. Sou seu pai enquanto estiver ficando comigo e você fará o que digo. — Ele piscou para ela e eles saíram, sem notar as fotografias que estavam sendo tiradas da van do outro lado da rua nem os microfones que gravaram a conversa deles.

— Quando voltará? — perguntou ele.

Leana deu de ombros. — Em umas duas horas? Só preciso ficar sozinha e organizar as ideias. — Ela levantou o livro que ele lhe dera. — Se esse livro for tão bom quanto diz, posso demorar mais.

— Mas não demore demais. — Ele botou a mão no bolso e deu a ela um pouco de dinheiro. — Não comece — disse ele. — Eu sei. É um empréstimo. Você pode me pagar depois.

Leana agradeceu e deu-lhe um beijo na testa. A pele dele parecia incomumente quente, apesar do ar-condicionado da casa. — Você pode falar comigo pelo celular — disse ela. — Estarei bem. — Ela tocou no rosto dele com a parte de trás da mão. — Tem certeza de que está bem? Você está um pouco quente.

Harold suspirou. — Estou perfeito — disse ele.

* * *

Leana não tinha intenção de ler no parque ou em qualquer outro lugar. Ela tinha um compromisso e estava determinada a chegar na hora.

O homem que ela iria encontrar não aceitaria de outra forma.

Quando havia percorrido um bom pedaço da avenida e tinha certeza de que Harold não podia vê-la mais, ela colocou o livro que ele lhe dera na bolsa de palha pendurada no ombro, acenou para um táxi e pediu que o motorista a levasse ao Meatpacking District.

O trânsito estava pesado. Pareceu uma eternidade até que chegassem à rua Quatorze. Leana olhou pela janela aberta do táxi e viu lojas elegantes e restaurantes onde costumava haver prédios condenados e velhos armazéns.

Os grupos de pessoas em vários estágios de nudez procurando o melhor negócio em heroína, cocaína, metanfetaminas e crack não existiam mais. No lugar deles, estavam os grupos de hoje. Anos atrás, quando ela ainda era menor de idade, costumava vir aqui e frequentar os clubes noturnos gays com os amigos. Fora uma das melhores épocas de sua vida: os clubes eram épicos, da música que tocavam ao clima sexual que promoviam. Ela podia ir até lá e dançar com alguns dos homens mais cobiçados da cidade, sabendo que não queriam nada dela além de uma companhia divertida na pista de dança. E agora os bares estavam quase todos fechados.

Giuliani filho da puta.

Ela pagou o motorista e caminhou até o fim do quarteirão, onde um grupo

de mulheres bem vestidas movia-se em sua direção, provavelmente indo almoçar. Uma van estava estacionada na esquina. Uma mulher com uma criança que gritava fazia o possível para ignorar o escândalo. Leana fez o que lhe fora dito e esperou na esquina durante cinco minutos antes de chamar outro táxi e pedir ao motorista que a levasse a um local na Avenida A. Ela não tinha certeza se isso era realmente necessário, mas sabia que ele tinha seus motivos.

Quando chegou ao local acordado, era uma e meia e ela estava em um mundo diferente, longe da Quinta Avenida. Leana saiu do táxi e sentiu-se inquieta. O ar parecia mais pesado aqui e tinha cheiro de podre que vinha das enormes pilhas de lixo ao longo da calçada.

Ela olhou para as crianças brincando na rua e ficou imaginando que tipo de vida elas tinham. Com os pais vivendo da assistência social e gastando o dinheiro em drogas e álcool, em vez de comida e roupas, como elas poderiam ter uma vida decente?

E lá estava, bem à sua frente, o motivo de ele ter pedido a ela que o encontrasse aqui. Para que ela se lembrasse novamente do outro lado de Manhattan, o lado que ele sempre a acusara de ter abandonado.

Ela lembrou-se do último dia em que tinham se encontrado. Há dois anos, eles caminhavam pela Quinta Avenida e ele gritara que isso tudo era uma ilusão. As lojas caras, os homens e mulheres bem vestidos caminhando apressados na calçada, as carruagens puxadas por cavalos estacionadas ao longo do Plaza.

Essa não era a vida que a maioria das pessoas conhecia, e certamente não era a dele. Era tão distante quanto ela estivera da realidade.

— Você quer saber qual é a realidade de meu povo, Leana? — perguntara ele. — Realidade é ficar imaginando de onde virá sua próxima refeição. Ou como você pagará o aluguel do próximo mês. Ou se seu pai, ou talvez sua mãe, estará bêbado na manhã seguinte, arrastando você para a mesma briga que eles têm há anos, aquela que sempre gira em torno do dinheiro. — Ele viu o desinteresse no rosto dela e pegou sua mão. — Deixe-me mostrar o que quero dizer.

Eles foram até a Madison e pegaram um táxi para o centro, em direção ao Harlem. Leana não queria fazer nada disso. Ela olhou por uma janela e viu as butiques caras dando lugar a prédios decrépitos; as pessoas em roupas caras dando lugar a homens e mulheres sem teto.

Ela não lembrava-se de ter ido tão longe ao norte. Quando passaram pela Rua 135, Mario pedira ao motorista que pegasse o cruzamento para a Quinta Avenida. — Vamos descer ali — dissera ele. — Onde ela se sentirá confortável.

Leana virara-se para ele quando o táxi parou. — Eu não vou descer aqui.

Mario pagara o motorista e abrira a porta dela. — Sim, você vai — dissera

ele. — É a Quinta Avenida. Lembra-se? Agora, mexa-se.

Eles desceram uma rua que não estava limpa, mas cheia de lixo. Eles passaram por grupos de homens e mulheres que não tinham aparência de riqueza, mas de pobreza. Eles passaram por membros de gangues e antros de drogados, crianças grávidas e seus namorados jovens. E então Leana dera-se conta de que ela e Mario eram as únicas pessoas brancas à vista.

A área era um caldeirão de haitianos, chineses, afroamericanos, porto-riquenhos, tailandeses, cubanos, coreanos e albaneses. Aqui era o Terceiro Mundo. Ela pegara a mão de Mario e segurara-a com força. Eles aproximaram-se de um grupo de mulheres. Todas elas eram de meia idade, pobres e furiosas com um sistema que lhes falhara. Os olhos delas pareciam devorá-la ao se aproximar.

Leana não sabia por que sentia-se tão ameaçada. Ela não fizera nada a essas mulheres. Seus revezes não eram culpa dela. Ela devia ser capaz de olhá-las nos olhos.

Mas ela só pôde olhá-las de relance ao passar.

— Viu o suficiente?

Leana vira o sorriso sarcástico nos lábios dele, um traço de zombaria em seus olhos, e largou a mão dele. — Eu vi o suficiente — dissera ela. — Mas deixe-me perguntar algo, Mario. Como acha que pode me julgar quando sua Família, com um caralho de um F maiúsculo, ganha a vida matando pessoas?

O rosto de Mario enrubescera. — O que a minha família faz não tem nada a ver comigo.

— Exatamente — disse Leana. — O que meu pai faz não tem nada a ver comigo. Então você pode enfiar essa sua atitude condescendente no rabo, porque estou de saco cheio de ouvi-lo dizer como sou mimada e vazia quando você não é melhor do que eu.

— Eu nunca disse que você era mimada ou vazia.

— Talvez não em palavras, mas suas ações com certeza o disseram. Por que mais estamos aqui? — Ela afastara-se dele, chamara um táxi e se fora antes que ele pudesse dizer mais uma palavra. Eles não tinham se falado desde então.

Agora, vendo essas crianças e sabendo o futuro que as aguardava, Leana arrependia-se de tudo. Houve uma época em que ela poderia ter simplesmente retirado o dinheiro de sua conta bancária, que o pai mantinha bem cheia, e feito um cheque para ajudar a causa dele. E ainda assim, ela não o fizera. Por que não?

Ele chegou na hora, claro. À distância, ela viu o carro dele vindo pela rua e não se surpreendeu ao ver que era o mesmo carro que ele tinha há dois anos. Eis um homem que podia ter uma frota de Ferraris, mas dirigia um Ford Taurus

preto simples.

Ele parou ao lado dela. Leana arrumou os óculos escuros, esperando que os machucados em torno dos olhos não aparecessem. Ela sabia que apareciam no rosto, mas só um pouco. Ela não queria que ele as visse. Pelo menos, ainda não.

Ele saiu do carro, olhou para ela com aquele sorriso meio de lado e ela sentiu a mesma excitação que sentira há anos, quando eles se conheceram no jantar de um amigo em comum. Ele parecia o mesmo. O cabelo era espesso, escuro e tão encaracolado quanto o dela. Estava só um pouco mais comprido, mas ajudava a suavizar o queixo. O corpo dele – aquele corpo – parecia mais atlético do que nunca. Mario De Cicco, filho de Antonio Gionelli De Cicco, *capo di capi* da máfia de Nova Iorque, era tão atraente quanto ela se lembrava.

Ele contornou o carro e abraçou-a com força, beijando-a uma vez em cada bochecha. — É bom ver você — disse ele. — Faz o que... um ano?

— Dois anos — disse ela. — E aconteceu muita coisa.

— Então vamos botar o assunto em dia durante o almoço. Quero que me conte tudo, especialmente porque seu rosto está todo machucado.

Ao partirem, Mario olhou em torno. — Esse lugar não é o máximo? — perguntou ele. — Eu o escolhi só por sua causa.

— Que surpresa.

Ele apontou para um dos prédios do outro lado da rua. — Aquela é uma casa de crack — disse ele. — Condenada. Na semana passada, uma mulher sufocou o filho de nove semanas porque ela estava escondendo-se da polícia e não queria que fossem atraídos pelo choro da criança. Quando os policiais foram embora, ela fumou o crack que ainda tinha e largou o bebê em uma lata de lixo. Uma senhora mais velha que estava procurando comida o encontrou ainda vivo.

Ele olhou para Leana. — Então, como estão as coisas na Quinta Avenida?

Leana colocou o cinto de segurança. Ela não ia deixar por menos. — Está uma merda — disse ela. — A recessão jogou os preços da Barney lá embaixo. As pessoas estão reduzidas a alugar o Louis mais recente, em vez de comprá-lo. O mercado imobiliário foi parar no inferno. Uma cobertura de 30 milhões agora só custa 20. Pode imaginar? É um show de horrores. A única boa notícia é que agora você encontra uma mesa em qualquer lugar, a qualquer hora. — Ela sorriu para ele. — Falando em comida, estou faminta. E aquele almoço?

— Justo — disse ele. — Vamos comer um sanduíche.

Ao afastarem-se do meio-fio, a van que estava parada na esquina os seguiu.

CAPÍTULO 17

O bar no Mario's estava repleto. Algumas pessoas estavam assistindo ao jogo dos Yankees na televisão sobre o bar. Outras conversavam empolgadas. Não era um restaurante grande, só tinha lugar para setenta pessoas, mas a atmosfera era aconchegante, a comida era boa e a equipe era treinada a ponto de lembrar-se de nomes.

Aninhado na Terceira Avenida, a clientela ia de funcionários comuns de colarinho azul aos diretores de empresas. Quando Leana e Mario entraram no restaurante, houve uma breve pausa na conversa quando todos viraram-se para cumprimentá-lo, os rostos sorridentes e respeitosos.

Leana estava consciente dos olhares observadores ao seguirem uma mulher de cabelos escuros até uma mesa de fundo, coberta com uma toalha branca lisa, com louças e talheres simples. Era claramente a mesa de Mario, Leana pensou. Não era acintosa, mas estava posicionada de tal forma que todo o restaurante ficava à vista.

Apesar de sentir-se tola, ela não removeu os óculos escuros.

Mario pediu uma garrafa de vinho. — Pediremos a comida depois — ele disse para sua tia Rosa, piscando quando ela se afastou. Ele notou que Leana observava o restaurante e perguntou se ela o aprovava.

— É lindo — disse Leana. — E obviamente um sucesso. Quando você o comprou? Você não o tinha quando estávamos juntos, tinha?

— Eu o comprei no último Natal — disse ele. — A família precisava de um lugar onde pudessem comer em paz, então eu abri o Mario's. Assim, não há problemas.

Ela decidiu não perguntar o que ele queria dizer. Ela ficou feliz ao ver Rosa trazer o vinho e mais feliz ainda quando ela e Mario começaram a conversar. Pelos trinta minutos seguintes, eles conversaram e beberam, lembrando-se do passado. O caso deles durara apenas seis meses, mas fora poderoso.

Quando Rosa voltou, Mario pediu o almoço. Quando ela se retirou, ele perguntou a Leana se a polícia descobrira quem colocara os explosivos nos holofotes.

— Eu não saberia — disse ela.

— Você soa como se não se importasse.

— É porque não me importo.

— Ainda tem problemas em casa, hein?

— Isso foi uma pergunta?

Ela ergueu o copo de vinho e deu um gole. Houve uma época em que contara a Mario coisas sobre sua família que ela só compartilhara com Harold. Eles eram bem próximos. A compreensão de Mario, seu apoio e o fato de que ele não julgava seus sentimentos eram alguns dos motivos pelos quais ela se apaixonara por ele.

— Eu saí de casa ontem à noite. Resolvi tentar a sorte sozinha.

Mario pareceu surpreso. — Onde é o seu apartamento?

— Estou com uns amigos.

— Você saiu de casa sem ter um lugar para onde se mudar? — Ele recostou-se na cadeira. — Muito bem — disse ele. — Por que não me conta o que está acontecendo e como isso está conectado ao corte em seu lábio, aos machucados em seu rosto e àqueles em torno dos olhos que está tentando esconder? Você me telefonou por um motivo. Quero saber qual é e como posso ajudar.

Leana retirou os óculos e contou tudo a ele. Ela contou a ele o que Eric Parker fizera. E contou a ele sobre a reação e o ultimato do pai. Quando ela terminou, a raiva de Mario espelhava a sua própria.

— Pensei muito sobre tudo isso — disse ela. — Pensei sobre a ameaça que Eric fez e pensei sobre as consequências. Mas não posso deixar que ele se livre do que fez comigo, com ou sem um contrato. Tenho certeza de que meu pai vai despedi-lo, mas não é suficiente. Eric conseguirá um emprego em outro lugar e ficará por isso mesmo.

— Não precisa ser assim — disse ele.

— Eu quero que ele se machuque tanto quanto ele me machucou.

— E ele deveria.

— Não posso fazer isso sozinha — disse ela. — Obviamente. Basta olhar para mim. Vai me ajudar?

— Você ganhou a minha ajuda no momento em que ele fez isso.

Ela colocou a mão sobre a dele. — Eu tenho Harold e agora tenho você. Houve momentos, durante esses anos, em que senti muita saudade de você e me arrependi de ter terminado tudo.

— Sempre podemos começar de novo, sabia?

Ela olhou para ele com tristeza. — Eu sei — disse ela. — Mas você ainda está casado, Mario, e eu lhe disse uma vez que nunca mais ficaria em segundo lugar na sua vida. Agora, preciso de você como amigo. Pode fazer isso por mim?

Ele colocou a mão sobre a dela. — Posso fazer isso — disse ele.

* * *

— Precisará do carro, Sr. Baines?

Harold desceu a escada de mogno e sorriu para o homem alto e grisalho parado na entrada da casa.

— Não é necessário, Ted. Não vou longe. Acho que vou caminhar.

Ele entrou no escritório, ao pé da escada, e pegou a maleta de couro que deixara lá mais cedo. Ele trancou a porta atrás de si ao sair.

— Quando Helen voltar do almoço, pode dizer a ela que não virei para o jantar? Tenho um jantar de negócios. Vou chegar tarde.

— É claro, Sr. Baines.

Quando saiu do apartamento, Harold entrou na Rua Oitenta e Um. Uma limusine o aguardava na esquina. Ele entrou e disse ao motorista para se apressar.

O tráfego arrastou-se, parou, e arrastou-se novamente até o final do Lower East Side. O motorista atravessou dois sinais vermelhos e quase bateu em um terceiro. Harold passou a mão sobre a maleta e fechou os olhos, mal prestando atenção às buzinas que soavam ao redor. O motorista parou em frente a um prédio próximo do Houston.

Harold olhou pela janela e viu uma cena que estava tão longe de sua vida na Quinta Avenida que o deixou inquieto.

As pessoas estavam procurando crack, vendendo crack, fumando crack, dentre uma série de outras drogas. Ele viu uma mulher mais velha encostar-se contra a lateral de um ônibus abandonado e amarrar um tubo de borracha em torno do braço. Ele desviou o olhar antes que ela injetasse a heroína e olhou para o prédio à sua direita. Ele conferiu o endereço para ter certeza de que era o lugar certo, viu que era e pediu ao motorista para voltar em três horas.

— Espere por mim se eu não estiver aqui — disse ele ao homem, e saiu do carro em tempo de ver uma van e dois Bentleys parando à sua frente. Harold pensou que os carros pareciam ridículos aqui. Não era com frequência que esse pedaço da cidade via carros que valiam meio milhão de dólares.

Mas fazia parte da diversão.

Ele entrou no prédio. Dentro dele, contra uma parede amarelada, um homem escuro de cabelos pretos vestia calças de couro preto e nada mais. Era bonito e atlético, o rosto e o peito depilados, os mamilos com piercings.

O homem acendeu um baseado, deu um trago profundo, segurou a fumaça e

a soprou no rosto de Harold. Nada o faria apressar-se.

Ele acenou com a cabeça em direção à maleta na mão de Harold. — É o seu cartão de membro?

Harold assentiu.

— Então entregue-me.

Harold fez como lhe foi dito e separou-se dos dez mil dólares.

Ele subiu um lance de escada. As luzes eram fracas e uma música agitada vinha do andar de cima. Ao longe, ele ouviu alguém gritar, depois rir, e então gritar novamente. Uma mulher...?

Ele subiu a escada mais rapidamente, a empolgação familiar começando a invadir seus sentidos. O segundo andar não tinha paredes. As janelas estavam fechadas e pintadas com tinta preta. As luzes pulsavam em tons de vermelho, sincronizadas com a música. Gaiolas de metal com corpos nus e contorcidos agiam como paredes. O ar era uma mistura de álcool e suor.

Harold entrou em uma fila de homens e mulheres que tiravam a roupa e a entregavam no balcão. Ele reconheceu um ator famoso, o presidente de um conglomerado poderoso, um senador americano, dois padres. Ele começou a desabotoar a camisa.

O lugar estava cheio de gente. Ele caminhou nu pelo aposento, acenando para homens com segredos, com passados. Homens como ele mesmo.

Em uma das gaiolas de aço, um homem estava embrulhado em plástico, da cabeça aos pés. Logo o mestre dele começaria o trabalho. Além da gaiola de aço, havia uma piscina rasa cheia de urina. Nela, estava uma mulher deitada de costas olhando para um círculo de dez homens que se masturbavam sobre ela. Em cantos obscuros, homens solitários, drogados com seja qual for a substância que estava circulando, apalpavam, posavam e observavam. E, finalmente, na última gaiola de aço, estava o motivo da vinda de Harold.

O homem parado atrás da faixa de couro preto estava nu, exceto pelo capuz de carrasco que usava. Ele era alto e claramente gordo, as costas e o peito cobertos com pelos escuros e grossos. Uma luva de látex subia pelo braço direito. Ela brilhava com lubrificante.

Harold o reservara especificamente pela grossura dos braços.

Ele assentiu para o homem quando ele se aproximou. Ao assentar-se sobre a faixa, pensamentos de Helen, George e Leana passaram rapidamente em sua mente. Ele pensou em seus três filhos, em sua vida na Redman International. E então ele encolheu-se quando os dedos do homem, e depois o punho e o antebraço, começaram a pressionar dentro dele.

Ele começou a transpirar. Os olhos encheram-se de lágrimas. Ele sentiu um flash súbito de culpa e estava prestes a parar com isso quando o homem colocou

um inalador de cocaína em sua narina.

Harold encontrou o olhar do homem e respirou fundo. Houve um surto medicinal e ele quase engasgou. Ele não cheirara cocaína desde a noite da festa, momentos antes de dançar com Leana. O fato de que ela notara uma mudança nele e suspeitara de que havia algo de errado ainda era muito difícil e aterrorizante de absorver. Se alguém descobrisse sobre sua outra vida, Harold não sabia o que faria.

Ele inalou novamente. E de novo. Ele não sentia dor agora, somente um êxtase doce e enevoado. Não era só a cocaína. Era algo mais. Harold sentiu prazer. Ele começou a flutuar.

Ele concentrou-se no homem parado acima dele e só viu os olhos escuros emoldurados pelo capuz preto. Harold pensou que eles eram os olhos mais lindos que ele já vira. Ele tentou erguer uma mão para remover o capuz, mas, apesar da sensação de flutuar, o braço estava estranhamente pesado e ele só conseguiu erguê-lo uns poucos centímetros.

E ele fechou os olhos. Agora, ele estava velejando, o corpo em um plano mais alto. Ele esperara quatro semanas por isso, quatro longas semanas, e estava feliz por estar aqui, feliz por ter gasto o dinheiro. Valera a pena.

* * *

— Quer que eu enfie meu pau em seu rabo?

Parado na parte de trás do aposento pouco iluminado, de costas para uma das gaiolas de metal, Vincent Spocatti ficou de costas para Harold Baines por tempo suficiente para olhar para a mulher parada ao lado dele. Ela era alta e atraente. Nessa luz, o cabelo dela era vermelho e fazia cachos em torno dos mamilos nus.

— Meu pau é grande — disse a mulher. — O padre adorou. Ele o fará gritar.

Ele estava ciente da mão da mulher movendo-se entre suas pernas. Spocatti olhou para baixo e viu o enorme pênis de borracha saindo da vagina dela. Era preto e estava liso com lubrificante e sabe Deus o que mais. A mão dela movia-se sincronizada com a música.

— Você tem ritmo — disse ele.

— Tenho mais do que isso.

— Talento?

— Foi o que me disseram.

— Pena que tenho que recusar — disse ele, passando um dedo pelo lábio inferior. — Gosto de uma boca marrom.

— Sem problemas — disse ela. — Não é o meu negócio mesmo.

Apesar do baixo nível, o tom da voz dela carregava um toque de privilégio e sofisticação. Ele ficou imaginando quem ela era quando não era apenas a mulher bonita com o pinto falso saindo da vagina. Ele acenou com a cabeça em direção a Harold, que estava se contorcendo, chegando ao clímax. — Acho que meu amigo ali adoraria ter você.

A mulher olhou com esforço sob a luz vermelha piscando. Quando ela viu Harold, o reconhecimento passou por seu rosto e a mão parou de acariciar o pênis de borracha. Ela ficou olhando para Harold.

— Seu amigo é um idiota — disse ela. — Há dois meses, ele mijou na minha boca depois que disse a ele para não fazê-lo.

Spocatti ficou alerta. — Só o mijo?

— É suficiente. Ultrapassa um limite. Não é para mim.

— Todos temos nossos limites. Há quanto tempo foi isso?

A mulher deu de ombros. — Não sei, uns dois meses?

— Com que frequência ele vem aqui?

— *Aqui*? — Ela olhou para ele intrigada. — Essa é a nova primeira vez aqui. — Ela inclinou a cabeça. — Você é novo?

Spocatti admitiu que sim.

— Nós nos mudamos bastante — disse ela. — Disseram isso a você?

— Ainda não — disse ele. — O outro grupo a que pertenço tem um lugar de encontro específico. — Ele deixou passar um momento de silêncio. — Com que frequência você o vê em lugares como esse?

— Você faz com que nosso clube pareça uma doença.

— Não foi o que eu quis dizer...

— Você é policial?

— Não — disse Spocatti. — Definitivamente não sou policial.

— Você teria que me dizer se fosse.

— Não sou policial.

— Então por que todas essas perguntas? O que é isso? Uma porra de uma inquisição?

Ele estava prestes a falar quando ela levantou a mão. — Não importa — disse ela. — Não quero saber. — Ela tirou o pênis de borracha da vagina e apontou para Harold Baines. — Sou membro desse clube há anos. E ele também. — Ela virou-se para ir embora. — Se não se importa, vou procurar alguém que veio aqui para foder, não para conversar.

Enquanto ela se afastava, Spocatti olhou ao redor meio atordoado, vendo

coisas sobre as quais só tinha lido ou ouvido falar, mas que nunca testemunhara de verdade. A ideia de que essas pessoas, esses membros da sociedade de Nova Iorque, tinham pago dinheiro de verdade para vir aqui era hilária.

Para conseguir entrar, tudo o que Vincent precisara fazer fora mostrar a arma para o porteiro.

Ele voltou a atenção para Harold Baines. O homem estava gemendo agora, a cabeça balançando de um lado para o outro. Spocatti olhou para o relógio e ficou pensando quanto tempo mais Baines levaria. Ele esperava que não demorasse demais.

Vincent queria contar tudo a Louis Ryan até o cair da noite.

CAPÍTULO 18

O jovem que trabalhava no Redman Place olhou para as três caixas de papelão empilhadas na entrada do apartamento de Celina. Ele pegou duas delas, calculou que pesavam quase trinta quilos cada, olhou para o resto das caixas e depois novamente para ela. — Ele voltou da Redman International há uma hora. Acabei de ajudar a carregar um monte de caixas para o apartamento dele.

A curiosidade faiscou nos olhos de Celina. O que Eric estaria fazendo na Redman International em um domingo? — Quantas caixas?

— Oito?

— Você sabe o que tinha dentro delas?

O jovem deu de ombros. — Suprimentos de escritório?

— Suprimentos de escritório?

— Talvez não. Eu não sei. Só dei uma olhada rápida. — Ele olhou para o relógio. — Olhe, Srta. Redman, se tenho que entregar essas caixas a ele, preciso começar logo. Meu intervalo termina em dez minutos.

Celina virou-se para a mesa ao lado e pegou a bolsa. Ela retirou uma nota de 50 dólares, olhou para ele, e pegou mais uma nota. — Não se preocupe com o atraso — disse ela. — Você trabalha na recepção, não é? Eu telefonarei para Jake e direi a ele que lhe dê o resto do dia de folga, sem descontos. — Ela entregou o dinheiro a ele. — E isso é para você. Obrigada pelas informações, Dan.

— O prazer foi meu. — E ele saiu com a primeira caixa de pertences de Eric.

Ela caminhou pelo apartamento. Cada aposento, cada corredor, estava quieto, misterioso e havia mudado. A casa dela agora parecia estranha. Os aposentos estavam estranhamente vazios. Apesar de nunca ter prestado muita atenção a eles antes, Celina agora estava consciente de que as fotografias dela e de Eric não estavam mais nas mesas de canto nem penduradas nas paredes. Agora elas estavam encaixotadas.

Ela entrou no quarto. A cama, as cadeiras e mesas antigas que Eric comprara para ela nas viagens de negócio ao exterior continuavam lá, bem como as prateleiras cheias de livros de capa dura que eles costumavam ler na cama. Os livros, as cadeiras e as mesas ficariam, decidiu ela. Celina precisava de uma prova tangível de que o que ela e Eric tiveram, pelo menos no início do

relacionamento, fora real.

Ao virar-se para sair, ela captou uma imagem de si mesma no espelho de corpo inteiro do quarto. Ela era uma mulher não familiar, que não mais parecia feliz, mas muitos anos mais sábia do que fora há alguns dias.

Ela fechou a porta atrás de si quando saiu do quarto. Estava ficando tarde. Será que o pai dela terminara de atirar com Frostman? Quando ela o deixara naquela manhã, voltara para Manhattan para encaixotar o resto das roupas de Eric. Apesar de não ter tomado muito tempo, parecera a ela uma eternidade.

Celina ficou imaginando se o pai ficara bravo por ela não ter voltado. Depois do jeito como ele a tratara, decidiu ela, pela primeira vez na vida isso não tinha importância. O telefone tocou quando Dan saiu com a última caixa. Celina atendeu na sala de estar.

— Onde esteve? — perguntou George. — Sentimos sua falta essa tarde.

Não foi raiva que ela ouviu na voz dele, mas algo mais. Arrependimento? — Estive aqui — disse Celina. — Fazendo uma faxina.

— Desde quando?

— Desde que decidi me livrar das coisas de Eric.

Fez-se silêncio. Celina sentou-se em uma cadeira cor de creme e disse: — O que foi, Papai? Por que telefonou?

— Dois motivos. Primeiro, queria pedir desculpas pelo que aconteceu mais cedo. Eu não deveria ter reagido como reagi, e peço desculpas. Você me perdoa?

Algumas vezes o pai dela soava tão formal que era divertido. — Não há nada o que perdoar — disse ela, querendo esquecer o assunto. — Vamos esquecer isso, ok?

— Gosto da ideia.

— Como foi a reunião com Ted?

— Foi bem — disse George. — Mas discutiremos isso depois. Estou telefonando por outro motivo.

— E o que é?

— Não acho que devemos discutir isso pelo telefone.

— Por que não?

— É sobre sua irmã.

Uma parte dela se encolheu. — Seja lá o que for que Leana fez agora...

— Ela foi espancada, Celina.

— Espancada?

— Eric a espancou na noite da festa, provavelmente não muito depois que você saiu do quarto. Se eu tivesse sabido disso mais cedo essa manhã, ele estaria no hospital agora, em vez de só procurando emprego.

As coisas estavam andando rápido demais. A mente dela tentou entender o

que o pai estava dizendo. — Você o demitiu?

— É claro que eu o demiti — disse George. — E é só o começo. Agora, escute. Não quero discutir isso pelo telefone. Você pode vir até aqui ou não?

* * *

Eles estavam no estúdio de George. Depois de trinta minutos de longos silêncios e vozes exaltadas, o aposento estava quieto. Celina olhou do pai para a mãe e novamente para George. Ele estava sentado à mesa, com o rosto vermelho. Poucas vezes na vida ela o vira tão aborrecido.

George quebrou o silêncio. — Se prestarmos queixa contra Eric, se o levarmos ao tribunal, nosso nome e o de Leana serão arrastados na lama de todas as bancas de jornais. E para quê? Para que Eric possa se livrar porque ninguém testemunhou a surra?

Elizabeth fez uma careta. Ela acabara de voltar de um almoço de caridade quando George a conduzira até o estúdio, dizendo que precisavam conversar.

— E nossa filha? — disse ela. — Ela não é testemunha suficiente?

— Será a palavra dele contra a de Leana.

— E? Leana ganhará. Diana Crane cuidará disso. Ela colocará aquele homem atrás das grades.

George lembrou-se daquela manhã, quando Diana atendera o telefone de Eric. Ele estava quase certo de que eles estavam na cama juntos quando ele telefonou. E se esse era o caso, se Diana estava dormindo com Eric, dificilmente ela daria o melhor de si para defender Leana contra ele no tribunal.

Ele olhou para Elizabeth e disse, reservado: — Não acho que isso seja possível.

— Por que não?

— Tenho os meus motivos.

— Que motivos?

— Motivos com os quais você não precisa se preocupar.

Ele viu a confusão no rosto de Celina e olhou friamente para a esposa. Ele contaria a ela mais tarde, longe de Celina. — O que importa é isso — disse ele. — Leana perderia, não importa quem a represente no tribular. Eric Parker levou uma vida exemplar. O envolvimento de nossa filha com a cocaína já foi o centro do circo da mídia. A defesa faria questão de lembrar isso ao tribunal. A palavra dela não valeria nada.

— Eu os vi juntos naquele quarto — disse Celina. — Na frente de Eric, eu

acusei Leana de armar tudo. Isso tem que valer alguma coisa, Papai. É um motivo, pelo amor de Deus.

— O que vocês duas parecem não lembrar é que Leana não vai falar. Estou convencido de que ela não queria que ninguém soubesse do que aconteceu.

— Mas por quê? — perguntou Elizabeth. — Por que ela não teria vindo a nós?

— Por que ela está brava — disse Celina. — Brava conosco, brava com a vida. Leana sempre foi assim.

— Eu não entendo o motivo. Demos tudo àquela garota.

— Menos amor — disse George.

Elizabeth, uma mulher respeitada pela pose e pela graça, virou-se para George sem nenhum traço delas. — Está dizendo que não amo minha filha?

— Você ama Leana tanto quanto eu. O que estou dizendo é que prestamos muito pouca atenção a ela enquanto crescia e Leana está brava por causa disso. — Ele olhou para a fotografia de Leana sobre a mesa e notou, pela primeira vez, que ela estava escondida atrás das fotografias de Celina e Elizabeth. Ele ponderou se era assim que Leana se via, escondida em uma moldura de prata, e decidiu que provavelmente era.

Ele olhou para a esposa e a filha. — Leana não veio a nós porque ela não nos ama. Acho que há dois motivos. Ela não confia em nós. E acho que Eric a ameaçou.

— Ameaçou?

George assentiu para Celina. — Tenho quase certeza disso.

Elizabeth observou o marido. Era óbvio que ele já tomara decisões relacionadas a Eric Parker e o futuro dele. Ela conhecia o temperamento dele e, nesse momento, ele a assustava. Uma vez, há muitos anos, perder o controle quase o mandara para a prisão.

— George — disse ela firmemente. — Quero saber o que você fará.

O olhar de George encontrou o dela. — Algo que eu deveria ter feito essa manhã — disse ele, e pegou o telefone.

* * *

Celina não perdeu tempo para sair. Ela não queria saber para quem o pai dela telefonara ou como isso afetaria Eric Parker.

Depois de dar um beijo na mãe, ela saiu da casa. O pai a alcançou quando ela estava entrando no carro. — Onde você vai? — perguntou ele da varanda.

Celina sentiu um lampejo de desapontamento. Com quem ele falara tão rapidamente? — Tenho algumas coisas a fazer e depois vou para casa — disse ela.

— Jack Douglas estará aqui em meia hora — disse George. — Por que não volta para a reunião? Você achará interessante.

Em toda a confusão, Celina esquecera-se de Jack Douglas e da reunião com o pai dela. Apesar de participar de uma reunião que poderia levar horas fosse a última coisa que ela queria fazer, uma parte dela queria ver Jack novamente.

— Por que eu acharia interessante? — perguntou ela.

— Porque vou oferecer a ele o emprego de Eric.

— Eu estarei aqui — disse ela.

* * *

O trânsito estava mais intenso do que antecipara e ela chegou quarenta minutos atrasada para a reunião.

Depois de estacionar o carro atrás de um velho Buick que supôs pertencer a Jack Douglas, ela correu para dentro da casa e foi até o escritório do pai.

Jack Douglas estava lá, de costas para uma janela ensolarada, lendo um arquivo sobre a WestTex Incorporated, a grande empresa transportadora com sede em Corpus Christi, Texas. Naquele breve momento antes que ele percebesse a presença dela, Celina viu no rosto dele um olhar de concentração relaxada.

Para surpresa dela, ele não vestia um terno, mas calças bege e uma camisa Polo branca. O rosto tinha a barba por fazer. Ela sentiu nele um homem confortável com si mesmo, inconsciente de sua bela aparência e alguém que se recusava a ser afetado.

Ela lembrou-se da noite da festa. Apesar de ter chegado encharcado, houvera um equilíbrio refrescante indiscutível nele, uma determinação e um senso de humor que ela admirara. Ela recordou ter gostado muito dele.

Ela olhou em torno do escritório, notando que o pai não estava lá, e pigarreou. Ela sorriu quando Jack levantou o olhar. — Como vai? — perguntou ela.

Jack fechou a pasta e a colocou sobre a mesa ao seu lado. Ele ficou em silêncio por um momento, pensativo. Em seguida, olhou para ela com um sorriso. — Mais seco do que na primeira vez em que nos encontramos?

Celina riu e entrou no aposento. Ao caminhar até a mesa do pai, ela tomou consciência de si própria e ficou imaginando como parecia. E ficou imaginando

por que se importava. — Devo-lhe desculpas — disse ela, sentando-se na poltrona de couro do pai. — Eu queria ter voltado para aquela dança, mas aconteceu uma coisa e tive que ir embora inesperadamente.

— Não se preocupe — disse Jack. — De qualquer forma, fui embora logo depois de você.

— Você viu quando eu saí?

Jack assentiu. — Eu teria ido atrás de você, mas parecia bastante aborrecida. Está tudo bem?

Se ele a vira naquele estado, não havia como mentir. — Não estava, mas estou bem agora. Obrigada por perguntar.

Naquele momento, George entrou no escritório. Celina olhou para ele e sentiu-se aliviada. Ela não queria discutir aquela noite com ninguém.

— Você chegou — George disse para Celina. — Que bom. Agora podemos começar. — Ele olhou para Jack. — Contou a ela a boa notícia?

— Não chegamos lá.

— Então devemos contar agora. Jack aceitou a minha oferta. Ele assumirá o lugar de Eric como diretor financeiro.

Uma onda de sentimentos a assaltou. Uma sensação de perda, não a alegria que antecipara. Eric se fora. Ele realmente se fora. Era como se todos aqueles anos com ele agora não significassem nada. Mas havia outro sentimento que ela não podia negar. Era uma sensação de alívio.

Ela conseguiu dar um sorriso. E soube, pela mudança na expressão de Jack, que ele notara que não era genuíno. Ela sentiu-se desconfortável. Ficou imaginando por que viera. Ficou imaginando por que ainda sentia alguma coisa por Eric. Ela deveria odiá-lo pelo que fizera a ela e a Leana. Então, por que sentia falta dele?

— Isso é ótimo — disse ela a Jack. — Parabéns.

Jack não disse nada. Ele afastou o olhar dela e olhou para George, que estava abrindo um arquivo da WestTex. Celina sentiu que a reunião transcorreria lentamente, mas negócios eram negócios, e ela se conformou.

Eles discutiram a aquisição da WestTex, que transportava qualquer coisa, de óleo do Golfo Pérsico a grãos de café da Colômbia. Oitenta e seis por cento dos negócios dela eram estritamente internacionais e não era incomum que a maioria da frota da WestTex estivesse em águas internacionais ao mesmo tempo.

Enquanto Jack percorria o arquivo, ele descobriu que, apesar de o negócio da WestTex ser bom, ele estava sendo afetado pela instabilidade do Oriente Médio. Ele também descobriu que George Redman estava prestes a pagar dez bilhões de dólares por uma empresa que, de acordo com os números, valia somente a metade disso.

Ele olhou para George, sentado à sua frente, e encontrou-se sem palavras. Por que um homem, cujas ações estavam em baixa, pagaria o dobro do que a WestTex valia, quando a empresa acabara de retirar a frota inteira do Golfo e cuja situação estava piorando por causa das guerras e da crescente instabilidade no Golfo? Não era surpresa que a imprensa estivesse atrás dele. Não era surpresa que os acionistas estivessem tão nervosos. O homem poderia perder tudo se comprasse a WestTex.

E então algo o ocorreu. George Redman não era tolo. Ele obviamente sabia de alguma coisa que a imprensa e os acionistas não sabiam, alguma coisa que tinha o poder de gerar milhões.

— Então, o que acha? — perguntou George. Ele estava sentado na poltrona, as pernas cruzadas, as mãos atrás da cabeça. O sol do fim de tarde lançava um brilho quente contra um dos lados do rosto dele, deixando o outro lado nas sombras.

— Se você não fosse George Redman, eu diria que você é um tolo por até mesmo considerar essa aquisição.

— Importa-se de explicar por quê?

— Nem um pouco. Com suas ações em uma baixa constrangedora, você concordou em pagar dez bilhões de dólares por uma empresa que vale metade disso.

George deu de ombros. — A WestTex pode sustentar a si mesma.

— Não se o Oriente Médio continuar como está.

— O Oriente Médio não é o único mercado da WestTex.

— De acordo com esses papéis, mais de sessenta por cento dos negócios dela são feitos no Oriente Médio.

— Então, nós mudamos as coisas. Encontramos outros lugares. Exploramos novos mercados.

Jack ergueu a pasta do colo. — O dinheiro está onde o petróleo está. E, ainda assim, aqui diz que, por causa das guerras e outras ameaças no horizonte, como o Irã, a WestTex e outras transportadoras estão retirando os navios-tanque do Golfo. É uma queda de sessenta por cento nos negócios da WestTex. Com esse tipo de queda, não há como sustentar os dez bilhões que você está disposto a pagar, não importa os lugares ou os mercados que você tem em mente. O dinheiro está no petróleo. Ponto.

George reprimiu um sorriso. — Então, por que acha que estou indo adiante com isso?

— Eu acho que você sabe de algo que o público desconhece — disse Jack. — Eu acho que, quando a aquisição estiver concluída, você estará rindo, não a imprensa. Estou certo?

— Eu espero que sim.

— Importa-se de me contar?

— Claro que não. Você é um funcionário agora. O que for dito nessa sala, permanece aqui.

— É claro.

George levantou-se da cadeira e caminhou até uma das grandes janelas atrás dele. Acres incontáveis de grama verde e de colinas estendiam-se até onde a vista alcançava.

— Você está completamente certo — disse ele a Jack. — Em circunstâncias comuns, essa aquisição seria o meu fim e o da Redman International. Não só a WestTex não pode se sustentar com o preço que concordei em pagar por ela, mas também, depois de gastar quase um bilhão e meio no prédio novo, eu nunca teria dinheiro para comprá-la. — Ele sorriu. — Mas, felizmente, não é o caso.

— Por quê?

— Por causa do meu negócio com o Irã — disse George. — O negócio do qual ninguém sabe. — Ele virou-se para Celina, que estava sentada ao lado de Jack. — Essa é a sua área. Por que não assume daqui em diante?

Celina começou com o básico. — Há duas semanas, papai e eu nos encontramos com um grupo de oficiais iranianos para ver se conseguiríamos fazer um acordo que nos tornaria um dos principais exportadores de petróleo do Irã. Por vários motivos, poucos estão dispostos a chegar perto deles.

— Exceto você e alguns outros — disse Jack. — Mas por quê?

— Estamos dispostos a arriscar por causa de dois fatores — disse Celina. — Primeiro, é o preço que pagaremos pelo petróleo. O Irã nos garantiu um preço tão baixo, que a receita que teremos com o transporte e a venda do petróleo cobrirá o preço da WestTex em menos de cinco anos. Isso é mais de dois bilhões por ano. De certa forma, não temos como não nos voltarmos para o Irã.

O volume de dinheiro que estavam discutindo era astronômico. — E qual é o outro motivo? — perguntou Jack.

— Recentemente, foi anunciado que os EUA fariam o que fizeram durante a Guerra do Golfo. O país planeja enviar a Marinha para o Golfo para fornecer escolta militar para dezenas de navios-tanque com bandeira americana. Por motivos de segurança, não foi dada uma data exata. Ela é mantida confidencial. Ninguém, nem o Irã, nem o Iraque, nem qualquer outra empresa petrolífera ou transportadora sabe a data. Só nós.

— Como descobriram?

— Tenho contatos nos Departamentos de Estado e da Defesa — disse George. — Cobrei alguns favores e me disseram a data.

— Então, o que está dizendo é que, com a Marinha dentro do Golfo, os

riscos serão menores e os preços dos seguros cairão.

— Exatamente — disse George. — Isso torna o negócio rentável.

— Se a data viesse a público, todas as empresas petrolíferas e transportadoras do mundo estariam brigando para exportar petróleo do Golfo.

Celina sorriu. — Mas, em vez disso, a maioria está brigando para sair de lá.

— Não é um caminho florido — disse George. — Há problemas, grandes problemas. Ontem à tarde, a RRK, o grupo de investimentos que contratamos para ajudar a financiar o negócio, desistiu. Eles acham que os riscos são altos demais e o negócio com o Irã muito tênue porque nosso acordo com eles é verbal.

— Verbal?

— Isso mesmo — disse George. — Verbal.

— Não sei o que pensar disso.

— Isso porque você não tem o maior par de culhões da sala. Hoje mais cedo, encontrei-me com Ted Frostman do Chase. Conversamos durante um jogo de tiro, falei a ele sobre os prós e os contras de comprar a empresa e ele concordou em trabalhar conosco.

— O que não soa como um negócio fechado — disse Jack.

— Não é — disse George. — Ainda temos que discutir taxas e termos. Mas Ted garantiu que ele consegue um comprometimento do Chase e, se por algum motivo, isso não der certo, dizem que Peter Cohen da Morgan Stanley está procurando uma LBO, e talvez se interesse.

George olhou para Jack. — O que acha?

O antigo chefe de Jack era Peter Cohen, presidente e diretor executivo da Morgan. — Eu acho que Peter estaria muito interessado — disse ele. — A Morgan ainda está tentando voltar ao negócio de LBOs e sei que Peter está sendo pressionado a salvar a receita do terceiro trimestre, que espera-se que caia. Uma injeção de, digamos, cem a duzentos milhões de dólares seria a oportunidade que ele está esperando.

— Ótimo — disse George. — Porque temos que andar rápido. Se eu esperar muito mais, o Irã poderá descobrir o que a Marinha pretende e, se isso acontecer, não há dúvidas de que retirarão a oferta.

Ele afastou-se da janela e sentou-se na cadeira. George tinha uma energia súbita, uma vitalidade que brilhava nos olhos e animava as feições. — Minhas fontes nos Departamentos do Estado e da Defesa dizem que a Marinha começará a se movimentar em 21 de julho. Já falei com os meus contatos na Lloyds e eles concordaram em cortar as taxas de seguro pela metade quando a Marinha estiver estacionada no Golfo.

— Onde eu entro nisso tudo? — perguntou Jack.

— Você quer dizer além de suas conexões na Morgan Stanley, que podem ser valiosas? No dia que a WestTex for nossa, você, Celina e Harold Baines assinarão os papéis finais no Irã. É só uma formalidade, na verdade. Até lá, os papéis já estarão prontos e analisados. Mas, obviamente, é uma formalidade importante. Se eu assumir a WestTex sem estar com o negócio seguro com o Irã, poderei perder tudo pelo que trabalhei se eles decidirem recuar.

— Por que simplesmente não completa o negócio com o Irã primeiro?

George pareceu contrariado. — Eu queria que fosse possível, mas o Irã não concorda. Só quando a WestTex for nossa é que eles assinarão os papéis finais. Eles recusam-se a comprometerem-se de outra forma.

Jack não conseguiu afastar um sentimento de apreensão. O risco que esse homem estava assumindo era enorme. Um acordo verbal com o Irã? Ele tinha os maiores culhões da sala. Jack encontrou-se admirando Redman, mas também imaginando como o homem conseguia dormir à noite. — Tem certeza de que é o passo certo? — perguntou ele.

— Não — disse George. — Mas não cheguei onde estou sem assumir riscos. Eu acho que esse é calculado. Sinto que vai dar certo, então vou encará-lo. — Ele levantou-se. — Acho que você e Harold deveriam encontrar-se antes da viagem. Que tal um jantar?

— Ótimo — disse Jack. — Estou livre a qualquer momento. — Ele olhou para Celina, que estava folheando um arquivo sobre a WestTex. Ele esperara a tarde inteira por um momento como esse. — Por que não se junta a nós? — perguntou ele casualmente.

Celina olhou para ele, surpresa e sem palavras. Ela estava prestes a recusar quando o pai dela disse: — É uma ótima ideia. Assim, vocês todos podem se conhecer antes da viagem.

* * *

Eric Parker estava lá, mas somente no fundo da mente dela. À medida que o jantar com Jack aproximava-se, Celina encontrou-se pensando cada vez mais nele.

Em reuniões do conselho, ele entrava nos pensamentos dela de surpresa. Em jantares de negócios, ela lembrava-se do sorriso dele e de como tinham se conhecido. Em táxis atravessando a cidade, a mente dela vagava sobre a vida pessoal dele. Quando ele não estava no trabalho, como passava o tempo? Ele parecia atlético. Ele fazia parte de um time de alguma coisa? Ele ia à academia?

E onde ele morava? Perto dela? No lado oeste? No centro?

E os pensamentos dela iam mais fundo. Será que ele estava saindo com alguém?

Ela começou a imaginar o tipo de mulher pelo qual ele se interessaria. Ela seria bonita, é claro, mas não tão bonita que não quisesse sujar as mãos. De alguma forma, ela sentia que a aparência importava menos para ele do que a inteligência. E ele gostaria de alguém que tivesse senso de humor, alguém espirituosa como ele, mas não cruel nem ríspida. À medida que os dias passavam, ela imaginava possibilidades infinitas. Mas então, na noite do jantar, ela pôs um fim nisso.

Isso é loucura, pensou ela. *Não só acabei de sair de um relacionamento, mas, quando a WestTex e o negócio com o Irã estiverem seguros, haverá mais problemas, mais responsabilidades e menos tempo para mim. Esse homem tem que ficar longe da minha mente.*

Ela pensava nisso ao entrar no vestido de seda preta que comprara naquela manhã na Saks. *Além disso, não vamos estar sós no jantar. Harold estará lá. Sou simplesmente uma mulher de negócios participando de um jantar de negócios com meus colegas de negócios.*

Ela parou em frente ao espelho do quarto. O vestido era curto e chique. Ele colava-se ao corpo, expondo os ombros bronzeados e acentuando as pernas longas. Observando seu reflexo, ela ponderou sobre o que acontecera com a mulher de negócios e ficou imaginando o que Jack Douglas pensaria se ela chegasse ao restaurante desse jeito.

Ela abriu o armário e pegou um casaco Chanel preto. Ela o colocou e virou-se em frente ao espelho, inspecionando a versão mais conservadora. — Assim está melhor — disse ela.

Mas, quando ela saiu do apartamento, estava sem o casaco.

* * *

Quando ela chegou ao restaurante, foi conduzida a uma sala cheia de buquês de flores frescas, pessoas jantando em mesas elegantemente arrumadas, um homem tocando piano no centro da sala aconchegantemente iluminada. Jack Douglas já estava sentado na mesa deles e levantou-se quando ela se aproximou.

— Você está linda — disse ele.

Celina agradeceu e, enquanto o *maître* puxava a cadeira para que se sentasse, ela notou o terno azul-marinho caro que Jack usava, o cabelo recém-aparado. — Você também não está nada mal — disse ela. — Harold não está

com você?

Jack balançou a cabeça. — Achei que ele estaria com você. — Ele olhou para o *maître*, que estava parado ao lado deles, e perguntou a Celina o que ela gostaria de beber. — Uma garrafa de champanhe?

Ela o olhou sorrindo, esse homem não bebia champanhe. Apesar de parecer perfeitamente à vontade no restaurante, ela sentiu que ele preferia estar jantando em um lugar mais simples, cortando um bife grosso, tomando uma cerveja gelada. — Eu estava pensando em tomar uma cerveja — disse ela. — Serve para você?

Encantado, Jack sorriu. — Excelente. Mas preciso avisá-la. Eu bebo no gargalo.

— Sério? — disse ela, sorrindo. — Na lata não?

E foi simples assim.

As cervejas vieram e eles começaram a conversar.

— Por que você saiu da Morgan? — perguntou Celina. — Você fez seu nome lá. As coisas estavam acontecendo. Por que saiu?

Jack deu de ombros. — A pressão não valia o dinheiro e o dinheiro não valia o estresse de aguentar uma sala cheia de corretores de ações, a maioria dos quais mataria a própria mãe se achasse que a vida dela conseguiria um negócio melhor.

Ele deu um longo gole na cerveja. — Além disso, há muita coisa acontecendo sobre as quais ninguém sabe. Um monte de negócios internos. Recebi uma oferta de uma quantidade obscena de dinheiro para dar uma informação, mas não quero ter parte nisso. Essas pessoas não aprenderam. Quando Wall Street desmoronar novamente – e isso vai acontecer, antes do que se espera, de verdade – não quero estar perto daquele lugar.

Ele endireitou-se na cadeira. — Então, fale-me sobre você — disse ele. — Quando foi que decidiu que queria trabalhar na Redman International?

— Você está presumindo que eu tive escolha — disse Celina. — Quando eu era criança, meu pai costumava me levar às reuniões do conselho todos os meses. Eu sentava em uma cadeira de canto especial enquanto ele martelava um negócio atrás do outro. Ele era incrível. O conselho o adorava. À noite, eu fingia que era ele. Eu sentava em frente ao espelho no meu quarto e imitava a forma como ele ficava em frente ao conselho, os braços cruzados e os pés firmemente separados, fingindo que estava no comando. Eu sei que parece trágico, mas, na época, eu ficava enfeitiçada. Papai era meu herói.

— E ele é agora?

Apesar de dizer "Sim, é claro", Celina não tinha certeza. Depois do incidente com Eric Parker e a reação do pai, os sentimentos dela por George

tinham mudado de formas que ela não conseguia descrever.

A conversa mudou e eles riram e brincaram sobre como tinham se conhecido e como Jack planejava comprar um carro novo. Eles conversavam com facilidade, como se fossem velhos amigos botando a conversa em dia durante um jantar. De vez em quando, Jack tocava a mão de Celina para destacar alguma coisa. De vez em quando, Celina fazia o mesmo.

Quando o garçom trouxe a segunda rodada de cervejas, Celina pediu licença e saiu para usar o celular. Ela telefonou para a casa de Harold. A esposa dele, Helen, atendeu.

— Ele deveria estar aí, Celina — disse a mulher. — Ele saiu há mais de uma hora. — Seguiu-se um silêncio. Celina ouviu o assobio súbito de uma chaleira vindo da cozinha de Helen. — Talvez ele esteja no escritório — disse Helen. — Ele comentou que passaria lá.

Mas Harold não estava no escritório. E nem com o pai dela.

— Há quanto tempo estão esperando? — perguntou George.

— Uma hora — disse Celina. — E estou ficando cansada de esperar. Onde acha que ele está?

George não sabia.

— Se isso não estivesse se tornando um hábito dele, Papai, eu estaria preocupada. Mas é cada vez mais comum. Primeiro, ele decide não aparecer em duas reuniões do conselho, e agora isso. O que está acontecendo com ele? Harold nunca agiu assim antes. Ele sempre foi pontual em tudo.

— Ele pode ter esquecido, Celina. Os negócios da WestTex e do Irã dobraram a carga de trabalho dele. Ele não é tão jovem quanto você.

— Verdade — disse ela. — Mas a minha carga de trabalho triplicou e você não me vê perdendo um jantar de negócios.

— Não vou defendê-lo.

— Não espero que o faça. Você sabe o que sinto por Harold. Eu o amo. Mas espero que fale com ele. Alguém precisa falar.

Ela desligou o telefone e desistiu. Ela não deixaria que a ausência de Harold estragasse a noite.

Ela voltou para a mesa. Jack levantou o olhar quando ela se aproximou. — Podemos comer — disse ela. — Parece que ele não virá.

— Descobriu onde ele está?

— Não — disse ela. — E, nesse momento, não me importo. De qualquer forma, prefiro jantar a sós com você. — Ela pegou o menu e o folheou, ciente de que Jack a olhava intensamente. — O filé daqui é maravilhoso — disse ela. — É tão mal passado que acho que só caminham com a vaca perto do forno. Vou pedir um desse.

* * *

Mais tarde, depois da sobremesa e do café, Celina disse: — Ainda é cedo. Gostaria de ir até o meu apartamento para um drinque? Podemos continuar a conversa lá.

Jack disse que gostaria, sim, muito.

* * *

A noite estava tão agradável que eles decidiram caminhar.

— Você não mencionou sua família — disse Celina. — O que os seus pais fazem?

Eles estavam subindo a Quinta Avenida, parando de vez em quando para observar as vitrines iluminadas. Jack pegou a mão de Celina. — Eles são aposentados — disse ele. — Papai trabalhou durante quarenta anos em uma usina siderúrgica em Pittsburg antes de vender a casa e mudar-se para West Palm com minha mãe. Eles moram nessa casinha perto do mar. Minha mãe telefona uma vez por semana para contar como Papai a está deixando louca. Meu pai telefona duas vezes por semana ameaçando pedir o divórcio.

— Então, eles são felizes? — disse Celina.

— Demais.

— Algum irmão ou irmã?

— Uma irmã — disse Jack. — O nome dela é Lisa e ela é enfermeira.

Quando eles passaram pela rua Cinquenta e Nove e o prédio dela apareceu, a primeira coisa que Celina notou foram as luzes azuis e vermelhas piscando. Ao aproximarem-se, ela contou seis carros da polícia e uma ambulância. Uma multidão estava reunida do lado de fora do Redman Place e o trânsito estava parado. As sirenes davam um toque gelado ao ar morno da noite.

— O que está acontecendo? — perguntou Jack.

Celina disse que não sabia. Ela imediatamente pensou nas bombas que tinham explodido no telhado do Redman International e não conseguiu evitar uma pontada de medo. A polícia ainda não descobrira quem colocara os explosivos nos holofotes.

Eles correram pela avenida. Buzinas soavam e as pessoas falavam

excitadamente, as vozes aumentando. Celina tentou entender o que elas diziam, mas era impossível na confusão.

A ambulância estava estacionada em frente ao prédio, as luzes piscando, as sirenes agora silenciosas. Uma equipe de dez policiais mantinha a multidão afastada. Jack conduziu Celina em direção à entrada do prédio. Sua mão era forte e firme, e ela sentiu-se agradecida por isso.

Quando eles chegaram à frente da multidão, pararam a tempo de ver dois paramédicos empurrando um homem em uma maca. Celina sabia que era um homem pelo braço pendurado em um dos lados. Era musculoso e estava machucado e cheio de sangue. Uma intravenosa pingava gotas de vida para dentro dele.

Quando os paramédicos aproximaram-se deles, ela ficou tensa e apertou a mão de Jack com mais força. Ela inclinou-se para a frente, mas não conseguiu ver o rosto do homem. Ele estava parcialmente coberto por um lençol ensanguentado.

Ela notou que uma das pernas do homem estava tremendo. Notou também que a outra perna estava horrivelmente torcida sob o lençol.

Celina conhecia quase todo mundo no prédio. Era ali que muitos dos executivos da Redman International moravam. Ela virou-se para um dos policiais e estava prestes a perguntar quem fora ferido quando, de dentro do prédio, uma mulher gritou: — Espere!

Para sua surpresa, Celina viu Diana Crane sair correndo do prédio.

Havia um curativo na testa dela. Um dos olhos estava um pouco inchado. Celina ouviu Diana dizer: — Eu vou com ele. — Ela observou incrédula quando Diana entrou na parte de trás da ambulância. Ninguém objetou.

Os paramédicos ergueram a maca. Celina sabia que era Eric quem estava deitado nela antes que o lençol caísse para um lado e revelasse o rosto machucado dele.

Por um momento, ela não conseguiu falar, mover-se nem reagir. A mente começou a fazer conexões. Ela lembrou-se do pai dela telefonando há uma semana e dizendo: "Leana foi espancada, Celina. Eric a espancou na noite da festa, provavelmente não muito depois que você saiu do quarto. Se eu tivesse sabido disso mais cedo essa manhã, Eric estaria no hospital agora, em vez de só procurando emprego."

Ela sabia que o pai era responsável por isso. Ela tinha certeza.

Por que mais ele teria pedido a ela e a Elizabeth que saíssem do escritório antes de dar aquele telefonema?

As portas da ambulância foram fechadas. O som interrompeu o devaneio de Celina e ela viu o veículo preparando-se para sair. Ela estava prestes a correr e

perguntar para qual hospital o estavam levando quando ela viu a irmã no meio da multidão.

Por um momento, Celina só conseguiu ficar parada olhando.

Com os braços cruzados, o rosto fechado, Leana estava à frente dela, entre dois homens altos e musculosos. Ela usava óculos escuros, roupas pretas, sem joias. O cabelo estava puxado para trás.

Celina chamou o nome dela.

Alarmada, Leana virou-se na sua direção. Os olhos delas encontraram-se. Leana deu um passo atrás.

Celina chamou o nome dela novamente.

Leana a ignorou. Ela falou com os homens a seu lado, eles olharam para Celina e rapidamente levaram Leana para longe.

Ela se fora no mesmo momento em que a ambulância ligou as sirenes.

CAPÍTULO 19

A primeira coisa que Mario notou quando chegou ao prédio de aparência modesta na rua Doze foi a limusine Lincoln preta do pai brilhando sob a luz de um poste. Instintivamente, ele olhou para sua casa do outro lado da rua e viu os três homens montando guarda na entrada de tijolos aparentes.

Alguma coisa estava errada. O pai dele só o visitava aos sábados.

Ele estacionou o Taurus atrás do carro do pai, saiu e bateu a porta. Mario atravessou a rua e acenou com a cabeça para os homens ao se aproximar. — O que foi, Nicky? — perguntou ele. — Por que meu pai está aqui?

O homem deu de ombros, apesar de Mario achar que ele sabia exatamente por que Antonio De Cicco se dera ao trabalho de sair de sua mansão Todt Hill em Staten Island e dirigir até a cidade. — Não disse. Mas ele não parece muito contente. Quer ver você lá dentro.

Mario entrou na casa. A esposa dele o encontrou na porta. Alta e esguia com cabelos vermelhos fogosos, os anos tinham sido quase tão bondosos com Lucia De Cicco quanto o cirurgião plástico dela.

Ela o cumprimentou com um sorriso e um tapa no rosto. A cabeça de Mario virou para o lado e a bochecha ardeu. Quando ele olhou novamente para ela, o sorriso de Lucia havia se dissolvido em uma máscara de fúria.

— Que diabos há de errado com você? — perguntou ele.

Ela ergueu a mão para bater nele novamente, mas Mario agarrou os braços dela e segurou-os para baixo. Ela contorceu-se, os olhos brilhando. — Largue-me!

— Por que você me bateu?

Ela acenou com a cabeça em direção à biblioteca que ficava à direita. Um cacho do cabelo cuidadosamente tingido caiu sobre o rosto dela. — Seu pai está lá dentro. Vou deixar que ele conte.

Ela soltou os braços e subiu correndo a escada que levava ao quarto deles. Mario a observou enquanto ela subia e se deu conta de que essa fora a primeira vez que o enfrentara.

Ele foi para a biblioteca. A porta de mogno rangeu quando ele entrou. Ao brilho fluorescente de um enorme aquário de água salgada, ele viu imagens vagas, mas familiares, de pinturas, móveis e urnas. Ele procurou o pai e o

encontrou sentado ao lado do aquário em uma poltrona de couro.

A luz azul fazia ondas no rosto bronzeado, fazendo com que ele parecesse estranhamente um corpo vivo. Também azul era a nuvem de fumaça do charuto que pairava no ar sobre a cabeça calva.

A voz dele veio inesperadamente. — Feche a porta e sente-se. Não vai demorar.

Mario fez como ele dissera e fechou a porta. Ele sentiu desprezo por esse homem que nunca amara, mas também medo. Ele sentou-se em frente ao pai e notou que, apesar de Antonio ser mais baixo, ele parecia estar sentado em uma posição um pouco mais elevada.

De Cicco recostou-se na poltrona de couro e bateu com os dedos contra o lado do aquário. Os peixes pularam e se afastaram. Mario olhou para o pai e soube por que ele estava aqui.

— Você me desapontou, Mario — disse De Cicco. — Você não está mais pensando com a cabeça. — Os dedos bateram no aquário com mais força. Um pouco de água espirrou. — Você está pensando com o pau.

Mario olhou para o aquário. Dos setenta e seis peixes que enchiam o tanque, um deles valia vinte mil dólares. Era tão raro que ele levara quase seis meses para consegui-lo. Os outros eram quase tão raros.

— Não é o que está pensando.

— É exatamente o que estou pensando. Você está comendo aquela vadia Redman de novo.

— Você está errado.

— Você chama almoçar com aquela vagabunda no restaurante de sua própria Família não sair com ela?

— Ela não é uma vagabunda. E aquele restaurante é meu.

— Comprado com dinheiro da Família.

— Comprado com o meu dinheiro, para a Família.

A sombra do que parecia um pequeno tubarão cinza cruzou o rosto de Antonio De Cicco. Ele bateu com o dedo contra o aquário e o peixe afastou-se rapidamente.

— Eu lhe disse há dois anos o que aconteceria se começasse a sair com ela de novo — disse ele. — Eu o avisei. Você desonrou Lucia pela última vez. Você sabe o que sinto por aquela garota. Ela é como uma filha para mim. O pai dela é o meu melhor amigo. Não vou deixar que a magoe só porque gosta do jeito como aquela vadia Redman chupa seu pau.

— Você entendeu errado — disse Mario firmemente. — Eu não vejo Leana desde que terminamos tudo há dois anos. Ela me procurou. Ela está encrencada e me pediu um favor. Nosso relacionamento resume-se a isso.

— Mentira.

— Não é mentira. É a verdade. Você acha mesmo que eu levaria Leana ao restaurante se estivesse dormindo com ela? A tia Rosa nos atendeu, pelo amor de Deus. Você acha que sou tão burro assim? Ouça o que está dizendo. Você me conhece melhor do que isso. O que está dizendo não faz sentido.

De Cicco ficou em silêncio por um momento. Quando ele levantou-se da poltrona, olhou para o aquário, considerou-o por um segundo, e afastou-se dele e de Mario, com as mãos nos bolsos.

— Vou falar com Lucia — disse ele. — Vou acalmá-la e dizer que está tudo certo.

Ele encarou o filho. — Mas se eu descobrir que você mentiu para mim, que está fodendo aquela vadia pelas costas da sua esposa, eu mesmo vou matá-la. Eu jurei isso a você há anos e estou falando tão sério agora quanto o fiz naquela época. Você não vai magoar Lucia. Você não vai envergonhar seus filhos – meus netos. Porque se o fizer, vai ser o mesmo que carregar a arma e matar Leana Redman você mesmo.

LIVRO DOIS
SEGUNDA SEMANA

CAPÍTULO 20

Passando pelas grandes portas de latão e vidro da casa de Harold na rua Oitenta e Um, Leana olhou para o sol suave da manhã, sentiu o calor no rosto e decidiu que caminharia para a maioria dos compromissos, em vez de pegar um táxi. Havia alguns apartamentos no Village que ela queria olhar e tinha ainda que vender sua joia no joalheiro da mãe na Park.

Ela estava começando a sentir-se melhor sobre si mesma. Não só os machucados no rosto tinham desaparecido e o corte no lábio curado, mas ela também tinha uma nova determinação e uma dose de esperança. Pela primeira vez na vida, ela estava fazendo algo produtivo. Logo, teria um apartamento seu e dinheiro suficiente para mobiliá-lo confortavelmente. No café da manhã, Harold mencionara algo sobre encontrar um emprego para ela.

E Mario estava de volta em sua vida.

Ele telefonara mais cedo naquela manhã e convidara-a para jantar. Ele disse que precisava falar com ela, que era importante e que deveriam conversar logo. Leana concordara, mas com a condição de que ela pagasse a conta. Apesar de uma parte dela querer muito mais do que uma amizade com Mario, Leana estava determinada a manter o relacionamento deles simples. Ela não faria amor com Mario enquanto ele estivesse casado.

Mas pensarei sobre o assunto.

Ela continuou caminhando até chegar a uma máquina de jornais cheia de gente. A multidão moveu-se e ela conseguiu ver a primeira página do *Daily News*. Um calafrio percorreu seu corpo. A manchete e as fotografias recentes de Eric Parker a assaltaram:

EX-DIRETOR FINANCEIRO DA REDMAN
ESPANCADO NO APARTAMENTO

Leana ficou olhando para a manchete e depois para as fotos de Eric. Uma delas o mostrava sendo retirado do prédio em uma maca. Ela estudou as linhas finas do rosto dele e viu que estava fraturado.

Ela lembrou-se do choque de ver Celina na noite anterior. Lembrou-se dos homens de Mario a apressando para longe da multidão e para dentro de uma limusine. Lembrou-se da sirene aguda da ambulância ao passar por eles em alta velocidade.

Ela ficou imaginando o que Celina estava pensando nessa manhã e decidiu que não se importava. *Eu não fiz nada a Eric*.

Ela sentiu alguém parado atrás dela, virou-se e encarou um homem de aparência robusta em um terno preto e óculos escuros. O cabelo era preto e curto. Ele também estava olhando para a manchete.

Os olhos deles se encontraram e ele balançou a cabeça em desgosto. — Não se está mais seguro nem dentro da própria casa — disse Vincent Spocatti.

O homem parecia vagamente familiar. Ela tinha a sensação de que já o vira antes, mas não sabia onde. Os óculos escuros dificultavam o reconhecimento.

Ela deu de ombros. — Talvez ele tenha merecido.

— Você não pode estar falando sério.

— Eu conheço o cara — disse Leana. — E estou falando sério. Ele mereceu.

Ela começou a andar em direção ao Village, deixando Spocatti intrigado.

* * *

Ela tinha hora marcada para ver um estúdio e um apartamento. Foi o apartamento que chamou sua atenção.

Sobre a Washington Square, seu lugar favorito em Nova Iorque, o apartamento era amplo e ensolarado, localizado no quinto andar de um prédio de antes da guerra. Ele era promissor e tinha alguns problemas que podiam ser consertados. Precisava de uma pintura nova, duas das janelas estavam quebradas e o carpete estava gasto, precisando ser renovado.

Madeira de lei ficaria bem aqui, pensou ela. *Talvez concreto polido*.

Apesar das falhas, o apartamento tinha personalidade, um senso de estilo. A mente dela começou a imaginar plantas, paredes marfim, pinturas. *Eu poderia transformá-lo em algo meu.*

A dona do prédio, uma mulher magra que não parava de sorrir, estava

parada no meio do apartamento, fazendo movimentos amplos com os braços. Pulseiras de cobre balançavam e tilintavam.

— A mobília que está aqui é sua — disse ela, como se isso fosse inclinar a balança — A cama, a escrivaninha, a mesa e as cadeiras, tudo seu. Um artista maluco deixou-as para trás e o cheiro de mijo de gato. Se eu não tivesse mandado limpar os carpetes, você nem teria conseguido entrar aqui. — Ela torceu o nariz, fungou e olhou para Leana com incerteza. — Você não consegue sentir o cheio, consegue?

— Eu consigo — disse Leana. *E consigo sentir o cheiro de seu desespero*.

Ela foi até a janela e observou um grupo de crianças passar correndo pela fonte atrás de um grupo de pombos. Os pássaros alçaram voo em uma nuvem cinza, branca e preta, e as crianças gritaram. Leana lembrou-se do último dia em que estivera no parque. Fora no dia em que as bombas tinham explodido no telhado do prédio de seu pai.

Fora no dia que o homem a seguira, a assediara, tirara fotografias dela.

A mulher parou atrás dela. — Bela vista, não é?

Era, e Leana concordou.

— Antigamente, em um dia claro, dava para ver o World Trade Center. — A mulher parou e fez o sinal da cruz. Ela beijou os dedos e fechou os olhos, como se estivesse rezando.

Leana era tão sensível sobre aquele dia quanto qualquer outra pessoa, sobre as pessoas que morreram ou que tinham sido afetadas, mas isso era demais. Era um show. *Dá um tempo*.

A mulher cruzou os braços. Hora de barganhar. — Então, o que acha? O preço original é $20.000 por mês, mas você parece uma garota legal, que não vai me causar problemas, então deixo que fique com ele por $18.500, mais o depósito. — Ela olhou para o teto, pensativa. — Isso dá $37.000. Adiantado, é claro.

Leana mal tinha aquele valor na conta bancária. Ela sabia que a situação financeira ficaria melhor depois que vendesse a joia, mas não queria dar a essa mulher mais do que o necessário. — É demais — disse ela. — Especialmente porque o último inquilino não cuidava direito dos gatos. Meu preço é $10.000.

— Nem pensar — disse a mulher.

— Então vamos falar sério. Você tem um problema aqui, basta cheirar. É por isso que esse lugar não vai em frente. É por isso que alguém como eu terá que chamar alguém aqui para acabar com esse cheiro. Qual é o seu melhor preço?

A mulher virou-se e falou, bufando pelo nariz. — Nada menos que $15.000.

— Ok — disse Leana. — Então, $12.500 e fechamos negócio agora. Faço

um cheque de $25.000 e ambas ficamos felizes. — Leana olhou em torno. — Você também precisa concordar em consertar as janelas, pagar a metade da pintura e colocar alguns ventiladores. Ironicamente, o ar aqui mataria um gato.

A mulher tentou parecer indignada, mas Leana viu o alívio em seus olhos.

— Ventiladores, janelas e pintura, posso fazer.

— Achei que poderia.

Ela estudou Leana por um momento. — Você é durona. E tem um bom senso de negócios, também. Gosto disso em uma mulher. Como disse que era o seu sobrenome mesmo?

— Eu não disse — Leana falou. — É Redman.

Alguma coisa nos olhos da mulher faiscou e ela ergueu o queixo. — Achei que tinha reconhecido você — disse ela. — Você é durona como seu pai e sua irmã?

— Sou pior.

— E é mesmo.

Ela fez o cheque para a mulher.

* * *

Mais tarde, no banco, ela seguiu um dos assistentes da gerência a um cofre coberto de fileiras de caixas de depósito brilhantes.

O homem foi até a parte de trás do aposento e inclinou-se para inserir uma chave em uma das caixas. Leana permaneceu na porta e pensou nas sete joias que mantinha ali. Apesar de cada uma delas ser uma excelente peça, nada se comparava ao colar de diamantes e rubis Mogok. Era essa peça que conseguiria o maior preço quando ela a vendesse mais tarde.

Era essa peça que mobiliaria seu apartamento e pagaria pela comida.

O gerente pigarreou. Leana olhou para ele e viu que ele estava esperando que ela inserisse sua chave. Ela desculpou-se, cruzou o aposento até ele, destrancou seu lado da caixa e carregou-a até a pequena mesa à esquerda. O gerente a seguiu.

— Eu gostaria de ficar sozinha — disse Leana. O olhar do homem cruzou com o dela. A hesitação invadiu o rosto dele e ela sentiu que ele queria ficar e ver o que havia dentro da caixa. Ele não se moveu.

— Você se importa? — disse Leana. O homem fez uma leve mesura e saiu do cofre.

Leana o observou sair. Ele não passou da entrada do cofre, onde cruzou os

braços e ficou observando.

Ela deu as costas para ele e abriu a caixa.

Dentro, havia sete caixas de veludo preto de tamanhos variados. Leana escolheu uma das caixas, abriu-a e foi acolhida pelo brilho dos diamantes. Ela olhou em outra caixa e foi recompensada pelo brilho de safiras. Na terceira, estava o colar de diamantes e rubis Mogok.

Ela ergueu o colar da caixa e segurou-o contra o pescoço. A frieza e o peso das pedras a confortaram. *Pelo menos por um tempo, você me dará tempo de criar minha marca*.

Depois de olhar as outras caixas e colocá-las na bolsa grande de palha, ela deslizou a caixa de volta no lugar, trancou-a e saiu do banco com um guarda armado a seu lado.

O sol estava alto e o calor era opressivo, subindo em ondas do chão. Seis garotos em patins atravessaram a multidão na calçada, quase atropelando uma senhora.

Leana não perdeu tempo. Ela chegou no meio-fio, fez sinal para um táxi, conseguiu um na quarta tentativa e partiu para a joalheria na Park.

Para ter certeza de que não a perderia, Vincent Spocatti, que a estivera esperando do lado de fora do banco, fez o mesmo.

* * *

Quimby et Cie Jewelers era um estabelecimento elegante, com um porteiro uniformizado no lado de fora e dois guardas armados no lado de dentro. Algumas das pessoas mais ricas do mundo compravam e vendiam joias aqui e precisavam de hora marcada.

Leana foi recebida na porta por Philip Quimby, o dono e amigo de sua mãe. Ele era um homem pequeno, impecavelmente vestido, com cabelos grisalhos curtos e olhos azuis que eram quase sobrenaturais de tão azuis. Ela notou que a loja estava vazia, como deveria. — Que bom ver você, Leana — disse ele, com uma voz ligeiramente anasalada. — Vamos ao meu escritório tomar um pouco de chá.

O escritório era grande e impressionante, com painéis de madeira escura e decorado com um bom gosto discreto. Pinturas dos velhos mestres cobriam as paredes. Ele ofereceu chá.

Quando Leana recusou, ele disse: — Bem, então, pelo menos um martíni?

— Só se você me acompanhar.

— Como se eu não fosse — disse ele.

Ele fez os drinques, entregou um a ela e acenou em direção às duas cadeiras Rainha Anne no centro do aposento. Eles sentaram-se. Leana deu um gole. Poucas coisas eram melhores do que um martíni gelado em um dia quente.

— Então — disse ele. — O que tem para mim?

Leana colocou o martíni em uma mesinha, abriu a bolsa e removeu as sete caixas de veludo. Ela as colocou na mesa em frente a ele. — Esses — disse ela. — Foram todos comprados aqui.

— Eu esperaria que sim. Senão, teríamos uma conversinha. — Ele a conhecia desde pequena e piscou. — Tenho certeza de que me lembrarei delas. Elas são como filhas, sabia?

Uma por uma, Philip Quimby abriu as caixas. Diamantes, esmeraldas e rubis faiscaram. — Minha nossa! — disse ele. — Céus! — Ele colocou uma mão no peito e olhou para ela meio de lado. — Você quer dinheiro por elas? Hoje?

— Se possível.

— Acho que não — disse ele. — Os bancos fecharão em breve. Todos aqueles funcionários e vice-presidentes preguiçosos e gerentes idiotas irão para casa. Mas verei o que posso fazer. É claro.

— Se você as quiser, e se chegarmos a um preço, precisarei do dinheiro hoje. Pode me fazer um favor e pedir que alguém telefone agora avisando que chegará uma transação?

— Qualquer coisa por você. — Ele pegou o telefone e deu as instruções para a pessoa que atendeu. Depois, ele colocou uma lente e removeu um enorme anel de diamante amarelo canário da caixa. Ele o segurou contra a luz e o girou entre os dedos finos.

— Hmmm — disse ele e pegou o colar de diamantes e rubis Mogok. Ele olhou para Leana e estudou o resto. Quando terminou, seu rosto estava ligeiramente avermelhado.

— Alguma coisa errada? — perguntou Leana.

Um olho com lente virou-se para ela. — Você as comprou aqui?

— Você sabe que sim. Você as vendeu para mim.

— Essas, não.

— Como...?

— Elas são falsas — disse Philip Quimby. — Nada além de vidro cortado, zircônio cúbico e o que parece ser um toque de heroína sintética. Todas elas. E não é nesse mundo que eu vivo.

Ela sentiu o sangue fugir do rosto. — Elas não podem ser falsas.

— Receio que sim, Leana.

— Mas há mais de um milhão de dólares em joias aí.

Ele pegou um envelope branco do bolso do casaco e o entregou a ela. — Seu pai me enviou isso — disse ele. — Ele telefonou e me disse para não abrir a não ser que, por algum motivo, eu a visse. — Ele ergueu as mãos. — Agora, veja. Não sei o que está acontecendo e não quero saber. Não é da minha conta. Mas algo me diz que você encontrará as respostas para suas perguntas nesse envelope.

Leana rasgou o envelope. Dentro, havia um bilhete.

> Leana:
>
> Eu disse a você que, se quisesse cuidar de sua vida, teria que fazê-lo por conta própria e não com o meu dinheiro. As originais, juntamente com o resto de suas joias, estão em casa onde elas – e você – pertencem. Por que não para com essa bobagem e volta para casa? Você já foi longe demais.
>
> —Papai

Leana leu o bilhete duas vezes antes de dobrá-lo e guardá-lo na bolsa. O pai dela estava convencido de que ela não conseguiria. Convencido. Ela sentiu como se uma lança começasse a atravessar seu coração. O que ela tinha que o fazia pensar que era um fracasso tão grande?

Ela ergueu um dos colares. — Elas valem alguma coisa?

Os olhos de Quimby brilharam com interesse renovado.

— São excelentes falsificações — disse ele. — Somente um olho experiente como o meu poderia dizer que são falsas. Eu não teria nenhum problema em vendê-las para Hollywood. Você acha que o que usam no tapete vermelho é de verdade? Claro que não. Eles usam isso.

— Quanto pode oferecer?

Ele sentou-se na beira da cadeira Rainha Anne. — Vinte mil.

— Se me der trinta, fechamos negócio.

* * *

Ela acabou com vinte e cinco.

Quando Leana voltou à casa de Harold mais tarde, encontrou-o sentado sozinho no estúdio, recostado em uma poltrona, folheando um arquivo sobre a

WestTex. Ela deu um sorriso quando ele ergueu o olhar. — Preciso conversar com alguém — disse ela. — Tem alguns minutos?

— É claro.

Ele acenou em direção ao sofá no canto da sala. — Conte-me tudo — disse ele, sentando-se ao lado dela. — Diga-me por que está aborrecida.

Leana deitou a cabeça no ombro dele e contou o que tinha acontecido.

— Mas como George conseguiu a chave da sua caixa no cofre?

— Meu pai não precisa de uma chave, Harold. Ele é George Redman.

— Mas é ilegal.

— Ele é George Redman.

— E você acha que o assistente de gerente do banco o ajudou?

— Ele provavelmente pagou a hipoteca do assistente pelo trabalho.

— O que você vai fazer?

— O que eu posso fazer?

— Peça as originais a seu pai. Afinal de contas, elas são suas.

— E dar a ele o prazer de me ver rastejar? Esqueça. Vou ganhar meu próprio dinheiro.

— Como?

— Hoje de manhã você falou sobre conseguir um emprego para mim. Parece um bom lugar para começar a ganhar dinheiro.

— Andei pensando duas vezes sobre esse emprego — disse Harold.

Leana afastou-se dele. — Por quê?

— Não tenho certeza se é o certo para você.

— Deixe-me julgar isso — disse ela. — Harold, por favor, se encontrou alguma coisa, qualquer coisa, tem que me dizer o que é. Eu preciso ter uma chance.

— Você está realmente determinada, não está?

— Mesmo que eu não consiga mais nada, quero que o mundo saiba que George Redman tem outra filha. Uma que é mais esperta, mais durona e mais bem-sucedida do que Celina jamais poderá ser.

— Vai ser uma conquista e tanto — disse ele. — Você sabe disso, não é?

— Eu sei — disse Leana. — Eu sei que Celina é boa. De certa forma, eu quase a admiro. Ela teve a oportunidade de aprender com Papai. Mas isso não significa que é impossível. Não significa que ela é mais inteligente do que eu.

— Não — disse Harold. — Certamente não. — Ele botou a mão no bolso do casaco, pegou um cartão com um endereço escrito e o entregou a Leana. — Se quiser o emprego, esteja nesse endereço às quatro da tarde de hoje.

* * *

Ela chegou quinze minutos adiantada.

Quando Leana chegou ao enorme prédio comercial, pegou um elevador para o sexagésimo sétimo andar, deu seu nome à secretária e foi escoltada para uma área da recepção que era quieta, fresca e pouco decorada. As paredes eram cinza. A longa fileira de janelas atrás dela mostrava Manhattan.

Sabendo que era essencial causar uma boa impressão, ela escolheu um vestido Dior preto. Usou maquiagem suficiente para cobrir o que restava dos machucados, o cabelo puxado para trás e nenhum perfume.

Ela sentia-se uma fraude.

Do lugar onde estava sentada, na parte de trás da área da recepção, Leana observou o fluxo constante de atividade na enorme sala adiante. Em uma mesa cheia de papéis empilhados, um homem digitava freneticamente em um computador enquanto uma mulher impaciente lhe dava ordens. Atrás deles, duas secretárias vasculhavam arquivos procurando algo que, aparentemente, não podia ser encontrado. Em outra mesa, alguém parou de gritar no telefone tempo suficiente para berrar "Silêncio!" para um grupo de pessoas que não ligou a mínima.

Leana encontrou-se invejando-as.

Faltando cinco minutos para as quatro, cheia de tensão nervosa, sentimentos de insegurança e pensamentos de fracasso iminente, ela foi ao banheiro do outro lado do corredor. Os três compartimentos estavam ocupados. Ao virar-se para lavar as mãos na pia de mármore, ela viu seu reflexo no espelho. Ela era uma jovem mulher cuja aparência dava a impressão de profissionalismo, mas cujos olhos revelaram intimidação e medo.

Apesar de Leana odiar admiti-lo, ela desejou estar na Redman International, trabalhando com o pai.

Ela saiu do banheiro e voltou à cadeira na área da recepção. Precisamente às quatro horas, a secretária a chamou. — Estamos prontos, Srta. Redman.

Leana levantou-se. Os saltos do sapato soaram no piso de mármore quando ela seguiu a mulher por um longo corredor. *Isso não vai dar certo. Ele vai ver que sou uma farsa.*

Mas então lembrou-se de todos aqueles anos em que quis provar ao pai que ela poderia ser um sucesso e aproximou-se do escritório com determinação. Uma vez, quando criança, ela ouvira George dizendo a Celina que, se trabalhasse muito, o mundo poderia ser dela. *Por que isso não pode valer para mim?*

Elas entraram no escritório. Leana ficou atrás da secretária e avaliou o

aposento. Uma pintura de um jovem casal estava pendurada acima de um bar bem suprido, um modelo elaborado de um futuro arranha-céu estava próximo a um vaso Ming. Pela parede de janelas à direita, ela podia ver Manhattan brilhando sob o sol da tarde.

O olhar de Leana passeou pela vista por um momento antes que ela se virasse para o homem sentado do outro lado da sala, atrás de uma enorme mesa de mogno. Ele estava de costas para ela. A secretária disse: — Leana Redman está aqui, senhor.

Louis Ryan virou a cadeira e encarou a filha de George Redman.

Seus olhos encontraram-se. Cada um viu o futuro no olhar do outro.

Sorrindo, ele levantou-se. — Fico feliz que tenha vindo, Leana — disse ele. — Na noite passada, Harold Baines foi gentil o suficiente para perder um jantar com sua irmã e pôde me falar sobre você. — Ele acenou para a cadeira à sua frente. — Sente-se.

Leana sentou-se. E a reunião começou.

* * *

— Não acredito em perder tempo — disse Louis. — Portanto, vou direto ao ponto. Não se importa, não é?

— Prefiro que vá direto ao ponto — disse Leana. — É por isso que estou aqui.

Ela observou enquanto ele caminhava até uma janela com vista para o centro. Ele apontou para uma estrutura alta envolta em andaimes. — Você está ciente do novo hotel que estou construindo na esquina da Quinta com a Cinquenta e Três? É aquele ali.

Leana assentiu. — Quando terminado, será o maior da cidade.

— Isso mesmo — disse Louis. — E aposto como aborrece seu pai saber que eu sou o dono, e não ele.

— Não faço ideia do que meu pai pensa.

— Ora, vamos — disse ele.

— Lamento. Eu não sei.

— É claro que sabe. Seu pai faz questão de ser dono de tudo que é maior e melhor nessa cidade. Toda Nova Iorque sabe disso. Ele deve estar furioso porque logo serei dono do maior hotel em Manhattan, não ele.

— O que isso tem a ver comigo, Sr. Ryan?

— É Louis — disse ele. — E vou chegar lá.

Ele caminhou até a mesa e sentou-se. Acendeu um cigarro, soprou a fumaça e olhou para Leana através da nuvem de fumaça azulada. — Você não se dá bem como o seu pai, não é?

Leana encontrou o olhar resoluto dele com o seu próprio. — Isso não é da sua conta.

— Talvez não — disse ele. — Mas não é exatamente um segredo.

Ela esperou um momento de silêncio.

— Que idade você tem, Leana?

— Vinte e cinco.

— E sua irmã?

Ela hesitou. — Vinte e nove.

— Não é uma diferença muito grande de idade.

— Acho que não.

— Ontem à noite, Harold me disse que Celina era muito jovem quando seu pai começou a levá-la para as reuniões do conselho da Redman International. Ele não disse com que idade você foi.

— Isso porque meu pai nunca me levou às reuniões do conselho na Redman International.

— Sério? — disse ele. — Que estranho. Você certamente deve ter trabalhado lá em algum momento.

— Não — disse Leana. — Nunca.

— Então, você não tinha interesse nos negócios da família?

— Eu não disse isso.

— Então o que quis dizer?

Ela sabia que ele estavam tentando deixá-la brava, mas não entendia por quê. — Acho que estou dizendo que meu pai não me queria por perto.

— E por quê?

— Não sei ao certo.

— Você é incompetente?

— Está falando sério?

— Não é verdade que, aos olhos de seu pai, você nunca pôde ser comparada a Celina? Que você não estava à altura? Não foi por isso que você foi mandada para a Suíça por todos aqueles anos? — Ele deu de ombros. — Não foi por isso que virou uma viciada em cocaína?

Leana levantou-se. — Você pode ir para o inferno.

— Já tenho a minha passagem para lá — disse Louis. — Mas enquanto ainda estou na terra, é melhor deixar-me ajudá-la enquanto posso. Agora, sente-se e acabe com essa cara feia.

Leana encaminhou-se para a saída. *O que Harold estava pensando ao me*

mandar aqui?

Louis esperou que ela cruzasse a sala e colocasse a mão na maçaneta antes de chamá-la. — Eu posso colocá-la no topo, sabia? Posso fazer com que essa cidade tenha inveja de você, com que seja maior do que sua irmã Celina jamais esperou ser.

A tentação era grande, mas Leana abriu a porta e saiu do escritório. Ela não seria tratada daquele jeito por ninguém.

Ela desceu o corredor em direção à parede de elevadores e passou pelos mesmos grupos de homens e mulheres de quem sentira inveja antes, mas agora não sentia mais. Alguns pareceram reconhecê-la ao longo do caminho e ela pôde sentir seus olhares, como se estivessem imaginando por que a filha de George Redman estava aqui, entre todos os lugares.

Atrás dela, uma porta se abriu. E ela ouviu a voz dele: — Leana.

Ela estava quase controlada agora, melhorando a cada passo em direção aos elevadores.

— Leana. — Havia um novo tom na voz dele. — Volte para que possamos conversar. Há um motivo para eu ter dito aquilo.

Ela virou-se para ele. Ele estava parado na porta do escritório, com um sorriso que não era sarcástico, mas de desculpas. *O que, em nome de Deus, eu quero tanto assim?*

Quando ela voltou ao escritório dele, o encontrou preparando um drinque no bar. O gelo tilintou quando ele colocou o que parecia ser vodca em dois copos baixos. Ele tentou entregá-la um dos copos, mas colocou-o no balcão quando ela recusou.

— Eu estava falando sério, sabia? Eu posso – e vou – colocá-la no topo. — Ele deu um gole no drinque. — Você gostaria disso, não é? — Ele levantou uma mão. — Não precisa responder, posso vê-lo em seus olhos. Você está furiosa e não posso dizer que a culpo. Seu pai deu o mundo à sua irmã e deixou-a sem nada. Isso magoa. Eu entendo.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Porque eu odeio seu pai. Ele tem sorte suficiente para ter duas belas filhas e é burro o suficiente para ter tratado somente uma delas de forma justa. Meu pai costumava tratar-me do mesmo jeito como o seu pai a trata. Meu irmão era a estrela, não eu. Quando Harold veio ontem à noite e me contou sua história, decidi que queria ajudá-la.

— Se quer me ajudar tanto assim, por que me fez passar por aquilo?

— Porque eu precisava ver se você me enfrentaria, e o fez. — Ele olhou para a fotografia de uma mulher sobre a mesa. — Se eu não achasse que tem fibra, Leana, eu nunca poderia lhe oferecer a posição que estou prestes a

oferecer.

— E que posição é essa?

— O novo hotel que estou construindo? — disse Louis. — Quero que cuide dele para mim.

* * *

Como os garçons que trabalhavam aqui, o restaurante na rua Cinquenta e Seis era chique, charmoso e italiano. Quando Leana chegou, olhou para o relógio, viu que estava alguns minutos adiantada para o jantar com Mario e foi até o bar de carvalho lotado, à direita do saguão.

O burburinho mais alto da conversa a envolveu. Leana sentou-se em um banco de madeira, pediu um copo de vinho branco e divertiu-se observando as pessoas. Ela estava sentindo-se muito, muito estonteada. *Acabei de concordar em cuidar do maior hotel de Manhattan, e não sei absolutamente nada sobre hotéis. Então, sou maluca. E daí?*

O restaurante estava cheio de casais. Leana virou-se e viu pessoas de todas as idades conversando, rindo e sorrindo. Em uma das mesas de canto, ela notou uma jovem conversando com um homem mais velho. Eles eram parecidos. A mulher falou rapidamente e suas feições animaram-se.

Leana ficou imaginando se eram pai e filha, qual fora a notícia que ela compartilhara e não pode evitar uma pontada de inveja. Apesar de saber que seu pai odiava Louis Ryan, Leana decidiu que não havia nada no mundo que ela gostaria mais agora do que dividir com o pai sua própria notícia empolgante.

Ela desviou o olhar do casal, sabendo que aquele dia nunca chegaria. Enquanto a irmã compartilhara uma vida com o pai, Leana compartilhara somente a casa dele.

Estava ficando tarde. Mario era normalmente pontual. Ela ficou imaginando onde ele estaria. Tinha acabado de pedir um segundo copo de vinho quando um homem em um terno azul-escuro colocou a mão no banco ao lado dela.

— Esse banco está ocupado?

Leana estava prestes a dizer que sim quando notou que era Michael Archer. Ela sentiu um sobressalto, mas o reprimiu. — Agora, isso — disse ela friamente — é uma surpresa.

Michael sorriu. — Eu poderia dizer o mesmo.

— É bom ver você — disse Leana. — O que o traz aqui?

— Boa comida e uma bela mulher. — Ela olhou para trás dele, que disse:

— Que me deixou na mão.

— Ora, vamos. Quem deixa você na mão?

— É verdade — disse ele. — E sempre acontece com modelos. Que tal me dar algum conselho?

— Deixe-me ver se eu entendi — disse ela. — Você sai com modelos?

— Algumas vezes.

— Essa foi a coisa mais triste que ouvi o dia inteiro.

— Talvez um drinque a faça sentir-se melhor?

Leana ergueu o copo de vinho cheio. — Tarde demais — disse ela. — E adivinha só? Ainda estou triste por você. Mas deixe-me pagar um drinque para você. Vai alegrá-lo um pouco. O que gostaria? Alguma coisa sem calorias?

Ele riu. — Qualquer coisa gelada — disse ele. — O calor está de matar hoje.

Ele chamou a atenção do bartender e pediu uma cerveja. Quando ela chegou, ele deu um longo gole e agradeceu a Leana.

— O prazer é meu.

— O que a traz aqui? — perguntou ele. — Não estou interrompendo nada, estou?

— Você não está interrompendo nada. Eu deveria encontrar um amigo para o jantar, mas ele está atrasado. Estou começando a achar que ele também me deixou na mão.

— Atrasado quanto?

— Trinta minutos atrasado.

Michael ergueu uma sobrancelha. — Você tem essa paciência toda? Eu só espero vinte minutos.

— Ah, vocês, escritores — disse ela. — Ah, vocês, astros do cinema. Tão ocupados. Tão pouco tempo.

Ele não pôde evitar um sorriso. — Você ligou para ele?

— Não — disse Leana. — Mas não é uma má ideia.

Ela pediu licença para usar o celular em uma área quieta do restaurante. Ela estava botando a mão dentro da bolsa quando um garçom bateu de leve em seu ombro.

— Leana Redman?

Leana olhou para o homem. — Sim?

— Recado para você. — Ele entregou a ela um pedaço de papel e foi embora.

Leana sabia que o recado era de Mario antes de abri-lo.

Leana:

Tentei ligar na casa de Harold, mas você não estava. Não vou poder ir ao jantar hoje à noite. Esqueci que é o aniversário de Lucia e preciso ficar com ela e as crianças. Especialmente por causa das crianças. Eu juro que vou compensá-la. Tente não ficar brava. Explicarei tudo quando encontrá-la de novo.

—Mario

Leana amassou o bilhete e jogou-o em um cinzeiro. Então, agora ele estava mentindo para ela. Ela sabia que o aniversário de Lucia era uma semana depois do seu, e ainda faltavam cinco meses.

Ela tentou reprimir uma pontada de raiva, mas não conseguiu. Ela deveria saber que ele a deixaria na mão. Mais cedo ou mais tarde, a maioria dos homens o fazia. Ela ficou imaginando por que achara que podia confiar nele, para começo de conversa. *Ele é casado*, pensou ela. *Quando vou entender? Homens casados e Leana Redman não dão certo. Hora de ir em frente*.

Quando ela voltou ao bar, viu Michael autografar um guardanapo de papel para uma das garçonetes. Leana o observou. Ele parecia sentir-se confortável em ser uma celebridade, sem sentir-se afetado por isso. Ela sabia que ele estava atraído por ela, sentira isso na noite da festa. Mas ela também estava atraída por ele.

Ela esperou que a garçonete saísse antes de aproximar-se dele.

— Pode me dar um autógrafo também? — perguntou ela. — Significaria o mundo para mim, Sr. Archer. Eu faria qualquer coisa para consegui-lo. Qualquer coisa.

— Onde você o quer?

Ela sentou-se e pegou o copo de vinho. — Como meu traseiro obviamente é um alvo essa noite, você pode colocá-lo lá.

— O que isso significa?

— Aparentemente, também fui deixada na mão, o que é uma pena, porque estou faminta. Então, que tal? Quer jantar comigo? Não sou nenhuma modelo, mas tenho um bônus. Posso pagar a conta.

— Você já pagou o drinque. É minha vez.

— Não — disse ela quando eles desceram dos bancos. — Eu falei primeiro. Mas faça-me o favor de pedir alguma coisa do menu infantil. — Ela colocou a mão no ombro dele. — O dinheiro está meio apertado hoje.

* * *

Vincent Spocatti esperou que eles se sentassem antes de deixar a mesa no canto do restaurante. Eles estavam agora do outro lado do aposento lotado. Ele moveu-se de forma que ela não o visse, saiu e telefonou para Louis Ryan, que atendeu no segundo toque.

— Aqui é Ryan.

— Eles estão pedindo o jantar.

— Ótimo — disse Louis. — E presumo que o Sr. De Cicco não os incomodará durante a refeição?

— Duvido — disse Spocatti. — Não depois do pacote que mandei para a mulher dele.

Spocatti era cheio de surpresas. — O que havia nele?

— Três dúzias de rosas pretas e um bilhete dizendo que, se ela quisesse juntar-se à mãe dela no inferno, bastava sair de casa. Obviamente, Mario está de olho na mulher agora.

— Como Leana reagiu?

— Como acha que ela reagiu? Ela está jantando com Michael, Louis.

— Vamos torcer para que saiam faíscas — disse Louis. — Porque se não acontecer e eu não ouvir sinos de casamento em breve, não vou pagar um centavo a Santiago e meu filho pode ir para o inferno.

CAPÍTULO 21

Enquanto Leana jantava com Michael, Celina telefonava para George pedindo que a encontrasse para um drinque. — Não me importa se está ocupado. Preciso falar com você. Esteja no Houlijan's na Cinquenta e Seis com a Lex em uma hora. É importante.

Ela chegou ao bar popular dez minutos adiantada.

O bar em si estava lotado de gente, a maioria delas parada ou vagueando, algumas jogando a cabeça para trás em alívio cômico.

O olhar de Celina percorreu o pandemônio procurando George. Ela viu jovens homens de negócios em ternos caros tentando parecer sofisticados e bem-sucedidos. Jovens mulheres de negócios bebiam vinho branco, tentando aproveitar os últimos traços de cocaína. Ela não viu George e ficou feliz. Celina queria ver o pai entrar, queria observá-lo naquele momento antes que ele soubesse que ela o estava observando.

Ela abriu caminho até o bar. Uma das mulheres a reconheceu e um sussurrar subiu da multidão: — Celina Redman...

As pessoas viraram-se e a encararam. Celina ouviu o nome de Eric Parker mais de uma vez. Ela concentrou a atenção no bartender. Pediu um martíni e virou-se para olhar além de uma divisória de madeira onde algumas pessoas estavam sentadas, conversando e bebendo. Um casal estava justamente saindo de uma mesa de canto, tornando-a a única mesa disponível no lugar.

Celina pagou o drinque e caminhou em direção à mesa. Ela sentou, surpresa com o cansaço que sentia.

Durante todo o dia, ela e o pai estiveram reunidos com Ted Frostman tratando da viabilidade da aquisição da WestTex Incorporated. Apesar de ele estar entusiasmado, havia algumas pessoas no Chase que eram mais cautelosas. Elas queriam fazer sua própria investigação. Queriam mandar sua própria equipe de advogados e contadores à empresa. Queriam elas mesmas falar com o Irã. Até que soubessem de cada detalhe da WestTex, até que tivessem a máxima certeza de que o acordo com o Irã não seria desfeito, elas estavam hesitantes em juntar-se a George na aquisição.

E Celina não podia culpá-las. Havia muito em risco, mas não podiam dar-se ao luxo de perder tempo nesse negócio com Frostman, e o Chase sabia disso. Se não pudessem comprometer-se com o pai dela logo, George teria que procurar

financiamento em outro lugar. Se fossem sérios, o Chase teria que confiar no pai dela e em seus sucessos anteriores, e assumir o risco.

Ela estava observando as portas quando George entrou no bar.

Ele estava bronzeado e elegante, usando o mesmo estilo confortável de roupas que sempre usava depois do expediente: roupas cáqui, camisa de algodão branca, sapatos de couro marrom.

Ele foi até o bar. As pessoas abriram caminho, a conversa em torno dele cessou e ele sabia. Ele havia acabado de ser notado pelo bartender quando um jovem em um terno cinza caro aproximou-se. Ele apertou a mão de George e falou com o bartender. Dois drinques apareceram em questão de segundos. Eles brindaram, beberam e George ouviu pacientemente enquanto o homem falava.

Celina não pôde evitar um sorriso. Apesar de acontecer com mais frequência do que ele gostaria, o pai dela nunca evitava tais situações. Ele frequentemente dizia que fora assim que encontrara seus melhores funcionários, pois sabia que era preciso coragem para aproximar-se dele.

Ela imaginou se George sentia-se assim agora. Afinal de contas, ele conhecera e contratara Eric Parker em um bar como esse.

O jovem saiu com um sorriso estampado no rosto e George virou-se para procurar Celina. Quando ele a viu, encarou-a por um momento, acenou para ela com a cabeça e atravessou o aposento. Celina podia sentir nele um leve aborrecimento por ter sido afastado de casa.

Ele sentou-se à frente dela. — Belo lugar esse — disse George. — Cheio, barulhento e jovem. Você vem aqui sempre?

— Eric e eu vínhamos, sim.

Ele assentiu.

— Deixe-me ir direto ao ponto.

— Vá em frente.

— Quero saber se você teve alguma coisa a ver com o que aconteceu a Eric na noite passada.

A tensão surgiu subitamente entre eles. George olhou para Celina, mas o rosto dele continuou inexpressivo. Ele não respondeu.

— Eu estava lá quando tiraram Eric do Redman Place em uma maca — disse Celina. — Eu vi quando o colocaram na parte de trás da ambulância. Eu vi Diana Crane juntar-se a ele. Quero saber se você teve alguma coisa a ver com isso.

— O que seu coração lhe diz?

— Não faça joguinho comigo, Papai.

— Não estou fazendo nenhum joguinho.

— Então responda à minha pergunta.

— Não antes que responda à minha.

Naquele momento, ela sentiu uma amargura pelo pai que nunca sentira antes, e isso a assustou. Ela lembrou-se da discussão que tiveram no outro dia e se deu conta de que não eram mais próximos como antes. Alguma coisa mudara. Ela sabia que podia acabar com isso, mas não o faria. Celina tinha que saber a verdade, não importava o que perdesse por causa dela.

— Muito bem — disse ela. — Meu coração diz que você não teria feito isso, de jeito nenhum.

— Então por que estamos aqui?

— Porque o resto do meu corpo pensa diferente.

— Bem — disse George. — Lamento ouvir isso. — Ele terminou o drinque e levantou-se. — Vejo você amanhã, Celina.

— Aonde vai?

— Voltar para casa, para perto de sua mãe.

— Mas você não respondeu à minha pergunta.

— E não pretendo responder. Isso é ridículo.

— Então responda isso, Papai. Se você não teve nada a ver com o que aconteceu com Eric, para quem telefonou naquele dia no estúdio?

George olhou para ela. Celina encontrou o olhar dele e não o desviou.

— Você quer saber para quem eu telefonei naquele dia no estúdio?

— Sim, eu quero saber.

George colocou as mãos sobre a mesa e inclinou-se para a frente. O rosto dele estava a centímetros do dela quando ele falou. — Telefonei para um amigo meu que garantirá que Eric Parker nunca mais trabalhe nessa cidade novamente. Foi isso o que eu fiz a Eric, Celina. Eu destruí a carreira profissional dele. Mais nada. — Ele endireitou-se. — Satisfeita?

Ela sabia que ele estava falando a verdade. Podia ver isso no rosto dele.

George virou-se para ir embora.

— Espere — disse Celina. — Há algo que preciso contar a você. É importante.

— O que é?

— É sobre Leana.

O olhar dele ficou reservado. — O que tem Leana?

— Ela estava lá ontem à noite. Eu a vi na multidão.

George olhou em torno, provavelmente para ver se alguém estava ouvindo, e sentou-se novamente. — Continue — disse ele.

— Ela estava com dois homens. Eu a notei depois que tiraram Eric do Redman Place na maca.

— Ela viu você?

— Eu chamei o nome dela para garantir que me visse.

— O que ela fez?

— Ela falou com os homens que estavam com ela, eles olharam para mim e a tiraram rapidamente do meio da multidão. Quando colocaram Eric naquela ambulância, eu juro que ela estava sorrindo.

George esticou a mão para o copo de uísque vazio e desejou que estivesse cheio. — Como eram os homens?

Celina leu a mente dele. — Para mim, pareciam amigos de Mario De Cicco.

— Você acha que ela está se encontrando com ele de novo?

— Eu não duvidaria nada de Leana.

— Nem eu. — Ele empurrou a cadeira para trás.

— E tem mais — disse Celina. — Nessa manhã, falei com os porteiros que estavam trabalhando ontem à noite.

— E?

— Todos eles mencionaram terem falado com Leana. Eu acho que ela os distraiu para que os amigos dela chegassem até Eric. — Houve um silêncio. — Eu não queria lhe contar nada disso, mas achei que você deveria saber. Se um daqueles porteiros contar à polícia que Leana estava lá no horário do ataque, ela estará em sérios apuros. Especialmente se Eric descobrir que ela estava lá. Não há como saber o que ele fará se fizer essa conexão.

— O que a faz pensar que ele ainda não a fez?

George levantou-se e virou-se para ir embora, mas parou e olhou para a filha. — Vou ser honesto com você, Celina. Há uma coisa que ainda me perturba.

— E o que é?

— Você sabia disso tudo e, ainda assim, achou que eu era responsável pelo que aconteceu a Eric.

* * *

Mais tarde, no escritório no Redman Place, George falou separadamente com os mesmos três porteiros com os quais Leana falara na noite em que Eric fora atacado.

Um era francês e os outros dois hispânicos. A mensagem que ele deu a cada um foi a mesma: George tinha amigos no Departamento de Imigração. Se um deles mencionasse à polícia que falara com Leana na noite do ataque, ele garantiria que todos os três fossem deportados para seus respectivos países na

semana seguinte.

CAPÍTULO 22

Por três dias, nada houve além de escuridão, nevoeiro e uma dor terrível e inacabável que vinha em ondas e o consumia. De vez em quando, durante aqueles momentos em que o nevoeiro sumira, ele ficara ciente de sons: uma porta abrindo, homens conversando, uma mulher chorando. E depois a escuridão.

Ele sonhou.

Ele estava no quarto, fazendo amor com Diana, e, subitamente, não havia mais um lençol cobrindo os dois. Antes que pudesse reagir, antes que pudesse até mesmo pensar, havia uma mão na parte de trás de seu pescoço e ele estava sendo puxado, erguido, jogado. No mesmo instante em que a cabeça dele bateu na cômoda, ele ouviu Diana gritar. Houve dois tapas distintos, seguidos de um choro abafado.

E depois nada.

Eric esforçou-se para levantar, procurou o interruptor da luz, ligou-a. Havia dois homens, ambos vestidos de preto. Um deles segurava os cabelos de Diana e arrastava-a para fora do quarto. O sangue escorria da testa e da boca dela, manchando a pele. Ela estava inconsciente.

O outro homem era alto e grande e caminhou em direção a Eric sem hesitação nem pressa. Na mão dele, Eric viu o seu próprio bastão de beisebol, o que deixava no saguão, o que usava nas tardes de sábados no parque, o que usara para dar uma bela tacada um dia. Leana estava naquele jogo. Ela sentara sob a sombra de um olmo, torcendo com o resto da multidão.

Leana...

Ele deu um passo para trás, tropeçou, caiu no chão e viu o bastão de beisebol descer para bater no lado da sua cabeça. Ele levantou a mão para proteger o rosto, mas o atacante balançou o taco mais abaixo e bateu na perna de Eric, fraturando o osso.

Eric gritou. Ele virou-se de lado, agarrou o carpete, tentou se mover, tentou correr, mas foi inútil, a dor era excruciante.

Ele olhou para a perna e viu que estava terrivelmente torcida. Um osso quebrado saía da carne rasgada. Uma onda de náusea o envolveu. A bílis subiu à boca e ele engasgou. O homem jogou o bastão de lado, pegou Eric pela cabeça e

começou a socar o rosto dele com o punho fechado. Cada golpe enviava Eric a um abismo mais profundo do que qualquer pesadelo que já tivera.

Mas, mesmo dormindo, Eric sabia que esse pesadelo fora realidade. Quando ele acordou no quarto dia, o quarto do hospital estava nas sombras. Ele ficou ciente novamente dos sons. Ouviu o zumbido tênue do ar-condicionado, o tamborilar familiar da chuva contra um vidro que não podia ver e virou a cabeça.

Tentou virar a cabeça.

A ação enviou lâminas afiadas de dor pelo corpo. Ele gemeu.

Do outro lado, alguém, uma mulher: — Eric?

Os lábios dele se abriram. Eles estavam secos e tão inchados quanto a língua e a garganta. Ele precisou usar de toda a força para dizer uma palavra: — Celina?

— Não — disse a voz. — É Diana.

Ela atravessou o quarto e sentou-se na cadeira de vinil branca ao lado da cama. Depois de pressionar um botão para alertar a enfermeira, ela pegou a mão dele e segurou na sua. — Você ficará bem — disse ela. — Terá um tempo difícil, mas já acordou e ficará bem.

Ele tentou falar novamente, mas Diana colocou o dedo sobre os lábios dele. — Tente não falar nem se mexer. Você sofreu uma cirurgia na perna. Ela está engessada agora, mas os médicos disseram que você ficará bem. Tudo o que precisa fazer é descansar e concentrar-se em melhorar. Cuidarei de todo o resto.

A enfermeira entrou no quarto e Diana virou-se para ela. — Ele está acordado — disse ela. — E está sentindo dor. Pode dar alguma coisa a ele?

A mulher caminhou até a cama e verificou o prontuário de Eric. — Lamento — disse ela. — Ele só pode tomar outra dose às quatro.

— Não me importa se ele só pode tomar outra dose na semana que vem — disse Diana sem se abalar. — Ele está sentindo dor. Parte do seu trabalho é cuidar da dor. Agora, ou você se mexe e cuida daquela dor ou vou falar com sua supervisora. — Ela inclinou a cabeça. — Você não vai gostar se isso acontecer.

A enfermeira disse que falaria com o médico e saiu do quarto.

Diana virou-se novamente para Eric e viu que ele a olhava intensamente. — Eu ficarei bem — disse ela. — É só um olho roxo e um arranhão na testa. Já recebi golpes piores na vida.

Ele ficou imaginando se aquilo era verdade. Apesar de conhecer Diana há anos, ele sabia surpreendentemente pouco sobre ela. Ele sabia que ela viera de uma pequena cidade no Maine, sabia que o pai dela morrera ainda jovem, sabia a luta que fora para que ela conseguisse concluir a universidade e conseguir o diploma de advogada. Além disso, era como se ela fosse somente mais uma das inúmeras pessoas sem rosto que ele conhecera na vida. Mas essa pessoa sem

rosto estava apaixonada por ele e, agora, cuidando dele. Ele imaginou se ela sabia que ele não a amava, que nunca a amara e nunca a amaria, que o único motivo para ter entrado na vida dela fora porque estava se sentindo sozinho e queria que Celina ficasse com ciúmes.

Ele sentiu uma pontada de culpa. Não havia dúvida de que, de alguma forma, Diana salvara sua vida. Ele devia sentir-se grato pelo que ela fizera, e estava, mas não da forma como ela queria. Eric ainda amava Celina.

Diana estava sorrindo para ele, a mão ainda segurando a dele. Ela era uma mulher forte, ele sabia disso, e, apesar de nunca ter gostado completamente dela, ainda a respeitava. Ela era uma boa advogada. Parecia ser uma boa pessoa. Mas, quando ele terminasse com ela, ficou imaginando se ainda seria boa.

Diana levantou-se. — Há algo que quero lhe mostrar — disse ela, acendendo uma luz.

Eric encolheu-se. Ele viu as flores somente depois que os olhos tinham se ajustado. O quarto estava literalmente cheio de buquês de flores. Diana arrancou uma rosa do vaso e Eric a olhou interrogativamente.

— Muitas pessoas importam-se com você — disse ela. — Essas flores chegaram nos últimos quatro dias. Mas não há mais espaço para elas. Espero que não se importe, mas pedi à enfermeira que começasse a enviar o que chegasse para aqueles pacientes que não receberam nenhuma flor.

— Quem enviou...? — A voz dele estava rouca e quase não conseguia mover os lábios. — Você guardou os cartões?

— É claro — disse Diana. — Eles estão naquela gaveta. Mas a maioria veio de Louis Ryan. Ele esteve aqui meia dúzia de vezes e está preocupado com você.

Ela voltou para o lado da cama e olhou para ele. — Considerando como George sente-se a respeito dele, eu não fazia ideia de que você e Louis Ryan fossem tão bons amigos.

Nem Eric.

* * *

Diana acabara de sair para a Redman International quando o médico entrou no quarto.

Era um homem de meia idade, bronzeado, com olhos castanhos profundos e cabelos prematuramente grisalhos. O nome dele era Dr. Robert Hutchins e ele verificou o prontuário de Eric cuidadosamente. — Você tem uma perna quebrada, duas costelas fraturadas e uma infinidade de cortes e machucados.

Tirando isso, sua saúde está perfeita.

Eric tentou se sentar, mas falhou. Ele tentou pigarrear e ficou surpreso ao descobrir que até isso era difícil. Mais cedo, tinham dado a ele uma xícara de chá quente com mel e uma dose generosa de Demerol. Agora era mais fácil falar.

— Quando posso sair daqui?

— Isso depende de você.

— Pode começar a fazer minhas malas.

— Talvez eu deva dizer isso de outro modo — disse Hutchins. — Você sairá daqui quando seu corpo o permitir. Os homens que o atacaram sabiam o que estavam fazendo. Sua perna foi fraturada em três lugares. Eu acho que eles queriam garantir que você não caminharia novamente.

Levou um momento antes que Eric pudesse falar. — E eu vou?

O médico hesitou. — Você caminhará — disse ele. — Mas demorará um pouco para que consiga caminhar sem mancar. Você foi atingido na perna com um bastão de beisebol e o fêmur foi dilacerado, causando danos aos nervos e ao músculo. Como sabe, tivemos que operá-lo. Agora você tem um pino de aço na perna. — Ele levantou o lençol e beliscou o dedão do pé de Eric. Ele observou o rosto de Eric e esperou uma reação. Não houve nenhuma.

Ele beliscou com mais força, dessa vez enterrando as unhas. Nada.

— Quero que tente mexer os dedos do pé, Eric.

Ele ergueu a cabeça ligeiramente e olhou para a perna. Ela estava erguida e engessada. Os dedos tinham um tom um pouco mais escuro do que os machucados no rosto de Leana.

A visão o abalou.

— Eu sei — disse Hutchins. — Mas a descoloração é normal. Eles parecerão melhor em uma semana. Agora, tente mexê-los.

Quando Eric não conseguiu, ele deitou a cabeça novamente no travesseiro. Com os olhos firmemente fechados, ele disse: — Vou matar aquela filha da puta.

— Como?

— Nada — disse ele, e tentou mexer os dedos novamente. Não conseguiu. Não importava o quanto tentasse, não conseguia mexê-los.

— Ok, Eric — disse o médico. — Vamos, tente mexê-los.

— Estou tentando.

Hutchins olhou para ele. Havia um olhar de medo no rosto de Eric, ligeiramente mascarado por um olhar de raiva.

Sem palavras, Hutchins recolocou o prontuário no lugar. — Você se lembra do que aconteceu naquela noite?

Tudo. — Nada.

— Alguma ideia de quem poderia ter feito isso com você?

Eu sei exatamente quem foi. — Nenhuma — disse ele.

— Quando você acordou mais cedo, tivemos que chamar a polícia. Eles estão esperando lá fora. Querem interrogá-lo, mas, se achar que está muito fraco, basta me falar e direi a eles para irem embora por enquanto.

— Falarei com eles em algum momento — disse Eric. — Mas mais tarde? Quero dormir. De qualquer forma, duvido que possa ajudar. — *Cuidarei daquela vadia eu mesmo.*

— Como está se sentindo?

— Como acha que estou me sentindo? Estou sentindo dor.

Ele observou Hutchins preparar uma seringa e injetá-la na IV. — Durma — disse ele. — Isso ajudará. — Ele colocou a seringa vazia em uma caixa de descarte e tocou no ombro de Eric. — Você ficará bem — disse ele. — Mas não vou mentir para você. O pior ainda está por vir. Levará meses até que recupere o uso completo da perna, e só conseguirá se trabalhar muito na reabilitação. Portanto, descanse o máximo que puder. Você precisará disso.

* * *

Ele acordou à meia-noite.

A chuva parara, o céu estava limpo e o luar entrava no quarto pela janela do lado oposto ao da cama.

Ele observou o gesso até o pé. Sob o luar, os machucados nos dedos pareciam pretos. Ele tentou mexê-los, não conseguiu, e tentou com mais afinco. Eles permaneceram imóveis.

Eric fechou os olhos e rezou para um Deus para quem não rezara em anos. Ele fez promessas que homem nenhum poderia manter e abriu os olhos. Ele tentou, mas ainda não conseguiu mexer os dedos. Era como se eles não fizessem mais parte do corpo. Ele ficou imaginando se conseguiria caminhar de novo algum dia.

Naquele momento, ele tomou uma decisão. Pegou o telefone na mesa ao lado, fez uma careta por causa da dor no ombro esquerdo e digitou alguns números. Passou-se um momento antes que uma voz familiar atendesse.

Depois de explicar em detalhes o que acontecera, Eric disse ao homem exatamente o que queria. Houve um silêncio.

— Tem certeza? — perguntou o homem.

— Tenho certeza — disse Eric.

— E você entende que, depois que as coisas começarem a andar, não

poderá mudar de ideia. Passamos por canais, a maioria deles anônimos. É uma decisão irreversível de sua parte. Precisa entender isso.

— Eu entendo — disse Eric. — Foi por isso que telefonei para você.

— Alguma maneira em particular que queira?

— Não me importo como faça, mas espero que ela sofra antes de morrer.

— O sofrimento é adicional.

— Então cobre por ele.

— Ficarei em contato — disse o homem. — E não se preocupe. A vida dela vai virar um inferno.

CAPÍTULO 23

O telefone tocou três vezes antes que Leana olhasse para o relógio na mesa de cabeceira. Era 7h15 e o apartamento estava iluminado pela luz do sol matinal.

Ela sentou-se na cama e ficou imaginando quem ligaria a essa hora. Ela pensou em várias possibilidades e se deu conta de que a única pessoa com quem queria falar era Michael Archer. Mas ele raramente telefonava. Ultimamente, ele quase sempre passava no apartamento dela, em vez de telefonar.

Quando o telefone tocou pela quinta vez, Leana atendeu e a linha ficou muda. Era a segunda vez desde a noite anterior que alguém telefonava e desligava na cara dela. Ela ponderou se Mario conseguira o número dela e estava telefonando para saber se estava em casa e segura, mas não queria falar. Mas ela deixou a ideia de lado. Se Mario quisesse falar com ela, ele falaria.

Ela colocou o telefone no gancho, saiu de sob o lençol e ficou imaginando como ele estava. Ela não o vira desde a noite em que Eric fora espancado. Não tivera notícias dele desde o recado que recebera no restaurante.

Apesar de estar furiosa com ele por ter mentido para ela, ainda sentia a falta dele, mas não o suficiente para telefonar. Ela deixa isso por conta de Mario.

Ela olhou em torno do apartamento novo.

Em questão de dias, ela e Michael Archer transformaram o apartamento em um lugar que ela se sentia feliz em chamar de lar. As paredes não eram mais cinzas e sem vida, agora eram cor de marfim. A mobília que o inquilino anterior deixara se fora, Michael a levara embora, e as janelas quebradas tinham sido substituídas por painéis de vidros novos. Apesar de haver ainda muito a fazer – mobílias para comprar, cortinas para pendurar, piso para reformar – ela estava feliz com o trabalho, talvez porque soubesse que Michael planejava ajudá-la.

Será que ele viria mais tarde? Desde a noite em que jantaram juntos, ele vinha todas as manhãs para ajudar com a pintura. Eles passavam os dias pintando, conversando e ouvindo música no iPad e na base Bose que Michael lhe dera de presente para a casa nova.

Ela ouvira sobre a vida dele em Hollywood, como fora difícil para ele escrever e publicar o primeiro livro e os detalhes da morte dos pais.

— Como é sem eles? — perguntara ela.

— Sinto saudades da minha mãe — disse ele. — Ela morreu quando eu era

pequeno. Mas meu pai? — Ele deu de ombros. — Não muito. Não nos dávamos muito bem.

As noites eram as melhores. Depois de terminar os trabalhos do dia, eles se arrumavam e iam para a cidade.

Michael mostrou a Leana um lado de Nova Iorque que ela não conhecia. Eles jantaram em pequenos restaurantes familiares no Village, foram a leituras de poesia, percorreram muitas galerias de arte. Foram ver uma apresentação no Cherry Lane Theater, tomaram cerveja e jogaram dardos no Kettle of Fish e passearam pelas ruas, olhando os prédios e discutindo como a arquitetura parecia diferente à noite.

Agora, ao pensar sobre seu novo emprego, as oportunidades que ele oferecia e como ela se sentia sobre Michael, Leana se deu conta de que estava se aproximando de um tipo desconhecido de felicidade. Ela nunca se sentira tão viva desde o relacionamento com Mario. Ela morava em seu próprio apartamento. Logo, ela começaria a trabalhar com Louis Ryan e tinha um homem excelente em sua vida. Pela primeira vez em anos, ela estava vivendo com esperança. Leana decidiu que não era algo do que desistiria facilmente.

O telefone tocou novamente. Leana pensou em ignorá-lo, mas sentou-se na cama e tirou-o do gancho. — Alô — disse ela.

— Olhe pela janela.

— Quem é?

— Só olhe pela janela. Rápido, antes que eu receba uma multa.

Louis Ryan?

Leana saiu da cama e atravessou o quarto. Ela ainda não terminara de desempacotar suas coisas e teve que tirar caixas de papelão do caminho para chegar à janela.

Ela abriu a cortina.

Lá embaixo, parado em fila dupla, estava Louis. Ele estava parado ao lado de um elegante Mercedes Gullwing novo, os cabelos grisalhos tremulando ao vento.

Os braços dele estavam abertos. Em uma mão, ele segurava um buquê de rosas, na outra um celular. Leana levantou a janela e inclinou-se para fora. — Você é louco — disse ela no telefone. — O que está fazendo aqui?

— Entregando seu carro novo — disse Louis. — É só uma forma de agradecer por ter aceitado o trabalho.

Ela sentiu um surto de adrenalina. — Meu novo carro... não pode estar falando sério!

— Estou falando muito sério — disse ele. — O carro é seu, junto com o meu agradecimento. Você está assumindo uma posição poderosa. Esse carro

combina com a imagem dela. As pessoas esperarão que você dirija algo assim.

— Elas me odiarão por isso. Olhe essas portas!

Louis deu de ombros. Ele jogou as rosas e o telefone sobre o painel e empurrou a porta até que ela fechasse completamente. Ele fez um sinal para um táxi e, quando ele parou ao seu lado, ele acenou em direção ao Mercedes brilhante. — O motor está ligado — gritou ele. — Não tive tempo de achar um lugar para estacionar. A não ser que queira que ele seja roubado, sugiro que desça agora e encontre um lugar.

— Mas não estou vestida!

Louis Ryan não se importava. Ele foi embora.

Leana vestiu-se rapidamente. Ela foi até o armário, pegou uma bermuda, trocou a camisola por uma camiseta branca e enfiou um par de mocassins gastos. Sentindo-se como uma criança na manhã de Natal, ela saiu correndo do apartamento, disparou pelos cinco andares de escadas e saiu do prédio.

A essa hora da manhã, as calçadas estavam quase desertas. Somente algumas poucas pessoas, usando camisetas da NYU, estavam correndo pela Quinta Avenida em direção à Washington Square.

Leana foi até o carro. Ela passou a mão pela superfície preta lisa, ouviu o rugir intimidante do motor, levantou e abaixou a porta do motorista e não pôde evitar um sorriso. O carro era uma obra de arte.

Ela deslizou para dentro dele, pegou as rosas e enfiou o nariz nelas. Há apenas três anos, ela estivera em uma clínica de reabilitação para drogados, pronta a desistir de uma vida que, estivera convencida, não valia mais a pena viver. Agora, ela estava sentada no novo Mercedes Gullwing que seu chefe comprara para ela e logo começaria a gerenciar o maior hotel da cidade de Nova Iorque. A mudança de eventos ainda era inacreditável.

O celular que Ryan deixara começou a tocar. Ele estava no banco do passageiro. Leana o pegou. — Adorei — disse ela.

Louis riu. Ela podia ouvir o tráfego passando por ele e notou que o vidro dele estava aberto. — Fico feliz — disse ele. — E acredite, você fará jus a ele. Agora, escute. Estou indo para o hotel. Por que não engata uma marcha e me encontra lá? Acho que está na hora de ver onde você encontrará o seu sucesso.

Ela entrou em pânico. — Não sei usar essa coisa. É poderoso demais. Consegue ouvir o motor? Ele está rugindo.

— Ronronando — disse ele. — Esse carro ronrona. Mas você pode fazê-lo rugir.

— Terei que me trocar — disse ela. — E tomar um banho...

— Bobagem — disse Louis. — Você está perfeitamente bem assim. E, além do mais, será só nós dois. Prometo.

* * *

O hotel parecia tocar o céu.

Quando Leana parou em frente a ele, olhou para cima para as enormes chapas de vidro espelhado, os elevadores externos de vidro ultramodernos nos lados e sentiu uma torrente de adrenalina quando notou que os andaimes tinham sido removidos.

Louis dissera que o trabalho estaria concluído em breve no hotel de 4 mil quartos, mas ela não tinha ideia de que a conclusão estava tão próxima. E a realidade caiu sobre sua cabeça. *Serei responsável por esse lugar em questão de dias.*

Apesar de seu pai ter uma infinidade de hotéis, Leana não sabia nada sobre hotelaria. Mas ela sabia que estaria bem. *Harold me ajudará*.

Com a exceção dos elevadores externos de vidro, talvez a parte mais impressionante do prédio fosse o nome - elegante e moderno, com uma concepção perfeita, parecendo ter sido projetado para o próximo século. Centralizadas sobre a entrada, brilhando ao sol, havia três palavras em letras de aço de quase três metros:

The Hotel Fifth

Leana olhou para o nome e sentiu um calafrio – e depois um rasgo de determinação – subir pela espinha. *Vou conseguir*, pensou ela. *Não posso fracassar*.

Ela engatou a marcha no carro e estava prestes a entrar na garagem subterrânea quando notou um homem em um terno cinza imaculado caminhando rapidamente em sua direção, o sorriso quase tão deslumbrante quanto o nome do hotel. — Srta. Redman — disse ele. — Seja bem-vinda.

Ele foi até o lado do carro e estendeu a mão, que Leana apertou. — Zack Anderson — disse ele. — Seu novo assistente.

— É um prazer conhecê-lo — disse Leana, e rapidamente ela lembrou-se de sua aparência. Louis dissera que seriam somente eles dois e ela não trocara de roupa. Mas esse homem, esse homem que tinha pelo menos o dobro da idade dela, parecia que tinha acabado de sair da capa da GQ, e trabalharia para ela.

— Louis está aqui? — perguntou ela.

— Lá dentro — disse Zack. — Logo depois daquelas portas. Quer que eu estacione o carro para você?

Leana agradeceu e saiu do carro. Antes que ele entrasse, ela viu o olhar dele observando sua bermuda amassada, a camiseta e os mocassins gastos, e não pôde evitar desejar que tivesse vestido algo mais apropriado antes de sair de casa. Ele abaixou a porta e Leana o viu passar as mãos no volante de couro e o observou invejando o interior creme.

Antes que ele se afastasse com o carro, ela disse: — Posso perguntar uma coisa?

Ele conferiu o cabelo no espelho retrovisor. — Pode me perguntar qualquer coisa — disse ele casualmente, sem se dar ao trabalho de olhar para ela. — É por isso que estou aqui.

Naquele momento, ela decidiu que não gostava dele. Ele era suave demais, prestativo demais e tinha um quê de condescendência. *Ele acha que sou só mais um rosto bonito*, pensou ela. *Então, preciso provar a ele também que está errado*. — Há quanto tempo está nesse ramo? — perguntou ela.

— Vinte e três anos — disse ele rapidamente. — E tenho que ser honesto com você, Srta. Redman. Um dia desses, espero ter o seu emprego.

* * *

Louis Ryan não estava à vista quando Leana entrou no hotel. Ela esperou perto das portas giratórias de vidro e aço por vários momentos antes de subir o pequeno lance de escada que levava ao saguão, que a deixou atordoada.

Ele era enorme, cavernoso e cheio com sete andares de lojas, restaurantes e bares. As pessoas apressavam-se à sua volta. Escadas rolantes ziguezagueavam até o teto de vidro do átrio. Uma enorme cachoeira caía suavemente no centro do aposento, brilhando e lançando luzes coloridas nas paredes de mármore cinza. Ela dividia um restaurante ao ar livre cheio de flores e plantas exóticas. Não só o saguão era maior do que o do Redman International, mas era superior em todos os aspectos.

Ela virou a atenção para as pessoas que corriam em volta dela, observou o burburinho e a comoção, e ficou fascinada com a forma eficiente com que tudo estava formando um belo conjunto.

Homens empurravam cabides de roupas, poliam vidros, carregavam caixas de comida pelo grande espaço acarpetado. Mulheres gritavam ordens,

arrumavam vitrines, passando por ela em suas roupas elegantes e impecáveis.

Uma mulher chamou uma amiga. — Vamos inaugurar na quarta-feira e temos um compromisso. Diga-me como terminaremos em tempo se teremos uma festa na noite anterior. Isso será impossível.

Veremos, pensou Leana. Ela avançou mais um pouco.

Ao olhar em volta, ela pôde ver-se gerenciando esse lugar e transformando-o no sucesso que prometera a Louis Ryan que ele se tornaria.

Ela sentiu uma mão em seu braço. Leana virou-se e viu Zack Anderson. — Então, o que acha? — perguntou ele.

— É lindo — disse Leana.

Ele deu uma risada baixa. — Acho que não estamos no mesmo comprimento de onda — disse ele. — Eu sei que é lindo. Só esse saguão custou ao Sr. Ryan e seus investidores pelo menos trezentos milhões. Perguntei se acha que conseguirá gerenciá-lo.

Ele estava sendo condescendente. Leana sentiu uma breve irritação, mas a reprimiu. Ela sorriu para ele. — Não vejo como posso não conseguir, Sr. Anderson. Com você recebendo minhas ordens e fazendo o trabalho braçal, como posso fracassar?

O sorriso de Zack Anderson desapareceu. Leana apertou o braço dele. — Acredito que haverá várias academias aqui — disse ela. — Posso dar uma dica?

— É claro.

— Comece a usá-las. Para me acompanhar, você terá que melhorar seu coração, sem falar de sua atitude. Não posso ter um assistente que não consegue me acompanhar. E não vou ter um assistente cujo ego seja tão grande que poderia encher esses espaço e espremer todo mundo para fora dele. Fui clara?

Ele estava prestes a responder quando algo capturou seu olhar e ele se virou. O sorriso que ela arrancara do rosto dele reapareceu. — Bem, bem — disse ele. — Então eles resolveram aparecer, afinal de contas.

Leana seguiu o olhar dele. Do outro lado do saguão, andando casualmente na direção deles, estava Louis Ryan rodeado por um pequeno grupo de pessoas em roupas formais.

— Quem são eles? — perguntou ela.

Zack Anderson pareceu surpreso. — Quem são eles? — repetiu ele. — Srta. Redman, o quanto sabe sobre esse emprego?

— Não tanto quanto gostaria — admitiu ela. — Mas é para isso que você está aqui, Zack. Agora, diga-me. Quem são eles?

— Os investidores dele — disse o homem. — As pessoas para quem você trabalhará.

Ele olhou para os sapatos surrados dela, para a bermuda e o cabelo preto

desgrenhado, e o sorriso dele aumentou. — Direi ao Sr. Ryan que você está aqui para que ele possa fazer as apresentações.

* * *

As coisas tinham o dom de se encaixarem no lugar para Louis Ryan.

Quando ele pedira a Leana que o encontrasse aqui essa manhã, ele genuinamente pensara que ninguém importante estaria no hotel, certamente não a essa hora. Portanto, dissera a ela que viesse como estava.

Agora, enquanto ele e seu grupo seguiam Zack Anderson em direção à cachoeira, Ryan não podia estar mais feliz por isso ter mudado. Só de ver o constrangimento no rosto de Leana Redman quando ele a apresentasse aos seus parceiros valia qualquer desconfiança que ela indubitavelmente sentiria por ele.

Eles pararam para admirar a cachoeira. Na forma como fora projetada, a água não parecia sair de lugar nenhum, quando, na realidade, ela fluía de um local oculto na parte superior. Não havia ondas na água, só uma faixa ampla e pura caindo em um abismo iluminado. Ao passarem pela cachoeira, Louis esperava ver Leana esperando do outro lado, mas ela não estava lá. Ele olhou ao redor, mas não a viu. — Onde está ela? — perguntou ele baixinho a Anderson. — Achei que dissera que ela estava aqui.

O homem pareceu surpreso. — Ela estava — disse ele. — Eu a deixei há um minuto.

— Então onde está ela agora?

— Estou aqui — disse Leana.

Os dois se viraram.

Caminhando rapidamente na direção deles, em um vestido Dior vermelho imaculado e com sapatos vermelhos combinando, estava Leana, o cabelo preso para trás, um broche de diamantes cintilando na lapela. Ela vinha da direção da loja Dior, onde duas mulheres estavam paradas na porta admirando Leana e como ficara bem na roupa.

Ela passou por Louis e Zack e começou a apresentar-se para o pequeno grupo atrás deles. Alguma coisa nos olhos dela, algo na forma desafiadora com que ela mantinha a cabeça erguida fez com que cada um deles sentisse que tinha acabado de perder um jogo de xadrez importante para uma mulher que julgavam ser uma amadora.

Leana desviou o olhar do grupo, encarando seu assistente e, depois, o homem que se tornara seu chefe. — Querem um café? — perguntou ela.

Alguns disseram que adorariam café.

— Perfeito — disse ela. — Zack não é exatamente talentoso com um bule, mas a boa notícia é que o Starbucks está aqui. — Ela olhou para Zack. — Eu sei que eles têm um menu complicado, mas só precisa anotar o pedido deles e ter certeza de não errar. Dessa vez, por favor, não cometa nenhum erro. — Ela virou-se para o grupo e abriu as mãos. — Algumas vezes, ele se precipita e comete erros de julgamento, especialmente em se tratando de pessoas.

Eles riram. E, naquele momento, com o calor correndo entre ela e Zack, foi uma surpresa a cachoeira não ter virado vapor.

Quando ele terminou de anotar os pedidos, Leana disse: — O que acham de um tour? Ainda preciso ver esse lugar eu mesma e acabei de descobrir que a inauguração é na quarta-feira. Estou ansiosa para ver o hotel.

Ela mediu Louis com um olhar. — Vamos?

* * *

O hotel tinha quatro restaurantes, cinco bares, duas boates e um teatro com três mil lugares que podia ser comparado a qualquer casa da Broadway.

No átrio, havia lojas famosas de todos os tipos, para todos os gostos, mas não necessariamente para todos os bolsos. Havia uma piscina olímpica e um bar na cobertura, uma academia a cada cinco andares e um pequeno exército de *personal trainers* sob a supervisão de cinco médicos do hotel, todos experientes em fornecer injeções de Botox para clientes que precisarem de um retoque. Se os hóspedes ficassem uma semana no Hotel Fifth, não havia motivo para não voltarem para casa sentindo-se melhor, e com aparência melhor, do que nunca.

Enquanto Leana seguia Louis e os investidores pelos quartos que ele decidira mostrar, até mesmo ela, uma mulher que se hospedara nos hotéis mais luxuosos do mundo, estava impressionada. Cada quarto oferecia vistas espetaculares da cidade.

— Obviamente, nosso alvo é um mercado elevado — disse Louis. — E cada convidado será mimado. Flores frescas ao chegarem nos quartos, uma variedade de frutas, uma garrafa de champanhe de cortesia. O transporte por nossa frota de limusines e Bentleys estará disponível para quem chegar primeiro. Para os hóspedes de negócios, temos tudo de que precisam: rede sem fio, impressoras, fax e uma área espaçosa e bem iluminada. Para aqueles que queiram computadores, notebooks estarão disponíveis sem custo adicional. Para aqueles em férias, temos estilistas para as mulheres, alfaiates para os homens. O

spa daqui será destacado como um dos melhores de Nova Iorque, posso prometer isso.

Ele soou mais como uma pessoa de relações públicas bem ensaiada do que o presidente de uma corporação multibilionária.

Leana foi até o terraço, levantou a mão para proteger os olhos do sol e ficou imaginando novamente por que Ryan assumira o risco de pedi-la para gerenciar um hotel como esse. Mais de uma vez ocorrera a ela que ele a poderia estar usando para enfurecer seu pai e, apesar de Leana não gostar da ideia, a aceitava porque concordara com o emprego pelo mesmo motivo: esfregá-lo na cara de George.

Ela sentiu alguém parado atrás dela. Ela virou-se para ver Louis na porta. Com as mãos para trás, o sol refletindo nos óculos, os olhos dele pareciam esferas brilhantes. — Enfadonho, hein?

Leana sorriu.

— Você não precisará ouvir mais nada — disse ele. — Estamos a sós agora. Zack terminará o resto do tour.

— Ótimo — disse ela. — Zack é tão... capaz.

— Ele é um idiota arrogante — disse Louis. — Mas é o melhor no que faz. Quando você estiver em uma situação difícil, ele salvará sua pele. É por isso que o mantenho. E é por isso que você passará a gostar dele.

— Veremos. Ele já me disse que quer o meu emprego.

— Ele não o terá. Mas darei a ele o meu próximo hotel. Ele é bom assim.

Ele caminhou até o parapeito onde ela estava e inclinou-se contra ele. Do quadragésimo andar, a cidade espalhava-se diante deles. — Então, qual é o problema? — perguntou ele. — Você está quieta.

Leana decidiu que, se iria trabalhar para esse homem, deveria ser honesta com ele.

— Eu consegui esse emprego porque você quer enfurecer meu pai, não é?

— O que a faz pensar isso?

Leana levantou uma mão. — Olhe — disse ela. — Podemos deixar a baboseira de lado? Ambos sabemos que você e meu pai gostariam de ver um ao outro morto. Ambos sabemos que meu pai ficará furioso quando souber que aceitei esse emprego. Isso deixará você feliz. E, para ser sincera, isso me deixará feliz. Muito feliz. Entende o que estou dizendo?

Louis ergueu a cabeça. Por trás dos óculos, os olhos dele apertaram-se ligeiramente, quase como a estivesse vendo sob uma luz diferente. — Entendo — disse ele.

— Só não quero que pense que não sei o que está acontecendo aqui — disse Leana. — Porque eu sei. Mas prometo a você, Louis, esse hotel será um sucesso

sob a minha liderança. Ele se tornará o único hotel no qual ficar em Nova Iorque. Eu sei as pessoas certas a quem pedir ajuda quando precisar. E também sei confiar em meus instintos quando elas não estão disponíveis. Estamos claros sobre isso?

— Perfeitamente.

— Ótimo — disse Leana. — Então, se não precisa mais de mim, tenho que devolver essa roupa na butique do primeiro andar. Antes de ser emboscada por seu grupo de investidores, falei à gerente que a devolveria em uma hora. — Ela estalou a língua. — E pensar que você disse que seríamos apenas nós dois hoje.

— Eu achei que seria — disse ele honestamente. — Vê-los aqui foi uma surpresa tão grande para mim quanto foi para você. — Ele acenou para o broche. — O que vai fazer com isso?

Leana ergueu a lapela e olhou para o ninho deslumbrante de diamantes. — Isso será cobrado de você. E a roupa também. Eu adoro Dior. O carro é lindo, Louis, e eu realmente gostei dele. Mas agora que chegamos a um entendimento mútuo sobre o real motivo de eu estar aqui, acho que concordará que eles valerão a pena quando meu pai souber que o carro, a roupa e esse broche vieram de você.

Ao passar por ele, ela se inclinou e disse: — Quer que eu jogue sujo? Tem um preço. Mas você pode pagá-lo. Até mais.

* * *

Ao dirigir de volta para o apartamento, Leana permitiu-se um sorriso bem merecido. Ela fora colocada em uma saia justa e conseguira sair-se muito bem. Ela duvidava que a irmã tivesse feito melhor.

Depois de encontrar uma vaga de estacionamento rara na Quinta Avenida, ela pegou as rosas no banco do passageiro e subiu correndo os cinco andares. Ela parou abruptamente quando viu o homem parado esperando na porta de seu apartamento.

Ele virou-se para ela.

— Leana Redman? — perguntou ele.

Leana recuou um passo, pronta para correr se ele tentasse alguma coisa. Ela não disse seu nome. — Como chegou até aqui? — perguntou ela.

O homem era baixo, magro e tinha cabelos loiros. Ele acenou com a cabeça além dela, indicando a escada. — A porta estava aberta.

— O que quer?

— Se você é Leana Redman, tenho uma encomenda para você. Mas precisa assinar primeiro.

Ele esticou uma prancheta com alguns papéis e Leana notou, pela primeira vez, o pacote embrulhado para presente aos pés dele. Ainda desconfiada, ela assinou onde ele indicou e pegou o pacote que ele a entregou.

O homem não se mexeu. Em vez disso, olhou para ela e esperou com as mãos nos quadris. Ele ensaiou o que parecia um sorriso.

Leana entendeu a dica e passou por ele. — Desculpe — disse ela. — Minha bolsa está lá dentro. Pode me dar um minuto?

Ela destrancou a porta do apartamento e fechou-a depois de entrar. Ela colocou as rosas e o pacote sobre o balcão e pegou a bolsa na mesa de canto. Retirou uma nota de vinte, retornou à porta e entregou-a ao homem. — Obrigada — disse ela e bateu a porta na cara dele. Ela deu duas voltas na chave e colocou a corrente. Ele lhe dava arrepios.

A caixa era pesada para o tamanho.

Ao cruzar a sala até a cama, ela a balançou. Alguma coisa pesada lá dentro moveu-se. Ela não podia imaginar o que era ou quem o enviara. *Não Louis de novo...*

Ela sentou-se no pé da cama, cruzou as pernas sob o corpo e removeu o papel de embrulho cor-de-rosa. Ao abrir a caixa, uma onda de seu perfume favorito chegou até ela, o presente que Michael lhe dera no dia anterior. Sorrindo, ela retirou camada após camada de papel vermelho, sem parar até segurar o objeto no fundo da caixa.

Ela congelou. O objeto era uma arma.

Leana a soltou, sentindo ainda a frieza do metal na palma e na ponta dos dedos como veneno.

Dentro da caixa, ela encontrou um bilhete.

Srta. Redman:

Há algum tempo, fui contratado para vigiá-la e devo dizer que será uma pena matá-la. Nunca vi uma jovem tão extraordinariamente bela. Nessa manhã, quando estava sentada em seu carro novo, tive vontade de pressionar a mesma arma que está dentro dessa caixa e levá-la para casa comigo. Só posso imaginar como seria sentir suas pernas em torno de mim, só posso sonhar em como seria doce fazer amor com você.

Mas isso não acontecerá. Meu trabalho é matá-la. Deixe-me pedir

desculpas agora. Quando eu tirar sua vida, não será com prazer.

É por isso que estou lhe dando uma oportunidade. Pegue a arma, pressione-a contra a têmpora e puxe o gatilho. Pesará menos em minha consciência saber que teve o bom senso de fazê-lo você mesma. Posso garantir que, se o fizer, será muito menos doloroso, especialmente porque fui pago para ter certeza de que seja doloroso. Algumas vezes, quando as pessoas não seguem os meus conselhos, posso ser um tanto... brutal.

É um dia perfeito para um suicídio, não acha? O sol está brilhando, os pássaros estão cantando, a arma está carregada. Por favor, tome a decisão certa, Srta. Redman. Alguém tão bela como você deve ser poupada da dor o máximo possível.

Você tem vinte e quatro horas para tomar uma decisão. Depois disso, você será um alvo. Ah, e por favor, não faça nada tolo como contar a alguém sobre isso. Se o fizer, eu saberei, e não queremos isso.

Leana amassou o bilhete e jogou-o dentro da caixa.

Sua respiração estava irregular.

O suor brilhava em sua testa.

Eric estava por trás disso. Ela tinha certeza.

Leana olhou para o telefone. Ela deveria telefonar para Mario e contar tudo a ele. Mas não podia. Se o fizesse, não havia dúvida de que, de alguma forma, esse homem descobriria.

Subitamente, ela sentiu-se totalmente sozinha. Havia medo, mas um tipo de medo diferente do que sentira quando Eric a espancara. Ela sabia então que ele não a mataria. Ela sabia agora que ele a queria morta.

Ela olhou para o relógio e viu que estava ficando tarde. Onde será que Michael estava? Será que ele já viera e não a encontrara?

A cabeça dela girava.

Você tem vinte e quatro horas para tomar uma decisão. Depois disso, você será um alvo.

CAPÍTULO 24

Do interior fresco do Mercedes, os três homens observaram Michael Archer caminhar pela calçada cheia de gente, viram-no trocar um saco de compras de um braço para o outro e viram-no parar para dizer olá para uma senhora que empurrava um carrinho de supermercado enferrujado.

Somente depois que ele entrou no prédio de tijolos na Avenida B foi que eles se moveram.

Um por um, eles saíram do carro. As portas foram abertas e fechadas. Dois homens eram altos e musculosos, os cabelos escuros presos em rabos de cavalo. O outro homem era um pouco mais velho, parecia mais sábio, com cabelos grisalhos curtos e pele pálida. As lentes dos óculos prateados brilharam no sol matinal.

Seu nome era Ethan Cain, um assassino internacional contratado na manhã anterior por Stephano Santiago. Apesar de nunca ter encontrado Santiago pessoalmente, os $125.000 que Stephano depositara na conta suíça de Cain eram, talvez, a única apresentação de que ele precisava.

As instruções eram simples: relembrar Michael Archer de que, em uma semana, vencia uma certa dívida de jogo. Usar força, se necessário.

Cain tinha suas próprias ideias sobre isso.

Apesar de ser americano, vivera a maior parte da vida em Paris e falou em francês com os dois homens ao lado dele. — O apartamento de Archer é no sexto andar. Tentem não matá-lo.

Eles atravessaram a rua e entraram no prédio. Dentro dele, estava escuro e bolorento. O ar tinha cheiro de álcool e fumaça de cigarro. Cain olhou para os dois lados de um longo corredor, viu o papel de parede descascando, um gato urinando em um canto escuro, uma mulher saindo seminua do apartamento. Ele também viu duas escadas e um elevador de serviço, e deu aos homens suas instruções.

Quando eles se separaram, Cain tomou o elevador. Ao subir para o apartamento de Michael Archer na gaiola de ferro barulhenta, ele botou a mão dentro do casaco de couro preto e sentiu a arma que escondera lá mais cedo. A frieza do aço enviou uma onda de antecipação por sua espinha e ele ficou imaginando se Archer daria a ele uma desculpa para usá-la.

Ele esperava que sim. Já fazia uma semana desde que tirara uma vida.

Eles se encontraram no sexto andar. Em um dos apartamentos, alguém estava com o estéreo tão alto que as paredes e o chão vibravam com os sons da música *heavy metal*. Isso o agradou. Era um sinal para deixá-lo saber que Archer estava no apartamento dele. Mais cedo, ele dera ao homem do estéreo quinhentos dólares para ficar de vigia.

Eles começaram a descer o corredor. Os sentidos de Cain estavam aguçados. Ele estava ciente das visões, dos sons e dos cheiros que normalmente teria ignorado. Mais tarde, como sempre, ele seria capaz de descrever, em detalhes, exatamente como o trabalho fora feito.

Eles pararam na porta no fim do corredor. Cain pegou a arma e deu um passo para trás. Houve um silêncio enquanto ele e seus homens ficaram parados se entreolhando. Então, Cain acenou para o mais alto dos dois e se encolheu com o chute que abriu a porta.

Eles correram para dentro, prontos para qualquer coisa.

Mas o apartamento estava vazio.

Incrédulo, Cain ficou parado no meio do pequeno espaço. Enquanto a batida da música o envolvia, viu em uma mesa lateral o saco de compras que Archer estava carregando na rua e soube que ele estivera ali.

Ele olhou em torno. Como Archer saíra quando todas as três saídas estavam cobertas? Ele estava se escondendo?

Cain abriu a porta de um armário, jogou para o lado uma prateleira de roupas. Nada. O olhar dele varreu o aposento. Caixas cheias de pertences de Archer estavam amontoadas em um chão cheio de marcas de salto. O sol que vinha de uma janela aberta banhava uma cama que havia sido usada. Um par de cortinas rasgadas e desbotadas movia-se na brisa.

E então Cain soube. Soube.

Ele foi até a janela e olhou para fora. Archer descia correndo a escada de incêndio, rapidamente chegando ao nível da rua, os passos abafados pela música que vinha do corredor.

De algum jeito, ele os vira. Cain levantou a arma, teve um impulso de atirar, mas reprimiu-o. Havia pessoas demais na rua. Ele pegaria Archer de outro jeito.

Ele saiu do apartamento com seus homens.

* * *

As pessoas enchiam as ruas. Michael abriu caminho entre elas, disparou

pelas ruas, foi atingido no quadril por um carro em movimento e continuou correndo. Nem uma vez ele olhou para trás até chegar à esquina da East Houston. E lá estavam eles, aproximando-se, as mãos nos bolsos grandes, em torno de armas ocultas, como ele temera.

Ele correu mais rapidamente.

Desde a morte do cachorro, ele tomara precauções. Ele sabia que o pai estava certo. Não importava o que Santiago prometera, não dava para confiar nele. E então, seja deixando o apartamento, ou voltando a ele, Michael sempre achava uma desculpa para parar e olhar em volta.

Hoje, a desculpa fora dizer olá para a senhora com o carrinho de supermercado enferrujado. Se ele não tivesse parado para cumprimentá-la, nunca teria visto os três homens que o observavam do Mercedes. E se ele não tivesse subido correndo a escada até o apartamento e olhado pela única janela, não teria visto os homens saindo do Mercedes e atravessando a rua.

Ele virou na Primeira Avenida e olhou por sobre o ombro. Os homens ainda estavam lá, mais próximos do que antes, abrindo caminho pelas multidões nas calçadas. Michael sabia que, enquanto o estivessem avistando, eles o forçariam a continuar correndo cegamente, sem saber se uma rua ou um caminho o levaria a um beco sem saída.

Ele sentiu uma onda súbita de raiva. Eles mataram o seu cachorro. Será que achavam que poderiam matá-lo também? Bem aqui, à vista de todos?

E então ele lembrou-se da mulher que fora morta com um tiro em frente ao seu prédio há pouco tempo. É claro que o matariam aqui. Nessa multidão, eles poderiam dar três ou quatro tiros abafados à queima roupa e escapar no caos que resultaria.

Ele moveu-se mais rapidamente, a mente disparando. Por que eles estavam aqui? Ele ainda tinha uma semana para conseguir o dinheiro. Ele não achava que o quisessem matar, mas tinha certeza de que pretendiam machucá-lo.

Archer corria tão rapidamente agora que as pessoas na rua lançavam olhares que iam do aborrecimento à surpresa e até mesmo com medo. A parte inferior da Primeira Avenida era uma meca de lojas de todos os tamanhos. Se, de alguma forma, ele conseguisse entrar desapercebido em uma delas, poderia esperar alguns minutos e partir para um lugar onde sabia que estaria razoavelmente seguro: o apartamento de Leana Redman.

Mas ele deixou a ideia de lado. No momento em que não pudessem vê-lo, começariam a procurá-lo em cada uma das lojas.

Os homens estavam a cerca de quinze metros atrás dele. O desespero tomou conta de Michael. Ele começou a sentir cãibras nas pernas. Deu um encontrão em uma mulher que saía de uma lavanderia automática e as roupas limpas dela

voaram longe, um arco-íris de tecido jogado no ar. Ele tropeçou, endireitou-se e começou a ponderar se valia a pena. Ele pensou: *Por que correr? Cedo ou tarde, eles me encontrarão.*

Mas ele não podia desistir.

Michael aproximou-se de um cruzamento com sinal fechado. Os carros passavam em alta velocidade. Ele não podia atravessar. Olhou para a esquerda, depois para a direita... e ficou surpreso ao ver uma van fazer a curva na esquina e parar à frente dele, com os pneus guinchando.

Buzinas soaram e houve um cheiro súbito de borracha queimada. Então, a porta do passageiro da van se abriu. Michael reconheceu o motorista instantaneamente.

— Entre! — Gritou Vincent Spocatti.

Michael entrou e a van avançou rapidamente.

Ele tentou recuperar o fôlego. Os músculos das pernas e das costas doíam. Ele olhou para Spocatti, viu-o olhar pelo retrovisor, viu o ar determinado em seu rosto e soube que não terminara.

— Eles estão nos seguindo, não estão?

Spocatti não respondeu. Ele jogou a van para a esquerda.

Michael olhou pelo vidro traseiro. Um táxi os estava seguindo a uma distância perigosamente curta. Ele olhou novamente para Spocatti. — Consegue despistá-los?

— O motorista provavelmente tem uma arma apontada para sua cabeça. Cale a boca e não me desconcentre.

— Uma pergunta.

Spocatti rangeu os dentes.

— Você estava me seguindo. Devia estar. Por quê?

— Seu pai me mandou segui-lo.

— Por quê?

— São duas perguntas — disse Spocatti. — Se fizer mais uma pergunta, jogo seu traseiro para fora do carro.

Eles percorreram a rua Vinte e Um em alta velocidade. O trânsito estava perigosamente leve.

Michael olhou pelo vidro traseiro, viu o táxi tentando emparelhar com eles e estava prestes a falar quando Spocatti girou o volante para a direita. Houve um súbito ruído de metal contra metal, o soar de uma buzina e o táxi estava novamente atrás deles, com a parte da frente amassada.

Com os pneus guinchando, eles viraram na Segunda Avenida. Apesar do trânsito estar mais intenso, o táxi conseguiu emparelhar com a van. Michael olhou para o táxi. Quando ele captou um brilho de aço na janela traseira do táxi,

Spocatti virou para a direita, passou em um sinal vermelho e entrou na rua Dezenove, deixando uma policial soprando o apito.

O táxi os seguiu.

— Não vamos despistá-los — disse Spocatti. — O motorista é muito bom. Para ficar vivo, ele fará qualquer coisa que lhe mandarem fazer. Não vou conseguir despistá-los, a não ser que você escute com muita atenção e faça exatamente o que eu disser.

Michael ficou surpreso com a calma de Spocatti, como suas palavras eram medidas e precisas. — O que quer que eu faça?

Vincent disse a ele.

Michael disse que levaria um tiro.

— Não, não levará. Se aqueles homens o quisessem morto, eles o teriam matado mais cedo. Agora, mexa-se.

Michael moveu-se para a parte de trás da van. Ele abriu caminho por um mar de grandes caixas de papelão e olhou pelo vidro da frente. Eles estavam se aproximando rapidamente da Terceira Avenida. O trânsito estava parado na rua Dezenove. Se o farol vermelho não ficasse verde logo, não haveria escapatória, não importava se Spocatti dirigia bem, não importava se Michael fizesse exatamente o que lhe fora dito.

Para segurar-se, Michael agarrou uma haste de metal enferrujada aparafusada na parede de metal atrás de si. Ele esperou, a adrenalina correndo pelas veias. Nunca em sua vida ele estivera tão cheio de ódio e medo – ódio do pai, ódio de Santiago, ódio dos homens que os perseguiam, medo por sua vida.

Ele lembrou-se da morte brutal do cachorro e o medo transformou-se em fúria.

O farol no fim da rua ficou verde, o trânsito avançou e Spocatti disse: — Agora, Michael.

Michael agarrou a haste de aço com mais força, abriu a porta com a mão livre e foi atingido pela súbita sucção do vento. Ele viu as expressões surpresas dos homens no táxi, viu quando moveram-se para pegar as armas e chutou para fora as caixas que estavam à sua volta, uma após a outra, em um fluxo constante.

O motorista assustou-se.

Ele deu uma guinada para a esquerda, depois para a direita, tentando desviar-se das caixas, mas não era tão bom assim. As caixas bateram no capô do carro e rolaram pelo para-brisa, obscurecendo a visão do motorista. Michael virou-se para chutar mais caixas mas, ao virar-se, a haste de aço que ele segurava cedeu e ele caiu da van, a cabeça e o ombro batendo no asfalto enquanto ele rolava.

O táxi guinchou os pneus e parou atrás dele. Ao ficar lá deitado, atordoado,

o corpo gritando de dor, ele observou, incrédulo, Spocatti fazer a curva para entrar na Terceira Avenida, deixando-o para trás. Ele virou a cabeça em direção às pessoas na calçada. Elas estavam paradas olhando em choque ou passavam apressadas por ele com a cabeça baixa. Ninguém o ajudaria. Ele precisava sair dali.

Ele tentou se levantar, mas estava fraco demais. Ele ouviu o som distante das sirenes da polícia, o barulho súbito de portas de carro se abrindo, a voz controlada de um homem dizendo: — Coloque-o lá atrás.

No mesmo momento em que Michael reconheceu o sotaque do homem como sendo francês, mãos fortes o levantaram do asfalto e o jogaram na parte de trás do táxi. Michael soube que era o fim quando seus olhos encontraram os de Ethan Cain.

* * *

Eles voltaram ao apartamento de Michael.

A cidade passava em alta velocidade, placas borradas pela janela, mas Michael não notou. Ele estava sentado entre dois homens na parte de trás do táxi que pareciam gêmeos, com rabos de cavalo pretos e corpos grandes. O outro homem, o mais velho e aparentemente mais sábio dos três, estava sentado na frente, sorrindo para Michael por sobre o ombro, pressionando uma arma contra o corpo do motorista.

Michael estava paralisado pelo medo. Havia um rugir em seus ouvidos que não tinha nada a ver com o som do motor do táxi. *Se não vão me matar, vão me machucar. Muito.*

Ele fechou os olhos. A cabeça e o ombro doíam por causa da queda. Parecia não haver mais forças em seu corpo. Ele ficou imaginando o quanto mais aguentaria. Qual era o seu limite? Seja lá qual for, Michael sabia que estava próximo.

O motorista do táxi, um iraniano, sussurrava algo em um idioma que Michael não reconheceu. Ele escutou. O homem estava repetindo a mesma frase sem parar. Era uma forma de cântico. E então Michael soube. O homem enfrentara a morte várias vezes hoje e estava rezando.

Michael ponderou que Deus poderia salvá-los.

Ele podia ouvir as sirenes dos carros da polícia ao longe pela janela aberta. O táxi os estava despistando. Michael ficou imaginando aonde Spocatti fora. Eles pararam do lado de fora do prédio onde ele morava. Cain disse algo em

francês para os homens e olhou para Michael. — Entenda isso — disse ele. — Nós o mataremos se tentar fugir de novo. Entendeu? Eu mesmo vou colocar uma bala em sua cabeça.

— Duvido — disse Michael. — Ainda tenho uma semana para conseguir o dinheiro. Se Santiago me quisesse morto, você teria me matado quando eu caí da...

Suas palavras foram interrompidas por um golpe forte no estômago. A dor fez com que Michael dobrasse o corpo e dois punhos bateram com força em suas costas.

Por um momento, ele não conseguiu se mover nem respirar. Cain agarrou-o pelos cabelos e o levantou.

— Escute bem — disse ele, o sotaque mais forte do que antes. — Seria muito fácil para mim dizer a Santiago que você apontou uma arma para mim e eu tive que atirar de volta em autodefesa. Não pense por um minuto que não farei isso.

Michael cuspiu no rosto dele.

Cain afastou a mão, prestes a golpeá-lo, quando a voz do motorista do táxi subitamente elevou-se e sua prece tornou-se histérica. Cain olhou para o homem, fez uma careta e colocou a mão no bolso do casaco. Ele pegou um silenciador, prendeu-o na arma e olhou pelas janelas. Ninguém na rua olhava na direção deles.

Como um raio, ele cobriu a boca do motorista com uma mão, enfiou a arma na barriga do homem com a outra e deu quatro tiros em rápida sucessão. Os olhos do motorista se arregalaram com pesar e descrença, um jato de ar escapou de seus lábios e ele caiu para a frente morto.

Cain virou-se para Michael.

— Eis o que vai acontecer. Vamos atravessar a rua e entrar em seu apartamento, e você agirá como se fôssemos amigos. Porque se não o fizer, se der um passo em falso, vou explodir sua cabeça. Entendeu?

Michael ficou pálido de medo. Ele assentiu.

Satisfeito, Cain virou-se para o homem sentado à direita de Michael. — Você vem comigo — disse ele. — E se sentir que ele está prestes a tentar alguma coisa, quero que atire nele. Entendeu?

O homem sorriu. Ele entendera.

— E você — disse Cain para o outro homem. — Quero que se livre do motorista e do táxi. Largue-os a alguns quarteirões e volte depressa. — Ele abriu a porta e saiu para o sol matinal. — Talvez eu precise que você se livre de outro corpo.

* * *

Eles entraram no apartamento de Michael.

— Sente-se — disse Cain. — Conversaremos em um minuto.

Enquanto Cain ia até a janela para ver se o táxi fora embora, Michael observou o quarto pequeno, olhou para a cama desfeita e foi até ela. As pernas tremiam quando ele se sentou, de exaustão e de uma súbita onda de esperança.

Sob o colchão estaria a arma carregada que ele comprara há uma semana como proteção. Ele quase podia sentir o aço duro contra a coxa. Mais cedo, ele não tivera tempo de pegar a arma antes de fugir do apartamento. Agora, se ele pudesse, de alguma forma, deslizar a mão sob o colchão sem ser visto, poderia matar esses homens e sair antes que o outro voltasse.

Ele olhou para o homem que bloqueava a porta, viu os olhos duros e intensos observando cada movimento seu e virou-se, com medo de que seu segredo se revelasse no rosto. Não havia dúvida de que esse homem o mataria se ele tentasse pegar a arma.

Se eu não matá-lo primeiro.

Ele olhou para Cain no outro lado do quarto, inclinando-se para fora da janela aberta, o casaco ligeiramente aberto. Por entre as dobras do couro preto, Michael podia ver o coldre e a arma do homem.

Não conseguirei atirar nos dois, pensou ele. *Por mais rápido que eu seja, não vai acontecer.*

Ainda assim, sabia que, se a oportunidade surgisse, ele aproveitaria a chance.

— Você sabe — Cain disse ao ficar de costas para a janela e encostar-se contra o parapeito. — Sou um grande fã seu. Vi seus filmes, li seus livros. Você é bem famoso na Europa.

Michael precisou virar-se ligeiramente para olhar para ele. Ele usou o movimento como uma oportunidade de erguer-se e posicionar a mão mais perto da arma.

— Ontem, quando recebi o telefonema de Santiago, confesso que fiquei desapontado. Não porque eu estava ganhando a oportunidade de matá-lo, que tem sido surpreendentemente desafiadora, mas porque alguém que eu respeitava tanto permitiu-se ser pego em algo tão idiota. Com todos os seus livros e filmes, com todo o seu sucesso financeiro, como conseguiu ficar sem dinheiro? A não ser que tenha sido tão descuidado e gastou tudo, do que o fã em mim seriamente deseja duvidar, onde ele foi parar?

Apesar de aquela mesma pergunta ter assombrado Michael por semanas, ele permaneceu em silêncio, vigilante, ponderando onde Cain queria chegar.

Cain deu de ombros. Ele afastou-se da janela e começou a andar pelo quarto. — Eu não sei — disse ele. — Talvez você tenha gastado tudo. Talvez tenha se sentido tão confortável com o seu sucesso, que tomou os livros, os filmes e o dinheiro como certos. Se foi isso que aconteceu, Sr. Archer, então alguém precisa lhe ensinar como cuidar do dinheiro.

Houve um silêncio. Cain parou de andar e tirou do bolso do casaco uma caixa de fósforos e um maço de cigarros Gitanes. Ele riscou um fósforo, acendeu o cigarro e soprou a chama. Só depois que ele virou-se para procurar um lugar para jogar o fósforo foi que ele parou para olhar a mesa ao lado da cama de Michael. Sobre ela, havia várias latas vazias de Coca Diet, inúmeros recortes de jornais e revistas, uma máquina de escrever e uma pequena pilha de páginas cuidadosamente datilografadas que pareciam um manuscrito.

Cain jogou o fósforo no chão e pisou nele. Ele pegou a pilha de papéis, folheou-os e olhou de lado para Michael. — Esse é seu novo livro?

Michael não respondeu. Quando ele descobriu o que o pai queria em troca de pagar Santiago, ele começara a escrever o livro, sabendo que, se desse à sua agente vários capítulos e uma proposta, ela poderia vendê-lo, e ele mesmo poderia pagar Santiago.

Ele escrevera noventa páginas. Antes dos eventos de hoje, ele planejara terminar a proposta no dia seguinte, sabendo que, se sua agente conseguisse vendê-lo antes do fim da semana, ele se livraria do pai para sempre. E agora esse homem o segurava nas mãos, o único resultado existente de seu trabalho. Quando Cain começou a ler o primeiro capítulo do livro em voz alta, Michael abaixou a mão. A arma estava a alguns centímetros.

QUINTA AVENIDA

Uma obra de suspense:

Michael Archer

LIVRO 1
SEMANA 1

CAPÍTULO 1

Julho
Cidade de Nova Iorque

As bombas, colocadas bem acima da Quinta Avenida, no telhado do prédio da Redman International, explodiriam em cinco minutos.

Agora, com as paredes espelhadas de vidro, refletindo o tráfego intenso do fim da manhã na Quinta Avenida, o prédio em si parecia vivo com a movimentação.

Em um andaime no meio do prédio, homens e mulheres estavam pendurando a enorme fita de veludo vermelho que logo cobriria dezesseis dos setenta e nove andares do Redman International. Bem acima, no teto, uma equipe de iluminação colocava dez holofotes em posição. E, na parte de dentro, cinquenta decoradores habilidosos transformavam o saguão em um salão festivo.

Celina Redman, responsável pela organização do evento, estava parada em frente ao prédio com os braços cruzados. Muitas pessoas passavam por ela na calçada, algumas olhando para cima, para a fita vermelha, outras parando para olhar com surpresa para ela. Ela tentou ignorá-las, tentou concentrar-se em seu trabalho e misturar-se com a multidão, mas era difícil.

* * *

Enquanto Cain lia, Michael olhou para o homem parado na porta, viu que sua atenção estava em Cain e deslizou a mão sob o colchão.

Mas ela não cabia. O peso do corpo pressionava o colchão contra o estrado de molas. Ele virou-se ligeiramente, com cuidado, e mudou o peso para uma das pernas. O colchão ergueu-se alguns centímetros, permitindo que ele forçasse a mão. Ele conseguiu sentir a coronha fria do revólver. As pontas dos dedos pressionaram-se contra ela. Ele olhou para Cain, viu que ainda estava concentrado no manuscrito e soube que, se fosse fazer isso, teria que ser agora. No mesmo momento em que ele envolveu a arma com os dedos, Cain terminou de ler o primeiro capítulo.

Ele olhou para Michael. — O que é isso? — perguntou ele. — Não ficção?

Por um momento, Michael não conseguiu se mover nem falar. Cain estava

do outro lado do quarto, na diagonal, a cerca de 3 metros de distância. Nem ele nem o homem na porta conseguiam ver a mão dele. Ele inclinou-se para a frente, usando a ação para puxar a arma. A cama rangeu. Michael começou a suar.

— Isso é questionável — disse ele.

— Diz aqui que é um romance. Se for, como você pode usar esses nomes? Esses eventos e esses lugares?

Michael deu de ombros. A arma agora estava pressionada contra a coxa, escondida das vistas. — Isso é um problema para meus advogados resolverem. Se as coisas ficarem fora de controle, talvez eu use um pseudônimo para me proteger.

— É uma pena — disse Cain. — Aposto como seria uma boa leitura.

Michael apertou a arma com mais força. *Seria?*

— E aposto como você ganharia bastante, provavelmente o suficiente para pagar Santiago. — Ele olhou para Michael. — Não é para isso que eles servem? Esses capítulos, essa carta de proposta? Um último esforço para pagar Santiago? Não sou um homem burro, Sr. Archer. Consigo enxergar você direitinho. O medo em seus olhos só é ligeiramente mascarado pelo ódio que sente por mim. Mas posso entender isso. Estou segurando horas e horas de seu trabalho. Se eu o destruísse, e você não tivesse como pagá-lo, ele me contrataria novamente e eu voltaria em uma semana para terminar um trabalho que deveria poder terminar hoje.

Ele olhou para o manuscrito de forma pensativa.

— Na verdade, eu não me importaria com o dinheiro extra. Há essa pequena vila em Nice onde eu adoraria passar meus invernos.

Imóvel, Michael observou Cain segurar o manuscrito sobre o cesto de lixo de metal aos seus pés. E então o homem deixou as páginas caírem dentro do cesto. O som que elas fizeram parecia um rápido bater de asas.

Antes que Michael pudesse reagir, Cain botou a mão no bolso do casaco, retirou a caixa de fósforo, riscou um deles na lateral da caixa e jogou-o dentro do cesto. Por um momento, Michael achou que o fósforo tinha apagado, mas uma pequena chama amarela começou a ganhar vida.

E ele soube que era o momento.

Ele levantou-se de um salto, revelou a arma e mirou-a em um Ethan Cain surpreso. Ele olhou para o homem parado na porta e viu que a arma dele estava apontada diretamente para sua cabeça. — Você atira, e eu também — disse Michael. Ele voltou-se para Cain. — Apague o fogo. Agora.

Cain afastou-se do cesto, as mãos para baixo, o fogo refletido nas lentes dos ósculos. — Não — disse ele.

— Vamos! — Michael gritou.

— Não.

O fogo se intensificou. Ele não tinha muito tempo. Ele chutou o cesto de metal em uma tentativa de virá-lo e apagar o fogo, mas o cesto girou pelo chão de madeira como um cometa, parando com um som metálico sob a janela aberta, onde as cortinas moviam-se com a brisa.

Houve uma explosão súbita alaranjada quando as cortinas pegaram fogo. Com ar fresco entrando no quarto, o fogo tinha combustível e o usou para rugir e agitar-se. Ele sentiu o tecido barato e seco e torceu-se com velocidade surpreendente em direção ao teto manchado, sem parar até que esse também estivesse em chamas.

E o fogo aumentava, queimando as paredes e o teto, destruindo tudo em que tocava. Michael virou-se para Cain, que o encarava, o olhar determinado e desafiador. Ele tinha um sorriso amargo nos lábios. Fagulhas caíam do teto em torno dele. O calor e a fumaça estavam ficando insuportáveis.

Michael ergueu a arma para a cabeça do homem, engatou o gatilho e ouviu um som similar do outro lado do quarto. Ele sabia que, se puxasse o gatilho, sua vida também estaria acabada. Depois de tudo pelo que passara, talvez isso não fosse uma coisa tão ruim.

— Você não tem coragem, tem? — disse Cain.

Os olhos de Michael começaram a lacrimejar. Ele não tinha certeza se era por causa da fumaça que enchia o quarto ou pelo fato de estar enfrentando a morte certa. Ele ponderou se seu pai alguma vez o amara de verdade. E decidiu que não importava.

Ele puxou o gatilho.

Houve duas explosões.

O rosto de Cain explodiu em uma nuvem de sangue e ele despencou no chão. Michael desabou sobre os joelhos e caiu para o lado. Ao ficar deitado lá, a respiração ficando mais lenta, o calor do fogo aquecendo seu rosto que ficava pálido, ele sabia que estava morrendo. Ele não conseguia respirar. Havia fumaça demais. Apesar do quarto estar muito claro, Michael não conseguia mais enxergá-lo direito.

Ele engasgou em seus últimos suspiros e mandou o pai para o inferno.

Agora, ele estava flutuando, subindo, não era mais parte do corpo. Ele viu o rosto da mãe, mas não conseguiu ouvir a voz dela.

E então houve um flash de luz brilhante seguido de uma escuridão súbita e terrível.

CAPÍTULO 25

— Há essa festinha hoje à noite — disse Celina, preparando-se ao inclinar-se para dentro do escritório de Jack Douglas na Redman International. — É em homenagem a dois eventos: o trabalho que a Condessa Castellani fez para a pesquisa de HIV e a descoberta recente de doze pinturas de Monet no sótão de um famoso bordel parisiense. Agora, olhe. Eu sei que você não gosta desse tipo de evento, mas vai ser no iate de Anastassios Fondaras, que é o maior iate particular do mundo, então só isso deve ser interessante. Quer ir comigo?

Jack sorriu. — Você disse Condessa Castellani?

— Foi o que eu disse.

— Ela é uma pessoa real ou uma estrela de show?

— Não sei como responder a isso. Partes dela são reais. E ela é muito bacana, de uma forma complicada.

Ele resmungou.

— É por uma boa causa.

— Concordo.

— E você gostará de Anastassios.

— E esses nomes esquisitos?

— São pessoas internacionais.

— Ah — disse ele. — Bem, eu sou americano.

— Eles são boas pessoas. Só têm títulos.

— Quanto eles pagaram por esses títulos?

— Depende do método de pagamento. Estamos falando de dinheiro ou de alguma outra coisa?

— Não vamos entrar nesse assunto.

Ela abriu um sorriso. — Eu sei que soa ridículo, mas é assim mesmo. Também não quero ir, mas não tenho escolha.

Ele estava sentado na mesa que pertencera a Eric Parker, com os pés cruzados para cima sobre a superfície de madeira brilhante. Copos de café vazios e papeladas relacionadas à aquisição da WestTex estavam à volta dele. — Se eu for, posso pegar emprestado o casaco social de seu pai de novo?

— Só se seu carro quebrar e se chover.

— Então é melhor começar a rezar para que isso aconteça — disse ele. —

Tudo o que eu tenho está na lavanderia. — Ele tirou os pés de sobre a mesa e levantou-se. — Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Se você odeia esses eventos tanto assim, por que vai?

— Porque meu pai fica feliz — disse ela, entrando no escritório. — E é um negócio inteligente. Ele sempre diz que você nunca sabe quando ou onde conseguirá fechar um negócio. E esses são os tipos de evento em que negócios são fechados.

— Muito bem — disse Jack. — Consigo entender isso. Mas algo me diz que você quer mais da vida do que somente fechar um negócio. — Houve silêncio enquanto ele olhava pela janela. Mesmo a essa altura, o burburinho e a atividade do centro podiam ser notados.

— Você já pulou de bungee jump? — perguntou ele.

— Como?

— Bungee jump. Não me diga que nunca ouviu falar. Você amarra uma corda elástica nos tornozelos, pula de um penhasco ou de uma ponte e mergulha em direção à água, geralmente um rio ou riacho. É divertido. Quando acha que está prestes a bater na água, a corda reduz a queda e você escapa, saltando de volta no ar, e começa a cair de novo.

Celina olhou para ele. — Você faz isso?

— Também faço sky diving.

— Quem é você? Indiana Jones?

— Mais na linha de Jason Bourne.

— Não acredito que estou ouvindo isso.

— Eu gosto de viver, só isso.

— Pois para mim soa como uma boa maneira de morrer.

— Ora, vamos — disse ele. — É completamente seguro. Onde está o seu senso de aventura? Olhe, escute só. Vou a essa festa com você hoje à noite se for comigo pular de bungee jump amanhã. Há esse lugar perto de Nova Iorque que vou com amigos. Muito pacífico. Somente árvores, pássaros e mosquitos, sem um prédio à vista. E posso garantir que, depois de pular, você nunca mais verá a vida com os mesmos olhos. Então, vamos?

Celina viu o desafio nos olhos dele e assentiu. — Vamos — disse ela. — Mas vamos com os olhos vendados.

Jack riu. — Garota, negócio fechado.

*** * ***

Quando Celina voltou ao seu escritório, encontrou o pai lá, perto da mesa, os braços cruzados. — Acabei de falar com Ted Frostman — disse ele.

Celina permaneceu na porta. Eles esperavam esse telefonema há dias. — E?

— Nós conseguimos — disse ele. — Ted ligou há alguns minutos para dizer que o Chase fez as investigações e que as pessoas certas ficaram impressionadas. Eles querem nos apoiar.

Celina sentiu como se um peso tivesse sido tirado de suas costas. Eles estavam muito perto do limite. Em uma semana, a data exata da movimentação da Marinha no Golfo seria anunciada. Se a WestTex não fosse deles até lá, o negócio com o Irã desmoronaria e eles teriam que cancelar tudo. E perder bilhões por causa disso.

Ela foi até a mesa e sentou-se. — Diga-me o que sabe. Temos o comprometimento do Chase?

George começou a caminhar, a energia vindo dele em ondas. — Ainda não. Primeiro, eles querem discutir tarifas, nosso acordo com a administração, a possibilidade de investidores externos etc.

— E eles estão confortáveis com o Irã?

— Esse é o maior problema — disse George. — Nada surpreendente. Alguns acham que o negócio é muito inseguro. Alguns quase desistiram por causa disso.

Celina entendia. Até mesmo ela estava preocupada com o acordo verbal que seu pai conseguira com o Irã. Em mais de uma ocasião, ela ficara imaginando se, no dia em que a WestTex fosse deles, o Irã decidisse recuar. *Perderíamos tudo*.

— A boa notícia é que eles sabem que eu nunca arriscaria a Redman International se não achasse que o acordo vai dar certo. Vou me encontrar com Ted e alguns membros selecionados do Chase hoje.

— Quer que eu vá também?

— Acho que não — disse ele. — Você tem trabalho o suficiente aqui.

Celina olhou para os arquivos empilhados sobre a mesa, para os relatórios que ainda precisava ler. *Isso*, pensou ela, *não chega nem perto da verdade*.

— Depois eu lhe conto o que aconteceu — disse ele. — Você vai à festa de Fondaras?

— Jack vai comigo.

George ergueu a sobrancelha. — Mesmo...? — disse ele.

— Não é o que está pensando. Somos só amigos.

— É claro.

— Eu não queria ir sozinha.

— E quem iria querer?

O silêncio caiu. O momento esticou-se.

— Mas ele é bonitão, não é? — disse Celina.

George tinha um olhar divertido nos olhos quando se encaminhou para a porta. — Espere até eu contar para a sua mãe — disse ele.

* * *

As nuvens vinham do leste quando Celina e Jack saíram da limusine e começaram a subir a rampa do Crystal Princess. Jack usava um terno preto e Celina um vestido de noite branco simples. Uma brisa que vinha do rio, com um leve cheiro de sal, enchia o ar, bem como os sons de uma orquestra.

Um grupo de repórteres reunia-se em cada lado da rampa coberta com um tapete vermelho. Câmeras piscando, microfones levantados, os paparazzi chamaram quando eles passaram.

— Você está linda, Celina. Pode virar-se para cá, por favor?

— Dizem que você vai para o Irã em breve. Como está a aquisição da WestTex?

— Pode pelo menos fazer algum comentário sobre o que aconteceu com Eric Parker?

Aquilo a atingiu. Celina apertou a mão de Jack e colocou um sorriso no rosto quando ele entregou ao mordomo elegantemente vestido o convite de Celina Redman e Convidado.

Ao ficarem parados lá, ela ficou ciente das pessoas a encarando. Ela ouvira o nome de Eric Parker ser dito mais de uma vez e, apesar de tentar ignorá-lo, não conseguia. Ela estava começando a achar que talvez não tivesse sido uma boa ideia vir a essa festa quando o mordomo os conduziu para a fila da recepção e falou seus nomes em voz alta.

Anastassios Fondaras, o magnata grego na navegação e anfitrião bilionário, estendeu os braços para Celina quando ela e Jack se aproximaram.

— Celina — disse ele, envolvendo-a em um abraço. — Quanto tempo faz? Um ano? Dois?

Um flash estourou quando Fondaras beijou o rosto de Celina.

— Dois, acho — disse Celina. Ela recuou para que ficassem um pouco distantes. — E olhe só para você — disse ela. — Nunca o vi tão bronzeado. A aposentadoria lhe fez bem, Anastassios.

— Aposentadoria? — perguntou Anastassios Fondaras, dando de ombros. — Aposentadoria é um termo que uso para poder dormir uma hora a mais todas

as manhãs sem me sentir culpado. Você não acha que eu desistiria de controlar meus navios só porque passei da idade dourada de sessenta e cinco, não é?

— Espero que não.

— Seus pais estão por aí — disse Fondaras olhando para o deque. — Não os vejo há anos. Eles parecem ótimos. Sua mãe parece mais bela a cada vez que a vejo. — Quando o olhar dele voltou para Celina, algo em seus olhos escureceu. — Há um rumor de que seu pai está planejando entrar para o negócio de navegação.

É mais do que um rumor, pensou Celina. *E você sabe disso*. Ela assentiu e odiou ter que levantar a guarda. Apesar de Fondaras ser um amigo, ele era esperto quando se tratava de negócios e ela nunca confiara nele por causa disso.

— Negócio — disse Anastassios. — Muita competição, incluindo eu mesmo.

— Acho que há espaço suficiente para todos, não acha?

— Nunca achei que houvesse espaço suficiente.

— É um mundo grande, Anastassios.

— Comigo nele, não é, não.

— Prometo que a WestTex não interferirá com os seus negócios.

— Não seja ridícula. Como pode prometer isso?

— Você verá em breve.

— Prefiro ver agora.

— Isso é impossível.

Houve um silêncio desconfortável. Celina manteve o olhar dele.

— Não gosto de joguinhos, Celina.

— São negócios, Anastassios. Estamos todos neles para vencer. É por isso que o respeito tanto. Mas meu pai e eu nunca fazemos joguinhos.

— Exceto os que ganham?

Ela não respondeu.

Anastassios deu de ombros, como se agora a conversa não importasse mais. Ainda assim, um olhar duro permaneceu em seu rosto. — Espero que ninguém pise em nenhum calo — disse ele.

Eu também, Celina pensou e virou-se para Jack. — Sinto muito — disse ela. — Onde está minha educação? Esse é meu amigo, Jack Douglas.

Fondaras acenou com a cabeça para Jack. — Li sobre você — disse ele. — Você foi o homem que vendeu títulos no valor de quinhentos milhões há algumas semanas, não foi? Tornou-se o Pica Grossa na Morgan? Estava pensando em contratá-lo, mas vejo que Redman chegou primeiro. — Ele virou-se para Celina. — Espero que isso não se torne um hábito. Vocês já foram apresentados para minha amiga Lady Alexa Ionesco, da Espanha?

Lady Alexa Ionesco, da Espanha, era uma mulher alta e magra, com cabelos pretos presos em um coque, olhos pretos que refletiam uma inteligência curiosa e lábios estranhamente cheios, provavelmente por causa de algumas injeções em excesso. Celina pensou em sua conversa com Jack e estava disposta a apostar que o título dela, diferentemente das fileiras de diamante que brilhavam no pescoço, nos pulsos e nas orelhas, era falso.

Ao conversarem, ela ficou imaginando se essa mulher, com um vestido vermelho deslumbrante e pelo menos trinta anos mais nova do que o filho de Fondaras, tinha alguma chance com ele. Divorciado duas vezes, viúvo uma vez, Anastassios Fondaras era um dos solteiros mais cobiçados do mundo. E ele sabia disso.

— Acho você um amor — disse Lady Ionesco. A forma como ela dissera "amor" fazia a palavra soar como se tivesse sido esticada como uma tira de borracha.

Celina pegou a mão dela, que deu um gritinho. *E acho que você precisa ir devagar com a bebida*. — Você é muito gentil.

— Já esteve na Turquia no outono?

Eis uma pergunta aleatória. — Acho que só na primavera.

— O outono é o melhor. Você precisa ver. O outono é a nova primavera. Você precisa. Prometa que irá. Eu tenho uma pequena cabana lá – cinquenta quartos à beira do oceano, quinze empregados, três piscinas, um jardim lindo de morrer – mas nós nos viramos. — Ela olhou para Jack. — Há espaço suficiente.

— É claro — disse Celina. — Vamos almoçar juntas um dia desses para vermos nossas agendas.

— A minha é impossível — Lady Ionesco suspirou. — Meu assistente colocou tudo em um desses pequenos iPads para mim, pensando que isso organizaria uma vida que não pode ser organizada. Ele ainda não sabe quem sou. Ele ainda não entende que não existe ordem no mundo que frequentamos. Ele acha que a minha vida pode ser espremida – espremida! – em alguma coisa brilhante e fina. E agora, claro, a situação está pior do que nunca. — Ela jogou a cabeça para trás e deu uma risada. — Tecnologia! Meu Deus!

Em um esforço para equilibrá-la, Anastassios colocou a mão em suas costas.

— Anastassios — disse ela, a cabeça virada para o teto. — Aquele candelabro. Eu nunca o notei antes. É sublime.

— É Lalique.

— É maravilhoso!

— Está pronta para um drinque? — Jack perguntou a Celina. Ele olhou para Lady Ionesco. — Acabamos de vir do centro e, preciso dizer, um drinque cairia

bem.

— Tente o champanhe — disse Lady Ionesco. — Está diviiino. E depois um Manhattan. Deus, adoro um Manhattan. Tão anos vinte. Tão atual. Tão eterno.

Celina deu um beijo em cada lado do rosto de Anastassios e depois fez o mesmo com Lady Ionesco, que disse muito alto: — Turquia! Outono! Almoço!

Ao afastarem-se deles e misturarem-se à multidão, Celina disse: — Você se saiu muito bem.

— Eu mal disse uma palavra. Mas você foi impressionante. Aquela mulher é um desastre e aquele homem é um filho da puta esperto.

— Ele é muito mais do que isso — disse Celina, ao seguirem uma onda de celebridades novas e dinheiro antigo até um bar na popa que supria pessoas ansiosas em esquecer-se das pressões do mundo em que viviam.

Enquanto Jack pedia os drinques, Celina olhou em torno do deque polido.

A primeira pessoa em que seu olhar parou era a última pessoa que ela esperava ver aqui: Louis Ryan. Celina lembrou-se de que Ryan, rejeitado pela sociedade por causa de sua recusa em doar dinheiro para a caridade, fora citado em um jornal: "Minha mãe me dizia que a caridade começa em casa. Se esse for o caso, tenho oito casas e é para elas que o meu dinheiro vai."

Ela observou Ryan e ficou imaginando por que ele recebera um convite para esse evento, onde era quase certo que esperassem que ele doasse dinheiro para ajudar no combate à doença esquecida, HIV, que estava voltando a ser popular entre as pessoas que faziam caridade. Parado sozinho perto da orquestra de vinte membros, ele bebia um copo de champanhe e observava os convidados rindo, se abraçando e se empurrando.

Celina ficou imaginando se seu pai já o vira.

Ela virou-se para procurar George e ficou frente à frente com Diana Crane, parada perto de Celina, de costas para o bar, um copo de champanhe borbulhante na mão. Houve um silêncio enquanto as duas mulheres se entreolhavam. Avaliando uma à outra. E então Diana deu um passo à frente. — Olá, Celina.

Celina assentiu com a cabeça. Ela notou o machucado desbotado em torno do olho de Diana, o arranhão cuidadosamente escondido na testa e não pôde evitar de pensar sobre o que ela e Eric tinham passado na noite em que foram atacados.

— Esse colar que você está usando é lindo — disse ela.

Diana levou a mão ao pescoço e os dedos tatearam centenas de quilates de diamantes, rubis e safiras. — Obrigada — disse ela. — Eric me deu.

Era uma observação casual, não um golpe baixo, e Celina sentiu um pouco de tristeza por Diana, não raiva. Como uma mulher tão inteligente podia se apaixonar por alguém como Eric? E então ela se lembrou de si mesma. *Por que*

não? Eu me apaixonei por ele.

Ela decidiu pelo menos enviar um aviso.

— Eu lembro-me de quando Eric o comprou para mim — disse Celina. — Estávamos de férias em Milão, e fiquei fascinada pelo tamanho e pela clareza das pedras. Você sabe que essas pedras são perfeitas, não sabe?

Levou um momento antes que Diana conseguisse falar. Os dedos dela apertaram-se em torno do colar, as pedras cortando-lhe a carne. — Eric comprou o colar para você? — perguntou ela.

Celina assentiu. — Há três anos, acho. Eu o mandei de volta, junto com outros parecidos com ele, quando terminamos. Mas acho que ele fica melhor em você. As safiras realçam o azul de seus olhos.

Diana Crane afastou-se. Celina sentiu uma pontada de culpa ao observá-la indo embora. — Eu tinha que fazer isso — disse ela em voz alta. — Ele deu a ela o colar e fez com que pensasse que o comprara para ela. Que desgraçado.

— Quem é um desgraçado?

Celina colocou a mão no braço de Jack e ficou imaginando há quanto tempo ele estava parado atrás dela e o quanto tinha ouvido. — Não importa — disse ela, aceitando o copo de champanhe que ele lhe ofereceu. Ela deu um gole e notou que não era champanhe. Era cerveja. — Você é demais — disse ela.

— Preferia beber direto na lata?

— Já fizemos isso antes. Por que parar agora?

— Tem razão — disse Jack. — Na próxima vez, pedirei uma caixa.

— Faça isso — disse Celina e, agindo por impulso, inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo no rosto. — Sabe o que eu gostaria de fazer agora?

Jack balançou a cabeça.

— Eu gostaria de dançar com você antes que esse palácio flutuante comece a se mover. O que acha?

Eles dançaram lentamente no começo, a mão de Jack segurando gentilmente a dela, o rosto de Celina tocando o dele, cada um consciente do corpo do outro. Casais que Anastassios trouxera do mundo inteiro giravam em torno deles, alguns rindo, outros conversando, todos aproveitando a música da orquestra.

Celina estava ciente das pessoas que os observavam das mesas ao redor, mas ela fez um esforço para ignorá-las. Ela estava feliz de estar aqui com Jack. Estava feliz de tê-lo em sua vida.

— Aquele ali não é Harold Baines? — perguntou Jack.

Celina acompanhou o olhar de Jack. Harold estava parado com as costas contra o parapeito, um drinque na mão. Ele conversava com Louis Ryan. Ela assentiu, surpresa de ver os dois homens juntos.

— Sobre o que será que ele e Ryan estão discutindo?

— O que o faz pensar que estão discutindo?

— Harold levantou a voz há um momento — disse Jack. — Eu o ouvi. E olhe para o rosto de Ryan, está tão vermelho quanto o vestido daquela mulher. Eles estão discutindo.

A música ficou mais suave e mais lenta, e Jack a segurou mais perto dele. Celina afastou o olhar de Harold no mesmo momento em que Harold afastou-se rapidamente de Louis Ryan. Ela roçou levemente o rosto contra o de Jack, sentiu o perfume dele e sentiu o calor do corpo dele através do material fino do vestido, imaginando se ele estava ciente dessas coisas do mesmo jeito que ela. Imaginando se ele pensava nela com a mesma frequência com que ela pensava nele. Imaginando se ele estava atraído por ela como ela estava por ele.

Gradualmente, ela começou a perder-se nele e na dança. Ele estava falando com ela. A voz dele era grave acima do bater das ondas e do leve rugido dos motores à medida que o barco começava a se mover. Ela o ouviu falar alguma coisa sobre o iate e os convidados, sobre as nuvens pesadas e a ameaça de chuva, mas não conseguia acompanhar o que ele dizia. Eles podiam estar em qualquer lugar do mundo, não importava a Celina.

— Estou sendo um chato? — perguntou Jack depois de algum tempo. Eles estavam dançando há quase vinte minutos. — Alguma coisa errada?

Celina afastou a cabeça, sabendo que ele fizera uma pergunta que não ouvira. Ela ficou envergonhada. — Não. Eu... minha cabeça estava em outro lugar. Desculpe.

Jack não era bobo. Ele inclinou-se para a frente e a beijou na boca. Celina o beijou de volta, apenas levemente consciente dos murmúrios que vinham da multidão. Não havia dúvida sobre o que aconteceria a seguir.

— Venha comigo — disse ele, pegando em sua mão.

Eles encontraram uma escada que descia e seguiram uma passagem estreita até o final. Ao virarem e entrarem em uma passagem mais larga, e começarem a procurar um camarote, Celina pensou que nunca desejara um homem tanto quanto desejava esse homem.

Ela se deu conta de que esse seria o segundo homem com quem jamais estivera, e o pensamento a deixou meio embriagada. Ela sentia que, com Jack, seria diferente do que fora com Eric. Ela sentia que seria melhor.

Eles pararam em frente a uma porta no fim do corredor. Jack a abriu e entrou. Do outro lado do quarto, nu aos pés de uma enorme cama de dossel, estava sentado Harold Baines, um tubo de borracha amarrado na parte superior do braço esquerdo, a agulha de uma seringa enfiada na dobra.

Sentado atrás dele, estava um jovem, as pernas enroladas em torno do peito

de Harold, o uniforme de garçom jogado descuidadamente no chão.

Houve um momento em que os olhos de Harold encontraram-se com o de Jack, quando o choque percorreu o rosto de cada um dos dois, e Jack fechou a porta antes que Celina pudesse ver.

— Qual é o problema? — perguntou ela.

— Nada — disse ele.

Ela avançou em direção à porta. Jack pegou sua mão e a puxou para ele. Ele a beijou na testa e depois na boca. — Estamos indo rápido demais — disse ele. — Alguém poderia nos flagrar no camarote e nos arrependeríamos. Aqui não é o lugar. Vamos esperar.

*** * ***

— Deve ser algum tipo de brincadeira — disse Elizabeth Redman em um sussurro para o marido. — Ele não pode estar sentado aqui. Ele não pode estar sentado na nossa mesa. Anastassios sabe de tudo, nunca teria permitido isso.

— Não tenha tanta certeza — disse George, olhando para longe de Louis Ryan, que estava sentado do outro lado da mesa. — Anastassios sabe que estou tentando comprar a WestTex. Ele sabe que vou ser um concorrente. Isso é exatamente o que ele faria.

— Bem, não posso acreditar. O homem nem faz parte desse lugar. O que importa para Louis Ryan a descoberta das doze pinturas de Monet? O que importa para ele o HIV e a AIDS? Olhe para ele — disse ela em voz baixa. — Sentado lá, sorrindo, como se não soubesse que estamos aqui. Como se ele não se lembrasse do que nos fez passar há tantos anos. Você assassinando a mulher dele. Ridículo.

George apertou a mão dela. Levou um momento para que ele pudesse afastar a imagem de Anne Ryan que aparecera diante de seus olhos. — Olhe — disse ele baixinho. — Faz muito tempo desde que o vimos. Isso iria acontecer algum dia. Por que não o ignoramos e nos divertimos?

— Tenho uma ideia melhor. Por que não jogo uma faca do outro lado da mesa, bem no olho dele? — Ela piscou para ele. — Sério, não podemos só ir embora?

— Não, porque estamos em um barco no meio do Hudson.

— Ora, vamos, George. Em algum lugar dessa ilha flutuante há um helicóptero. Podemos dizer a Anastassios que houve uma emergência. — Ela olhou em torno. Todos estavam sentados jantando ou preparando-se para a

refeição. O ar era um burburinho de vozes. — Onde Celina está sentada? Talvez ela e Jack não se importem de trocar de mesa conosco.

— Então, vamos jogar Celina aos leões?

— Nossas filhas estão aqui para nos ajudar na velhice.

— Bem lembrado.

— Só se você me ouvir.

— Na verdade, não vi Celina.

— E eu não vi Harold. Olhe lá, a coitada da Helen, sentada sozinha, tendo que conversar com aquela Mamie Fitzbergen horrorosa e ouvir uma das conversas enfadonhas sobre como a água benta está restaurando sua juventude. Era de se esperar que Harold tivesse um pouco mais de consideração.

— Alguma coisa não está certa com Harold — disse George. — Ele parece distraído ultimamente. Não é ele mesmo. Vou falar com ele em breve e descobrir se há alguma coisa errada.

— E quando o fizer — disse Louis Ryan do outro lado da mesa — não se esqueça de transmitir a ele os meus agradecimentos.

A voz dele, que ele levantara para que os outros pudessem ouvir, cortou a mesa. O silêncio caiu sobre eles enquanto aqueles sentados à mesa dos Redman, e aqueles sentados nas mesas em volta, pararam de falar e começaram a ouvir.

Elizabeth e George viraram-se para Ryan. Era claro, pela expressão divertida dele, que estivera escutando a conversa deles.

— O que quer dizer com isso, Louis? — perguntou George.

Louis abaixou o queixo e olhou por sobre os óculos. — Quisera eu colocar em palavras mais simples, George, mas não posso. Significa que eu gostaria que transmitisse a Harold os meus agradecimentos.

George ignorou o sarcasmo e manteve o tom de voz leve. — Pelo quê?

— Por encontrar alguém para gerenciar o meu novo hotel.

George não se tornara bem-sucedido nessa multidão sem ter a capacidade de agir. Ele permaneceu calmo, apesar de não aceitar a ideia de que seu melhor amigo falasse com esse homem. — Que bom que você e Harold têm conversado.

— Papo furado — disse Louis. — Mas vamos entrar no jogo. Na verdade, Harold e eu tivemos uma reunião. E tenho que dar a mão à palmatória, eu não poderia estar mais feliz com a escolha dele. — Ele sorriu. — É claro, provavelmente eu devia agradecer também a você e a Elizabeth. Sem seus esforços entusiásticos, a jovem que Harold trouxe a mim não estaria viva hoje.

George estava começando a não se importar. — Talvez possamos falar sobre isso mais tarde? — perguntou ele. — Ou em outra hora? — Ele pegou o copo de champanhe, ergueu-o para Louis e bebeu. — Para mim, a conversa de negócios terminou há algumas horas.

Foi como se a sugestão não tivesse sido ouvida.

Louis recostou-se na cadeira e disse: — O que me atrai nessa jovem é o quanto ela me lembra de minha esposa morta. Lembra-se de Anne, George? Lembra-se de como o cabelo dela era preto e longo? Como ela ficava bronzeada no verão? Como ela era linda, teimosa e forte? Como era viva? — Ele fez uma pausa. — Provavelmente não. Acho que matar alguém e ficar por isso mesmo deve forçar uma pessoa a abafar qualquer memória. Eu, por outro lado, não esqueci.

No mesmo instante que um repórter avançou para tirar uma fotografia deles, Louis inclinou-se para a frente e encarou George. O flash estourou.

Elizabeth Redman olhou para o repórter com tanto ódio e levantou-se tão rapidamente que a cadeira caiu e bateu contra o deque de madeira.

A agitação percorreu a multidão.

O repórter tirou outra fotografia. E mais uma.

Elizabeth pegou o copo de água e jogou-o no rosto de Ryan. Isso o pegou de surpresa, mas sua reação inicial foi rir dela até que ela pegou o martíni e o jogou diretamente nos olhos dele, que queimaram.

Agora todos estavam olhando. George esticou a mão e agarrou o braço de Elizabeth antes que ela fizesse mais alguma coisa de que se arrependeria. As câmeras estouravam em torno deles.

— Você tem muita coragem, Ryan — disse George.

— Você não sabe quanto — disse Louis, limpando o rosto e secando os olhos com um guardanapo de seda. — Boa pontaria, Elizabeth. Cheia de classe. — Ele olhou para os dois. — A pessoa de quem estou falando é sua filha, Leana. Eu a contratei para gerenciar meu novo hotel. Ela começa na semana que vem.

CAPÍTULO 26

Enquanto os pais e a irmã jantavam no maior iate particular do mundo, Leana estava parada na esquina da Mulberry com a Prince. Estava escuro, caía uma chuva fina e o trânsito das duas ruas zunia em seus ouvidos.

Doze horas tinham se passado desde que ela recebera a arma. Doze horas de decisões e indecisões tinham cruzado sua mente. E doze horas antes que o homem cumprisse a ameaça.

Ela olhou em torno.

Prédios antigos de tijolos alinhavam-se no quarteirão. Em algum lugar à distância, uma mulher estava chorando, gritando, berrando. Leana estava ciente dos homens que passavam por ela na rua e de que eles estavam cientes dela. Apesar de ter se esforçado para chegar a esse local sem ser seguida, ela sabia que qualquer um desses homens podia ser o que lhe enviara a arma.

Ela tirou o celular de dentro do bolso do casaco e sentiu a arma que escondera lá mais cedo. Se, por algum motivo, o homem decidisse atacá-la hoje à noite, ela o mataria com sua própria arma.

Se eu conseguir.

Ela encontrou o número dele, pressionou-o, ouviu um clique e a linha começou a tocar. Ela esperou que alguém atendesse. A chuva batia contra ela com mais força, ensopando as roupas e congelando-a até os ossos. Ela não ouvia mais a mulher gritando. Era como se a voz dela tivesse sido abafada. Um homem na calçada aproximou-se dela, reduziu o passo quando estava ao lado dela e deu um sorriso que já deixara de ser um sorriso quando ele passou por ela.

Leana virou-se. Ela sentiu a arma pressionada contra as costelas e começou a tremer.

Finalmente, uma mulher atendeu. Leana reconheceu instantaneamente a voz e soube que, ao falar, a mulher também reconheceria sua voz. Ainda assim, ela não hesitou em perguntar pelo único homem para quem deveria ter telefonado mais cedo, o único homem que poderia ajudá-la agora. — Preciso falar com Mario — disse ela à mulher dele. — Diga a ele que é Leana Redman. E que é urgente.

Mas a linha ficara muda.

* * *

— Quem era no telefone?

Lucia De Cicco virou-se surpresa quando Mario entrou na cozinha. O cabelo dele, o rosto e o casaco de couro preto estavam encharcados da chuva. Na mão, ele tinha a caixa de sorvete que ela pedira.

— Perguntei quem era.

— Ninguém — disse ela. — Desligaram.

Ela afastou-se do telefone e cuidadosamente removeu do rosto qualquer sinal da raiva que sentira momentos antes. Lucia sabia que, se quisesse manter o marido, precisaria afogar toda a raiva e o ciúme que sentia e fingir que uma mulher chamada Leana Redman não existia.

Mario tirou o casaco e os sapatos. — Você sabe que não quero que atenda o telefone — disse ele. — Não depois do que aconteceu na semana passada.

Lucia levou um momento para apagar da mente a imagem das três dúzias de rosas pretas que recebera. — Não quero falar sobre isso.

— Não acha que está na hora?

— Honestamente, não.

De pés descalços, ela cruzou o aposento e pegou o sorvete das mãos do marido. Por anos, ela fora uma mulher que movia-se com a confiança que a beleza inspira, mas agora ela parecia estranhamente ciente de si mesma.

— Que sabor você comprou?

— Chocolate — disse ele. — E não mude de assunto. Vamos conversar sobre isso.

Ela foi até a grande ilha que dominava o centro da cozinha, pegou duas tigelas de um armário, uma colher de prata da gaveta. Serviu o sorvete nas tigelas, olhou para Mario, depois para o telefone do outro lado da cozinha. Mario sentou-se no banco em frente a ela. Ela sentiu que ele a encarava e disse: — Olhe, Mario. Falei com seu pai e com seus irmãos. Ao que me diz respeito, o que aconteceu na semana passada nunca aconteceu.

— Mas aconteceu.

Ela concentrou-se no sorvete.

— Você recebeu uma ameaça de morte, Lucia. Alguém quer matá-la e precisamos falar sobre isso.

Ela olhou para ele friamente. — E por quê? Por causa de alguma coisa que eu fiz? Não, Mario. Por causa de alguma coisa que você ou sua maldita família fez. Como acha que me sinto por saber que posso estar morta em uma semana

por causa de minha associação com essa família?

— Isso nunca vai acontecer...

— É mesmo? — disse ela. — Pode me prometer isso? Pode prometer isso a nossos filhos?

— Lucia, por favor.

— Olhe — disse ela. — Você queria discutir isso, então vamos discutir. Eu quero saber o que você dirá às crianças quando virem a mãe delas morta com um tiro porque ela queria abrir a janela e respirar ar fresco. Como você vai explicar os buracos no meu corpo? O sangue no meu rosto? Estou morrendo de medo e você não me confortou nem uma vez. Eu deito à noite pensando quando vou poder sair de casa de novo, mas me dou conta de que talvez isso nunca mais aconteça, porque pode significar a minha morte.

— Você sabia no que estava se envolvendo quando casou comigo.

— E daí?

— Você tinha a opção de não casar comigo. Nós conversamos sobre os perigos.

— Você quer se livrar? É isso que está dizendo? Porque é tarde demais, Mario. Sou um alvo. Agora nós dois teremos que lidar com isso.

Mario estava prestes a falar quando o telefone tocou. Lucia olhou para o marido e viu-o virar-se no banco.

Ela sabia quem era no telefone. Ela cruzou a cozinha, mas Mario estava ao lado dela, interceptando-a.

— Você não vai atender — disse ele. — Esqueça.

Mario colocou a mão no telefone no mesmo momento em que Lucia pediu a ele que não atendesse. Mas Mario atendeu e, depois de uma breve conversa, desligou o telefone, furioso.

— Você mentiu para mim — disse ele. — Foi Leana quem ligou há alguns minutos. Ela está encrencada e disse que você bateu o telefone na cara dela. Por quê?

— Você sabe o porquê.

— Isso não é desculpa.

— Sou sua esposa. Não preciso de uma desculpa quando outra mulher liga para você. Especialmente aquela mulher.

— É claro que precisa. Ela está em apuros.

Ele pegou o casaco e vestiu-o ao mesmo tempo em que calçava os sapatos. Ele estava furioso com ela, mas lidaria com isso mais tarde. Leana precisava dele.

— Aonde você vai, Mario?

— Vou encontrá-la em um abrigo na rua Prince.

— Não, não vai.

— Lucia...

— Vou ligar para o seu pai — disse ela. — E vou contar a ele aonde você vai.

— Você pode fazer o que quiser. Meu pai sabe da situação. Ele sabe que eu só iria ajudá-la.

— Não se eu disser a ele outra coisa.

O silêncio caiu entre eles.

Mario olhou para a esposa e pensou em todos os anos que desperdiçara com ela, todos os anos que se foram e que ele nunca recuperaria. — O que isso quer dizer? — perguntou ele.

— Quer dizer que vou contar a ele que você está dormindo com ela — disse Lucia. — Quer dizer que vou contar a ele que o peguei na cama com ela. Que as crianças o pegaram na cama com ela.

Mario deu um passo em direção a ela.

Lucia ficou firme. Os olhos dela expressavam um desafio que a intimidação não destruiria. — Ele confia mais em mim do que em você. Ele acreditará em mim e a matará. Ele mesmo me disse isso. Ele a matará, Mario.

— Você faria mesmo isso? Destruiria meu relacionamento com o meu pai? Você mentiria para matar uma pessoa inocente?

Sem hesitação, ela disse: — Pode ter certeza que sim.

Todo o amor e o respeito que Mario alguma vez sentira por ela desapareceram. — Então sugiro que pegue o telefone e comece a discar, Lucia, porque estou saindo.

Ele passou por ela em direção à porta. Lucia encaminhou-se para o telefone. Com as mãos tremendo, seu orgulho e seu casamento ameaçados, ela pegou o telefone e começou a discar.

— Eu pensaria duas vezes, Lucia — disse Mario ao chegar na porta. — Porque, se você telefonar mesmo, eu vou embora. Se Leana ou eu sofrermos alguma coisa, juro sobre o túmulo da minha mãe que será o maior erro da sua vida.

* * *

Quando Leana chegou ao abrigo na rua Prince, viu que ele estava cheio de homens, mulheres e crianças. Os voluntários circulavam com café quente e sanduíches, sopa e bolinhos. As luzes fluorescentes piscavam e zuniam,

lançando um brilho cruel sobre uma realidade ainda mais cruel.

Ela foi até os fundos do abrigo, sentou-se em um banco na única mesa vazia e observou a entrada. Ela queria ver Mario entrar, queria vê-lo caminhar em direção a ela, queria sentir a tranquilidade que a presença dele traria. Só então ela conseguiria sentir-se razoavelmente segura.

Enquanto estava sentada lá, seus pensamentos voltaram-se para Michael e ela ficou imaginando, como o fizera durante todo o dia, onde ele estava e por que não havia telefonado nem aparecido no apartamento. Fazia apenas um dia desde que tinham estado juntos e ela ficou surpresa de ver como sentia falta dele.

Uma mulher carregando um bule de café quente e um saco de copos de isopor parou ao lado da mesa dela e sentou-se. — Você é nova — disse ela. — Meu nome é Karen. Seja bem-vinda.

Leana sentiu-se deslocada. Ela não pertencia a esse lugar. O pai dela era um dos homens mais ricos do país. O tempo dessa mulher devia ser gasto com alguém que precisava de atenção. — Obrigada — disse ela.

— Quer um pouco de café? Você parece gelada nessas roupas molhadas.

— Não, obrigada — disse Leana. — Não quero dar trabalho.

— Não é trabalho nenhum. Aqui, deixe-me servir um copo para você.

— Mas eu não vim aqui por isso. Vim aqui para encontrar alguém.

A mulher ergueu a cabeça. Leana viu quando ela notou as roupas caras que vestia, o relógio de ouro e diamante que Harold lhe dera como presente de Natal e, subitamente, desejou estar em outro lugar.

— Entendo — disse a mulher. Mesmo assim, ela serviu o copo de café e entregou-o a Leana. — Olhe — disse ela. — Todos temos problemas. Se você se sente desconfortável em aceitar isso, e não deveria, talvez queira fazer uma doação ao sair. Mas a decisão é sua. Esse café a aquecerá e, pelo menos, isso fará com que eu me sinta bem.

Ela levantou-se. — E que tal um cobertor enquanto espera seu amigo?

Leana ficou tocada pela bondade da mulher. — Eu adoraria um cobertor — disse ela.

Quando ficou sozinha, ela olhou mais atentamente em torno do abrigo. Leana sabia que muitas dessas pessoas provavelmente estavam comendo a primeira refeição do dia. Em um canto da sala, ela viu uma das voluntárias dando banho em uma criança enquanto a mãe, preocupada com os outros dois filhos, observava. Ela ficou imaginando onde essa mulher e as crianças dormiriam essa noite. Elas tinham encontrado lugar em um abrigo ou, depois daqui, iriam para a rua?

Ela tomou um gole do café e soube que Mario escolhera encontrá-la aqui de propósito. Mesmo agora, com a vida ameaçada, ele recusava-se a deixá-la

esquecer de como tinha sorte.

Quando a mulher voltou com o cobertor, Leana enrolou-o em torno dos ombros, agradeceu e perguntou: — Para onde essas pessoas vão à noite, depois que terminam de comer?

A mulher encostou-se contra a mesa. — Todos os abrigos estão cheios — disse ela. — Provavelmente, elas voltarão para seus lugares nas ruas.

Leana olhou para o outro lado da sala. Ela não conseguia imaginar aquela mulher e as crianças dormindo sozinhas nas ruas. — Como elas sobrevivem lá? Como elas vivem?

— Muitas não sobrevivem lá. Muitas não vivem.

A mulher dissera aquilo de forma tão natural que Leana ficou estupefata. — Aquelas crianças lá com aquela mulher. Elas vão à escola?

— Algumas sim, mas só porque ganham café da manhã e almoço de graça. As mães contam com isso. Mas, mesmo que não frequentem a escola, não significa que não sejam espertas. Cada criança que você vê nessa sala, exceto pelas menores, sabe como cuidar de si mesma. Se estiverem com fome e não houver um abrigo por perto, elas sabem quais restaurantes têm o lixo mais limpo. Se quiserem uma cama para passar a noite, sabem que devem procurar cedo nos abrigos. Se não têm dinheiro, elas pedem esmola, pedem emprestado ou roubam. Normalmente roubam. — A mulher deu de ombros. — É uma forma de vida para eles — disse ela. — Apesar de alguns serem muito revoltados contra o sistema, você se surpreenderia pela quantidade de gente que aceitou sua situação.

Leana não conseguia imaginar aceitar isso. Ela não conseguia imaginar viver sem uma casa, dormir com fome ou dormir em uma caixa de papelão. Ela não conseguia imaginar procurar comida em uma lata de lixo.

Ela olhou em torno da sala, cheia de vergonha. Ela realmente fora tão terrível quando criança?

Leana ouviu o som de uma porta sendo fechada e olhou para cima, vendo Mario caminhando em sua direção. Nunca na vida ela sentira-se mais feliz em vê-lo.

— É o seu amigo? — perguntou a mulher.

— Sim — disse Leana. — É o meu amigo.

— Você é uma mulher de sorte. Ele é uma das minhas pessoas favoritas. Você sabia que ele vem aqui uma vez por semana com um carregamento de comida ou um cheque para comprarmos alimentos?

— Não me surpreenderia.

A mulher afastou-se e Leana continuou olhando para Mario, acenando para ela.

— Meu carro está lá fora — disse Mario depois de abraçar Leana. — Quero que venha comigo. Você vai sair do seu apartamento.

Leana não esperava por isso. Ela começou a protestar. — Mas para onde eu vou?

— Já cuidei disso.

— Tem que haver outro jeito, Mario. Eu adoro aquele apartamento.

— Mais do que sua vida? Vamos.

Relutantemente, Leana o acompanhou. Eles saíram do abrigo para a noite. Os dois homens que esperavam do lado de fora caminharam junto com eles. Leana sabia que esses homens, como ela mesma e Mario, estavam armados.

O trânsito mal se movia na Prince. Os carros estavam parados em fila dupla e as pessoas caminhavam por entre eles. O Taurus preto de Mario estava parado na esquina, brilhando sob a chuva.

Eles sentaram-se no banco de trás, os homens de Mario na frente. No momento em que a porta fechou-se atrás deles, Leana apertou a mão de Mario. — Vai ficar tudo bem — disse ele. — Basta fazer o que eu disser.

— Estou com medo.

— Não precisa ter medo. Basta fazer o que eu disser.

Eles andaram em silêncio, seguros nos braços um do outro. Ela deitou a cabeça no ombro dele.

— No telefone, você mencionou um bilhete — disse Mario. — Quero vê-lo. Ele está com você?

— Está no apartamento.

— Junto com a arma?

— Não, a arma está comigo.

Isso o agradou. Ele a soltou e pediu para ver a arma.

Leana botou a mão no bolso do casaco e tirou a arma, que parecia fria, pesada e ameaçadora em suas mãos. Ela a entregou a Mario. — Está carregada?

Ele verificou. — Está carregada. Onde você mora?

Leana disse a ele. Mario inclinou-se para a frente e deu o endereço ao motorista. Ele queria o bilhete. Antes de matar Eric Parker, ele planejava pregar o bilhete na testa do homem.

* * *

Depois de verificar que o apartamento estava seguro, Mario pediu aos homens que esperassem no corredor. — Não vamos demorar — disse ele. —

Não deixem ninguém se aproximar.

Ele fechou a porta e olhou para Leana. Ela pegou o bilhete na mesinha de cabeceira. Observando-a agora, ele sentiu o mesmo amor profundo, a mesma atração física intensa, a mesma sensação de querer protegê-la que sentira quando estiveram juntos por aqueles breves seis meses.

Então, ele pensou em Lucia e deu-se conta de que o amor que um dia ele sentira por ela não era nada comparado com o amor que sentia por Leana. E como ele podia comparar? Com Leana, o amor viera naturalmente. Com Lucia, os pais deles tinham arranjado suas vidas desde o berço. Sempre se soubera que o primogênito de Antonio De Cicco casaria com a primogênita de Giovanni Buscatta.

Lucia Buscatta aprovou o casamento, pois sua atração por Mario De Cicco era grande. Para Mario, o casamento era uma crueldade. Aos dezoito anos, o pai dele dissera a ele para se casar com uma jovem que ele mal conhecia e que não amava. Na época, como agora, não houvera nada que ele pudesse fazer.

Pelo menos, não enquanto seu pai estivesse vivo.

— Aqui está — disse Leana.

— Deixe-me ver.

Leana esperou até que ele terminasse de ler. — E então?

— Quando você recebeu isso?

— Um pouco depois de nove e meia hoje pela manhã.

— Quem o entregou a você?

— Um mensageiro?

— Como ele era?

— Não me lembro.

— Tente se lembrar.

Ela pensou. Ela vira o homem há apenas algumas horas, mas ficou surpresa ao ver como era difícil formar uma imagem dele. — Ele era loiro — disse ela. — E usava um brinco.

— Foi o mesmo cara que perseguiu você aquele dia no parque?

— Não — disse Leana. — Aquele homem tinha cabelos escuros. Além disso, nunca vou me esquecer do rosto dele.

— Que tipo de brinco o mensageiro usava?

— Uma pequena argola de ouro, acho.

— Em qual orelha?

— Direita. Não, esquerda. — Ela olhou para ele. — Esquerda.

— Ele era alto?

— Não, na verdade, ele era bem baixo.

— Ele parecia nervoso?

— Nem um pouco. Ele estava impaciente, como se tivesse milhares de outras coisas para fazer.

— Do que mais consegue se lembrar?

— Nada. Aconteceu tão rápido que é uma surpresa eu conseguir me lembrar de alguma coisa. Por que isso é tão importante?

— É importante porque quem entregou esse bilhete e a arma a você pode ser o homem que foi contratado para matá-la. — Ele viu medo no rosto dela e disse: — Olhe, por que não começa a fazer as malas? Quanto mais cedo sairmos daqui, mais cedo poderá se mudar para seu novo apartamento.

Ele inclinou-se para a frente, beijou-a no rosto e depois nos lábios. Ela parecia assustada e ele ficou com pena dela. — Prometo que vai gostar. Tem várias janelas, o teto alto, piso de madeira e uma cozinha maior do que esse apartamento inteiro.

— E para que me serve uma cozinha grande? — disse Leana. — Não sei cozinhar. — Ela pensou em todos os bules de café horroroso que fizera para Michael e disse: — Não consigo nem fazer café sem estragar tudo.

— E daí? — disse Mario sorrindo. — Tomaremos chá. E você não precisa se preocupar com o jantar. Eu cozinharei para você, como nos velhos tempos. Ok?

Leana pensou na esposa e nos filhos dele, em todas as vezes em que tinham ficado separados por causa deles e decidiu que ela não queria que fosse como nos velhos tempos. Estava na hora de ela ter alguma coisa de verdade. Um relacionamento com Mario não era possível. As circunstâncias sempre impediriam que isso acontecesse. Ela cometera o erro de se apaixonar por um homem casado e, tolamente, acreditara que alguma coisa de bom sairia disso.

Seu pensamento foi para Michael. O que ele pensaria quando viesse aqui e descobrisse que ela se fora? Ela não tinha como entrar em contato com ele. Michael sempre telefonava para ela. Em seu celular, o número dele sempre aparecia como número privado. Pior ainda, eles sempre se encontravam no apartamento dela. Pela primeira vez, ela se deu conta de como isso era absurdo. Eles eram muito próximos, mas ele nunca dera a ela o número do telefone nem dissera onde morava.

Mario colocou a mão no braço dela. — Temos que ir — disse ele. — Há alguma coisa que queira levar?

Leana foi até um armário do outro lado do quarto.

Ela pegou camisetas, calças, bermudas e roupas íntimas, e jogou-as dentro da mala que Mario segurava aberta. Ela não viu as roupas, nem viu que itens pessoais jogara dentro da mala. Ela só via Michael e Eric, Louis, Celina e seus pais, e não conseguia acreditar em como sua vida mudara nas duas semanas

curtas desde a inauguração do prédio da Redman International.

Ela ficou imaginando se algum dia sua vida seria o que sonhara e decidiu que sim. *Vou fazer com que seja*, pensou Leana. *Vou chegar até o topo*. E então um pensamento cruzou sua mente. *Se eu sobreviver.*

— Pronta? — perguntou Mario.

— Há algo que quero dar a você — disse ela, dando alguns passos pelo quarto. Escondida sob a cama, estava uma caixa de metal trancada. Leana a ergueu até a cama, pegou uma chave na mesa de cabeceira e destrancou a caixa. Dentro dela, estavam fotografias de sua mãe, seu pai e de Celina, velhas cartas de velhos amigos e o cheque de $25.000 que Philip Quimby dera a ela em troca das joias falsas.

Ela entregou o cheque a Mario. — Essa noite, vi uma mulher cujas únicas posses eram três filhos esfomeados e alguns sacos de lixo rasgados cheios de Deus sabe o quê. Estou saindo da minha casa, mas indo para outra casa que me manterá aquecida e seca. Aquela mulher e as crianças deviam ter a mesma sorte.

Ela acenou em direção ao cheque. — Pode doar isso ao abrigo e garantir que seja bem usado?

Mario pareceu emocionado. — É claro.

— Vou começar a trabalhar em breve — disse ela, e viu, pela mudança na expressão de Mario, que ele não sabia de nada. — Ainda não discutimos isso, eu ia contar a você durante o jantar naquela noite em que não apareceu. Onde você estava, por falar nisso?

Ele estava prestes a dizer a verdade, mas decidiu que não era o momento de contar a ela sobre a ameaça de morte que Lucia recebera. — Eu disse que estava com Lucia — disse ele. — Era o aniversário dela.

Leana balançou a cabeça, desapontada. — Não, não era, Mario. O aniversário de Lucia é uma semana depois do meu. Eu não esqueci disso. Então, por que mentir?

Ele ficou surpreso ao ver que ela se lembrava. — Sinto muito — disse ele. — Eu não queria, mas tive um motivo. Aconteceu uma coisa em casa.

— O que aconteceu em casa?

— Mais tarde eu lhe conto. Agora, quero saber sobre esse emprego.

Leana engoliu a onda de teimosia que a invadiu. Ele a estava ajudando agora e ela decidiu responder. — Louis Ryan pediu-me que gerenciasse seu novo hotel. Começo na semana que vem.

— Louis Ryan? — disse Mario. — O desenvolvedor?

— Sim — disse Leana. — O desenvolvedor.

— Mas o homem é um crápula — disse Mario. — Todos sabem disso. E seu pai o odeia. — As últimas palavras dele pairaram no ar. — E foi por isso que

você aceitou.

— Talvez — disse Leana. — Mas o trabalho é também uma excelente oportunidade. Harold sugeriu que eu o aceitasse.

— O melhor amigo de seu pai a encorajou?

— Ele marcou a entrevista.

Mario estava incrédulo. — Alguma coisa não está certa, Leana. Você tem que ver isso.

— Tudo está perfeitamente certo — disse ela. — Harold não teria sugerido que eu encontrasse Louis se não estivesse. Agora, escute. Não quero discutir isso agora. Se quiser conversar mais tarde, ótimo. O que é mais importante é que, em breve, terei meu próprio salário. Finalmente serei independente. É um grande passo para mim, Mario. Não o estrague.

Mario tentou aceitar o que ela acabara de dizer, mas não conseguia. Ele não conseguia acreditar que ela trabalharia para Louis Ryan. A mulher não tinha juízo? Manhattan inteira sabia o que Louis Ryan e George Redman sentiam um pelo outro. Ele sabia que, se Leana aceitasse esse emprego, mais cedo ou mais tarde sentiria o peso desse ódio.

Então, conversaremos mais tarde, pensou ele.

Quando saíram do apartamento, caminharam rapidamente até o carro de Mario, que estava estacionado no meio-fio, a cerca de cento e cinquenta metros de distância. Ao longe, o Arco Washington brilhava e a brisa carregava os sons abafados de uma banda de reggae.

Eles tinham acabado de chegar no carro quando alguém gritou o nome de Leana do outro lado da rua. Leana virou-se e viu a pessoa no mesmo momento em que Mario abriu a porta traseira do carro e empurrou a cabeça dela para dentro.

Ela escorregou no vinil preto brilhante.

A cabeça dela bateu no apoio de cabeça do lado do motorista e ela sentiu uma dor aguda no ombro esquerdo.

Mario retirou a arma e ficou em posição de tiro.

Os homens dele fizeram o mesmo.

Alguém na calçada, uma mulher, gritou ao ver as armas.

Leana levantou a cabeça e olhou pela janela do carro.

Parado no meio da Quinta Avenida, com o trânsito parando abruptamente em torno dele, estava Michael Archer.

CAPÍTULO 27

À meia-noite, Louis Ryan saiu da festa no iate de Anastassios Fondaras, voltou ao escritório no Manhattan Enterprises e guardou em um cofre na parede o DVD que Fondaras dera a ele ao sair do barco.

Ele preparou um drinque, bebeu de um só gole e preparou um segundo.

Louis caminhou até a mesa e sentou-se, olhando para a fachada brilhante do prédio da Redman International e bebendo.

Ele esperou.

As batidas soaram à meia-noite e meia. Ryan olhou para o relógio. Estava na hora de Spocatti aparecer. Louis não o vira nem tivera notícias dele o dia inteiro.

— Entre — disse ele.

A porta abriu-se e Spocatti entrou, aproximando-se da mesa de Louis.

Nas semanas durante as quais eles vieram a se conhecer, um respeito profundo crescera entre os dois homens. Louis admirava a mente e o intelecto de Spocatti, enquanto que Spocatti tinha um forte sentimento de camaradagem por Louis. Para ele, qualquer pessoa que fazia com que o próprio filho acreditasse que uma pessoa de nome Stephano Santiago realmente existia merecia respeito.

— Presumo que tudo tenha dado certo — disse Louis.

Spocatti parou a alguma distância da mesa de Louis. O instinto fez com que se movesse para a esquerda enquanto olhava para as janelas de parede inteira atrás de Ryan.

— Aconteceram alguns problemas — disse ele. — E eu contarei o que aconteceu quando você se afastar das janelas ou fechar as cortinas.

Louis ergueu a sobrancelha. — Você acha que estou em perigo?

— Qualquer um que tenha dinheiro e poder está em perigo, Louis. Especialmente alguém tão odiado como você. Por que dar chance a um possível atirador se puder evitar?

— Porque eu gosto da vista — disse Louis, mas, mesmo assim, ele abriu uma gaveta e apertou um interruptor. As cortinas se fecharam com um sussurro. — Agora que estou seguro contra predadores, diga-me o que aconteceu.

— Cain e os homens dele estão mortos.

Louis ficou imóvel. Vincent contou tudo a ele: sobre a perseguição, o motorista do táxi, o manuscrito de Michael, o incêndio.

— Michael tinha uma arma?

— Escondida debaixo da cama.

— E ele atirou em Cain?

— Ele matou Cain, no mesmo momento em que eu matei o homem que bloqueava a porta do apartamento. Eu disse a você que não podíamos confiar em Cain, Louis. Eu o avisei para não usá-lo. O homem tinha as próprias regras e mataria por prazer. Se não fosse por um palpite e eu não tivesse ido até o apartamento de Michael, seu filho estaria morto. Eu salvei a vida dele depois que Cain queimou o manuscrito em que Michael estava trabalhando. Quando cheguei até ele, o apartamento estava em chamas e Michael estava desmaiado por causa da fumaça. Tive que carregá-lo para fora do prédio.

As coisas estavam andando rápido demais. Louis só contratara Cain para assustar Michael, para reforçar sua crença em um homem chamado Stephano Santiago. Nada disso deveria ter acontecido.

— Alguém o viu carregá-lo para fora do prédio?

— Muitas pessoas me viram. Algumas queriam ajudar.

— Alguém reconheceu Michael?

— Não sei com certeza, havia confusão demais.

— Para onde você o levou?

— Para o meu apartamento. Eu tentei falar com você, mas não consegui. Onde estava essa noite?

— Não importa. Por quanto tempo Michael ficou com você?

— Até que estivesse com os pulmões limpos, eles estavam cheios de fumaça.

Não havia um traço de preocupação no rosto de Louis. Michael estava vivo. Era isso que importava.

— Onde está ele agora?

— Em um avião com Leana, indo para a Europa.

— E?

— Michael está assustado. Ele precisa do dinheiro e está pronto para se casar. O desafio é Leana.

— Ela se casará com ele — disse Louis. — Ela precisa.

Apesar de Spocatti ter ponderado por semanas por que esse casamento era tão importante para Ryan, ele decidiu não perguntar o motivo.

— E Mario De Cicco? — perguntou Louis.

— Ele será um problema.

— Um problema grande?

Spocatti deu de ombros. — Depende do quanto você quer usar Eric Parker. Na próxima vez em que mandar rosas para ele, poderá ser para o túmulo dele.

— O que isso significa?

— Significa que Parker cumpriu sua ameaça. Ele contratou alguém para matar Leana Redman.

— Ele o quê?

— Relaxe — disse Spocatti. — De Cicco descobriu. Ele usará seus contatos para que o contrato seja cancelado, chegará a Parker e o matará ele mesmo.

— Como você sabe disso tudo?

— A tecnologia é uma coisa maravilhosa, Louis.

— O que mais ficou sabendo?

— Bastante. Parece que De Cicco está preocupado com você. Ele não gosta do fato de você ser o novo patrão de Leana. Ele está furioso com isso e pediu aos homens dele um relatório detalhado sobre você e Michael até o fim da semana.

— Ele não sabe que Michael é meu filho, sabe?

— Ainda não — disse Spocatti. — Mas se os homens dele cavarem fundo o suficiente, ele saberá. Agora, ele está mais preocupado com o motivo de Harold Baines ter enviado Leana a você. Ele sabe que Harold é o melhor amigo de George Redman e sabe que alguma coisa não está certa. Ele é um homem esperto.

— Não tão esperto quanto eu.

— Veremos.

— Não se esqueça — disse Louis. — Eu tenho você.

— E ele tem a Máfia. As coisas estão mudando, Louis. Elas não são mais tão simples como eram. Estão ficando sérias.

— Nada com o que não possamos lidar.

— Estamos falando da Máfia, Louis.

— E eu estou falando dos dez milhões extras se você ficar comigo. Além do dinheiro que já ofereci. Metade estará em sua conta na Suíça até o fim da semana que vem. Você receberá a outra metade quando Redman estiver morto.

Fez-se um silêncio.

— Você disse que era o melhor, Vincent.

— Eu sou, Louis, mas os melhores nunca são tolos, nem mesmo por dinheiro. — Ele corrigiu-se. — Especialmente não por dinheiro.

— Preciso saber se ainda está comigo — disse Louis.

Spocatti pesou a situação, teve algumas ideias e assentiu. — Eu quero o dinheiro na minha conta amanhã de manhã. Não na semana que vem.

— Feito.

— E, de agora em diante, faremos as coisas do meu jeito.

— Não posso concordar com isso.

— Então estaremos comprometidos. É o meu rabo que estará lá. E não vou

perdê-lo por você.

— Ninguém está pedindo isso.

Spocatti riu. — Certo — disse ele. — Então, o que quer que eu faça agora?

Louis disse a ele.

* * *

Na porta do estúdio do marido, Elizabeth Redman estava parada retirando as joias, enquanto George, parado na extrema direita da parede de janelas, terminava o último copo de uísque.

— Você está bem? — perguntou ela.

Ele virou-se para ela depois de um momento. — Na verdade, não.

Ela aproximou-se e colocou os braços em volta dele. — Você sabe que pode conversar comigo — disse ela. — Sabe que estou do seu lado.

— Eu sei que está. — Ele deu um beijo na mão dela. — Por que mais você jogaria um drinque no rosto de Ryan?

— Dois, na verdade.

— O martíni foi inspirado.

— E foi também um erro — disse ela. — Amanhã, estarei nos jornais por causa disso. Mas tenho que admitir que foi bom.

— Você é humana, Elizabeth. E lembre-se, ninguém gosta de Ryan. Ele nos provocou. As pessoas ficarão do seu lado.

— Posso perguntar uma coisa?

— É claro.

— Na noite passada, enquanto dormia, você falou o nome de Leana duas vezes. Você está preocupado com ela, não está?

George assentiu.

— Você acha que é verdade o que Louis disse sobre ela?

— Eu não sei — disse George. — Mas estava planejando descobrir quando você entrou. — Ele soltou-se do abraço, caminhou até a mesa, pegou o telefone e discou.

Elizabeth parou do lado dele. — Para quem está telefonando?

— Para quem você acha?

— Não acha que é um pouco tarde para telefonar? Helen pode estar dormindo. Você vai incomodá-los.

— Não me importo se incomodar. Se Harold falou com Louis Ryan sobre a minha filha, quero saber.

— Você sabe que não pode acreditar em uma palavra que Ryan diz.

— Eu entendo. Mas também conheço a minha filha. E você viu como Harold tem agido ultimamente. Há um motivo, e pode ser isso.

— Por que não o confrontou sobre isso no barco? — perguntou ela. — Já podíamos ter superado isso.

A linha começou a chamar. — Porque eu estava furioso demais — disse George. — Uma cena foi suficiente.

— Não está furioso agora?

George lançou-lhe um olhar frio. A linha fez um clique e Harold atendeu. — É o George — disse ele. — Pode vir ao meu escritório? Preciso falar com você. Sim, agora.

* * *

— Qual é o problema?

George girou a cadeira e olhou para o outro lado do escritório para Harold Baines, que acabara de entrar e estava parado nas sombras da porta.

— Não tenho certeza — disse ele. — Mas acho que você pode me ajudar a descobrir. — Ele acenou para a cadeira em frente à mesa. — Por que não se senta? Temos muito sobre o que conversar.

Harold hesitou por um momento e atravessou o aposento.

— Quer um drinque?

Ao sentar-se, Harold olhou para George. Apesar de estar nervoso, uma parte dele até mesmo com medo dessa reunião, de alguma forma ele conseguiu manter as feições neutras. — Você vai tomar um também?

— Já tomei vários. Um a mais não vai me matar. O que você quer?

— O mesmo que você.

George caminhou até o bar.

Harold virou a cadeira. Ele olhou para o seu melhor amigo e ficou pensando se Jack Douglas contara a ele o que vira no barco de Anastassios Fondaras.

Ele estava nervoso e não tinha certeza de como lidaria com a situação se ela surgisse. Nunca Harold fora confrontado sobre sua homossexualidade. Nunca ninguém o confrontara sobre seu problema com as drogas. Ele sempre fora discreto e cuidadoso. Mas, recentemente, ele estivera preocupado, distraído. Algumas vezes, ele sentia como se estivesse perdendo o controle sobre sua vida. Os negócios com a WestTex e com o Irã e sua dependência cada vez maior da heroína e da cocaína estavam devorando o pouco de estrutura e rotina que ele

tivera.

Por anos, ele vivera uma mentira. Por anos, ele se sentira infeliz por causa disso. As drogas e o sexo eram uma fuga de uma vida que ele se convencera de que não valia mais a pena viver. Ele não amava a esposa nem os filhos porque mal os conhecia. As únicas pessoas com as quais se importava eram as pessoas que nunca o tinham desapontado: George e Leana. E, agora, ele não podia encará-los, porque traíra a ambos. Que tipo de homem era ele?

— Somos amigos há tempo demais para baboseiras — disse George do bar. — Então, vou direto ao ponto. Falei com Louis Ryan essa noite. Ou melhor, ele falou comigo. Ele me disse algo e não tenho certeza se acredito.

Harold ficou imóvel na cadeira. Nas janelas diante dele, a cidade brilhava.

George caminhou até ele com os drinques. — Ele disse que vocês dois ficaram amigos. Ele disse que, graças a você, Leana vai gerenciar o novo hotel dele. — George parou ao lado de Harold e entregou o martíni. — Quero saber se isso é verdade.

Harold colocou o copo na mesa ao lado. Se ele mentisse para George agora, sabia que isso destruiria o que levara trinta anos para construir.

— Obviamente, não é verdade.

George sentou-se. Ele inclinou-se para a frente e colocou a cabeça sobre as mãos. Ele sentia-se drenado, exausto, mas também aliviado.

— Não achei que tivesse — disse ele, erguendo-se. — Mas eu precisava perguntar. Espero que não o tenha ofendido.

— Você não me ofendeu — disse Harold.

— Eu precisava saber.

— Eu entendo.

Fez-se um silêncio enquanto os dois homens bebiam.

Harold voltou o olhar para a vista nas janelas. Sentado lá, amortecido, ele observou dois helicópteros pairando sobre uma cidade que ele começava a odiar. Era uma cidade que, como tantas outras coisas em sua vida, não o atraía mais.

Ele olhou para George e soube que nada poderia aplacar a culpa que sentia por ter traído a ele e à família dele. Nada poderia encher o vazio profundo em que sua vida se transformara: nem a amizade, nem o amor, nem a verdade.

Ele ficou imaginando por quanto tempo mais poderia viver uma mentira, em que ponto seu mundo começaria a desmoronar.

— Essa aquisição tem sido difícil para você, não é? — perguntou George.

— O que quer dizer?

— Você emagreceu — disse George. — Muito. Helen disse a Elizabeth que você não está comendo bem. Eu notei isso no jantar de hoje. Você quase não tocou na comida. Há alguma coisa errada? Você não está bem?

— É só a minha úlcera — disse Harold. — Admito que me sentirei melhor depois que essa aquisição terminar.

— Tem certeza de que não há mais nada?

— Nada com que eu não possa lidar pensando um pouco — disse Harold.

George recostou-se na cadeira, curioso para saber o que Harold quisera dizer com isso, mas decidiu deixar para lá. — Encontrei-me com Frostman hoje — disse ele.

Harold pareceu surpreso e, talvez, um pouco vulnerável. — Eu não perdi uma reunião, perdi?

— Dessa vez, não. Eu me encontrei com ele sozinho. — Ele terminou o drinque e levantou-se. — O Chase está dentro, mas eles fizeram um jogo difícil. E eu também. Acho que é um com o qual consigo viver. Um com o qual todos nós conseguiremos viver.

— O que o dinheiro deles vai custar?

— Oito por cento.

Harold ergueu a sobrancelha. — Nada mal. Quem fica com a dívida principal?

— Nós — disse George. — Mas, para isso, eles ficarão com uma participação de trinta e cinco por cento da WestTex.

Harold balançou a cabeça. — Vai ser difícil obter a aprovação do conselho.

— Eu sei — disse George. — Mas é a oferta deles e estamos ficando sem tempo. O conselho terá que aceitar, ou perderemos bilhões.

— E se isso não der certo? — perguntou Harold.

George pareceu quase derrotado quando disse: — Acho que procuraremos mais alguém.

* * *

Mais tarde, quando Harold saiu da Redman International, a limusine Mercedes preta que estivera esperando na rua Cinco ligou o motor, cortou o trânsito e parou ao lado dele.

Harold afastou-se do meio-fio no mesmo instante em que a porta traseira da limusine abriu-se e Vincent Spocatti saiu.

Harold sentiu um choque.

Calmamente, Spocatti pressionou uma arma contra a cintura dele. — Entre no carro, Harold. Seu dia ainda não terminou.

CAPÍTULO 28

— Que tal um último drinque?

Jack afastou-se da pintura que estava admirando no vestíbulo do apartamento de Celina e caminhou até a sala de estar, onde ela estava ao lado do bar. Eles tinham acabado de chegar da festa de Anastassios Fondaras e era tarde.

— Você tem cerveja?

— Na verdade, tenho. — Ela abaixou-se, abriu a pequena geladeira, procurou dentro dela alguma coisa leve que sabia que ele gostava e olhou para Jack. Os olhos dela brilhavam bem-humorados. — Quer que eu coloque em um copo de champanhe?

Apesar de sorrir, Jack parecia um pouco distraído ao afrouxar e retirar a gravata borboleta preta. — Dessa vez, pode ser na garrafa.

Ele aproximou-se e pegou a garrafa. Jack olhou para ela por um momento, fez menção de falar, mas tomou um gole da cerveja.

Celina virou-se para o bar e serviu um copo de vinho. Ela estava confusa sobre o que acontecera mais cedo no iate e mais do que um pouco brava com Jack, mas não queria demonstrar. Ela queria fazer amor com esse homem, mas não tinha certeza se ele queria o mesmo. *Por que ele impediu que acontecesse na festa? Ele me pediu para acompanhá-lo e depois desistiu. Por quê?*

— Nervosa com o salto amanhã de manhã?

Celina virou-se e viu que ele tirara o casaco, que estava sobre a cadeira ao lado deles. Ele esperou uma resposta, o olhar mantendo o dela.

— Um pouco — disse ela. — Não é todo dia que salto de uma ponte com uma tira de borracha amarrada nas canelas. — Ela ergueu a sobrancelha. — Por que pergunta?

— Suas mãos estão tremendo.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Hoje, no iate, você me pediu que o acompanhasse até o andar de baixo. Fui com você porque eu queria estar com você. Mas, quando chegamos àquele camarote, você não quis que entrássemos. Por quê?

A pergunta pairou no ar. Apesar de não gostar de ser tão direta, ela queria uma resposta. Queria saber porque ele desistira, especialmente considerando que

ele pedira a ela que o seguisse.

— Não é o que está pensando — disse Jack.

— E o que eu estou pensando?

— Que eu não queria fazer amor com você. Que mudei de ideia. — Ele olhou para ela. — Isso não é verdade.

— Então, o que aconteceu?

— Não poderíamos ter entrado naquele quarto, mesmo se quiséssemos.

— Por quê?

— Porque duas outras pessoas tiveram a mesma ideia.

Ela não esperava por isso. A surpresa refletiu-se em seu olhar. — Quem estava lá?

Uma sombra de indecisão cruzou o rosto dele. Ele não tinha certeza do quanto deveria contar a ela. Se contasse o que vira naquele segundo antes de fechar a porta do camarote, isso não só destruiria a carreira de Harold Baines, mas também a vida dele. Ele tomou uma decisão. — Não sei quem era — disse ele.

— Mas você disse que viu duas pessoas.

— Eu vi, mas estava escuro. Não consegui ver os rostos, só que eram homens e estavam nus.

Ela ficou ruborizada. — Eles estavam fazendo sexo?

Quando ele deu de ombros, Celina riu.

— O que é tão engraçado?

— Eu não sei — disse ela. — Talvez eu esteja com ciúmes porque eles chegaram primeiro.

Ele colocou a cerveja sobre a mesa e deu um passo em direção a ela, a última imagem de Harold Baines desaparecendo. — Quer fazer alguma coisa sobre esse ciúme?

— Depende do que tem em mente.

Silenciosamente, Jack a puxou para ele. Eles se beijaram e Celina soube, pela paixão naquele beijo, que não havia volta agora.

Ela colocou o copo de vinho sobre o bar, colocou a mão na dele e o conduziu pela sala de estar até o quarto. Lá, a cidade brilhava nas janelas além da cama. Celina virou-se para ele. Jack aproximou-se dela, a boca dele encontrou a dela novamente e eles se beijaram.

Mas, dessa vez, foi um beijo diferente. Dessa vez, não foi tão gentil como fora na sala de estar. As mãos dela subiram para os quadris dele, as dele para os seios dela e, depois, para as costas. Ele a puxou para mais perto e ela sentiu a ereção dele subindo a virilha.

As coisas não estavam andando rápido o suficiente. Jack virou Celina de

costas e começou a retirar o vestido, os lábios beijando cada centímetro da pele sendo exposta. Celina estremeceu com a aspereza do queixo barbeado, com o hálito quente e a língua úmida em suas costas, as mãos fortes abrindo caminho até a curva de suas nádegas. Quando ela achou que não aguentaria mais, ele abriu o último botão e o vestido caiu a seus pés.

Ela virou-se para ele, nua, os seios inchados de antecipação. Celina sentiu-se vulnerável, mas viva. O olhar de Jack passeou pelo corpo dela e ela viu no rosto dele um lampejo de excitação. Ela não estava usando roupas íntimas.

Ele inclinou-se para a frente e levou o rosto aos seios dela. A cabeça de Celina inclinou-se para trás e ela gemeu quando os lábios de Jack encontraram um dos mamilos. As ondas de prazer que a percorriam eram intensas. Como se sentindo sua impaciência, Jack a abaixou até o chão e deitou-se sobre ela. Ela conseguia sentir como ele estava rígido, como era grande e, subitamente, quis explorar.

Empurrando-o para trás, Celina sentou-se sobre ele, os seios a alguns centímetros do rosto dele. Ela o viu sorrir, um sorriso insinuante, e o ouviu gemer quando ela puxou sua camisa de forma rápida e brutal. Os botões voaram e o tecido rasgou-se, expondo seu peito musculoso e cabeludo. Ela o observou por um momento, a excitação crescendo, e baixou a cabeça até o peito dele, cobrindo um dos mamilos com a boca.

As costas de Jack se arquearam. — Jesus — disse ele.

Ela o queria nu, e removeu os sapatos e as meias, desabotoou a calça dele. Ela segurou o tecido e puxou. Jack ergueu os quadris, ela tirou as calças dele e jogou-as para o lado, que bateram em uma mesa, deslizando até uma fotografia emoldurada dela, tirada há anos em Londres.

A fotografia caiu no chão. O vidro espatifou-se.

Celina não prestou atenção, tudo o que via era Jack. O rosto dele estava vermelho de excitação, o que a incentivou a avançar ainda mais. Abaixando a cabeça até a cintura da cueca, ela mordeu o tecido e a tirou com os dentes. Com um movimento do pulso dela, a cueca voou pelo quarto, uma sombra que bateu contra a janela.

O pênis dele era incomumente grande. Celina ficou olhando para ele, paralisada. Estendendo-se de um amontoado de pelos castanhos, ele ia até acima do umbigo, pulsando no ritmo da respiração irregular dele. A respiração de Jack ficou rouca, o corpo tenso com antecipação. Observá-la admirando-o fez com que ele ficasse ainda mais inflamado.

Mas Celina não o tocou. Em vez disso, ela encontrou o seu olhar e lambeu a área de pele em torno dele. Jack agarrou os cabelos dela. Celina afundou sobre ele, os mamilos friccionando a base do pênis. Ela gostava das coisas um pouco

mais brutas, e sentia que ele também.

Ela levantou-se e caminhou até a mesa do outro lado do quarto. Incrédulo, Jack a observou afastar-se. — O que está fazendo? — perguntou ele. — Volte aqui.

— Espere — sussurrou Celina. — Só... espere.

Quando ela acendeu o fósforo, o rosto dela ficou envolto em um brilho amarelado. Ela acendeu a vela que tinha na mão, apagou o fósforo e começou a aproximar-se dele. Com a cidade brilhando nas janelas atrás dela e a vela queimando em sua mão, ela estava radiante.

Ela sentou-se sobre ele novamente e afastou o cabelo do rosto com um movimento rápido da cabeça. Os olhos dela pareciam desafiá-lo. — Confia em mim, Jack?

Jack olhou para ela e depois para a vela que tremulava na mão dela. Ele sabia o que ela tinha em mente e isso o deixou mais excitado. — Eu confio em você — disse ele.

Ela segurou a vela sobre o peito dele, inclinou-a levemente e deixou que a chama derretesse a cera. — Nunca fiz isso antes — disse ela. — Mas sempre quis fazer. Você acha que vai doer? — Antes que ele pudesse responder, ela virou a vela de lado e observou as gotas brilhantes de cera caindo sobre o peito dele.

Jack prendeu a respiração e encolheu-se, a cera quente correndo em direção à sua barriga em rios finos. Ela acumulou-se no umbigo e derramou sobre o carpete bege. Não era doloroso. Era embriagante.

E então Celina apagou a vela.

Erguendo o corpo dele, apertando com força o seu corpo contra ele, ela encontrou sua boca e o beijou. Jack abaixou os braços e apoiou-se. Celina ergueu os quadris e separou as pernas.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Provavelmente não. — Ela tocou no rosto dele. — Vá devagar. O que você tem aí embaixo deveria ser estudado.

Quando ele estava prestes a penetrá-la, eles olharam-se no fundo dos olhos. Ambos sabiam que, se fossem em frente, nada mais seria o mesmo entre eles. Embora houvesse uma atração no passado, eles tinham sido profissionais até esse ponto. Ainda teriam que trabalhar juntos na Redman International, ainda teriam que participar das reuniões do conselho, ainda teriam que agir como se não houvesse nada entre eles, apesar de existir bastante coisa. Eles estavam apaixonados.

E então, Celina ergueu um pouco mais os quadris, permitindo que ele a penetrasse gentilmente. *Ele é grande demais*, pensou ela. Mas tudo o que

aconteceu depois da dor inicial tornou-se um borrão. Ela queria isso. Ela queria Jack. Ela o queria na vida dela.

Ao moverem-se em uníssono no carpete, os movimentos dele tornaram-se mais profundos, mais rápidos, mais exigentes. Espasmos a percorriam. Suas unhas cravaram-se nas costas dele. A mão dela agarrou o cabelo dele e puxou. Ele empurrou as mãos dela e segurou os braços dela para baixo. Ele cobriu um dos mamilos com a boca e mordeu de leve. Ela arqueou as costas. O mamilo dela estava tão inchado que parecia que explodiria.

Ela olhou para o rosto dele e se deu conta de que ele estava tão próximo quanto ela. Querendo-o mais fundo dentro dela, ela movia-se contra ele a cada movimento dele até que não houve mais nada além de um orgasmo intenso.

Mais tarde, depois de tomarem banho juntos, eles fizeram amor novamente. À medida que Celina mergulhava no sono, o corpo seguro entre os braços de Jack, ela se deu conta de como sentira falta de um homem em sua cama à noite. Ela moveu-se para mais perto dele e beijou seu peito. O coração dele estava disparado, mas o som a embalou até adormecer.

CAPÍTULO 29

— Você parece um pouco irritado, Harold. Um pouco tenso. Quer um drinque antes de começarmos?

Harold Baines deu as costas para a janela e olhou para Louis Ryan, do outro lado do escritório, servindo vodca em um copo cheio de gelo. — É um bar completo — disse ele. — Não consigo imaginar que não tenha algo que o agrade.

Ele largou a garrafa de vodca e tomou um gole da bebida gelada. — Ou talvez cerveja seja mais o seu estilo — disse ele. — Não é o que servem naqueles clubes de sexo que você frequenta? Não é a cerveja a bebida escolhida quando alguém está urinando em você ou enfiando o punho em seu rabo? Se for, e se é o que prefere, então receio não poder oferecer uma.

— Vá para o inferno, Ryan.

— Já estou lá, Harold. — Ele apontou para a cadeira do outro lado da mesa. — Sente-se. O que tenho a dizer não vai demorar.

Harold sentou-se. Através das janelas à sua frente, ele podia ver o prédio da Redman International no horizonte de Manhattan. Ele pensou sobre a conversa que acabara de ter com George Redman, sobre a amizade que ele traíra, e afastou o olhar, a culpa e o ódio por si mesmo invadindo-o.

Ele ouviu Ryan parar atrás dele.

— Quero que me diga tudo o que sabe sobre a aquisição da WestTex Incorporated.

Harold virou-se na cadeira, talvez um pouco rápido demais, pois sentiu-se tonto. Levou um momento antes que conseguisse focalizar Louis e, quando o fez, quando o aposento parou de girar, ele viu que o homem estava parado ao lado de uma televisão enorme.

— Quero que comece do início — disse Louis. — Quero datas, fatos, números. Quero saber os termos do negócio, e quero saber a participação de todos nele, o que inclui você, George, Celina, Jack Douglas, todo o conselho. Mas, acima de tudo, quero que me diga por que Redman está fazendo isso. Quero saber por que ele está assumindo uma empresa cujos lucros despencaram desde que o Oriente Médio foi parar no inferno. Quero saber por que ele está disposto a pagar o dobro do que a WestTex vale quando ele sabe muito bem que

os lucros caíram, e caíram muito, e que não pode, de jeito algum, devolver os dez bilhões que ele está disposto a pagar por ela. Deve ser algo muito bom para que ele arrisque tudo pelo que trabalho, e quero saber o que é, agora, porque o tempo está acabando.

Os dois homens se encararam. Louis ergueu o copo e deu um gole, um homem confiante preparando-se para matar.

Mas Harold levantou-se. Ele não podia fazer isso com George. Ele não podia permitir que isso fosse além do que já fora. Ele caminhou até as portas do outro lado do escritório.

Ele tentou caminhar.

Suas pernas ficaram estranhamente fracas, os músculos incapazes de sustentá-lo. Outra onda de tontura o invadiu. Ele caiu para a direita e esticou a mão para apoiar-se em uma mesa Chippendale.

Tentou apoiar-se.

O mundo virou um borrão e ele caiu no chão.

— Qual é o problema com você?

Harold fechou os olhos, a pressão acumulando-se dentro de sua cabeça. Ele tentou afastar uma onda de náusea, não conseguiu, e colocou a mão sobre a boca. Ele vomitou através dos dedos, nas roupas, no tapete Aubusson caríssimo de Louis.

Ryan deu um passo hesitante à frente, sem saber o que fazer. Harold observou a mão suja de vômito como se fosse um objeto que se materializara de outro lugar, de outro tempo. O odor atingiu seu nariz, o estômago contraiu-se e ele dobrou-se novamente, engasgando.

E Louis soube.

— Você é um viciado, não é, Harold? — perguntou ele. — Você é viciado em seja lá qual for a droga que está usando. Quanto tempo faz desde a última dose?

Harold não o ouviu. O rugido em sua cabeça era alto demais. Ele pegou um lenço do bolso de dentro do casaco e limpou a boca e as mãos. A garganta queimava, a respiração e as batidas do coração eram irregulares. Tonto e desorientado, ele forçou-se a sentar e olhou em torno do aposento.

Por um momento, ele não sabia quem era nem onde estava. Por um momento, ele não sabia de nada.

Mas ao sentar-se, a cor voltou ao seu rosto.

— Endireite-se — disse Louis, ainda abalado. Ele deu um passo para trás, querendo aumentar a distância entre eles. — Isso não vai funcionar comigo.

Novamente, Harold olhou em torno do aposento, o reconhecimento refletindo-se em seus olhos somente depois que Louis entrou em foco. Ele lutou

para levantar-se, tentou recompor-se e deu alguns passos até um sofá onde sentou-se, exausto.

O tempo passou. Quando a respiração do homem voltou ao normal, Louis disse: — Fale.

A hostilidade irradiou de Harold como o calor do verão subindo do asfalto. — Dê-me um pouco de água.

— Não até que me diga o que sabe sobre a WestTex.

O universo de fúria que crescia dentro de Harold ofuscou a náusea que ele sentia. Em uma voz controlada, ele disse: — Ou você me dá um copo de água, ou acabarei com isso agora, ligarei para a polícia e contarei a eles o que sei.

— Eu não contaria com isso — disse Louis. Ele caminhou até a televisão atrás dele, ligou-a e colocou um DVD para reproduzir. A tela ganhou vida.

Imóvel, Harold assistiu a si mesmo. Nu. Um jovem estava ajoelhado em frente a ele, chupando seu pau. Ele reconheceu a cena, lembrou-se do quarto.

De alguma forma, ele fora filmado com o garçom do iate de Anastassios Fondaras. De alguma forma, ele fora filmado injetando heroína no braço esquerdo. De alguma forma, lá estava ele, apressando-se em vestir as roupas depois que Jack Douglas entrara no quarto e o pegara de surpresa.

— Anastassios é meu amigo — disse Louis, observando a tela. — Como eu, ele tem um interesse em George Redman, mas por motivos diferentes. Quando eu disse a ele que havia uma forma de obter informações sobre a aquisição da WestTex Incorporated, sem falar no motivo de Redman para fazer isso, ele disse que me ajudaria a obter essas informações, desde que ele também as recebesse. Você, Harold, foi gentil o suficiente para aceitar os avanços daquele jovem garçom e segui-lo até o camarote cheio de equipamentos de vídeo escondidos. Se não tivesse feito isso, eu não teria nada tangível para pegar você.

Ele desligou a televisão.

Harold continuou a olhar para uma imagem que não estava mais lá.

Ryan foi até o bar, colocou água em um copo alto cheio de gelo, pegou uma toalhinha e entregou os dois para o homem que envelhecera trinta anos em seu sofá.

— Limpe-se — disse ele. — Há vômito em seu casaco. E beba sua água. Quando terminar, você vai me contar tudo o que sabe sobre a WestTex, desde o início, ou uma cópia daquele DVD vai para sua mulher, seus filhos, George e Elizabeth, a imprensa. Ele destruirá você.

Ele foi até a mesa e pegou um gravador digital, apontou-o em direção a Harold e pressionou o botão de gravação.

— Comece a falar — disse ele. — Agora.

* * *

Mais tarde, quando estava sozinho, Louis estava com os olhos fixos no silêncio escuro do escritório. Ele estava estarrecido. Se o que Harold Baines dissera fosse verdade, o plano de Redman era simplesmente brilhante.

Se ele assumisse a WestTex sob essas circunstâncias, o poder do homem aumentaria. Se ele assumisse a WestTex sob circunstâncias diferentes, o poder do homem dispararia.

Isso, claro, se o que Harold Baines dissera fosse verdade.

Ele deixou a cadeira e foi até as janelas à direita. Ele olhou para o prédio da Redman International e sentiu a onda de ódio familiar invadir seu corpo. Apesar de querer acreditar em Baines, ele sabia que não podia. O homem era o melhor amigo de George Redman.

Ele precisava de alguém que pudesse verificar as informações, alguém que trabalhava na Redman International e quisesse ver Redman queimar no inferno tanto quanto ele. Mas quem? Ele ficou parado pensando, a mente em um turbilhão de possibilidades.

E então ele soube exatamente quem poderia obter as informações de que ele precisava.

LIVRO TRÊS
TERCEIRA SEMANA

CAPÍTULO 30

Na manhã seguinte, no exato momento em que Celina Redman saía para pular de bungee jump com Jack Douglas no interior de Nova Iorque, e apenas algumas horas antes de George Redman deixar a Redman International para sua corrida de quatro quilômetros no Central Park, uma enfermeira empurrou Eric Parker em uma cadeira de rodas para fora do Hospital New York até uma limusine preta parada em uma entrada lateral discreta.

Não havia repórteres, Diana Crane cuidara disso, e, quando o motorista contornou o carro para ajudar a enfermeira a colocá-lo no banco traseiro, Eric pensou que, em breve, ele voltaria ao hospital. Era hora de ir para casa.

Diana sentou-se na parte de trás, virada para a rua. Ela usava um vestido Chanel preto que ia até os joelhos, o broche de diamantes que Eric lhe dera na noite em que foram atacados e uma pulseira de diamantes, também presente de Eric.

Suas pernas, cobertas com meias finas pretas, estavam cruzadas. Como a perna dele estava engessada, Eric tinha que sentar-se de lado no banco, virado para ela. Diana não olhara para ele nem uma vez desde que ele fora retirado da cadeira de rodas e colocado no banco traseiro, e não houve conversa depois que a porta fechou-se atrás dele.

Ela o tratara friamente desde que chegara naquela manhã.

— Alguma coisa errada? — perguntou Eric. Ele sabia que ela estivera na festa de Anastassios Fondaras e ficou imaginando se acontecera alguma coisa. Celina, George e Elizabeth também estiveram na festa.

— Nada de errado — disse Diana.

— Então por que não está falando comigo?

— Você não quer saber, Eric.

Malditas mulheres. — Sim, eu quero.

— Então discutiremos mais tarde, não aqui.

A limusine afastou-se do hospital.

Eric olhou pela janela, para longe dela. Hoje, dentre todos os dias, ele não queria lidar com uma mulher temperamental. Há uma hora, ele descobrira que, por não ser mais funcionário da Redman International, não tinha mais direito ao plano de saúde e teria que pagar todas as despesas médicas do próprio bolso, que já tinham passado dos cem mil dólares, e certamente continuariam a subir, considerando os meses de reabilitação à frente. Apesar de dinheiro não ser um problema agora, a ideia de ter que pagar por algo que a filha de George Redman fizera o deixava furioso.

A limusine dirigiu-se para a Quinta. Eric observou homens, mulheres e crianças andando pelas ruas e avenidas, passeando com cachorros em guias de neon, correndo com iPods presos na cintura.

Ele abriu o vidro da janela e inspirou os cheiros da cidade. Ele voltaria em breve. A cidade seria dele novamente e estaria de volta no topo, só que, dessa vez, sem o prestígio da Redman International.

Quando eles entraram na Quinta, Diana pegou o celular de dentro da bolsa e começou a digitar números. — Estou telefonando para o Redman Place para garantir que nenhum visitante inesperado esteja nos esperando — disse ela.

Eric olhou para ela. — Achei que já tinha cuidado da imprensa.

— E cuidei — disse Diana. — Foi por isso que não havia ninguém nos esperando no hospital. Mas as coisas podem dar errado, Eric, então estou me certificando.

Que seja. Eric virou-se novamente para a janela. Tudo o que ele queria agora era ir para casa, pegar uma cerveja gelada na geladeira e deitar em sua própria cama. Ele não se importava nem um pouco com a imprensa. Ele estava mais preocupado com a possibilidade de ver Celina ou George ao cruzar o saguão na cadeira de rodas. Ele podia usar muletas, mas elas eram tão desajeitadas que ele achava que o faziam parecer mais aleijado do que a cadeira de rodas.

Eric não queria parecer fraco se encontrasse George ou Celina.

Diana desligou o telefone e olhou pela janela. Eric a observou. Alguma coisa nas feições dela havia mudado. Com os dedos da mão direita, ela brincava com o broche que uma vez ele dera a Celina.

— O que foi? — perguntou ele.

— Há um problema.

— Que tipo de problema? A imprensa está lá?

— Não tem nada a ver com a imprensa.

— Então o que é?

Ela respirou fundo e soltou o ar de uma vez. A raiva que ele sentira vindo dela mais cedo agora parecia uma emoção que ele não conseguia definir.

— Diana...

— É o seu apartamento — disse ela.

* * *

Antes dos canos estourarem, o apartamento era um dos mais procurados em Manhattan pela vista para o Central Park. Ele valia vários milhões. Sua coleção de pinturas, móveis antigos e esculturas comprados anonimamente em leilões valia ainda mais.

Mas agora, enquanto Eric empurrava a cadeira de rodas pelos quinze centímetros de água que já arruinavam os pisos de madeira, ele se deu conta de que esse valor caíra drasticamente da noite para o dia.

O apartamento estava arruinado.

Ele virou-se para Sam Mitchell, o gerente do Redman Place, um homem de quem fora amigo durante anos e que, agora, estava agindo de forma curiosamente distante.

— O que aconteceu, Sam?

— Vários canos estouraram, Sr. Parker. — A formalidade súbita do homem pairou no ar. Mitchell sempre chamara Eric pelo primeiro nome. Agora, Eric só podia imaginar quantas pessoas mais George Redman virara contra ele.

— Posso ver isso, Sam. Pode me dizer por quê?

— Nossos homens ainda estão verificando. Não saberemos antes do fim do dia.

Ele empurrou a cadeira de rodas até o terraço, onde estava Diana com os sapatos na mão. Ela tentou sorrir, mas não conseguiu, e desviou o olhar. A água pingava sobre eles de um buraco no que antes era o teto. O gesso, o mesmo gesso que os médicos tinham avisado para que não molhasse, estava ensopado.

— Quantos inquilinos tiveram esse mesmo problema? — perguntou Eric.

— Nenhum, Sr. Parker.

— Você quer dizer que o meu foi o único apartamento em que os canos estouraram?

— Correto.

— Como pode ser?

— Não saberemos até que a investigação seja concluída.

— Quero saber agora.

— Estamos trabalhando o mais rápido que podemos.

— Canos não estouram no meio do verão. Nesse prédio, eles não

estourariam nem mesmo no meio do inverno. Preciso saber o que está acontecendo. Agora.

O homem não disse nada.

Diana colocou uma mão no ombro dele. Eric a empurrou com um safanão e afastou-se na cadeira de rodas. Ele tinha vontade de quebrar alguma coisa, mas conteve o impulso. A água espirrava em seus pés.

— Presumo que o seguro cobrirá o prejuízo — disse ele, movendo-se em direção ao quarto que não era mais um quarto, pois a manutenção o destruíra para chegar a um dos canos estourados. — Só as pinturas valem uma fortuna. Elas não podem ser repostas. E a mobília, cada peça é única, todas compradas em leilões. Está entendendo, Sam? Está me ouvindo?

— Não vai gostar do que tenho a dizer.

— Diga. Nada mais pode me aborrecer agora.

— Tomara — disse Mitchell. — Porque, quando você foi demitido da Redman International, você perdeu a cobertura do seguro do apartamento. Você sabe, como funcionário sênior, ele era pago pela empresa. Mas, ao ser demitido recentemente, o Sr. Redman o cancelou.

Eric ficou sem palavras. Diana moveu os lábios formando a palavra "demitido".

— O vazamento afetou outros inquilinos? — perguntou ela.

— Receio que sim — disse Mitchell. Ele olhou para Eric. — A água está escorrendo para o apartamento de baixo. Ela destruiu o Van Gogh da Sra. Aldrich e todos os Monets valiosos dela, sem falar na mobília Henrique VIII que estava na família dela há anos e não tinha preço. Ela me disse que a empresa de seguros dela pretende processá-lo. E me pediu que o avisasse para conseguir um bom advogado.

— Nada disso faz sentido — disse Diana. — Não é culpa de Eric. Seu seguro cobrirá o prejuízo. Isso tem a ver com o prédio em si, não com Eric Parker.

Mitchell mediu suas palavras. — Apesar de ser verdade que nosso seguro cobre os sistemas originais, o problema é que parece que tudo começou no banheiro principal do Sr. Parker, que ele reformou há dois anos. Se o relatório disser que essa foi a origem do problema, então estaremos lidando com encanamento alterado por terceiros. E, se for esse o caso, estaremos isentos da responsabilidade.

— Não, não estarão — disse Diana. — O encanamento estava em ordem. Ele passou em todas as inspeções, sua e da prefeitura. Você assinou.

Sam deu de ombros. — Olhe — disse ele. — Eu sei que é difícil. Eu sei que todos estão aborrecidos. Mas quando você ler o documento que assinamos com o

Sr. Parker, verá uma cláusula que nos isenta de todas as responsabilidades quando são feitas alterações em nossos sistemas originais.

— Então a empresa de encanamento é responsável.

— Talvez — disse Mitchell. — Mas aquela reforma foi feita há dois anos. Se tivesse sido feita há um mês, eu diria que vocês tinham uma causa ganha. Mas dois anos? — Ele balançou a cabeça. — Duvido.

Eric olhou para Diana. O que ele viu no rosto dela foi a derrota. *Redman me levou à falência.*

O aposento ficou em silêncio enquanto Mitchell caminhou até uma mesa Art Deco ao lado de um bar preto brilhante. Sobre ele, havia quatro vasos cheios de rosas vermelhas. — Pelo menos, há um detalhe alegre nisso tudo, Sr. Parker — disse ele. — Essas rosas chegaram hoje de manhã como presente de boas-vindas. Vieram de Louis Ryan.

* * *

— George está por trás disso. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Diana entrou na sala de estar de seu apartamento com um bule de café quente em uma mão e duas xícaras na outra. Ela tinha acabado de sair do banho e vestia um roupão branco. O cabelo molhado caía em ondas negras em torno do rosto.

— Ele é o responsável por aqueles canos estourados.

— Precisamos conversar, Eric — disse ela, sentando-se na cadeira em frente a ele e colocando as xícaras sobre uma mesinha de centro. — As coisas não estão se encaixando.

— Que coisas?

Ela serviu o café, entregou a ele uma das xícaras fumegantes e tomou um gole da outra xícara. Ela parecia muito cansada quando disse: — Você mentiu para mim.

Eric estava prestes a falar, mas Diana levantou a mão, silenciando-o. — Dessa vez, eu vou falar. Você vai calar a boca e escutar. Quando eu fizer uma pergunta, você responderá honestamente. Se mentir para mim, eu saberei. É o que eu faço. É aquele dom especial pelo qual me pagam tão bem. E se você mentir para mim, será um erro do qual se arrependerá, pois, até onde consigo ver, você precisa de mim agora. E eu estou cheia de você.

Ela recostou-se na cadeira.

Na janela atrás dela, a névoa e a fumaça encobriam Manhattan. Havia

somente uma leve insinuação de sol por trás das nuvens. Ela botou a mão no bolso do roupão e tirou uma caixa retangular de veludo preto. Ela a entregou a Eric e esperou que ele a abrisse. Quando o veludo se abriu, houve um brilho de diamantes, safiras e rubis.

Ele olhou para ela.

— Você pode ficar com suas joias — disse ela. — Eu encontrei Celina na festa de Fondaras e ela reconheceu o colar que eu estava usando como tendo sido dela um dia. Disse que você o comprou para ela em Milão, acho, e que as pedras eram perfeitas. Disse que ela o devolveu a você, junto com outras que estão naquela caixa. — A voz dela baixou um tom. — Ela disse que as safiras realçavam o azul dos meus olhos. Não foi simpático da parte dela?

Ela tomou um gole do café. — Na verdade, não, não foi. Foi constrangedor. Não sei dizer quantas pessoas ouviram a conversa, mas, mesmo se somente uma pessoa a ouviu naquele barco e naquela festa, Manhattan inteira já sabe e, provavelmente, sou motivo de piadas. Algo que não mereço.

— Diana...

— Cale a boca, Eric. Simplesmente cale a boca. Está tão cansado da sua voz quanto eu estou? Depois de tudo o que fiz por você, o mínimo que pode fazer é ficar sentado e escutar.

Ele decidiu ficar quieto.

— Você disse que comprou aquela joia para mim porque me amava. Como acha que me sinto sabendo que seu amor é uma farsa? — Ela não esperou a resposta porque não queria outra mentira. Ela passou para o próximo assunto. — Você me disse que pediu demissão da Redman International. Você me disse que não estava mais saindo com Celina, que era difícil demais continuar trabalhando lá e, portanto, pediu demissão. Pediu demissão. Eu acreditei porque sempre considerei você um homem honesto. Mas você não é. Há uma hora, Sam Mitchell disse que George demitiu você. Quero saber por quê.

— Não é da sua conta.

Ela forçou-se a ficar calma. — Se você mentiu para mim, então é da minha conta. Eu investi muito tempo, preocupação e amor em você. Eu fui espancada em seu apartamento por dois homens que queriam machucá-lo por um motivo que você não pode explicar. Se não fosse por mim, você provavelmente ainda estaria deitado sobre o próprio sangue. Se eu não tivesse cobrado vários favores, seu nome ainda estaria nas manchetes dos tabloides. Você me deve a verdade e vai cuspi-la todinha. Se não o fizer, pode sair daqui e da minha vida. Simples assim.

Eric pegou as muletas, levantou-se com dificuldade, foi até as janelas do outro lado da sala e olhou para a cidade enquanto ela esperava que ele falasse.

Ela merecia a verdade. Mas como ele podia contar a ela que um erro terrível durante a noite da inauguração da Redman International havia se transformado em um pesadelo do qual ele não poderia se livrar até que Leana Redman pagasse pelo que fizera a ele?

Os médicos ainda não tinham certeza se ele recuperaria os movimentos completos da perna. O dano nos músculos e nos nervos era pior do que tinham pensado inicialmente. Nada mais justo que Leana pagasse e ele planejava ir em frente com isso. Ainda assim, ele precisava dizer alguma coisa a Diana. Agora, ela era a única pessoa com quem podia contar. Sem apartamento e sem dinheiro, como iria sobreviver? Ele seria processado. No mínimo, precisava da orientação dela.

Ele moveu-se em direção a ela. — É verdade — disse ele. — Eu fui demitido da Redman International.

— Por quê?

— Porque eu fui um idiota.

— Que surpresa. Idiota como?

— Eu quase dormi com Leana na noite da inauguração da Redman International. Teríamos ido em frente, mas eu estava tão bêbado que não consegui levantá-lo. — Ele sentou-se novamente. — Estou sendo franco o suficiente para você? Ela estava me colocando na cama e pedindo que eu esquecesse do meu pau mole quando Celina entrou no quarto. Estávamos na cobertura de George e Elizabeth. Como ela nos encontrou lá é óbvio. Alguém deu a dica.

— Que pena — disse Diana. O tom da voz dela reduziu a temperatura na sala uns bons dez graus.

— Não significou nada, Diana. Estávamos bêbados e furiosos com a vida e com Celina. Foi um erro.

— Um erro bem grande, eu diria. — E a temperatura da sala caiu mais dez graus.

— Celina deve ter contado a George — disse Eric. — E ele me demitiu. Isso é tudo.

— Quem nos atacou naquela noite?

— Isso eu não sei. Pode ter sido qualquer um. Pode ter sido um assalto.

— Ora, vamos — disse ela. A sala começou a aquecer novamente. — Não foi um assalto e você sabe disso. Não faltava nada no apartamento. Eu verifiquei no dia seguinte, quando você estava no hospital. De algum jeito, aqueles homens passaram pela segurança e entraram no apartamento, que estava trancado. Os relatórios da polícia disseram que a porta não foi forçada e que a fechadura não foi arrombada. Quem fez isso tinha uma chave.

Fez-se silêncio.

— Diga-me a verdade — disse ela. — Quem fez isso?

Os amigos de Leana. — Eu não sei.

— Não acredito em você.

— Você acredita honestamente que eu deixaria quem fez isso comigo, conosco, escapar se soubesse quem foi? Faça-me o favor, pelo amor de Deus. Se eu soubesse quem foi responsável por destruir minha maldita perna, Diana, eu passaria por cima da polícia e cuidaria disso eu mesmo.

Pelo menos aquilo soou como verdade. — Você deve ter alguma ideia — disse ela.

— Pode escolher — disse ele. — Eu irritei muita gente durante o tempo em que trabalhei na Redman International. Fiz muitos inimigos, principalmente enquanto trabalhei no negócio com a WestTex. Você sabe disso tão bem quanto eu. Pode ter sido qualquer um.

Ela recostou-se na cadeira. Então, talvez ele não soubesse. E ela se importava? Ela não sabia e uma parte dela odiava a si mesma por não saber. Diana terminou de beber o café e serviu outra xícara. — Então, o que vai fazer agora?

— O que quer dizer? — perguntou Eric. — Eu esperava poder ficar aqui.

— Aposto que sim.

— Só até meu apartamento ser consertado.

— Sério? — disse ela. — Que arrogante. Consertar seu apartamento levará meses. Não vejo isso acontecendo. Não vejo você aqui. — Ela acenou com a cabeça em direção às joias. — Venda-as. Deve ser suficiente para colocar um teto sobre a sua cabeça.

— Preciso de sua ajuda.

— Eu sei.

— Eu gostaria de ficar aqui.

— Diga-me — falou ela. — Como pretende pagar o conserto do apartamento? Você tem as contas do hospital para pagar, honorários de advogados para pagar e, se perder a casa, um Van Gogh arruinado, dois Monets estragados e mobílias Henrique VIII destruídas para pagar. Não vejo como conseguirá pagar o apartamento, Eric, quanto mais o resto.

— Parece que vou precisar arrumar um emprego.

Ela teve vontade de rir. — É claro, você é um partidão, Eric. Naturalmente, qualquer pessoa razoável ignorará o fato de que George o botou no olho da rua, ignorará as manchetes nas quais tem aparecido e contratará você porque é o grande Eric Parker.

— Um homem o fará.

— E quem é ele?

— Você viu as rosas que Louis Ryan me mandou. Ele obviamente me quer na Manhattan Enterprises. Ele tem tanto dinheiro quanto George e todos sabemos o que eles sentem um pelo outro. Se eu jogar as cartas certas, posso sair dessa confusão completamente.

CAPÍTULO 31

— Faça exatamente como eu digo e você não se machucará.

A voz dele era enervante. Celina estava parada na beira da ponte, um cabo de bungee mais estreito que o pulso dela preso nas canelas, uma venda cobrindo os olhos. Apesar de não conseguir ver o rio serpenteando lá embaixo, ela podia sentir a frieza da água, bem como a altura.

Ela cerrou os dentes e esperou as instruções.

— Não estou gostando da ideia de você usar essa venda nos olhos — disse o homem parado atrás dela. O nome dele era Steve Simpson e sua empresa, a Vertigo Fever, era dona da ponte em que estavam. — Ninguém usou uma antes, nem Jack, nem eu mesmo. Não acho que seja uma boa ideia.

Celina removeu a venda e olhou para o homem. Apesar de estar nervosa com o salto, uma parte dela até mesmo aterrorizada, ela tentou aparentar calma. — Pode ser — disse ela. — Mas você me disse várias vezes que esse esporte é seguro.

— É seguro — disse Simpson.

— E que diferença faz usar uma venda?

— Provavelmente nenhuma. Mas você é novata e é uma queda de 100 metros. Não gosto da ideia.

— Então, não posso usá-la?

— Eu não disse isso.

— Então o que quis dizer?

— Estou dizendo que me sentiria muito melhor se alguém com experiência colocasse a venda e saltasse primeiro, como Jack. Assim, posso ver como será e, talvez, sinta-me melhor a respeito dela.

Celina estava prestes a falar quando Jack levantou a mão. Ele olhou para Simpson e disse, com um sorriso: — Eu queria ir primeiro, Steve. Mas ela não deixa.

— Não deixa?

— Isso mesmo.

— Por que não?

— Porque tiramos cara e coroa antes de sair da cidade e ela ganhou. Ela pula primeiro.

— Não acredito nisso.

Celina cruzou os braços. Por um momento, o medo de saltar foi substituído pela impaciência. Ela queria terminar o assunto. — Acredite — disse ela. — Agora, podemos continuar? Aposto como essas outras pessoas querem saltar.

Simpson olhou para o grupo de doze outras pessoas esperando atrás deles, viu a impaciência no rosto delas e tomou uma decisão. — Esqueça — disse ele a Celina. — Ou você salta sem a venda, ou não salta.

Celina sentiu o rosto queimar. Qual era o problema em usar uma venda idiota? Antes que pudesse protestar, um homem alto de cabelos escuros e feições acentuadas deu um passo à frente e disse: — Eu tenho uma sugestão.

Celina olhou para o homem. Ele estava usando uma camiseta preta, bermudas cáqui e óculos escuros. Ele parecia familiar, apesar de ela não tê-lo notado ao chegar. — E qual é? — perguntou ela.

— Por que eu não salto primeiro? Tenho experiência, você ainda poderá saltar antes de seu amigo e eu usarei a venda para que Steve aqui possa julgar se é seguro.

Celina virou-se para Steve. — Então? — perguntou ela. — O que acha?

— Depende há quanto tempo ele salta.

— Dois anos — disse Vincent Spocatti. — Em um parque no Texas.

* * *

— Meu parceiro está em um bote ancorado sob a ponte — disse Simpson para Spocatti. — Se você inclinar-se para a frente, conseguirá vê-lo.

Spocatti segurou-se no parapeito de madeira da ponte, inclinou-se para a frente e viu um bote laranja no rio, com lugar para oito pessoas. O homem sentado dentro dele abanou. Apesar de ser difícil dizer dessa altura, o homem parecia menor do que Spocatti.

— Está pronto? — perguntou Simpson.

Spocatti assentiu.

— Respire fundo se estiver nervoso.

— Não estou nervoso.

Simpson notara. Mesmo pessoas experientes começavam a suar um pouco quando chegava a hora do salto. Esse homem usaria uma venda pela primeira vez e parecia absolutamente tranquilo.

— Tem certeza de que quer usar essa venda?

Spocatti olhou para Celina, parada atrás dele com o braço em torno de Jack.

Ela sorriu para ele. Ele sorriu de volta, aliviado por ela não o ter reconhecido da inauguração do prédio da Redman International. Ele achou que os óculos ajudavam.

— Tenho certeza — disse ele.

— Então vamos lá.

Simpson ajoelhou-se, prendeu uma faixa de náilon em volta dos tornozelos de Spocatti, puxou com força e fechou uma série de fivelas. Enquanto ele prendia o bungee na faixa, Spocatti olhou para o rio lá embaixo. Em um Range Rover estacionado perto de uma das várias estradas de terra do parque, dois de seus homens o aguardavam.

Simpson levantou-se e deu-lhe um tapinha nas costas, indicando o momento de saltar. Segurando-se no parapeito com uma mão, Spocatti abaixou a venda com a outra. Na escuridão súbita, seus sentidos ficaram aguçados. Ele conseguia ouvir o rio lá embaixo, o grito de um corvo voando acima dele. Contra a coxa, ele sentiu o pequeno canivete que havia colocado em um dos bolsos.

Se Celina desse muito trabalho, ele entalharia um novo colar em torno do pescoço dela.

— Vou começar a contagem regressiva, começando em cinco — disse Simpson. — Quando eu terminar, quero que mergulhe o mais rápido que conseguir. Entendeu?

Spocatti assentiu.

A contagem começou.

Quando Simpson chegou a zero, Spocatti empurrou-se da ponte sem hesitação e mergulhou em direção ao rio em um arco gracioso. Celina avançou com a multidão e observou. Os braços dele estavam abertos, a cabeça levantada, Spocatti parecia estar voando. Foi quando o bungee retesou-se e o segurou como um chicote.

Ele não gritou nem berrou. Ele não deu um grito de alegria ou empolgação. Ele simplesmente começou a subir em direção à ponte e depois a balançar. Terminou rapidamente. Ele foi abaixado até o bote.

Quando o bungee e a venda foram puxados de volta, Simpson olhou para Celina. O rosto dela estava pálido e ela apertava o braço de Jack com uma mão, afastando um mosquito com a outra.

— Estou satisfeito — disse ele. — Agora, você?

— Isso foi uma pergunta? — perguntou Celina. — É fácil.

— Tente se concentrar — disse Simpson. — Limpe a mente e pense somente no salto. Nada acontecerá com você. Eu juro. Logo você estará em segurança no bote, com o que nós chamamos de sorriso pós-bungee.

Apesar de ouvir pouco do que ele dissera, Celina respirou fundo e assentiu.

Novamente, ela estava parada na beira da ponte, segurando-se no parapeito às suas costas com mãos apertadas. No bote lá embaixo, Spocatti e o assistente de Simpson estavam olhando para cima. Eles pareciam estar a um quilômetro de distância.

Celina colocou a venda sobre os olhos e ficou imaginando por que estava fazendo isso. Por que ela sempre tinha que provar, a si mesma e aos outros, que ela era tão forte, tão corajosa e tão inteligente quanto um homem? *Preciso de terapia. Que ótimo.*

Ela sentiu uma mão no braço. — Você está bem? — perguntou Jack.

— Estou bem — mentiu ela.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Mmm-hmm.

— Quer almoçar comigo depois?

— Mmm-hmm.

— Eu amo você — disse ele.

Celina teve um sobressalto. Ela não podia ter ouvido direito. Mas quando ele apertou o braço dela e beijou seu rosto, ela soube que ouvira. *Ele me ama*, pensou ela. Se tivesse tempo, ela teria dito que também o amava. Mas antes que pudesse, Jack deu um passo para o lado para que Simpson pudesse prender o bungee nos tornozelos.

— Ok, Celina — disse ele. — Vou começar a contar em cinco. Quando chegar em zero, pule o mais longe que puder e o cabo fará o resto. Está pronta?

Ela assentiu.

— Muito bem, então. Aqui vamos nós.

E ele começou a contar.

A mente de Celina começou a girar. Com cada número falado em voz alta, ela sentia o coração bater um pouco mais rápido, a respiração um pouco mais leve, as mãos segurando o parapeito com um pouco mais de força. E se o cabo arrebentasse? Ela pensou no bote e na segurança que ele representava. Ela pensou no pai, na mãe e até mesmo em Leana. Ela pensou na noite anterior com Jack, no que ele acabara de dizer a ela. E então, no mesmo momento em que Simpson gritou "Salte!" e ela saltou no ar, deu-se conta de que precisava ir ao banheiro.

Era um pesadelo.

O vento açoitou os cabelos e arrancou a venda do rosto dela. Ela viu árvores, pedras e a água vindo em sua direção em alta velocidade. A barriga contraiu-se. A bexiga soltou-se. O mundo ficou borrado. E o bungee ficou estirado.

Ela parou um pouco acima do rio, houve um instante em que os olhos dela

encontraram-se com o de Spocatti e ela foi catapultada para longe dele, do assistente e do bote, os pés primeiro, em direção à ponte, e começou a descer novamente.

Quando ela parou de balançar e o assistente a ajudou a entrar no bote, Spocatti pegou-a pela mão e a levou até um dos bancos de madeira, onde Celina sentou-se, exausta.

— Divertido, não foi? — perguntou ele.

Celina estava prestes a dizer que não fora nem um pouco divertido, que fora horrível, quando Spocatti subitamente escorregou, caiu contra o lado do bote e o virou, jogando todos na água.

* * *

— Alguma coisa está errada — disse Jack. — Eles estão na água, o bote está virado.

Simpson juntou-se a ele no parapeito e inclinou-se para frente. No rio abaixo, ele só conseguia ver a água movendo-se rapidamente e o bote ancorado e virado.

Nenhum corpo.

— Não vejo Celina — disse Jack. — Onde está ela?

Simpson só conseguia olhar enquanto os que esperavam para saltar juntaram-se a eles no parapeito.

— Onde está seu assistente, Steve? Onde está o homem que pulou primeiro?

— Eu não os vejo.

Jack pulou rapidamente o parapeito. — Prenda o outro bungee nos meus tornozelos.

— Jack...

— Ande!

Simpson o fez, movendo-se como um autômato enquanto a mente dele tentava entender a situação. — Não gosto disso — disse ele para Jack ao apertar a faixa de náilon. — É perigoso, não há ninguém lá embaixo para soltá-lo.

— Eu mesmo me solto. Agora me leve até lá.

Ele olhou para a faixa e para o cabo do bungee preso a ela e enrolado ao seu lado. *Foda-se*, pensou ele. — Pronto? — disse ele a Steve.

No mesmo instante em que Simpson assentiu, Jack saltou.

* * *

Ela estava presa sob o bote, as pernas enroladas na corda presa à âncora.

A boca mal estava acima da água. A respiração era rápida e assustada.

Ela segurou-se no banco de madeira acima da cabeça para que a corrente e o peso da âncora não a puxassem para baixo.

Abaixo dela, Spocatti e o assistente de Simpson, Alex Stevens, tentavam soltá-la. Com cada puxão na corda que prendia suas pernas, as mãos escorregavam um pouco mais no banco escorregadio. Ela segurou-se o máximo que conseguiu, sabendo que, se soltasse, teria poucas forças para lutar com a âncora que a puxaria para baixo.

Houve outro puxão na corda. E outro. Celina fechou os olhos e rezou quando as mãos escorregaram e ela afundou um pouco mais no rio.

O nível da água estava acima da altura da boca, interrompendo a respiração por um instante até que ela se deu conta de que podia respirar pelo nariz. Ela deu um gritinho de desespero e a boca encheu de água. Ela engasgou e começou a tossir, lutando contra o que ela temia que fosse inevitável.

Houve uma comoção súbita na água. Bolhas subiram quando Spocatti e Alex chegaram à superfície, os cabelos pretos brilhando como pele de foca. Enquanto Alex arquejava em busca de ar, Spocatti nadava calmamente atrás de Celina, erguendo-a para que conseguisse se segurar com mais firmeza no banco de madeira.

Ele virou-se para Alex. — Vá até a praia e consiga algo para cortar a corda. Se não fizermos algo logo, o peso da âncora e a pressão nas pernas dela cortarão a circulação.

Alex balançou a cabeça. — Não posso sair. É contra as regras.

— Fodam-se as regras — disse Spocatti. — Se não fizermos algo logo, essa mulher terá um problema grave.

Alex olhou para Celina e viu que ela estava tendo dificuldades para respirar. Uma mistura de medo e exaustão estava estampada no rosto dela. Ele olhou para Spocatti. — Por que você não nada até a praia? — perguntou ele. — Eu fico com ela.

— Não posso nadar até a praia — disse Spocatti. — Machuquei a perna.

— Ela estava bem até um momento atrás.

— É onde você se engana, amigão. Eu a torci quando caí. E só não mostro a dor com tanta facilidade quanto você. Agora, mova-se e consiga alguma coisa para ajudar essa mulher ou nós o veremos nos tribunais.

Os dois homens se encararam. Então, Alex tomou uma decisão e mergulhou, deixando Spocatti sozinho com Celina.

Ele nadou em frente a ela. — Consegue sentir as pernas?

— Um pouco — disse ela. — Mas estão formigando. E estão mais frias do que o resto do corpo. O que aconteceu?

— Eu acho que, quando você lutou para soltar-se da corda, a âncora mudou de lugar, provavelmente caiu de uma borda, para uma parte mais funda do rio. Até chegar ao chão sólido, o peso continuará a puxá-la para baixo.

— Para baixo quanto?

Ele não respondeu. Em vez disso, ele olhou para a corda presa ao bote. Apesar de estar inchada por causa da água, a corda parecia bastante sólida. — Enquanto a corda estiver presa no bote, você não corre perigo de afundar abaixo da superfície. Certamente não mais do que alguns centímetros.

— Posso me afogar em alguns centímetros de água — disse Celina.

— É verdade — disse Spocatti. — Então, se eu fosse você, não largaria o banco.

Ele olhou para a água e depois para o relógio. Alex se fora a pouco mais de um minuto. — Consegue mover as pernas? — perguntou ele.

Ela tentou e balançou a cabeça. — A âncora é pesada demais.

— Está bem — disse ele. — Vou lá embaixo para ver se consigo aliviar um pouco da pressão. Aguente firme.

Celina assentiu e observou enquanto ele mergulhava.

Ela esperou, o corpo tremendo, a mão que segurava o banco de madeira enfraquecendo. Celina ficou imaginando o que Jack estava fazendo, esperando que estivesse bem, sem pensar no pior. Onde estava Alex, e quanto tempo mais demoraria para voltar?

Ela estava erguendo-se para segurar com mais firmeza no banco quando sentiu um puxão muito forte nas pernas, esticando todos os músculos, fazendo com que algo estalasse no joelho direito.

Ela arquejou.

As mãos lutaram para não soltar o banco e ela gritou. Celina sentiu outro puxão na perna. E mais um. Ela lutou contra cada um deles, o corpo inteiro retesado, a adrenalina correndo nas veias. O quarto puxão, e o mais brutal, rachou o banco de madeira no qual estava se segurando.

Spocatti surgiu na superfície, com o canivete na mão.

Ele esticou a mão sobre a cabeça de Celina, segurou a corda, cortou-a com o canivete e seguiu Celina quando ela disparou como uma pedra até o fundo lodoso do rio.

* * *

Quando o balanço finalmente diminuiu, Jack puxou-se para cima, soltou a faixa de náilon com uma mão enquanto segurava-se no cabo com a outra e caiu no rio, onde imediatamente livrou-se dos sapatos para poder nadar.

Com a cabeça leve por causa da queda, ele lutou contra a água, a corrente puxando-o enquanto tentava achar o rumo. Ele olhou em torno e viu que estava a cerca de dez metros do bote. Ele nadou o mais rápido que conseguiu em direção ao bote e viu que ele estava flutuando com a corrente.

Jack olhou em torno. À distância, movendo-se em direção à praia, ele viu o assistente de Simpson lutando contra a corrente.

Ele não viu Celina nem o homem que saltara primeiro.

Ele ergueu a cabeça na água e gritou para Alex. — Onde eles estão?

Alex virou-se. Ele viu Jack na água, a surpresa invadiu seu rosto e ele olhou para o bungee que estava sendo erguido para a ponte. — Eles estão sob o bote — gritou ele, e só então reparou que o bote estava flutuando com a corrente.

Ele o observou, a confusão em seus olhos gradualmente dando lugar ao medo. Ele ainda não via sinais de Celina nem do homem que o mandara ir para a praia. Nenhum sinal.

No mesmo momento em que Jack desapareceu sob a superfície, Alex mergulhou.

* * *

Celina lutou enquanto afundava.

Com os braços balançando e os punhos batendo contra a carne de Spocatti, ela lutou, a necessidade de respirar aumentando e tornando-se essencial.

Com os olhos arregalados de medo, ela viu bolhas passando a seu lado, os detritos no leito do rio cada vez maiores enquanto aproximava-se do fundo e viu Spocatti enquanto ele prendia em torno de suas pernas a corda que acabara de cortar do bote.

A âncora bateu no fundo com um ruído abafado. Celina olhou para a escuridão lá embaixo, agarrou os cabelos de Spocatti e começou a puxar. Ela queria feri-lo, impedi-lo, matá-lo. Ela tentou enfiar as unhas nos olhos dele, mas Spocatti virou-se com força para a direita e os cabelos escorregaram dos dedos

enfraquecidos dela.

Celina olhou para cima quando ele tomou impulso para subir.

Ela não entendia o que estava acontecendo. Ela não entendia por que ele a queria morta.

Com o peito prestes a explodir por falta de oxigênio, ela dobrou-se para soltar a corda. As mãos e os dedos agarraram e puxaram.

Mas foi inútil. Spocatti havia amarrado suas pernas bem apertadas. Ela não conseguiu afrouxar a corda. Em um grito terrível e ultrajado, ela contraiu o corpo e liberou o resto de oxigênio dos pulmões. Um redemoinho furioso de bolhas saiu de sua boca e subiu em direção à superfície.

E então, em puro reflexo, ela inalou, enchendo os pulmões com uma frieza molhada horrível.

Celina engasgou, inalou mais água e as mãos começaram a arranhar o pescoço quando cada músculo, cada sentido, rejeitou o que ela fizera. *Não quero morrer!*

Mas a asfixia terminou. Imagens esmaecidas ficaram negras, os olhos não viam nada e ela começou a flutuar com a corrente.

* * *

Ao nadar para baixo, em direção ao grito abafado, Jack viu à direita um vulto escuro, um borrão meio bege e o rápido bater de pernas.

Por um instante, seu olhar passeou pela figura que se afastava e a confusão de bolhas que espiralava atrás dela. Ele continuou descendo, a necessidade de respirar aumentando, sua mente concentrada e atenta.

Jack notou primeiro os cabelos de Celina.

O loiro claro espalhava-se em um semicírculo em contraste com o fundo escuro do rio. Esticando a mão, ele segurou o braço dela e puxou-a em direção à superfície.

Tentou puxá-la em direção à superfície.

O corpo dela estava incomumente pesado e parado. Por mais que tentasse, por mais que impulsionasse, ele só conseguia erguê-la alguns centímetros acima do fundo do rio.

Ele nadou para baixo para ficar frente a frente com ela e notou, horrorizado, que a boca e os olhos dela estavam abertos. Cada parte de seu corpo rejeitou o que via à sua frente. A boca de Celina estava flácida. Os olhos congelados. Ela olhava para algo que não estava lá.

Ele precisava de ar. Em uma última tentativa de levá-la até a superfície, ele colocou os braços em torno dela... e sentiu a corda que prendia suas pernas.

Ele olhou para baixo, viu a corda, viu a âncora que repousava na lama e soube. Soube.

O peito dele queimava. Se não conseguisse ar muito em breve, ele tinha certeza de que os pulmões explodiriam. Ele dobrou o corpo e trabalhou na corda. As mãos puxaram, agarraram e procuraram.

Mas foi inútil. Por mais que tentasse, não conseguia soltar a corda. Ele não conseguia soltá-la. Ele não podia fazer nada por ela e isso o dilacerou. Era culpa dele. Vir aqui fora ideia dele.

Com um impulso brutal contra o fundo do rio, ele empurrou-se em direção à superfície, chutando a água furiosamente, deixando Celina para trás em um redemoinho de bolhas.

CAPÍTULO 32

A primeira coisa em que George Redman pensou ao voltar da corrida no Central Park e vir a multidão de repórteres reunida do lado de fora do prédio da Quinta Avenida foi que alguém deveria ter deixado vazar outra história sobre a aquisição da WestTex Incorporated, dessa vez provavelmente sobre a nova parceria com o Chase.

Durante a última semana, a imprensa estivera implacável. Tinham telefonado, enviado e-mails, mensagens no Twitter e até mesmo bilhetes por mensageiros em um esforço de conseguir uma entrevista. Um repórter particularmente agressivo havia conseguido passar pela segurança e invadira seu escritório, exigindo que os acionistas fossem informados sobre o motivo de adquirir uma empresa transportadora cujas ações tinham despencado desde as guerras no Oriente Médio.

Fora exaustivo e estressante, e George não aguentava mais. *Eles podem estar reclamando agora*, pensou ele, *mas não vai demorar até que digam que acreditavam em mim o tempo todo*.

Ele reduziu o passo, pensando em usar uma das entradas laterais, mas pensou melhor. Todas as entradas estariam cobertas por repórteres, sua localização seria espalhada em segundos e ele seria rodeado apesar dos esforços. Portanto, ele apressou o passo e preparou-se para o assalto, determinado a atravessar as portas e chegar à cobertura o mais rápido possível.

Uma repórter parada na parte de trás da multidão o viu primeiro. George viu-a virar-se para o cinegrafista à direita e dizer algo em voz ríspida. Quando o homem terminou de ajeitar a câmera sobre o ombro, três dúzias de outros repórteres estavam avançando, microfones e câmeras levantados, os rostos determinados... e uma outra emoção que George não conseguiu definir.

Eles o envolveram em ondas, primeiro pela frente, depois pelos lados e por trás. Flashes explodiam como estrelas. George encolheu-se com o brilho e apressou-se. Durante toda a semana, ele aumentara sua segurança e tomara precauções para que isso não acontecesse. Mas essa manhã, ele pensou que conseguiria sair sem incidentes. Só o que ele queria era uma boa corrida no Central Park, sem ninguém além dele mesmo, as árvores e outros corredores como companhia. *Ingênuo*, pensou ele.

Ele ouvia, mas não conseguia distinguir o que a multidão dizia. A torrente de perguntas era alta demais, intensa demais para que ele a decifrasse, mas nenhuma vez ele ouviu a WestTex ser mencionada.

Confuso, ele abriu caminho em direção às portas e ouviu o nome de Celina uma vez. Duas vezes.

Ele empurrou um repórter com o ombro, atingindo por acidente o peito dele e ouviu o homem dizer que lamentava. Que lamentava muito.

Por estar no meu caminho?

George virou-se para a multidão. O flash de setenta câmeras explodiu em rápida sucessão. O tráfego ficou mais lento na Quinta enquanto motoristas curiosos tentavam ver o que estava acontecendo na frente do prédio. Buzinas soavam. Alguém gritou alguma coisa de um dos carros que passavam.

Um calafrio subiu por sua espinha. Alguma coisa estava errada. Os olhos dos repórteres buscavam os deles, silenciosos, esperando. Eles estavam parados lá, esperando que dissesse alguma coisa, mas ele não sabia o quê.

O homem que ele atingira no peito quebrou o silêncio. — Acho que falo por todos nós. Sr. Redman, quando digo como lamentamos.

— O quê? — disse George. — Lamentam o quê?

Os repórteres trocaram olhares.

O repórter que dera um passo à frente agora deu um passo atrás.

Além da multidão, dois carros da polícia pararam no meio-fio, as luzes piscando.

— Será que um de vocês pode me dizer o que está acontecendo?

Ninguém disse nada. Houve o som das portas dos carros sendo batidas. George viu Jack Douglas sair de um dos carros da polícia, o rosto abatido, as roupas amarrotadas, quando uma voz do fundo da multidão disse: — É Celina, Sr. Redman. Achamos que soubesse. Ela se afogou hoje mais cedo. O corpo dela foi enviado ao consultório do legista.

E o frenesi começou.

* * *

O silêncio no aposento era ensurdecedor.

— Lamento muito, Sr. Redman.

George apertou a mão de Elizabeth com mais força, buscando forças, mas encontrando muito pouca. A mão dela estava tão fria quanto o gelo em seu olhar. A respiração dela era irregular. Elizabeth ouvira a notícia momentos antes de ele,

Jack e a polícia entrarem na cobertura.

George a encontrou na sala de estar do segundo andar, o telefone jogado aos pés dela. O rosto estava pálido como talco. Os olhos queimavam com uma estranha mistura de vazio, pesar, fúria e incredulidade. Helen Baines ainda chamava o nome dela no telefone, ainda perguntava se ela estava bem, quando George abaixou-se para pegá-lo.

Ele soltou a mão de Elizabeth, colocou um braço em torno dela e a puxou para perto. Ele beijou o topo da cabeça dela e disse que eles superariam tudo isso. Foi uma das poucas mentiras que ele dissera a ela na vida toda e nem por um segundo Elizabeth acreditou nele. Com o rosto desfeito, ela olhou para ele por entre as lágrimas e depois para o detetive sentado no sofá do outro lado do aposento.

— Lamento muito — disse ele novamente.

— Quero saber o que aconteceu — disse ela para o homem com a voz rouca. — Diga-me o que aconteceu com minha filha.

O Tenente Vic Greenfield, o detetive atribuído ao caso, olhou para George, viu que ele também estava pronto para respostas e levantou-se. — Ela estava praticando bungee jump com o Sr. Douglas...

— Eu sei disso — disse Elizabeth rispidamente. — Celina e eu conversamos sobre isso na festa ontem à noite. Eu disse a ela que era uma ideia tola. Disse a ela que não queria que fosse, mas ela disse que não tinha escolha.

Ela olhou duramente para Jack, sentado do outro lado do aposento, passando a mão pelo cabelo. Apesar do rosto dele estar afogueado, os olhos molhados de dor, Elizabeth não viu remorso no rosto do homem, somente sua própria raiva e perda refletidas nele. — Ela disse que não tinha escolha porque fizera um acordo com o Sr. Douglas de que o faria. Minha filha nunca faltou com a palavra, tenente. Nunca.

— Talvez deva saber que o próprio Sr. Douglas quase morreu afogado tentando salvar a vida de sua filha. Se não fosse por um homem chamado Alex Stevens, ele não estaria sentado aqui agora.

Elizabeth lançou um olhar cheio de ódio ao detetive. — Eu não me importaria com isso, Sr. Greenfield. Para mim, ele é o responsável pela morte dela.

— Elizabeth — disse George.

— É verdade.

— Não é verdade. Você sabe como Celina era.

— Se ela não tivesse ido com ele, estaria viva agora.

— Foi um acidente.

— Não, não foi — disse Jack. — Foi assassinato.

Elizabeth olhou para Jack no mesmo momento em que Isadora, a gata da família, entrou caminhando na sala de estar e começou a limpar-se em uma faixa estreita de sol. Ela lançou um olhar ausente para o animal e perguntou a Jack em voz baixa: — O que disse?

— Eu disse que foi assassinato.

Antes que alguém pudesse dizer uma palavra, o tenente interveio e contou tudo a George e Elizabeth. Ele contou a eles sobre o salto de Celina, como ela fora abaixada até o bote e como o bote virara quando o primeiro homem a saltar, um homem que ainda não tinham identificado e que estavam procurando, aparentemente escorregara e caíra, lançando todos na água.

Ele contou a eles que, ao lutar para ficar boiando, as pernas de Celina tinham ficado presas na corda presa à âncora do bote. Ele contou a eles sobre os esforços de Jack em salvá-la.

Apesar de George estar ouvindo, escutando cada detalhe da morte da filha e das tentativas de resgatá-la, ele achou difícil se concentrar. Ele estava amortecido. Não sabia quanto mais aguentaria. A pressão, o pesar e a raiva que se acumulavam dentro dele estavam cobrando o seu preço. A filha dele estava morta. Celina fora assassinada. Parecia irreal. Ontem mesmo eles estiveram juntos. Ela estava vibrante e empolgada com o que estava acontecendo na empresa e em sua vida com Jack.

Agora ela se fora. Alguém a roubara dele.

Do fundo de suas entranhas, a fúria tomou conta dele. Ele tinha poder e o usaria. Alguns de seus amigos mais próximos eram líderes de países. Sua filha estava morta, mas ele estava vivo e, com seus contatos, com seus bilhões, ele poderia fazer com que seus inimigos tremessem.

Olhando duramente para o tenente, ele disse: — Quero saber o que aconteceu ao filho da puta responsável por isso.

— Ainda o estamos procurando, Sr. Redman.

— Você está dizendo que ninguém naquela ponte o viu nadar para longe do bote?

— Correto — disse ele. — Interrogamos as testemunhas, mas havia tanta confusão que ninguém se lembra de ter visto alguém nadando para longe. Muitos acharam que ele também tinha morrido afogado.

— Bem, ele não se afogou — disse George. — Ele está em algum lugar, livre. E eu quero que ele seja apanhado. Você me entendeu?

O tenente cerrou o maxilar. — É claro, Sr. Redman.

George sentiu como se alguém tivesse enfiado as garras em sua barriga. — A pessoa que colocou explosivos naqueles holofotes é a pessoa responsável pela morte da minha filha.

— Não temos certeza disso — disse o homem reservadamente. — Mas consideramos a hipótese.

— Está me dizendo que não vê o paralelo?

— Até que tenhamos mais informações, está sob consideração.

— Eis algo mais a considerar — disse George, levantando-se da cadeira. — Estou esperando há semanas que vocês descubram quem estava por trás daqueles explosivos, mas não conseguiram nada. Nada. Diga-me por quê.

— Foi feito profissionalmente — disse o homem. — Quem mexeu naquelas luzes não deixou pistas.

— Elas estavam lá — disse George. — Você e sua equipe incompetente não procuraram o suficiente.

O rosto do homem ficou rubro. Os dois policiais uniformizados parados atrás dele trocaram olhares. — Com todo respeito, Sr. Redman, nós procuramos muito bem.

— Mentira — disse George. — A pessoa responsável pela explosão daquelas luzes é responsável pela morte da minha filha e ainda está à solta. Livre. Provavelmente preparando-se para fazer mais alguma coisa contra minha família. Então, por que não tiram a bunda da cadeira e fazem alguma coisa antes que isso aconteça?

O tenente virou-se para seus homens e acenou em direção à porta. Ele moveu-se para acompanhá-los, mas parou e olhou para George. — Entendo que esteja pesaroso, Sr. Redman. E sinto muito por você e sua família. Mas ninguém aqui matou sua filha. Tenha isso em mente da próxima vez que falar com um de nós.

Ele saiu antes que George pudesse dizer alguma coisa.

* * *

Passou-se um momento antes que alguém na sala falasse.

À distância, George ouvia telefones tocando. Ele imaginou sua equipe dizendo que o Sr. e a Sra. Redman não tinham nada a comentar no momento.

Ele olhou para Jack. O homem estava sentado com os cotovelos sobre os joelhos, o rosto entre as mãos. Ele estava tremendo. *Eu sei que você tentou ajudá-la*, pensou ele. *Não culpo você*.

Elizabeth quebrou o silêncio. O rosto dela estava estranhamente calmo. — Precisamos estar com ela, George — disse ela. — É nossa filha e temos que ir. Não quero que ela fique lá sozinha. Se deixarem, passarei a noite com ela.

Ela estava em choque. Ele podia ver no rosto dela, ouvir na voz dela, e desejou que houvesse algo que pudesse fazer ou dizer para acabar com a dor dela. Mas ele não era tão inteligente assim.

Na mesa perto de Elizabeth, o telefone tocou, a linha pessoal deles. Somente amigos íntimos e familiares imediatos sabiam o número.

George passou por Elizabeth e atendeu o telefone, sabendo que esse seria um dos muitos telefonemas que receberiam nos próximos dias.

Era Harold Baines. Para surpresa de George, ele não mencionou Celina, mas disse a ele que ligasse uma televisão rapidamente. George encontrou o controle remoto em uma mesa e apontou-o para a televisão do outro lado da sala. Ele apertou o botão para ligá-la e perguntou a Harold qual o canal. Harold disse a ele e George ficou surpreso de ver um canal de entretenimento.

O som surgiu antes da imagem.

George ouviu a voz familiar de uma mulher. Em seguida, Leana apareceu na tela ao lado de Michael Archer.

Eles estavam de mãos dadas. Os sorrisos iluminavam a tela. George, Elizabeth e Jack ouviram quando o repórter anunciou o casamento recente deles.

Elizabeth colocou a mão sobre a boca.

— Estamos muito felizes — disse Leana.

George caiu sobre uma cadeira. Pela primeira vez, ele notou que Leana usava um vestido branco e Archer usava um terno cinza escuro imaculado. Além deles, montanhas e um porto cheio de iates brancos. Lá, o sol brilhava.

— Ainda está aí? — perguntou Harold.

— Sim — disse George.

— Eu queria que você soubesse antes que a imprensa o pegasse de surpresa novamente. Tenho certeza de que isso foi gravado hoje mais cedo. Obviamente, eles estão em Monte Carlo. É o Palácio atrás deles.

George ficou em silêncio.

— Ela entrou em contato com você? — perguntou Harold.

— Não ouvi uma palavra dela desde o dia em que a joguei para fora do Plaza.

— Ela não sabe sobre o que aconteceu com Celina, George. Leana teria telefonado se tivesse ouvido alguma coisa. Ainda é cedo demais.

George não disse nada.

Ele desligou o telefone no mesmo momento em que Elizabeth desligou a televisão.

CAPÍTULO 33

— Tem certeza de que não quer apoiar a perna?

Na luz clara da tarde, Eric Parker olhou para Louis Ryan do outro lado da mesa brilhante de mogno. O homem estava recostado na cadeira, as mãos atrás da cabeça, as pernas cruzadas. Ele usava calças cáqui, um blusão de algodão leve e mocassins bege.

Ele estava olhando para Eric. Apesar de Eric não ter certeza absoluta, alguma coisa nos olhos de Ryan o deixavam imaginando se o homem realmente se importava se ele estava ou não confortável.

Ele não queria parecer fraco. A perna quebrada, com o gesso novo que havia sido substituído depois de ser arruinado pela água, estendia-se dolorosamente até o chão. Além de ter dito a ele que mantivesse o gesso seco, o médico também dissera a Eric que mantivesse a perna sempre elevada, o que ele certamente não estava fazendo.

Estou brincando com fogo, Eric pensou, e considerou pedir a Ryan outra cadeira ou uma almofada. Mas o orgulho não deixou que fizesse isso.

— Estou bem — disse ele com um sorriso forçado. — De verdade.

Louis deu de ombros. — Não acredito em você — disse ele. — Mas é a sua perna. Quer um drinque antes de começarmos?

Eric assentiu. Um trago agora faria muito bem. Além de Ryan ter acabado de chamá-lo de mentiroso, a perna queimava e ele estava muito nervoso. Quando telefonara a Ryan do apartamento de Diana, ele não antecipara uma reunião tão cedo com o homem. Talvez em uma semana, pensou ele, não no dia em que ele saíra do hospital e encontrara seu apartamento inundado.

Ainda assim, ele estava feliz por estar aqui. Essa reunião não só afastou sua mente dos problemas em casa, mas Eric logo descobriria por que Louis Ryan lhe enviara dúzias de rosas desde sua chegada no Hospital New York.

Louis levantou-se. — O que quer? — perguntou ele. — Tenho de tudo.

— Uísque?

— Ok.

Ele observou Ryan caminhar até o bar e ficou imaginando o que o homem queria dele. Louis soubera por anos que ele fora um executivo na Redman International. Era isso? Ryan queria algum tipo de informação? Ou tinha a ver

com Celina? Manhattan inteira sabia que eles estiveram juntos. Essa reunião tinha alguma coisa a ver com ela? Ou com George? A rivalidade entre os dois era famosa. Com corporações tão similares, por anos a imprensa fizera a batalha constante deles parecer que estavam em uma guerra particular. O que era verdade.

Mas apesar de a imprensa mostrar o ódio mútuo parecer originária puramente de questões de negócios, Eric sabia que não era assim. Há anos, em um momento de desabafo, Celina dissera a ele que uma vez George fora considerado responsável pela morte da esposa de Louis. Apesar de Eric não acreditar que George fosse capaz de matar alguém, ele nunca descartara a possibilidade. Vezes demais no decorrer dos anos os sentimentos de George por Louis Ryan tinham passado do ponto de simples ódio, tornando-se algo mais frio, mais escuro e pessoal.

Ele observou Louis colocar uísque em dois copos cheios de gelo. *Não sei por que me chamou aqui*, pensou ele, *mas se me quer tanto assim, terá que pagar.*

Louis aproximou-se com os drinques. Eric pegou o seu e eles brindaram. — Ao futuro — disse Louis e ambos beberam. Eric sentiu um fluxo de fogo líquido descendo pela garganta e assentando no estômago. Ele tomou outro gole e começou a relaxar. Ryan andou até uma parede de janelas com vista para o centro da cidade. Para Eric, ele parecia consumido pelo prédio da Redman International.

Eric inclinou-se para a frente. O grupo de repórteres pelo qual ele passara mais cedo ainda estava reunido na entrada do prédio. Ele presumia que a presença deles tinha a ver com a aquisição da WestTex.

— Quero que me ajude a destruir George Redman — disse Louis.

Eric olhou para homem, sem ter certeza de ter ouvido direito. Louis ainda estava virado para as janelas. O sol que atravessava o vidro transformava os cabelos grisalhos em uma coroa dourada.

— Você receberá uma quantidade obscena de dinheiro pelo pouco que quero de você — disse Louis simplesmente. Ele afastou-se da janela e sentou-se novamente. — De fato, mesmo depois de pagar as contas do hospital, reformar o apartamento e repor as pinturas e a mobília Henrique VIII de sua vizinha, viverá bem para o resto da vida.

Eric ficou sem fala. Como Ryan sabia sobre o apartamento dele? E sobre as pinturas e a mobília destruídas? Os canos tinham estourado naquela manhã.

Louis abriu uma gaveta da mesa e pegou um pedaço de papel. Ele o entregou a Eric, que viu que era um cheque. Eric ergueu as sobrancelhas. O valor era realmente obsceno. — E como vou fazer jus a isso? — perguntou ele.

Louis sentou-se. — Preciso que confirme algumas informações que recebi sobre a aquisição da WestTex Incorporated. Tudo o que precisa fazer é copiar alguns arquivos para mim e o cheque será seu.

— Confirmar? — perguntou Eric. — Então você já entrou em contato com alguém da Redman International?

Louis acenou casualmente com a mão.

— Quem?

— Não importa. O que importa é que não confio nessa pessoa. Diferentemente de você, ele não quer ver Redman queimar.

Então, é um homem. — O que o faz pensar que eu quero?

— Porque você odeia George — disse Louis. — Acho que ambos sabemos que Redman acabou com a sua reputação. Você não conseguiria um emprego nessa cidade nem se quisesse fazer sanduíches. Também é óbvio que Redman está por trás do estouro dos canos no seu apartamento. Não foi à toa que ele cancelou seu seguro. Ele o quer fora do prédio dele e fora de Nova Iorque.

— Como você sabe disso tudo?

Louis tomou um gole do drinque e encarou Eric. — Não há nada sobre você, Eric, que eu não saiba. Incluindo a surra que deu em Leana Redman na noite da abertura da Redman International e o contrato que fez para matá-la enquanto você estava no hospital.

Eric não conseguiu dizer uma palavra. O homem poderia chantageá-lo com aquela informação.

— Então — disse Louis. — Temos um trato?

CAPÍTULO 34

Do grande terraço semicircular da suíte de canto no Hotel de Paris, Leana observava o porto movimentado de Monte Carlo. Era final de tarde, o sol estava se pondo e, na distância, em um promontório saliente de pedra, ela podia ver o Palácio, emoldurado por um céu azul e pelo Mediterrâneo.

O ar frio e limpo cheirava a sal. Dúzias de iates e veleiros retornavam ao porto depois de um dia no mar. Em torno dela, as mansões charmosas que aprendera a amar quando criança ofereciam uma mudança agradável depois dos arranha-céus de Manhattan.

Ainda era difícil de acreditar que, no dia anterior, ela estivera em Nova Iorque, solteira, vivendo um pesadelo.

Atrás dela, Leana ouviu o farfalhar dos lençóis. Ela virou-se para olhar para a cama, do outro lado do quarto, e viu Michael deitado, os braços esticados, o rosto virado em sua direção. Ele roncava alto e Leana admirou sua beleza.

Ela estava feliz por ele conseguir dormir. O sono não viera para Leana. Tudo que resultara na ida deles a esse hotel, do outro lado do Atlântico, ainda girava em sua mente.

Parecia irreal que ela tivesse se casado com Michael naquela manhã e feito amor com ele a tarde inteira. Na noite anterior, Mario quase o matara. Se ela não tivesse levantado a cabeça no banco traseiro do carro e visto Michael parado no meio do trânsito, se não tivesse gritado para que Mario não atirasse, ela sabia que ele ou um de seus homens o teria feito.

E Michael estaria morto agora.

Ela não queria enfrentar a ideia de que sua associação com Mario poderia ter resultado na morte de Michael. Michael entrara em sua vida no momento mais sombrio e a levantara. Todos aqueles dias limpando e pintando o apartamento, indo à cidade quando estavam exaustos demais para continuar, significavam tudo para ela. Ele mudara a vida dela para melhor e ela o amava por isso.

Hoje, casar-se com Michael parecera certo, apesar de conhecê-lo há muito pouco tempo. Leana sabia que nunca teria um relacionamento com Mario. Ela sabia que ele nunca deixaria a esposa. O pai dele não permitiria. Se ela o tivesse

acompanhado ao apartamento que ele oferecera, se tivesse permitido que ele entrasse e saísse de sua vida como o fizera no passado, sabia que seria infeliz.

Então, ela partira com Michael. Para sua surpresa, Mario não se opusera. Em vez disso, ele a abraçara, a beijara e dissera que a situação com Eric Parker seria resolvida enquanto ela estivesse fora. Leana sabia o que isso significava e o pensamento a deixava aterrorizada.

Mario planejava matá-lo.

* * *

Michael a pedira em casamento no táxi.

Depois que ela contara a ele sobre a arma, o bilhete e o contrato que Eric Parker fizera para matá-la, Michael a surpreendera retirando duas passagens de avião do bolso do casaco. — Você sabe que eu a amo — dissera ele. — Você é inteligente demais para não saber disso. Case-se comigo. Voaremos para a Europa. Você estará segura lá. Estará segura comigo. Nós nos afastaremos disso e seremos felizes. Eu prometo.

Fora fácil assim.

Leana estava tão assustada com o que estava acontecendo em sua vida, tão confusa e preocupada com o futuro, que queria sair de Nova Iorque e não voltar até que Eric Parker e o contrato dele tivessem sido resolvidos. Caso contrário, ela teria medo demais de morar lá.

Sem pensar duas vezes, ela abriu a pequena caixa da Tiffany que ele lhe dera e encontrou dentro dela um dos maiores diamantes solitários que já vira. — É claro, eu caso com você.

Pela manhã, eles chegaram a Nice. Descansados da viagem, eles alugaram um carro, percorreram a curta distância até Monte Carlo e ficaram na suíte do hotel o tempo suficiente para tomar um banho. Foi quando Leana notou, enquanto Michael despia-se, as marcas escuras nas costas, na barriga e nos ombros dele. Alarmada, ela perguntou o que acontecera.

— Eu fui assaltado — disse ele simplesmente.

— Assaltado? Quando?

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela. — Foi ontem de manhã. Três caras me atacaram na Avenida B. — Ele deu de ombros. — Eles não levaram muito dinheiro e ainda estou vivo. É o que importa.

— O que você estava fazendo na Avenida B?

— Pesquisando para um livro.

— Você está terrivelmente calmo com isso tudo.

— Não se esqueça de que sou um ator.

Ela colocou os braços em torno dele.

— Você foi à polícia?

— De que teria adiantado?

Ele estava certo, é claro. Leana lembrou-se de sua própria experiência quando o homem a assediara na Washington Square. Ela sentira a mesma coisa que Michael. A polícia não podia fazer muita coisa em situações como essa. Havia pessoas demais na cidade e poucos policiais para que fizesse diferença. — Por que não me contou antes? — perguntou ela.

— Eu não queria preocupá-la.

— Pois deveria ter contado — disse ela. — Você está bem?

— Em algumas horas, estaremos casados — disse ele. — Nunca me senti tão bem.

— É bom que não esteja atuando agora — disse ela.

Na Cartier, eles compraram as alianças, dois anéis simples de platina. Em uma loja de roupas masculinas, Michael encontrou um terno cinza escuro e sapatos pretos. E, em uma pequena butique, Leana comprou um vestido de seda branco simples, mas elegante. Apesar de não ser o vestido de noiva com que sonhara quando criança, ela aceitara o fato, pois sabia que sonhos raramente tornam-se realidade. E daí? Coisas demais tinham dado errado na vida dela. Leana tinha sorte de ter encontrado um homem que queria passar o resto da vida dele com ela.

Quando conseguiram tudo de que precisavam, eles foram ao porto movimentado, alugaram um iate e o casamento foi celebrado pelo capitão em águas internacionais. Agora, à medida que nuvens escuras vinham do oeste, escondendo o sol que se punha, Leana entrou no quarto, o cabelo esvoaçando com a brisa.

Ela fechou as portas da sacada. Michael ainda estava dormindo. Apesar da pouca luz, ela via as manchas nas costas dele. Elas pareciam muito doloridas e ela não sabia como ele conseguia se mover e dormir. Enquanto estava parada olhando para ele, Leana se deu conta de como estava cansada. Pela primeira vez desde que tinham chegado, ela achou que conseguiria dormir.

Ela olhou para o relógio e decidiu deitar por uma meia hora antes de ligar para a recepção e fazer a reserva para o jantar. Leana tirou o roupão de seda preto e deitou-se ao lado de Michael. O corpo dele estava quente, a respiração pesada. Ela fechou os olhos e começou a cochilar.

* * *

Horas depois, o som da chuva batendo contra o vidro a acordou.

Leana espreguiçou-se no escuro e olhou para o relógio digital na cabeceira. Tinham se passado três horas. Ela fechou os olhos com um gemido. — Não acredito que dormi tanto — disse ela em voz alta.

Ela virou-se para acordar Michael, mas o lado da cama dele estava vazio. Ela sentou-se, olhou em torno do quarto escuro e viu um fio de luz sob a porta fechada do banheiro. Havia barulho de água. Ele estava no banho. Ela ficou tentada a voltar para a cama aconchegante e dormir, mas eles não tinham comido nada desde cedo e Leana estava com fome.

Ela acendeu o abajur ao lado da cama e olhou pelas janelas. A chuva batia contra o vidro. Não havia como sair com esse tempo. Apesar de o hotel ter um restaurante que adorava, ela não estava com vontade de sair da suíte. *Vou pedir serviço de quarto*, pensou ela, e pegou o telefone.

Ao colocar o telefone no ouvido, ela não ouviu tom de discagem, mas uma voz masculina que dizia: "... paguei a metade a Santiago essa manhã. Ele receberá a outra metade do que você deve a ele quando terminar o trabalho e matar o pai dela..."

A voz parou subitamente. Leana ficou sentada, confusa. Ela conhecia aquela voz. Tentou ouvir mais alguma coisa, mas só havia o som de estática.

— Michael? — perguntou ela. — Você está no telefone?

Houve silêncio e, em seguida, o som de alguém respirando fundo. Leana colocou o telefone no gancho e ficou sentada imóvel, sentindo-se inquieta. A voz que ela escutara não era de Michael, mas ela tinha quase certeza de que já a ouvira antes. Mas onde?

Ela pegou rapidamente o telefone e colocou-o no ouvido. Agora, não ouvia nada além do tom de discagem. Quem estivera na linha havia desligado.

O roupão estava no pé da cama. Leana o vestiu, foi até a porta do banheiro e ficou escutando. Ela podia ouvir Michael cantarolando, podia sentir o calor úmido lá dentro. Ela girou a maçaneta e viu que a porta estava destrancada.

Isso a surpreendeu. Por algum motivo, ela esperara que estivesse trancada.

Ela abriu a porta. O vapor a envolveu. Leana entrou silenciosamente no banheiro e olhou para o telefone na parede ao lado do chuveiro. Ele estava seco. Ela olhou para o chuveiro. Podia ver Michael por detrás das portas de vidro embaçadas esfregando uma esponja no corpo musculoso. Ele estava de costas para ela e continuava a cantarolar, sem parecer notar a presença dela.

Ela estava prestes a bater no vidro e perguntar o que estava acontecendo

quando o telefone tocou, assustando-a. Ela arquejou. Michael parou de cantarolar e desligou o chuveiro. Ela o viu abrir a porta de vidro e esticar a mão para procurar uma toalha no cabide.

Não havia nenhuma. Eles tinham usado as duas toalhas mais cedo e elas estavam amontoadas no chão. O telefone tocou novamente. Michael disse: — Merda! — e abriu totalmente a porta de vidro.

— Quer que eu atenda? — perguntou ela.

— Jesus! — Ele puxou a mão repentinamente e bateu-a contra a porta do chuveiro. — Leana? O que está fazendo aqui? Achei que estivesse dormindo. Nossa, você me assustou.

O telefone bateu uma terceira vez e depois a quarta. O som ecoou no banheiro grande. — Pode atender? — perguntou ele.

Isso a deixou confusa. Ela tinha certeza de que Michael insistiria em atender ele mesmo. Será que fora uma linha cruzada e ela ouvira a conversa de outra pessoa? Ela não tinha certeza, mas sabia que tinha ouvido aquela voz antes.

O telefone tocou novamente. Michael disse: — Querida?...

Leana pegou o telefone, sem saber o que esperar. A imprensa os havia encontrado mais cedo, mas a recepção recebera instruções específicas para verificar todas as ligações. O Sr. e a Sra. Archer não queriam ser incomodados por qualquer membro da imprensa.

Então quem está telefonando? Ninguém sabe que estamos aqui.

Ela atendeu o telefone. Uma voz de homem. — Leana?

— Sim?

— É Harold. Graças a Deus, encontrei você.

— Harold? — Ela olhou para Michael. — Alguma coisa errada?

— Você precisa voltar para casa imediatamente. Aconteceu uma coisa terrível. Seus pais precisam de você.

— Desde quando?

Harold fez uma pausa. — É sua irmã, Leana.

CAPÍTULO 35

Ele entrou no apartamento dela não como convidado, mas como intruso. Era um sentimento estranho com o qual ele não se sentia confortável. Afinal de contas, a mulher estava apaixonada por ele.

Com a ajuda de uma das muletas, Eric fechou a porta atrás dele e escutou. Parado no saguão do apartamento de Diana, ele podia ouvir uma televisão à distância. Parecia que vinha da cozinha, ou de um dos quartos no andar de cima.

Ela estava em casa? Diana dissera que ficaria fora a maior parte do dia. *Se você for ficar aqui, preciso comprar comida. O que quer?*

Ele fizera uma lista e ela saíra. Foi quando telefonara para Louis Ryan e saíra para o encontro com ele.

Ele passou do saguão para a sala de estar, capturando sua imagem no espelho onde ela colara uma lista de suas falhas. Eric parecia tenso sob as manchas roxas no rosto e, se ela estivesse aqui, ele sabia que Diana notaria e perguntaria o que havia de errado.

Acalme-se.

A sala de estar estava vazia. À direita, a escada em espiral levava aos quartos do segundo andar e ao escritório de Diana. Eric olhou para cima e chamou o nome dela uma vez, duas vezes, mas não obteve resposta.

A cozinha ficava no final de um longo corredor. Desajeitadamente, ele foi em direção a ela, as pontas de borracha das muletas prendendo no carpete. O som da televisão ficou mais alto ao passar pela sala de jantar, mas não havia ninguém lá. Ele abriu uma porta e viu um banheiro vazio.

Quando chegou às portas basculantes fechadas da cozinha, ele ouviu não só a televisão, mas o barulho de água correndo. Ele fechou os olhos. Ela estava em casa. E agora, o que ele faria? Ryan queria as informações imediatamente.

Ele olhou para trás em direção à sala de estar. Por um momento, considerou esgueirar-se para dentro do escritório de Diana, trancar a porta e pegar os arquivos de que Ryan precisava. Mas isso seria burrice. Se Diana fosse ao escritório e descobrisse o que ele estava fazendo, ela o colocaria atrás das grades pelos próximos vinte anos. Eric teria que esperar e obter as informações mais tarde.

Abrindo as portas da cozinha com o ombro, ele deu um passo à frente.

Ou pelo menos tentou.

Em frente às portas, havia um saco de compras virado, o conteúdo derramado no chão. Eric olhou em torno, viu uma pequena mesa de madeira ao lado e outro saco de compras no chão. Alarmado, ele foi até a ilha no centro da cozinha e desligou a torneira. A televisão pareceu ficar mais alta. Ele olhou para a tela, viu que estava na CNN e desligou-a. Quando olhou em torno mais uma vez, ele viu o bilhete grudado na geladeira.

Ele o pegou. Em um rabiscar apressado, ela escrevera: — George convocou uma reunião emergencial do conselho. Não sei quando voltarei para casa. Ligue-me imediatamente no escritório.

Eric leu o bilhete duas vezes, imaginando o que acontecera e por que George convocaria uma reunião emergencial do conselho na manhã de sábado. Ele ficou tentado a telefonar e perguntar a ela o que estava acontecendo, mas não havia tempo. Eric jogou o bilhete na lata do lixo e saiu da cozinha.

O mais rápido que conseguiu, Eric percorreu o corredor em direção à sala de estar. Com a perna latejando e a cabeça doendo, um único pensamento rodava em sua cabeça: *quanto mais cedo Ryan receber as informações, mais cedo aquele cheque será meu.*

Na sala de estar, ele enfrentou o primeiro obstáculo: a escada em espiral.

Eric olhou para cima com desânimo, pensando em como faria para chegar ao topo sem cair e quebrar o pescoço. Ele subiu um degrau de cada vez, movendo-se com cuidado, as muletas escorregando duas vezes na madeira envernizada.

Quando chegou ao andar de cima, tinham-se passado quatro minutos e ele estava sem fôlego. A testa brilhava com suor e ele a limpou com o dorso da mão. O escritório era atrás da porta à direita. Eric olhou para o relógio, imaginando em quanto tempo ela estaria de volta. Horas? Minutos?

Eric entrou no aposento ensolarado. Armários cheios de pastas cobriam a parede à esquerda. À direita, prateleiras cheias de livros de direito. Ela tinha computadores, impressoras, telefones, máquinas de fax e fotocopiadoras nas mesas de vidro. O escritório era grande, mas não cheio demais. Como Diana, ele era prático e eficiente. Essencialmente, era uma versão menor do escritório de canto que ela ocupava na Redman International e Eric sabia que ela tinha aqui cópia de tudo o que tinha lá. Por questões de conveniência.

Ele foi até o computador no centro da sala.

Ao sentar-se na cadeira de couro e colocar as muletas no chão, ele pensou novamente em como isso era ridículo. Não havia nada que Eric não soubesse sobre a aquisição da WestTex Incorporated. Ele e Diana discutiam o assunto todos os dias. Se Ryan lhe tivesse dado ouvidos, ele agora teria a confirmação de

que precisava das informações. Mas o homem não confiava em ninguém. Ele insistira em ter cópias de todos os arquivos em que Eric conseguisse colocar as mãos. E Eric não estava em posição de discutir.

Ele ligou o computador. A tela piscou a mensagem: DIGITE A SENHA.

Eric abriu a gaveta superior da mesa de Diana. Dentro dela, entre duas pilhas de papéis cuidadosamente empilhados, ele encontrou um envelope um pouco maior do que um cartão de crédito. Ele pegou o envelope e fechou a gaveta. Dentro dele, em um pedaço de papel, ele encontrou a senha de Diana, no mesmo lugar onde estivera há um mês, quando o computador dele tivera um problema e Eric telefonara perguntando se poderia terminar um relatório no computador dela.

Como o seu próprio computador, a máquina estava conectada ao grupo principal de computadores da Redman International. Fora naquela ocasião que ela mostrara a ele onde guardava a senha, uma combinação de vinte letras e números que ninguém conseguiria memorizar. *Nem mesmo eu*, dissera Diana. *E você sabe como a minha memória é boa.*

Ele digitou o código, a tela piscou e Eric assumiu o controle do computador.

Os dedos dançaram sobre o teclado. Ele acessou o menu, abriu o diretório e centenas de arquivos começaram a encher a tela. Ele encontrou os arquivos de que precisava a meio caminho na tela, listados em código. Se você soubesse, o código era simples de entender. Qualquer arquivo que iniciasse com um asterisco e terminasse com a letra T continha informações sobre a aquisição da WestTex Incorporated.

Apesar de haver somente vinte arquivos, cada um continha centenas de páginas de informações, obviamente demais para imprimir na impressora de Diana no curto tempo que ele tinha. Portanto, Eric abriu uma gaveta lateral, pegou um dos pendrives de Diana e inseriu-o na porta USB do computador, que fez alguns ruídos. Ele colocou a mão sobre o mouse à direita, moveu o cursor para um dos arquivos, clicou no ícone, arrastou-o para o ícone do pendrive... e uma nova mensagem apareceu:

PARA COPIAR O ARQUIVO *FA#IB!$S@*T
DIGITE O CÓDIGO DE SEGURANÇA BETA

Eric ficou olhando incrédulo para a tela. Como recurso adicional de segurança, a Redman International trocava os códigos de segurança a cada três

meses, o que deveria ter acontecido recentemente. Quando ele acessara o sistema pela última vez, era código ALFA. Não BETA. BETA não existia. Sem um código para inserir no computador, ele não poderia transferir os arquivos para o pendrive.

Tinha que haver uma alternativa. O sistema era rigoroso, mas não infalível.

Ele teve uma ideia. Sempre que a Redman International mudava os códigos de segurança, um e-mail era enviado aos funcionários, dando a eles a opção de criar seu próprio código de segurança, um que fosse mais fácil de lembrar. A ideia era que, se tivessem chegado tão longe, eram realmente funcionários da Redman International e a segurança não precisava mais ser tão rigorosa.

O código podia ser qualquer coisa. Eric ficou imaginando se Diana era como ele e Celina e usava o código antigo devido à preguiça. Ele lembrava que o código que ela lhe informara era o nome do meio dela, Marie. Eric o digitou no computador.

E a tela piscou.

* * *

A reunião emergencial do conselho terminou quase tão rapidamente quanto começara.

Diana Crane fechou a maleta preta, levantou-se e foi com os outros diretores até onde George estava, na cabeceira da mesa de mogno. — Acabei de receber um telefonema de Ted Frostman — dissera ele há alguns momentos. — E temos o comprometimento do Chase para avançar. Agora, mais do que nunca, os negócios com a WestTex e o Irã devem prosseguir. Por Celina.

Diana observou Harold Baines e os outros diretores darem os pêsames a George, e novamente a realidade de que Celina Redman fora assassinada naquela manhã a atingiu.

George estendeu a mão quando ela se aproximou. O rosto dele parecia esculpido em pedra, os olhos vazios e sem sentimentos. Desajeitadamente, Diana afastou a mão dele e o abraçou. — Lamento muito — disse ela. — Sentirei falta dela.

George não retribuiu o abraço.

Diana afastou-se e viu que os olhos dele tinham se estreitado ligeiramente. Ele parecia estar olhando diretamente através dela.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou ela.

— Não.

— Tem certeza?

— Pelo que ouvi, você anda bem ocupada esses dias, Diana. Tome o lugar de Celina e voe para o Irã com Jack e Harold. Consiga a assinatura nos papéis. Faça com que a viagem seja um sucesso. É só o que peço.

E depois você pode voltar para casa, para Eric.

Apesar de George não ter dito essas palavras, Diana sabia que ele as pensara. Ela não mostrava lealdade nenhuma à Redman International saindo com Eric Parker tão cedo depois da demissão dele. Ela não mostrara lealdade nenhuma à família Redman saindo com Eric tão cedo depois que Celina terminara o relacionamento com ele. Ela merecia a recepção fria de George e a aceitou.

Ao sair da sala do conselho e percorrer o corredor até o escritório, ela sentiu-se estranhamente distanciada do silêncio incomum, das secretárias sentadas nas mesas, das lágrimas sendo derramadas. Ela lidara com a morte quando seu pai morrera e ela lidaria com a morte agora. Como o trabalho sempre fora sua fuga, Diana mergulharia nesse negócio. Ela garantiria que os contratos não pudessem ser quebrados, que cada trato ocorresse de forma tranquila.

Sua secretária a aguardava no escritório. A mulher estava no centro do aposento, o rosto ligeiramente vermelho. Ela também estivera chorando. Diana apertou seu braço ao passar. — Faça o seguinte — disse ela. — Sirva dois copos de café pela metade. Tenho uma garrafa de uísque na minha mesa que vai encher a outra metade. Estamos precisando.

A mulher forçou um sorriso e saiu da sala.

Diana a observou saindo, pensando se havia algo de errado com ela mesma. Por que ela não conseguia sentir a dor e a perda que os outros sentiam? Antes de Eric, ela fora amiga de Celina por anos, muito amiga. Ela era tão fria que não conseguia mostrar, e nem mesmo sentir, qualquer emoção além de alívio? Eric Parker era tão importante para ela que ela não sentia a perda da mulher que fora tão sua amiga antes?

Melhor não lidar com isso agora. Lidar com isso significaria pensar no que ela era como pessoa e Diana não estava pronta para isso. Ela achava que não gostaria do resultado.

Ela foi até a mesa. Se fosse tomar o lugar de Celina nessa viagem, precisaria se familiarizar com alguns arquivos antes de partir.

Ela ligou o computador, puxou um pedaço de papel do fundo da gaveta e digitou a senha. O computador fez algo que nunca fizera antes. Uma mensagem foi exibida no centro da tela:

****ACESSO NEGADO****

TERMINAL B EM OPERAÇÃO

Diana ficou olhando confusa para a tela. O terminal B era seu computador em casa e esse computador estava dizendo que o outro estava em uso. *Mas é impossível*, pensou ela. *Eu o desliguei essa manhã.*

Ela inseriu a senha novamente, achando que talvez tivesse errado na primeira vez. Diana sabia que somente um dos computadores podia ser usado de cada vez. Era um recurso de segurança adicional que avisava ao usuário se alguém estivesse usando o outro computador.

A tela piscou e, novamente, o acesso foi negado.

Por um momento, ela ficou confusa. E então ela se deu conta.

Uma vez, ela dera sua senha a Eric. O computador dele não estava funcionando e ele precisara usar o computador dela para terminar um relatório.

Um calafrio percorreu sua espinha.

Nesse momento, um executivo demitido da Redman International, que fora abordado por Louis Ryan, estava usando o computador dela em casa.

* * *

Eric olhou para o computador. — Vamos — disse ele em voz alta. — Vamos...

Uma mensagem apareceu na tela: ACESSO NEGADO.

Ele olhou para a mensagem com ressentimento, sabendo que nunca conseguiria as informações de que Louis Ryan precisava e que aquele cheque não seria dele.

Enfurecido, ele bateu com força o punho contra o lado do computador, recostando-se surpreso quando a tela piscou e fagulhas voaram da parte de trás. A tela ficou preta e ele se deu conta de que quebrara o computador dela.

Agora, ela saberia que ele o usara.

Frenético, ele desligou a máquina da tomada para evitar um incêndio e olhou em torno, sabendo que ela chegaria a qualquer momento. Ele estava prestes a mandar tudo para o inferno, mandar Ryan para o inferno e sair do escritório, quando notou a longa fila de arquivos do outro lado da sala. Talvez as informações de que precisava estivessem lá, armazenadas em pastas organizadas...

Fazendo uma careta, ele pegou as muletas e encaminhou-se para o arquivo

mais próximo. Ele puxou uma das quatro gavetas, que estava trancada. Não era surpresa, mas, com sorte, talvez ele conseguisse achar as chaves em algum lugar do escritório.

Eric voltou à mesa de Diana.

Abriu a gaveta de cima, moveu cuidadosamente para o lado pilhas de papel e não encontrou nenhuma chave. Ele abriu as gavetas à direita, não encontrando nada além de pastas verdes. Em seguida, abriu a gaveta à esquerda. Uma maleta preta brilhava dentro dela, uma das várias que Diana tinha. Eric estava prestes a movê-la para o lado e olhar sob ela quando parou.

Ele retirou a maleta e colocou-a sobre a mesa. A pasta estava destrancada e ele a abriu. Amontoadas dentro dela, estavam as pastas da aquisição da WestTex Incorporated.

O coração dele disparou.

Rapidamente, ele folheou centenas de páginas de informações e viu que tudo de que Ryan precisava estava ali, dentro da maleta. Sem acreditar na sorte, ele pegou um dos telefones ao lado do computador e discou o número de Ryan. O homem atendeu no segundo toque.

— Por que demorou tanto, Eric?

Eric ignorou o sarcasmo. As coisas eram diferentes agora. Ele estava por cima, não Ryan. — Tenho tudo o que você pediu — disse ele. — Mas o tempo está acabando. Ela voltará logo. Em quanto tempo pode mandar alguém aqui?

— Dez minutos.

— Eu disse logo — disse Eric. — Mande em cinco. E mais uma coisa, Ryan. Quero que triplique aquele cheque, ou não tem acordo.

Fez-se um silêncio.

— Responda — disse Eric. — Está tudo aqui. Mas é o triplo ou nada.

— Você está louco — disse Louis. — Não vou pagar...

— As informações valem dez vezes esse valor e você sabe disso — interrompeu Eric. — E então? Você só tem quatro minutos.

— Está bem — disse Louis. — Vou triplicar o cheque.

Eric deu um sorriso repugnante, os músculos da barriga tensos. Agora o blefe. — E, Louis, caso decida não entregar o cheque e caso alguma coisa aconteça comigo, quero que saiba que, antes de telefonar para você, telefonei para um amigo e contei tudo a ele. Se ele ler o meu obituário, logo em seguida o mundo lerá o seu. Lembre-se disso. Não estrague tudo. Não tente me foder. Já acertei tudo, caso alguma coisa aconteça comigo.

Ele cortou a ligação e discou para a recepção. Ele precisava acelerar a chegada deles antes que ela voltasse para casa.

— Aqui é Eric Parker — disse ele para um dos porteiros. — Estou

esperando amigos. Não precisa me avisar quando eles chegarem. Basta enviá-los ao apartamento de Diana Crane.

Ele colocou o telefone no gancho, retirou as pastas da maleta de Diana e substituiu-as pelas pastas que vira nas gavetas à direita. Elas tinham o mesmo tom de verde. Ele fechou a maleta e colocou-a de volta onde a encontrara. Quando Diana se desse conta da troca, Eric esperava estar em algum lugar da Europa, talvez na Suíça, com o dinheiro que Louis Ryan lhe devia.

Eric colocou as pastas embaixo do braço e pegou as muletas. Assim que deixou o escritório e terminou de descer a escada, ouviu a campainha.

Ele hesitou, imaginando se Ryan acreditara em seu blefe. Ele sabia que havia uma chance de abrir a porta e levar uma saraivada de balas no peito.

Era um risco que ele teria que tomar.

Ele foi até a porta e olhou pelo olho mágico. No corredor, estava um homem alto e musculoso, de trinta e poucos anos, com cabelos pretos. Ele usava um casaco de couro preto absurdamente quente. As mãos estavam atrás das costas.

Eric desejou que as mãos do homem não estivessem ocultas, mas, mesmo assim, abriu a porta.

Eles ficaram se encarando.

O homem no corredor olhou para as pastas embaixo do braço de Eric, depois para o gesso na perna e os machucados no rosto. O canto de sua boca ergueu-se em um sorriso.

Eric estendeu a mão para o cheque.

O sorriso do homem desapareceu. Ele botou a mão no bolso do casaco, retirou o cheque e o entregou a Eric. — Dê-me as pastas — disse ele.

Eric desdobrou o cheque e viu que o valor tinha sido realmente triplicado. O alívio o inundou.

Ele entregou as pastas ao homem e fechou a porta na cara dele, trancando-a rapidamente.

Acabara.

Ele encostou-se contra a porta enquanto era tomado pela exultação.

Eric agora valia noventa milhões de dólares.

CAPÍTULO 36

Diana caminhou rapidamente pelo corredor, talvez depressa demais dada a crise que estava deixando para trás, pois todos os olhos estavam sobre ela ao apressar-se em direção aos elevadores.

Por que Eric estava no computador dela? O que ele esperava encontrar? Ele só estava entediado e usando-o para ver como as coisas estavam com os negócios que deixara para trás quando George o demitira? Ou havia outros motivos?

Ela estava quase chegando nos elevadores quando alguém chamou seu nome. Ela virou-se e viu Jack Douglas, parado na porta do escritório dele. Ela viu no rosto dele um olhar de preocupação e curiosidade.

— Você está bem? — perguntou ele.

Ela precisava sair dali.

— Estou bem. — Ela pressionou um botão no elevador.

— Não, não está — disse ele, aproximando-se dela. — Há alguma coisa errada. O que é?

— Não é nada, de verdade.

— O que é?

Ela olhou para ele. Alto e musculoso, o corpo dele parecia esculpido em aço. Independentemente do que Eric estivesse aprontando, ela decidiu que ter a companhia de alguém como Jack até o apartamento poderia ser uma boa ideia. Ela o chamou para perto.

— Isso ficará entre nós? — perguntou ela.

Ele assentiu.

— Dependo disso — disse ela, e resolveu assumir o risco. — Eric Parker está morando no meu apartamento. Acabei de descobrir que ele está no meu computador, que está conectado ao banco de dados principal da Redman International e isso, obviamente, é uma violação da segurança, pois Eric não trabalha mais aqui.

As portas do elevador se abriram.

— Não sei o que ele está fazendo — disse ela. — Mas ele não recebeu minha permissão para usar aquele computador. Estou preocupada.

— Quer que eu vá com você?

Ela assentiu e eles entraram no elevador. — Sei que isso vai parecer tolo — disse ela. — Mas você tem acesso a uma arma?

A pergunta o surpreendeu. — Não — disse ele. — Mas por que eu precisaria de uma arma?

Diana pressionou um botão e olhou para ele enquanto o elevador descia. — Porque, se ele está fazendo o que eu acho que está, talvez precisemos dela. E da polícia.

* * *

Para Eric Parker, só sobrou a fuga.

Ele foi buscar suas coisas. Em uma mesa, ele colocou o cheque ao lado do relógio e da carteira e foi até a escada, aquela escada filha da puta, e começou a subir os degraus que levavam ao quarto de hóspedes que Diana lhe oferecera.

Foi uma luta chegar ao topo, mas ele conseguiu, e foi até o quarto, onde pegou uma mochila e jogou algumas roupas dentro dela.

Ele não precisava de tudo, só o suficiente para entrar em um avião e sair do país. No banheiro, ele pegou somente o necessário. Eric verificou se o passaporte estava na maleta, voltou ao quarto e pegou o telefone. Ligou para o agente de viagens e pediu uma passagem de primeira classe para a Suíça. Havia um voo saindo em duas horas. O bilhete eletrônico o estaria esperando no balcão.

Perfeito.

Ele telefonou para a recepção. — É Eric Parker. Pode chamar um táxi? Desço em dez minutos.

Ele colocou o telefone no gancho e ouviu a porta abrir e fechar. O barulho veio do andar de baixo. Uma onda de pânico o invadiu, mas ele a refreou.

Ela estava em casa.

Eric imaginou como lidaria com isso e decidiu que só havia uma maneira. Sair do quarto, descer as escadas e enfrentá-la.

Ele estava partindo. Ela não precisava saber para onde. Quando ele chegasse ao aeroporto, ela provavelmente já teria descoberto que Eric usara o computador. Mas, então, não importaria, ele estaria a caminho de um país que o protegeria.

Eric pegou a mochila, colocou-a sobre o ombro e pegou as muletas. As coisas não sairiam bem, mas ele seria breve. Era hora de ir embora.

Encaminhou-se para a porta do quarto, abriu-a e deu um passo para trás.

Não era Diana quem estava parada do outro lado da porta. Era Mario De Cicco e, com ele, dois homens segurando armas apontadas para o rosto de Eric.

* * *

De Cicco entrou no quarto tão abruptamente que Eric tropeçou para trás. O gesso ficou preso no piso e ele quase caiu, mas conseguiu segurar-se em uma cadeira para evitar a queda.

De Cicco olhou para a mochila. — Vai a algum lugar?

Eric não disse nada. Ele notou que De Cicco e seus homens estavam usando luvas. Nos pés, os sapatos estavam protegidos por botinhas de papel. Ele sentiu uma onda de medo e soube por que estavam lá. Iam matá-lo.

— Responda à pergunta, Eric. Vai a algum lugar?

— Vou voltar para o meu apartamento. Por que se importa?

— Quando você contrata alguém para matar Leana Redman, importa muito para mim. — Ele aproximou-se de Eric.

— Como chegou até aqui? — perguntou Eric.

— O porteiro nos deixou entrar. Aparentemente, você estava esperando amigos. Passamos sem problemas, obrigado. — Ele aproximou-se ainda mais. — Dar uma surra em Leana Redman foi o seu primeiro erro, Eric. E o contrato para matá-la foi o último. — Ele deu um passo para o lado. — Saia pela porta.

— Vá se foder.

Um dos homens de De Cicco levantou a arma e apontou-a para a cabeça de Eric.

— Isso pode ser feito de duas formas, Eric — disse Mario. — Você pode atravessar aquela porta por si próprio, ou posso arrastá-lo pela perna quebrada. Você escolhe. Uma delas vai doer menos. Agora, escolha.

Ele não tinha escolha. Ele largou a cadeira, pegou as muletas e começou a mover-se em direção à porta, passando por De Cicco. O que De Cicco não sabia era que, logo depois da porta, havia uma mesa. Sobre ela, tinha uma estátua de ferro de uma mulher. Ela tinha cerca de quarenta e cinco centímetros e era pesada o suficiente para causar um ferimento grave em um crânio.

Se usasse o momento certo, se pegasse a estátua, batesse na cabeça de De Cicco com ela e fechasse a porta antes que os outros passassem, poderia ter uma chance de chegar ao quarto de Diana, trancar a porta, entrar no banheiro dela, trancar aquela porta e ligar para a segurança pedindo ajuda.

Ele sabia que era pouco provável que conseguisse, mas era tudo o que

tinha.

* * *

Na Redman International, Jack e Diana saíram do prédio, procuraram um táxi, conseguiram um na quinta tentativa e disseram ao motorista que os levasse ao Redman Place.

— Você ganhará cem dólares se correr — disse Diana. Ela abriu a bolsa, retirou o dinheiro e o jogou no banco dianteiro do carro. — É uma emergência.

O motorista pisou no acelerador, mas o trânsito na Quinta era intenso. Ele tentou manobrar pela rua congestionada, mas era difícil e não havia muito o que pudesse fazer. — Farei o possível — disse ele. — Mas é ridículo. Olhe só esses idiotas. Eles não sabem dirigir.

— Tente — disse Diana. Ela olhou para Jack. — Talvez seja tarde demais.

— Você não sabe.

— Eu conheço Eric.

O motorista achou uma brecha e acelerou. O Redman Place ficava a cinco minutos de carro. Se o homem fosse agressivo o suficiente, eles poderiam chegar em três.

* * *

— Vamos, Eric. Se não se apressar, vou ajudá-lo.

Eric olhou para De Cicco ao passar por ele. Ele direcionou toda a concentração para o que estava além da porta e para o local da estátua sobre a mesa. Ela estaria perto da borda direita. Ele precisaria deixar cair uma das muletas, agarrar a estátua e virar-se para bater.

Ele passou pela porta, olhou para o lado e a viu.

E tudo começou a acontecer bem devagar.

Ele largou a muleta sob o braço direito, inclinou-se para pegar a estátua e a agarrou, virando-se para que pudesse acertar o lado da cabeça de De Cicco, mas, em vez disso, alguma coisa o atirou para a frente. Alguém o empurrou. Ele voou pelo ar e caiu no chão. A cabeça bateu contra a madeira e, por um momento, ele ficou meio inconsciente.

Ele estava sendo sacudido.

Eric abriu os olhos e viu De Cicco inclinado sobre ele. — Levante-se.

Os olhos dele pestanejaram e ele viu movimento do outro lado do aposento. Um dos homens estava colocando a estátua cuidadosamente de volta no lugar com as mãos enluvadas.

— Levante-se.

Ele fez um esforço para se mover, mas uma dor forte atravessou o ombro, agora deslocado. De Cicco viu o problema, agarrou Eric pela camisa e levantou-o com facilidade.

O ombro de Eric estava fora do lugar. A dor era insuportável. Ele estava prestes a gritar quando um dos homens de De Cicco veio por trás dele e cobriu sua boca com uma mão.

— Você pode viver ou pode morrer — disse Mario. — Você escolhe. Para viver, precisa me dizer quem contratou para matar Leana.

Sem hesitar, Eric moveu a cabeça com força para liberar a boca e cuspiu o nome da pessoa.

Sem hesitar, Mario De Cicco agarrou Eric novamente e o levantou até o topo da escada. E bem ali, no rosto de Eric, surgiu o choque por causa do que estava prestes a acontecer a ele. Ele tentou lutar, tentou se livrar do homem, mas foi inútil. De Cicco aproximou-se do ouvido de Eric. — Você mexeu com a pessoa errada. Ninguém encosta em Leana Redman. E, quando encosta, veja só o que acontece.

* * *

O táxi parou em frente ao Redman Place. Jack e Diana saíram apressadamente. Ela jogou outra nota de cem dólares pela janela do passageiro, agradeceu ao motorista e correu com Jack para a porta giratória.

Do outro lado do saguão, estavam os elevadores. Eles correram para lá, pressionaram o botão e aguardaram que uma das portas se abrisse.

* * *

— Você disse que não me mataria! — gritou Eric.

— Eu menti — disse De Cicco. — Sou um filho da puta, hein?

— Falando em puta — disse Eric. — A puta é Leana Redman. Diga a ela

por mim que ela pode queimar no inferno. Diga a ela que pode...

Mas antes que Eric pudesse terminar a frase, De Cicco o empurrou escada abaixo.

Mario e seus homens deram um passo à frente para assistir à queda. Eles observaram o corpo de Eric torcer-se e dobrar-se em ângulos absurdos enquanto rolava pela escada. Eles observaram o gesso prender em um pedaço de madeira e quebrá-la em dois. Eles observaram o que aconteceu quando ele finalmente girou e o pescoço bateu com força no corrimão.

Não foi a madeira que quebrou, o corrimão podia sustentar o impacto. Em vez disso, os ossos no pescoço de Eric se quebraram, fazendo um som de madeira sendo estilhaçada. Ao continuar a cair, os homens notaram a diferença em como Eric Parker rolava agora, como uma boneca de pano. Ao rolar até o pé da escada, não havia mais vida nele, só inércia. Ele estava morto, criando uma poça crescente de sangue ao atingir o chão.

— Vamos embora — disse De Cicco.

Os homens desceram a escada correndo. Mario colocou o dedo no pescoço de Eric Parker, não sentiu pulsação e juntou-se aos outros enquanto verificavam o aposento para ter certeza de que não tinham deixado nenhum rastro. Eles estavam saindo da sala e procurando sinais de luta quando Mario bateu contra uma mesinha. Ele olhou para baixo, viu o relógio e a carteira de Parker e o que parecia ser um cheque.

Ele pegou o cheque, leu o valor, olhou para o nome da empresa impresso nele e olhou surpreso para Parker. O que era a World Enterprises? Quem estava por trás dela? Por que pagara a Parker noventa milhões de dólares? O que ele fizera para receber esse valor?

Mario embolsou o cheque. Não havia como perguntar a Eric Parker agora. Eles saíram do apartamento, encontraram a escada e desceram correndo no momento em que a porta do elevador se abriu. De Cicco e os homens dele estavam três andares abaixo quando ouviram uma mulher, a voz alta e aguda, gritar o nome de Eric.

Eles hesitaram.

E continuaram a correr quando ela começou a gritar.

CAPÍTULO 37

Fazendo um risco no céu noturno, o avião sobrevoou o Atlântico, indo em direção a Nova Iorque e ao aeroporto JFK.

Michael desafivelou o cinto de segurança, pegou a mão de Leana e a apertou. Ela estivera em silêncio desde que o avião saíra do aeroporto de Heathrow e ele podia senti-la escondendo-se naquela parte interna que ninguém poderia ferir. — Já volto — disse ele.

Quando ele deixou o banco e caminhou em direção à parte de trás do avião, a fúria silenciosa que estivera se acumulando dentro dele desde que saíram de Monte Carlo o atingiu. Ele sabia que o pai dele estava por trás disso, sabia que fora ele quem mandara matar Celina Redman. *Ele provavelmente usou Spocatti*, pensou ele. *Provavelmente mandou o filho da puta matá-la...*

A aeromoça sorriu quando ele se aproximou.

— Onde ficam os telefones? — perguntou Michael.

A mulher acenou em direção a uma área perto dos toaletes. — Ficam ali, Sr. Archer.

Ele agradeceu, encaminhou-se naquela direção e balançou de leve quando o avião passou por uma turbulência. Uma mulher mais velha de cabelos loiros agarrou o braço dele quando ele passou por ela. — Você é Michael Archer — disse ela.

Michael soltou o braço, ciente de que os outros passageiros estavam agora olhando para ele. Reconhecendo-o. — Não — disse ele. — Não sou, mas acontece o tempo inteiro. Estou lisonjeado. — E ele prosseguiu, ignorando a mulher que disse ao homem sentado a seu lado: — Eu podia jurar...

Ele pegou um dos telefones, passou o cartão de crédito e discou. Enquanto esperava que a ligação completasse, ele pensou no que acontecera mais cedo: Leana pegando o telefone, ouvindo a conversa com o pai dele e em como ele interrompera a ligação quando Louis parou para respirar. Leana entrando no banheiro, observando-o enquanto ele tomava banho.

Naquele momento, Michael pensou que, se a ignorasse, continuasse o banho e agisse como se nada tivesse acontecido, ela duvidaria do que ouvira no telefone, pensando que, talvez, fosse uma linha cruzada. Mas e se ela não achasse que ouvira a conversa de outra pessoa? E se ela tivesse reconhecido a

voz do pai dele e só estivesse com ele até que pudesse escapar em segurança? Como a vida dele estava em jogo, as implicações o deixavam nervoso.

Finalmente, uma mulher atendeu a ligação. — Manhattan Enterprises.

— Judy, é Michael. Meu pai está aí?

— Ele está em uma conferência, Michael.

— Diga a ele que estou na linha, estou ligando de um avião. É urgente.

Houve um suspiro, um clique e o som abrupto de Muzak. Michael fechou os olhos e sentiu a contração familiar da barriga. A vida dele estava fora de controle. Ontem pela manhã, atirara e matara um homem em seu apartamento depois que ele queimara o manuscrito. A polícia obviamente estaria investigando o caso agora, fazendo perguntas, seguindo pistas.

Seu pai lhe dissera mais cedo que tinham encontrado os corpos queimados no apartamento e o corpo do motorista de táxi iraniano jogado em um terreno baldio a alguns quarteirões. Apesar de Michael ter alugado o apartamento usando um nome falso, ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, a polícia descobriria que o apartamento onde os corpos tinham sido encontrados era dele.

Ele era famoso. As pessoas em torno de seu apartamento viviam em uma realidade alterada pelas drogas, mas certamente alguém o reconhecera naquelas três semanas em que morara lá.

Mas posso ajudar você, dissera Louis. *Mate Redman e a polícia nunca saberá que aquele apartamento era seu.*

Seu pai nunca dissera isso, mas Michael sabia que o oposto também era verdade: *Se não matar Redman, todos os policiais do mundo estarão atrás de você. E Santiago também.*

Esse ciclo sem fim não tinha escapatória. Michael não sabia por quanto tempo mais aguentaria, por quanto tempo mais conseguiria manter a fachada.

O pai dele atendeu o telefone. — O que foi, Michael?

— Precisamos conversar.

— Agora não é possível.

— Não serve — disse Michael. — Precisamos conversar. Agora.

— E eu disse que agora não é possível.

— Quem está com você?

— Não é da sua conta.

— Ok — disse Michael. — Então responda à minha pergunta e volte para sua reunião: por que teve que matar a irmã dela?

— Não vou discutir isso com você agora. Telefone de novo quando chegar em Nova Iorque.

A mão de Michael apertou o telefone. — Não desligue.

O silêncio estendeu-se.

— O que é?

— Preciso saber se posso voltar, se é seguro.

— É seguro — disse Louis.

— Tem certeza?

— Já falei, é seguro.

Mas Michael sentiu que o pai dele estava escondendo alguma coisa. Alguma coisa estava errada. — Se estiver mentindo para mim, papai...

— Não estou mentindo para você, Michael. Terá que confiar em mim.

Apesar de Michael saber que não tinha escolha e precisava confiar no pai, não pôde deixar de sentir que estava sendo empurrado cada vez mais para perto de um precipício. — Onde eu e Leana vamos ficar? — perguntou ele.

— Estou cuidando disso.

— Cuidando disso? — perguntou Michael. — Quando pretendia me dizer, na semana que vem? Chegaremos em duas horas. Você não me disse nada...

A linha ficou muda.

* * *

Leana observou a noite lá fora, mal notando os motores do avião, a conversa do casal sentado à sua frente, as aeromoças elegantes que passavam para lá e para cá no corredor.

Ela ainda estava tentando entender e aceitar que a irmã estava morta e que fora assassinada naquela manhã. Ela ainda conseguia ouvir a voz de Harold ecoando como um sussurro gelado: — Celina amava você, Leana. Não sei dizer quantas vezes ela me falou que sentia sua falta.

Naquele momento, Leana sentia a dor da perda. Ela pensou em todos os momentos em que ela e Celina poderiam ter se aproximado, dando-se conta de que isso nunca mais aconteceria.

Ela estava imaginando quem seria responsável pela morte de Celina quando Michael sentou-se ao seu lado e pegou sua mão. Leana olhou para ele, lembrando-se do que acontecera algumas horas antes de deixarem a suíte do hotel. De quem era a voz que ouvira quando pegara o telefone? Não era a voz de Michael, ela sabia disso. Mas também sabia que ouvira aquela voz antes, do mesmo modo que sabia que um dia associaria um rosto a ela.

— Como você está? — perguntou ele.

Leana deu de ombros.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Não, a não ser que possa trazer minha irmã de volta.

O silêncio pairou entre eles. Michael abriu a boca para falar, mas não encontrou palavras e apertou a mão dela um pouco mais. Leana retribuiu. — Sinto muito — disse ela. — Eu não devia ter dito isso. Só não estou bem agora. Não tem nada a ver com você.

— Está tudo bem — disse ele. — Eu entendo.

Ela recostou-se na poltrona. — Sabe o que fico pensando? — disse ela. — Fico pensando em como me sentirei bem quando encontrar o filho da puta que foi responsável por isso.

Michael virou-se para ela.

— E eu vou encontrá-lo, Michael. Juro por Deus que vou. Ele não vai se livrar. Ele não vai se livrar depois de matar a minha irmã. Tenho você para me ajudar e tenho Mario. Encontraremos quem a matou. E o faremos pagar por isso.

— Leana...

Ela sentiu um nó na garganta. — Eu a amava, Michael. Nunca achei que fosse verdade, mas eu a amava.

Ele passou a mão no cabelo dela. — Nós superaremos isso. Prometo. — Ele inclinou-se e a beijou no rosto. — Eu amo você — disse ele.

Leana olhou para ele, viu a dor no rosto dele, o pesar em seus olhos e soube que estava dizendo a verdade. Ela sentiu-se culpada. Como ela podia ter desconfiado dele mais cedo? Ele a tratara bem desde o início. Obviamente tinha sido uma linha cruzada.

Segurando a mão dele, ela virou-se para a janela. Lá fora, o mundo desaparecera na escuridão. Pela primeira vez em horas, ela pensou em Eric Parker, na pessoa que ele contratara para matá-la e ficou imaginando o que a esperava quando chegasse aos Estados Unidos.

CAPÍTULO 38

Anastassios Fondaras fechou a última pasta que Eric Parker roubara sobre a aquisição da WestTex Incorporated e jogou-a sobre a mesa de Louis.

Apesar do homem não dizer uma palavra, os olhos dele brilhavam com o tipo de intensidade que lembrava a Ryan os olhos de um tigre antes de avançar para matar a presa.

Anastassios levantou-se. — Esse trato que Redman tem com o Irã — disse Fondaras ao caminhar até as janelas e olhar para a cidade brilhante sob a luz do fim de tarde. — É verbal, correto?

— Sim — disse Louis, lembrando-se da conversa com Harold Baines. — É verbal. O Irã não concordou em assinar nada até que Redman assuma a WestTex. Eles acham que seria uma perda de tempo comprometer-se antes disso.

— Entendo. Presumo que, nesse meio tempo, Redman esteve em contato próximo com o Irã — disse Fondaras. — E presumo que os iranianos manterão a palavra.

— Se a situação no Golfo permanecer a mesma, tenho certeza disso — disse Louis. — Eles precisam de Redman. O Oriente Médio permanecerá instável por anos. A maioria das grandes empresas de transporte e petróleo estão relutantes em entrar no Golfo, incluindo a sua. O Irã precisa vender o petróleo para comprar armas, mas poucos estão dispostos a correr o risco. Exceto George. A vantagem de Redman é que ele sabe a data exata em que a marinha entrará no Golfo. Se o Irã soubesse que é na semana que vem, eles desistiriam do negócio, sabendo que o Golfo logo estaria seguro novamente para o comércio e que não precisariam de um acordo particular com uma empresa americana.

— Se eles soubessem a data — disse Fondaras.

— Exatamente.

Fondaras afastou-se da janela e foi até o bar. — Eu conheço George Redman há quase vinte anos — disse ele. — Tenho um respeito genuíno por ele. Uma parte de mim até gosta dele.

Mas, pensou Louis. *Mas...*

— Mas isso são negócios — disse Fondaras ao servir outra dose de uísque. — E, nos negócios, o importante é chegar primeiro. É vencer, não importa a situação. — Com o copo na mão, ele virou-se para Ryan. — Então, você não tem

interesse em fazer parte desse negócio? Vai simplesmente me dar a informação de graça?

— Naturalmente, há um preço. Afinal de contas, Anastassios, como você mesmo disse, são negócios. Mas discutiremos os termos mais tarde. Primeiro, diga-me quais são seus planos.

— Meus planos? — disse Fondaras com uma risada. — É elementar. Redman conseguirá o petróleo deles barato. O Irã está desesperado e Redman jogou com a necessidade deles. Pretendo fazer o mesmo, só que vou oferecer mais pelo petróleo. Trabalhei com eles no passado e eles trabalharão comigo novamente. Pretendo roubar esse negócio de George Redman. — Os olhos dele faiscaram. — Mas o que isso vai me custar?

Louis pegou seu copo de uísque, caminhou até Fondaras e brindou com o homem. — Essa é a melhor parte.

* * *

Spocatti chegou alguns minutos depois que Fondaras saíra. — Eric Parker está morto — disse ele. — Diana Crane e Jack Douglas o encontraram no pé da escada do apartamento dela há duas horas. O apartamento agora está cheio de policiais, que dizem que ele caiu. Não estão considerando homicídio.

Louis aceitou a informação com um aceno da cabeça. Ele estava sentado à mesa, virado para a janela. Ao olhar para o prédio da Redman International, os olhos dele tinham um brilho que podia ser de medo.

Spocatti ia continuar quando notou o objeto da atenção de Ryan do outro lado dos grandes painéis de vidro. Será que o homem nunca aprenderia?

Ele andou até a mesa de Louis, abriu uma gaveta lateral e pressionou um botão. As cortinas se fecharam. — Uma bala, Louis — disse ele. — É só o que precisa.

Louis não estava ouvindo. Estava pensando no cheque de noventa milhões de dólares que dera a Eric Parker em troca das pastas que ele roubara de Diana Crane, o mesmo cheque que tinha o nome da filial estrangeira da Manhattan Enterprises, a World Enterprises.

— O cheque — disse Louis. — Você é esperto demais para ter vindo aqui sem ele, então entregue-o.

Spocatti sentou-se na cadeira atrás de Louis, colocando os pés sobre a mesa. — Não há nenhum cheque, Louis.

— É claro que há. Eu o preenchi. Você o entregou. Você me disse que tinha

conexões na polícia de Nova Iorque que o entregariam a você por um preço.

— O cheque sumiu.

— Onde ele está?

— Não faço ideia. Não estava no corpo de Eric Parker nem em lugar algum do apartamento. Meu contato na polícia estava lá quando fizeram a perícia e removeram o corpo. Não havia nenhum cheque, Louis.

— Esse contato — disse Louis. — Esse seu amigo, é de confiança?

— Você está me questionando? É claro que ele é. É um dos melhores que tenho. Enquanto estava lá, ele também colocou um chip, poderemos ouvir o que acontecer dentro do apartamento. Você sabe tão bem quanto eu que Diana Crane logo sentirá falta daquelas pastas. Agora, saberemos quando ela descobrir. Agora, poderemos lidar com as coisas de forma mais eficiente.

Louis levantou-se da cadeira. — O cheque não desapareceu simplesmente.

Spocatti observou o caminhar do homem, satisfeito com a forma como isso tudo o estava afetando. — É claro, ele não desapareceu, mas não estava no apartamento. Isso eu posso garantir.

— Então onde está?

— Eu diria que a mesma pessoa que empurrou Parker naquela escada também está com o cheque.

Louis, um homem que raramente se espantava com os fatos da vida, olhou para Spocatti espantado. — Empurrou Parker na escada? Você disse que ele caiu.

— A polícia disse que ele caiu — disse Spocatti. — Há uma diferença. E a polícia está errada. Eric Parker não tropeçou nem caiu da escada. Eric Parker foi assassinado. Eu e meu contato temos certeza disso.

— Quem o matou?

Spocatti abriu um sorriso lento e malicioso. — Diga-me você.

Passou-se um momento antes que Louis respondesse. Sua mente encheu-se de possibilidades, fez conexões. E, então, ele se deu conta de que somente uma pessoa poderia tê-lo feito: Mario De Cicco.

Ele sentou-se pesadamente na poltrona.

Spocatti observou a cor fugir do rosto do homem, mas não sentiu pena, nem simpatia, somente um ligeiro incômodo por ter sido ignorado. — Eu avisei você, Louis.

— Eu sei.

— As coisas não são tão simples como eram. Você está perdendo o jogo.

— Claro que não estou.

— Ah, mas está sim — disse Spocatti. — Eu avisei para não mandar um cheque. Falei para transferir o dinheiro de uma de suas contas anônimas para uma das contas anônimas dele. Teria sido uma coisa limpa, mas você não quis

me escutar. Sua ganância o fez apressar tudo. Você queria tanto aquelas informações que rendeu-se às exigências de Parker. Esse pode ter sido o maior erro de sua vida.

Spocatti levantou-se e inclinou-se sobre a mesa. — Agora, a não ser que me escute, a não ser que faça tudo o que eu disser, você provavelmente pagará com a vida. E Redman, no fim das contas, vencerá.

Louis balançou a cabeça. — Isso não vai acontecer.

— Que bom — disse Spocatti. — Agora, vai me escutar? Vai fazer o que eu disser?

— Depende — disse Louis, desconfiado. — O que tem em mente?

Vincent disse a ele.

CAPÍTULO 39

A primeira coisa que Michael notou quando ele e Leana passaram pela alfândega foi Spocatti. Ele estava vindo na direção deles, passando pela multidão, os olhos em Michael, jogando um cigarro em um cinzeiro no caminho.

Por um momento, Michael achou que, de alguma forma, os homens de Santiago o tinham seguido, mas ele olhou em torno e não viu nada de incomum. Ele virou-se novamente para Spocatti, que estava agora parado na entrada de um banheiro. Ele acenou com a cabeça para Michael e entrou.

Michael ficou tentado a continuar caminhando, mas não podia. Spocatti salvara sua vida uma vez. Se os homens de Santiago estivessem aqui, talvez ele repetisse o favor.

— Preciso ir ao banheiro — disse ele a Leana. — Pode esperar um minuto?

O banheiro era fresco, silencioso e pintado de azul escuro. Spocatti estava lavando as mãos em uma pia na parte de trás. Quando Michael caminhou em direção a ele, notou dois outros homens parados nos mictórios, ambos usando ternos. Homens de Spocatti.

— O que foi? — perguntou Michael.

Spocatti fechou a torneira e balançou as mãos sobre a pia. Michael notou duas marcas vermelhas longas que corriam horizontalmente em cada palma. Pareciam queimaduras. Queimaduras de corda.

— Estou aqui para ajudar você, Michael.

— Por quê? Para compensar a vida que você tirou mais cedo?

— Não sei do que está falando.

Michael deu um passo em direção a ele. — Por que você matou a irmã dela?

Spocatti levantou uma sobrancelha. — Olhe só para você, levantando-se. Tão alto e tão corajoso.

— Ela não precisava morrer.

— Eu faço o que me mandam fazer. — Ele tirou um pedaço de papel-toalha do dispensador e começou a secar as mãos. — Na verdade, você está certo — disse ele. — É claro, eu a matei. E gostei. Você devia ter visto a expressão no rosto dela quando cortei a corda e a amarrei em torno das pernas dela. Agora estamos falando de medo...

Michael avançou abruptamente e empurrou Spocatti contra a parede. Os dois homens nos mictórios olharam por sobre o ombro. Um deles riu. O outro foi até a porta e a bloqueou para que ninguém pudesse entrar.

— Quem é o próximo? — perguntou Michael.

Spocatti não lutou. Em vez disso, ele parecia se divertir. — Todos são o próximo, Michael. Todos morrerão. Será uma grande tragédia. O sangue estará por toda parte.

As mãos dele ergueram-se. Ele jogou Michael contra a parede oposta e retirou a arma que estava escondida sob o casaco de couro preto.

Ele tentou retirar a arma.

Ela prendeu no coldre e caiu da mão dele.

Como que em câmera lenta, Michael viu a arma bater no joelho de Spocatti, cair no chão de ladrilhos azuis e deslizar em sua direção.

Ele abaixou para pegá-la.

Tentou pegá-la.

O homem próximo aos mictórios não estava mais se divertindo. Subitamente, ele estava parado em frente a Michael, bloqueando o caminho para a arma.

Spocatti a pegou e a colocou no coldre, dizendo para Michael: — Se quiser ficar vivo pelos próximos dias e, especialmente, se quiser se livrar de Santiago, sugiro que pare com o drama, que escute com atenção o que vou dizer e que faça exatamente o que eu disser.

* * *

Leana não estava à vista quando Michael saiu do banheiro.

Ele olhou em volta do corredor apinhado e finalmente a viu parada do outro lado. Ela estava falando rapidamente no celular, gesticulando com a mão livre. Michael ficou imaginando com quem estava falando e se dizia respeito a ele e à conversa que ela ouvira em Monte Carlo.

Quando Leana desligou o telefone, ele caminhou em direção a ela, o nó apertando-se em suas entranhas, apertando-se. — Quem era? — perguntou ele.

— Mario.

— Mario? — Ele não conseguiu esconder a surpresa. Enquanto estavam em Monte Carlo, o pai dele dissera que De Cicco os estava verificando. Se o homem descobrisse que era filho de Louis, Michael sabia que Mario acabaria com ele.

— E?

— Eric está morto — disse ela. — O contrato foi cancelado.

Ele observou os olhos dela, tentando ver se havia alguma coisa mais que Leana não contara.

— Então, acabou — disse ele.

Ela parecia incrédula. — Está falando sério? É claro que não acabou. Primeiro, os holofotes explodem, depois minha irmã é assassinada. Alguém está disposto a prejudicar minha família. Meus pais são os próximos? Ou eu? Ninguém foi pego. Qual de nós é o próximo?

Michael não conseguiu dizer nada.

Leana pegou a bolsa grande que estava a seus pés. — Olhe — disse ela. — Eu não tive a intenção de descontar em você. Lamento por estar aborrecida.

— Você tem todos os motivos para se sentir assim.

— Só que não sei quanto mais eu consigo aguentar. — Ela começou a andar. — Podemos ir para casa agora? É tarde e estou cansada. Quero acordar cedo amanhã e ver meus pais.

* * *

Para Michael e Leana, casa agora era um novo apartamento localizado no topo de um arranha-céu na Quinta Avenida.

Quando a limusine aproximou-se da torre brilhante, Michael pensou na conversa que tivera ao telefone com o pai em Monte Carlo. O homem pensara em tudo. Não só ele sabia que o filho precisaria de um novo lugar para morar, como também sabia que aquele lugar deveria refletir o tipo de riqueza e poder que sua nova esposa estaria esperando.

Ele ficou imaginando se Louis escolhera intencionalmente um apartamento na Quinta Avenida. Se tivera, Michael não ficaria surpreso. Na manhã anterior, o manuscrito com o mesmo nome fora queimado.

O carro acelerou na Madison e virou na rua Sessenta, onde cruzou até a Quinta. Ao começar a descer a avenida, Michael olhou para as pessoas na calçada, as vitrines iluminadas e lembrou-se do que Spocatti dissera a ele no banheiro. *O nome do porteiro é Joseph. Ele é alto, tem cabelos escuros e um bigode farto. Ele está esperando você. Quando o vir, aja como se já o conhecesse.*

O carro parou no meio-fio.

Michael olhou pela janela e viu um porteiro uniformizado apressar-se em direção a eles. Por um momento, seu coração parou. O homem era baixo e

careca.

Ele olhou para além do homem, para as portas duplas, e viu outro porteiro parado na entrada. Jovem e loiro.

A porta do carro se abriu. — Sr. Archer — disse o homem. — É um prazer tê-lo de volta.

Michael não tinha escolha além de participar da farsa. Ele saiu do carro.

— E você deve ser a Sra. Archer — disse o homem, olhando para além de Michael. — É um prazer conhecê-la.

Quando Leana saiu da limusine, o homem sorriu para Michael. — Ela é tão linda quanto disse que era, Sr. Archer.

Michael conseguiu dar um sorriso, odiando Spocatti ainda mais do que antes. — Onde está Joseph? — perguntou ele. — Achei que ele estaria trabalhando hoje.

— Gripe — disse o homem. — Esperamos que ele volte amanhã. Deixe-me ajudar com as malas.

Eles tomaram um elevador para o quinquagésimo andar. Quando Michael entrou no apartamento, viu que era tão suntuoso quanto Spocatti dissera. Ele estava cheio de objetos similares àqueles que Michael perdera para o banco há apenas algumas semanas.

Ao olhar em volta, ele percebeu que o apartamento parecia habitado, apesar de Spocatti ter dito que ele fora mobiliado naquela mesma manhã.

Leana colocou a bolsa sobre uma mesinha de canto, caminhou até o centro do vestíbulo e apreciou o aposento com um olhar rápido. — Então, é aqui que você mora — disse ela.

Michael estendeu as mãos. *Acho que sim*, pensou ele.

* * *

Quando juntou-se a Leana na cama naquela noite, ele não conseguiu dormir. Havia tantos pensamentos amontoando-se na cabeça de Michael que ele sabia que ficaria maluco se desse atenção a eles.

Em vez disso, ele permitiu que os pensamentos passassem para sua mãe. Algumas vezes, Michael achava que, se pudesse vê-la novamente e conversar com ela, conseguiria sentir a raiva que o pai sentira por tantos anos. Então, ele poderia prosseguir, sabendo que o que o pai jurara era certo.

Mas a mãe morrera quando ele tinha três anos. As poucas lembranças que tinha dela eram apenas fragmentos manchados pelo tempo.

Ele lembrava-se de algumas coisas: o sorriso dela, os brinquedos que ela lhe dera, os vestidos bonitos de algodão que usava. Ele gostaria de lembrar-se de mais coisas, mas não conseguia. Era o pai que dominava as memórias de sua infância.

Michael fechou os olhos e deixou a mente deslizar para a escuridão.

Ele se lembrava...

Ele era uma criança e o pai caminhava em direção a ele, soltando o cinto, dizendo com a voz alterada pelo álcool que desejava que Michael não tivesse nascido.

Ele se lembrava...

Era tarde, uma noite fria de fevereiro, e ele conseguia ouvir o choro bêbado do pai no outro quarto, repetindo o nome da esposa sem parar, como se isso fosse trazê-la de volta.

Ele se lembrava...

Ele tinha dezoito anos e estava em um ônibus para Hollywood. Michael nunca se esqueceria daquele dia, o ar viciado do ônibus, as horas infindáveis na estrada. Cada segundo dele fora melhor do que a prisão em que seu pai o confinara. Quando o ônibus saíra da Grand Central, ele transformara-se em Michael Archer e jurara a si mesmo que o pai nunca mais controlaria sua vida.

Como ele deixara isso acontecer?

Ele imaginou...

Deixar seu pai e Nova Iorque, pegar um avião com Leana, voar para alguma parte remota do mundo, começar de novo em uma terra em que ninguém os conhecesse. Mas ele sabia que não podia fazer isso. Se o fizesse, o pai ou Santiago os encontraria e mataria os dois.

Os olhos de Michael abriram-se.

Será mesmo?

CAPÍTULO 40

Na manhã de domingo, George passou pelos rituais da morte.

No escritório da Redman International, ele deu telefonemas. Da funerária, ele encomendou um caixão de mogno ornamentado com as iniciais CER gravadas em cada lado. Ele telefonou para a florista favorita da filha, encomendou dezenas de rosas para encher a igreja e, mais tarde, a área em torno do túmulo.

Ele telefonou para parentes e amigos próximos, dizendo a eles o horário e o local do velório particular e do enterro. E passou algum tempo sozinho, ainda tentando aceitar o inaceitável. Desde a morte da mãe e do pai, George não tivera que lidar com algo tão inteiramente pessoal. Ele sentia-se entorpecido, não vazio, mas ausente, como se estivesse fora de si mesmo, observando esse inferno acontecendo com outro homem, mesmo sabendo que estava acontecendo com ele.

O conselho o estava pressionando para que assinasse os papéis finais com a WestTex e com o Irã na terça-feira, mas ele afastou a aquisição da mente, não querendo lidar com isso até que chegasse o dia e ele não tivesse opção.

Ele saiu para ir ao escritório dela.

Quando entrou, ele sentiu como se estivesse entrando em um aposento a que Celina ainda chegava todas as manhãs. Ele ficara muito orgulhoso de tê-la aqui. O escritório dele era ao lado do dela. Se um negócio estava indo particularmente bem ou mal, não era incomum que conversassem gritando pela parede. Formou-se um nó na garganta de George ao lembrar-se disso.

Ele foi até a mesa dela.

Como ele, a filha não era uma pessoa muito organizada. A mesa estava repleta de copos de espuma usados, recipientes de comida vazios e pastas sobre a aquisição da WestTex. No canto da mesa, havia uma foto dos dois emoldurada em prata. Eles estavam em frente ao novo prédio da Redman International, pai e filha, sorrindo, pois esse fora seu melhor momento. Juntos, eles eram invencíveis. Juntos, eles tinham realizado muita coisa.

Quem era ele sem ela?

Ele ouviu uma batida na porta do escritório. George virou-se para ver Elizabeth parada na porta. Ela usara o elevador da cobertura e estava vestida

com um vestido preto simples. A boca era uma linha solene e ela parecia um fantasma, como se isso ainda fosse irreal e não estivesse acontecendo.

A postura perfeita, os olhos mortos, a esposa dele ergueu a cabeça. — Estou pronta — disse ela.

* * *

Entrar no apartamento da filha no Redman Place talvez fora a coisa mais difícil que George e Elizabeth tinham feito. Olhando em torno, parecia que ela saíra para passar o fim de semana fora e logo estaria de volta. Ao caminharem de um aposento a outro, cada um deles uma lembrança cheia de objetos que Celina apreciara, ficaram imaginando como conseguiriam viver sem ela.

Eles foram até o quarto dela.

Elizabeth entrou em um closet e George olhou em torno, notando que a cama ainda estava desfeita e que as cortinas ainda estavam fechadas, ocultando um céu fechado. Atrás dele, George ouviu o bater dos cabides de arame deslizando rapidamente sobre uma barra de metal.

— Acho que ela deve usar vermelho — disse Elizabeth. — Celina sempre adorou vermelho, era sua cor favorita. — A voz dela estava estranhamente leve, contrastando com o som dos cabides.

George virou-se para o closet, a testa franzindo-se ao dizer que ele se lembrava disso.

— Ou branco — disse Elizabeth. — Eu sempre gostei dela de branco.

— Elizabeth...

— Eu não sabia que Celina tinha tantas roupas — disse Elizabeth. — Ela não é que nem eu ou a irmã dela. Sempre achei que ela fosse minimalista. Mas isso? Não se compara com o que eu ou Leana temos no armário.

Ele parou atrás dela.

— Achei que só levaria um minuto para encontrar algo apropriado e que iríamos embora. — Ela empurrou uma fileira de vestidos para um lado, os cabides raspando no metal. — É mais difícil do que achei que seria.

— Por que não me deixa ajudar?

— Não é necessário. — Ela empurrou mais algumas roupas, movendo-se rapidamente e parou, erguendo um vestido branco e virando-se para ele. — Que tal esse?

— Está ótimo, Elizabeth.

— Tem certeza? Quero que ela esteja perfeita.

Uma imagem de Celina como ele a vira pela última vez forçou o caminho na mente dele. Ela estivera esticada, nua, sobre uma mesa de metal fria no porão do necrotério, a pele azulada e pálida, o cabelo molhado em torno de um rosto estranhamente inchado. Uma parte de George morrera naquele momento, dissolvendo-se em algo mais escuro e mais feio.

— Ela estará perfeita — disse ele.

Elizabeth levantou o vestido e inspecionou-o rapidamente. Sem olhar para o marido, ela disse: — Não virei aqui novamente, George.

— Você não precisará voltar. Eu cuidarei de tudo.

Com um último olhar ao redor, eles saíram do apartamento, fechando a porta atrás de si.

* * *

Elizabeth não disse nada dentro do carro.

Com o vestido da filha dobrado como uma barreira entre eles, ela olhou pela janela, o sol refletindo-se em seus olhos de vez em quando, a respiração silenciosa como o interior virtualmente à prova de som da limusine. Ela parecia não notar os dois carros da polícia não identificados que os seguiam.

Ela tinha cinquenta e quatro anos e era linda, as linhas finas ao redor da boca e sob os olhos de alguma forma deixando-a mais bela. Ao observá-la, George lembrou-se de um tempo em que eles eram jovens e felizes, quando se conheceram e não sabiam das tempestades que tinham à frente.

Ele lembrou-se do encontro casual em um jantar na casa de um amigo em comum e como ele lhe dissera, no final da noite, que se casaria com ela. Lembrou-se de lhe roubar um beijo na porta da casa do pai dela e de como o coração dele batia mais rápido quando ela saía de casa para encontrá-lo. Na época, ela era a coisa mais importante na vida dele. Mas e agora?

Se alguém tivesse feito essa pergunta a George há dois meses, ele teria uma resposta. Mas agora? Agora, ele estava a caminho do centro para encontrar-se com o agente funerário que amigos tinham sugerido. Agora, a pessoa que matara a filha deles e causara a explosão dos holofotes ainda estava lá fora, livre. Ele não tinha respostas. Quando a limusine parou em um sinal vermelho, George fechou os olhos e começou a pensar em quem estaria por trás de tudo o que estava acontecendo a eles.

Mas ele não teve oportunidade de pensar.

Na limusine, ele sentiu uma perturbação no ar, uma mudança no silêncio.

A seu lado, ele sentiu Elizabeth enrijecer o corpo.

George viu que ela olhava pela janela do carro. Ele seguiu o olhar dela.

Na esquina da rua movimentada, havia uma banca de jornais. A primeira página do *Post* mostrava uma fotografia de Celina e Eric Parker parados do lado de fora da entrada do prédio da Redman International, de braços dados. Eles estavam vivos, apaixonados e sorrindo.

A manchete era enorme. Uma palavra simples:

COINCIDÊNCIA?

George pegou a mão de Elizabeth.

Quando o sinal ficou verde e o carro avançou, o olhar dele passou para o jornal ao lado do *Post*. A primeira página do *Daily News* mostrava outra fotografia, desta vez dele com Elizabeth e Leana.

A manchete gritava para ele.

SERÃO ELES OS PRÓXIMOS?

CAPÍTULO 41

Quando Leana saiu para encontrar os pais, a manhã estava quente e nublada. Ela atravessou a calçada e entrou na limusine à espera. — Redman International — disse ela para o motorista, sentindo um nó no estômago quando o carro começou a se mover.

Ela estava vestida de forma casual, mas profissional. Quando os encontrasse, ela não queria parecer como se estivesse mostrando a eles que conseguira ir em frente, apesar de saber que estava.

Ela mudara desde a inauguração do prédio do pai. Ela saíra de casa, encontrara um apartamento, conseguira um emprego com o rival do pai, casara-se com Michael Archer.

Ela era independente. Ela realizara seus objetivos, e sem a ajuda deles. Nunca mais ela precisaria da ajuda financeira dos pais. Nunca mais ela teria que depender deles. Isso dava a ela liberdade, mas também um certo tipo de tristeza. Por que sentia como se somente ela própria reconhecesse suas conquistas e que seus pais não as reconheceriam?

O prédio da Redman International entrou em seu campo de visão.

Leana viu um grupo grande de repórteres reunidos do lado de fora. Ela hesitou, sabendo que, para ver os pais, teria que atravessar esse mar de tubarões e suportar o ímpeto das perguntas. Resistindo ao desejo de dar meia volta, ela pediu ao motorista que parasse o mais próximo possível da entrada. Quando o carro parou, ela não esperou o motorista. Abriu a porta, baixou a cabeça e saiu.

Ela avançou, pronta para o assalto.

Mas ele não veio. Ao aproximar-se da multidão, uma limusine preta, seguida de dois carros da polícia sem identificação, parou em frente ao prédio.

Leana deu um passo atrás e observou, surpresa, quando as portas dos dois carros da polícia abriram-se e vários homens saíram.

Mantendo a multidão de repórteres afastada, criando um escudo humano em torno da porta traseira da limusine, os homens protegeram sua mãe e seu pai ao deixarem o carro e encaminharem-se para a entrada.

A multidão estava agitada. Microfones ergueram-se, flashes piscaram, vozes ergueram-se acima do ruído crescente. Eles pressionavam os policiais, gritando para a mãe dela, berrando para o pai dela, tentando em vão obter

informações sobre a morte de Celina, sobre a aquisição da WestTex, sobre a reação deles à morte de Eric Parker.

A polícia estava perdendo o controle. O lugar estava em erupção. Em horror, Leana viu a multidão se mover e derrubar a mãe no chão. George tentou ajudar a esposa a se levantar, mas os fotógrafos sabiam que uma fotografia dela jogada ao chão valia ouro. Eles avançaram ainda mais, tornando praticamente impossível que George a ajudasse. As câmeras estouraram e capturaram o momento para um mundo faminto por mais.

Leana avançou, forçando o caminho pela multidão.

Por um momento, ninguém a reconheceu ao espremer-se para ajudar a mãe a levantar. E então, por um instante, tudo congelou quando o rosto das setenta e cinco pessoas refletiu o reconhecimento.

A renegada estava ali.

Elizabeth olhou para a filha com os olhos arregalados em incredulidade. Uma câmera disparou. George disse o nome de Leana no momento em que a situação explodiu.

A multidão começou a pular, gritar, tirando uma fotografia depois da outra, sabendo que era uma oportunidade única e recusando-se a perdê-la. Determinada a retomar o controle, a polícia empurrou a multidão para trás, gritando ameaças.

Quando o caminho finalmente ficou livre, Leana pegou a mão da mãe e elas correram para a entrada com George ao seu lado, sem parar até que estivessem em segurança dentro do prédio, com as portas fechadas atrás deles.

Por um momento, ninguém disse nada.

Mãe, pai e filha olharam-se, ainda abalados com o que acabara de acontecer. Do lado de fora, a imprensa apinhava-se contra os vidros, disputando uma posição, gravando tudo o que estava acontecendo do lado de dentro.

— Pensei que estivesse ferida — Leana disse à mãe. — Achei que eles a estivessem machucando.

— Eu estou bem — disse Elizabeth. — Estou bem.

— Mas eles a empurraram — disse Leana.

Elizabeth olhou para baixo, viu o rasgão no vestido preto, o arranhado na perna e olhou novamente para Leana. Ela pareceu hesitar e, então, caminhou até Leana e deu um abraço apertado na filha mais nova.

Leana sentiu-se esmagada pelo abraço da mãe. Ela olhou para o pai, mas sentiu uma distância fria. George só a encarou.

— Eu sinto muito — Leana disse à mãe. — Michael e eu viemos assim que recebemos o telefonema de Harold.

Elizabeth afastou-se, retirou uma mecha de cabelos da testa da filha, mas ignorou a menção ao seu casamento. Em vez disso, ela colocou as mãos no rosto

de Leana.

— Eles já descobriram alguma coisa?

Elizabeth balançou a cabeça. — Ainda não. Mas vão.

— Quando vi que você tinha caído, não sabia o que pensar. Primeiro os holofotes, agora Celina. Achei que alguém a tinha atingido. — A voz dela ficou rouca. Ela olhou para o pai. — Eu não deixaria ninguém machucar vocês.

George virou o rosto.

O desprezo foi como um tapa no rosto de Leana. Ela tentou dominar a raiva que crescia dentro dela, mas foi difícil. Ela levou um momento para se recompor. *Mantenha a calma. Pelo menos tente.* — Há alguma coisa que queira me dizer, papai? — perguntou ela baixinho.

George olhou para a filha, fez menção de dizer alguma coisa, mas decidiu deixar passar. Ele começou a caminhar em direção ao elevador da família atrás deles.

Foi o que bastou. Leana foi atrás dele.

Ela passou por Elizabeth. Além dos membros da segurança que os tinham acompanhado, o saguão estava vazio.

A voz de Leana, alta e furiosa, ecoou no espaço enorme. — Não me dê as costas — disse ela. — Se tem alguma coisa a dizer, diga.

O pai dela parou e virou-se. — Muito bem — disse ele. — Quero saber por que você está trabalhando para Louis Ryan.

— Por quê? — disse Leana. — Porque você me jogou fora. Porque eu preciso trabalhar para comer e preciso de um lugar para dormir. Porque você tirou tudo de mim. Porque o tio Harold sugeriu que eu entrasse em contato com ele. Louis me ofereceu um emprego e eu aceitei.

— É, ofereceu — disse George. — E exatamente que emprego é esse, Leana?

Como se você não soubesse. — Vou administrar o novo hotel dele.

— Você vai administrar o novo hotel dele — disse George. — Ora, ora, isso faz todo o sentido do mundo. Eis uma mulher que não tem absolutamente experiência nenhuma em gerenciar nada além de seus sapatos e dos homens com quem ela trepa, e foi chamada para gerenciar o maior hotel de Manhattan. Agora consigo entender por que você conseguiu o emprego. Com todas aquelas camas, você é obviamente a pessoa certa.

— George...

— Fique fora disso, Elizabeth.

— Pelo menos, ele está disposto a me dar uma chance — disse Leana. — Pelo menos ele se interessou por mim, coisa que você nunca fez.

— Você é tão ingênua — disse George. — Diga-me, por que ele está tão

interessado em você? Certamente não é por causa de suas qualificações, então deve ser para me atingir. Não consegue ver isso? É tão cega assim? O homem está usando você. E provavelmente acabará magoando você.

Apesar de Leana saber que parte disso era verdade, ela não o admitiria para o pai. — Como se você se importasse. Além do mais, não acredito nisso — disse ela. — Ele fez coisas por mim que você nunca fez. Ele me tratou como o pai que você nunca foi. — Ela lançou um olhar para ele. — E por que, papai? Por que você nunca me trouxe na Redman International quando eu era pequena? Você trouxe Celina. Você trazia Celina todos os dias. Você a tratou como o filho que nunca teve.

George levantou um dedo para ela. — Deixe Celina fora disso. Você não vai arrastá-la para isso. Não para isso. E não agora.

— Tente me impedir — disse Leana. — Por anos, você deu a ela oportunidades que nunca me deu. Por anos, você a cercou com o amor que se recusou a me dar. Você me negligenciou. Você fez com que eu me sentisse inútil, como se desejasse que eu não tivesse nascido. Você me afastou de sua vida quando eu queria ficar por perto, fez com que eu odiasse minha própria irmã quando deveria tê-la amado. Jesus Cristo, papai, e as pessoas ainda ficam imaginando por que eu me afoguei nas drogas. As pessoas ficam imaginando por que eu estou tão furiosa agora!

— Isso mesmo — disse George. — Coloque a culpa de seus problemas em mim. Não foi assim que fez na clínica de reabilitação? Consiga simpatia acabando com o velho pai? — Ele deu um passo em direção a ela. — Deixe-me lhe dizer uma coisa, garota. A vida inteira, você teve tudo. Você teve coisas que milhões de pessoas nunca terão. Você foi privilegiada e mimada. Então, por favor, não venha com essa besteira de que negligenciei você, porque não é o caso.

Leana balançou a cabeça com tristeza. — Você realmente não entende, não é? Você realmente acha que foi um excelente pai. Que piada. Não ouviu uma palavra do que eu disse. O grande George Redman não comete erros.

— Eu cometi erros — disse George. — Eu admito. Sou humano. Mas você tem se agarrado a esses erros por anos. Você carrega um rancor desde que era pequena. Pode honestamente dizer que você me deu uma chance?

— Sim — disse Leana sem hesitar. — Sim, posso dizer isso.

— Então acho que você é uma pessoa melhor do que eu — disse George. — Parabéns.

Ele começou a se afastar novamente.

Mas Leana foi atrás dele.

— É tão fácil para você — disse ela. — Construir seus prédios. Cuidar de

suas grandes empresas. Viver sua grande vida. Ser aquele grande sonho. O que eu vejo é uma imitação ridícula de um homem que perdeu o controle de si mesmo e do que importa na vida e, por causa disso, agora minha irmã está morta.

Aquilo o deteve.

— É verdade — disse ela. — Aqueles holofotes explodiram há semanas. Por que não protegeu sua família quando obviamente alguém está atrás de nós? Alguém que *você* provavelmente emputeceu. Você acha que virão atrás de mim e da mamãe por causa de alguma coisa que nós fizemos? Caia na real. Quando estivermos mortas, será por causa de alguma coisa que *você* fez, não nós. Você tem sangue nas mãos agora e terá sangue nas mãos quando isso acontecer.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Diga isso a Celina.

— Estive em contato com a polícia diariamente sobre aqueles holofotes.

— De todas as pessoas, *você* deveria ter ficado em cima deles de hora em hora. *Você* deveria ter telefonado para o prefeito. *Você* deveria ter telefonado para o seu amigo governador. Diga isso a Celina também. Você é parcialmente responsável por tudo isso. Você não conseguiu manter sua família em segurança. Você não presta como pai. Você não é o homem que acha que é. Você é um idiota que teve sorte há muitos anos, fez uma fortuna, recolheu as recompensas que vieram com ela e a sorte continuou do seu lado, até parar com a morte da minha irmã. Você é o assassino aqui. Você é um merda e é hora de alguém dizer isso na sua cara.

— Saia já daqui — disse George.

— Se acha que vou deixar minha mãe sozinha com você, está maluco. Você é instável. Saia você daqui.

George olhou para Elizabeth, viu a dor no rosto dela, a derrota nos olhos e notou mais uma coisa: ela estava dando razão a Leana. Ele entrou sozinho no elevador, mal ciente da presença dos repórteres que ainda estavam encostados nos vidros tirando fotografias deles, e pressionou um botão. As portas se fecharam. Ele se fora.

* * *

Em seu estúdio, Michael Archer observou sua mãe atravessar a sala de estar para pegar o filho, viu quando ela caiu sobre ele no sofá cor de damasco, viu quando ela jogou a cabeça para trás e riu quando ele fez cócegas nas costelas

dela.

Nenhum som saiu da boca dela. Mas os olhos brilhavam.

Ele pegou o controle remoto, apontou-o para a televisão, aproximou o zoom e congelou o rosto dela, que parecia feliz. Ele manteve a imagem por alguns segundos e pressionou um botão para passar para a próxima imagem.

Michael inclinou-se em direção à televisão e tentou lembrar-se das cenas perdidas da infância que se desdobravam à sua frente.

Anne Ryan estava na ponta dos pés ao colocar a estrela de latão no topo de uma árvore de Natal decorada com faixas de pipocas, luzes piscando, bolas coloridas. Quando a estrela estava no lugar, ela deu um passo atrás e sorriu. Ela virou-se para a câmera, fez uma mesura, fez uma careta e apontou para o outro lado da sala.

A câmera girou, mostrando um apartamento pequeno e arrumado, festivo e cheio de gente. O pai dele estava sentado em uma cadeira de balanço, segurando uma criança nos braços. Louis beijou a testa da criança e passou o dorso da mão no rosto dela.

Michael colocou o telefone no ouvido. — Como conseguiu esses filmes em DVD? — perguntou ele ao pai, que telefonara há alguns momentos. Louis pedira a Michael que fosse até o estúdio e procurasse na gaveta sob a televisão. Lá, Michael encontrara um DVD player e uma pilha de DVDs.

— Um homem na Terceira Avenida — disse Louis. — Ele coloca velhos filmes caseiros em DVDs. — Houve um momento de silêncio. — Ela é linda, não é?

— Por que não há som?

— Seu avô gravou tudo, com uma câmera velha. Temos sorte de termos algo para assistir.

Michael observou a mãe. Ela usava um vestido branco longo e segurava um coelho da Páscoa de pelúcia em frente ao filho. Ele observou a si mesmo sorrir e gargalhar.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Quero que se lembre de sua mãe como ela era. Faz muito tempo, Michael. Você esqueceu.

— Eu não esqueci — disse Michael. *Eu não esqueci.*

A linha ficou muda.

Quando o telefone tocou trinta minutos depois, Michael estava assistindo ao último DVD, sentindo-se drenado e exausto. Ele pausou o filme e pegou o telefone, achando que fosse o pai.

Não era.

Pelos momentos seguintes, Michael escutou em silêncio o homem que lhe

emprestara o dinheiro em Vegas. Escutou suas ameaças e seus gritos.

— Entendo que, em alguns dias, seu pai lhe pedirá um favor — disse o homem. — Pelo seu bem, espero que o faça, Michael. Porque, se não o fizer, se decidir não matar Redman, seu pai não nos dará o resto do dinheiro. E então o Sr. Santiago me pedirá para fazer um favor a ele.

CAPÍTULO 42

— Como está nessa manhã?

Diana deu as costas para a janela e olhou para Jack Douglas no outro lado da pequena sala de estar. Ele estava parado na porta segurando duas xícaras de café e usando um roupão azul desbotado com manchas de alvejante e mangas puídas.

Diana deu de ombros. — Estou bem — disse ela. — Considerando o que aconteceu.

Jack assentiu. Ele sabia.

Com os olhos inchados pela falta de sono e os cabelos emaranhados, ele caminhou até o centro da sala e sentou-se no sofá. — Fiz café — disse ele. — Quer uma xícara?

Diana disse que adoraria. Ao cruzar a sala, deu-se conta de como era estranho que eles estivessem aqui juntos, dando apoio um ao outro no apartamento dele. Ontem, quando a polícia se fora com Eric, Jack subira até o quarto dela, empacotara algumas coisas para passar a noite fora e dissera a ela que fosse com ele para casa.

Diana não queria ficar sozinha em seu apartamento. Ela ficou grata pela bondade dele e concordou. Agora, ao sentar-se ao lado de Jack, ficou imaginando novamente como alguém envolvido na aquisição da WestTex Incorporated conseguiria passar os próximos dias sem perder o pouco de sanidade que tivesse conseguido manter.

Jack entregou a ela uma das xícaras fumegantes. — Era Harold no telefone há poucos minutos — disse ele. — Ele e o conselho estão reunidos discutindo a WestTex e o Chase desde a noite passada. Frostman tem sido essencial para o avanço das coisas. A papelada está quase pronta. Chase entrou em um acordo conosco e está tudo acertado.

— Então viajamos para o Irã amanhã à tarde?

Jack assentiu, aliviado porque o funeral de Celina estava marcado para a manhã, horas antes que ele, Diana e Harold tivessem que estar no Lear particular da Redman International para voar para Londres e depois para o Irã.

— É um longo voo — disse ele. — Quando chegarmos para assinar os papéis finais, será terça de manhã em Nova Iorque e o negócio da WestTex terá

acabado de finalizar. Harold parece achar que tudo transcorrerá tranquilamente a partir de agora.

Diana deu um sorriso meio estranho e tomou um gole de café.

— Vejo que também está tendo dificuldade em acreditar nisso — disse Jack.

— Pode me culpar?

— Não. Na verdade, eu ficaria surpreso se nada der errado. Aconteceram coisas demais. Minha confiança nesse negócio e na Redman International desmoronou. Alguém está tentando destruir George e a família dele.

— Ainda não encontraram o homem que matou Celina, não é?

Jack balançou a cabeça. Durante toda a noite, ele revivera a morte de Celina, tentando convencer-se de que fizera todo o possível para salvá-la, mas, mesmo assim, sentindo que não fizera o suficiente. — Harold disse que não encontraram nada. Absolutamente nada.

— Você ficará bem?

— O que é ficar bem? Eu sei que, quando esse negócio estiver concluído, darei o fora. Vou sair da Redman International, desaparecer em algum lugar. Antes que possa fazer qualquer coisa, preciso acertar minha cabeça, Diana.

— Você não dormiu na noite passada, dormiu?

— Nem um segundo.

— Nem eu — disse ela. — E estou odiando ter que voltar para o meu apartamento. Se não tivesse que voltar, Jack, eu não iria.

— Então não vá — disse ele. — Você pode ficar aqui até que as coisas se acalmem. Quando estiver pronta para voltar, volte.

— Quisera eu que fosse tão fácil — disse ela. — Mas há uma pilha de pastas que preciso pegar antes de partirmos para o Irã. E a maioria delas está no meu escritório em casa.

Jack terminou o café. — Eu vou com você — disse ele. — Para ser honesto, ficarei agradecido por qualquer coisa que me ajude a não pensar em Celina.

* * *

O ar estava parado quando eles entraram no apartamento dela.

Não havia comoção, nenhum policial falando ao celular, ninguém ajoelhado ao lado dela dizendo que tudo ficaria bem, enquanto ela estava atordoada vendo o corpo de Eric ser retirado do apartamento.

Em vez disso, havia silêncio, fazendo com que se sentisse vazia. Quando

Diana seguiu Jack e entrou no apartamento, ficou pensando em como isso ainda era surreal. Fora ontem que encontraram Eric morto no pé da escada.

Jack deve ter sentido sua inquietação, pois colocou uma mão nas costas dela. — Vamos acabar logo com isso — disse ele. — Onde é o escritório?

Diana acenou em direção à escada, mas não se moveu para subi-la.

— Quer que eu pegue os arquivos para você?

Ela hesitou, mas disse que não. Os arquivos de que precisava estavam guardados na mesa dela, dentro de uma maleta preta. Ela os encontraria mais facilmente e, além disso, ela sabia que Eric estivera usando seu computador na tarde anterior. Ela ainda estava curiosa para saber o que ele procurava. — Mas gostaria que viesse comigo — disse ela.

Quando chegaram ao topo da escada, Diana hesitou brevemente antes de aproximar-se da porta fechada do escritório. Ela virou a maçaneta e empurrou a porta, que se abriu e parou contra o batente de borracha, expondo uma sala simples iluminada pela luz suave do céu nublado.

Ela aproximou-se da mesa, notando as manchas pretas na parte de trás do computador. Jack também as notou. — Parece que seu computador teve alguns problemas — disse ele. — O que acha que ele estava aprontando?

— Não faço ideia.

Mas ela queria saber. Diana sentou-se na mesa e ligou o computador. Mas, quando apertou o botão, não aconteceu nada. Ela viu que o cabo estava fora da tomada. Ao colocá-lo de volta, o computador fez um som estranho, quase como se os circuitos estivessem fritando.

Jack inclinou-se e desligou o cabo.

Diana ficou olhando para a tela. — Ele queimou o computador — disse ela. — Por quê?

— Poderíamos passar o dia inteiro imaginando a resposta.

Ela virou-se na cadeira e olhou em torno, ainda tentando descobrir por que Eric usava o computador e o queimara. Não fazia sentido. Será que ele estava atrás de informações? Mas isso também não fazia sentido. Não havia nada que Eric não soubesse sobre todos os aspectos da Redman International.

Como ela, ele tivera acesso a todos os arquivos e conhecia bem cada um deles. E, mesmo se ele tivesse esquecido de algo nas duas semanas desde a sua demissão – o que, conhecendo-o bem, ela duvidava – ela discutira abertamente vários negócios com ele durante o tempo em que ficaram juntos. Ela o colocara a par de tudo, inclusive da aquisição da WestTex Incorporated.

Não havia nada que ele não soubesse. Ainda assim, usara e quebrara o computador por algum motivo.

Ela olhou para a longa fileira de arquivos de metal na parede esquerda,

pensando se ele encontrara a chave e os abrira.

Ela levantou-se da cadeira. Ao passar por Jack, ela lembrou-se de todas as vezes em que Eric a usara, a machucara, tirara vantagem dela e de todas as vezes em que ela jurara que nunca mais ele teria essa chance.

Agora, ao parar na frente de uma mesa branca onde ficava uma das impressoras, não conseguia deixar de sentir que o filho da puta levara a melhor sobre ela novamente.

Ela removeu a única gaveta da mesa e espalhou o conteúdo no chão. Canetas, lápis e pedaços de papel caíram a seus pés. Grudada na parte de trás da gaveta deveria estar a única cópia da chave dos armários de arquivos. A chave original ficava com ela o tempo todo. Mas se a cópia estivesse ausente ou presa de forma diferente, ela saberia que ele mexera nos arquivos.

Ela virou a gaveta e viu que a chave ainda estava lá, presa com a fita, e ele claramente não a encontrara. Eric não havia mexido nos armários e Diana sentiu-se uma tola. Talvez ele só estivesse entediado, sozinho, e acessara o computador para passear na internet.

Mas por que quebrar o computador?

Jack foi até onde ela estava ajoelhada e começou a juntar as coisas do chão. — Provavelmente não foi nada — disse ele, pegando a gaveta da mão dela e colocando-a de volta na mesa. — Talvez estejamos exagerando.

Diana queria concordar com ele, mas não podia. — O computador não queimou sozinho — disse ela. — Ele era bem novo.

— Mas podemos estar exagerando. Talvez Eric não tenha queimado o computador intencionalmente. Talvez ele tenha queimado sozinho.

Ela considerou a ideia, mas não parecia certa. Eric mentira para ela vezes demais para pensar que isso não fosse nada.

— O que ele ganharia bisbilhotando os arquivos e usando o computador?

Diana só conseguia chegar a uma conclusão: Eric precisava de dinheiro. Ela contara a Jack sobre as contas astronômicas do hospital que ele deveria pagar depois do cancelamento do seguro, sobre os canos que estouraram no apartamento e como a água infiltrara-se no apartamento do andar inferior, destruindo as pinturas e as mobílias da Sra. Aldrich.

— Ela ameaçou processar Eric e ele estava desesperado — disse ela. — Ele estava ficando sem dinheiro rapidamente, sabia que não poderia pagar um advogado, certamente não um advogado decente, e eu não me ofereci para defendê-lo. Antes de deixá-lo sozinho ontem de manhã, perguntei como ele conseguiria o dinheiro de que precisava para cobrir todas essas dívidas.

— O que ele disse?

Passou-se um momento antes que Diana pudesse falar. Ela estivera tão

abatida com as mortes de Celina e Eric que esquecera. — Ele mencionou alguma coisa sobre conversar com Louis Ryan sobre um emprego.

— Louis Ryan? — disse Jack. — Mas George odeia aquele homem. Celina me contou que uma vez Ryan acusou George de ter matado a esposa dele.

Diana não ouviu Jack. Ela não tinha percepção de nada exceto das possibilidades frias que agora estava à sua frente. Como ela pudera esquecer? Choque? Era tudo o que ela tinha. — Todas aquelas rosas — disse ela para si mesma.

— Do que está falando?

Diana foi até a mesa. Na gaveta do lado esquerdo, deveriam estar as pastas que ela reunira sobre a aquisição da WestTex Incorporated. Pastas que Eric não vira nem lera.

Ela abriu a gaveta, sentindo-se apenas ligeiramente aliviada ao ver que a maleta preta brilhante ainda estava lá, no mesmo lugar onde a deixara. Ela retirou a maleta e colocou-a sobre a mesa. Jack aproximou-se por trás dela. Quando Diana abriu as travas de latão, deu-se conta de que, se as pastas estivessem desarrumadas ou se não estivessem lá, ela teria que dizer a George que talvez Eric tivesse vendido as informações a Louis Ryan, ou talvez a outro concorrente, e que os negócios da WestTex e do Irã teriam que ser cancelados.

Ela abriu a maleta.

Dentro dela, havia várias pastas verdes, todas elas vazias. Ela afundou na cadeira. — Elas sumiram — disse Diana. — Ele as roubou.

— Roubou o quê? — perguntou Jack.

— As pastas — disse Diana impacientemente. — Os arquivos sobre a aquisição da WestTex. Os arquivos que detalham todo o negócio com o Irã. Eric as roubou. — Ela fechou a maleta com força, pegou um dos telefones e discou para a recepção. O coração dela batia com força.

Enquanto esperava que alguém atendesse, ela disse para Jack: — Quando Eric estava no hospital, Louis Ryan mandou dezenas de rosas. Na época, achei que ele fosse oferecer um emprego a Eric. — Ela acenou em direção à maleta. — Agora eu sei qual era o emprego.

Um homem atendeu o telefone.

— Billy — disse ela. — Diana Crane. Preciso que me responda algumas perguntas.

— É claro, Srta. Crane.

— Ontem de manhã, quando eu saí, você estava trabalhando, correto?

— Isso mesmo.

— Preciso saber se o Sr. Parker saiu do prédio enquanto eu estava fora.

O homem ficou em silêncio por um momento. Ele limpou a garganta e

disse: — Ele saiu.

Diana fechou os olhos. Ontem, quando ela voltara do mercado e encontrara o apartamento vazio, presumira que Eric estivesse em seu próprio apartamento, analisando os estragos. Sentindo que ele queria ficar sozinho, Diana começara a fazer o almoço. E então George Redman telefonara, contando sobre a morte de Celina e perguntando se ela poderia comparecer a uma reunião emergencial do conselho. Na pressa de sair, ela derrubara dois sacos de compras.

Naquele momento, Diana não se preocupara com a ausência de Eric. Agora, ela sabia que ele não estivera no apartamento dele.

— Ele disse onde foi? — perguntou ela.

— Ele não disse — falou o homem. — Mas, se for de alguma ajuda, posso dizer que, para onde foi, ele foi de limusine.

O homem deu essa informação de forma tão estranha que seus instintos de advogada se aguçaram. Diana sabia que ele queria que ela soubesse de algo que não saberia sem a ajuda dele. Olhando para Jack, ela perguntou: — Ele mesmo pediu o carro?

— Não que eu saiba.

— E presumo que ele tenha voltado no mesmo carro?

— Isso mesmo — disse o homem. Ela podia sentir uma mistura de ânsia e cuidado na voz dele. *Ele está se contendo,* pensou ela. *Vá devagar.*

— Eric estava sozinho? — perguntou ela.

— Estava — disse o homem. — Mas logo depois que subiu para o seu apartamento, ele ligou para a recepção e me disse que estava esperando amigos, e que eu deveria simplesmente mandá-los subir quando chegassem.

Diana olhou para Jack. — Quem eram os amigos dele, Billy? Você os reconheceu?

O silêncio que se seguiu ondulou como o calor subindo do asfalto.

— Não reconheci nenhum deles — disse ele baixinho.

Naquele momento, Diana soube que ele estava mentindo.

— Billy — disse ela com cuidado. — É muito importante que eu saiba quem veio ao meu apartamento. É muito importante que me diga se reconheceu alguém. Por favor, diga-me. Não precisa ter medo. Seu nome nunca será mencionado. Se você sabe de alguma coisa, precisa me contar.

Diana quase podia sentir o homem tomando uma decisão, pesando seja lá o que for que ele achava que precisava ser pesado. E então ele disse: — Só reconheci um deles — disse ele, a voz mais forte do que há alguns momentos. — E não vou deixar que ele me intimide por mais tempo.

Diana enrijeceu o corpo e inclinou-se para a frente. — Do que está falando, Billy? Quem está tentando intimidá-lo?

— Mario De Cicco — disse o homem. — O chefão da Máfia. Ele e os amigos dele vieram logo depois que o primeiro amigo do Sr. Parker saiu com todas aquelas pastas. Ele me disse que, se alguém ficasse sabendo que ele estivera no Redman Place, ele faria com que eu e minha família nos arrependêssemos para o resto da vida.

* * *

Da van parada na rua Cinquenta e Nove, Spocatti esperou até que Diana Crane desligasse o telefone antes de remover os fones de ouvido e ficou parado pensando. Cuidadosamente, ele analisou as possibilidades que agora tinha à frente, ponderou algumas ideias e tomou uma decisão.

Ele levantou do assento na parte de trás da van, foi para a frente do veículo, onde pegou o celular e ligou para o número particular de Louis Ryan.

Enquanto esperava que Ryan atendesse, ele ouviu o barulho do trânsito do lado de fora. Ocorreu a ele que essa história estava chegando ao fim. O tempo dele em Manhattan estava acabando. Para sua própria segurança e proteção, ele sabia que logo teria que implementar uma série de planos que não só alterariam o futuro que Louis Ryan planejara para George Redman, a família dele e o império dos Redman, mas que também garantiriam a ele uma partida em segurança.

Redman e a família dele iriam, sim, morrer depois da queda da Redman International, mas não seria como Louis Ryan planejara.

Ryan atendeu o telefone. Spocatti contou a ele tudo o que acontecera nos últimos vinte minutos no apartamento de Diana Crane. Disse a ele o que tinha que ser feito. Passou-se um momento antes que Louis respondesse. — E você tem certeza de que isso funcionará? — perguntou ele.

A tensão na voz de Ryan o deixou feliz. — Não há certezas, Louis. Mas posso prometer uma coisa: se quer que a Redman International desmorone, se quiser que Redman queime por causa do que fez com sua esposa, é assim que tem que ser. Não há outra opção.

CAPÍTULO 43

— Eric foi assassinado — disse Diana. — Tenho certeza disso.

Jack sentou-se na beira da mesa de Diana. Enquanto ela contava os detalhes da conversa com Billy, o porteiro, ele não pôde deixar de sentir que eles estavam no limiar de uma série de revelações que, no final, os levaria à pessoa responsável pela morte de Celina.

— Onde está Billy agora? — perguntou ele.

— No saguão. O intervalo dele é daqui a quinze minutos. Pedi que viesse aqui.

— Você não acha que ele fugirá, acha?

— Duvido — disse ela. — Agora, mais do que nunca, ele precisa de ajuda. Nossa ajuda.

Satisfeito, Jack observou enquanto ela procurava papel e caneta dentro da gaveta. Diana começou a escrever. — O que está fazendo? — perguntou ele.

— Antes de telefonarmos para George, quero organizar os fatos, então espere um minuto enquanto anoto tudo. Conversaremos quando eu terminar.

Jack afastou-se da mesa e caminhou para a janela do outro lado da sala, com vista para o Central Park. O céu estava escurecendo, ameaçando chuva. O vento batia com força nas árvores, balançando as folhas para cima e expondo um tom mais claro de verde.

Diana largou a caneta na mesa.

— Por quê? — disse ela. — Por que Mario De Cicco mataria Eric? Não faz sentido.

Jack afastou o olhar da janela. A última vez que ele ouvira falar no nome de Mario De Cicco fora na noite em que Eric fora atacado. Ele disse isso a Diana.

— Celina e Leana estavam lá? Por que não fizeram alguma coisa?

— Acho que porque você estava cuidando da situação.

— Cuidando da situação? — perguntou Diana. — Eu acabara de ser atacada. Eu estava lidando com a situação tanto quanto elas. — E então ela se deu conta de como era estranho que Leana estivesse lá. Celina morava lá, fazia sentido. Mas Leana? Leana não morava no Redman Place. — Leana estava sozinha? — perguntou ela.

— Ela estava com dois homens.

— Como eles eram?

— Faz algum tempo, Diana.

Ela olhou para ele.

— Eu não sei — disse ele. — Dois brutos. Calças pretas, camisas pretas.

A mente de Diana voltou àquela noite. Os dois homens que invadiram o quarto de Eric estavam vestidos de preto.

— Quando Celina chamou o nome da irmã, eles levaram Leana embora — disse ele. — Foi quando Celina disse o nome de Mario De Cicco.

Diana recostou-se na cadeira. — Há dois anos, Leana teve um caso com De Cicco. Ela veio uma tarde ao meu escritório, dizendo que estava apaixonada por ele. Eu sempre gostei de Leana. E eu sempre odiei a forma como George a trata. Eu acho que ela sente isso. Não éramos exatamente amigas, mas ela confiava em mim. Nesses anos, ela me pedia conselhos ou parava para dizer olá. Não sei por que ela me contou sobre o caso com De Cicco, mas contou. Talvez ela precisasse somente de uma confidente. Talvez achasse que, por eu ser advogada, manteria minha boca fechada, o que eu fiz. Ela não tem muitos amigos.

— De Cicco estava apaixonado por ela?

— Não faço ideia. Eu disse a ela para se afastar dele, mas ela não me ouviu. O que não é surpresa. Leana não ouve ninguém.

— Acha que ela está por trás disso?

— Eu não descartaria a ideia — disse Diana. — Ontem, Eric me contou que ele e Leana quase dormiram juntos na noite da inauguração da Redman International. Ele me disse que alguém deve tê-los denunciado a Celina, porque ela entrou no quarto e os pegou juntos na cama. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Se Eric achou que foi Leana, não há como dizer o que ele faria a ela. Ou o que fez a ela.

— Acha que ele a ameaçou?

— Talvez.

— Se ele fez isso e ela pediu ajuda a De Cicco, não há como dizer o que ele faria a Eric.

Parecia plausível, mas Diana não gostava de trabalhar com suposições. — É uma possibilidade — disse ela. — E é só o que temos, uma possibilidade. No mínimo, George deve saber o que sabemos. — Ela olhou para o relógio. — Billy chegará em alguns minutos. Vamos telefonar para George agora.

Ela estendeu a mão para pegar o telefone no momento em que ele tocou. Diana atendeu. — É o Billy, Srta. Crane. Um Sr. Timothy Parker está aqui para vê-la. Posso mandá-lo subir?

* * *

Jack seguiu Diana até o andar inferior.

— Você conhece o irmão mais novo de Eric? — perguntou ele.

Diana assentiu. — Ele estuda direito em Yale. Nesse verão, ele está fazendo um curso de lei constitucional e eu ajudei algumas vezes pelo telefone. Os pais de Eric têm uns oitenta anos e Tim provavelmente veio em nome deles para cuidar de Eric.

Eles encaminharam-se para o vestíbulo.

— E por que ele viria aqui?

Diana deu de ombros. — Tim sabe que eu e Eric estávamos saindo juntos. Tenho certeza de que ele sabe o que aconteceu com Celina e pensou que seria o lugar lógico para vir antes de ir ao necrotério. — Ela imaginou o que Jack estava pensando e disse: — Não se preocupe, ele não vai demorar. No momento em que ele for embora, telefonaremos para George.

Eles ouviram uma batida na porta. Diana não sabia se conseguiria dar conforto ao irmão de Eric quando ela própria ainda não lidara com a morte dele. Decidindo que não havia outro jeito, ela girou a maçaneta, tropeçando para trás quando a porta foi empurrada com força.

Diana bateu em uma mesinha lateral e caiu no chão. A cabeça bateu contra o chão e o braço ficou estranhamente torcido atrás dela.

O homem que invadiu o apartamento não era Timothy Parker. Esse homem era alto, as feições duras, o cabelo escuro brilhante.

Quando Jack avançou rapidamente para ajudar Diana, o intruso bateu a porta e tirou uma arma do bolso interno do casaco, pressionando-a contra a testa de Jack.

Quando o aço gelado encostou na pele, os olhos deles se encontraram.

Vincent Spocatti engatou o gatilho.

O reconhecimento invadiu o rosto de Jack Douglas.

Esse homem era o assassino de Celina.

CAPÍTULO 44

A secretária tentou, mas não conseguiu deter Leana quando ela passou rapidamente pela mesa da mulher e entrou no escritório de Louis Ryan. O cabelo e as roupas estavam molhados da chuva que açoitava as ruas.

Espantado, Ryan deu as costas para a janela, encarou Leana e acenou para a secretária quando ela entrou correndo. — Está tudo bem, Judy — disse ele. — Leana é bem-vinda a qualquer momento.

A secretária olhou aborrecida para Leana e fechou a porta ao sair.

Louis atravessou o aposento e foi até o banheiro privativo atrás de uma das portas à esquerda. — Você está encharcada — disse ele. — Vou pegar uma toalha para que se seque.

Leana passou a mão pelo cabelo ao observá-lo. Ela ainda estava tentando esquecer a discussão que tivera com o pai, mas era impossível. Ela fora encontrar os pais com a melhor das intenções e, apesar do abraço surpreendente da mãe, ela os deixara em pedaços.

Nunca seremos próximos, ela pensou. *Ele me odeia.*

Mas isso não significava que ela não pudesse ajudar a encontrar o assassino de Celina.

Ela sabia que o pai esgotara a enorme rede de contatos, fizera pressão onde seria mais eficiente, mas ele não tinha o tipo de contatos que ela tinha. Ele não tinha acesso ao imenso submundo de poder que ela tinha. Os contatos dela estavam entre os homens mais poderosos de Nova Iorque.

— Desculpe-me por entrar assim — disse ela. — Mas preciso falar com você.

Ryan saiu do banheiro com uma toalha grossa azul escura sobre o braço. Com uma expressão de simpatia, ele veio até ela e lhe entregou a toalha. — Estive tentando falar com você desde que ouvi a notícia — disse ele. — Liguei para o seu apartamento e o seu celular. Entendo por que não atendeu. Lamento pelo que aconteceu com sua irmã, Leana.

Leana passou a toalha no rosto. Mais tarde, ela contaria a ele também que não a encontrara porque ela estava em Monte Carlo, casando-se com Michael Archer. Agora, ela tinha uma coisa mais importante para discutir com ele.

— Celina é meu motivo para vir aqui — disse ela. — Quero que me ajude a

encontrar o homem que a matou. Você tem poder, Louis. Você tem contatos. Junto com meu pai, encontraremos quem fez isso.

Ryan a encarou, mas não disse nada.

— Eu preciso de você — disse Leana. — Ajude-me, por favor.

Louis suspirou. — Você está me pedindo para ajudar George Redman.

Ela esperava resistência e estava preparada. — De certa forma, sim — disse ela. — Mas, na verdade, estou pedindo que ajude a mim e à minha irmã. Se não o fizer, não poderei trabalhar para você, Louis. Não estarei na inauguração do hotel. Lamento muito, mas não posso, sabendo como você pode me ajudar.

Ela entregou a toalha a ele, que a jogou no banheiro e fechou a porta.

— Ambos sabemos que o que você quer é que eu inaugure o hotel — disse ela. — Não sou burra. Eu entendo a situação. Você quer minha presença registrada pela imprensa. Você quer ridicularizar meu pai. Agora, depois da discussão que tive com ele, uma parte de mim também quer. Mas minha irmã vem em primeiro lugar. Se ainda quiser que isso aconteça, estou pedindo sua ajuda.

Os olhos de Louis suavizaram-se. — Leana — disse ele, — não importa como me sinto a respeito de seu pai, eu nunca desejaria que isso acontecesse a ele ou a você. O que aconteceu com sua irmã é uma tragédia. A pessoa responsável por isso deveria pagar com a vida.

Ele estava sendo sincero. Ela podia ouvi-lo na voz dele, vê-lo no rosto dele, e isso a surpreendeu. — Então vai me ajudar? — perguntou ela. — Fará o que puder?

Ryan ergueu a cabeça como se a estivesse analisando. — É claro, vou ajudá-la. Vou dar alguns telefonemas, conheço as pessoas certas. Juntos, encontraremos quem fez isso.

Leana agradeceu e virou-se para sair.

— Antes de sair, eu gostaria de conversar com você sobre a noite da inauguração. É daqui a duas noites e ainda não a discutimos. Eu sei que não é uma boa hora, mas pode me dar um minuto?

Leana hesitou. — Claro — disse ela.

— Os convites foram enviados na semana passada — Louis disse. — E tivemos uma resposta impressionante. Todos os que importam em Manhattan e em várias partes do mundo estarão lá, juntamente com a imprensa. Eles estão esperando algum tipo de discurso.

Leana balançou a cabeça. — Louis, serei franca com você. Vou à festa de inauguração, como prometido, e me misturarei com a multidão como quer que eu faça, mas duvido que eu tenha o tempo ou a concentração para escrever um discurso, sem falar na energia para discursar. Minha irmã está morta. Alguém

está tentando destruir a minha família.

— O discurso já está escrito — disse Louis. — Zack Anderson o escreveu. É curto e direto ao ponto. As pessoas simpatizarão com você. Tem o tom certo. Eu o li. Zack está preparando uma cópia final para nós.

Leana encolheu-se diante da ideia de ter que lidar com o assistente, Zack Anderson. Uma de suas primeiras ações como gerente seria demiti-lo. — E se eu não gostar dele? — perguntou ela.

— Então faça as mudanças que quiser. Você é a gerente desse hotel, Leana. A palavra é sua.

— Está bem — disse Leana. — Eu o farei. Mas tem mais uma coisa. Preciso de segurança. Pode providenciar? Não há como saber quem estará naquela multidão ou quem poderá entrar. Quero ser protegida.

— Já cuidei disso — Louis disse. — O prédio estará sob vigilância completa. Haverá homens e mulheres em roupas sociais que estarão lá para acompanhá-la e protegê-la. Você verá guardas no aposento e em todas as entradas, bem como todas as outras pessoas. — Ele fez uma pausa. — Além disso, um de meus melhores homens cuidará de você. Ele ficará com você a noite inteira.

* * *

Quando saiu do escritório de Ryan, ela parou sob um toldo na rua Quarenta e Sete, pegou o celular da bolsa e discou.

A chuva caía em cortinas na avenida, açoitando os carros, a multidão nas calçadas e os prédios. Finalmente, um homem atendeu. — Mario's — disse a voz.

— Aqui é Leana Archer — disse ela. — Preciso falar com Mario.

— Quem é?

Ele não reconheceu o nome de casada dela. — Leana Redman — disse ela, gritando acima do som do vento. — Preciso falar com ele. Ele está?

— Mario não está — disse o homem. — Ele acabou de sair.

— É importante — disse Leana. — Sabe aonde ele foi?

O homem não sabia de nada.

* * *

A limusine reduziu a velocidade em frente ao depósito de tijolos, Harold Baines terminou de injetar a última dose de heroína na pele maltratada do braço esquerdo e sentiu a droga atingi-lo em formas que ofereciam a liberdade que ele não teria sem ela.

Ele retirou a agulha da veia inchada e notou que nem uma gota de sangue vazou para a pele macilenta. Apesar da veia estar visível, era como se tivesse secado, tornando-se nada além de um cordão roxo sem vida.

A chuva batia contra o teto do carro. Enquanto a droga transformava seu mundo em uma ilusão de paz, Harold olhou pela janela do carro para o prédio decrépito.

Ele brilhava na chuva e parecia chamá-lo, aquele prédio com tijolos apodrecidos e fachada destruída. As paredes brilhantes caindo aos pedaços pareciam oferecer a ele consolo, provavelmente porque ele sabia o que estava além delas.

Várias limusines estavam paradas ao longo da rua, com os motores em ponto morto. Harold olhou para o relógio, apertou os olhos para ver as horas e pegou a maleta no banco ao seu lado. Ele bateu com o nó dos dedos no vidro escuro que separava o motorista do passageiro e o vidro desceu. — Vou demorar um pouco — disse ele. — Mas quero que espere. Posso sair mais cedo.

O motorista assentiu.

Harold protegeu-se da chuva, saiu correndo do carro e atravessou a rua escorregadia. A água espirrou à volta dos pés, encharcando os sapatos. Ele sentia-se zonzo por causa da heroína, mas prosseguiu. Ao chegar na entrada do prédio, as roupas estavam ensopadas e ele estava sem fôlego. Os conjuntos de veias nas têmporas batiam como asas de pequenos pássaros.

A porta abriu-se ligeiramente, revelando uma escuridão interrompida por flashes de luz azul. Acima da música que martelava nos andares acima, ele conseguiu ouvir o murmurar da multidão. Harold olhou atrás de si, pela chuva intensa, ciente de que Louis Ryan poderia tê-lo seguido novamente, mas não se importava. Nada poderia atingi-lo agora. Harold sentia-se invencível.

Lá dentro, um homem em uma fantasia de gorila aceitou a maleta dele, entregando-a para uma mulher nua embrulhada em plástico que a colocou no chão, juntamente com várias outras maletas. Um homem vestindo apenas calças de couro conferiu o conteúdo e assentiu para o gorila.

Harold captou o movimento e a mulher embrulhada em plástico apontou para a escada atrás dele. — Há bastante gente — disse ela em uma voz artificialmente profunda. — Uma das melhores multidões que já vi.

Harold subiu a escada o mais rápido que pôde, querendo colocar distância

entre eles. Ele raramente falava com alguém nesses clubes. Normalmente ele preferia somente assistir, algumas vezes participar. Apesar de ter certeza de que alguns membros o reconheciam de festas na Quinta e na Park, era melhor presumir que não o reconheciam e permanecer uma das sombras anônimas que se moviam ao longo das paredes escuras.

Sem fôlego, ele chegou ao andar principal. Ao atravessar a entrada e entrar na sala cavernosa, sua própria essência respirando nos arredores escuros, ele juntou-se à fila de pessoas que retiravam as roupas na recepção.

Ele ficou escutando. Executivos da Wall Street falavam sobre firmas a evitar. Alguém estava falando sobre as barganhas disponíveis no mercado imobiliário. Uma mulher em um vestido Dior e botas de salto alto falava sobre seu casamento recente e contava a uma amiga que o novo marido não sabia nada sobre isso. — Ele tem os esportes dele, eu tenho os meus. Somos uma família atlética. — Elas riram.

Harold ouvia tudo, mas nada ficava registrado em sua mente. Quando ele tirou a camisa, viu o jovem.

Alto e escuro, o corpo enrijecido provavelmente por inúmeras seções na academia, o homem olhou duas vezes para Harold ao passar por ele. Harold capturou o olhar dele, manteve-o por um instante e achou que o homem era belo.

O homem encostou-se em uma gaiola de metal, os olhos escuros brilhando. Seu pênis estava rígido. Ele olhou para Harold e o provocou com um meio sorriso. Observando-o e admirando seu físico, Harold ficou dolorosamente consciente de seu próprio corpo, tão magro, uma sombra vaga da juventude, com as roupas penduradas como pele morta em uma cobra envelhecida. Ele entregou as roupas na recepção, esticou a mão virada para baixo e ela prontamente escreveu o número "258" com marcador preto.

— Agora divirta-se — disse ela com um sorriso. Mas, para ela, era um sorriso que refletia desespero e solidão. Era um sorriso que a vida e as drogas tinham consumido.

Harold conhecia aquele sorriso, que estava também em seu rosto. Ele pensou rapidamente em Celina, sabia que, por causa de sua covardia, ela estava morta e foi atingido novamente por uma onda de ódio por si mesmo.

Ele empurrou o pensamento para o fundo da mente, determinado a não lidar com ele porque, na realidade, isso acabaria com a sua onda. Ele aproximou-se do jovem apoiado contra a gaiola de metal e parou em frente a ele. A música soava em cada poro de seu corpo. Eles se encararam e o sorriso do jovem ampliou-se.

E então ele beijou Harold. Sua língua percorreu as curvas dos lábios de Harold e escorregou para dentro deles. Harold sentiu que sua mão foi agarrada pela mão do jovem, que a arrastou até o volume entre as pernas dele. Ele abriu

os olhos e viu que os olhos do homem estavam fechados. Ele estava tão tomado no momento que retribuiu o beijo. Ele apertou o pau do homem com mais força e ficou encantado com o tamanho. Grosso que nem uma tora, com prepúcio. Harold se ajoelhou e o colocou na boca.

Mas era grande demais. Harold apertou as mãos contra as coxas do homem e sacudiu a cabeça, esforçando-se para não engasgar. Mas era impossível respirar. O homem ficou mais violento em seu ímpeto e assustou Harold em grau tal que, por algum motivo que ele desconhecia, estava excitado. Harold estava a ponto de desmaiar por falta de oxigênio quando o homem tirou o pau e o pôs de pé novamente.

O rosto de Harold estava úmido de saliva. A música pulsava pelo seu corpo; sentia a garganta e a mandíbula como que violentadas. O ambiente todo girava e a sensação o deixou feliz — feliz por estar em meio àquele zumbido, indício inconteste de que a realidade não existia.

— Por que não saímos daqui? — perguntou-lhe o homem ao pé do ouvido. — Podemos ir lá para a minha casa, com mais privacidade. Lá tem um quarto cheio de uns brinquedinhos que esse lugar nunca nem ouviu falar.

* * *

A limusine avançou pelo trânsito.

À medida que o tempo e a cidade passavam, a mente de Harold clareou. Seus sentidos não estavam mais amortecidos pela heroína que injetara mais cedo. Sua consciência não estava mais embotada pela torrente de drogas.

Amanhã de manhã, ele deveria ir ao funeral da filha de seu melhor amigo. Amanhã à tarde, ele deveria subir em um avião para o Irã. Um país que, por causa dele, não tinha futuro para a Redman International.

A quantos outros funerais ele teria que ir nas próximas semanas? Quantas pessoas mais morreriam porque ele não queria se entregar?

E a necessidade o invadiu.

Ele abriu o armário de bebidas, retirou a bolsa de couro preto e abriu o zíper, expondo a seringa usada, o frasco semivazio de heroína. Harold olhou para o jovem sentado ao seu lado, observou rapidamente o belo rosto e viu um mundo de promessas brilhando nos olhos azuis. Qual era o nome dele? Derrick?

— Quer um pouco? — disse ele. — Você quer...

O jovem segurou seu braço. — Não faça isso — disse ele. — Essa merda matou um amigo meu e vai foder com você.

Harold não conseguiu segurar a risada. Esse garoto sabia o que estava dizendo? — Já estou fodido — disse ele. — Muito além de fodido. Solte meu braço.

Mas o jovem estava puxando a bolsa das mãos de Harold. Ele abaixou o vidro e jogou-a para fora.

Horrorizado, Harold observou-a sumir enquanto o carro se afastava. — Qual é o problema com você? — gritou ele, mais de medo que de raiva. — Qual é o seu problema!

O jovem ajoelhou-se e abriu o zíper de Harold. — Vou lhe dar um barato de verdade.

* * *

Eles chegaram a um prédio de aparência modesta na rua Doze.

O carro parou no meio-fio, Derrick ergueu a cabeça do colo de Harold e olhou pela janela. — Chegamos — disse ele a Harold. — Vamos, ficaremos mais confortáveis lá dentro.

Harold olhou para o prédio surpreso: ele era lindo. Apesar de ainda estar chovendo, o sol tinha surgido por entre as nuvens e brilhava contra a fachada de tijolos do prédio. — Você mora aqui? — perguntou ele.

— Isso mesmo.

— Com o que você trabalha?

Seguiu-se um silêncio desconfortável. — Olhe — disse o jovem. — Gosto de ser discreto. Você não me conhece e eu não conheço você. Nós nos divertiremos, prometo. Mas não vai além disso. Ok?

Harold o queria e assentiu.

Eles saíram do carro.

Lá dentro, a casa era grande, aconchegante e tinha o perfume de rosas. Com seu interesse despertado, Harold avançou no vestíbulo espaçoso e viu vasos cheios de flores, mesinhas Chippendale, pinturas cobrindo as paredes.

Ele soube que havia algo de errado antes mesmo que Derrick trancasse a porta atrás deles. Esse homem nunca poderia sustentar tanta opulência, nunca poderia ter um Matisse original.

Virando-se para protestar, Harold ouviu o som de uma porta se fechando e passos no parquete.

— Bom trabalho, Derrick — ele ouviu um homem dizer. — Ele está limpo?

— Está limpo — disse Derrick. — Eu mesmo joguei a heroína pela janela.

— Excelente. Fale com Nick ao sair, ele lhe dará o dinheiro que acertamos.

Um calafrio percorreu Harold. Sabendo que fora enganado, ele olhou rapidamente para trás, vendo-se frente à frente com Mario De Cicco.

CAPÍTULO 45

Fios de vapor perfumados saíam do bule de prata, espalhando-se pelo ar fumacento e viciado. Lucia De Cicco cruzou as pernas e olhou com irritação para a criada uniformizada que inclinou-se sobre a mesa e serviu o líquido quente em duas xícaras de porcelana.

Ela queria ficar sozinha com o pai de Mario, queria falar com ele em particular. E queria que a mulher fosse embora.

— Deseja mais alguma coisa, Sr. De Cicco?

Antonio De Cicco lançou um sorriso tão surpreendentemente sugestivo à moça que Lucia imediatamente começou a suspeitar do relacionamento entre eles.

— Não, Gloria — disse ele. — É tudo por enquanto.

A mulher deixou a sala.

De Cicco inclinou-se para a frente, escolheu uma das xícaras da bandeja de prata e ergueu-a aos lábios. Eles estavam na biblioteca de sua mansão em Todt Hill e a fumaça do eterno charuto dele estava começando a provocar ardência nos olhos de Lucia.

Ela observou o homem sentado à sua frente. Ele era realmente impressionante. Vestido imaculadamente em um terno cinza, o rosto bronzeado pelo tempo passado ao sol, Antonio De Cicco estava beirando os setenta anos, mas tinha aparência de cinquenta.

Envergonhado de suas origens modestas na Sicília, e tão vaidoso quanto uma pessoa podia ser, Antonio De Cicco trabalhara duro para parecer tão profissional e educado quanto qualquer pessoa de Wall Street. A ilusão funcionava. Mas, quando ele abria a boca, sua pouca educação ficava constrangedoramente aparente.

— Vai beber o café? — perguntou ele.

Lucia balançou a cabeça, brincou com o broche de diamantes preso à lapela do casaco branco e disse: — Precisamos conversar.

— Imaginei isso na outra noite, quando você telefonou e disse que precisava conversar comigo.

O humor dele não passou desapercebido. Ela sorriu, mesmo estando tensa.

— Sinto muito por não termos conversado naquela noite, mas as coisas têm

estado meio movimentadas por aqui — disse ele. — Então, qual é o problema?

Lucia mediu as palavras com cuidado. — É Mario — disse ela. — Ele está dormindo com Leana Redman novamente. Tenho certeza.

De Cicco a estudou. — Lucia — disse ele. — Lucia, de onde você tira essas ideias malucas? Mario não é burro. Ele sabe que eu mataria a garota se ele fizesse uma merda dessas. Já conversamos sobre isso.

— Não me importa o que ele sabe — disse ela. — É a verdade. Quando telefonei para você na sexta à noite, ele tinha acabado de sair para encontrá-la em um dos malditos abrigos. Ele admitiu para mim, Tio Tony. E disse que, se eu contasse a você, se alguma coisa acontecesse a ele ou a Leana, faria com que eu me arrependesse para o resto da vida.

— Mario disse isso?

Lucia assentiu. — Ele me assustou.

— Você tem alguma prova de que ele anda trepando com ela?

— Não. Mas eu sei que ele está. Ela telefona o tempo inteiro e há meses que ele não chega perto de mim. Vou para a cama sozinha e, quando acordo, ele está no quarto de hóspedes. Estou lutando pelo meu casamento e Mario parece determinado a acabar com ele. Pode fazer alguma coisa?

De Cicco tragou o charuto. Ele conhecia essa mulher desde que ela era criança e a amava como se fosse sua própria filha. A vida dela estava sendo ameaçada e, mesmo assim, ela deixara a segurança de sua casa e viera pedir ajuda. Apesar de não estar inteiramente convencido de que Mario estava dormindo com Leana – a mulher não acabara de casar-se com Michael Archer? – ele pelo menos consideraria o pedido de Lucia.

— O que quer que eu faça?

Os olhos de Lucia escureceram. — Quero que a mate — disse ela. — Quero que você a mate para que eu e Mario possamos começar de novo.

De Cicco nem piscou. — E como quer que isso seja feito?

— Isso é com você — disse ela. — Mas de uma coisa eu sei: na terça à noite, ela estará na abertura do Hotel Fifth. Estou acompanhando a história no *Daily News* e é quase certo que ela faça um discurso. Ela é a gerente do hotel.

De Cicco a observou intensamente.

— O mundo estará lá — disse ela.

— E um mundo de segurança também.

— Você consegue lidar com a segurança. Será um dos momentos de maior orgulho para ela. — Ela sabia que isso o convenceria. — Talvez essa seja a hora...?

* * *

A mulher que descia a rua Doze certamente parecia uma mãe.

Vestida casualmente em jeans desbotados e uma camiseta simples larga, o cabelo preso para trás mostrando um rosto de ossos salientes, ela empurrava o carrinho cor-de-rosa pela calçada, conversando com um bebê que não existia.

Ao avançar, ela evitava cuidadosamente os buracos no cimento, sabendo que qualquer movimento súbito e brusco poderia fazer com que ela, e a área em volta dela, explodissem em mil pedaços.

Por sorte, a chuva parara. Spocatti não dera a ela um plano alternativo de ação. Se o céu não tivesse clareado, ela não sabia com certeza como executaria o plano. Mas isso não era totalmente verdade. Ela era uma agente operacional altamente treinada e tinha confiança absoluta em seu treinamento. Ela teria achado um jeito. Spocatti sabia disso e ela sabia disso. Ela só queria que o tempo cooperasse.

Ela moveu-se contra a brisa, abaixando-se sob as árvores banhadas pelo sol. A mente mantinha-se alerta e concentrada. Os olhos estavam ocultos atrás de óculos escuros.

Ela podia vê-los do outro lado da rua, parados em frente a uma casa atraente, guardando a entrada com seus corpos enormes. Havia somente dois deles, como ela sabia que seria, ambos jovens e bonitos, as armas escondidas sob casacos de chuva longos e pretos.

Eles eram idiotas. Não conseguiriam machucá-la. Ela os esmagaria.

À frente, estava o carro dele.

Parado no meio-fio, o Taurus preto parecia chamá-la, brilhando sob o sol da manhã. A limusine estacionada atrás dele foi uma surpresa inesperada que a agradou, pois sua presença bloquearia a visão deles quando ela se abaixasse ao lado do carro de Mario, agora a menos de vinte metros.

Ao aproximar-se dele, os homens na escada olharam um para o outro, disseram algo que ela não conseguiu ouvir e começaram a observá-la. Cantando suavemente para os explosivos escondidos dentro do carrinho, ela olhou para a rua mais adiante e viu um casal idoso sentado em um banco. Além dela, dos homens e do motorista da limusine, eles eram as únicas pessoas à vista.

Ela continuou avançando, ciente de que os homens tinham descido a escada e agora a observavam abertamente. O tempo certo era essencial.

Ao aproximar-se do carro, ela esticou o braço para o carrinho como se fosse arrumar um cobertor ou uma mamadeira. Em vez disso, ela jogou para fora um dos quatro bichos de pelúcia que compunham o interior cor-de-rosa de cetim. Ela

fez com que parecesse que uma criança o jogara. O elefante de pelúcia bateu no meio-fio e rolou até parar do lado da roda traseira direita do Taurus.

A mulher parou e olhou irritada para o carrinho. — Jillian — disse ela, a voz alta o suficiente para ser ouvida do outro lado da rua. — Essa é a segunda vez. Se continuar jogando os brinquedos para fora do carrinho, vai estragá-los. Comporte-se ou vamos para casa.

Um dos homens riu. A mulher olhou além do Taurus, sobre o teto preto brilhante da limusine e sorriu para ele. Ela era linda quando sorria.

— Minha filha vai acabar comigo — disse ela.

O homem interpretou aquilo como um convite. Ele começou a atravessar a rua, deixando o amigo na base da escada. — Eu adoro crianças — disse ele. — Que idade ela tem?

A arma dela estava ao alcance da mão, escondida sob a coberta. Como em todo trabalho que aceitava, ela viera preparada para morrer. Se precisasse, lutaria com ele até a morte, confiante que, se perdesse, sua filha, que estava bem longe daqui, herdaria o dinheiro que Spocatti já depositara para ela em uma conta de um banco na Suíça.

— Um ano e meio — disse ela, o sorriso inalterado. — E parece que ela tem a força do pai. — O homem passou pela limusine e a mão dela aproximou-se da arma. Se ele chegasse perto demais, veria que não tinha bebê nenhum no carrinho e ela teria que agir.

O amigo dele avançou até a rua, levantou as mãos e o casaco abriu-se, expondo a arma aninhada perto do peito.

— Ei! — gritou ele. — Qual é, cara. Que merda você está fazendo? Volte já aqui e deixe a moça em paz. Mario ficará furioso se pegar você aí.

O homem parou e olhou duramente para o amigo.

— Você sabe que a Sra. De Cicco chegará em casa logo — disse o amigo. — E sabe que ela é paranoica com segurança. Ela vai estourar suas bolas se o vir conversando com a garota. Volte para cá.

Ela podia sentir o homem pesando a decisão: desistir e juntar-se ao amigo, ou mandá-lo para o inferno e olhar o bebê. Os olhos deles se encontraram e ele deu de ombros.

— Sinto muito — disse ele. — Talvez outra hora, ok?

Ela sorriu para ele, com ar de compreensão.

Ao virar-se de costas, ela soltou a arma e pegou a pequena caixa preta magnetizada que estava sob a coberta cor-de-rosa.

Estava acabado em questão de segundos.

Ela inclinou-se para pegar o elefante, prendeu a caixa no tanque de combustível do Taurus e virou o interruptor que o acionava. Quando De Cicco

ligasse o carro, a vibração súbita dispararia os explosivos.

Ela ergueu-se e olhou diretamente para os homens. O elefante parara em uma poça, ficando inchado com a água suja. Ela o segurou para que eles o vissem. — Podem acreditar nisso? — gritou ela. — Comprei para ela ontem à tarde e agora está estragado. Crianças!

* * *

No estúdio, Mario estava parado ao lado da janela ampla virada para a rua Doze, viu uma mulher caminhando pela rua com um carrinho e continuou ouvindo Harold Baines, sentado atrás dele e falando rapidamente.

Nada que Baines dissera o surpreendera.

Ele sabia que Louis Ryan, de alguma forma, era responsável pelo que estava acontecendo com a família Redman. Ele soubera no momento em que Leana contara a ele que Ryan lhe oferecera um emprego graças à ajuda de Harold.

Mais cedo, naquela manhã, Mario descobrira que a World Enterprises era a subsidiária estrangeira da Manhattan Enterprises. Antes, ele descobrira que o rabisco fino era, na verdade, a assinatura de Louis Ryan naquele cheque de 90 milhões, entregue a Eric Parker. A única coisa que Mario questionava eram as intenções de Ryan. Por que ele queria destruir George Redman e a família dele? O que acontecera entre os dois homens para suscitar tamanha fúria?

E, então, Baines contou a ele.

Há anos, George levara Louis aos tribunais e o processara por causa de uma disputa amarga sobre uma propriedade. Louis ganhara e, dois dias depois, a mulher dele morrera em circunstâncias suspeitas. Ryan acreditava que Redman matara sua esposa. Anne. Era possível, disse Harold, que Louis esperara todos esses anos para se vingar sem que George suspeitasse.

Mario deu as costas para a janela e encarou Baines. Apesar do homem estar pálido, o corpo terrivelmente magro sob o terno largo, ele parecia de alguma forma relaxado, como se compartilhar a verdade tirasse um peso de suas costas.

— George matou a mulher de Louis?

— Não — disse Harold firmemente. — George nunca teria matado Anne.

Mario ergueu a sobrancelha. — Por que falou assim? — perguntou ele. — Ela significava alguma coisa para ele?

— Eu não conheci Anne, mas, desde que conheci George, sempre que ele falou dela, não havia dúvidas de que a amava profundamente.

Com as pernas instáveis, ele ergueu-se. — Olhe — disse ele. — Estou cansado e já contei tudo o que sei. Presumo que você fará com que Ryan pague pelo que fez? E que protegerá Leana e os pais dela?

Mario assentiu. Até o fim do dia, Louis Ryan estaria morto. — Você tem a minha palavra — disse ele.

Satisfeito, Harold encaminhou-se para a porta, onde parou e virou-se. — Uma coisa me incomoda — disse ele. — Por anos, fiz o máximo para esconder quem sou. Achei que ninguém nunca descobriria, mas você descobriu hoje pela manhã. Como soube?

— Tem certeza de que quer saber?

— Não — disse Harold. — Mas me diga mesmo assim.

— Leana me contou há dois anos — disse ele. — Alguém o fotografou em um clube, telefonou para Leana e abordou-a com os negativos. Ela vendeu uma joia, encontrou-se com o filho da puta em um restaurante e pagou um milhão de dólares por eles. Mais tarde, eu calei a boca dele. Queimamos os negativos. Leana conseguiu o dinheiro de volta, Harold. Por causa dela, você precisa manter segredo.

Harold mal respirava.

— Ela sabe há anos, Harold. E nunca deixou de amá-lo. Quero que pense sobre isso. Ela é especial assim.

— Eu sei como ela é especial.

Houve uma batida na porta. Assustado, Harold afastou-se dela quando Joseph Stewart, o advogado da família, entrou. — Tenho notícias bem interessantes para você, Mario — disse ele. — É sobre Leana. — Ele olhou de lado para Harold. — Ele pode ouvir?

Mario disse que sim.

Stewart continuou. — Fiz algumas investigações e descobri bastante sobre o novo marido de Leana. Parece que Michael Archer é somente seu pseudônimo. O nome verdadeiro dele é Michael Ryan e o nome do pai dele é Louis.

E lá estava.

A mente de Mario virou um redemoinho. O sangue fugiu do rosto de Harold. — Vamos ter que agir rapidamente — disse Stewart. — Não há como saber o que ele planejou para ela.

— Mais alguém sabe disso? — perguntou Mario.

— Não — disse Stewart. — Somente nós.

Mario saiu do escritório e avançou rapidamente pelo longo corredor, o rosto como que esculpido em pedra. Ele hesitou brevemente quando viu Lucia parada na entrada. Ela fechou a porta com uma firmeza que sugeria irritação. — De quem é aquela limusine estacionada lá fora? — gritou ela para ninguém em

particular. — Está bloqueando a rua.

Ela não o vira ainda e Mario não respondeu. Ele não tinha tempo para a esposa e nem para as perguntas dela. Se houvesse outra saída próxima, ele teria agarrado Stewart e partido.

O carpete terminou e os sapatos fizeram barulho no parquete quando eles entraram no vestíbulo. Lucia deu as costas para o espelho e olhou para ele, os lábios separando-se quando ela viu a determinação fria nos olhos dele.

— Aonde você vai? — perguntou ela

Mario apontou um dedo para ela. — Fique fora disso.

Ela deu um passo à frente, bloqueando a passagem. — Não me intimide — disse ela. — Há algo errado. Diga-me aonde vai.

Passou-se um momento de completo silêncio, um momento em que nenhum dos dois se mexeu e nem mesmo piscou. E então Harold Baines passou por eles.

Lucia olhou para o homem, os olhos se arregalando quando o reconheceu. Quando fora anunciado que Leana Redman seria gerente do novo hotel de Louis Ryan, o *Daily News* mostrava várias fotografias dela. Em uma delas, ela estava com o braço sobre os ombros desse homem.

Ela olhou para Mario, os olhos como um farol virado para o rosto dele. — É Leana de novo, não é? — perguntou ela.

Ele passou por ela. — Converso com você mais tarde — disse ele. — Agora não.

Ele desceu os degraus de tijolos, semicerrando os olhos por causa da luz do sol. Ele notou que Harold Baines se fora. A limusine virou a esquina e entrou na Quinta. Colocando a mão no bolso da calça, Mario pegou a chave do carro e jogou-a para Stewart, que esperava na calçada, olhando em direção à porta aberta atrás de Mario.

Lucia estava parada lá. — Estive com seu pai, Mario. — A voz dela era baixa, mas chegou ao outro lado da rua. — Ele sabe de tudo.

Mario diminuiu o passo.

— Eu disse a ele que você anda trepando com ela — disse Lucia. — Ele disse que vai matá-la se você não parar.

Mario olhou para Stewart e viu a neutralidade fria no rosto dele. — Ligue o carro, Joe — disse ele. — Vou em um minuto.

Lucia desceu a escada. — Não, não vai, Mario — disse ela. — Porque nenhum de vocês vai a lugar nenhum. Se Joe entrar naquele carro, vou fazer com que ele apareça boiando no Hudson. Eu juro. Agora, voltem para dentro.

A boca de Stewart apertou-se em um rasgo de ódio. Ele olhou para Mario.

— Você trabalha para mim agora, Joe — disse Mario. — Ligue o carro.

Saboreando o momento, porque ele nunca gostara da vadia da Lucia,

Stewart atravessou a rua, abriu a porta preta pesada do Taurus e entrou no carro.

Então, Lucia subitamente correu em direção a ele, disparando pela rua, enfiando as mãos pela janela aberta do carro, segurando o braço dele com uma força surpreendente.

— Saia do carro! — gritou ela. — Saia do carro ou mato você eu mesma!

Stewart puxou o braço. Ele olhou para Mario do outro lado da rua, passando a mão pelo cabelo. — Desista, Lucia — disse Stewart. — Acabou.

Ele colocou a chave na ignição.

Lucia bateu no rosto dele, enfiando as unhas e arrancando sangue. Ele tentou empurrá-la e ouviu Mario gritar o nome dela.

E então ele ligou o carro.

A explosão catapultou o Taurus seis metros para cima, estourando portas, pneus e para-lamas, fazendo com que girasse em uma cambalhota violenta e destruísse tudo em seu caminho flamejante antes de cair perto de Mario, cujo peito foi atingido por detritos projetados.

* * *

No terminal do metrô na rua Quatro, Harold esperou que a limusine desaparecesse antes de juntar-se a uma multidão de pessoas que se apressavam para descer os degraus intermináveis.

Ele tentou acompanhá-las, segurando-se no corrimão como apoio. Ele quase caiu quando um grupo de adolescentes passou correndo, mas conseguiu endireitar-se. Manobrar nos degraus era difícil e exaustivo, mas valia a pena.

Ele chegou ao andar inferior sem fôlego e suando. O coração dele batia perigosamente rápido. O trem ainda não chegara. Grupos de pessoas estavam encostadas nas colunas ou esperavam impacientemente perto do precipício de cimento. Estava insuportavelmente quente. O ar não se movia. Fazia anos que ele não pegava o metrô e esquecera como era quente no verão.

Ele achou uma brecha na multidão, caminhou até lá e olhou para os trilhos. Seu estômago se contraiu quando ele viu o rato. O rabo tremulava nervosamente. As orelhas tremiam. O rato estava comendo o que parecia ser o que restara de outro rato.

Harold desviou o olhar. Ele não sentiria saudades dessa cidade. Ele não sentiria saudades dessa imundície.

Ele fechou os olhos e pensou em Leana. Ela soubera. Todos esses anos e ela soubera, o amor que sentia por ele inalterado. A ideia de que ela vira as

fotografias fez com que ele tivesse vontade de chorar de humilhação. Quantas vezes ela olhara para ele e lembrara-se daquelas fotografias? Quantas vezes ela o abraçara e sentira pena em vez de amor?

O ar úmido agitou-se. O piso de cimento vibrou. As pessoas ficaram alertas e avançaram.

Harold olhou para baixo e viu o rato desaparecer sob um tirante de madeira. O rabo cinzento sumiu das vistas.

Ele pensou em Louis Ryan, imaginando o que aconteceria com o homem quando Mario De Cicco o pegasse. *Espero que Mario corte a garganta dele*, pensou Harold. *Espero que arranque o coração dele e o esmague com as mãos...*

Ele confiava em De Cicco de uma forma que o surpreendia.

Harold sabia que os Redman estariam seguros nas mãos de De Cicco. Ele sabia que Mario os protegeria de uma forma que ele mesmo não o fizera. Uma parte dele quase desejou estar aqui para ver as manchetes do dia seguinte.

Um golpe de vento soprou quando o trem entrou no túnel. Ele entrou no campo de visão, aproximando-se da multidão.

Harold observou o trem aproximando-se em alta velocidade, apreciando sua presença com uma certa amargura. Há três dias, ele fora diagnosticado como HIV positivo. Seu vício em heroína e cocaína saíra do controle. Mesmo se Ryan morresse, ele sabia que a fita com a qual ele fora chantageado, de alguma forma, cairia nas mãos da imprensa, constrangendo-o ainda mais e destruindo sua família.

Era melhor assim. Não lhe restara nada nesse mundo.

O trem estava próximo.

Ele pensou em Helen e nas crianças, mas, principalmente, em Leana. Ele a amava. Ele sentiria saudades dela. Em seu testamento, ele deixara metade de sua fortuna para ela.

Quando o trem estava prestes a passar, ele pulou.

Naquele momento antes que o trem o atingisse, Harold ouviu os gritos atordoados de uma sociedade que se recusara a deixá-lo ser ele mesmo, um grupo de hipócritas soltando um grito coletivo monstruoso. Os idiotas queriam que ele vivesse!

Furioso, Harold queria gritar com eles, dizer a eles que era um ultraje que ele tivesse que viver uma vida de mentiras, que nunca tivera a chance que todos subestimavam: a de dizer quem ele era sem sentir-se ridículo nem ter medo, sem dor nem humilhação.

Mas, quando o trem o atingiu e passou por sobre seu corpo, retalhando-o, também silenciou sua voz, como tantas pessoas o tinham feito no passado.

CAPÍTULO 46

Jack Douglas mantinha-se controlado, mas sua fúria crescia, tornando-se superior e consumindo-o em ondas.

Ele estava sentado no sofá com Diana a seu lado. Ele olhou para o homem sentado à frente deles, aquele que matara Celina e que, provavelmente, agora os mataria. Jack desejou poder ter a chance de mostrar a esse filho da puta o que era medo de verdade.

— É impressionante, de verdade — disse o homem. Mais cedo, ele apresentara-se como Spocatti, simplesmente Spocatti, e agora estava bebendo um drinque que ele fizera Diana preparar no bar. Na outra mão, ele segurava uma arma, que estava apontada para Jack. — Quero dizer, o jeito como vocês montaram o quebra-cabeça. — Ele inclinou a cabeça em direção a Diana. — Se eu não tivesse grampeado seu apartamento, não saberia o que vocês dois estavam aprontando hoje. Louis Ryan e eu provavelmente estaríamos na cadeia.

Ele ergueu o copo de uísque, os olhos brilhando. — À tecnologia — disse ele, tomando um gole.

Jack sentiu a tempestade acumulando-se dentro de Diana. Apesar de ter machucado a cabeça e o braço ao cair, ele não viu dor no rosto dela, somente uma mistura de fúria, ódio e desprezo. Ele pegou a mão dela e a apertou. — Não.

Diana soltou a mão e olhou para Spocatti. — Por que está aqui?

O sol apareceu por entre as nuvens e o rosto de Spocatti brilhou. Ele ficou imóvel por um momento, com a luz refletida em seus olhos, antes de erguer-se e caminhar até o bar, onde largou o copo, e virar-se para Jack. — Celina lutou bastante — disse ele, ignorando a pergunta de Diana. — Ela bateu em mim com tanta força com os punhos que achei que não conseguiria amarrar a maldita corda em torno das pernas dela. — Ele pausou, como se estivesse pensando. — Quando eu estava nadando para cima, ouvi o grito dela. Você ouviu?

O som do grito abafado de Celina ecoou na mente de Jack. Ele teve uma súbita visão dos olhos sem vida dela, da boca relaxada e se deu conta, mais uma vez, de que ele chegara apenas alguns momentos atrasado para salvá-la.

— Naquele momento — disse Spocatti — pensei em como isso era ridículo, gritar e soltar todo o ar dos pulmões. — Ele balançou a cabeça, como se as ações dela tivessem sido inadequadas. — O que ela fez foi ridículo. Aquele

grito a forçou a inalar toda aquela água. Mas, por outro lado, ela nunca foi tão esperta como a imprensa a pintou, certo, Sr. Douglas? Só mais uma loira burra que chegou ao alto graças ao papai.

Jack olhou para a arma na mão do homem e soube que, se fizesse um movimento súbito, ele seria morto, deixando-o incapaz de ajudar os Redman e sem poder ajudar Diana. Ele engoliu a raiva e esperou. Uma oportunidade surgiria. Teria que surgir.

Spocatti voltou à cadeira. — Seus pais moram na Flórida, não é, Jack? West Palm?

Jack ergueu os olhos para ele.

— Tenho um amigo naquela área e telefonei para ele antes de visitar vocês. Lugar bacana, West Palm. Seus pais devem ter economizado moedinhas por anos. Escondido um pouco de dinheiro para o futuro. — Ele sorriu. — Se você passa a vida suando em uma usina de Pittsburgh, como seu pai fez, não se muda para West Palm a não ser que tenha sido cuidadoso com o dinheiro.

A voz dele desceu um tom. — Meu amigo os visitou, Jack. Disse que a casa deles é linda, ampla e arejada. Ele achou sua mãe particularmente simpática. Meu amigo pediu uma indicação de direção e ela ajudou-o. Idosos são ótimos.

Jack sentiu a raiva como uma dor no peito. Milhares de pensamentos cruzaram sua mente. Mas só um importava, a segurança de seus pais. — Você os feriu? — perguntou ele.

Spocatti pareceu ofendido. — Feri-los? — perguntou ele. — Essa é a última coisa que desejo fazer. — Ele olhou para o relógio e, em seguida, para o telefone na mesa ao lado de Jack. — Por que não liga para eles? — disse ele. — Veja por si só se estão bem.

Naquele momento, Jack soube que eles não estariam bem. Ele pegou o telefone e discou. A linha tocou várias vezes antes que a mãe dele atendesse. — Sim? — disse ela. A voz estava tensa.

— Mamãe, é Jack. Está tudo bem?

Ela explodiu em lágrimas.

Jack fechou os olhos e viu-se destroçando Spocatti. — Escute, mamãe. Você precisa se acalmar. Está ouvindo? Diga-me o que aconteceu.

Ela falou entre soluços. — Um homem invadiu nossa casa.

— Que homem?

— Eu não sei! — A voz dela estava esganiçada. — Achamos que você saberia. Ele está sentado perto do seu pai e tem uma arma. Ele disse que, se você não fizer o que ele quer, vai nos matar.

— Isso não vai acontecer — disse Jack. — Você e papai ficarão em segurança. Entendeu? Ficarão seguros. Eu juro.

— Ele machucou seu pai — disse ela. — Deu um soco na cara dele. Ele vai nos matar. Você tem que fazer o que ele quer. — Antes que Jack pudesse responder, ele ouviu um grito assustado e a linha ficou muda.

Ele ficou olhando para o telefone, sentindo-se impotente, inútil. Os pais dele estavam do outro lado do país. Não havia nada que ele pudesse fazer.

Diana pegou o telefone da mão dele e colocou-o no gancho. Eles olharam para Spocatti.

— Eis o que farão — disse ele. — Cada um de vocês vai ao funeral de Celina Redman amanhã de manhã. Depois, vão entrar no Lear particular de Redman e voarão para Londres e para o Irã, conforme planejado. Vocês não contarão a ninguém, nem a Redman e nem à polícia, o que descobriram hoje. Agirão como se nada tivesse acontecido. Caso contrário, matarei seus pais, Jack. É uma promessa.

Ele olhou para Diana e pôde sentir uma fúria assassina subindo dela como chamas de uma fogueira. — Sua mãe — disse ele. — Ela mora no Maine, certo? Bangor, acho. Por que não telefona para ver se ela está bem?

* * *

Um coro de buzinas soou atrás do táxi quando ele passou para a faixa mais à direita e parou subitamente em frente ao Hotel Fifth.

Leana saiu e o sol atingiu seu rosto. Ela passou por entre dois carros estacionados e subiu os degraus cobertos por um tapete vermelho que levavam à entrada do hotel.

Quase imediatamente, ela viu Zack Anderson. Vestido em um terno de seda azul-marinho impecável, ele estava parado no centro do saguão movimentado, as mãos apoiadas em um pódio belamente esculpido, a cachoeira lançando ondas de luz em seu cabelo prateado grosso.

Ele parecia não notar a atividade constante à sua volta. Enquanto os trabalhadores preparavam a festa de abertura, os lábios de Anderson moviam-se silenciosamente, como se ele estivesse ensaiando alguma coisa.

Leana aproximou-se dele, dando-se conta de que essa não seria a primeira vez que ele a veria em sua pior forma. Depois da chuva que caíra mais cedo, ela sabia que estava desarrumada. — Zack — disse ela, sorrindo quando ele ergueu a cabeça. — Tem um minuto?

Ele levou um susto. — Leana — disse ele, arrumando uma pequena pilha de cartões de anotação. — Não estava esperando você. Por que não telefonou?

— Eu não sabia que precisava marcar uma hora.

— É claro que não precisa — disse ele. — É só que eu não esperava vê-la depois do que aconteceu com sua irmã. — O rosto dele suavizou-se. — Sinto muito — disse ele, colocando os cartões no bolso do casaco. — Você deve estar arrasada.

Leana não respondeu, olhando em torno do saguão cavernoso, surpresa de ver o quanto mudara no curto tempo desde que ela estivera aqui. Tudo parecia estar pronto e funcionando: as lojas, os restaurantes e os bares pareciam prontos para abrir. Ela não duvidava de que Zack Anderson era responsável por essa transição eficiente, o que a deixava com um débito de gratidão. Obviamente, o homem trabalhara todas as horas que ela mesma deveria ter trabalhado.

Ainda assim, ela estava desconfiada. Ele não disse uma vez que queria o emprego dela?

Ele desabotoou o casaco e afastou-se do pódio, avaliando-a com um rápido olhar. — A chuva pegou você? — perguntou ele.

Leana olhou-o friamente. Ela passou um dedo sob o olho direito. — Sua maquiagem está borrada, Zack. Ajeite isso antes do evento de hoje à noite.

O rosto dele ficou rubro.

— Louis disse que você escreveu meu discurso de inauguração. Quero vê-lo. — Ela acenou com a cabeça em direção ao bolso do casaco dele. — Está com você?

— Só nos cartões.

— Pois é, eu notei. — Ela esticou a mão aberta. — Quero fazer algumas mudanças. Deixe-me ver o discurso.

Ele retirou os cartões do bolso e entregou-os a ela. Leana começou a ler e Anderson disse: — Li sobre o seu casamento no jornal hoje. Parabéns. Michael Archer é um bom partido.

— É, e eu também. Mas você descobrirá isso se durar o suficiente, Zack.

As palavras dela não o afetaram. — Deve ser difícil para você — disse ele. — Não consigo imaginar preparar a noite de inauguração quando o funeral de sua irmã é na manhã anterior.

Ele deixou passar um momento de silêncio. Leana quase podia ver o cérebro dele trabalhando, quase podia sentir o movimento preciso das engrenagens enquanto ele procurava formas de derrubá-la.

— Quero que saiba que, se não estiver com cabeça, se for demais para você, ficarei mais do que feliz em fazer o discurso por você. — Ele deu de ombros. — Eu não tinha certeza se você poderia vir e estava treinando quando chegou.

Leana terminou de ler o discurso, sem surpreender-se pelo fato de estar

eloquente e bem escrito. Ela guardou os cartões. — Eu notei — disse ela. — Mas não será necessário.

— A imprensa estará aqui — disse ele. — E estarão esperando que você esteja em sua melhor forma.

— E eu estarei — disse Leana. — Não se preocupe com isso.

Por um instante, a compaixão nos olhos dele dissolveu-se em algo mais sombrio, transformando-se logo a seguir em uma neutralidade cuidadosa. — Com todo o respeito, não sei como você estará em sua melhor forma. Você passou por um terrível choque. Toda a equipe e Louis Ryan estão preocupados com você. Não acho que seja sábio enfrentar os convidados e a imprensa quando eu posso cuidar disso.

Leana ergueu a cabeça. Ela viu nele um homem que mataria a própria mãe se achasse que o ajudaria a conseguir essa posição. — Sr. Anderson, vou ser franca com você. Fui contratada por Louis Ryan para gerenciar esse hotel. Você não. Você foi contratado para ser meu assistente. Se continuar questionando minha autoridade, se continuar a me repreender, terá que procurar outro emprego. Entendeu?

— Eu só estava tentando...

— Cale a boca. Por favor. Só cale a boca.

Leana olhou para o relógio, imaginando se Mario já retornara ao restaurante. — Meu escritório — disse ela. — Presumo que eu tenha um nesse prédio. Leve-me até lá.

* * *

O escritório era enorme.

Localizado no quadragésimo andar do hotel, ele tinha vista para o centro, em direção ao prédio da Redman International.

Quando Leana entrou, notou com interesse as pinturas iluminadas de Sisley nas paredes verde-escuro, os sofás damasco cor de creme e as cadeiras elegantes de veludo vermelho, cada uma posicionada de forma que sugeria a precisão de um designer, antes de atravessar o tapete persa até a mesa.

Anderson permaneceu na porta. — Serve assim?

Leana sentiu, pelo tom da voz dele, que as ideias, os gostos e o suor dele tinham sido colocados no design do escritório. Ela o imaginou parado no centro da sala, um artista usando a mente como paleta, trabalhando incansavelmente com uma equipe de profissionais até que sua visão estava pronta.

Ela sabia, tinha certeza de que ele esperava que esse escritório fosse dele um dia, e não conseguiu reprimir um sentimento de raiva por causa disso. — É um pouco demais — disse ela. — Quero dizer, olhe só isso, é exagerado, não tem equilíbrio, falta imaginação. Parece que quem fez isso estava tentando impressionar, em vez de fazer o trabalho bem feito. Não é um local de trabalho. É um museu. Não concorda?

— Não.

— É compreensível — disse Leana. — Eu cresci com esse tipo de merda. Meu pai é um bilionário e minha mãe gosta de gastar dinheiro. Muito dinheiro. É óbvio que você teve uma infância mais simples do que a minha, então entendo que estar rodeado por esses pequenos tesouros pode significar algo. Para mim? É entediante e desnecessário.

— Lamento que pense assim.

— Lamento também. Mas não funciona. É meio feio. Serve por enquanto, mas só até que eu chame minha própria equipe de designers aqui e arrume o lugar.

Ela viu os olhos dele transformarem-se em aço, a ligeira mudança na posição da mandíbula e suspirou. — Quero dizer, é sério — disse ela. — Somos um hotel, não um museu. De quem foi a ideia de pendurar todas essas pinturas?

* * *

Quando ficou sozinha, ela sentou-se na poltrona de couro atrás da mesa. Não era como ela se lembrava da infância, igual à cadeira de couro confortável que ficava no escritório do pai e tinha o perfume dele.

Ela desejou que eles não tivessem discutido mais cedo. Ela poderia telefonar para ele e pedir desculpas. Ela devia engolir o orgulho e dizer a ele que sentia muito, que o amava e que queria seu apoio e sua amizade.

Mas, quando pegou o telefone, não foi para o pai que ela telefonou. Foi para o restaurante de Mario.

Estranhamente, ninguém atendeu, apesar de ser horário de almoço. Ela reclinou-se na poltrona, olhando para o prédio do pai à distância, e lembrou-se de que terça-feira não seria somente o dia dela, mas também o do pai dela, quando a WestTex tornaria-se propriedade da Redman International. E ficou imaginando como se sentiria, se a realização de seu sonho seria tão doce quanto sempre esperara que fosse.

De alguma forma, pensou ela, sem a irmã e sem a aprovação dos pais, seria

diferente. Novamente, pensou se teria sido um engano aceitar esse emprego.

Só mais tarde naquela noite, quando estava em casa relaxando no sofá com Michael e com a televisão ligada na CNN, foi que ela soube da explosão que matara dois membros da família de mafiosos, os De Cicco.

CAPÍTULO 47

Antonio De Cicco ouviu a vadia antes de vê-la.

Na unidade de tratamento intensivo no Hospital Bellevue, ele estava sentado ao lado do leito de Mario, segurando a mão dele, quando ouviu a voz dela por detrás da porta fechada. Ela foi firme em sua exigência de ver o filho dele, lembrando aos médicos e às enfermeiras de plantão que o pai dela investira milhões nesse hospital e que, se não a deixassem ver Mario agora, ela faria com que fossem demitidos antes da manhã seguinte.

Furioso, Antonio afastou o olhar da rede de tubos que passavam pelo corpo do filho, sabendo que, por causa de Leana Redman, ele perdera a nora, perdera o advogado da Família, que era seu sobrinho, e quase perdera o filho.

A dor que ele sentira mais cedo transformou-se em fúria e determinação. Ele acabaria com ela, como prometera a Lucia.

Mas ele não podia. Não aqui. Se fizesse uma cena, se a ameaçasse em público, haveria testemunhas, e o promotor público, um homem que há anos esperava para colocá-lo atrás das grades, estaria sobre ele no momento em que Leana Redman fosse assassinada na inauguração do Hotel Fifth.

Ele ficou sentado pensativo por vários momentos, mal notando a presença da vadia e sua voz alterada, antes de tomar uma decisão e apertar o botão ao lado do filho que chamava a enfermeira.

Ele apertou e esperou. Quando a enfermeira chegou, ele viu Leana Redman de relance antes que a porta do quarto fosse fechada. Ela estava parada no balcão da enfermagem, de costas para ele, gesticulando e discutindo com um dos médicos.

— Sim, Sr. De Cicco?

Com esforço, Antonio levantou-se, ciente da trepidação nos olhos da jovem. — Ouvi uma mulher gritando lá fora sobre o meu filho — disse ele calmamente. — Qual é o problema?

A enfermeira parecia perplexa. — É Leana Redman, senhor. Ela quer vê-lo.

— E você não deixou. É por isso que ela está gritando?

A mulher assentiu. — De acordo com suas ordens, senhor, somente familiares próximos podem visitá-lo.

— Então jogue-a para fora.

A mulher fez menção de falar, mas hesitou. — É o pai dela — disse ela. — Ele fez tanto pelo hospital. Temos receio de que se...

— Ela está perturbando os pacientes — disse De Cicco calmamente. — Não me diga que vai permitir isso. — Ele viu que era exatamente o que pretendiam e sentiu um latejar nas têmporas.

— Talvez eu mesmo deva falar com ela — disse ele, dando a volta na cama e encaminhando-se para a porta. — Fique com meu filho, volto já.

* * *

Ela não era a mesma pessoa da qual ele lembrava de dois anos atrás.

Ao sair do quarto e entrar no corredor, Leana virou-se para ele, que ficou atônito com a mudança que viu nela. A pele estava pálida sob as luzes fluorescentes, as feições afetadas pela idade. Ele viu uma determinação sábia nos olhos dela que o fez parar. Ela não tivera isso no passado.

Ao aproximar-se dela, Leana o encarou com determinação e desafio nos olhos. A voz era firme quando ela falou. — Não vou embora até vê-lo, Antonio.

Ela estava apaixonada pelo filho dele. A mulher acabara de se casar e, ainda assim, estava apaixonada pelo filho dele. Dava para ver no rosto dela, ouvir na voz dela e ele ficou enfurecido com a ousadia dela. Ela achava mesmo que podia dizer a ele o que fazer? Dar ordens a ele como se fosse um dos criados dela? Ele sentiu-se mal com o ódio que sentia por ela, mas seu rosto permaneceu impassível.

— Escute só, sua puta. Você vai esperar um tempo fodido, provavelmente pela eternidade. Não vai ver meu filho. — Ele olhou para o médico, um homem mais velho parado ao lado de Leana. — Ela não tem o direito de estar aqui — disse ele. — Se ela entrar naquele quarto, vou processar você e esse hospital. Entendeu?

O médico não tinha escolha além de concordar.

Antonio olhou para Leana, viu a dor no rosto dela, o ódio em seus olhos e ficou imaginando se Lucia estivera certa. Será que essa vadia da Redman estava trepando com Mario?

— Você não é bem-vinda aqui — disse ele. — Volte para casa, para o seu marido.

Enquanto ele se afastava, viu como seria a morte dela.

Ele a viu parada no centro de uma multidão, brilhante, impecável, os olhos brilhando e cintilando com um mar de flashes explodindo ao seu redor, a voz

clara e confiante ao fazer o discurso do qual tinham lhe falado naquela manhã.

E então ele a viu sendo erguida no ar, em direção aos candelabros, o rosto se desfazendo no interior de um halo de seu próprio sangue, uma rajada de balas atingindo-a por trás e destruindo o que fora sua cabeça.

Atrás dele, a voz dela era aguda e fina: — Antonio...

Mas De Cicco já estava dentro do quarto do filho. A porta bateu atrás dele. Por agora, ele não tinha mais nada a tratar com ela.

* * *

Michael olhou para o homem parado na entrada, atônito com a mudança drástica na aparência dele, certo de que não tinha ouvido direito. — O que você acabou de dizer?

O homem, que voara de Los Angeles para ver Michael, colocou um dedo sobre os lábios e acenou para que Michael o seguisse para o corredor. — Rápido — sussurrou ele. — Meu avião sai em uma hora e não vou perdê-lo por sua causa. Estou cansado dessa merda. Seu pai é louco. Vou dar o fora.

Subitamente desconfiado, Michael seguiu o homem até o fim do corredor, onde viu uma parede iluminada de elevadores, uma janela com vista para Manhattan e uma planta alta que brilhava como se tivesse sido encerada.

O homem foi até a janela, inclinou-se contra ela e acendeu um cigarro. Ele deu um trago profundo, a fumaça erguendo-se como um véu em frente ao rosto. Ele era o agente de Michael, Bill Jennings, um homem que Michael não vira e de quem não ouvira falar desde que os bancos o tinham executado.

— O que está acontecendo, Bill? — perguntou ele. — Você não está exatamente me deixando tranquilo.

O homem exalou uma nuvem de fumaça. — Não podemos conversar no seu apartamento — disse ele. — O filho da puta provavelmente o grampeou. Se eu não tivesse raspado a barba e pintado o cabelo de loiro, provavelmente não estaria parado aqui agora.

Michael estava perdendo a paciência. — Do que está falando? E que história é essa sobre Santiago?

O homem não conseguiu olhar Michael nos olhos. — Ele não existe — disse ele simplesmente. — Não existe Stephano Santiago. Seu pai o inventou para assustar você. Pelo último ano, Louis fez com que eu retirasse dinheiro de suas contas para parecer que estava falido. Quando os bancos o executaram, ele me fez sugerir que você tentasse jogar em um dos cassinos que pertencem a ele.

Ele sabia que você perderia e que, em algum momento, correria para ele quando o fizesse acreditar que o cassino era controlado pela Máfia.

A tensão pairou no ar, acompanhando o silêncio. O homem olhou para Michael, viu a descrença no rosto dele e continuou. — Que merda, Michael. Santiago não é dono do Aura, o seu pai é, pelo menos de parte dele. Ele arranjou tudo para que você recebesse a oferta do empréstimo, sabendo que ficaria morrendo de medo quando perdesse tudo e tivesse que pagar a um homem chamado Stephano Santiago. Ele planejou tudo, desde o início.

Não era possível.

Michael lembrou do telefonema que recebera naquela manhã, o telefonema para avisá-lo que deveria fazer o que o pai pedira, matar George Redman. E então lembrou-se do cachorro. — Mas meu cachorro — disse ele para Bill. — Santiago o matou. Ele deixou um bilhete dizendo que faria o mesmo comigo se eu não conseguisse o dinheiro.

— Seu pai matou o cachorro, Michael. Estou falando, Santiago não existe.

Pedaços de um quebra-cabeça que ele não sabia que existia começaram a se encaixar. Michael pensou nos homens que o perseguiram quando ele saiu do apartamento, homens supostamente contratados por Santiago, e se deu conta mais uma vez da coincidência de Spocatti estar lá para ajudá-lo. É claro que não havia coincidências. Seu pai estava por trás de tudo.

— Eu me odeio por isso, Michael — disse Jennings. — Mais do que pode imaginar. Mas seu pai disse que me mataria se eu não o ajudasse. Ele jurou fazer com que eu pagasse se não ajudasse a fazer com que você acreditasse. Agora ele tem gente vigiando esse prédio, e foi por isso que mudei a minha aparência. Se souberem que estou aqui, matarão nós dois.

Michael o encarou. — Estou falido?

Jennings retirou um envelope do bolso do casaco e o entregou a Michael. — Há um cheque e instruções aí dentro. Tudo o que retirei foi para outra conta, com um nome diferente. São uns três milhões de dólares que seu pai disse que você não precisaria nunca mais. — As últimas palavras dele pairaram no ar. Eles trocaram um olhar e ele acenou em direção ao envelope, agora na mão de Michael. — Tudo o que você precisa saber está aí dentro.

Ele olhou para o relógio, viu que só tinha uma hora para chegar ao aeroporto La Guardia e praguejou. Bill virou-se e apertou o botão do elevador. — Não vou à polícia — disse ele. — Vou deixar isso para você. Mas, se precisar de ajuda, pode contar comigo. Depois do que seu pai fez, quero ver aquele filho da puta atrás das grades.

As portas do elevador se abriram e ele entrou. Michael estava prestes a dizer alguma coisa quando ouviu o telefone tocando. O som ecoou pelo corredor.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

Jennings deu de ombros e Michael viu medo em seus olhos. — O mais longe possível de seu pai que um avião conseguir me levar — disse ele. As portas começaram a se fechar. — Sugiro que faça o mesmo. Saia de Nova Iorque. Leve Leana com você. Não sei o que seu pai está planejando, não sei por que ele fez isso, mas sei que ele é perigoso. E sei que você corre perigo.

* * *

Quando Michael viu seu reflexo nas portas de aço escovado do elevador, achou que parecia uma assombração, um fantasma flutuando entre duas realidades separadas, dois mundos de luz e escuridão.

O pai o manipulara desde o início, jogando com seus medos e seu amor pela mãe. Apesar de Michael nunca ter realmente confiado em Louis nas semanas desde que se reencontraram, ele começara a confiar, e isso o deixou furioso.

Como ele se deixara ser levado pelo mesmo homem que um dia dissera que preferia que o filho tivesse morrido, e não a esposa, Anne?

Por que acreditara nele? Ele estivera tão faminto pela aceitação do homem que acreditaria e faria qualquer coisa? Casar-se com uma mulher que mal conhecia? Concordar em matar um homem que era responsável pela morte de sua mãe? E se isso também fosse mentira?

O telefone tocou novamente.

Michael pensou em ignorá-lo, mas achou que talvez pudesse ser o pai. Ele voltou ao apartamento e atendeu a ligação.

— Sim? — disse ele rispidamente.

— Sr. Archer?

Era da recepção. Michael fechou os olhos, permitindo-se relaxar. — O que foi, Jonathan?

— Você tem um visitante, senhor.

— Quem é?

— George Redman. Devo levá-lo até aí?

CAPÍTULO 48

A batida na porta veio logo a seguir.

Michael parou de andar e olhou para a porta do outro lado do vestíbulo. Ela estava nas sombras. Um fino raio de luz interrompida passava sob ela.

George Redman estava parado do outro lado da porta. O homem acusado de matar sua mãe estava prestes a entrar no apartamento. Michael ponderou novamente o motivo de Redman vir aqui e se deu conta de que não importava, na verdade. Ele estava contente por isso. Apesar de terem se encontrado apenas brevemente na inauguração do prédio da Redman International, ela agora tinha a chance de ficar frente à frente com o homem. Sozinho.

Ele foi até a porta e lembrou-se de que, se o apartamento estivesse mesmo grampeado, em algum momento seu pai ouviria cada palavra sendo dita. Isso o deixou mais empolgado.

Ele abriu a porta e os dois homens se encararam.

Apesar de Redman ter bem mais de um metro e oitenta e uma compleição robusta, ele parecia de alguma forma diferente do homem de quem Michael se lembrava. Parecia menor, menos ameaçador. A semelhança com Leana era impressionante.

Fez-se um silêncio constrangedor. Michael ouviu um dos vizinhos tocando piano. Então, Redman esticou a mão, que Michael apertou. — Obrigado por me receber — disse George.

Michael deu um passo para o lado e o convidou a entrar. George foi até o centro do vestíbulo e olhou em torno.

— Leana está aqui? — perguntou ele.

— Ela foi ao hospital.

— Então ela sabe?

— Vimos no noticiário. Tentei dizer a ela que não havia nada que pudesse fazer, que talvez ele nem estivesse lá, mas ela não me ouviu e foi ao hospital mesmo assim.

George pareceu desapontado. Ele queria ter dado a notícia a Leana. — Não estou surpreso — disse ele. — Aquele homem significa o mundo para Leana. Ela o amava muito.

Apesar de Michael saber que Leana tivera um caso com Mario De Cicco,

ela nunca entrara em detalhes sobre a profundidade de seus sentimentos e ele ficou surpreso com o ciúme que brotou dentro dele. Dado o estilo de vida notável de De Cicco, também parecia estranho que o pai dela entendesse.

— Por acaso você tem algo para beber? — perguntou George. — Estou um pouco abalado.

Abalado por causa de De Cicco?

Eles entraram na sala ampla, com janelas altas e cortinas vermelhas, paredes com painéis de mogno, pinturas iluminadas e livros encadernados em couro. Michael acenou em direção às poltronas arranjadas no centro da sala e convidou George a sentar-se. — O que quer?

— Uísque, se você tiver — disse George.

Michael parou em frente ao bar com o qual não estava familiarizado, o olhar passando por fileiras de garrafas brilhantes, copos Fabergé esculpidos, um balde de gelo brilhante e vazio. Ele só usara o bar uma vez desde que eles se mudaram para o apartamento. Levou um momento antes que ele encontrasse a garrafa certa, meio cheia, com o rótulo arranhado como se tivesse sido usada. *Você é um filho da puta esperto, hein, papai?* Ao servir o uísque, ele ficou imaginando onde estariam escondidos os microfones. Quem os estava escutando agora? Spocatti? O pai? Ambos?

Com os copos na mão, ele atravessou a sala e notou que Redman o estava observando. O olhar parecia estudá-lo, como se estivesse olhando para alguém que não via há anos.

Michael entregou o copo a ele. — Alguma coisa errada? — perguntou ele.

George balançou a cabeça. — Não — disse ele. — Sinto muito. É só que você me lembra de alguém que conheci há algum tempo.

Michael sentou-se na poltrona em frente a George, o interesse despertado. — E quem era?

— O nome dela era Anne — disse George. — Ela era muito parecida com você.

Michael tentou abafar suas emoções. Ele não conseguia acreditar que o homem acabara de mencionar sua mãe. Durante toda a vida, ele quisera informações sobre ela. Ele quisera saber coisas que só as pessoas próximas a ela poderiam saber, mas o pai quase nunca a mencionava. Ele pensou nos filmes que vira naquela manhã, sabendo que, apesar de oferecerem uma ponte para o passado em cenas rápidas que encorajavam lembranças, eles nunca poderiam transmitir o mesmo que lembranças pessoais. E ele insistiu.

— Vocês eram amigos? — perguntou ele.

A tristeza no rosto de George Redman era inconfundível. — Sim — disse ele. — Eu acho que eu e Anne éramos amigos. Houve uma época em que éramos

bem próximos. Mas as coisas mudaram e nunca mais a vi. Isso foi há anos.

O coração de Michael bateu com mais força. Ele enfrentava um conflito. Se o que o pai disse era verdade, George Redman matara sua mãe. Ele pegara um rifle, estourara os pneus do carro dela e a lançara por sobre a ponte para a morte. Mas ele também sabia que George não conseguiria entender a complexidade do que estava se desdobrando aqui. E como George talvez contasse mais sobre sua mãe do que o próprio pai dele, ele decidiu ir o mais longe que pudesse, sem se importar com as repercussões.

— Como ela era?

— Não precisamos falar sobre isso.

— Leana talvez demore horas — disse ele. — Estou interessado.

— Há outros assuntos a discutir, como seu casamento com a minha filha.

— Leana e eu concordamos em discutir isso com você e Elizabeth juntos. — Ele deu de ombros. — O que posso dizer? — disse ele. — Você me deixou curioso sobre Anne.

George pareceu entender e assentiu. — Ela era linda — disse ele. — Eu não convivi com ela por muito tempo e só a via de vez em quando, mas houve épocas em que eu teria feito qualquer coisa por ela.

— Vocês dois tiveram alguma coisa?

A ousadia da pergunta pegou George de surpresa. Ele viu a atenção concentrada no rosto de Michael e terminou o drinque. — Anne era casada quando a conheci e respeitei isso — disse ele. — Eu queria ter continuado amigo dela, mas seu marido decidiu que não. Nós não nos dávamos muito bem. — Ele ergueu o copo vazio. — Importa-se?

Michael foi até o bar e serviu outro drinque. Ele recolocou a garrafa no lugar e ouviu Redman mudar de posição na poltrona. — Eles ainda são casados?

— Anne está morta, Michael.

E lá estava. Michael ficou parado em frente ao bar, milhares de perguntas surgindo em sua mente, mas ele decidiu fazer apenas uma delas, pois somente uma pergunta importava. E a reação de Redman seria tão importante quanto sua resposta.

Ele atravessou a sala novamente e entregou o drinque a George. Michael viu o desconforto no rosto dele e o que parecia ser pesar em seus olhos.

— Sinto muito — disse ele. — Como ela morreu?

Foi como se as palavras lançassem um véu invisível. George endireitou-se na poltrona e se recompôs. O mundo ao qual ele se permitira viajar desaparecera. — Vamos falar sobre alguma outra coisa — disse ele. — Hoje já foi um dia difícil o suficiente.

— É claro.

O telefone tocou.

— Pode ser Leana — disse George.

Michael pediu licença e foi até o vestíbulo, pois não queria falar ao telefone na biblioteca. Ele tinha a sensação de que era o pai, e não estava errado.

— O que está fazendo, Michael? — perguntou Louis. — Por que está com ele?

Michael olhou para a biblioteca e viu que Redman deixara a poltrona. Ao vê-lo parado em frente ao Vermeer estudando uma mulher que segurava uma balança, Michael pensou: *Você matou minha mãe?*

— Responda, Michael. Por que ele está aí?

Um barulho súbito de chaves soou do outro lado da porta trancada e Michael virou-se para ver Leana entrar no apartamento. Seus olhos se encontraram e Michael imediatamente sentiu, pela expressão no rosto dela, que as coisas não tinham corrido bem no hospital. A voz do pai dele era um martelar agudo em seu ouvido. — Tire-o do apartamento, Michael. Tire-o agora ou não pagarei um centavo a Santiago.

Com a mão firme, Michael colocou o telefone no gancho e andou até Leana. Ele colocou os braços em torno dela, apertando-a com força. — Você está bem?

Leana pressionou o rosto contra o conforto do peito dele e não respondeu.

Michael apoiou o queixo no topo da cabeça dela. Ele podia sentir que ela estava tentando manter o controle e seu coração ficou apertado por ela. — Como ele está? — perguntou ele.

— Nada bem — disse ela. — Foi horrível. Briguei com o médico e o pai de Mario não me deixou vê-lo.

— Ele vai ficar bem?

— Não sei. Três costelas foram esmagadas e ele perdeu muito sangue. O médico disse que temos que esperar.

Michael recuou e passou a mão no rosto dela. Ele se apaixonara por ela. Não sabia quando ou como isso acontecera, mas o sentimento estava lá, e ele sabia que não havia o que não faria por ela.

— Falaremos sobre isso mais tarde — disse ele. — Eu prometo. Mas agora, você precisa se recompor. — Ele acenou em direção à biblioteca. — Seu pai está aqui.

Os olhos de Leana se arregalaram. Ela virou a cabeça e viu-se frente à frente com o pai, que se afastara da pintura e estava parado no centro da biblioteca, perto de uma escrivaninha, os braços abaixados.

Ele sorriu um dos sorrisos mais tristes que ela já vira. — Eu queria que você soubesse por mim — disse ele. — Mas acho que cheguei tarde demais.

Você está bem?

A pergunta deixou Leana confusa. O pai não viera até aqui para contar a ela sobre Mario. George odiava o homem. Há anos, ele a proibira de vê-lo. Alguma coisa mais estava errada. — Do que estamos falando? — perguntou ela alarmada. — Mamãe está bem?

George ficou imóvel. — Sua mãe está bem. — Ele olhou para Michael. — Achei que você tinha dito que ela sabia.

Michael estava tão confuso quanto George. — Ela sabe — disse ele. — Ela acabou de chegar do hospital. Vimos o que aconteceu a De Cicco no noticiário. — Mas Michael viu, pela mudança na expressão de Redman, que sua vinda até aqui não tinha nada a ver com Mario De Cicco nem com a explosão que quase acabara com a vida dele.

Ele olhou para Leana, viu o medo gelado no rosto dela, a incerteza em seus olhos, e viu que ela estava pensando: *O que meu pai fez agora...?*

Os próximos momentos pareciam envoltos em uma névoa.

George veio até o vestíbulo, contou a Leana sobre a morte de seu melhor amigo, um homem que ele achara que conhecia, mas na realidade nunca o conhecera de verdade. Ele segurou a filha quando os joelhos dela se dobraram e ela começou a gritar em desespero. Ela perguntou, sem parar, por que Harold fizera aquilo. George disse que não sabia. Ele ficou ao lado dela, oferecendo conforto, os braços em torno da filha de uma forma que nunca mais acontecera desde sua infância.

Ele pressionou o rosto contra o dela e fechou os olhos, vendo uma imagem assustadora de um trem vindo em alta velocidade, em um túnel escuro, aproximando-se de uma multidão impaciente e Harold inexplicavelmente jogando-se da plataforma para encontrar a morte.

* * *

O helicóptero sobrevoou a cidade, percorrendo a Quinta, o holofote refletindo nas fachadas espelhadas de prédios altos, iluminando seus interiores com rajadas rápidas de luz.

No silêncio escuro do escritório de Louis Ryan, Spocatti observou a máquina deslizar em direção a eles, as luzes multicoloridas piscando, as lâminas de aço brilhando, destroçando o ar pesado com uma determinação suave.

Ryan estava sentado em frente a ele, um copo de uísque na mão e um cigarro queimando lentamente entre os dedos. Ele não falara desde que Michael

desligara o telefone e, de certa forma, mandara Louis para o inferno.

Estranhamente, Spocatti estava orgulhoso de Michael. Enfrentar o pai exigia coragem. Talvez Michael não fosse o homem que pensava. Talvez ele fosse mais forte.

O rugido do helicóptero ficou mais alto.

Ryan apagou o cigarro. — As coisas mudaram — disse ele. — Eu ameacei Michael com Santiago e ele bateu o telefone na minha cara. Acho que ele sabe.

Spocatti quase não enxergava o rosto do homem. Parecia como se uma rede de sombras tivesse sido baixada sobre ele. — Duvido — disse ele. — Se alguém tivesse contado a ele, teríamos ouvido.

— Não necessariamente — disse Louis. — E então, com a voz surpreendentemente amarga: — Você não é perfeito, Vincent. Nem seus homens e nem seus equipamentos. Então faça-me o favor e pare de fingir que é Deus.

O helicóptero passou e lançou sobre o rosto pálido de Ryan uma luz branca que ondulou como água dentro do escritório.

Spocatti observou aquele rosto, viu a linha dura em que a boca de Ryan se transformara e o pesadelo que borbulhava por trás dos olhos castanhos, antes que deslizasse novamente para dentro da escuridão. Ele ficou imaginando exatamente em que ponto a mente do homem começara a mudar. Até que ponto Ryan se dava conta de que seu plano cuidadosamente orquestrado estava desmoronando.

— Quero que fique de olho em Michael — disse Louis. — Quero que aumente a segurança em torno dele, que grave cada movimento dele. Ele estará no funeral amanhã, tenho certeza disso. Como não sabemos o que ele planejou para depois, vigie-o. Tenho a impressão de que ele vai tentar alguma coisa.

— Posso matá-lo — disse Spocatti.

— Não até que eu acabe com ele.

— E quando será isso?

Louis acendeu outro cigarro e, por um instante, seu rosto brilhou no globo de fogo. — Terça-feira — disse ele. — Quando enterrarmos o resto deles.

LIVRO QUATRO
QUARTA SEMANA

CAPÍTULO 49

— É realmente especial — disse a corretora. — Ela estava parada no centro do saguão amplo e vazio e a voz ecoou pelas paredes brancas. — Como você sabe, apartamentos na Quinta são raros, especialmente nas ruas Cinquenta e Sessenta. E isso é uma cobertura, o que obviamente aumenta o atrativo. — Ela deixou o silêncio perdurar por um momento. — Se quiser morar na Quinta Avenida com estilo, esse é o lugar perfeito. Poucos apartamentos na cidade são mais impressionantes.

Ela deixou o homem absorver o espaço.

— Vamos dar uma volta — disse ela.

O apartamento amplo e arejado tinha dois andares, com vistas impressionantes da cidade. Ele era completamente branco: paredes, carpetes, pisos de madeira, pisos de mármore nos banheiros, lareira na biblioteca, tudo branco, branco, branco.

— Pelo que ouvi dizer, os proprietários são tipos excêntricos — disse a corretora ao atravessarem a sala de estar e entrar na sala de jantar. — Eles têm uma fortuna antiga que veio da Islândia e dizem que sentem tanta saudade do país natal que rodearam-se de branco, dando a ilusão de estarem perdidos em uma nevasca.

— Não diga.

Ela detectou o sarcasmo e não pode deixar de rir. — Foi o que nos pediram para dizer. Se é verdade, não sei dizer. Mas posso confirmar que o apartamento apareceu esse ano na *Architectural Digest*.

O homem percorreu um corredor claro e entrou na biblioteca. Ela o seguiu. — Esse é o meu aposento favorito — disse ela. — As janelas são o máximo. Essa é a verdadeira vista de Nova Iorque. Dá para colocar facilmente duzentas pessoas aqui dentro em uma festa. E à noite, ela é magnífica. Com esse cenário ao fundo, você pode imaginar a beleza.

O homem caminhou até as janelas. Com as mãos nas costas, ele olhou para

o hotel mais novo da cidade na rua Cinquenta e Três.

A mulher aproximou-se. — E também tem aquilo — disse ela. — O maior hotel de Nova Iorque. Quatro mil quartos, todos eles reservados para o fim de semana. Hoje é a noite da inauguração. Você ouviu falar que Leana Redman é a gerente do hotel?

— Ela não enterrou a irmã ontem?

— Sim.

— E hoje à noite ela inaugura o hotel — disse ele. — É uma recuperação bem rápida, não acha?

A mulher não achava. — Gosta da vista?

— Muito — disse ele. — Mas será que posso vê-la à noite?

— É claro — disse ela. — Posso mostrá-la amanhã à noite.

— Não — disse o homem. — Vou sair do país amanhã de manhã. Só volto daqui a algumas semanas e talvez você já o tenha vendido até lá. — Ele deu as costas para a janela e olhou para ela. — Estou pronto a fazer uma oferta hoje, mas preciso ver o apartamento hoje à noite. Se a vista for tão espetacular quanto diz, farei um cheque do valor total.

A mulher manteve o rosto neutro, mas a mente disparou. Depois de cobrar vários favores, ela conseguira um convite para a inauguração do Hotel Fifth. Ela gastara uma fortuna no vestido e quase o mesmo valor para que ele fosse ajustado para o seu corpo. Não havia a menor chance de mostrar o apartamento hoje à noite. Os contatos que ela poderia fazer hoje à noite não tinham preço.

Por outro lado, esse apartamento estava no mercado há meses. O valor pedido era de 25 milhões de dólares. Desde a recessão, essa era a primeira pessoa em semanas que mostrara um interesse genuíno nele. Ela não podia perder a venda, por motivos profissionais e pessoais.

O homem a observava, esperando uma resposta. — Se for um problema — disse ele, — posso procurar outro lugar. Eu realmente preciso resolver isso hoje.

— Não, não — disse a mulher. — Não será necessário. É só que fui convidada para aquela festa hoje à noite. Leana Redman e eu somos amigas. Ela mesma me convidou. É importante que eu compareça e a ajude em uma noite que, com certeza, será difícil.

O olhar dele encontrou o dela, sem se desviar.

A mulher sentiu que ele não acreditara nela.

— Olhe — disse ele. — Se essa festa significa tanto assim para você, não me importo de vir sozinho hoje à noite e conferir a vista. Basta me dar a chave e eu a devolvo amanhã de manhã, antes de ir para o aeroporto.

— Isso é contra a lei — disse a mulher. — Não posso fazer isso.

— Estarei sozinho.

— Vou me meter em encrenca — disse ela. — Posso perder minha licença.

— Ou pode receber uma comissão de dois milhões de dólares. Quem saberá?

— Os porteiros.

— Podemos lidar com os porteiros — disse ele. — Um pouco de charme, um monte de dinheiro, e eles se tornam seus melhores amigos.

Ela pensou no assunto e tomou uma decisão. — Está bem — disse ela. — Se não for incômodo demais. E se isso ficar entre nós.

— É claro — disse o homem, olhando para o hotel. — Só entre nós.

* * *

Eles acordaram nos braços um do outro com o som abrupto da música.

Michael ergueu a cabeça do travesseiro e olhou para o relógio sobre o criado-mudo. Ele daria qualquer coisa para ter acordado em qualquer lugar do mundo, menos aqui. Ele sabia que Leana tinha que se aprontar para o dia à frente e, portanto, deixou a música tocar. Ela moveu-se para perto dele e murmurou algo.

Michael colocou o braço em torno dela e beijou suavemente seu pescoço. Nenhum dos dois dormira bem. Mais de uma vez, durante a noite, ele virara-se e a encontrara olhando para ele, o rosto pálido sob o luar, os olhos pesados e mortos com as lembranças de Harold e Celina.

Ontem de manhã, no funeral de Celina, ele ficara ao lado dela e de seus pais em um cemitério elegante em Connecticut. Ele sentia-se uma fraude velando uma mulher que não conhecera, mas que poderia ter salvado facilmente.

Ontem à tarde, enquanto Leana tentava descansar um pouco, Louis telefonara, ameaçando-o novamente com Santiago. Silenciosa e amargamente, Michael ouvira, mas o que Louis não sabia era que Michael sabia que Santiago não existia e que ele não acreditava mais que George Redman matara sua mãe. Encontrar o homem e ver como ele falara sobre sua mãe alterara o panorama. Ele queria confrontar o pai com suas mentiras, mas, em vez disso, criou algumas mentiras próprias, assegurando a Louis que ele também queria Redman morto, que encontrar o homem solidificara sua resolução.

As palavras ainda pairavam em sua mente. — Eu perguntei a ele, papai. Eu perguntei a ele como mamãe morreu, e você devia ter visto o olhar no rosto dele. Ele se recusou a responder. Parecia que, ao perguntar, eu o estava acusando de assassinato.

— E isso o surpreendeu? — perguntou Louis.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não — disse Michael. — Eu não confio em você. Nunca confiei e, depois dessa experiência, nunca confiarei. Mas agora é uma questão pessoal para mim também. Quando vi o olhar no rosto de Redman, eu tive certeza de que ele puxou o gatilho e quero que ele morra por isso. O que você precisa entender é isso: quando acabar, não quero ver você de novo, nunca mais. Você pagará Santiago, como prometeu, e me dará o dinheiro para começar de novo. Muito dinheiro. São os meus termos. Ou você concorda, ou eu caio fora. Agora, diga-me o que quer que eu faça e eu o farei.

Fez-se silêncio, quase como se Louis estivesse esperando algo diferente do filho, talvez outro desapontamento, mas, certamente, não isso.

— Muito bem — disse Louis. — Ligo para você amanhã e discutiremos tudo em detalhes.

Momentaneamente aliviado, Michael desligou o telefone sabendo que, para que seu plano funcionasse, para proteger Leana e a família dela, ele teria que assumir o papel mais importante de sua vida e convencer o pai de que sua determinação era genuína.

Leana virou-se para ele, os olhos cândidos na luz suave do quarto. Ela era linda, pensou ele. Se isso custasse a sua própria vida, ele garantiria que nada mais aconteceria a ela nem à família dela. Ele garantiria que seu pai seria detido. Se Michael estava errado e George Redman realmente matara sua mãe, então ele teria que fazer justiça de outra forma, não assim.

Ele retirou uma mecha de cabelos da testa dela. — Está pronta para isso?

Leana deu de ombros. — Não. E tomara que não esperem demais de mim hoje à noite — disse ela. — Não estou com cabeça para nada disso.

E essa era a oportunidade pela qual ele estivera esperando.

Na noite anterior, enquanto relaxava na cama, Michael deu-se conta de que, se o pai matara Celina, certamente planejava o mesmo destino para Leana. Louis não queria que Leana gerenciasse o hotel. Ele só dera o emprego a ela para humilhar publicamente o pai dela. E Louis não pararia por aí. Antes de matar Redman, Michael sabia que o pai queria que a família do homem morresse antes dele, para que George sentisse a dor que Louis sentia há anos.

No rádio-relógio, a música parou e o noticiário da manhã começou. Na noite anterior, eles tinham aumentado o volume intencionalmente para que não perdessem a hora. Normalmente, ele teria desligado a máquina. Mas o quarto estava grampeado e, com o volume do rádio tão alto, Spocatti não conseguiria ouvir o que ele estava prestes a dizer.

— Então não vá — disse ele baixinho. — Não vá.

Leana ficou surpresa. — Do que está falando? — perguntou ela. — Eu

tenho que ir.

— Não, não tem. Telefone para Ryan e peça demissão. Você me disse ontem à noite que não quer esse emprego. Podemos estar de volta na Europa antes do fim do dia.

— Não posso fazer isso com Louis, Michael. Ele fez tanto por mim, não é certo.

— Ryan está usando você. Você mesma me disse isso. Não me disse que só aceitou o emprego para magoar seu pai?

— É só parte dos motivos.

— Talvez, mas aquela noite foi uma guinada. Seu pai se importa com você. Ele veio aqui porque queria contar pessoalmente a você sobre Harold. Ontem, eu o vi pegar sua mão no funeral de Celina. Ontem à noite, ele telefonou para saber como você estava. Não estrague tudo, Leana. Você finalmente tem a chance de desenvolver um relacionamento bom com o seu pai. Não vê como isso é precioso? Eu daria qualquer coisa para estar em seu lugar e ter um pai que se importa comigo do jeito como o seu está começando a se importar com você. Não negue a ele essa chance.

— Não pretendo — disse ela. — Mas vou à inauguração hoje à noite. Não se trata mais do meu pai, Michael. Trata-se de mim, minhas habilidades. Toda Nova Iorque estará lá. Aqueles que importam finalmente me verão. Esperei demais por isso. Se eu pedir demissão e for trabalhar com o meu pai, presumindo que ele me contrate, não sei dizer quando tempo terei que esperar por um momento como esse.

Ela olhou para ele com tanta impaciência que Michael recuou.

— Você não vê? — perguntou ela. — Desde que era pequena, eu vi meu pai e Celina brilharem. Desde que era pequena, eu sabia que poderia fazer tudo o que eles podiam, mas nunca tive uma chance. — Ela saiu da cama e caminhou nua até o banheiro.

— Não quero discutir isso — disse Leana. — Vou inaugurar aquele hotel hoje à noite e espero que esteja lá para me apoiar...

Ela parou subitamente e olhou para o rádio, os olhos arregalando-se ao ouvir o anúncio de que a WestTex, a empresa transportadora pela qual George Redman pagara dez bilhões de dólares, tornara-se propriedade da Redman International nessa manhã.

— Observem as ações da Redman International quando a Dow abrir essa manhã — disse o comentarista. — Como isso será crítico para George Redman. Se elas caírem ainda mais, alguns críticos dizem que Redman será um candidato a virar uma aquisição ele próprio. Em uma notícia relacionada, o mesmo não é verdade para Anastassios Fondaras, o magnata grego que anunciou publicamente

há alguns momentos que é novo exportador de petróleo principal do Irã.

CAPÍTULO 50

Confiante, magnífico, o coração transbordando pela primeira vez em anos, Louis Ryan saiu do escritório, percorreu o corredor movimentado até a sala do conselho e encarou seus diretores, a maioria deles trazida para Nova Iorque na noite anterior, deixando para trás compromissos anteriores, férias de verão, amantes em países estrangeiros. O de sempre.

Eles estavam sentados em grupos de três ou quatro, bebendo canecas de café ou chá, sem notar sua presença. Louis parou na porta, mal notando o balbuciar baixo da conversa, procurando com o olhar Peter Horrigan, o advogado de Wall Street que fora contratado para aconselhar os diretores sobre seus direitos e deveres, e viu, com um sorriso, que ele ainda não chegara. Se tivesse chegado, se esses homens e mulheres tivessem alguma noção do que ele estava prestes a propor, Louis sabia que teria encontrado um pandemônio.

Ele fechou a porta atrás de si e as conversas pararam. Eles olharam para Louis, as expressões variando de um leve aborrecimento a uma preocupação sincera. Por que tinham sido trazidos aqui? O que não podia esperar até a reunião do conselho agendada para agosto?

Louis andou pela sala, um velho amigo cumprimentando cada diretor com um calor que era quase sedutor. Ele perguntou pelas esposas, pelos maridos e pelas famílias, aliviando a tensão com brincadeiras bem colocadas e risadas profundas. Ele sabia que os tinha deixado alarmados com essa reunião súbita e, se quisesse o suporte deles, era imperativo que os deixasse confortáveis agora.

Nunca ele mostrara tanto charme. Os olhos brilhavam com um véu de mistério e cintilavam com um senso de humor que poucos tinham visto antes.

E, quando ele pediu a todos que se sentassem, Peter Horrigan chegou.

Para Louis, o silêncio atônito que se seguiu foi quase cômico. Quando Horrigan andou pela sala, sorrindo para as pessoas que conhecia e acenando com a cabeça para as poucas que não conhecia, Louis olhou para cada um dos diretores e viu que o momento de agir era agora, enquanto ainda estavam atordoados demais para falar.

Enquanto os outros se sentavam, ele permaneceu de pé, encarando-os com uma força e uma determinação tão instigantes quanto esperavam de um homem que construíra uma corporação multibilionária do nada.

— Sejam bem-vindos — disse ele ao grupo. — E novamente agradeço a todos por terem deixado suas famílias para vir aqui com um aviso tão em cima da hora. Entendo que muitos de vocês estavam de férias e prometo que o tempo que passarão em Nova Iorque será curto. Mas, desde nossa última reunião, as coisas mudaram de forma tão drástica para um de nossos concorrentes, que achei que essa reunião seria no melhor interesse de nossos acionistas, não só para discutir o futuro dessa empresa, mas também o destino de outra, a Redman International.

Ele fez uma pausa de efeito e notou que todos os olhos se voltaram brevemente para Peter Horrigan, sentado à direita de Louis, antes de olharem para o próprio Louis.

Louis continuou. — Como tenho certeza de que a maioria de vocês sabe, essa manhã George Redman e seus diretores foram contra todas as possibilidades e adquiriram a WestTex Incorporated, a empresa transportadora com sede em Corpus Christi, Texas. Nos primeiros vinte minutos da bolsa de hoje, as ações de Redman caíram onze pontos, e continuam a cair.

— Antes de vir aqui, uma de minhas fontes na Redman International telefonou para informar que George Redman e seus diretores estão em pânico. Para que esse negócio da WestTex funcionasse, Redman estava contando com um negócio particular feito com o Irã. O negócio não só o teria colocado como principal exportador de petróleo do Irã, mas também teria rendido bilhões. Em teoria, a ideia era brilhante, mas o acordo era somente verbal. Redman jogou os dados e arriscou tudo em um compromisso verbal porque o Irã recusou-se a assinar qualquer coisa até que a WestTex fosse da Redman International. Eles achavam perda de tempo comprometer-se se isso não acontecesse, e estavam certos.

Ele balançou a cabeça, mostrando a todos que achava que o risco assumido por Redman era totalmente inadequado. — Infelizmente para George Redman, Anastassios Fondaras tinha um acordo similar em andamento com o Irã, que foi finalizado minutos antes de Redman assinar os papéis finais com a WestTex, deixando-o com um débito adicional de dez bilhões de dólares e uma empresa transportadora que não consegue se sustentar.

As pessoas trocaram olhares quando Louis sentou-se. Charles Stout, antigo diretor da American Express e um espinho na carne de Louis, falou: — Então, o que está sugerindo, Louis? Adquirir a empresa?

Louis sorriu para Stout. — É exatamente o que estou sugerindo, Charles. Ao adquirir a Redman International, não só seremos a líder mundial em aço e produtos têxteis, como também teremos uma linha aérea comercial e alguns dos hotéis e cassinos mais atraentes do mundo, sem falar no prédio da Redman

International propriamente dito que, se tratado corretamente, pode ser uma mina de ouro em oportunidades de aluguel. Devemos isso a nossos acionistas.

Stout estava incrédulo. — Devemos isso a nossos acionistas? — perguntou ele. — Você está dizendo que devemos a nossos acionistas a aquisição de uma empresa que acabou de assumir uma dívida de dez bilhões de dólares? Uma empresa transportadora que está agonizando há meses? Nossas ações cairão vertiginosamente. Acabaremos onde Redman está agora.

Louis estava absolutamente calmo. — Olhe para a imagem maior, Charles. Venderemos a WestTex e nos livraremos da dívida.

— E para quem nós a venderemos, Louis? Quem diabos comprará aquela empresa transportadora? Teremos sorte se conseguirmos doá-la, nunca conseguiremos vendê-la por dez bilhões de dólares.

Por um longo momento, ninguém falou. E então Louis, que não mostrara reação alguma à explosão de Stout, puxou a carta da manga e atacou. — Já tenho um comprador, Charles. Antes dessa reunião, telefonei para Anastassios Fondaras no Irã e ele concordou em comprar a WestTex se comprarmos a Redman International. Ele precisa de uma frota maior com esse novo negócio. E ele concordou em pagar os dez bilhões de dólares.

Os olhos de Stout arregalaram-se. Ele fez menção de falar, mas não achou palavras.

Deliciando-se com o momento, Louis olhou em torno da mesa, viu expressões que iam do interesse a uma leve surpresa antes que seu olhar parasse em Florence Holt, a líder dos direitos civis e a advogada de Nova Iorque que era, sem dúvida, a pessoa mais esperta do conselho. Ela o olhou por entre olhos semicerrados. — Você tem certeza disso? — perguntou ela. — Fondaras está disposto a colocar essa promessa por escrito?

Louis assentiu. — Se a decisão do conselho for de ir adiante, ele me disse que assinará um contrato imediatamente. — Ele fez uma pausa. — Quero que entendam uma coisa — disse ele ao conselho. — Essa decisão é de vocês. Se não estiverem confortáveis com isso, basta dizerem, e não haverá ressentimentos. Não vou pressioná-los. Mas se decidirem ir adiante, acho que conseguiremos uma barganha...

— Desde que não sejamos desafiados — interrompeu Stout. — E se houver uma guerra de lances?

O rosto de Louis permaneceu impassível. — Na minha opinião, isso não acontecerá. Como você mesmo destacou de forma tão eloquente, Charles, quem iria querer assumir o erro de dez bilhões de dólares de George Redman? Em particular, garantimos Fondaras, que está comprometido com o negócio. Ninguém mais tem esse comprometimento. Por causa disso, somos a empresa

certa para essa aquisição. Eu acredito que, se nos movermos rapidamente, também garantiremos o conselho deles. Redman acabou de perder a filha. No domingo, o melhor amigo dele cometeu suicídio. Ele não está mais emocionalmente preparado para gerenciar a empresa e o conselho diretor dele sabe disso. Se oferecermos ao conselho um valor maior do que qualquer preço que já tenha sido negociado em suas ações, se concordarmos em cuidar dos funcionários deles, então tenho certeza de que poderemos trabalhar com eles. Poderemos tirá-los desse buraco.

— Eu ainda discordo — disse Stout. — Se prosseguirmos com isso, a Redman International será colocada em risco. As ações subirão e acabaremos pagando bilhões a mais do que deveríamos. — Ele inclinou-se para a frente e olhou para cada um dos outros membros do conselho. — Preciso lembrar a todos nessa sala que a Redman International ainda é um dos conglomerados mais poderosos do mundo? Sim, Redman cometeu um erro, mas ele é um homem brilhante. Com o tempo, ele superará isso. Ele fará com que a WestTex funcione, independentemente de ter perdido a filha e o melhor amigo. E quem disse que ele não pode vender a WestTex para Fondaras? Se tentarmos conseguir a empresa, não tenho dúvida de que Redman tentará algum acordo particular. — Ele olhou duramente para Louis. — Especialmente se você tentar. Sem querer ofendê-lo, Louis, mas todos sabemos que Redman preferiria cagar no chapéu a deixar que você tome a empresa dele.

Louis olhou para Stout, mas não disse nada. Ele empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Deixo o assunto nas mãos de vocês — disse ele para o grupo. — Mas considerem o que acabei de dizer. Deixem as emoções de lado e olhem para os fatos. Eu sei que podemos fazer isso funcionar. Temos Fondaras. Temos os meios. Tenho certeza de que conseguiremos. E eu sei que isso poderia levar a Manhattan Enterprises a um novo patamar de poder e riqueza. Enquanto eu estiver fora, pensem na excelente equipe que as duas empresas formariam. Pense no poder absoluto que nós e nossos acionistas teríamos.

Com isso, ele deixou a sala para que o conselho discutisse o assunto.

* * *

Eles não demoraram muito para tomar uma decisão.

Quando Louis foi chamado de volta à sala do conselho, ele olhou não para o conselho, mas para Peter Horrigan, que se levantou quando Louis se sentou, o

rosto friamente impassível, absolutamente impenetrável.

Subitamente, Louis sentiu-se nervoso. Quando Horrigan sentou-se novamente, Louis procurou algum sinal de triunfo nos olhos do homem mais jovem, algum brilho de vitória, mas não encontrou nada. Ele olhou para a mesa, para cada um dos rostos, hesitando quando viu o que parecia um sorriso nos lábios de Charles Stout.

Será que tinham decidido contra ele?

— Louis — disse Florence Holt — lamento informar que o conselho acredita fortemente que não estamos preparados para deixá-lo ir adiante com a aquisição da Redman International.

Atônito, o coração dele falhou uma batida. *Como podiam eles...?*

Holt cruzou as mãos sobre a mesa, falando com uma voz firme. — Acreditamos que, se dermos um lance pela Redman International, isso colocaria a empresa em risco, independentemente do erro de dez bilhões de dólares de George Redman, e as ações subiriam vertiginosamente, o que, no final, seria prejudicial para nossos acionistas se pagarmos o preço máximo. Como você sabe, com a Redman International à frente...

A voz dela ficou cada vez mais fraca até que ele não ouvia mais nada além do sangue incandescente correndo por suas veias.

* * *

Em seu escritório, ele caminhou até a mesa e a fotografia de Anne que ficava sobre ela. Depois de todos esses anos, ela ainda o possuía, ainda o agarrava com tanta força como no dia em que se conheceram naquela tarde de março, perseguindo um grupo de cachorros em Cambridge. Olhando para ela agora, ansiando pelo que deixara de acontecer em sua vida, ele terminou o drinque e fechou os olhos, os anos desaparecendo como véus.

Ele era jovem novamente, tropeçando cegamente ao descer um barranco, empurrando grupos de espectadores horrorizados, deslizando na neve acumulada, parando à beira de um rio com pedaços de gelo quebrados.

O ar estava frio e carregado de preocupação e agitação. A neve caía do céu escuro. Bem acima, na ponte destruída, a polícia apontava feixes de luz para a água borbulhante, expondo o buraco enorme na superfície quebrada do rio e oferecendo um breve relance do que poderia ter sido tinta vermelha.

De onde ele estava, a algumas centenas de metros da ponta e da cratera sob ela, Louis conseguia ver o destino da esposa, podia ver o para-choque brilhante

do carro dela ao mergulhar lentamente sob a superfície borbulhante.

Mesmo então ele soubera que não fora um acidente.

Agora, com a mente novamente determinada, ele foi até o cofre na parede atrás da fotografia do casamento dos pais e colocou o código para acessá-lo. Ele abriu a porta de metal e uma luz amarela acendeu-se no interior.

Dentro, estava o diário de Anne, um caderno fino que ele encontrara um ano depois da morte dela. Ela o mantivera em uma caixa de latão lisa, escondida atrás de um armário antigo no sótão. Como o amor deles pudera ser tão imperfeito? Como ela pudera duvidar do amor que ele sentia?

O caderno era pequeno e delicado. A capa preta e cinza estava rasgada e desbotada por causa da idade. A encadernação estava rachada. As páginas ameaçavam se soltar.

Cuidadosamente, Louis levou o diário até a mesa e abriu-o na última entrada escrita por Anne. A simples visão da letra dela causou uma dor em seu peito.

A entrada fora feita dois dias antes da morte dela. Fora no dia em que George Redman perdera a última apelação no tribunal. Quando Louis a releu, as malditas palavras acenderam um fogo em suas entranhas, a raiva o dominou e ele rasgou a página.

CAPÍTULO 51

O celular de Spocatti tocou quando Leana saiu do táxi. Ela estava com um vestido preto brilhante pendurado sobre o ombro e um par de sapatos de salto de seda pretos na mão. O sol do começo de tarde estava tão deslumbrante quanto ela planejava estar à noite.

Ele olhou para o telefone, pensou em ignorá-lo, mas desistiu e atendeu. — O que foi, Louis?

— É Michael — disse ele. — Não atende o telefone e o porteiro disse que ele não está no apartamento. Eu disse a você para ficar de olho nele. Onde ele está?

Spocatti esperou que Leana entrasse no hotel antes de afastar-se do meio fio e seguir o táxi pela Quinta. — Está tudo sob controle, Louis.

— Não está tudo sob controle. Eu disse a Michael ontem para não sair do apartamento até que tivesse notícias minhas. Agora, ele sumiu e quero saber onde ele está.

O maxilar de Spocatti enrijeceu-se. O homem estava perdendo o controle.

— Bem? — perguntou Louis. — Onde ele está?

— Bem à minha frente.

— À sua frente? Como assim, à sua frente? Você está com ele?

— Não — disse Spocatti em uma voz agitada. — Eu o estou seguindo. Ele acabou de deixar Leana no hotel e agora está sentado na parte de trás de um táxi. Quer saber o que ele está vestindo, Louis? Isso vai deixá-lo mais calmo? Quer saber o que ele comeu no café da manhã, se ele tomou banho, quando cagou pela última vez? Meu Deus, você está começando a me irritar.

— Eu paguei a você quinze milhões de dólares para esse trabalho. Vou irritá-lo o tanto que eu quiser.

Algo no espelho retrovisor captou o olhar de Spocatti e ele virou o volante para a esquerda, pisou fundo no acelerador e quase bateu na limusine Lincoln que estava tentando ultrapassá-lo. Ele atravessou um sinal vermelho e jogou o carro na faixa central, não antes que dois outros carros desviassem à sua frente, bloqueando por um instante a visão de Michael, três carros à sua frente.

— Muito bem — disse Louis. — Atraia a atenção dele e faça com que pare. Quero que ele venha aqui, em meu escritório, antes do começo da festa.

Mas o táxi acelerou, entrou na faixa central, passou por uma fileira de carros parados e entrou à direita, desaparecendo em frente a um ônibus que andava devagar.

Spocatti estava incrédulo. O táxi o estava deixando para trás.

— Merda! — gritou ele, jogando o telefone para o lado, semicerrando os olhos por causa do sol e ignorando a voz de Louis, que gritava furioso no telefone. Por um momento, ele não soube dizer qual era o táxi de Michael, pois havia dúzias deles.

Então, bem à frente, ele viu o táxi, viu Michael olhando pelo vidro traseiro e viu, com uma descrença fria, o sorriso triunfante no rosto do homem.

O próximo semáforo ficou amarelo. O táxi de Michael atravessou. Contra todas as possibilidades, Vincent pisou fundo, cortou pela faixa central e viu o sinal ficar vermelho.

O tempo pareceu parar.

Ele viu as fileiras paradas de trânsito na Quarenta e Oito, viu que estavam paradas por causa de um homem atravessando a rua em uma cadeira de rodas. Ele pisou mais fundo no acelerador. Ele ia conseguir.

O caminhão dos correios apareceu do nada.

Spocatti pisou no freio com força e girou o volante para a esquerda. Ele viu o veículo enorme aproximando-se dele, a buzina gritando, os pneus guinchando. A cidade girava no lado de fora. Ele perdeu o controle da van e sentiu-a inclinando-se...

E então ela endireitou-se novamente.

Ele agarrou o volante, virou-o para a direita e encolheu-se quando o caminhão do correio passou por ele, a buzina ainda soando quando as dezoito rodas enormes cruzaram a rua Quarenta e Oito. À distância, ele ouviu alguém gritando – e deu-se conta de que era ele mesmo. Ele fechou a boca, ficou sentado rindo loucamente, as pernas formigando, as mãos ainda agarrando com força o volante de couro.

Ele sentia-se eufórico, o corpo inteiro cheio de uma vitalidade que ele não sentira em anos.

Vincent olhou para a avenida e viu as pessoas correndo em sua direção.

Mas não havia sinal de Michael. Ele se fora.

* * *

O táxi ziguezagueou pelo trânsito, percorrendo rapidamente a Quinta e, por

duas vezes, quase bateu em outro carro.

Michael continuou olhando pelo vidro traseiro, sem virar-se até estar convencido de que tinham despistado Spocatti. Ele olhou para a motorista, uma jovem negra que parecia perfeitamente à vontade violando as leis ao acender o terceiro cigarro e invadir o terceiro sinal vermelho.

— Você foi incrível — disse ele, botando a mão no bolso traseiro e pegando a carteira. — Absolutamente incrível. Onde aprendeu a dirigir assim?

A mulher olhou para ele por sobre o ombro, a fumaça saindo pelo nariz ao arregalar os olhos. — Está brincando, querido? — perguntou ela. — Estamos na cidade de Nova Iorque. Todo mundo dirige assim.

Michael riu. — Nem tanto — disse ele. — Mas gosto de sua modéstia. Quanto devo pelo favor?

— Quanto você tem?

O suficiente para dar o fora dessa cidade, pensou Michael. *E começar do zero em algum outro lugar com Leana.* — Que tal cem? — perguntou ele.

A mulher deu um trago no cigarro, freou quando outro táxi cortou à sua frente. — Eu sei quem você é — disse ela. — Li seus livros, vi seus filmes. Você estava demais naquele último — disse ela, olhando para o peito dele. — Você provavelmente vale milhões. Centenas de milhões. Digamos que você me dê três notas e, se alguém perguntar, nunca vi sua cara bonitinha.

Michael não pode deixar de sorrir. — Combinado — disse ele, e entregou o dinheiro a ela. Ele olhou mais uma vez pelo vidro traseiro, não viu sinal da van de Spocatti em meio ao trânsito e sentiu-se peculiar e estranhamente seguro. — Pode me deixar aqui — disse ele. — Acho que o despistamos.

A mulher parou junto ao meio-fio, onde outro passageiro estava esperando para entrar. Os carros passavam em alta velocidade. — Ah, querido, eu sei que o despistamos — disse ela quando Michael estava saindo. — Eu estava olhando. O idiota quase foi pego por um caminhão dos correios. Acredite em mim. Se ele estiver em algum lugar perto daqui, arranco os meus apliques.

* * *

Ele tirou o celular do bolso da calça e discou para o escritório de Leana.

— Sou eu — disse ele. — O que acha de um jantar mais tarde, depois da festa? Há esse pequeno restaurante francês no Village que fica aberto até tarde. A comida é excelente e o vinho também. Eu sei que está um pouco em cima, mas um jantar romântico talvez ajude a espairecer sua mente.

Leana ficou em silêncio por um momento, pensativa. Michael olhou para a rua movimentada, o olhar passeando pelas multidões nas calçadas e pelo trânsito na Quinta. E então ele viu a van de Spocatti, negra como a noite, descendo a avenida lentamente.

Absolutamente imóvel, Michael ficou olhando para a van até que ela sumiu de vista. Leana disse: — Eu lhe disse recentemente como você é demais?

— De fato, não. Mas pode dizer hoje à noite. Posso considerar isso como um sim?

— Pode considerar com um belo sim. Jantar parece ótimo. Vejo você mais tarde. Isso aqui parece um hospício.

* * *

Ele pegou um táxi para uma agência de viagens na Terceira Avenida.

— Preciso de duas passagens para Madri — disse ele para a agente. — Saindo hoje à noite.

A agente, uma senhora de meia idade com o cabelo pintado de vermelho e cílios incrivelmente longos, começou a digitar informações no computador. — Vai ficar caro — disse ela. — E difícil de conseguir lugar. As linhas aéreas podem estar lotadas...

— Não me importo com o preço — disse Michael. — E não precisa ser Madri. Pode ser qualquer lugar da Europa, mas o voo tem que sair hoje à noite, depois da meia-noite.

— Depois da meia-noite — repetiu a mulher. — Certo, dê-me um segundo...

Ele olhou pelas janelas grandes da agência, viu turistas e homens de negócio apressando-se na calçada, mulheres bem vestidas carregando sacolas de compras, um mendigo empurrando um carrinho de supermercado. Nenhum sinal de Spocatti.

— Para Madrid não tem — disse a agente. — Então é Londres ou Paris. Já esteve em Milão?

— Várias vezes — disse Michael. — Adoro a cidade, especialmente no verão. Por que não tenta?

Os dedos dela dançaram por sobre as teclas. Michael olhou de novo pela janela e, dessa vez, viu uma mulher parada no meio-fio, inclinada contra uma caixa de correio, folheando um jornal. Ela parecia familiar, como se ele já a tivesse visto antes. Mas ele não conseguia se lembrar.

— Bingo — disse a agente. — Posso reservar duas passagens de primeira classe para Milão. — Michael franziu as sobrancelhas, inclinou-se para a frente e continuou a olhar para a mulher na rua. — Sai que horas? — perguntou ele.

— 0h34.

Michael pegou a carteira. A mulher na rua jogou o jornal em uma lata de lixo de metal e começou a digitar números no celular. Ela olhou para ele. Seus olhos se encontraram e ela desviou o olhar casualmente.

Michael sobressaltou-se – ele conhecia aquele rosto. Mais cedo, quando ele e Leana saíram do apartamento para chamar um táxi, essa mulher caminhara em direção a eles, com um jornal sob o braço. Ela olhara para ele ao passar.

Naquele momento, Michael notara como ela era bonita, traços europeus clássicos. Agora, ele teve a sensação, com um arrepio gelado de medo, que ela trabalhava para Spocatti.

Ele olhou para a agente, com o coração batendo mais forte. — Quanto é? — perguntou ele. — Estou com pressa.

A mulher disse o valor. — Preciso do seu nome — disse ela. — E do nome da pessoa que vai viajar com você.

— Vou viajar com minha esposa — disse Michael, entregando o dinheiro a ela. — Sr. e Sra. Michael Ryan. — Ele olhou de novo pela janela e viu que a mulher desaparecera. Ele levantou-se, foi até a janela e a procurou na multidão.

Mas não viu sinal dela. Era como se tivesse desaparecido.

— Alguma coisa errada?

Michael sentiu-se pesado de medo. Ele deu as costas para a janela, encarou a agente confusa e viu que ela colocara o recibo das passagens em um envelope.

— É, tem uma coisa errada, sim — disse ele. Michael caminhou até a mesa dela, colocou as passagens no bolso e pegou a carteira, entregando a ela uma nota de cem dólares.

— Se tiver outra saída — disse ele — isso é seu.

CAPÍTULO 52

Leana atravessou o saguão movimentado apressadamente, verificando cada mesa, com Zack Anderson ao seu lado. — Está ficando tarde — disse ela. — Por que as flores ainda não foram entregues?

— Boa pergunta — disse Anderson. — Liguei para a floricultura há uma hora, briguei com todo mundo e me disseram que estavam a caminho.

— A caminho? — perguntou Leana. — Onde fica a floricultura?

— Na Terceira com a Quarenta e Cinco.

Leana balançou a cabeça. — Fica a dez minutos daqui de carro. Ligue para eles e diga que, se quiserem nossa conta, as flores deverão chegar nos próximos dez minutos. Sem desculpas.

— Certo.

— E a segurança? — perguntou ela. — Eles já não deveriam estar aqui?

— Eles estão aqui — disse ele. — Chegaram logo depois de você.

Leana olhou em torno do saguão. Primeiramente, ela notou somente a equipe de decoradores que estivera lá por dias, brigando por detalhes que ela nunca teria considerado. O saguão tinha agora trezentas mesas com seis lugares, quatro bares que tinham sido trazidos de Hong Kong e um sistema de som sofisticado que amplificaria sua voz para centenas de pessoas.

Então, à sua direita, ela notou um homem alto e robusto em um terno preto. Ele estava falando na lapela e andando para trás da cachoeira. Bem acima, no terceiro andar, ela notou outro homem inspecionando os sistemas de alarme. E, atrás dela, a equipe de garçons estava ouvindo atentamente a um grupo de homens vestidos de forma idêntica.

— Quantos?

— Trinta — disse Zack.

— Não é suficiente. Fale com o responsável e diga que quero pelo menos mais vinte. Em algumas horas, esse lugar vai estar cheio com algumas das pessoas mais influentes do mundo. Quero que elas estejam seguras.

Anderson assentiu e, ao observá-lo se afastando, ela ficou imaginando se a cena do outro dia funcionara. Ele parecia diferente agora, sem julgá-la, disposto a receber orientações, polido. Sem a ajuda dele, ela sabia que nada disso teria acontecido com tanta tranquilidade.

Com um último olhar ao redor, ela pegou o elevador para o escritório e telefonou para Louis Ryan na Manhattan Enterprises.

— É Leana — disse ela. — Espero não estar incomodando.

— É claro que não está incomodando — disse ele. — Eu ia telefonar para você agora mesmo. Recebeu minhas flores?

Leana admirou a enorme quantidade de rosas sobre a mesa. — Claro, recebi — disse ela. — Como não poderia notá-las? Elas tomam conta da sala e são lindas. Obrigada.

Um pensamento lhe ocorreu e ela riu. — Você sabe — disse ela, — talvez eu precise usá-las no saguão.

— Problemas com a floricultura?

— Pode-se dizer que sim.

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Alguma coisa sempre dá errada no último minuto e depois se resolve sozinha. A floricultura aparecerá e as coisas ficarão bem. Está com algum outro problema?

— Não — disse ela. — Está tudo indo bem.

— Então, o que posso fazer por você? Precisa de um calmante?

Leana sorriu. — Na verdade, não estou nem um pouco nervosa. Telefonei para saber se você fez algum progresso para encontrar o homem que matou minha irmã.

— Esse é um dos motivos pelos quais eu ia telefonar para você.

Leana colocou a mão sobre o ouvido livre para ouvi-lo melhor. — Você o encontrou?

— Não — disse Louis. — Mas contratei um homem que o encontrará. O nome dele é Vincent Spocatti, é um dos melhores detetives particulares do mundo e ele tem certeza de que pode encontrar o homem que matou Celina. Hoje à noite, depois da festa, quero que encontre-se com ele.

Ela pensou rapidamente no jantar que combinara com Michael. Ele entenderia, isso era importante.

— É claro — disse ela. — E obrigada, Louis. Isso significa muito para mim, mais do que pode imaginar.

Ela colocou o telefone no gancho e foi até a janela. Ela levaria Michael ao encontro e eles poderiam jantar depois disso. Ela teve um impulso súbito de telefonar para Harold, contar a ele a notícia boa, mas depois se deu conta, novamente, de que não podia telefonar para ele. Ele se fora. *Por quê?* perguntou-se ela. *Você poderia ter falado comigo. Não confiava em mim o suficiente para saber que eu não me importaria de você ser gay ou hétero, gordo ou magro?*

Ocorreu a ela que talvez ele não soubesse e que, talvez, ela devesse tê-lo abordado sobre o que sabia. A ideia de que talvez ele estivesse vivo agora se ela

tivesse falado com ele era esmagadora demais para ser considerada.

Ela pegou os cartões de anotação sobre a mesa. O discurso que ela reescrevera e memorizara naquela manhã estava cuidadosamente impresso neles. Ao folheá-los, lendo em voz alta ao andar em frente à janela, Leana notou um minúsculo ponto vermelho de luz bater em sua manga e mover-se sobre sua mão antes de desaparecer.

Ela parou diante da janela.

Ela olhou para o prédio vizinho, não viu nada de incomum, ouviu o som abafado de um motor e viu um helicóptero pairando sobre a cidade. A luz do sol batia nas lâminas, lançando um arco-íris de luz sobre o seu rosto e o seu corpo. Ela encolheu-se com a luz súbita e ergueu a mão para proteger os olhos.

O helicóptero parecia estar circulando sobre o hotel. A porta estava aberta e ela viu alguém inclinado para fora, com uma câmera de vídeo sobre o ombro. Obviamente, a imprensa cobriria o evento do ar. Leana ficou intrigada com aquele ponto de luz vermelha, olhou para o helicóptero e decidiu que provavelmente era por causa do reflexo da luz do sol.

Ela afastou-se da janela e voltou para os cartões.

* * *

A luz da tarde esgueirava-se pelas cortinas semifechadas, banhando a cama de hospital estreita onde Mario De Cicco estava deitado. O corpo dele estava banhado em suor.

Antonio desviou o olhar dos monitores que rodeavam a cama e olhou para os dois filhos mais novos, Miko e Tony. — Hoje à noite — disse ele, — quando ela estiver sob as câmeras, vamos matá-la para que o mundo inteiro assista.

Os dois irmãos aproximaram-se da cama.

— Eu dei uns telefonemas — disse Antonio. — O filho de Sal, Rubio, conhece uns caras que vão trabalhar na inauguração, no bar. Como um favor pessoal, ele disse que pode infiltrar vocês dois na festa, prometeu que não seria um problema.

Um dos monitores fez um bipe e Antonio virou-se para olhar para Mario, pálido e imóvel na cama. A respiração dele era profunda e cadenciada. Antonio olhou para o monitor e, em seguida, para o filho, esperando ver um sinal de vida no rosto dele. Ele não viu nenhum, e ficou imaginando se algum dia Mario acordaria.

Ele voltou-se novamente para Miko e Tony, pela primeira vez aparentando

cada um de seus sessenta e nove anos. — Tudo o que precisam fazer é lavar alguns copos e esperar que ela suba no palco — disse ele. — Quando ela estiver no meio do discurso, quando todos estiverem olhando para ela, estourem os miolos dela. Se forem rápidos e ficarem perto das portas dos fundos, não terão problema para sair de lá.

— E a segurança? — perguntou Miko. — O lugar vai estar fervilhando de policiais, sem falar na imprensa. Alguns poderão nos reconhecer. Qual é o plano B?

Antonio olhou para o filho. — Desde quando você se importa com a segurança? — perguntou ele. — Ou com a imprensa? Quando você atirar na Redman, vai haver uma confusão tão grande que ninguém vai ficar no caminho. Se alguém ficar, mate e dê o fora.

Ele acenou com a cabeça para Nicky Corrao, sentado do outro lado em uma cadeira de vinil azul, ouvindo os planos deles. — Nicky vai dirigir — disse ele. — Ele estará na entrada da rua Cinquenta e Três, pronto para partir quando vocês dois saírem.

Ele olhou para Mario. — Eu a quero fora da vida dele — disse ele. — Quando Mario acordar, quero que o obituário dela seja a primeira coisa que ele veja. Se não for, se algum de vocês me deixar na mão, nunca vou esquecer. Entendido?

Perfeitamente.

— Então sugiro que se mexam — disse Antonio. — Telefonem para Rubio agora e descubram o que devem vestir e onde devem encontrá-lo. Nicky, você fica aqui. Quando Pauly chegar, diga a ele para ficar de olho em Mario. Se ele acordar, quero ser avisado imediatamente.

— Sim, senhor.

— E, Nicky — Antonio disse ao se preparar para sair com os outros. — Esteja parado naquela entrada hoje à noite. Se não estiver, se Miko e Tony não saírem em segurança, você acabará tão gelado quanto Leana Redman.

Nicky ficou olhando enquanto eles saíam. Ele estava pensando em como De Cicco podia ser um filho da puta quando um dos monitores bipou novamente.

Ele olhou para Mario e depois para o monitor. Uma linha verde serrilhada atravessava a tela. Curioso, ele parou ao lado de Mario e olhou para baixo, com uma admiração aberta, para a rede de tubos e fios que envolviam seu corpo.

Ele sempre respeitara Mario, o homem era justo e tinha classe. Quando Nicky recebera o emblema da família, Mario fora o primeiro a lhe dar os parabéns, Mario o levara para sair naquela noite para ficarem bêbados. Nicky queria que ele vivesse. Ele apertou o ombro de Mario e estava prestes a dizer o nome dele quando os olhos de Mario se abriram subitamente.

Eles ficaram olhando um para o outro. Os olhos de Mario enrugaram-se e ele forçou um sorriso. — Eles se foram? — perguntou ele.

Os lábios de Nicky se abriram. Ele olhou rapidamente em direção à porta e ia dizer alguma coisa quando Mario pegou sua mão. — Não — disse ele. — Não quero falar com eles. Só quero falar com você. Agora, venha cá. Mais perto. E escute o que viu dizer, Nicky. Você está prestes a se transformar em um homem muito rico.

* * *

Spocatti empurrou as portas giratórias do prédio da Manhattan Enterprises e deixou para trás o calor escaldante da rua.

Ele atravessou rapidamente o saguão movimentado, deu um último trago no cigarro e jogou-o ainda queimando no chão. Parou em frente aos elevadores, apertou um botão que já estava iluminado e sorriu para a mulher ao lado dele. Ela era linda, os cabelos longos e escuros caindo pelas costas em ondas grossas.

As portas se abriram.

A mulher entrou e Spocatti seguiu-a. Novamente ele olhou para ela. Ela usava óculos escuros, jeans desbotados e uma camiseta branca. Os lábios eram cheios e pintados de vermelho. Ele acenou com a cabeça para ela e sorriu quando ela retribuiu.

As portas se fecharam e eles ficaram sozinhos. Spocatti apertou um botão e o elevador começou a se mover. A mulher continuou olhando diretamente à frente.

Ele olhou para ela meio de lado. — Você o encontrou? — perguntou ele.

— É claro. Nós o encontramos em uma agência de viagens na rua Quarenta. Ele agora está no seu apartamento.

Se Spocatti estava aliviado, seu rosto não o demonstrou. Ele olhou para o mostrador do elevador, observando os andares passarem. — E para onde nosso amigo achou que iria?

A mulher abriu a bolsa de couro preto e retirou o recibo das passagens aéreas, entregando-o a Spocatti. — Ele comprou duas passagens de primeira classe para Milão. O voo sai essa noite do JFK. Eu acho que ele planeja levar Leana para umas férias.

Spocatti guardou o envelope e estudou o reflexo dela nas portas do elevador. Ela era impressionante em sua arrogância. O nome dela era Amparo Gragera, pesava menos de 60 quilos e, uma vez, ele a vira matar com as mãos

nuas um homem que tinha o dobro de seu tamanho. Como a irmã, Carmen, ela era um membro importante de sua organização, tinha treinamento completo, armas e um conhecimento sólido sobre computadores. Uma vez, ela fora o amor da vida dele. Ele sabia que ela podia ser tão letal quanto ele.

— Está tudo pronto para hoje à noite? — perguntou ele.

— Terry cuidou de tudo hoje de manhã.

— E você sabe o que deve fazer?

— Alguma vez eu o desapontei?

— Só pessoalmente — disse ele. — Mas não, não profissionalmente.

— Que alívio.

— Essa é nossa última noite em Nova Iorque. Que tal um jantar depois que o trabalho estiver feito?

O elevador parou. As portas se abriram e várias pessoas entraram, apertando os botões no painel de controle do elevador. Spocatti saiu do elevador e virou-se para ver a resposta.

— Acho que não — disse ela. — Estou trepando com outra pessoa agora. Na verdade, ela é mais o seu estilo do que o meu, a bunda dura como pedra, mas ela chupa muito bem. Quando acabar com ela, darei o seu número. Acho que ela também gosta de homens.

As pessoas no elevador viraram-se para olhar para ela, horrorizados. Spocatti não pôde evitar um sorriso e afastou-se quando as portas do elevador se fecharam.

* * *

Louis jogou as passagens aéreas sobre a mesa. — Onde está Michael agora?

Spocatti estava parado em frente ao bar. Ele colocou gelo em dois copos, pegou uma garrafa e serviu. — Ele está no meu apartamento, sendo vigiado por um dos meus homens.

— E Jack Douglas e Diana Crane? Você os tem seguido. Onde eles estão?

Spocatti atravessou a sala e entregou um dos copos a Louis. Ele achou que o homem parecia mais velho. As bochechas um pouco murchas. Os olhos mais fundos. O estresse o estava devorando. — Eles devem chegar no aeroporto de Heathrow em alguns minutos. Vão reabastecer e voar de volta para Nova Iorque.

— E não telefonaram para ninguém?

Spocatti tomou um gole do seu drinque. — Eles telefonaram para os pais do avião — disse ele. — Mas para mais ninguém. Eles não tentarão nada, Louis.

Sabem o que está em risco. Sabem que o avião está grampeado. Sabem que alguém estará no aeroporto de Heathrow vigiando para que não fujam. Ao chegarem em Nova Iorque, estará tudo terminado.

— Não tenha tanta certeza — disse Louis. — Estamos nos arriscando muito. Quais são os seus planos para quando eles chegarem?

Spocatti ergueu a sobrancelha. — O que você acha? Eles sabem demais. Quando chegarem ao JFK, serão assassinados. E os pais deles também.

Satisfeito, Louis caminhou até a janela e olhou para a cidade. O sol só se poria dali a algumas horas, mas a antecipação estava se acumulando. Ele ouviu o silêncio. O único som era do gelo batendo contra o vidro ao levar o copo à boca.

Spocatti observou-o bater o copo contra a coxa e sentiu uma perturbação no ar. De novo, ele ficou imaginando que tipo de mulher Anne Ryan fora.

— Então, é isso — disse Louis. — O envelope está na minha mesa. Faça com que Redman o receba às nove da noite de hoje.

Spocatti pegou o envelope e colocou-o no bolso do casaco. — Tem certeza de que ele vai me encontrar?

Louis deu as costas para a janela. — Ele vai encontrar você. Quando ele ler aquela entrada do diário e se der conta do que fiz à filha dele, ele aparecerá. Pode contar com isso.

— E a polícia? Talvez ele a chame.

— Não, ele não vai — disse Louis. — Redman pode ser muita coisa, mas não é burro. Ele não chamará a polícia se quiser que a esposa dele viva. Leve Redman e Michael ao escritório de Leana. Não deixe ninguém ver você. Use uma das entradas laterais. Esteja lá com os dois às dez. Leana e eu encontraremos vocês, como planejado.

* * *

O Learjet avançou pela escuridão, atravessando nuvens e chuva. Ele tremeu com a turbulência e desceu pelo céu ao aproximar-se das luzes de Londres e do aeroporto de Heathrow. A voz do capitão surgiu nos alto-falantes: — Chegaremos em uns dez minutos — disse ele a Diana e Jack. — Lamento pelos saltos, mas está bem difícil lá fora. Mantenham os cintos de segurança afivelados. Vamos aterrissar, reabastecer e começar a viagem para Nova Iorque.

Diana olhou para Jack do outro lado da mesa. Ele estava escrevendo em um bloco amarelo, parando de vez em quando para olhar pela janela com o rosto determinado.

Ela estava assustada. O que estavam propondo poderia voltar-se contra eles, mas não tinham escolha. Se não agissem, as consequências seriam igualmente graves.

O avião inclinou-se para a direita, deslizou sob a linha das nuvens e Londres explodiu em um brilho súbito. Diana olhou para a teia complexa de luzes brilhantes sob eles e pensou em Louis Ryan. Ele matara Celina. Talvez ele tivesse destruído a Redman International. Em questão de horas, Leana inauguraria seu novo hotel. Ela era a próxima da lista? Era George? Elizabeth?

Jack terminou de escrever e empurrou o bloco pela mesa. Diana o pegou. Ela leu o que ele escrevera duas vezes antes de colocar o bloco de volta na mesa. O coração dela disparou e ela fechou os olhos. *Isso não vai funcionar*, pensou ela. *É arriscado demais. Se ele for pego, minha mãe morre, e os pais dele também. Quem somos nós para colocar a vida deles em perigo?*

Jack deve ter imaginado o que ela estava pensando, porque esticou o braço e pegou a mão dela. Ele olhou duramente para ela e, se o compartimento não estivesse grampeado, ele teria dito o que os olhos transmitiam: *Não temos escolha. Você sabe disso. Recomponha-se. Preciso de você.*

Ela soltou a mão e assentiu rapidamente. Ela estivera em situações difíceis antes e lidaria com essa agora. Ela virou-se para a janela e observou a chuva batendo contra o vidro. Do lado de fora, parecia que o mundo estava derretendo.

O avião estava quase pousando.

Diana segurou-se na poltrona e preparou-se, encolhendo-se quando as rodas bateram na pista molhada. Os motores e os freios gritaram. Jack saiu da poltrona no momento em que pararam ao lado do Terminal Quatro.

O capitão saiu da cabine, o sorriso desaparecendo quando ele viu Jack parado no meio do corredor, um dedo nos lábios, o bloco nas mãos. O homem olhou para Diana, parada atrás de Jack, o rosto pálido e atento como um fantasma. — Lamento pela viagem — disse ele, sem saber ao certo como interpretar a situação. — Eu sei que a turbulência foi forte.

O rosto de Jack ficou sombrio.

— A viagem foi boa — disse ele. — O tempo é que estava meio assustador. Em um certo ponto, não achei que Diana fosse aguentar.

Antes que o homem pudesse falar, Jack aproximou-se dele, entregou o bloco e fez um sinal para que lesse. O homem franziu as sobrancelhas, fez menção de que ia falar, mas Jack balançou a cabeça firmemente e apontou para o bloco.

O capitão leu. Quando terminou, ele ergueu os olhos para Jack. Em seu rosto, havia um olhar de compreensão fria. — Ficaremos no solo por cerca de trinta minutos — disse ele. — Nesse meio tempo, se quiserem ir ao terminal e

passear um pouco, há bastante tempo.

— Não — disse Diana. — Ficaremos aqui. E obrigada por nos trazer até aqui inteiros.

O homem removeu o quepe e jogou-o para Jack. — Sem problemas — disse ele. — Mas se me derem licença, tenho que ir até lá. Prometi uma lembrança da viagem à minha filha.

E começou a tirar o uniforme de capitão.

* * *

Cinco minutos depois, Jack Douglas estava vestindo o uniforme cinza escuro e o casacão enorme do piloto. Ele saiu do avião e desceu correndo os degraus estreitos e escorregadios do Lear, a cabeça abaixada por causa do vento e da chuva.

Diana estava sentada na janela e ficou olhando enquanto ele se movia. Ela não desviou o olhar até ele chegar ao terminal brilhante e entrar em uma das portas iluminadas. Ela sabia que eles estavam sendo vigiados, podia sentir isso da mesma forma como sentira o medo de Jack antes que partisse. Ela não tinha certeza se estavam sendo vigiados por um membro da equipe em terra ou por alguém nas janelas do segundo andar do Terminal Quatro.

Ela desviou os olhos da janela.

O piloto tirara a maleta pequena de um armário e estava rapidamente vestindo calças cáqui, uma camiseta de algodão branca e um boné de beisebol azul. Ele não olhou para Diana ao se vestir, mas além dela para o co-piloto. O jovem estava parado na porta aberta do Lear, encolhendo-se na brisa molhada, acenando para um membro da equipe em terra.

O homem subiu os degraus molhados, o casaco amarelo brilhando, o rosto corado, molhado e sorridente. — O que foi, amigo? — perguntou ele apertando a mão do co-piloto. — Como é bom ver você. Como vai sua esposa, ainda está traindo você?

O co-piloto riu e conduziu o homem para dentro, afastando-o da porta aberta e entregando a ele o bloco. Diana observou-o enquanto lia. O co-piloto disse: — Pobre coitado, é a *sua* mulher quem trai. Quando vai parar de mentir para si mesmo e admiti-lo?

O homem terminou de ler. O bom humor deixou o seu rosto e ele olhou pelo corredor para o piloto, que fechara a maleta e estava esperando na parte de trás do avião, onde não havia janelas.

— Tenho a garota mais feliz de Londres — disse ele. — Ela nunca me trairia.

E ele tirou o casaco amarelo.

* * *

Quando o piloto deixou Diana e a tripulação para trás, a chuva batia contra o Lear. Ele desceu os degraus correndo e cruzou a pista, com o boné de beisebol protegendo o rosto, a chuva e o vento batendo com força em seu casaco.

Ele teve um impulso de olhar para cima, para as janelas brilhantes do terminal, mas conteve-se e entrou no prédio. Ele subiu correndo um lance de escadas, abriu uma porta e virou à direita, cortando por fileiras de pessoas apressadas para pegar suas conexões. Ele olhou para a multidão procurando algo incomum. Se ele estivesse sendo seguido, estavam fazendo um excelente trabalho em disfarçar.

Ele foi para o banheiro que ele e Jack tinham combinado.

— Rápido — disse Jack, quando o homem entrou. — Tenho trinta minutos para voltar para aquele avião. Rápido!

O banheiro era grande, limpo e estava vazio. Eles entraram nos últimos dois compartimentos e começaram a tirar a roupa.

— Alguém seguiu você? — perguntou Jack.

O piloto jogou as roupas por sobre a divisória. — Não — disse ele. — Ninguém me seguiu. — Ele parou para pegar o uniforme que Jack empurrara por sobre a parede de metal cinza e disse: — Antes de entrar naquele avião, você deveria telefonar para Redman.

— Não posso — disse Jack. — O telefone dele pode estar grampeado.

— Então ligue para a polícia. Você ainda demorará sete horas para chegar. Talvez, até lá, Ryan já tenha feito alguma coisa.

Jack saiu do compartimento e foi até o espelho de corpo inteiro. As roupas estavam frouxas, mas não demais. O boné de beisebol escondia seu cabelo castanho claro.

— Esqueça — disse ele. — Louis Ryan provavelmente controla a polícia.

O piloto saiu do compartimento e parou ao lado de Jack. Os olhos deles se encontraram. — Além disso — disse Jack, — quando chegarmos, Ryan estará na inauguração do novo hotel. O evento recém terá começado. Sabemos que ele planejou algo grande, mas não acontecerá naquela festa.

— Discordo. É exatamente o que ele planejaria.

— Não acho — disse Jack. — Tenho um palpite.

Ele foi até a porta, mas parou para lançar um olhar para o piloto. — Compre um presente para a sua filha. Eles estarão vigiando.

CAPÍTULO 53

Assim que Elizabeth colocou os olhos sobre ele, soube que alguma coisa mais estava errada, sabia que tinha algo a ver com o envelope que ele acabara de receber do mensageiro. Aquele breve olhar de horror que vira no rosto dele não era familiar, mas ela o reconhecera mesmo assim.

Ela fechou a porta atrás dela e ficou parada, a curta distância dele e da mesa, e observou suas feições lentamente retornarem ao normal quando ele dobrou a carta ao meio e colocou-a no bolso do casaco. Por um momento, ele ficou imóvel, o olhar fixo na fotografia de Leana sobre a mesa. Ele respirou fundo e olhou para a esposa. Os anos que ele nunca mostrara estavam agora em seu rosto.

Elizabeth deu um passo à frente, saindo das sombras para a luz. — O que foi? — perguntou ela. — É sobre Celina?

George não respondeu. Com esforço, ele levantou-se da cadeira, foi até o bar, pegou um copo com borda dourada, serviu uma dose de uísque e bebeu.

Observando George, sentindo o medo dele com quase tanta certeza quanto sentia sua tensão súbita, Elizabeth sentiu-se incapaz de ajudá-lo.

Ela parou do lado dele.

George colocou o copo vazio no bar e serviu outra dose. Pareceu uma eternidade antes que ele falasse. — Não — disse ele. — Não é sobre Celina.

— Então o que é?

— Não posso contar a você — disse ele. — Pelo menos não agora. Então, por favor, não me pressione. Eu preciso sair.

Elizabeth observou-o afastar-se dela.

Do outro lado da sala, depois de atravessar um longo silêncio e a escuridão, George hesitou em frente ao vidro escuro de um enorme espelho emoldurado do século dezoito e endireitou o corpo. Envolto em ouro e pesado com a idade, o rosto pálido dele brilhou na noite, como uma lua estranha e distante. Ele olhou para o reflexo como se não reconhecesse a pessoa no espelho.

Elizabeth foi até ele, colocou os braços em torno dele e o abraçou. Ela queria saber aonde ele ia, mas confiava nele o suficiente para não perguntar. Em vez disso, ficou parada lá, abraçando-o silenciosamente, sentindo o corpo dele relaxar contra o seu.

— Eu tenho que ir — disse ele.

— Eu sei. — Ela fez uma pausa. — Quero que fique aqui.

— Não posso.

Ele virou-se e beijou-a nos lábios. Eles olharam um para o outro por um longo momento e George desfez o abraço. Ele fez um esforço e sorriu para ela. — Talvez eu demore — disse ele. — Não me espere acordada, ok?

Elizabeth sentiu-se mal. Ela recuou um passo e observou-o enquanto ele olhava em torno do escritório. Ele parecia estar olhando para o aposento pela primeira vez. Ou talvez pela última.

Relutantemente, ela ficou olhando quando ele se encaminhou para as portas de mogno e saiu para o corredor.

Ela foi atrás dele.

— Não estou tão cansada — disse ela. — Não vou cair no sono.

O corredor era longo e estava nas sombras, com uma penumbra que parecia vir de lamparinas. Isadora, a gata da família, saiu da biblioteca e correu atrás de George, o rabo alto e cheio. Acima deles, suas sombras juntaram-se em uma espécie delicada de abraço.

— Conversaremos quando você voltar — disse Elizabeth. — Está bem?

— Eu amo você — disse ela.

George levantou uma mão em resposta. Ele virou a esquina e desapareceu.

* * *

Dez minutos mais tarde, quando ele saiu pelas portas giratórias do prédio da Redman International, George hesitou apenas um momento antes de descer os degraus até a limusine Mercedes preta que o aguardava no meio-fio.

Vincent Spocatti estava encostado na porta do lado do motorista. — Sr. Redman — disse ele, com um ligeiro aceno da cabeça. — Que bom que veio.

George olhou para o homem, gravando seu rosto na memória, mas não disse nada. Ele entrou na limusine e ficou frente à frente com uma mulher.

Ela era deslumbrante, estava vestida toda de preto, o cabelo longo e escuro puxado para trás. Sua boca apertou-se ligeiramente quando ele sentou-se a seu lado.

Havia mais alguém no carro. Ele estava sentado ao lado da mulher, o rosto como uma máscara congelada. Era Michael Archer.

Os dois homens se encararam. Fios de silêncio desfiaram-se entre eles.

George estava prestes a falar quando a mulher começou a revistá-lo. As

mãos dela eram rápidas e eficientes. Ela olhou para Spocatti quando ele colocou a cabeça pela porta aberta. — Ele está limpo — disse ela.

Spocatti olhou para Michael e George. — Minha nossa — disse ele. — Olhem só para vocês. Parece que vamos ao necrotério, não a uma festa. Animem-se.

CAPÍTULO 54

O volume da música aumentou, uma explosão de aplausos soou e Leana moveu-se pela multidão. Ela sorriu para pessoas que não conhecia, acenou para as que subitamente a conheciam e ficou imaginando onde estava Michael.

Ela não tinha escolta. Centenas de pessoas sorridentes a envolviam, mas ela nunca se sentira tão sozinha. Onde ele estava? Ela especificamente pedira a ele que chegasse às oito, para que pudessem juntar-se à festa às oito e meia. Já era quase dez horas e ele não estava à vista.

E nem Louis.

Com a ajuda de Zack, ela terminara de cumprimentar pelo nome a maior parte dos mil e oitocentos convidados, incluindo o embaixador da França, o embaixador da Inglaterra, a Condessa Castellani e seu marido cego, Conde Luftwick, Lady Ionesco da Espanha, o prefeito e o governador de Nova Iorque. Sozinha, ela dera entrevistas a membros selecionados da imprensa, uma tarefa exaustiva que não correra muito bem. Todos queriam saber por que ela aceitara essa posição, dada a guerra pública que existia entre o pai dela e Louis Ryan. E todos queriam saber se ela tinha alguma informação sobre Celina.

Leana lidou com eles, desviando-se das perguntas, concentrando-se no hotel e seu futuro. Mas ela estava cansada e não estava se divertindo. Ela olhou em torno do espaço apinhado de gente. Pelo menos as flores tinham sido entregues.

Ela procurou Michael no aposento. Ela viu homens com quem seu pai negociara, mulheres poderosas que Celina conquistara com seu charme, casais que sua mãe convidara para o jantar. Ela viu fortunas novas e antigas, viúvas ricas e divorciadas ainda mais ricas. Mas ela não viu Michael. Ele não chegara.

Leana sentiu uma mão em seu braço, virou-se e viu Louis Ryan.

— Vamos dançar? — perguntou ele.

Leana olhou secamente para ele, que estava usando um terno de seda preto com uma gravata vermelha. — Onde esteve? — perguntou ela. — As pessoas perguntaram por você. Eu nunca pensei que diria isso, mas ainda bem que Zack estava aqui. Ele me deu a maioria dos nomes quando cumprimentei os convidados. Você disse que estaria aqui horas atrás. Onde esteve?

Louis botou um dedo nos lábios. — Eu sei que estou atrasado e peço desculpas. Mas tenho uma desculpa excelente. — Ele pausou e disse em uma

voz baixa: — Encontrei a pessoa que matou sua irmã.

Atônita, Leana só conseguia olhar para ele. — Você o encontrou?

— Isso mesmo — disse Louis. — Spocatti descobriu. Falei para você que ele é o melhor.

— Quem é ele? Onde está ele?

— Não vou falar sobre isso no meio dessa multidão, há pessoas demais ouvindo. — Ele acenou em direção à pista de dança, onde a sociedade girava. — Venha — disse ele. — Dance comigo. Vou sussurrar o que sei em seu ouvido.

Ela o seguiu até a pista de dança, hesitando brevemente quando um fotógrafo entrou à frente deles para tirar uma fotografia. Um flash explodiu, o fotógrafo moveu-se para o lado e, quando Leana passou por ele, viu no rosto dele a fome e o desespero que sua irmã deve ter visto quando estava na mesma posição que ela. Não importa como se sente por dentro, sorria. E sorria de novo. E de novo, e mais uma vez. Porque, se não o fizer, essa será a fotografia que chegará aos jornais. Essa é a fotografia que as pessoas dissecarão, sobre a qual falarão nos bebedouros e a ridicularizarão como se você não fosse um ser humano, mas uma coisa a ser estudada e julgada.

Louis a levou para o centro da pista de dança, colocou o braço em torno da cintura dela e começaram a dançar. — É impressionante — disse ele, olhando em torno do saguão cheio de gente. — Por anos, essas pessoas, esses membros da sociedade de Nova Iorque, me ignoraram. Como o Barão e a Baronesa ali. Você sabe quantas vezes fui convidado para um de seus famosos jantares, Leana? Zero. Zero vezes. Eles têm aquela maldita cobertura na Quinta há vinte e cinco anos e eu nunca pisei nela. Mas, quando contrato você para gerenciar o hotel, o mundo inteiro vem correndo. A vida é engraçada, não é?

— Ou isso, ou você tomou a decisão certa ao me contratar. Conte-me o que sabe sobre Celina.

Foi como se ele não tivesse ouvido a pergunta.

Louis a segurou mais perto e virou-a para que dançassem em frente à orquestra. — Lamento o que aconteceu com seu pai hoje — disse ele. Ele viu a descrença nos olhos dela e disse: — Eu falo sério. Acredite ou não, apesar de meus sentimentos por ele, eu o respeito. E admiro a coragem dele em comprar a WestTex. Se tivesse funcionado, se o Irã tivesse esperado um pouco mais, seu pai teria feito história. Agora, temo que ele vá perder tudo.

— Louis...

— O que acha que ele pensaria disso, Leana? Acha que ele teria gostado do hotel?

— Eu realmente não me importo.

— Mas eu me importo.

— Então conversaremos mais tarde.

— Não — disse Louis. — Vamos conversar agora. Não acho que seu pai gostaria disso aqui. Há anos, quando trabalhamos juntos, ele não respeitava as minhas ideias. Era do jeito de George ou não era. — Ele deu de ombros. — Mas talvez eu esteja errado. É difícil superar isso aqui. No mínimo, se ele estivesse aqui, estaria com inveja e desejando o hotel para si.

Leana tentou afastar-se dele, mas ele a estava segurando com tanta firmeza que ela teria criado uma cena. Ela olhou para ele friamente. — Qual é o problema com você? — perguntou ela. — Solte-me. As pessoas estão olhando.

— Então pare de lutar. — Ele a segurou ainda mais perto e disse baixinho em seu ouvido: — Achei que queria que eu lhe contasse sobre o homem que matou sua irmã.

A boca dele estava tão perto do rosto dela que ela pode sentir o cheiro do uísque. Ele estivera bebendo. Incrédula, Leana disse: — O que eu quero é que pare com seus joguinhos. — Ocorreu-lhe que eles quase não se moviam, que as pessoas das mesas próximas estavam observando, imaginando sobre o que estavam falando.

— Muito bem — disse Louis. — Eis o que eu sei. Parece que seu pai fez um inimigo há anos. Não sei o nome do homem, Spocatti vai dizer a você mais tarde, mas sei que seu pai destruiu o homem. Primeiro ele tentou com os negócios, mas depois virou pessoal.

As pessoas dançavam em volta deles, com aquele sorriso secreto que tantas pessoas ricas usavam.

— O homem quer vingança — disse Louis. — Ele quer que Redman veja como é perder as coisas mais importantes da vida, incluindo os negócios, a filha e sabe lá o que mais, talvez você e sua mãe.

Louis acenou para uma mulher que passou por eles e tocou no braço dele.

— Diga-me quem ele é.

Louis estava prestes a falar quando uma onda de agitação atravessou a multidão, seguida do som distinto de vidro quebrando, homens gritando à distância.

Louis disse: — Mas que diabos...? — Mas Leana já se fora, encaminhando-se para o bar perto da entrada leste.

O chefe da segurança, um ex-tenente da marinha, viu Leana e a interceptou. — Não precisa se alarmar, Sra. Redman. Já estamos cuidando de tudo.

Leana olhou além do homem e viu vários membros da segurança segurando dois membros da equipe do bar do saguão.

— O que aconteceu?

O homem olhou para a multidão e pegou gentilmente o braço de Leana. —

Vamos conversar em um lugar mais privativo.

Leana o seguiu pelas portas que levavam ao saguão externo, onde os bartenders estavam sendo algemados. Ela os estudou por um momento e pensou que pareciam vagamente familiares.

— O que eles fizeram? — perguntou ela.

Antes que o tenente pudesse responder, uma porta se abriu e Louis Ryan entrou no saguão. O rosto dele estava corado, a testa brilhando. Ele olhou para os dois rapazes e depois para Leana, confuso. — O que está acontecendo? — perguntou ele.

Leana recusou-se a olhar para ele. — Obviamente, houve um problema — disse ela.

Louis virou-se para o tenente. — Que tipo de problema?

O tenente acenou com a cabeça para os dois rapazes, que agora estavam contra uma parede de mármore, esperando em um silêncio furioso. — Recebemos um telefonema anônimo pedindo que verificássemos a equipe do bar. Peguei alguns de meus homens, chegamos a esses dois, vimos que estavam armados e os trouxemos aqui. Infelizmente, eles decidiram reagir. Caso contrário, ninguém lá fora saberia da existência deles.

— Quem são eles? — perguntou Louis.

O tenente deu de ombros. — Ainda não sabemos. Mas algo me diz que esses rapazes já passaram por isso. Descobriremos quem são assim que a polícia levá-los. Tiraremos as impressões digitais e descobriremos quem são.

Ele deve ter notado o olhar velado de Louis, pois disse: — Não se preocupe, Sr. Ryan. Esperaremos o fim da festa para chamar a polícia. Esses rapazes não estão com pressa, e nem eu. Não é preciso causar uma comoção em uma noite como essa.

Louis assentiu em agradecimento.

O tenente virou-se para Leana. — Mas vou ter que insistir que desista do discurso, Sra. Redman. Eu sei o que aconteceu com sua irmã. Entendo que a morte dela possa estar ligada às bombas que explodiram no topo do prédio do seu pai. Se esse for o caso, então você não está segura e não posso assumir o risco de deixá-la subir àquele pódio.

Ele olhou para os dois rapazes e, com desapontamento, para os três homens que os vigiavam. — Pensei que a segurança estava rigorosa — disse ele, mais para os três homens do que para Louis e Leana. — Tomamos todas as precauções possíveis para que esse tipo de coisa não acontecesse e estou constrangido em dizer que, de alguma forma, esses homens conseguiram passar. Apesar de achar que são uma exceção, não posso estar certo de que não haja outros. Preciso que esqueça desse discurso e deixe-me acompanhá-la pelo resto

da noite.

Leana não conseguiu esconder o desapontamento. Durante toda a vida, ela esperara por esse momento e ele estava sendo negado. Uma onda de teimosia a invadiu. — Eu preciso fazer aquele discurso — disse ela. — As pessoas estão esperando.

— Lamento muito — disse o tenente. — Mas, enquanto eu estiver encarregado da segurança, não vou permitir. — Ele a estudou por um momento. — Esse discurso é realmente tão importante para você? Pense no que está dizendo. Acabamos de provar que foram cometidos erros. Não há como dizer quem mais está naquela multidão.

Ele estava certo. Não havia como dizer o que poderia acontecer se ela subisse naquele pódio. A presença daqueles dois sugeria que poderia haver mais gente.

A raiva dela dissolveu-se em frustração e tristeza. Mais uma vez, ela perdera outra oportunidade. Mais uma vez, ela não seria o centro. — Bem — disse ela, mais para si mesma do que para os outros. — Pelo menos, cheguei perto.

O tenente não sabia do que ela estava falando, mas Louis sabia e, quando Leana olhou para ele, esperando encontrar simpatia e compreensão nos olhos dele, ela não viu nada além de um olhar de fúria controlado que estava começando a ficar difícil de esconder.

Ele falou com o tenente. — Pode nos dar licença? Eu gostaria de um momento a sós com ela.

O tenente assentiu e moveu-se na direção dos dois bartenders.

— Não — disse Louis a ele. — Há três homens vigiando aqueles dois. Quero você no saguão, onde pode haver outros. Encontre Zack Anderson e diga a ele para informar à multidão que, por motivos pessoais, Leana Redman não fará o discurso dessa noite. — Ele viu a hesitação no rosto do homem e disse: — Não se esqueça de que você trabalha para mim.

O homem deixou o aposento.

— Eu sei o quanto aquele discurso significava para você — Louis disse a Leana. — Lamento que as coisas não deram certo.

Leana ergueu a cabeça. *Aposto como lamenta*, pensou ela. Ela sabia que o discurso feito por ela significava mais para ele do que a inauguração do hotel. Mas ela tinha coisas mais importantes com as quais lidar. — Preciso que me diga o que sabe. Quem matou minha irmã?

Ele a conduziu pelo saguão vazio, em direção aos elevadores iluminados. — Vou fazer melhor do que lhe dizer — disse ele. — Vou levá-la até ele.

— Levar-me até ele? — perguntou ela.

— Spocatti está com ele lá em cima. Nesse minuto, o homem que você procura está esperando em seu escritório. Sugiro enfrentarmos o filho da puta e acabarmos com isso agora.

* * *

Jack Douglas ouviu o bater dos saltos de Elizabeth Redman e viu a sombra dela esticando-se ao longo da parede norte antes de vê-la.

Ele parou de andar pelo saguão e virou-se para vê-la entrar no corredor. Ela usava uma roupa de seda creme que era tão delicada que poderia ser transparente, se não fosse a palidez da pele dela. Ao aproximar-se dele, Jack não viu nada em sua atitude que sugerisse irritação ou surpresa por sua presença inesperada.

Ainda assim, ele sabia que ela não ficaria feliz em vê-lo. Ela deixara bem claro que o achava pessoalmente responsável pela morte de Celina.

Jack começou a andar na direção dela, pensando que, se ela não cooperasse com ele, poderia encarar a realidade de outra filha morta. — Desculpe-me pela intrusão — disse ele. — Mas preciso falar com George. Sabe onde ele está?

À menção do nome do marido, houve uma breve hesitação no andar de Elizabeth Redman. Ela parou no centro do corredor e disse friamente: — Meu marido não está aqui, Sr. Douglas.

E sem outra palavra, ela entrou na sala de estar.

Jack ficou parado por um momento, analisando suas opções, e foi atrás dela. Ele a encontrou do outro lado da sala, virada para uma janela com vista para o centro, para as luzes em movimento do Hotel Fifth. Se ela sabia que ele estava lá, não demonstrou.

Não havia tempo para jogos. — Eu sei quem matou Celina — disse ele. — Eu sei quem botou os explosivos naqueles holofotes. Se quer que eu pegue o homem e coloque um ponto final nisso, sugiro que pare com isso, Sra. Redman, e me ajude.

Sobressaltada com o tom da voz dele e com o que acabara de dizer, Elizabeth virou-se para ele.

— Onde está George? — perguntou ele de novo. — Você deve saber onde ele está.

— Você sabe quem matou Celina?

— Eu sei — disse ele. — Mas preciso falar com George.

Ela afastou-se da janela e sentou-se em uma cadeira branca. Ela parecia

muito cansada quando disse: — Eu não sei onde ele está. Ele saiu há uma hora e não me disse aonde ia.

— Isso é incomum?

— É claro, é incomum.

— E você não tem ideia de onde ele possa ter ido?

— Nenhuma — disse Elizabeth. — Ele recebeu aquela carta do mensageiro e saiu. Ele não quis me dizer aonde estava indo.

A mente de Jack disparou. — Que carta? — perguntou ele. — Quem a mandou?

— Eu não sei.

— Você a leu?

— Ele não deixou.

— E ele saiu logo depois de recebê-la?

— Sim. Ele ficou muito perturbado com seja lá o que for que a carta continha.

— Perturbado como?

— Ele parecia assustado. Pude ver no rosto dele quando colocou a carta no bolso do casaco. Era claro que ele estava assustado, mas havia alguma coisa mais, alguma outra emoção que não consegui definir. Pelo menos, não na hora.

— Mas agora consegue?

Elizabeth ficou em silêncio por um momento, mas assentiu. — Sim. Já vi aquele olhar antes. Eu o vi diversas vezes em Leana em sua adolescência. — Ela respirou fundo. — George parecia inacreditavelmente triste, como se tivessem tirado dele algo que ele sempre quis. Foi o que vi no rosto dele, sob o medo.

— O que poderia ser?

— Eu não sei. Mas talvez eu tenha uma ideia melhor se me disser quem matou minha filha.

— Foi Louis Ryan.

A reação dela foi mínima e, apesar de Jack ficar surpreso com isso, ele supôs que talvez uma parte dela sempre soubera que fora Ryan, mas que nunca achara que ele iria tão longe depois de tantos anos.

Por um momento, ela ficou imóvel, depois levantou-se e caminhou novamente até a janela. — E agora ele tem Leana.

Jack pegou o telefone na mesa ao seu lado.

— Para quem vai telefonar? — perguntou Elizabeth.

— Para a polícia.

— Aquela carta era de Louis Ryan — disse ela. — Você sabe disso, não é?

— Agora sei. Acho que seu marido está com ele.

— Ele acha que George matou a mulher dele, Anne. Sempre achou isso.

Mas acho que você também sabe disso.

Um despachante atendeu. Enquanto ele falava com o homem, contando resumidamente o que sabia, Elizabeth começou a falar. — Mas George não a matou — disse ela. — Como ele poderia? Anne Ryan foi o primeiro amor da vida dele.

Jack a olhou de soslaio. O ambiente da sala estava mudando. — Esqueça — disse ele ao despachante. — Há muitas pessoas envolvidas nisso, incluindo meus pais. Diga ao tenente Greenfield que eu o encontrarei no hotel. E mande uma equipe para o JFK. O avião de Diana Crane chegará à meia-noite. Quero ter certeza de que nada acontecerá com ela ou com a mãe dela.

Ele desligou o telefone. — Preciso ir — disse ele.

Mas Elizabeth estava em outro lugar, outra época. Ela olhou para Jack e disse: — O que teria feito, Sr. Douglas, se estivesse em meu lugar? Ele não achava que eu soubesse, mas eu sabia. Eu os segui uma noite até um hotel em Hartford. Enquanto estava sentada no carro, a poucos metros de distância, eu os vi entrando no hotel.

Ele estava prestes a dizer que isso não era da conta dele, que precisava ir, quando se deu conta do que estava sendo revelado.

— Você não pode imaginar como aquilo doeu — disse ela. — Vê-los daquele jeito, rindo, de mãos dadas. Mas eu amava George. Estávamos noivos e eu estava disposta a fazer qualquer coisa para mantê-lo. Para mim, Anne Ryan era um veneno. E então eu a matei. Peguei um dos rifles de George, fui até a casa dela e vi que o carro não estava lá.

Ela olhou para o teto. — Era tarde — disse ela. — Eu sabia que ela voltaria, mais cedo ou mais tarde, parei meu carro a pouco mais de um quilômetro e me escondi no bosque perto da casa dela. O tempo estava horrível naquela noite, estava caindo uma nevasca. Eu devo ter ficado horas naquele bosque antes de ver o carro dela vindo pela estrada, deslizando na neve ao aproximar-se da ponte. Quando puxei o gatilho, lembro-me de ter ficado perfeitamente calma, como estou agora. Eu estava tão furiosa que nem mesmo o som do tiro me assustou. E quando o carro dela caiu da ponte, não senti nada além de alívio. Ela estava fora de nossas vidas, problema resolvido. Corri de volta para o meu carro e parti antes que a polícia chegasse.

Jack não conseguia acreditar que ela estava confessando tudo isso a ele. — Você matou Anne Ryan? — perguntou ele.

Elizabeth sorriu. — Você é um homem esperto, Sr. Douglas. Mais esperto do que eu imaginei. Sim, eu a matei. Eu estava desesperada e a matei. Foi a melhor e a pior coisa que eu fiz na vida. Apesar de ter tirado Anne Ryan de nossas vidas, minha filha está morta por causa do que eu fiz e agora meu marido

e minha outra filha estão em perigo.

Jack ficou parado, atônito. — Você poderia ter acabado com isso.

Se ela o ouviu, não era aparente.

— Eu nunca contei a George — disse Elizabeth. — Mas acho que ele sempre soube e nunca teve coragem de perguntar. — Ela olhou para Jack. — Mas você mudará isso, não é, Sr. Douglas? Você contará a George. E você contará à polícia.

— Eu não tenho escolha.

— É claro que não tem — disse ela. — Você é um homem honesto.

Estava ficando tarde. Ele tinha que se encontrar com Greenfield no hotel antes que ele e seus homens entrassem. Ele estava passando por Elizabeth quando ela disse: — Eu amo minha família, Sr. Douglas. Eu contei isso tudo para benefício deles, não meu. Eu entendo as consequências: se eu escolher viver, irei para a prisão. Mas a compensação vale a pena se você chegar a tempo e não deixar que Louis Ryan faça nada com eles.

— O que quer dizer, se escolher viver?

— Exatamente o que eu disse. Boa noite, Sr. Douglas.

CAPÍTULO 55

— Eu já lhe disse que você me lembra minha esposa?

Eles estavam em um dos elevadores externos de vidro. Além das janelas com vista para o Upper East Side de Manhattan, arranha-céus brilhantes da Quinta Avenida passavam por eles.

Leana olhou para Louis, que parecia estar reclinado contra a cidade, as mãos apoiadas no corrimão cromado, um leve olhar nostálgico no rosto. Apesar de o assunto nunca ter sido discutido entre eles, Leana sabia que ele acusara o pai dela de matar Anne Ryan.

Ela não sabia por que ele dissera isso e, com certeza, não ia perguntar. Leana tinha outras coisas em mente. Ela olhou para o mostrador do elevador e disse: — Estamos quase lá, Louis.

Mas Louis ignorou o tom de dispensa dela. — Acho que Anne teria gostado dessa noite — disse ele. — Ela sempre gostou de festas. Era a anfitriã perfeita: linda, inteligente, sofisticada. Anne fazia amigos com a mesma facilidade com que eu fazia inimigos. — Ele sorriu ao lembrar-se dela. — Se ela estivesse viva hoje, pode apostar como o Barão e a Baronesa teriam nos convidado para um daqueles jantares. Eles teriam se apaixonado por ela, como eu. Todos a adoravam.

Leana sabia que devia responder, mas não queria encorajá-lo. O homem que matara sua irmã estava no escritório. Era nisso que ela queria se concentrar, não na mulher de Louis Ryan. Querendo que o elevador andasse mais rápido, ela disse: — Ela parece incrível, Louis. Você deve sentir muito a falta dela.

— Ah, eu sinto — disse Louis. — Éramos perfeitos juntos, Leana. Você não pode imaginar como sinto falta dela.

Ele afastou o olhar e ela viu algo na expressão dele mudar, como se um interruptor tivesse sido desligado, uma cortina baixada. — Acho que foi por isso que seu pai a matou.

Ele inclinou-se para a frente e apertou o botão que parava o elevador. Do lado de fora das janelas, a cidade congelou.

O medo tomou conta de Leana.

— Ela morreu há trinta e um anos — disse Louis, com o dedo ainda sobre o botão. — Vítima de um acidente de carro. — Ele ergueu a sobrancelha, olhando

para ela. — Pelo menos, foi o que a polícia disse. Mas eu sei que não. Eu sempre soube. Seu pai matou minha esposa. Já contei a você o que aconteceu, Leana?

Ela não respondeu. Olhou para o mostrador e viu que estavam entre os andares vinte e vinte e um.

— Vejo que não. Mas acho que você deveria saber o que seu pai fez. Eu acho que está na hora de você e o mundo inteiro saberem exatamente o que aconteceu.

O coração de Leana parecia que estava na boca. Ela lembrou-se de como Louis agira estranhamente na pista de dança, de como ele estava preocupado com o pai dela. Ela teve uma súbita premonição do perigo.

— O tempo estava horrível naquela noite — disse Louis. — Anne e eu tivemos uma briga e ela saiu de casa no meio de uma nevasca. Eu tentei impedi-la, mas ela não escutou. Em vez disso, ela entrou no carro e saiu. Eu não podia ir atrás dela. Só tínhamos um carro naquela época e eu me lembro de como fiquei preocupado com ela. Anne nunca tinha dirigido na neve. Passaram-se horas e nada, nem uma palavra. Comecei a telefonar para amigos, familiares, mas ninguém a vira. Ninguém sabia onde ela estava.

Ele pareceu mergulhar ainda mais no passado, em um tempo e um lugar com os quais ele não parecia confortável. Ele fechou os olhos. — E então a polícia ligou — disse ele. — Eles me disseram que o carro de Anne saiu da estrada e caiu da ponte perto de nossa casa.

Ele tirou o dedo do botão e o elevador voltou a se mover. Leana o observou retirar a mão. Tudo isso fora uma armação. E ela caíra direitinho. Ela olhou para as portas do elevador e ficou imaginando o que estaria do outro lado quando elas se abrissem.

— Foi horrível — disse Louis. — Sair de casa, correr pela neve até a ponte, ver o carro dela daquele jeito no rio, saber que ela não teria como sobreviver à queda, sabendo que a minha Anne estava morta. — A voz dele tinha um tom de fúria. — Você sabe o que aquilo fez comigo? Você sabe por quanto tempo esperei esse momento?

Que momento?

Leana pressionou as costas contra as portas do elevador. Em algum lugar, nos recantos escuros de sua mente, ela sabia onde isso chegaria, sabia o que ele estava dizendo, mas recusou-se a acreditar, porque não podia ser verdade.

Louis aproximou-se dela, a fúria subitamente cobrindo o rosto dele, quente e viva. Era tão sombria quanto o medo de Leana, tão negra quanto o vestido que estava usando e enchia totalmente o elevador. Em uma voz baixa, ele disse: — Mesmo antes de saber que o pneu fora estourado por um rifle, eu sabia que não fora um acidente. Seu pai e eu estávamos brigando nos tribunais há anos.

Quando finalmente ganhei aquela apelação final, ele se vingou dois dias depois matando uma das poucas pessoas com quem me importei na vida. — Os olhos dele transformaram-se em pedras de ódio. — E agora vou tirar tudo dele.

Ela encolheu-se para longe dele, os olhos arregalando-se com incredulidade. Ela sentiu os joelhos começarem a amolecer quando se deu conta. O mundo dela virou um borrão quando todas as peças das semanas que se passaram encaixaram no lugar. — *Você!* — gaguejou ela.

Louis esticou o braço e agarrou o braço dela. — Isso mesmo — disse ele. — Eu.

O elevador parou.

As portas cromadas se abriram, relevando um corredor longo e elegantemente decorado com vários graus de luz e escuridão.

O escritório de Leana ficava no fim do corredor. Louis a empurrou com tanta força pelas portas que ela bateu contra a parede. Havia uma mesa lá e ela esticou o braço em um esforço de se apoiar e evitar a queda, mas errou. Ela caiu sobre a mesa e as duas desabaram no chão.

— Levante-se.

Mas a mesa não estava vazia. Sobre ela, havia um abajur, que agora estava ao lado de Leana. Ela o agarrou e virou-se para jogá-lo em Louis, mas ele conseguiu segurá-lo quando ela o jogou no rosto dele, atirando-o para o outro lado do corredor.

— Você tem que ser mais rápida — disse ele. — Levante-se.

Ela levantou-se, ele a pegou pelo braço e a conduziu em direção ao escritório. Os passos deles soavam como tambores no piso de mármore polido.

Leana estava amortecida. As palavras de Louis Ryan pairavam sobre ela. Ele matara sua irmã. Fora ele, o tempo todo. — Você não vai sair dessa — disse ela. — Todos sabem que estou aqui.

— Isso mesmo — disse Louis. — Todos sabem que você está aqui. Mas está se esquecendo de uma coisa, Leana. Todos sabem também o que aconteceu com sua irmã. O mundo inteiro sabe que alguém está tentando destruir sua família. Se a encontrarem morta com um tiro hoje à noite, ninguém ficará surpreso. — Ele pensou nos dois bartenders que tinham sido encontrados no saguão. — Afinal de contas, já houve uma quebra na segurança.

Leana olhou para ele furiosamente. — Você colocou aqueles homens no bar.

— Na verdade, não — disse ele. — Não sei quem eles são e nem por que estavam aqui. Mas fico feliz que tenham vindo. A presença deles só facilitou as coisas para mim.

Eles estavam se aproximando do fim do corredor. Leana conseguia ouvir

vozes abafadas vindo do escritório. Ela virou-se e olhou para o corredor em direção ao elevador. Ela tinha que escapar. Ela precisava conseguir ajuda. Mas como? Ela sentia Louis a observando.

— Eu sei o que está pensando — disse ele. — E devo dizer que estaria perdendo seu tempo. O andar inteiro foi isolado. Todas as portas estão trancadas e todas as saídas estão barradas. A única saída é o elevador e, em alguns instantes, Vincent Spocatti cuidará dele. Corra e juro que levará um tiro nas costas.

Eles chegaram ao escritório. Ele abriu a porta e disse: — Por falar nisso, o sobrenome do seu marido não é Archer. Esse é só um pseudônimo que ele usou para fugir de mim. O nome verdadeiro dele é Michael Ryan.

Leana olhou para ele com desprezo. — Mentira — disse ela.

— Não. — Ele abriu a porta e eles ficaram frente à frente com o pai dela e com Michael.

O tempo e o espaço desapareceram.

Eles estavam sentados do outro lado da sala em cadeiras de veludo vermelho idênticas. A cidade brilhava atrás deles. Pálidos como fantasmas, eles a encararam quando ela entrou. Vendo-os lá, dando-se conta de como Louis Ryan orquestrara tudo tão cuidadosamente, Leana não conseguiu conter o pânico que a invadia. *Ele vai nos matar.*

— Levante-se, Michael — disse Louis.

Michael levantou-se.

— Michael não é meu filho, Leana — disse Louis em uma voz estranhamente vazia. — Houve um tempo em que achei que era, um tempo em que ele era o meu mundo, mas quando achei o diário de Anne e li aquela última entrada, descobri o que George Redman fizera a ela. Eu descobri como ele manipulou minha esposa.

Ele olhou para George, imóvel, no outro lado da sala. — Michael não é meu filho — disse ele. — Ele é filho do seu pai. Você casou-se com seu irmão.

* * *

Quarenta andares abaixo, membros do Departamento de Polícia da cidade de Nova Iorque discretamente rodearam o Hotel Fifth. Enquanto isso, do lado de dentro, uma força especial liderada pelo tenente Vic Greenfield rapidamente percorreu cada sala de cada andar.

Jack Douglas já fora interrogado por Greenfield, mas, por questões de

segurança, ele não teve permissão de entrar no prédio. Ele ficou do outro lado da rua, na calçada, observando enquanto mais um trio de carros da polícia, sem as luzes ligadas, chegava à entrada do hotel na rua Cinquenta e Três.

Todos os mil e oitocentos convidados tinham sido evacuados. As pessoas estavam espalhadas nas calçadas. A imprensa tirava fotografias, registrando o momento para o mundo. Jack ouviu um ruído abafado de hélices e virou-se para ver um helicóptero da polícia subindo a Quinta Avenida, em direção às luzes do Hotel Fifth.

Ele ficou tenso e sua cabeça latejou no ritmo intenso de seu coração. Estava acontecendo, pensou ele, mas seria rápido o suficiente?

* * *

No escritório de Leana, o silêncio expandiu-se como um balão.

Spocatti estava parado no fundo da sala, observando o sangue sumir do rosto de Leana Redman. George Redman não negou a acusação de Ryan. Nem Michael. Spocatti observou quando a boca dela se abriu e sentiu uma espécie de excitação.

George deu um passo à frente. Spocatti pegou sua arma, ansioso para usá-la.

— Isso é entre eu e você, Louis. Mais ninguém. Por que não age como homem e deixa-os ir?

Louis empurrou Leana para frente. Ele bateu a porta atrás de si e caminhou em direção a Spocatti. — Agir como homem? — disse ele. — Foi isso que fez quando fodeu a minha mulher? Foi isso que fez quando a engravidou? Você agiu como homem quando carregou aquele rifle e a matou?

— Eu nunca toquei em sua mulher.

Incrédulo, Louis parou no meio do caminho. — Nunca tocou nela? — Ele apontou para Michael. — Então explique Michael. Explique seu maldito filho. Você leu o pedaço do diário de Anne que mandei. Nas palavras dela, ela escreveu sobre como você a engravidou apenas algumas semanas depois que acabei com nossa sociedade e comprei Pine Gardens sozinho. — Ele olhou para Leana. — Ele estava trepando com ela enquanto estava noivo da sua mãe.

Spocatti olhou para o relógio. Ele queria sair daqui em cinco minutos. Olhou para o outro lado da sala para Amparo Gragera, que estava parada sob uma das pinturas iluminadas Sisley, observando tudo com interesse. Ele dissera a ela para cuidar do elevador e esperara até que saísse antes de contornar a mesa

de Leana Redman e parar em frente a uma das janelas com vista para a rua Cinquenta e Três.

Ele olhou para o prédio vizinho que visitara com a corretora mais cedo naquele dia, levantou uma mão e olhou para o peito quando vários pontos minúsculos de luz vermelha passearam por sobre o coração.

Ele assentiu para homens que não podia ver e os lasers vermelhos desapareceram.

Spocatti sabia os riscos que tomara ao vir aqui essa noite. Ele sabia que o hotel estava fervilhando com seguranças. Por outro lado, ele nunca terminava um negócio sem antes garantir uma rede de segurança. A de hoje era impenetrável.

Ele deu as costas para a janela e esperou que alguém falasse. Se as coisas não começassem a acontecer logo, ele mesmo cuidaria de tudo.

— Então, é isso, Ryan? — perguntou George. — Você vai nos matar com um saguão cheio de gente? É esse o plano?

Louis lançou um olhar furioso para George, foi até a mesa de Leana, abriu uma gaveta e retirou a arma que deixara lá mais cedo. Ele a apontou para George. — Sim — disse ele. — É esse o plano.

— E o que você acha que isso vai resolver?

— Tudo — disse Louis. — Você arruinou a minha vida. Você matou Anne. Achou mesmo que eu o deixaria sair dessa para sempre? Esperei anos por isso.

— A morte de Anne foi um acidente — disse George. — Você sabe disso tão bem quanto eu. Eu não fiz nada a Anne. Eu a amava mais do que você jamais a amou. Seu problema é que nunca conseguiu aceitar que Anne deixou de amar você e se apaixonou por mim.

As palavras foram como um golpe para Louis. Por um instante, a arma tremeu em sua mão.

— Se quiser que alguém pague, sugiro que atire em mim e deixe Leana e Michael irem embora — disse George. — Isso não tem nada a ver com eles. É entre você e eu.

Louis fez menção de falar, mas virou-se e apontou a arma para Leana. Alarmada, ela deu um passo para trás.

— Eu sei que você não suporta sua própria filha, George. Ainda assim, talvez isso lhe dê uma ideia de como me senti. — Ele disparou a arma.

O som ecoou ocamente na sala. Atônito, George viu Leana cambalear para trás, os olhos arregalados com horror e surpresa. Um pequeno furo apareceu em seu vestido, à esquerda do umbigo. Leana olhou para o furo e cobriu-o com as mãos. O sangue escorreu por entre seus dedos e pingou no chão. Ela olhou para o pai, depois para Louis e Michael, e caiu de joelhos. Um jato de ar escapou de

seus lábios e a sala começou a girar.

Michael correu para o lado dela, ajoelhou-se, colocou as mãos em torno da cintura dela e fez pressão sobre o ferimento.

Do lado de fora, no corredor, Amparo Gragera gritou. Seguiu-se uma rápida troca de tiros e ela gritou de novo.

Spocatti pegou a arma, atravessou o escritório correndo, fechou a porta, trancou-a e se deu conta de que o celular estava tocando. Ele o pegou do cinto, ouviu à gritaria frenética do outro lado e virou-se incrédulo para a janela. Por um momento, ele não viu nada. E então, o helicóptero da polícia surgiu, com a luz dos holofotes inundando o escritório.

Spocatti olhou para a luz e, por um momento, não conseguiu enxergar nada.
— Por que não me avisou? — perguntou ele no telefone.

A máquina pairava do outro lado das janelas do escritório. Furioso, Louis virou-se para olhar para Spocatti mas, em vez disso, ficou frente à frente com George Redman, que saltou para pegar a arma das mãos de Louis. George tentou soltá-la, mas não conseguiu. Ele jogou-se contra Louis e a arma escorregou das mãos do homem, deslizando pelo chão. Com todas as forças que tinha, George continuou a empurrar Ryan para trás até que o esmagasse contra os enormes painéis de vidro.

A polícia batia na porta do escritório.

Com os nervos à flor da pele e o coração batendo forte, Spocatti afastou-se da porta. Ele olhou rapidamente para Leana e Michael e depois para George e Louis, do outro lado da sala. Eles lutavam de encontro ao vidro, a arma em algum lugar entre eles.

Ele teve o impulso de atirar nos dois, de acabar com isso de uma vez por todas, mas não tinha tempo. Ele correu para uma área do escritório em que não havia janelas e arrancou a tampa de um duto de aquecimento. No instante em que ele a jogou para o lado, a arma de Ryan disparou.

Spocatti viu George Redman cair no chão, o rosto refletindo por um instante o brilho do holofote do helicóptero. Louis atirou em seu peito. George caiu de lado, com os olhos abertos sem ver nada.

Ryan apontou a arma para a cabeça do homem. Ele disse algo que Spocatti não conseguiu ouvir e estava prestes a atirar quando a porta do escritório se abriu e a polícia invadiu a sala, com as armas em riste.

— Solte a arma!

Naquele segundo, Louis tomou uma decisão. Ele disparou a arma... e viu a bala alojar-se no chão, ao lado da cabeça de George Redman. Ele errara! *Errara!*

Ele estava prestes a atirar novamente quando a polícia cravejou seu peito com uma rajada de balas.

A boca de Louis se abriu.

A arma soltou-se de sua mão e caiu no chão.

Ele levou outro tiro no peito e bateu contra os vidros que estremeciam. Além deles, o helicóptero rugiu. Dois homens com rifles de precisão estavam presos nos trilhos. Eles inclinaram-se para fora, pelas portas abertas, com as armas apontadas para Louis. Quando ele virou-se para o lado de fora, eles soltaram uma rajada de balas que estilhaçaram o vidro e jogaram Louis para trás. Spocatti não sentiu nada. Quantas vezes ele disse a Louis para manter as cortinas fechadas?

Louis caiu de joelhos, os cabelos grisalhos iluminados pela luz intensa do helicóptero. Ele estava às portas da morte, deixando o corpo. Não sentia dor, somente um calor que se espalhava pelo peito e pela barriga. Ele sabia que estava morrendo e não se importava. Louis olhou para Michael e viu Anne olhando de volta para ele com horror. Seu corpo não pesava quase nada. Ao começar a imaginar se isso era tudo uma ilusão, o cérebro desligou. Ele caiu para a frente e o rosto bateu no chão.

Spocatti encolheu-se nas sombras. Ele estava parado do outro lado do escritório, observando a polícia ver Louis Ryan morrer diante de seus olhos. Ele falou algo ao celular e ouviu seus homens no prédio vizinho disparando rajadas de balas no tanque de combustível do helicóptero.

Spocatti saltou para dentro do duto de aquecimento e iniciou a rápida descida.

Apesar de todo o ruído, por um momento tudo pareceu quieto. Em seguida, as lâminas brilhantes do helicóptero hesitaram e a máquina começou a cair, pegou fogo e explodiu de encontro ao prédio.

SEIS MESES DEPOIS

EPÍLOGO

Diana Crane, Advogada-Geral
Redman International
Rua Quarenta e Nove & Quinta Avenida
Nova Iorque, NY 10017
(212) 555-2620

Caro Jack,

Então, aqui estamos novamente. Você receberá essa carta? Responderá, dessa vez? Enviei uma dúzia de cartas para você nos últimos meses, e todas foram devolvidas sem abrir. Onde está você? Enviei as cartas para seus pais, que me disseram que as encaminharão para você. Será? Eles só me disseram que você está bem. Está viajando? As coisas ficaram mais fáceis?

Não sei se você está conectado ao mundo ou se desligou-se dele. Conhecendo você, acho que se desligou, mas espero que não.

Onde quer que esteja, você viu as notícias? Sabe que o mercado de ações quebrou? Nós sobrevivemos. Naquela segunda-feira, enquanto a Wall Street desmoronava, assinamos um contrato com Anastassios Fondaras de oito bilhões de dólares. O Irã insistiu que ele comprasse mais navios para acompanhar a demanda e ficamos felizes em oferecer a WestTex. Depois de muitas reestruturações, as ações da Redman International agora estão sendo comercializadas acima de cinquenta. Não estão no patamar de antes, mas sobreviveremos. Ficaremos mais fortes.

Se você tem lido essas cartas, sabe que George recuperou-se totalmente. O que talvez não saiba é que Elizabeth foi condenada na semana passada. Dez anos. Acho que ela cumprirá cinco. Talvez três, se tiver sorte. Fiz o melhor que

pude.

Além disso, e já escrevi isso antes, a situação não mudou. Leana ainda está desaparecida. Ninguém a viu desde que ela saiu do Hospital New York em agosto. Ela desapareceu, mas sabemos que está bem. No último sábado, Helen Baines me disse que Leana telefonou, mas recusa-se a dizer onde está. Eu acho que ela está com Mario De Cicco. Verifiquei e ele não está mais em Nova Iorque.

Uma última notícia. Há três semanas, eu estava na Wall Street quando vi Vincent Spocatti no meio da multidão. Eu sei que era ele, como ele sabia que era eu. Olhamos um para o outro, ele ergueu a cabeça e sorriu antes de virar para o outro lado. Eu denunciei à polícia, mas eles não podem fazer nada, e Spocatti sabe disso.

Não há mais nada a dizer, na verdade, só que sinto sua falta e gostaria que estivesse aqui em seu escritório na Redman International. Nada mais é a mesma coisa. Tudo mudou. Não moro mais no Redman Place. Vendi meu apartamento e mudei para o West Side. Agora, tenho uma vista diferente do Central Park, um gato e... o que mais? Mais nada. Ainda bem que tenho um emprego. Como meu pai costumava dizer, o trabalho nos salva. O trabalho nos ajuda a superar.

Se receber essa carta, por favor, responda. Você teve tempo. Preciso saber que está bem e que pelo menos um de nós está superando.

Com amor,
Diana

P.S.: Ainda penso nele, sabia? Depois de tudo o que ele fez, é ridículo. Mas depois desse tempo todo, Eric ainda é parte de mim. Ainda pensa em Celina? Algumas vezes, parece que eles não morreram, não parece?

* * *

Jack Douglas dobrou a carta ao meio e colocou-a de volta no envelope, que tinha aberto cuidadosamente com uma faca. Como todas as cartas que Diana enviara, ele devolveria essa para seus pais, que a encaminhariam para ela. Ele lacrava cada carta de tal forma que parecia que ele nunca as abrira nem lera seu conteúdo. Jack ainda não estava pronto para retomar a amizade deles. Ele entraria em contato com ela novamente, mas precisava esperar um pouco mais.

Agora, ele estava sentado na parte de trás de um jipe branco empoeirado, a

pele bronzeada por causa dos meses ao sol, a parte de cima do cabelo castanho com mechas loiras.

Ele estava mais magro do que em anos, o corpo musculoso e em excelente forma depois das longas caminhadas pelas selvas da Venezuela. Acima, ele ouviu o grito abafado, mas familiar, de araras e cacatuas. Abaixo, o som da água correndo. Ele estava a milhares de milhas da cidade de Nova Iorque e estava adorando.

Ele pensou na carta de Diana. É claro, ele ainda pensava em Celina. Não se passava um dia sem que ele pensasse nela e em como as coisas poderiam ter sido. Ele a amava. Com Elizabeth Redman indo para a prisão agora, ele ficou imaginando se veria a família Redman de novo algum dia.

Ele não tinha certeza de que se importava.

Jack saiu do jipe e caminhou para o centro da longa ponte à sua frente. Uma mulher acabara de saltar de suas tábuas podres e agora estava gritando ao descer em alta velocidade em direção ao rio abaixo.

Jack foi até o parapeito de madeira e inclinou-se para a frente. Ele a observou recuar graças ao cabo de bungee amarrado nos tornozelos. Viu o longo cabelo preto dela bater contra as costas no ar úmido. Ao observá-la e ouvir seus gritos alegres, ele sentiu-se estranhamente em paz e soube que estava fazendo a coisa certa.

Isso fazia parte de sua cura.

A seu lado, uma jovem venezuelana puxou o cabo de bungee de volta para a ponte. Ela era alta e esguia, os braços e os ombros musculosos. Os pés descalços apoiavam-se nas madeiras acinzentadas enquanto ela puxava o cabo pesado. Quando terminou, ela virou-se para ele.

— Listo? — perguntou ela.

Jack assentiu. — Listo.

— Você fez isso antes, sim?

— Eu já fiz isso — disse ele.

Do bolso, ele retirou a venda para os olhos que prometera usar quando Celina saltou há meses. Ele mostrou-a para a mulher, que deu de ombros, o que o divertiu, pois, nos Estados Unidos, a venda criara pânico. Ela o ajudou a subir no parapeito de madeira, prendeu o bungee em seus tornozelos, puxou com força a tira de náilon e conferiu as fivelas.

Jack colocou a venda.

Na escuridão, seus sentidos ficaram aguçados. O barulho do rio estava mais alto, o sol de alguma forma mais forte. Ele conseguia sentir o pulsar da natureza e o de seu coração dentro do peito.

A mulher tocou no braço dele. — Pule — disse ela. — Você voa.

Sobre a borda da ponte, Jack respirou fundo, assentiu e soltou-se do parapeito de madeira. Por um momento, ele ficou parado, em perfeito equilíbrio com os braços abertos. O cabelo mexeu-se com a brisa. As palmas de suas mãos estavam viradas para um céu claro e sem nuvens que ele não podia ver. Ele tinha ciência de tudo e de nada. Os odores leves e exóticos da selva envolveram-no, consumiram-no e, pela primeira vez na vida, ele sorriu.

Ele pensou em Celina e pulou, com grande impulso, as costas arqueadas ao subir graciosamente no ar e em direção ao sol.

Por um instante, ele ficara livre.

* * *

Michael Archer permaneceu em Nova Iorque. Nos seis meses que tinham se passado desde a anulação do casamento com Leana, ele deixara o apartamento deles na Quinta e mudara-se para um outro apartamento grande e arejado no Village, com vista para o Hudson.

Sua vida estava mais quieta.

Ele quase não saía e só encontrava-se com amigos próximos. Recusara papéis principais em filmes e na Broadway. Recusava-se a ser entrevistado. Apesar de seu agente o estar pressionando para escrever outro livro, ele não escrevera uma palavra em meses. Seus sonhos eram terríveis. Talvez ele tivesse se tornado uma espécie de recluso.

No final de setembro, dois meses depois do incidente no Hotel Fifth, ele recebeu uma carta de um dos advogados de George Redman, sugerindo que ele fizesse um exame de sangue com George. Michael recusara. Ele não precisava de um exame de sangue para saber que era filho de George Redman. O diário da mãe confirmara isso.

Com a própria mão, Anne descrevera, em detalhes, seu caso com George e como ela sabia que Michael era filho dele. Se Redman não conseguia aceitar isso, além da semelhança óbvia entre eles, então Michael decidiu que era melhor não ser parte da vida dele.

Leana vinha a ele em sonhos.

Ele caminhava pela Quinta Avenida e ela aparecia na multidão, usando o mesmo vestido que usara naquela noite no Hotel Fifth, a pele pálida e brilhante, um pequeno ponto de luz saindo do buraco em sua barriga.

No sonho, ela estendia os braços para ele, chamava o nome dele em uma voz que não era a sua, mas que ele achava ser sua ideia da voz da mãe. E então

ela desaparecia. Quando Michael corria atrás dela, era o rosto de Louis Ryan que ele via, não o de Leana.

Ele só tivera notícias de Leana uma vez desde a anulação do casamento. Quando ela telefonara, estava em algum lugar da Europa com Mario De Cicco, mas não disse onde. Apesar de tudo o que acontecera entre eles, e a verdade sobre eles serem meio irmãos, ele a admirara por manter a conversão tão leve quanto pudera.

— Sou uma expatriada — dissera ela. — Imagine só. E estou feliz. Por enquanto, vamos viajar pela Europa. Visitaremos outras partes do mundo e depois escolheremos um lugar para viver e montar uma família. Ligarei para você quando isso acontecer. Poderá levar meses ou anos, mas eu ligarei.

— Sinto muito por tudo, Leana.

— Eu sei que sente — disse ela. — Mas não é culpa sua, nós dois fomos usados por ele. Mas escute bem o que vou dizer. Se não deixarmos tudo para trás, se não superarmos, isso ditará o resto de nossas vidas. E, se isso acontecer, ele terá vencido, e não podemos deixar isso acontecer. Estou vivendo a minha vida. Quero o mesmo para você. Merecemos ter nossa vida de volta.

— Você está certa.

— Cuide-se, Michael.

— Telefone quando decidir onde vai morar.

— Você terá notícias minhas novamente — disse Leana, e desligou o telefone.

Só em janeiro ele sentiu-se pronto para sentar na escrivaninha e olhar com seriedade para a máquina de escrever, a mesma que seu agente lhe enviara há meses como presente.

Ele sabia que não podia continuar assim. Ao retirar-se do mundo, ao prender-se ao passado, ele estava se matando e a tudo pelo qual trabalhara tanto. O agente dera uma série de ideias para histórias, mas só uma importava para Michael, só uma era importante. Se ele quisesse seguir em frente, se quisesse realmente lidar com o passado, a única forma seria escrevendo sobre ele.

Ele olhou para a máquina de escrever. Michael nunca escrevera em um computador e o agente sabia disso. Ele gostava do som da máquina de escrever. Gostava do sentimento de remover uma folha de papel ao terminar de criar alguma coisa nela. Gostava do ritmo das palavras ao martelar nas teclas.

Ele colocou uma folha de papel em branco na máquina e fechou os olhos. Aquele título, aquela frase de abertura e os primeiros parágrafos surgiram imediatamente. Eles estavam pairando em sua mente desde que o manuscrito original fora queimado.

Mas será que ele conseguiria? Será que ele conseguiria escrever a história

que mudara tantas vidas? E se escrevesse sobre ela, se contasse a verdade, mesmo se mudasse os nomes, estaria pronto para gerar controvérsia? Michael não tinha certeza. Romance ou não, as pessoas saberiam que a história que ele escrevera baseara-se em fatos.

Talvez ele mudasse os nomes mais tarde. Talvez não. O que importava agora era colocá-la no papel.

Então ele se lembrou do que o homem, Cain, dissera a ele naquele dia no apartamento. Alguns momentos antes de ler o primeiro capítulo e destruir o manuscrito com fogo, Cain perguntara como Michael pudera usar esses eventos, esses nomes e lugares. A resposta de Michael fora imediata, talvez ele usasse um pseudônimo.

Ele colocou as mãos sobre a máquina de escrever, aliviado de sentir que ela não parecia mais ameaçadora. Michael pensou em Leana, em todos os Redman, escolheu um pseudônimo genérico e, depois de um momento, começou a datilografar:

QUINTA AVENIDA

Uma obra de suspense:
Christopher Smith

LIVRO 1
SEMANA 1

CAPÍTULO 1

Julho
Cidade de Nova Iorque

As bombas, colocadas bem acima da Quinta Avenida, no telhado do prédio da Redman International, explodiriam em cinco minutos.

Agora, com as paredes espelhadas de vidro, refletindo o tráfego intenso do fim da manhã na Quinta Avenida, o prédio em si parecia vivo com a movimentação.

Em um andaime no meio do prédio, homens e mulheres estavam

pendurando a enorme fita de veludo vermelho que logo cobriria dezesseis dos setenta e nove andares do Redman International. Bem acima, no teto, uma equipe de iluminação colocava dez holofotes em posição. E, na parte de dentro, cinquenta decoradores habilidosos transformavam o saguão em um salão festivo.

Celina Redman, responsável pela organização do evento, estava parada em frente ao prédio com os braços cruzados. Muitas pessoas passavam por ela na calçada, algumas olhando para cima, para a fita vermelha, outras parando para olhar com surpresa para ela. Ela tentou ignorá-las, tentou concentrar-se em seu trabalho e misturar-se com a multidão, mas era difícil. Naquela manhã, seu rosto e esse prédio apareceram na primeira página de todos os principais jornais de Nova Iorque.

Ela admirou o prédio à sua frente.

Localizado na esquina das ruas Cinquenta e Quarenta e Nove, o prédio Redman International era o produto de trinta e um anos da vida de seu pai. Fundado quando George Redman tinha vinte e seis anos, o Redman International estava entre os principais conglomerados do mundo. Ele incluía uma empresa aérea comercial, complexos de escritórios e condomínios, fábricas têxteis e de aço e, em breve, a WestTex Incorporated, uma das maiores empresas transportadoras do país. Com esse prédio na Quinta Avenida, tudo o que havia no caminho de George Redman era o futuro. E, pelas aparências, ele era tão brilhante quanto os diamantes que Celina escolhera para usar naquela noite.

# # #

Livros de Christopher Smith
no Kindle

Quinta Avenida (Livro Um da Série Quinta Avenida)
Running of the Bulls (Livro Dois da Série Quinta Avenida, em tradução)
From Manhattan with Love (Novela Três da Série Quinta Avenida, em tradução)
A Rush to Violence (Livro Quatro da Série Quinta Avenida)
From Manhattan with Love and Revenge (Livro Cinco da Série Quinta Avenida)
Coleção da Série Quinta Avenida
Coleção da Série The Bullied

Obrigado por adquirir e ler "QUINTA AVENIDA". Espero que tenha gostado. O sexto livro da série, PARK AVENUE, será lançado em 2013.

"A Rush to Violence", já disponível, inicia uma nova série, com "A Rush to Murder" e "A Rush to Vengeance" a serem lançados em 2013 e 2014, respectivamente.

Se tiver comentários ou sugestões, entre em contato comigo em **ChristopherSmithBooks**.

Interaja comigo na minha página de fãs no Facebook **aqui**.

Obrigado novamente!

Christopher

Table of Contents

Livros de Christopher Smith no Kindle
Direitos Autorais e Aviso Legal
Copyright
LIVRO 1 SEMANA 1
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
LIVRO DOIS SEGUNDA SEMANA
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
LIVRO 1 SEMANA 1
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29
LIVRO TRÊS TERCEIRA SEMANA
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
LIVRO QUATRO QUARTA SEMANA
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
EPÍLOGO
Uma obra de suspense: Christopher Smith